E chegou o tempo dos santos receberem o reino

A Parousia no Livo de Daniel
Um comentário preterista

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.revistacrista.org

A Parousia no Livro de Daniel

E chegou o tempo dos santos receberem o Reino

_____

Por Mateus Fonseca

_____

Revista Cristã_____
Última Chamada
- Edição de Junho de 2019 -

_____

A Parousia no livro de Daniel
E chegou o tempo dos santos receberem o reino.

Autor: Mateus Fonseca

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Junho de 2019 –

Capa: Mateus Fonseca

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Junho de 2019
Londrina, Paraná,

Índice

Sobre o autor **11**

Prefácio 12

Introdução ao livro de Daniel 19

Daniel 1 42

Daniel 2 - Introdução 56

O Sonho de Nabucodonosor, Os Reinos do Mundo e o Reino de Deus 82

Os governantes sobrenaturais retratados em Daniel e Apocalipse 132

Daniel 3 152

Daniel 4 172

De Nabucodonosor para Belsazar 194

Daniel 5 197

Daniel 6 213

Daniel 7 A Verdadeira Identidade do Pequeno Chifre 226

Daniel 8 - Um novo olhar Preterista 308

Conexão entre Daniel 2, 7 e 8 360

Conexões entre Daniel 8 e 9 368
Daniel 9 377
As 70 Semanas de Daniel 9 390
A Última metade da 70ª semana de Daniel 432
Daniel 10 448
Daniel 11 - Um novo olhar Preterista 462
O Reino do Messias em Daniel 12 547
Ressurreição em Daniel 12 553
A Grande Tribulação e o Fim dos Tempos (Daniel 12:1-13) 571
1290, 1335, 2300 dias e a Destruição de Jerusalém 605
O Dia do Senhor no Antigo Testamento 623
O Dia do Senhor no Novo Testamento 665
O Homem do Pecado 711
2 Tessalonicenses 2 e a Reunião dos Eleitos 752
Porque eu não concordo com o preterismo completo? 790

Sobre o autor

Mateus Fonseca nasceu em 5 de novembro de 1993 e é natural da cidade de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. É membro da igreja Batista daquela cidade. Estudioso do Preterismo e também colaborador da Revista Cristã Última Chamada, atualmente, mantém o blog Arquivo Preterista que possui materiais de estudos sobre a interpretação preterista da profecia Bíblica.

Prefácio

Este é o segundo livro da minha série sobre a parousia na Bíblia; o primeiro é sobre A Parousia no Novo Testamento; Este é um livro sobre o "Anticristo", o adversário de Deus/Cristo que aparece no tempo do fim logo antes da Parousia de Jesus. Aqueles que estão familiarizados com a escatologia sabem que a Bíblia mostra este inimigo sendo destruído pela parousia (2 Ts 2:8; Ap 19:11-21), eu também vai abordar o tema da parousia. Vou argumentar que a parousia, a derrota do "Anticristo", e a vinda do reino de Deus tudo ocorreu em 70 dC (cf. Dan. 7:19-22; Marcos 8:38-9:1). Superficialmente, esta pode parece ser uma proposição absurda. Por mais estranho que possa parecer, no entanto, quando se permite que as referências de tempo da Escritura se desdobrem naturalmente, eles apontam consistentemente para 70 dC como o tempo da parousia de Jesus e o pleno estabelecimento do reino de Deus. Deve-se notar que usarei os termos Segundo Advento e parusia alternadamente para falar do que é comumente referido como a segunda vinda de nosso Senhor.

O paradigma teológico do qual eu vou estar trabalhando é conhecido como preterismo. A palavra preterismo é derivado da praeteritus palavra latina, que significa “passou” ou “passado”. Refere-se ao fato de que esta abordagem vê alguns eventos da profecia bíblica (alguns diriam todos) como tendo sido cumprida no passado. RC Sproul dá a seguinte definição de preterismo:

"Preterismo - Um ponto de vista escatológico que coloca muitos ou todos os eventos escatológicos no passado, especialmente durante a destruição de Jerusalém em 70 dC. O preterismo completo atribui todos esses eventos para o primeiro século. O preterismo parcial atribui muitos desses eventos para o primeiro século, mas não a segunda vinda, a ressurreição e o julgamento final".

Como Dr. Sproul menciona, existem dois grupos de base de preteristas. Preteristas completos veem 70 dC como o tempo do Segundo Advento

de Jesus e o cumprimento de toda profecia bíblica. preteristas parciais veem 70 dC como uma época de Jesus veio (parousia) em julgamento sobre Israel, mas ainda aguardando o Segundo Advento, a ressurreição e julgamento para acontecer no final da história. Assim, preteristas parciais veem a destruição de Jerusalém como a época de "uma vinda" de Jesus em julgamento sobre Israel (como as vidas julgamento do Antigo Testamento de Deus na história, cf. Is. 19:1-4) Sproul escreve o seguinte sobre isso:

"Enquanto preteristas parciais reconhecem que a destruição de Jerusalém em 70 dC houve uma parousia ou vinda de Cristo, eles sustentam que não era a parusia. Ou seja, a vinda de Cristo em 70 dC foi uma vinda em julgamento sobre a nação judaica, indicando o fim da era judaica e a realização de um dia do Senhor. Jesus realmente veio em julgamento neste momento, cumprindo sua profecia no Sermão do Monte. Mas esta não foi a vinda final ou o segundo advento de Cristo."

Como preterista parcial, eu vejo certos eventos proféticos que ainda aguardam realização, vejo a destruição de Jerusalém como o centro da profecia do AT e NT, o tempo da parousia de Jesus e julgamento (julgamento tendo um cumprimento em curso desde aquela época). Enquanto alguns possam dizer que a minha posição é muito mais perto de preterismo completo, eu discordo fortemente com a sua premissa de que toda a profecia bíblica foi cumprida em 70 dC.

Minha abordagem é mais semelhante ao do teólogo do século XIX James Stuart Russell. Embora não concorde com algumas conclusões dele. Russell viu 70 dC como o tempo da Segunda Vinda (eu discordo disso); Mas ao contrário dos preteristas completos, Russell viu a Segunda Vinda como o início do milênio, não o seu fim. Eu chamo isso de posição preterismo pré-milenar. É pré-milenar na medida em que afirma que Jesus voltou antes (pré-) do milênio. Ao contrário pré-millennialismo futurista, no entanto, ele não vê o milênio como um período literal de mil anos. Minha posição é preterista parcial porque o Segundo Advento e a Ressurreição não ocorram em 70 dC. RC Sproul, em seu livro "os últimos dias de acordo com Jesus", escreveu

favoravelmente sobre a posição de Russell, e sua tentativa de responder as perguntas difíceis relacionadas ao ensino sobre Segunda Vinda que deveriam ter ocorrido no primeiro século. Em seu prefácio a obra clássica de Russell A Parousia, Sproul escreve:

"Se Immanuel Kant foi "despertado de sono dogmático" pelo cepticismo empírico de Davie Hume, minha fantasia teológicanos braços de Morfeu foi grosseiramente agitada pela leitura de A Parúsia por J. Stuart Russell. Poucos livros me obrigou a repensar idéias ou desafiou minhas suposições, tanto quanto este. . . Estou convencido de que, no essencial, Russell é essencialmente correto. Eu não endosso sua obra inteiramente porque eu acho que ele vai longe demais, como faz preterismo completo. . . Mas, para mim, uma coisa é certa: eu nunca pode ler o Novo Testamento novamente da mesma maneira antes de ler a parousia."

O preterismo conservador (que crêem na Bíblia) é provavelmente o mais exigente de todas as abordagens proféticos. Digo isso porque não é suficiente para um preterista conservador expor apenas em uma determinada passagem; ele também deve mostrar como ela foi realizado na história. Isto é, uma vez que ele tem interpretado uma determinada passagem e harmonizada com o resto da Escritura, um preterista conservador deve, então, conciliar sua interpretação com os fatos da história. Isso nem sempre é fácil, especialmente quando se está a discutir os eventos que ocorrem no reino espiritual, como os livros de Daniel e Apocalipse costumam fazer (cf. Ap 12:1-12).

A Parousia no Novo Testamento

Há sim um elemento de tempo nas Escrituras que sempre aponta para o primeiro século como o tempo da parousia. O elemento tempo tem, em sua maior parte, sido minimizado ou ignorado pela comunidade cristã conservadora. Enquanto cristãos bíblicos têm ignorado este elemento tempo, os críticos da Bíblia apontam para ele como prova de que a Bíblia não é a palavra infalível de Deus. Neste livro procuro mostrar que a Bíblia é consistente e sem erros em sua previsão de uma parousia no primeiro século. Vou argumentar que esta vinda de Jesus não era um

evento físico para um local específico, mas foi um evento espiritual. A vinda de Jesus em 70 dC seria como um relâmpago que instantaneamente pisca de uma extremidade do céu para o outra (Mt. 24:26-27).

Lembre-se que no Velho Testamento o Dia do Senhor, Deus foi revelado. Sua majestade, poder, justiça, e Nome foram revelados por seus atos soberanos de julgamento (Isaías 26:9), não pela sua aparência visível. Deus era invisível, sem aparência física, ainda assim, Ele "desceu [de] Seu lugar" (Miqueias 1:3), contra Israel. Ele viria em "numa nuvem ligeira" contra o Egito (Isaías 19:1). Ele veio com um grito, com a explosão de fogo, e com som trombeta (Isaías 30:30; 31:4), contra os assírios. Nessas e em outros epifanias, o mundo viu, mas não vê, Deus vindo. Assim, tal como o Deus invisível manifestou-se em atos históricos de julgamento contra os seus inimigos vindo sobre as nuvens, com os anjos, com grande brado, como labareda de fogo, etc., Jesus disse que na sua vinda Ele estava vindo na glória do Pai [Mt 16:27-28], para ser revelado como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Jesus não estava vindo como o Jesus homem. Ele era para ser revelado como Deus, como o Deus invisível. A associação da vinda de Jesus com nuvens tem a pretensão de divindade [cf. Mat. 26:63-65] e, portanto, a autoridade de julgamento, é fundamental para a compreensão da natureza da parousia. Assim como Deus veio sobre as nuvens muitas vezes, mas nunca foi visivelmente visto, Jesus, o Filho de Deus, iria manifestar a Sua Divindade, vindo sobre as nuvens em julgamento.

A vinda de Jesus seria na glória de seu Pai (Mt: 16:27); isto é, que seria como as vindas do Antigo Testamento de Deus. Muitas vezes, essas vindas foram demostradas por um exército invasor executando o julgamento de Deus (Ez 32:1-15; cf. Mt 22:1-10). Observe que a vinda de Deus/Cristo é dado no contexto da destruição da nação judaica em Mateus 21:33-45 e Lucas 19:11-27. Note também que o que Daniel 7:21-22 mostra como a vinda de Deus para derrotar o pequeno chifre é mostrada em Apocalipse 19:11- 21, como a vinda de Jesus, a Palavra de

Deus (para derrotar a besta). Esta vinda, a parousia, seria um acontecimento espiritual, não um evento físico.

Considere o seguinte breve resumo de algumas das demonstrações tempo bíblicos que demostram como a parousia deveria acontecer no primeiro século:

Jesus, em cerca de 30 dC, disse que geração que o escutava naquela momento não passaria antes que a destruição de Jerusalém sua parousia e o fim da era viesse ocorrer (Mt 24:33-34; Marcos 13:29-30; Lucas 21:31-32), uma geração bíblica é de aproximadamente quarenta anos (Nm. 32:13). Paralelamente a isto, Jesus disse que alguns de seus ouvintes ainda estariam vivos para testemunhar sua vinda:

Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que, há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem no seu reino. (Mt 16:27-28; cf. Ap 22: 10-12)

Jesus estendeu a possibilidade de que João ainda estaria vivo quando ele viesse (Jo 21:18-23). Jesus disse a seus discípulos que eles "não passaram por todas cidades de Israel antes que o Filho do Homem viesse" (Mt. 10:23). Ele disse-lhes que, enquanto ele estava no mundo que ele era a luz do mundo, e que, quando ele foi levado para fora do mundo seria noite (João 9:4-5). Aludindo a isso, Paulo, em sua carta aos Romanos, declarou que "a noite é passada, e o dia está próximo" (Rm. 13:11-12), o que significa que o tempo d a parousia de Jesus "estava se aproximando (Rm. 16:20).

Paulo disse aos Coríntios que o tempo era curto (1 Co. 7:29), que o fim dos tempos tinha vindo sobre eles (1 Co. 10:11). Ele alertou Filipenses que "o Senhor está próximo" (Fp 4:5.). O autor de Hebreus, informou sua audiência que Jesus viria em "pouco tempo" (Hb. 10:37). Ele disse que era os "últimos dias" (Hb. 1:2) e que o fim dos tempos chegou (Hb 9:26.). O que tinha chegado eram os últimos dias da velhice aliança.

Moisés profetizou que Israel iria quebrar o pacto nos “últimos dias” e “seria devorado” (Dt. 31:16-17, 29). Embora a cruz tornou a antiga aliança obsoleta (Hb 8:13), a antiga aliança não foi totalmente acabada até a destruição de Jerusalém e do Templo (cf. Dn. 9:24-27). Este foi o tempo quando o reino seria tirado do infiel povo pactuado de Deus e dado ao seu novo povo da aliança (Mt 21:33-45; Dn 7:21-27; cf. Marcos 8:38-9:1).

Dizer, como muitos futuristas dizem, que os “últimos dias” é um período de quase dois mil anos não faz absolutamente nenhum sentido. Consistente com a ideia de que os últimos dias estavam acontecendo no primeiro século, Pedro (nos anos 60 dC) proclamou que “o fim de todas as coisas está próximo” (1 Pedro 4:7). Tiago, em sua epístola, escreveu que “a vinda do Senhor está próxima... Eis que o juiz está à porta “(Tiago 5:8-9)!. Judas disse a seus leitores que eles estavam vivendo nos “últimos dias” (Judas 18). No momento em que João escreveu suas epístolas (c. 60-65 dC), ele não diz apenas que estavam nos últimos dias, mas sim que era a última hora. João ensinou claramente que o "Anticristo" que estava para vir, chegou: “Filhinhos, esta é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora”(1 João 2:18). João disse que o espírito do anticristo “já estava no mundo” (1 João 4:3). Pode-se dizer que ou João estava certo ou ele estava enganado; o que não se pode dizer (pelo menos com credibilidade intelectual) é que ele estava falando de alguém que viria milhares de anos no futuro, como sugerem os comentaristas futuristas.

A expectativa do Novo Testamento para a parousia no primeiro século não é apenas ensinada por um dos seus escritores. Os versos que citei acima são as palavras de Jesus (como registrado por Mateus, Marcos e Lucas), Pedro, Paulo, Tiago, João, Judas e o autor de Hebreus. Cada escritor no Novo Testamento escreveu que Jesus estava prestes a vir em sua geração. Como eu disse, este elemento de tempo que fala da vinda de Jesus como uma ocorrência do primeiro século é consistentemente minimizado ou ignorado pelos cristãos conservadores. A principal razão para isso é porque ameaça o conceito da infalibilidade das Escrituras. Se

a parusia não aconteceu no primeiro século (como a maioria dos cristãos assumem), logo, os autores do NT estavam errados quando ensinavam que estava prestes a acontecer. E dizer que os autores bíblicos estavam errados em termos de calendário da parousia é jogar a infalibilidade das Escrituras para fora da janela. Se a Bíblia está errada sobre um assunto tão importante, não se pode confiar em qualquer outra coisa.

Introdução ao livro de Daniel

O LIVRO DE DANIEL

Daniel era um jovem do Reino de Judá que foi levado para a Babilônia no início do reinado de Nabucodonosor. Ele tinha provavelmente quase 20 anos de idade, quando no segundo ano de Nabucodonosor ele foi feito "governador de toda a província de Babilônia e chefe dos prefeitos sobre todos os sábios de Babilônia" (Daniel 2:48), pois é difícil imaginar que isso aconteça a alguém mais jovem do que 20 anos. Daniel ainda estava vivo 68 anos mais tarde, quando Ciro capturou a Babilônia, e sua última visão veio no terceiro ano de Ciro quando ele teria cerca de 90 anos na época.

Daniel era um segundo José. Na providência de Deus, José foi para o Egito, suportou a escravidão, converteu Faraó e acabou governando o Egito, e desta forma preparou um lugar para seus irmãos, que chegou cerca de vinte anos depois. Da mesma forma, Daniel foi para Babilônia, posteriormente o viu convertido, se tornou apenas o segundo abaixo de Nabucodonosor e ajudou a preparar um lugar para os judeus quando foram arrastados para a plenitude do exílio vinte anos mais tarde.

Ainda sobre José, sabemos que surgiu um faraó que não reconheceu o trabalho de José. A mesma coisa acontece na história de Daniel. O novo mau governante foi Belsazar, e vemos em Daniel 5 que ele fingiu não saber que Daniel fez no passado.

Daniel estava perturbado quando este homem assumiu o reino da Babilônia e no primeiro ano de Belsazar, foi-lhe dada uma visão que, eventualmente, embora por muitas tribulações, os santos herdaria o domínio sobre todo o mundo (Daniel 7). Daniel sabia do livro de Isaías, que depois de um período de tempo 70 anos um rei chamado Ciro iria substituir Babilônia e permitir que os judeus voltassem para sua terra, e por esta altura, Daniel sabia que um rei guerreiro chamado Ciro estava

governando a Pérsia, então ele sabia que os persas conquistariam a Babilônia.

A visão em Daniel 8, dada no terceiro ano de Belsazar, mostrou a Daniel a chegada da Pérsia, que mais tarde seria substituida pela Grécia, e, em seguida, a ascensão e carreira de um ímpio rei, que estaria envolvido em perseguir os santos. O ponto desta visão era de que as dificuldades Daniel tinha sido experimentando com Belsazar iria se repetir ao longo do tempo durante a era que estava por vir.

Quando Ciro (Dario, o Medo) conquistou a Babilônia, ele disse que os judeus poderiam voltar para casa e reconstruir o Templo em Jerusalém. Durante o primeiro ano de Ciro, aparentemente antes do decreto que foi dado, Daniel orou fervorosamente para a reconstrução da Cidade Santa. Foi-lhe dada uma mensagem que de fato Jerusalém e o templo seriam reconstruídos, e que haveria setenta semanas de anos até que o Messias viesse, e no final Daniel é informado que o templo que seria reconstruído seria novamente derrubado pelo povo do príncipe que há de vir (Daniel 9).

Em Daniel 10-12 chegamos à última visão. É agora o terceiro ano de reinado de Ciro. Daniel vê a glória do Senhor sobre o rio Tigre. A Glória do Senhor tinha partido de Jerusalém e vindo para a Babilônia com o povo (Ezequiel 8-11), e embora os exilados começaram a retornar, a Glória do Senhor não tinha retornado com eles. Por quê? Porque as pessoas estavam sendo impedidas de reconstruir o Templo por algum governante da Pérsia. Daniel então recebe uma mensagem sobre o futuro descrevendo a ascensão e queda de Alexandre o Grande e detalhadamente após isso descrevendo uma batalha que aconteceria no Fim da ERA.

A Glória do Senhor de fato voltou nos dias de Zorobabel (Zacarias 1-6), mas no sentido mais amplo não até os dias de Jesus Cristo.

AS PROFECIAS DE DANIEL

Embora saibamos mais sobre o mundo antigo agora do que estudiosos na época da Reforma sabiam, ainda há muito mais que precisa ser conhecido para tenhamos uma imagem adequada sobre os impérios Neo-Babilônico e medo-persa. Como o reino de Jesus continua a discipular todas as nações, podemos esperar que mais informações virão à luz. Enquanto isso, temos de fazer o nosso melhor, construindo sobre o que já sabemos, porém estabelecendo "insights" que futuros estudantes da Bíblia poderão construir em cima, ou pelo menos interagir.

Daniel 7-12 são previsões de eventos que estão por vir no futuro de Daniel, eventos que são muito importantes para o desenvolvimento do reino de Deus em sua fase embrionária (antes de Cristo), mas a maioria dos comentários são enganosos no que eles têm a dizer sobre estes capítulos. Algumas das coisas que eles dizem são corretas, mas algumas, é claro, são erradas.

Há cinco abordagens gerais diferentes encontradas nos comentários, e estes estão em conflito um com o outro, e sem dúvidas quatro deles estão equivocados. Aqui em termos gerais são as cinco abordagens para Daniel:

1. A Abordagem Anti-Papal. Os reformadores protestantes, apesar de sua grandeza, foram, em certa medida calvinistas culturais que acreditavam que a história da raça humana depois da cruz foi realçada na Europa, e que Daniel e Apocalipse estavam preocupados de prever a história da Europa. Eles tendiam a identificar o papado como tudo de ruim na Bíblia: o chifre pequeno de Daniel 7, a abominação da desolação, o homem do pecado, a Besta, a grande prostituta, o Anticristo, etc.

Alguns Reformadores consideraram que Êxodo 20:6 implica milhares de gerações à frente para a humanidade, eles poderiam ter evitado este tipo de sutil racismo, não intencional. De qualquer forma, a abordagem anti-Papal deforma comentários mais calvinistas e luteranos sobre Daniel até o século 19, e alguns mesmo em nossos dias.

João Calvino é uma exceção a essa tendência. Calvino interpretou a maioria das profecias do Velho Testamento pela abordagem preterista, e não lidou com o livro do Apocalipse, por porque ele não estava satisfeito com o Anti-Papal, e a abordagem historicista favorecida por todos os seus contemporâneos.

Esta maneira de ler a profecia, também chamada de Igreja histórico, anterior à Reforma por muitos séculos, e continua hoje por alguns protestantes e católicos, mas principalmente por Adventistas do Sétimo Dia, que está ligado a ele pelos escritos de Ellen G. White.

2. A abordagem Futurista (Mito do Anticristo). A Revolução Francesa fez com que muitos protestantes começassem a reconsiderar se poderia haver males ainda piores do que o catolicismo romano. Uma vez que ficou claro que a história tinha ido além do papado, muitos comentaristas foram deslocados para uma abordagem futurista da profecia. Eles continuaram a rolar todos os personagens maus da Bíblia em um único personagem do mal, desta vez não o Papa, mas um "Anticristo" que apareceria no futuro, pouco antes da volta de Jesus. Desta forma o "declínio" da civilização ocidental é identificado como o declínio final da cristandade e como um sinal de "últimos dias".o resto do mundo não conta. Eventos no Oriente Médio e na Europa são identificados com a profecia bíblica e status concedido como sinais do fim do mundo.

Outros comentaristas (como EJ Young, por exemplo), evitam fazer reivindicações específicas sobre o futuro imediato deste mundo, mas fazem o mesmo salto para o "Anticristo" quando chegam ao chifre pequeno de Daniel 7 ou o Rei de Daniel 11:36. Ele insere um intervalo de pelo menos 2000 anos no texto sem nenhuma intimidação. Tal é o "sede" do Anticristo sobre os cristãos de hoje que eles parecem ser incapazes de ler o texto sem ele. "Certamente tal demônio com o chifre pequeno deve ser outro senão o Anti-Cristo!"

Agora, de fato, o texto não diz que o chifre pequeno e o Rei de Daniel 11 são as piores pessoas que já viveram, e nada é dito para que saltem

milhares de anos para encontrar o cumprimento dessas profecias. O chifre pequeno surge durante o Império Romano, e o rei parece estar intimamente ligada ao chifre. Mas tal é o poder do mito do Anticristo que ao sugerir que esses personagens são nada menos do que um imperador romano e aquele monstro do mal encarnado, que é suposto aparecer no final da presente época, parece fraco e inadequado.

Não há o "Antichristo" na Bíblia. A palavra "anticristo" geralmente ocorre no plural, e refere-se a falsos profetas Existem vários, não apenas um grande mal personagem em profecia bíblica, como a besta do mar, a besta da terra, e a prostituta do Apocalipse.

3. A abordagem Dispensationalista. Provavelmente a maioria dos comentários conservadoras sobre Daniel escritos por protestantes devotos durante o último século foram Dispensationalistas. A abordagem Dispensational contém o mito do Anticristo. Tudo o possível é arrancado de seu contexto histórico e atirado para o "fim dos tempos". Esta abordagem futurista particular, tem sido refutada tantas vezes que está finalmente morrendo hoje. Devemos enterrá-la suavemente, pois muitas pessoas boas e piedosas ainda mantém essa visão até hoje.

Talvez o melhor resumo da Abordagem Dispensational e por que é errado é encontrado em Gary DeMar, Last Days Madness: Obsessão da Igreja moderna, 4ª ed (Powder Springs, GA: American Vision, 1999).

4. A abordagem Cética. É seguro dizer que praticamente todas (isto é, maciçamente) notas de rodapé comentários acadêmicos sobre Daniel são escritos do ponto de vista da incredulidade. Não me refiro a "descrença em Deus", mas "a descrença nas reivindicações do texto de Daniel", especificamente que os acontecimentos de Daniel 1-6 aconteceram na maneira como estão registrados no texto, e que o próprio Daniel recebeu as visões proféticas dos capítulos 7 -12.

A visão de ponto cético diz que não havia visões, e que Daniel é uma obra de ficção piedosa escrito após o fato. Alguns céticos são simplesmente incrédulos gnósticos, enquanto outros são cristãos que são

tão influenciadas pelo pensamento gnóstico que eles aderem pelo aspectos históricos de Daniel em favor das idéias contidas no livro.

Não é meu propósito atolar o leitor com uma discussão de abordagens diversas "liberais" ou céticas para Daniel. Do ponto de vista cristão, é suficiente que o próprio Jesus acreditava que Daniel recebeu visões, e que eles foram entregues a nós pelo próprio Daniel. Ele se refere a "abominação da desolação, o que foi dito [de] pelo profeta Daniel" (Mateus 24:15)

Note que Jesus não disse "achado escrito no livro de Daniel", mas "falado pelo profeta Daniel. "Jesus aceitou que Gabriel falou sobre a abominação da desolação e que através de Daniel, uma pessoa real que ouviu as palavras de Gabriel, esta informação foi passada (Daniel 9:21, 27; cf. 11:31; 12:11).

Pelo batismo e pela fé, os cristãos estão em união com Jesus Cristo. Eles estão a pensar o que ele pensava. Se Jesus estava errado sobre quem escreveu Daniel e quando, então eu estou feliz (na verdade, compelido) em estar certo ou errado com ele. Mas, certamente, é uma abominação sugerir que o Pai e o Espírito deixou Jesus Cristo no escuro sobre a própria Palavra de Deus, que ele acreditava que tinha vindo para cumprir! Não é bom sugerir que, em Sua vida terrena, Jesus pode ter tido opiniões errôneas sobre o tamanho do globo, a vastidão do universo, etc. E muito menos aceitável sugerir que Ele não entendeu corretamente a Palavra de Deus escrita a qual ele tinha vindo para cumprir. Não é aceitável para sugerir que seu pai o enganou sobre Daniel ou qualquer outra coisa nas escrituras escritas. Não é aceitável sugerir que Jesus, como a Palavra Encarnada, não compreendeu a palavra escrita.

Para o crente cristão batizado, o testemunho de Jesus encerra o assunto, ele é a chave hermenêutica. O homem conhecido na Bíblia como o profeta Daniel recebeu visões de Deus, assim como o texto da Bíblia diz que ele fez.

Existe alguma evidência de que Daniel foi escrito muito mais tarde do que o tempo do profeta? que as profecias de Daniel são ficção piedosa escrito para encorajar os judeus a viver sob o domínio de Antíoco Epifânio? Não, não há absolutamente nenhuma evidência para isso em nenhum lugar. Josefo, que nos dá uma conta tintim por tintim do tempo de Antíoco, não diz nada sobre a aparição do livro de Daniel na época, e acredita claramente que o livro de Daniel apareceu logo após o morte de Daniel. Do ponto de vista cético, parece que Daniel entrou no cânone e não fez nenhuma ondulação. Em comparação, a abordagem ortodoxa de Daniel tem uma abundância de evidências: principalmente o testemunho do próprio livro.

Os céticos geralmente mantêm algo como isto: Daniel é uma obra de ficção escrito durante a opressão dos judeus por Antíoco Epifânio. Nabucodonosor é uma imagem de Antíoco, como é Belsazar. Assim, todo o livro é sobre Antíoco.

O fato é, porém, que a Nabucodonosor de Daniel 1-4 não tem qualquer semelhança alguma com o Antíocco Epifânio. O mesmo pode ser dito de Belsazar. Em suma, a leitura cética de Daniel é pura ficção e fantasia.

O fato de que esta noção fabulosa é mantida em face de todos os testemunhos antigos, e em face da total falta de qualquer indício de que a partir do mundo antigo, é uma indicação de que a verdadeira razão para isso é: a descrença em preditivo profecia. se o não-cristão não acredita em um Deus que fala, e em um Deus que diz que os profetas sobre o futuro. Alguns expositores cristãos, no entanto, questionaram Daniel 11, perguntando por que Deus daria uma história codificada sobre uma guerra entre dois reis (ou reinos), pois aparentemente sem motivo. Sim, dizem, Deus deu profecias sobre a vinda do Messias e sobre eventos importantes. Mas essas profecias foram sempre também teológica em caráter, não meramente acontecimentos do futuro escrito com antecedência. Daniel 11, no entanto, nada mais é que uma lista de eventos futuros. Diante disso, devemos responder que esses comentaristas não suficientemente estudado o texto.

Como o presente estudo vai mostrar, Daniel 11 está escrito em uma forma altamente estilizada, composta por eventos paralelos recontados várias vezes, que apresenta a futura guerra entre Roma e Israel no tempo do fim da história de Israel. Daniel 11 é, assim, não uma mera lista de eventos futuros, mas uma revelação teológica sobre o caráter desses eventos, e, portanto, é exatamente como todas as outras profecias divinas.

Um dos resultados da abordagem cética é que o quarto reino, o quarto animal, de Daniel não é identificado como o Império Romano, mas como o grego. Isso ocorre porque o "autor de Daniel" fraudulento viveu durante a Idade helenística antes de Roma ser um poder e falsificou as "profecias" no livro. No passado alguns comentaristas devotos também considerou que o quarto império era o de Alexandre, pois eles assumiram um Império mediano entre a Babilônia e a persia. Tal visão não é mais sustentável: A pesquisa moderna sobre a história do mundo antigo, reforçado pelas descobertas arqueológicas, mostrou conclusivamente que não havia Império mediano entre o a Babilônia e a persia. Além disso, tornou-se cada vez mais claro que Daniel considera os medos e persas como um único império, não dois em sucessão. Assim, há um consenso esmagador entre aqueles que acreditam que as afirmações do texto de Daniel é que o quarto império é Roma.

5. A abordagem Preterista. Como já vimos no prefácio, essa é a abordagem que vamos defender nesse livro, onde é que as profecias de Daniel lidam com eventos que deveriam ocorrer no fim da era da antiga aliança dando início a Nova Era (Era Messiânica). Não há saltos de milhares de anos no futuro. Nem é o livro de Daniel preocupado em prever o curso da história da Igreja Europeia após a era apostólica. Esta abordagem é chamada de "preterista" porque vê as realizações sendo cumpridas não em nosso futuro (2000 anos a frente de Daniel) mas sim no primeiro século, essa abordagem foi favorecido por João Calvino, embora não tenha se firmado entre muitos expositores até o século 19, provocadas pela Revolução Francesa, o que faz com que os protestantes reavaliassem a abordagem anti-papal.

Claro, muitos comentaristas anti-papais e futuristas tem muito de valor a dizer sobre os aspectos não-preditivos do texto. Comentaristas eruditos incrédulos notaram detalhes do texto que podem ter passado desapercebido por expositores devotos.

Existem três principais dificuldades enfrentadas qualquer estudante de Daniel. A mais óbvia é as profecias, que são difíceis por causa da linguagem simbólica usada, bem como porque nem sempre é claro que eventos futuros estão sendo previstos. A segunda é cronológica: Há declarações cronológicas detalhadas em Daniel que à primeira vista parecem entrar em conflito com outras passagens bíblicas ou com informação que vem a nós do mundo antigo. O terceiro problema é teológico: O livro de Daniel deve ser entendida no fluxo da revelação bíblica. Os eventos, e o livro retratam a mudança de convênios (Alianças ou Pactos), e a crise na história da aliança, que é pouco estudado hoje.

Visão geral

Daniel era de origem nobre. Ele pode ter sido um membro da família real de Judá, porém não nos é dada sua genealogia. Ele foi levado cativo para a Babilônia, no quarto ano de Joaquim, 606 aC, quando ele ainda era um jovem. Lá ensinou e foi ensinado pelos caldeus, e realizou altos cargos, tanto sob o império babilônico e Pérsa. Ele foi perseguido por sua religião, mas milagrosamente foi preservado; e viveu até uma idade avançada. Ele deve ter tido cerca de 90 anos de idade no momento da última de suas visões (Matthew Henry).

A nação de Daniel foi levada cativa pelos Babilônios, inimigos de Deus, porque eles se recusaram a viver de acordo com a Lei de Deus. O povo de Judá continuamente comprometia sua nação em um estado de prostituição espiritual. Os caldeus pagãos estavam usando seus instrumentos sagrados, roubados do Templo de Jerusalém, em sua adoração blasfema. O rei Nabucodonosor procurou o melhor e mais brilhante dos jovens hebreus Daniel, Sadraque, Mesaque e Ab Denego para converter ao paganismo humanista.

Nos dias de Daniel, surgiu uma geração de jovens chamados por Deus, que resistiu ao mal sancionada pelo Estado. Eles não foram seduzidos a mediocridade espiritual e de compromisso que tinha levado a nação de Judá cativo. Não importa o padrão moral ditada pela sociedade pagã, Daniel pretende ser fiel a Deus. O grupo de Daniel se recusou a participar da festa. Em vez de se deleitarem na mesa do rei e se juntar à elite social, eles aprenderam a jejuar e orar para que a libertação pudesse vir a nação de Israel.

O grupo de Daniel enfrentou a fornalha de fogo e se recusou a fazer concessões. Eles olharam para Deus para ser o seu libertador. Eles não iriam se curvar e adorar os falsos deuses de Nabucodonosor, mesmo que isso lhes custasse a vida. O próprio Jesus Cristo apareceu como o quarto homem no fogo e sobrenaturalmente os preservou. Apesar das tentativas do rei para matar amigos de Daniel, o seu testemunho não pode ser destruído. Em vez disso os próprios homens do rei foram destruídos por esse mesmo fogo. Apesar das tentativas do rei para matar Daniel e seus amigos, eles continuaram dizendo a verdade, não importa a que custo.

Na geração seguinte, Daniel continuou a profetizar e falar a verdade ao filho do rei, que mais tarde se tornou rei. Ele não mudou sua postura nem pediu desculpas sobre o que tinha caído sobre o seu. Os homens do rei, ciumentos da longevidade e favor de Daniel, tramaram uma armadilha para ele. Eles sabiam que onde quer que a Lei de Deus e a lei do homem estivessem em conflito, Daniel escolheria Lei de Deus. Então, eles emitiram uma liminar que obrigaria a Daniel e a qualquer um a violar ou a lei do rei ou a lei de Deus. Quando Daniel obedeceu a Deus e não ao homem, ele foi lançado na cova dos leões. Daniel escapou da pena só por causa da intervenção soberana de Deus.

Daniel assumiu o papel de intercessor, embora ele não foi pessoalmente culpado dos pecados de Israel. Ele assumiu o papel de responsabilidade espiritual e trouxe avivamento para a nação de Israel. Daniel, entendeu que Israel transgrediu a Lei e que de Deus não se zomba.

Daniel interpretou

O livro de Daniel é em parte histórica, relacionando várias circunstâncias, que ele e os judeus sob cativeiro na Babilônia sobrevieram; mas é principalmente profético, detalhando visões e profecias que predizem eventos importantes relativos aos quatro grandes impérios do mundo, a ressurreição nacional dos judeus, conflitos da Judeia, a vinda e morte do Messias e a conversão dos gentios.

Muitos intérpretes da Bíblia, especialmente dispensacionalistas modernos, têm procurado aplicar uma interpretação futurista colocando pelo menos alguns dos eventos descritos nos capítulos 2, 7 e 12 tendo lugar ainda em nosso futuro. Outros têm tido uma abordagem interpretativa historicista consignando esses eventos para a Idade Média, como fizeram muitos dos Reformadores, os Puritanos, Matthew Henry e Jonathan Edwards.

No entanto, a hermenêutica historicista e futurista criam dificuldades de interpretação. A melhor explicação possível de Daniel é a interpretação preterista. Os eventos descritos em Daniel foram cumpridas antes ou no tempo de Cristo. Esta posição cria o mínimo de problemas do ponto de vista interpretativo. Apenas um bom conhecimento da história antiga é necessário para fazer isso.

De nossa perspectiva, hoje, um entendimento de Daniel é fundamental para a compreensão do discurso profético em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Em duas destas passagens, Jesus refere-se à "abominação da desolação encontrada na profecia de Daniel. "Em Marcos 13:14, o autor insere o lado: (" Quem lê entenda ").

" Entenda o que exatamente? "Pode-se perguntar.

Obviamente, a partir do contexto, devemos entender esta passagem de Daniel. E a menos que tenhamos a correta interpretação de Daniel, não vamos ser capazes de compreender o sermão Profético do Monte das Oliveiras.

Portanto, é necessária para a compreensão do propósito do livro uma abordagem histórica de Daniel. Esta era uma profecia dada para que os judeus restaurados soubessem os tempos e acontecimentos em torno da vinda do Messias. Essa é a principal finalidade de Daniel 2, 7 e 12.

Primeiro vou apresentar uma interpretação preterista de Daniel e se concluirá com uma série de notas que explicam a sua aplicação para interpretar passagens bíblicas semelhantes, finalmente mostrando as falhas nas abordagens históricas e futurista para Daniel e Mateus 24.

Isto não pretende ser um comentário completo sobre todo o livro de Daniel, ou mesmo um tratamento exaustivo das passagens citadas aqui. Estou aqui apenas interpretar a linguagem e os símbolos das passagens preditivas aplicando-os aos eventos históricos conhecidos.

As Cinco Visões de Daniel (Dn. 2, 7, 8, 9, 10-12)

A profecia de Daniel é uma série de cinco visões que ocorrem ao longo de um período de tempo de cerca de 70 anos. As visões movem do geral para o específico em um paralelismo progressivo. O objetivo é apontar para diversos eventos-chave na história futura dos judeus: os impérios posteriores ao da Babilônia, o tempo da vinda do Messias em 26 dC; Sua ascensão 30 d.C, a perseguição de Nero, de 64 dC a 68 dC; e o cerco de Jerusalém de 66 dC a 70 dC.

A primeira visão é um sonho do rei que é interpretado por Daniel. O segundo é o sonho de Daniel. As próximos três visões são visões de anjos, aparentemente epifanias de Cristo para interpretar as visões de Daniel.

A seguir estão os anos em que as visões ocorreram com suas interpretações explicado em termos de tempo de linhas. Todas as datas são aproximadas.

PRIMEIRA VISÃO - Daniel 2 - 603 aC no segundo ano do reinado do rei Nabucodonosor Rei da Babilônia. o sonho do rei é interpretado por Daniel. Os quatro reinos são descritos.

Caldeu (Babilônia) ..... 605 a.C.- 539 a.C.
Medo-persa ..... 539 a.C - 336 a.C.
Macedônia Grécia ..... 336 a.C - 133 a.C
Império Romano ..... 133 a.C - 70 d.C.

SEGUNDA VISÃO - Daniel 7 - 555 aC no primeiro ano do reinado de Belsazar, filho de Nabonido e sucessor de Nabucodonosor.

Este é o sonho de Daniel. A interpretação dos anjos é parte do sonho. Os quatro reinos são descritos em mais detalhe e atenção especial é dada por Daniel para o quarto reino que tem 10 reis.

Caldeu (Babilônia) ..... 605 a.C.- 539 a.C.
Medo-persa ..... 539 a.C - 336 a.C.
Macedônia Grécia ..... 336 a.C - 133 a.C
Império Romano ..... 133 a.C - 70 d.C.

TERCEIRA VISÃO - Daniel 8 - 553 aC no terceiro ano do reinado de Belsazar.
Esta é uma visão de Daniel. A visão é interpretado por dois anjos. Ela descreve o Medo-Persa; a conquista do mundo por Alexandre; sucedidos pelos Selêucidas e Ptolomeus;

Medo-persa ..... 539 a 336 a.C.
invasões de Alexandre ..... 336-323 a.C.
Ptolomeus governar o Egito &
Selêucidas governar a Síria ..... 323 a 167 a.C.
Império Romano ..... 66 d.C - 70 d.C.

QUARTA VISÃO - Daniel 9 - 538 aC no primeiro ano de Dario, rei dos medos.

Gabriel aparece a Daniel, enquanto ele estava em jejum sobre o significado de Jeremias "70 anos" e mais tarde o Messias, o "Filho do Homem" é exibida. A visão descreve o período de tempo 483 anos a partir do 20. ° ano do rei Artaxerxes, em 457 aC, quando por seu mandamento Neemias reconstruiu os muros de Jerusalém (Neemias 2) para o batismo de Jesus Cristo, em 26 dC, quando começou primeiro a pregar e exercer o ofício do Messias.

Medo-Persa ..... de ... 457 a.C .
Império Romano ..... 26 d.C. ..... 66-70 dC
QUINTA VISÃO - Daniel 10,11,12 - 534 aC no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia.
No capítulo 10, um anjo veio a Daniel, enquanto ele estava em jejum por três semanas. O anjo mostra Daniel as guerras e sucessão de reis na persa, impérios grego e romano (Daniel 11) e o período de tempo da vinda do Messias ao reinado de Vespasiano e da grande tribulação 66-70 dC.

Capítulo 11

Medo-Persa ..... 534-336 a.C.
Macedônia Grécia ..... 336-133 a.C.
Império Romano ..... 100 a.C. - 70 d.C.

Capítulo 12

O Messias aparece ..... 26 d.C. a 30 d.C.
A Grande Tribulação ..... 66 d.C. a 70 d.C.

A profecia de Daniel foi proposto para dar conforto o povo de Deus no tempo de três grandes eventos em sua história:

1. O cativeiro na Babilônia
2. Os impérios sucessores ao império Babilônico

3. A vinda do Messias durante a ocupação pelo Império Romano e da destruição resultante de Jerusalém e do Templo.

AUTORIA

O autor de pelo menos a segunda metade do livro de Daniel é o próprio Daniel. Se alguém (Não sendo o Daniel) escreveu isso, esse alguém é um mentiroso, porque o texto afirma Daniel como autor (7: 1, 8: 1, 15; 9: 2; 10: 2; 12: 5). Nesta parte do livro, Daniel escreve na primeira pessoa.

Como já mencionamos, todos os escritores antigos aceitaram que Daniel falou e escreveu estas palavras, incluindo o próprio Jesus.

Os capítulos 1-3 e 5-6 falam de Daniel na terceira pessoa, embora contando as questões ditas por ele, o mais provável é que essas partes do livro foram escritos por um dos seus contemporâneos. Hananiel, Misael e Azarias (Sadraque, Mesaque e Abi Denego), também são mencionados na terceira pessoa, de modo que nenhum deles é provavelmente o autor. É muito provável que mais de um autor escreveu a primeira forma de estes capítulos (ver discussão abaixo), e que um editor mais tarde, sob inspiração divina, os aperfeiçoou para inclusão no livro de Daniel.

O Capítulo 4 de Daniel foi escrito por Nabucodonosor, ou sob sua supervisão. Provavelmente Daniel ajudou a escrevê-lo, uma vez que os reis não eram necessariamente treinados na arte então incomum de ler e escrever. Versos 28-33, não sendo na primeira pessoa, foram escritos pelo escriba que escreveu esta carta para o rei.

Contexto Histórico CANÔNICO

É claro que as várias cartas enviadas pelos profetas para as várias nações foram enviadas quando foram escritas. Vemos também que Jeremias escreveu todas as suas primeiras profecias e os enviou ao rei (Jeremias 36). Não há nenhuma razão para duvidar que o material no livro de Daniel foi concluída pela morte de Daniel, que veio logo depois que os persas assumiu a Babilônia. Nós podemos saber com certeza que os

capítulos 7-12 foram escritos por esse tempo porque o próprio Daniel foi o autor.

O Capítulo 4 tinha sido escrito e distribuído por Nabucodonosor no meio do seu reinado. À luz disto, a afirmar que os capítulos 1-3, 5-6 foram escritos muito mais tarde é descartável. As informações em cada uma desses capítulos era de suprema importância para Jeremias e os outros remanescentes vivos em Jerusalém e Israel. Sabemos que as cartas foram enviadas e lidas (Jeremias 29:1, 25). O senso comum nos diz que os eventos nestes capítulos foram escritos e enviados para que fossem lidos pelos judeus.

Os capítulos 1-3 descrevem acontecimentos que tiveram lugar certo no começo do reinado de Nabucodonosor. Os eventos dos capítulos 1 e 2 foram concluídas no segundo ano de Nabucodonosor. Os acontecimentos do capítulo 3 provavelmente aconteceu pouco depois, provavelmente no terceiro ou quarto ano de Nabucodonosor. Isto é quinze anos antes da destruição de Jerusalém.

Considere a possibilidade de que essas três histórias estavam em circulação por dez ou mais anos antes de Jerusalém fosse destruída. Durante dez anos, Jeremias e seus companheiros foram capazes de dizer aos cidadãos de Jerusalém e Israel que Deus estava trabalhando para converter o império babilônico. Durante dez anos, ficou claro que o império babilônico foi governado por crentes fiéis. Os judeus que se recusaram a obedecer a Deus submetendo-se a Nabucodonosor não tinham desculpa. Eles não poderiam argumentar que se submeter a Babilônia era submeter-se a um poder pagão, porque Babilônia veio claramente a ser governado por crentes. Sua rejeição à Babilônia e a Nabucodonosor foi uma rejeição a Daniel, Jeremias, Ezequiel, e Yahweh.

Desde Daniel 4 é uma epístola enviada por Nabucodonosor a todos os povos em seu império, foi claramente escrito durante o reinado dele. Os eventos abrangem um período de tempo que pode ser tão curto quanto dois anos, ou pode chegar a nove. Quando o evento aconteceu é

desconhecido, mas não há razão para pensar que isso aconteceu antes da destruição de Jerusalém. Nesse caso, os judeus em Jerusalém tinha em mãos a prova concreta que Nabucodonosor havia se convertido ao culto do verdadeiro e ao único Deus. Sua rebelião contra ele não tinha a menor pingo de justificação.

Esta declaração por Nabucodonosor teria sido enviada para as províncias que mais tarde se tornaram parte do império medo-persa, e, sem dúvida. Essa deve ter sido a fonte primária de informação disponível para Ciro (Dario, o Medo), e isso explicaria a rápida aceitação de Daniel como seu chefe conselheiro e seu favor para o Deus dos judeus. Daniel também era conhecido, naturalmente, pelos descendentes de Nabucodonosor, incluindo Belsazar (Daniel 5:22.

Daniel 7 foi revelado a Daniel, no primeiro ano de Belsazar, que tinha quatorze anos ou mais antes de Ciro assumir e deixar que os judeus voltassem a Jerusalém. Sem dúvida, Daniel 7 estava em circulação por esse tempo.

Daniel 8 foi publicado no terceiro ano de Belsazar. Daniel tem uma visão mostrando que o Império Persa prestes a vir também será substituído. Ele descreve novamente sobre o chifre pequeno que aparece da quarta besta (império romano) em Daniel 7.

Daniel 5 foi publicado imediatamente após a morte de Belsazar. Isso mostra que Deus é fiel às suas promessas, e fornece segurança para aqueles que levou Daniel 7-8 a sério.

Daniel 6 provavelmente foi publicado no início do primeiro ano oficial de Ciro. Ele também mostra a fidelidade de Deus às suas promessas com Daniel de "morte e ressurreição" como um tipo e promessa da era messiânica por vir.

Daniel 9 foi publicada mais tarde nesse ano. Ele explica em um símbolo (70 semanas de anos) Esse seria o tempo da vinda do Messias e a

destruição de seus inimigos, mas também o tempo do julgamento do povo de Daniel e da destruição da cidade e do templo.
Daniel 10-12 foi publicado no terceiro ano de Ciro. Ao concentrar-se sobre as pessoas individuais, em última análise, no Messias (Michael).

Então, quem escreveu Daniel 1-3 e 5-6? Como mencionado, não parece ser o próprio Daniel ou seus três amigos. Considere-se que no final de Daniel 1, Daniel tinha sido feito um importante conselheiro de Nabucodonosor, e foi mais tarde fez um conselheiro importante Dario/ Ciro.

Um homem tão importante teria escribas que trabalhariam para ele. Fazendo um palpite, podemos supor que tal escriba, sob a supervisão de Daniel e com Daniel editando o texto, escreveu registros individuais logo depois que aconteceu. Cada uma das três contas em Daniel 1-3 foi imediatamente enviado de volta a Jerusalém para Jeremias e outros para incentivar a comunidade Remanescente que estavam lá, e dar-lhes informações que eles poderiam usar quando discutindo com o resto dos judeus.

Os registros em Daniel 5-6 foram escritos imediatamente e disponibilizados para os judeus na Babilônia, como encorajamento para eles. Da mesma forma, Daniel lhe-auto escreveu-se as visões de Daniel 7, 8, 9 e 10-12 e fez-los disponíveis para os judeus devotos e fiéis logo depois que ele recebeu essas visões. Veja Daniel 7: 1, onde Daniel diz que ele escreveu a visão, obviamente, logo depois veio a ele.

A reformulação final de todos os dez documentos que entraram no livro de Daniel por alguém, talvez o próprio Daniel, é indicada pelas ligações literárias entre as seções. Por exemplo, capítulos 1-4 têm um tema mais abrangente sobre o reinado e da pessoa de Nabucodonosor, que é indicado pelas contagens numéricas dos termos pertinentes. Mais uma vez, o capítulo 5 está claramente escrito com alusões ao capítulo 4 em mente. Assim, as ideias originais que estão por trás desses capítulos foram trabalhados de tal forma a integrá-los das preocupações literária-teológicas maiores do livro como um todo.

ESTRUTURA LITERÁRIA

O livro de Daniel consiste em dez seções separadas, cada uma unidade literária cuidadosamente elaborada. Estas secções correspondem aos capítulos na Bíblia, com a décima seção ocupando capítulos 10-12.

Daniel 1 e 8-12 estão escritos em hebraico. Daniel 2-7 são escritos em aramaico. Estes capítulos em aramaicos contam seis histórias escritas numa estrutura hebraica chamada quiasma (chiasm):

1. Profecias dos Quatro impérios mundiais
2. Teste de Fé: Fornalha ardente
3. Julgamento e Conversão de Nabucodonosor
4. Julgamento e Morte de Belsazar
5. Teste de fé: Cova dos Leões
6. Profecias dos impérios Quatro mundiais

Um quiasma (pronunciado KY-AZM) é uma forma literária que tem uma estrutura ABCD-CBA (etc.) ABA, ou. Ele é encontrado muito comumente na Bíblia. Ver David A. Dorsey, a estrutura literária do Antigo Testamento (Grand Rapids: Baker, 1999).

As últimas quatro seções do registro Daniel são quatro visões, duas durante a era babilônica e duas durante a era persa, que está estruturado da seguinte forma:

A. Belsazar Ano 1 (Daniel 7) -VISÃO na casa de Daniel; HIstória até 70 dC.
B. Belsazar Ano 3 (Daniel 8) -VISÃO de um rio; Pérsia e Grécia: Chifre Pequeno detalhes até 70dC.

A' Ciro (Dario, o Medo) Ano 1 (Daniel 9) -VISÃO na casa de Daniel; história até 70 dC.
B' Ciro Ano 3 (Daniel 10-12) -VISÃO de um rio; Grécia e Roma: Chifre Pequeno (Rei do Norte) detalhes até 70dC.

Nós também podemos prestar atenção a uma estrutura de sobreposição, que leva em conta o contexto histórico das profecias:

I. Em Babilônia:
1. Hebraico: Daniel e os amigos são fiéis para manter a fidelidade "sacramentais" para o Verdadeiro Deus e ministrar para o mundo.
2. Aramaico: Profecias dos Quatro impérios mundiais
3. Aramaico: Teste de Fé: Fornalha Ardente
4. Aramaico: Julgamento e Conversão de Nabucodonosor
5. Aramaico: Julgamento e Morte de Belsazar
6. Aramaico: Teste de fé: Cova dos Leões
7. Aramaico: Profecias dos Quatro impérios mundiais
8. Hebraico: Os judeus não serão fieis em manter sacrifícios diários para o mundo.

II. Em Medo-Persia:

9. Dario, o Medo, primeiro ano.
10. Ciro, o persa, terceiro ano.

Um esboço semelhante traz outras interligações:

Seção Aramaico (2-7)
Uma visão de quatro reinos, uma imagem humana (2)
b História de morte: a libertação da fornalha de fogo (3)
c Sentença de rei e sua cidade, da qual ele se orgulha (4)
Julgamento c' do rei e sua cidade, que ele perde para os persas (5)
b' história de morte: libertação do leão (6)
uma' visão dos quatro reinos, em imagens de animais (7)

Seção Hebraico (8-12)
d Visão de três reinos (Pérsia, Grécia e o Chifre Pequeno), em imagens de animais (8)
e Profecia do próximo julgamento em "sua cidade" (9)

d' Visão de três reinos (Pérsia, Grécia e o Chifre Pequeno [rei do norte]), em termos humanos (10-12)

O que este esquema traz é a interação do imaginário humano e animal nas duas seções do livro e do núcleo central do julgamento sobre a cidade no centro. Na verdade, o leitor atento pode concluir a partir dos paralelos que Jerusalém é julgada em Daniel 9 (e), porque se tornou uma espécie de "mistério Babilônia" (c, c '), um Associação deixou claro em Zacarias 5: 5 11 e no livro do Apocalipse.

Todo o livro de Daniel é "estruturado" de várias maneiras. Em primeiro lugar, as dez seções do livro pode ser facilmente visto como acompanhamento como temas das Dez Palavras (Os Dez Mandamentos). Isto significa que Daniel é como um novo Moisés, e que os setenta anos de exílio babilônico são um novo período de deserto, levando a uma nova conquista. A relação de Daniel para os dez palavras é o assunto do apêndice C do presente livro. Não examinamos alguns paralelos entre Daniel 1-5 e Daniel 6-10.

Em segundo lugar, as dez seções do livro podem ser comparadas com o tema dos sete dias da criação e as três histórias que estão registradas em Gênesis 3, 4 e 5-6. Isto porque Daniel é descreve uma nova criação (Um novo Céu Nova Terra). Este assunto é o tema do Anexo D do livro presente. Mostramos que além das estruturas literárias já mencionados aqui, Daniel 1-7 forma um quiasma (chiasm) de sete partes.

Em terceiro lugar, a história dos 70 anos de Daniel em Daniel 1-6 está logicamente relacionada com a história das 70 semanas do decreto de Ciro até Jesus. Dario, o medo (Ciro) é dito ter 62 anos de idade, quando ele assumiu o reino da Babilônia de Belsazar (Daniel 5:31). Não só isto é a única vez que a idade de qualquer rei gentio é fornecido na Bíblia, mas o fato de que é apenas "cerca de" 62 anos era realmente a idade Dario/Ciro ou significa que esse detalhe nos é dado por uma razão especial. As setenta semanas também são divididos em 7 semanas, 62 semanas e uma septuagésima semana.

Além disso a história da "morte e ressurreição" de Daniel na cova dos leões em Daniel 6 no septuagésimo ano, pouco antes do primeiro ano oficial do reinado de Ciro, estaria relacionado com a morte e ressurreição de Jesus no meio da septuagésima semana.

Assim, as informações em Daniel 1-6, acontecendo durante os setenta anos, fornece uma série de mensagens dirigidas aos que vivem durante as setenta semanas.

Como Daniel, devem servir os governantes dos gentios, mas nunca comprometer o seu testemunho (Daniel 1).

Como Daniel, eles devem fornecer informações verdadeiras aos reis gentios (Daniel 2).

Como amigos de Daniel, eles nunca devem cair na falsa adoração (Daniel 3, 11).

Como Nabucodonosor, muitos dos reis gentios que governam sobre eles serão insanos (Daniel 4).

De Daniel 5, eles devem aprender que, no final um "chifre pequeno" - pois isso é o que Belsazar representava, sob seu pai Nabonido- atacará o povo de Deus, mas será derrotado.

De Daniel 6, eles devem aprender que no final o Messias será atacado e morto, mas ressuscitou para governar.

Esta tipologia reforça o que foi dito acima, que o próprio Daniel é o primeiro "um semelhante ao Filho do homem", em Daniel 7, como Daniel e seu povo "recebeu o reino" após 70 anos, Jesus e Seu povo receberiam na 70ª semana.

Um outro aspecto da estrutura literária de Daniel que chama a nossa atenção, é que embora as dez seções de Daniel sejam cada um uma unidade literária definida e separada, mas em Daniel 1-6 vemos que a

última frase do capítulo é uma dobradiça que funciona tão bem como a primeira declaração do próximo capítulo, ou pelo menos as previsões do próximo capítulo. Portanto:

Daniel 1-2. A última declaração em Daniel 1 nos diz que Nabucodonosor encontrou Daniel e seus amigos "dez vezes melhor do que todos os magos, os astrólogos que havia em todo o seu reino." Isso nos leva a Daniel 2, que exibirá esse fato mais forte ao rei.

Daniel 2-3. Daniel 2:49 diz que "A pedido de Daniel, o rei constituiu superintendentes sobre os negócios da província de Babilônia a Sadraque, Mesaque e Abednego; mas Daniel permaneceu na corte do rei." Esta declaração admiravelmente é complementada na abertura de Daniel 3, e explica a situação, incluindo a ausência de Daniel da cena.

Daniel 3-4. Na última declaração de Daniel 3 grava confissão de Nabucodonosor que "não há outro Deus que possa livrar como este." Isso nos leva a Daniel 4, quando Nabucodonosor vai aprender esta verdade mais plenamente.

Daniel 4-5. Daniel 4 termina com a afirmação de Nabucodonosor que "aqueles que andam na soberba Ele [Deus] é capaz de humilhar", o que nos coloca em Daniel 5, onde vemos Deus fazer isso de novo.

Daniel 5-6. Daniel 5:31 é realmente 6:1 na Bíblia hebraica: "E Dario, o medo, recebeu o reino, tendo cerca de 62 anos de idade." Ela pertence ao capítulo 6, mas é um final apropriado para o capítulo 5 também.

Daniel 1

Estudar o livro de Daniel é uma experiência fascinante. Este é um dos livros mais fantásticos da Bíblia. É histórico e também profético. É um livro que nos revela o passado (Futuro no tempo de Daniel) e discerne o presente para nós.

O livro de Daniel é um manual singular acerca da soberania de Deus na história. Trata de temas relevantes como juventude corajosa, vida acadêmica, política externa, acordos internacionais, batalha espiritual e profecia. Aborda, outros temas pessoais como santidade, oração e estudo da Palavra de Deus.

O livro de Daniel é chamado de O Apocalipse do Antigo Testamento. Deus abriu as cortinas do futuro e revelou a Daniel os fatos que haveriam de suceder ao longo da história e principalmente no "tempo do fim", isto é o tempo do fim da era judaica. A diferença entre livros históricos e proféticos é que os livros proféticos contam a história antes dela acontecer, e os históricos narram e interpretam o que já aconteceu.

1.1: “No ano terceiro do remado de Joaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sitiou”.

Daniel foi um jovem hebreu da classe nobre, levado ca¬tivo a Babilônia por Nabucodonosor, rei do império. Acer¬ca de sua genealogia não sabemos muita coisa, apenas aquilo que é depreendido do livro que traz o seu nome. Não era sacerdote, como Jeremias e Ezequiel, mas era, como Isaías, da tribo de Judá e provavelmente da Casa Real (Cf 1.3-6), isto é, da descendência de Davi.

O Cativeiro Babilônico.

E evidente que a grande bata¬lha de Carquemis (605-604 a.C.), entre as forças de Nabu¬codonosor e as do Egito, marca o final do Reino de Judá e o início do grande império babilônico, que é o centro onde vão desenrolar-se os primeiros atos de Daniel. Ele foi para Babilônia ainda jovem (1.4), talvez com a idade de 14 a 16 anos, no terceiro ano de Joaquim, ou seja, 605 a.C., e oito anos antes de Ezequiel. Certamente ele foi um dos 10 mil cativos que Nabucodonosor levou para a corte real na capi¬tal do mundo de então. (Cf. 1 Rs 2.14). Foi colocado na cor¬te de Nabucodonosor, e tornou-se para ele familiar a ciên¬cia dos caldeus, alcançando uma instrução superior à de¬les. Foi exaltado por Deus ali, e elevado pelo rei babilônico a uma alta posição, que conservou e só foi interrompida por sua morte. As suas profecias abrangem todo o período do cativeiro (1.21), tendo profetizado pela última vez, dois anos mais tarde, no terceiro ano do reinado de Ciro (10.1). O profeta Ezequiel, outro do cativeiro, refere-se a Daniel, citando-o ao lado de Noé e Jó, e diz que ele era um homem justo e dotado de especial sabedoria (Ez 14.14; 20.28).

1.2: “E o Senhor entregou nas suas mãos a Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos vasos da casa de Deus, e ele os le¬vou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e pôs os vasos na casa do tesouro do seu deus”.

“E o Senhor entregou nas suas mãos a Joaquim”.

O presente texto, e outros do mesmo gênero, mostra como Deus tem o domínio em suas mãos e como também contro¬la todas as coisas. O próprio Daniel observa isso, com mui¬ta intensidade. No seu livro isto é retratado com muita cla¬reza: “O Altíssimo tem

domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer". Há exemplos na história de reis e pre¬sidentes que reconheceram isso e foram abençoados. Já ou¬tros não o reconheceram e foram castigados.

Enquanto a pequena nação de Israel respeitava a lei do Senhor, não havia quem profanasse o Templo em Je¬rusalém e escapasse de morrer. Exemplificando, temos Nadabe e Abiú que morreram perante o Senhor (Lv 10.1¬11). Porém, quando a iniqüidade de Israel transbordou, foi o próprio Deus quem os entregou nas mãos de Nabucodonosor. Este monarca foi "O martelo de toda a terra" usado por Deus para executar juízos sobre nações e povos rebel¬des. (Jr 27.6; 50.23). "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31).

1.3: "E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres".

O texto em foco descreve como se processou a escolha de Daniel e seus três companheiros para servirem naquela corte. Primeiro: tinha de ser da linhagem real; segundo: ti¬nha de ser uma pessoa nobre. Daniel e seus companheiros preencheram todos estes requisitos exigidos pelo rei. Da¬niel possuía os verdadeiros requisitos do homem cristão, que é perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra. (Ver 2 Tm 3.17).

"... Aspenaz..." Não se sabe com certeza a etimologia da palavra "aspenaz". Alguns linguistas acham que "as¬penaz" quer dizer "focinho de cavalo", mas isso não pode degradar a personalidade da pessoa a que ela se aplica. Em virtude de ser Aspenaz o chefe dos "eunucos" na corte babilônica, tem se pensado que Daniel também fosse um de¬les. (Ver Dt 23.1; Is 56.3-5 e o texto em

foco.) É evidente que, se Daniel não era eunuco, pelo menos o era pelo reino de Deus (Mt 19.12). Entre aqueles que a si mesmos se fizeram eunucos "por causa do reino dos céus", temos João Batista e Paulo (1 Co 7.6, 26), Barnabé (1 Co 9.5, 6) e, provavelmente, de acordo com a tradição, o após¬tolo João. O propósito do eunuquismo seria o de permitir ao indivíduo crente servir e adorar sem o tropeço dos obs¬táculos que muitas vezes são impostos por um casamento desastroso. Paulo disse aos coríntios: "O solteiro cuida nas coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida nas coisas do mundo, em como há de agradar à mulher" (1 Co 7.32, 33).

1.4: "Mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em toda a sabedoria, sá¬bios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que ti¬vessem habilidade para viverem no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus".

O presente versículo, e outros correlatos, apresenta Da¬niel com seus amigos: Hananias, Misael e Azarias, numa fase de preparação para uma grande tarefa na corte babilônica. Daniel, porém, se distinguiu entre os demais, e foi um profeta cujos temas são de alcance muito vasto. Ele era um hebreu da classe nobre, levado cativo a Babilônia por Nabucodonosor, o rei daquele Império. Este fez que Daniel e vários outros judeus nobres, que davam mostra de inteli-gência fora do comum, entrassem numa escola especial de homens sábios. Geralmente se denominavam "sábios" aos astrólogos e mágicos do Império babilônico; e Daniel foi exercitado em toda a sabedoria daquela gente, como foi Moisés no Egito (At 7.22). Tornou-se perito naquele cam¬po de ciência, mas não se deixava levar por nada daquilo.
1.5: "E o rei lhes determinou a ração de cada dia, da porção do manjar do rei, e do vinho que ele bebia, e que as¬sim fossem

criados por três anos para que no fim deles pu¬dessem estar diante do rei'.

O presente versículo mostra a ardente prova por que ti¬veram de passar estes servos de Deus. Eles tinham de par¬ticipar "da porção do manjar do rei, e do vinho que ele be¬bia..." Mas Daniel e seus companheiros, cheios do Espírito Santo, não "cobiçaram" o manjar daquele que tinha os olhos malignos (Pv 23.3, 6). Os filhos de Jonadabe, o recabita, foram louvados pelo próprio Deus de Israel porque não se contaminaram com o "vinho" nem com bebida forte (Jr 35.1-6). Daniel e seus companheiros foram contempo¬râneos destes filhos fiéis à tradição de seu pai e seguiram o mesmo exemplo de fidelidade. O texto em foco ainda nos fornece outro detalhe importante: "que assim fossem cria¬dos por três anos", etc. O leitor deve observar bem a frase: "criados" e deduzir que os quatro jovens hebreus, selecio¬nados por Aspenaz, eram realmente adolescentes (talvez 14 a 16 anos).

1.6: "E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Da¬niel, Hananias, Misael e Azarias".

Entre os hebreus, o nome de uma criança era de muito significado profético; em alguns casos este nome não só distinguia esta pessoa, mas também, na maioria dos casos, tinha conotação profética. (Ver Gn 5.29; 30.1-26). Assim, Daniel e seus companheiros de exílio foram agraciados por seus pais com nomes proféticos.
1 - Daniel, em hebraico "dãniêl", significa: "Deus é meu juiz".
2 - Hananias, em hebraico "Yahweh", significa: "Tem sido gracioso". Esse nome hebraico ocorre com frequência no Antigo Testa¬mento, bem como sua forma grega, "Hananiah", no Novo Testamento em várias conexões.
3 - Misael, em hebraico significa: "Quem é o que Deus é (?)".

4 - Azarias, em hebraico “zaryãhu”, significa: “ajudado do Senhor”. To¬dos esses nomes e outros encontrados nas Escrituras são confirmados pelo testemunho divino, que diz: “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas” (Pv 22.1).

1.7: “E o chefe dos eunucos lhes pós outros nomes, a sa¬ber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias, o de Sadraque, e a Misael o de Mesa que, e a Azarias o de Abednego”.

Vemos no presente texto, como os próprios nomes desses quatro jovens eram testemunhas, tanto da sua religião, como da sua nacionali¬dade. “Essa mudança drástica nos nomes destes servos de Deus, foi um plano diabólico. Pois o fato de mudarem os nomes com significados especiais foi feito na esperança de apagarem a memória de Jerusalém, extinguir-lhes toda a ideia de religião e uni-los à política do mundo”.

Observe¬mos as tais mudanças:
1 - Beltessazar. Este nome foi dado a Daniel em alusão a “Bel”, o ídolo principal da corte babilônica, cujo significado é: “Guia do Rei”. É também a transliteração da palavra “bel” como está declarada em Isaías 46.1, com o sentido de “senhor vaidoso”.
2 - Sadraque. Este significa: “Regozijando-se pelo caminho”.
3 - Mesaque. “Pronto, ativo”, ou, segundo um professor de língua semítica, “Tenho pouca importância”.
4 - Abednego. Significa: “Ser da luz”. Este nome foi colocado em alu¬são de um deus chamado pelo profeta Isaías de “Nebo” (Is 46.1). Lendo o capítulo 4.8 do livro de Daniel, podemos deduzir que os nomes dos jovens foram, em verdade muda¬dos, com o objetivo de divulgar a falsa religião do monarca babilônico.

1.8: “E Daniel assentou no seu coração não se contami¬nar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar’.

A ra¬zão desta decisão do jovem profeta e seus companheiros é que geralmente a comida e bebida daqueles monarcas babilônicos era, antes de tudo, oferecida aos ídolos pagãos e, portanto, Daniel, como fiel judeu, não podia participar de comidas consagradas ou dedicadas a deuses pagãos. Da-niel decidiu-se a servir a Deus, mesmo num país distante de sua terra natal, “com propósito do coração”, como o serviram os primitivos cristãos de Antioquia (At 11.23). Um grupo de escravos, que tomaram tal decisão, serve de exemplo para os jovens cristãos da época atual. Eles foram considerados por Deus, como primícias naquela corte pagã, pois não se contaminaram e nem se corromperam com a idolatria e corrupção ali existente. (Comp. c/ Ap 14.4). O verdadeiro cristão segue à risca o conselho divino que diz “Em todo o tempo sejam alvos os teus vestidos, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça” (Ec 9.8).

1.9: “Ora deu Deus a Daniel graça e misericórdia dian¬te do chefe dos eunucos”.

As Escrituras, abundantemente, dão testemunho de pessoas que “acharam graça” diante dos olhos de podero¬sos monarcas. Neemias, o governador dos tempos da res¬tauração dos muros da cidade de Jerusalém, achou graça diante dos olhos do rei Artaxerxes (Ne 1 e 2). Ester, a jovem judia, achou graça diante dos olhos do rei Assuero, na corte de Susã, a fortaleza (Et. 1 e 2). Maria, a jo-vem belemita, achou graça diante dos olhos de Deus, tor¬nando-se, assim, a mãe de Jesus Cristo, nosso Senhor (Lc 1.30). No presente texto, temos Daniel, o profeta de Deus, recebendo de Deus o favor de achar graça diante dos olhos do

chefe dos eunucos daquela corte. Só Deus (e mais ninguém) podia tornar possível tão grande favor de um oficial de alta patente como o que está em foco. Os fiéis são sem¬pre "ajudados em tempo oportuno" (Hb 14.16).

1.10: "E disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu Senhor, o rei, que determinou a vossa comi¬da e a vossa bebida: porque veria ele os vossos rostos mais tristes do que os dos mancebos que são vossos iguais? As-sim arriscareis a minha cabeça para com o rei".

A proposta de Daniel, ainda que sábia, poria em risco a vida daquele eunuco-chefe; ele mesmo percebeu todo o ris¬co possível de sua morte ao desobedecer ao rei, quando dis¬se: "Tenho medo de meu Senhor, o rei..." O caso era que, se os moços se alimentassem de modo diferente, poderiam aparecer perante o rei, no tempo determinado, mais ma¬gros e feios. Porém, o grande segredo é que a mão divina estava por trás, agindo na sombra de tudo aquilo, como bem pode ser observado na frase: "deu Deus a Daniel graça... diante do chefe dos eunucos". E assim, a proposta de Daniel para ser feita uma prova experimental durante "dez dias" foi aceita. Ela se baseava em dois pon¬tos principais:

1. Em lugar de comerem das iguarias reais, comeriam legumes e frutas.
2. Em lugar de beberem do vi¬nho do rei, beberiam água.

1.11: "Então disse Daniel ao despenseiro a quem o che¬fe dos eunucos havia constituído sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias".

"... ao despenseiro". O diálogo do jovem profeta conti¬nua, mas não segue mais com o eunuco, mas sim, com o "despenseiro-

chefe". Evidentemente, esse "despenseiro" era um oficial debaixo das ordens do eunuco Aspenaz. Este por sua vez concedeu a Daniel o que ele solicitara. Deus es¬tava agindo ali em tudo, pois seu é tanto o querer como o efetuar; um pedido desta maneira, feito por um escravo, numa corte daquela, humanamente falando, era difícil de ser atendido, mas o Deus Eterno, que é "o possível da im¬possibilidade", tornou ali tudo possível; assim foi concedi¬do a Daniel o que desejava seu coração. (Ver Sl 37.4).

Deus pode e faz o mesmo com o seu povo na época atual, ele governa e dirige toda história.

1.12: "Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, fazendo que se nos deem legumes a comer, e água a be¬ber"

A solicitação do grande homem de Deus continua, ele pede ao despenseiro que faça apenas uma breve experiên¬cia, e que, ao fim de "dez dias", teria a certeza se ela daria certo ou não. Daniel sabia que, diante da determinação di-vina, tudo ia dar certo. Paulo, cria e aceitava as promessas de Deus da mesma maneira, quando exclamou diante da tripulação do navio que o conduzia: "... creio em Deus, que há de acontecer assim como me foi dito" (At 27.27). O exemplo de Daniel é notável. Ele insistiu veemente com aquele oficial, e confiou, e deu certo. Daniel era muito jo¬vem nesse tempo (14 a 16 anos), e como tal, tinha um bom apetite, mas a tentação de comer dos pratos da mesa do rei foi suprimida por este jovem fiel.

1.13: "Então se veja diante de tio nosso parecer, e o pa¬recer dos mancebos que comem a porção do manjar do rei, e, conforme vires, te hajas com os teus servos".

De acordo com alguns historiadores renomados, era comumente observada a “face dos vassalos” quando estes se punham de pé diante do rei. (Ver Ne 2.1-2). Se o parecer de algum servo se apresentasse formoso, então ele estava apto para servir ao monarca, se não, seria morto sem misericórdia. (Comp. com Et 5.1-3). Os filhos dos reis também eram observados cada dia, se es¬tavam magros ou gordos. (Ver 2 Sm 13.3-4). Daniel e seus companheiros estavam sujeitos a estas e outras penalida¬des impostas por aquela corte, mas a graça de Deus os sal¬vou de toda aquela burocracia ali existente.

1.14: “E ele conveio nisto, e os experimentou dez dias”.

“... dez dias”. O número “dez” nas Escrituras aparece tanto em sentido literal como em cifra redonda (Cf Lc 15.8; 19.13; Ap 2.10, etc.). No presente texto e no seguinte, a experiência de dez dias trouxe um resultado sa¬tisfatório. Os discípulos de Cristo, após dez dias de oração no Cenáculo, foram revestidos de poder (At 1; 2). O chefe dos eunucos, em comum acordo com o despenseiro, creu na operação divina mediante aquela alimentação; o resultado foi: dez vezes mais formosos, conforme o origi¬nal, e diante do rei, três anos mais tarde: dez vezes mais sábios. Isso é um grande exemplo para todos nós. O nosso trabalho é sempre do mesmo tamanho que nossa visão!

1.15: “E, ao fim dos dez dias, apareceram os seus semblantes melhores; eles estavam mais gordos do que to¬dos os mancebos que comiam porção do manjar do rei”.

Daniel e seus amigos evitaram a dieta de luxo da mesa do rei, como uma forma de proteger-se de ser enredados pelas tentações da cultura babilônica. Eles usaram sua dieta como forma de manter a sua identidade distinta como exilados judeus e evitando completa

assimilação à cultura babilônica (que era o objetivo do rei com estes assuntos conquistados. É possível que Daniel mais tarde veio a aceitar alguns dos alimentos babilônico;.. Ver Dn 10:03)

O Senhor deu a Daniel favor (1:9). No final de um período de teste, a prova teve sucesso e assim Daniel e seus amigos foram poupados do embaraço e tensão emocional que a ofensa aos seus próprios padrões teriam lhes causado.

1.16: "Desta sorte, o despenseiro tirou a porção do manjar deles, e o vinho que deviam beber, e lhes dava legumes".

O texto em foco, e outros correlatos neste capítulo, já foi considerado por alguém como sendo "o reduto da prova de Deus". Com ela, o cozinheiro-chefe tirou deles a ração oficial e deu-lhes a comer verduras e, em vez do afermentado vinho do rei, água. Estes quatro jovens estavam desti¬nados a uma grande obra missionária naquele país distan¬te, e o triunfo de tudo estava nas mãos de Deus. Possivel¬mente eles ignoravam o que os aguardava no futuro, mas uma coisa fizeram: confiaram em Deus. Os versículos de-preendidos neste capítulo não fazem referência especifica¬da se Deus recompensou o eunuco Aspenaz e o cozinheiro mas uma coisa podemos deduzir: se Deus fez bem às par¬teiras egípcias na terra faraônica por causa dos filhos dos israelitas, evidentemente fez bem também a estes dois ofi¬ciais, por amor dos seus servos (Cf. Gn 39.5; Ex 1).

1.17: "Ora, a estes quatro mancebos Deus deu o conhe¬cimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria, mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos".

O presente texto apresenta a pessoa de Deus como sen¬do a "fonte" de toda a sabedoria e conhecimento. Ele ca¬pacitou estes

três jovens em toda a ciência daquela corte e daquela gente. Eles podiam discernir entre o que era verí¬dico na instrução que recebiam, que dizia respeito aos campos das letras (literatura e sabedoria). Daniel também obteve entendimento ou facilidade na interpretação de so¬nhos e visões. Deus o usou na interpretação de dois sonhos do rei; com igual facilidade, ele também decifrou a miste¬riosa escritura da parede do palácio real (caps. 2, 4, 5). O jovem José, na corte de Faraó, discerniu tanto os sonhos de seus ministros como os do próprio rei. Daniel, mesmo distante da sua pátria e numa terra de cativeiro, tornou-se um instrumento nas mãos de Deus que sempre o usava na grande capital do imponente império.

1.18: "E ao fim dos dias, em que o rei tinha dito que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe diante de Nabucodonosor'.

O presente versículo encerra a fase de preparação dos jovens hebreus, isso demonstra que, os versículos 15 a 18 cobrem um período de tempo de três anos completos (v. 5).

1.19: "E o rei falou com eles; e entre todos eles não fo¬ram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; por isso permaneceram diante do rei"

O presente versículo nos faz lembrar do monarca Fa¬raó, rei do Egito. Ele fez conhecida publicamente em seu País a sabedoria de José (Gn 41.38, 39); o rei Nabucodonosor segue também o mesmo exemplo daquilo que é precio¬so: reconhecer o valor da pessoa humana, não só por aquilo que ela representa, mas sobretudo, por aquilo que ela é. (Cf 1 Ts 5.12).

Daniel se destaca entre os demais sábios ali, não somente por sua habilidade e capacidade humana, mas sobretudo, por sua fidelidade a Deus. Em Ezequiel 14.14, 20, ele rece¬be testemunho do próprio Deus, como sendo um homem espiritual: "... Noé, Daniel e Jó, eles pela sua justiça... etc". No capítulo 28.3 do mesmo profeta, ele é citado nova¬mente por Deus, como sendo um vulto de elevado saber. Isso mostra, realmente, que Daniel era espiritual e dotado de inteli¬gência intelectual.

1.20: "E em toda a matéria de sabedoria e de inteligên¬cia, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino".

De acordo com o que fala Paulo em 1 Coríntios 2.14-15, Daniel era de fato um homem espiritual. O rei Nabucodonosor lhe fez perguntas das mais variadas, mas ele dis¬cerniu "bem tudo". Nota-se como Daniel tornou-se na corte do seu exílio um intérprete dos caminhos do verdadeiro Deus, uma testemunha perante reis e um dos maiores profetas não somente para aqueles dias, mas para todos os tempos. Daniel tornou-se ali um profeta de ele¬vado respeito, cujos temas são de alcance muito vasto.

1.21: "E Daniel esteve até o primeiro ano do rei Ciro".

Daniel atravessou dias difíceis durante o reinado de quatro pode¬rosos reis e conquistadores, de três nacionalidades e dinas¬tias. Mas a sua vereda foi "como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4.18). Ele, ainda jovem, não somente foi honrado com o cargo de sátrapa, mas com o de "príncipe dos magos" e primeiro mi¬nistro, exercendo autoridade nas cortes babilônica e persa. Diante da corte celestial, porém, foi também elogiado e elevado à sua posição de grande

autoridade; ele foi declarado por um elevado poder, como sendo um “homem mui desejado”. (Ver cap. 9.11, 19).

Daniel 2 - Introdução

Considerações preliminares sobre o Daniel 2 e a vinda do Reino de Deus

Nosso estudo sobre os eventos apocalípticos e o pleno estabelecimento do reino de Deus na parousia de Cristo começa no livro de Daniel 2. Este capítulo, irá fornecer uma visão geral de algumas das questões envolvidas na interpretação de Daniel, bem como uma visão geral da vinda do Reino de Deus.

Datando Daniel

Existe um desacordo considerável sobre quando o livro de Daniel foi escrito e quando os eventos retratados nesse livro aconteceu, ou (como futuristas sustentam) ainda estão para acontecer. Essas diferenças de interpretação afetam o significado do livro; Diante disso, essas questões precisam de alguma discussão preliminar.

Lá são duas posições básicas sobre quando Daniel foi escrito. A visão tradicional é que um judeu chamado Daniel escreveu o livro no século VI aC. Esses estudiosos com uma visão elevada da Escritura (incluindo ambos os preteristas e futuristas) tendem a manter esta posição. A segunda visão maior, predominante entre os estudiosos modernos, críticos, é que o livro de Daniel foi escrito no século II aC.

Este ponto de vista vê o livro de Daniel como escrito durante a revolta dos Macabeus por um autor que usou o pseudônimo de Daniel. De acordo com este ponto de vista, o autor de Daniel queria encorajar seus companheiros judeus em sua luta contra o

perseguidor Antíoco IV (Epifânio). Miller fornece um resumo sucinto desses dois pontos de vista sobre a data de Daniel:

Tradicionalmente, tem sido considerado que Daniel escreveu o livro substancialmente tal como existe hoje, que a profecia é historicamente confiável, e que suas previsões são sobrenaturais e precisa. Provavelmente havia alguma modernização da linguagem como o trabalho foi copiado ao longo dos séculos, mas caso contrário, originou-se com o profeta no século VI dC Daniel teria completado sua profecia como um homem velho logo após o último evento datado registrado no livro (Dn. 10:1; 536 aC).

Nos tempos modernos, muitos estudiosos têm defendido que o livro em sua forma atual foi produzido por um judeu anônimo durante o século II aC, escrevendo sob o pseudônimo de Daniel, e que consiste em contos não-históricas e pseudas profecias. O objetivo do trabalho foi encorajar os crentes judeus em sua luta contra o tirano Antíoco IV Epifânio (175-163 aC) durante o período dos Macabeus. Esta suposição pode ser chamado a tese dos Macabeus. De acordo com este ponto de vista do Livro de Daniel seria a última das Escrituras do Antigo Testamento.

Dentro esta questão de quando Daniel foi escrito, deve-se notar que Ezequiel (escrita no século VI aC) menciona Daniel três vezes:

"Mesmo que estes três homens, Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela [Jerusalém], eles iria entregar apenas a si mesmos pela sua justiça, diz o Senhor Deus"(Ez 14:14; cf. 14:20; 28: 3.).

Esta é uma forte evidência de que Daniel era uma pessoa real vivendo no século VI aC. Como Miller observa:

“Não existe nenhuma explicação satisfatória para o uso do nome de Daniel pelo profeta Ezequiel que não que ele e Daniel foram contemporâneos e que Daniel já tinha ganhou notoriedade em todo o Império Babilônico pelo tempo do ministério de Ezequiel.”

Os céticos dizem que Ezequiel estava se referindo a “uma figura lendária famosa por justiça e sabedoria” (eles não são capazes de produzir um candidato convincente, no entanto); eles dizem que o (suposto) autor de Daniel do século II estava atribuindo seus escritos a este herói. Esta tentativa de explicar as referências de Ezequiel a Daniel não é bastante convincente. Em última análise, no entanto, vemos as realizações de Daniel como apontando para os eventos associados com a destruição de Jerusalém e a nação judaica no final da era da antiga aliança em 70 dC (Dn. 9:24-27; 12:7).

Assim, para a minha posição, a questão de saber se Daniel foi escrito no sexto ou do século II aC é discutível em termos do livro ser verdadeira profecia. A minha posição propõe que Daniel teria que ser escrito depois de 70 dC para que este livro seja considerado como profecia após o fato.

Quais são os quatro reinos em Daniel?

Para a maior parte dos estudiosos, aqueles que vêem Daniel como verdadeira profecia escrita no século VI aC, veem os quatro reinos dos quais Daniel fala nos capítulos 2 e 7 como sendo Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Este tem sido o ensino tradicional do judaísmo e do cristianismo.

Para os que veem Daniel como um pseudo-profecia segundo século vi (com algumas variações) os quatro reinos de Daniel como sendo

Babilônia, Media, Pérsia e Grécia, que culminou com a divisão selêucida do império grego.

A diferença fundamental entre estes dois pontos de vista é se a Bíblia contém a verdadeira profecia de Deus ou é constituído pelas conjecturas dos homens. A diferença em relação entre os dois pontos de vista é a questão de se Média e da Pérsia deve ser contado como um império ou dois. Aqueles que vêem a Grécia e suas divisões resultantes após a morte Alexandre, o Grande como o quarto reino normalmente contam a Média e a Pérsia como dois impérios diferentes. Aqueles que vêem Roma como o quarto reino ve o reino da Média e da Pérsia como um único império (que é correta em termos de história).

Em suma, se o autor de Daniel (erroneamente) viu a Média e da Pérsia como dois reinos separados, em seguida, o quarto reino seria Grécia. Se ele viu-os como um reino, logo o quarto reino seria Roma.

Esta diferença na identidade da quarta reino é importante, pois ele determina se o autor de Daniel erroneamente previu o estabelecimento do reino de Deus no século II aC ou previu corretamente seu estabelecimento no primeiro século (Dn 7:21-27; cf. Mt 16:27-27).

Se olharmos para Daniel 6 e 8, é claro que o autor de Daniel viu medos e persas como compreendendo Império Um Medo-Persa, não dois: “O carneiro você viu, com dois chifres, eles são os reis da Média e da Pérsia”(Dn. 8:20).

O fato de que Daniel viu-Pérsia como sendo um aponta reino a Roma como o quarto reino e sugere a seguinte seqüência de impérios:

1. Babilônia
2. Media-Persia
3. Grécia
4. Roma

O livro de Daniel é história ou profecia?

O filósofo pagão do terceiro século Porfírio (c. 232-303 dC) introduzido pela primeira vez a ideia de que Daniel era uma pseudo-profecia do século II aC, em sua disputa contra os cristãos. É é importante compreender que Porfírio chegou às suas conclusões com base em seu antagonismo em relação ao cristianismo, bem como uma suposição a priori que a profecia real era impossível, não exatamente por uma estrutura interpretativa imparcial. Jovem oferece a seguinte avaliação bem equilibrada de Porfírio:

No dele Porfírio exposição detalhada, por vezes, mostra-se como um intérprete sério, nem são essas interpretações detalhadas sempre em desacordo com os de expositores cristãos. Na verdade, tanto quanto exposição detalhada está em causa, que encontramos em Porfírio uma abordagem à exegese histórico-gramatical. No entanto, Porfírio não pode ser considerado como um intérprete verdadeiramente científica da Bíblia. Seu trabalho é fundada sobre o pressuposto de que a profecia preditiva é impossível. É sobre a base deste pressuposto de que Porfírio veio a sua conclusão de que o livro de Daniel foi um produto do século II aC Esta data foi aceita por muitos nos últimos tempos.

A teoria de e Porfírio foi amplamente ignorado até o século XIX, hoje é a teoria mais aceita sobre a origem do livro de Daniel por estudiosos cristãos. Alguém poderia pensar que a origem anti-cristã desta teoria, bem como a sua incapacidade de mostrar realizações

do segundo século aC para muitas das profecias de Daniel, seria uma bandeira vermelha para aqueles que a sustentam, mas não é esse o caso. hoje não precisamos de Porfírio nos dizendo que não há verdadeira profecia em Daniel; e o mais chocante é que os nossos próprios estudiosos estão fazendo o trabalho para ele. Considere o que Goldingay diz sobre o que ele chama de "quase previsões" de Daniel:

Quando eles falam sobre o passado, eles fazem isso com base de ter dados históricos, e um texto bíblico como um meio de interpretação. Quando eles falar sobre o futuro, eles têm apenas texto escritural, e estão fornecendo um cenário imaginário, uma possível forma de realização desse texto, que não deve ser pressionado para fornecer (ou ser julgado por) dados históricos. Seu objetivo não é fornecer dados históricos.

Essencialmente, Goldingay está dizendo que não há verdadeira profecia em Daniel, que o livro é principalmente a história que aparece como profecia com algumas conjecturas baseado biblicamente sobre o futuro. Porfírio facilmente concordaria com esta avaliação.

Observe que, se Daniel simplesmente deu "quase previsões" que o reinado do Reino de Deus iria começar no segundo século antes de Cristo, não poderia explicar por que os judeus aceitaram como parte da Escritura. Miller escreve o seguinte sobre isso:

Se Daniel previu que a era messiânica iria acontecer no final do reinado de Antíoco, que é o ponto de vista daqueles que detêm a data da escrita no tempo dos Macabeus, como poderia crentes judeus, que observaram que este evento não se materializou, aceitar o livro como inspiração divina? Os tradutores da Septuaginta e escribas de Qumran viveram apenas décadas depois

de Daniel foi supostamente escrito, e consideravam Daniel como canônico. No entanto, Antíoco tinha ido e vindo, e era messiânica não tinha chegado. Logo os pronunciamentos do livro provaram ser falacioso.

Se Daniel tinha previsto a chegada da era messiânica imediatamente após a morte de Antíoco, o livro teria sido completamente desacreditado aos olhos dos crentes judeus. Ele nunca teria encontrado o seu caminho para o cânone, mas teria sofrido o mesmo destino que os outros livros pseudo-proféticos desse período.

A ideia de que o livro de Daniel foi escrito no século II aC não se sustenta, pois não se encaixa nas profecias do livro. Por exemplo, em Daniel 9:26-27 setenta semanas foram determinadas e terminam com a destruição de Jerusalém e a Templo. Isso não aconteceu no segundo século antes de Cristo.

Brant Pitre escreve o seguinte sobre isso:

Enquanto o destruição tanto do Templo e da cidade é bastante explícito no texto de Daniel [9:26], ela é rotineiramente subestimado pelos proponentes da interpretação de "Antíoco Epifânio" para Daniel 9 (uma vez que, gostaria de sugerir, é o calcanhar de Aquiles dessa interpretação). Com referência a Dn. 9:26, John Collins brevemente e silenciosamente admite: "Os sírios não demoliram Jerusalém, mas eles fizeram isso pela corrupção do culto" (Daniel [Um Comentário sobre o Livro de Daniel], 357;). Esta é uma fraca tentativa de correlacionar o texto com eventos conhecidos; Daniel 9 prevê claramente não apenas a profanação do culto do templo, mas também a destruição de ambos templo e a cidade de Jerusalém.

Embora Antióco IV danificou Jerusalém e despojou o templo, ela não foi destruída. Foi em 70 dC que Jerusalém e do Templo foram destruídos; não houve restauração do templo após a sua desolação por Tito (Dn. 9:26-27). Além disso, realizações de eventos como "um fim de pecados" e "a reconciliação de iniquidade" não aconteceu no segundo século antes de Cristo (Dn. 9:24). Estas coisas não foram realizadas antes do Messias ser cortado em 30 dC (Dn. 9:26).

Outro fato que não se encaixa um cumprimento de Daniel do segundo século aC, é que o livro mostra o pleno estabelecimento do reino de Deus. Daniel 2 e 7 culminam com a vinda de Deus: e o estabelecimento mundial de seu reino (Dn 7:19-22.) (Dn 2:44-45; 7:23-27.) Algo do qual Jesus disse que deveria acontecer no século 1 (Mt 21:33-43; Mc. 8:38-9:1; Lucas 19:11-27).

A jóia da coroa de todas essas discrepâncias é o fato de que a ressurreição de Israel, obviamente, não aconteceu no segundo século antes de Cristo (Dn. 12:1-2). Mas que de acordo com Daniel iria começar na quebra da nação judaica: (Dn 12:1-7.) Isto fala de 70 dC (cf. Ap 11:15-18),não do século II aC.

Daniel e o Novo testamento

Muitos comentaristas afirmam que o Apocalipse (assim como o resto do NT) reutiliza as profecias de Daniel. Não faz sentido, no entanto, para dizer que o Apocalipse é a reutilização de uma suposta profecia do estabelecimento em todo o mundo do reino de Deus no século II aC (Dn. 2:44-45) para retratar outro estabelecimento em todo o mundo do reino de Deus no primeiro século dC (Ap 11:15-18). Quantos estabelecimentos em todo o mundo do reino de Deus pode haver? O Apocalipse não reaplica as profecias de Daniel para uma diferente situação; ao contrário, os

dois livros estão falando da mesma situação, a da vinda do messias e pleno estabelecimento do seu reino (Dn. 7:21-22; cf. Ap 19:11-20:4).

Além do pleno estabelecimento do reino de Deus, Daniel também mostra a abominação da desolação (Dn. 9:27; 12:11), e a grande aflição (Dn. 7:21-25; 12:1), o julgamento e a ressurreição/restauração de Israel (Dn 7:9-10; 12:2-3). Estes foram todos os eventos que Jesus disse que deveriam acontecer dentro de sua geração (Mt 24:15-34; 25:31-46).

Finalmente, o livro de Daniel termina com a destruição povo de Daniel, sua cidade e o templo (Dn 11:36-12:7). Isso também não aconteceu no segundo século antes de Cristo. Os judeus ganharam sua luta com Antíoco e os selêucidas. A ruptura completa do poder do povo de Daniel aconteceu na destruição no ano 70 dC e na dispersão da nação judaica. Este (não o século II aC) foi o tempo da grande tribulação (cf. Lc 21:20-36).

Duas Abominações da Desolação?

Alguns argumentam que a afirmação de Jesus que a abominação da desolação era para acontecer no primeiro século não significava que ele acreditava que o livro de Daniel continha profecia referente a 70 dC (Mt 24:15); em vez disso, eles argumentam, ele estava dizendo que haveria um evento do primeiro século semelhante ao abominação da desolação de Antíoco IV. A ideia transmitida é que Jesus e os judeus do primeiro século não viram o livro de Daniel como profecia real; em vez disso, Jesus estava apenas usando Daniel como pano de fundo para ilustrar eventos que ele viu se aproximando no horizonte.

Acho interessante que aqueles que tomam essa posição raramente dão um exemplo de um judeu do primeiro século que acreditava nisso. Isso não quer dizer que nenhum judeu manteve esta posição, só que raramente se vê qualquer evidência dada por eles. Em contraste, se olhamos para Josefo, um judeu do primeiro século, que era um fariseu, ele viu claramente Daniel como um grande profeta. Ele viu o livro de Daniel como contendo profecias maravilhosas, alguns dos quais falou do tempo que antecederam a 70 dC. De fato, Josefo acreditava que Daniel continha duas abominações diferentes de desolação (c 90 dC.): Um cometidos por Antíoco IV em o segundo século antes de Cristo; e outro cometido pelos romanos em 70 dC (Dn 9:27, 12:11) (Dn 8:11-13 11:31).

Destas abominações, Josefo escreve:
[Daniel profetizou] que dentre eles [as quatro divisões do império grego após a morte de Alexandre, o Grande] não deve surgir um certo rei que deve superar a nossa nação e suas leis, e deve tirar o nosso governo político, e deve estragar o templo, e proibir os sacrifícios a serem oferecidos para o período de três anos [cf. Dn. 8:11-14; 11:31]. E de fato assim aconteceu, que a nossa nação sofreu essas coisas sob Antíoco Epifânio, de acordo com a visão de Daniel, e o que ele escreveu muitos anos antes que aconteceu. Na mesma maneira Daniel também escreveu sobre o governo romano, e que o nosso país deve ser assolada por eles [cf. Dn. 9:26-27; 12:6-11].

Devemos lembrar que Jesus é nossa chave hermenêutica, pois enquanto seja verdade que Antíoco profanou o Templo, no século II aC, foi Tito e os romanos que destruiu Jerusalém e o Templo em 70 dC (Dn. 9:26-27), Antíoco não era a abominação da desolação do qual falou o profeta Daniel, Jesus deixou bem claro que esta profecia ainda não havia se cumprido, mas deveria acontecer ainda

na geração do primeiro século. Assim, a vinda desolação pelos romanos foi a abominação da desolação de Daniel (9:27 e 12: 6-11), ao qual Jesus se referia; este foi o evento a partir do qual ele alertou judeus do primeiro século a fugir (Mt 24:15-16). Jesus não estava reinterpretando o livro de Daniel em termos de eventos que ele viu no horizonte, nem estava fazendo uma dupla aplicação; em vez disso, ele estava confirmando que uma série de profecias de Daniel viria a acontecer no tempo que antecedeu a destruição da nação judaica em 70 dC.

2 Esdras e o Quarto Reino

Aqueles que sustentam que a livro de Daniel culmina com Antíoco IV e o século II aC argumentam que o livro do primeiro século de 2 Esdras (por vezes referido como 4 Esdras) confirma a sua posição. Em 2 Esdras, o autor descreve o quarto reino de Daniel de uma forma que é dito ser diferente de como foi explicado a Daniel (2 Esd. 12:10-12). A besta descrita como uma águia, um símbolo óbvio de Roma. Esta águia tem três cabeças (2 Esd. 11: 1; 12:17-26), correspondendo ao que o suposto autor foram as últimas três governantes de Roma (Flaviano Caesars: Vespasiano e seus filhos Tito e Domiciano).

Aqueles que veem Daniel como um pseudo-profecias relacionadas com Antíoco argumentam que o fato de que o quarto reino de Daniel é claramente Roma em 2 Esdras, e que está sendo explicado de forma diferente do que era para Daniel, provando que o quarto reino de Daniel 7 foi inicialmente visto como uma forma do Império Grego, não Roma.

Collins escreve o seguinte ao longo destas linhas:

Há um consenso geral de que os reis em questão [em Dn. 7:17] correspondem aos quatro reinos do cap. 2, que são identificados em estudos modernos como Babilônia, Media, persa e grego. A interpretação tradicional predominante identificou o quarto reino como Roma. No entanto, em 4 Ezra [2 Esdras] 12:11-12, onde a águia que sobe do mar é identificado como "o quarto reino que apareceu em uma visão para o seu irmão Daniel," o intérprete acrescenta: "Mas não foi explicado para ele como eu agora explicar isso para você."

Goldingay também cita 2 Esdras e cita como evidência "explícita" que o quarto reino originalmente se referia a Grécia, não Roma:
Que a interpretação Romana [do quarto reino de Daniel] é um romance de um desconhecido Daniel é explícito em 2 Esd 12:10-12 (. c 90 dC). Aqui, Deus explica uma visão que "Esdras" viu: "a águia que você viu saindo do mar representa o quarto reino na visão vista pelo seu irmão Daniel. Mas a ele não foi dado a interpretação que agora estou dando a você...". (Deus continua a descrever os romanos). É tão certo um julgamento exegético de que o significado contextual de Dn. 7 é que o primeiro império é a Babilônia de Nabucodonosor, a quarta é a Grécia. Há menos certeza sobre a identidade dos segundo e terceiro reinos.

Aqui estão dois estudiosos respeitados dando o que soa como uma prova. O fato de que o autor de 2 Esdras disse que sua interpretação do quarto reino de Daniel é diferente da explicação original de Daniel é oferecido como prova definitiva de que o autor de Daniel viu o quarto reino como uma forma do Império Grego, não Roma. Enquanto esta é uma interpretação possível, não é o mais provável; definitivamente não há prova nenhuma que os estudiosos críticos tanto afirmam.

O Quarto Reino em 2 Esdras

É claro que o autor de 2 Esdras vê quarto reino de Daniel como Roma e que sua explicação deste reino é diferente de Daniel. Isso não significa, porém, que ele está fazendo que quarto reino de Daniel represente um império completamente diferente (a menos que já está assumindo a Grécia foi o quarto império original). Se olharmos para as diferenças entre o quarto animal de Daniel e a besta em 2 Esdras, nada exige que esteja se tratando de diferentes impérios. De fato, "Esdras" diz que é o mesmo quarto reino de Daniel sendo mostrada a ele, e não uma diferente (2 Esd 12:11); a única disparidade é que este reino é explicado a ele de forma diferente do que era para Daniel.

Um rápido exame das duas bestas revela uma diferença simples que não necessitam de diferentes impérios. Essa diferença é o fato de que o autor de 2 Esdras acrescenta um governante extra para seu animal, transformando a besta de Daniel com seus onze governantes em uma besta com doze governantes. Considere as descrições das duas bestas. Daniel descreve o quarto reino da seguinte maneira:

Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres. Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Daniel 7:7,8

Em 2 Esdras, quarto reino de Daniel é descrito assim:

Na segunda noite Eu tive um sonho: Eu vi subindo do mar uma águia que tinha doze asas de penas e três cabeças. . . Esta é a interpretação desta visão que você viu: A águia que você viu vindo do mar é o quarto reino que apareceu em uma visão para o seu irmão Daniel. Mas não foi explicado a ele como eu agora explicar-lhe. Os dias virão em um reino se levantará sobre a terra e será mais aterrorizante do que todos os reinos que foram antes dele. E doze reis reinarão em que, um após o outro. . . Quanto aos seus vendo três cabeças em repouso, esta é a interpretação: Em seus últimos dias, o Altíssimo vai levantar três reis, e eles renovarão muitas coisas nele, e deve governar a terra e seus habitantes mais opressivo do que todos os que estavam à sua frente. Por isso, eles são chamados os chefes da águia, porque são eles que somará sua maldade e executar suas últimas ações.
2 Esdras 11:1; 12:10-14, 22-25

Assim Esdras disse que está sendo mostrado o quarto reino de Daniel, não um reino diferente. O reino é o mesmo; é apenas descrito de forma diferente. A principal diferença nas duas descrições é que o autor de 2 Esdras está adicionando um governante (doze). Olhando em algumas das diferenças entre duas bestas, a quarta besta de Daniel é uma besta terrível, que não é definido (não um animal específico). Em contraste, a besta de 2 Esdras é uma águia terrível. Três governantes são removidos antes do governante final da besta de Daniel. Três governantes não são removidas da besta de Esdras; sim três governantes formam a confederação final de sua besta. Mais uma vez, a diferença crucial reside no fato de que a quarta besta de Daniel é composto por onze governantes, enquanto a besta de 2 Esdras é composta por doze governantes.

Se o autor de 2 Esdras estava descrevendo um reino diferente, uma explicação mais aprofundada seria necessária; na verdade, seria necessária a adição de uma quinta besta / império se fosse esse o caso.

Apesar das diferenças entre a besta de Daniel e a besta de 2 Esdras, as diferenças são facilmente explicadas pela simples adição de Domiciano, o décimo segundo César. Observe que a besta de Daniel faz sentido se ele está se referindo a Roma e Tito é considerado como o pequeno chifre, o décimo primeiro (em 70 dC, quando ele era um príncipe). Na verdade, esta é a interpretação tradicional judaica (ver comentário de Rashi sobre Daniel 7).

Por outro outro lado, a maioria dos comentaristas concorda que a besta de 2 Esdras está se referindo a Roma e que Domiciano é o governante final. Bruce Longnecker escreve o seguinte ao longo destas linhas:
O texto pode prestar uma descrição mais precisa por meio do imaginário dos caps. 11-12, que descreve uma águia poderosa (simbólica de Roma) ser esmagado por um poderoso leão (simbolo do messias). No decorrer desta passagem simbólica, são mostrados três cabeças da águia que ganham o controle de toda a terra através de terrível poder e opressão de seu povo; a expectativa desta passagem é que o ponto culminante da história será dentro do reino da terceira cabeça. O comportamento das três cabeças da águia em 11,29-35 corresponde ao que sabemos dos três imperadores romanos, (Vespasiano 69-79 dC), (Tito 79-81 dC), e Domiciano (81-96 dC), permitindo que esta parte do texto a ser datado do fim do reinado de Domiciano.

Assim, por todas as diferenças entre os animais de Daniel e 2 Esdras, a diferença essencial é a adição de um governante (Domiciano), não a substituição de um império. A quarta besta de

Daniel tem onze governantes, que, começando com Julio, vai até a Tito, o décimo primeiro César. A referência a ele ser um "chifre pequeno" fala dele em 70 dC; foi quando ele era um general que guerreou contra o povo de Daniel por "um tempo, tempos e metade de um tempo" (os três anos e meio de 67-70 dC, Dn. 7:25; cf. Ap. 11:2; 13:4-5).

Os três governantes removidos antes que o pequeno chifre (Dn. 7: 7-8) referem-se às três imperadores de curta duração de 68-69 dC (Galba, Otão e Vitélio) que Tito e Vespasiano suplantou ao longo em sua busca ao trono romano. A mudança dos tempos de observação religiosa e lei judaica (v. 25) foi realizada pelos Flávios em torno deste tempo, quando eles montaram o equivalente a um novo Sinédrio em Yavneh, ou quando simplesmente destruíram o templo, dando fim a era judaica e a observação dos rudimentos judaicos.

Com a morte de Tito, o reino de Deus que aparentemente não havia chegado (isto é de forma politica e terrena), e como 2 Esdras foi provavelmente escrito em torno do fim do reinado de Domiciano, 81-96 dC, o autor de 2 Esdras sentiu a necessidade de fornecer quarta besta de Daniel um outro governante, por isso, acrescentou Domiciano, o décimo segundo César.

Assim ele modifica a previsão da vinda do Reino de Deus de Daniel para caber o reinado de Domiciano (ou logo depois, 2 Esd. 12: 3-29). Os três governantes, que são a manifestação final do animal de Esdras são uma referência velada com a dinastia Flaviana (Vespasiano, Tito, e Domiciano). Os Flávios renovaram "muitas coisas" no Império Romano (2 Esd 12:23.) Após o seu quase colapso com a morte de Nero em 68 dC (2 Esd 12:17-18; cf. Ap 13:1-3; 16:10).

Alguns acreditavam que Domiciano matou Tito por tê-lo envenenado; Assim, um dos dois finais chifres é dito para matar o outro (2 Esd. 12:26-28). Novamente, enquanto a interpretação do quarto reino em 2 Esdras é diferente da de Daniel, ele pode ser facilmente explicada por esta simples adição de Domiciano. Assim, o autor de 2 Esdras não estava mudando quarto reino de Daniel da Grécia para Roma; ele estava apenas adicionando décimo segundo governante ao quarto reino na tentativa de estender o tempo do cumprimento da profecia de Daniel para melhor atender o seu dia.

Existe uma forma de miopia por parte da erudição crítica moderna, quando se trata do livro de Daniel. Esses estudiosos são tão convencidos de que o livro culmina nos eventos do segundo século aC que não vêem necessidade de explorar outras possibilidades. Na mente desses estudiosos críticos, qualquer pergunta sobre o assunto de Daniel já foi resolvido. Para eles, o livro é claramente profecia pós evento lidando principalmente com o segundo século antes de Cristo.

Collins resume a posição um tanto presunçosa da erudição crítica moderna sobre Daniel da seguinte maneira:
No século XX, o grandes debates sobre a história universal, a identificação do Anticristo, e as expectativas milenares não são levadas a sério em estudos bíblicos acadêmicos. Os debates atuais estão preocupados com assuntos de menor importância existencial. Estes incluem assuntos como a unidade do livro, seu gênero, seu fundo religioso-histórico, e seu ambiente social. . . Alguns estudiosos têm lamentado o declínio da importância atribuída ao livro nos últimos tempos. Em muitos aspectos, no entanto, a perda é ganha. Vários temas importantes na compreensão tradicional de Daniel são agora reconhecidos como inválido. As profecias de Daniel já não pode servir como prova cristológica; nem os

esquemas cronológicos servem para estruturar a história universal. . . Daniel não é uma fonte confiável de informações factuais sobre o passado ou o futuro. . . As predições de Daniel, como as histórias sobre o passado, são moldadas pelas convenções literárias da época helenística, não por qualquer depósito de informações reveladas. O personagem de tempo-limite do livro não pode ser evitada por declarações vagas que é "um verdadeiro testemunho da consumação do século" [Brevard S. Childs, Introdução ao Antigo Testamento como Sagrada Escritura (Philadelphia: Fortress, 1979), 619] que não conseguem explicar como o seu testemunho é verdadeiro.

Enquanto Eu discordo fortemente com quase tudo Collins diz aqui, eu concordo que é preciso dar mais do que declarações vagas sobre como Daniel é um verdadeiro testemunho da história e do fim dos tempos. As tentativas futuristas para manipular os indicadores cronológicos dados por Daniel inventando essas idéias fantasiosas como a de um Império Romano revivido são realmente infundadas. Vou tentar mostrar como o testemunho e profecias "de duração limitada" de Daniel são de fato verdadeiras. Vou mostrar como o ponto final histórica para as profecias de Daniel não é Antíoco IV e o século II aC, mas sim a do primeiro século.

Daniel é Verdadeira Profecia

A questão de saber se Daniel é verdadeira profecia é crucial. Se Daniel é uma pseudo-profecia culminando com os acontecimentos do século II aC, então ele não pode estar falando de um estabelecimento do reino de Deus no primeiro século. Para essa matéria, se Daniel é uma pseudo-profecia e os autores do NT estão simplesmente reinterpretando a "profecia" de acordo com os seus próprios fins, o que isso nos diz sobre NT? Certamente uma pseudo-profecia não se torna mais válida em sua releitura. Se

Daniel é profecia pós evento, o que levou os autores do NT a pensar (que tem Daniel como seu fundamento) é profecia real? Se o NT é uma releitura de Daniel, isso significa que NT é também uma pseudo-profecia?

E se, por outro lado, Daniel é verdadeira profecia que culmina com o estabelecimento do Reino de Deus, então ele é um alicerce seguro, uma base sobre a qual os escritores do NT construíram. Se este for o caso (e estou convencido de que é), então o livro de Daniel tem relevância direta para o tempo do reino de Deus e da identidade do chifre pequeno/o príncipe que virá/o rei do norte, que é derrotado pela parousia do messias (Dn. 7:21-22; cf. Ap. 19:11-20:4). Virtualmente, todos os segmentos do NT que lidam com o chifre pequeno/o príncipe que virá/o rei do norte e / ou a parousia de Cristo contém referências diretas as profecias de Daniel (por exemplo, Mt 24; 2 Ts 2; Ap. 13:17, 19, 20, etc) . Se Daniel é pseudo-profecia, então NT profecia é construída sobre uma fundação defeituosa. Novamente, se as profecias de Daniel são falsas, o que nos deve fazer pensar que as profecias do NT são reais?

Devo argumentar que os acontecimentos de Daniel descritos nos capítulos 2, 7, 9 e 11:36-12:13 tratam do tempo da parousia do messias o do pleno estabelecimento do seu reino em 70 dC (cf. Mat. 16:27-28; Mc 8:31-9:1). o NT revela este como o tempo da vinda de Jesus em julgamento contra Jerusalém (2 Tm. 4:1). Daniel 2, 7, 9 e 11: 36-12:13 todos retratam eventos associados no NT com a parousia; nenhum desses eventos aconteceu no segundo século antes de Cristo.

Daniel 2 e 7 mostram a parousia do messias e o pleno estabelecimento do seu reino (Dn. 2: 44-45; 7:21-22; cf. Mt 21:33-

44.). Esta seria a hora do início do julgamento (Dn 7:9-10, 26; cf. Mt 25:31-46; Apocalipse 11:15- 18).

Daniel 9 culmina com a 70 destruição de Jerusalém e a Templo pelo príncipe para vir no ano 70 dC (Dn 9:26-27; cf.. 22:1-10.).

Daniel 11:36-12:13 descreve este ataque contra Jerusalém (Dn 11: 40-45.) E a grande aflição (Dn 12:1; cf. Mt. 24:15-21.).

Daniel 12 culmina com a quebra da nação judaica durante os três anos e meio de guerra (v 7).

Em Daniel 8, um capítulo que a maioria dos comentadores (mas eu discordo) concordam está falando de Antíoco IV e o século II aC, é significativo que alguns dos eventos acima é mostrado também em Daniel 8. há menção da vinda de Deus e o julgamento através de um exército que é dado contra o sacrifício (Dn. 8:11-12). Em Daniel 8, o Templo é destruído em Daniel 8:11 (como é em 9:26); mas não só isso, é literalmente vingada (Dn. 8:13-14).

O conceito de Reino nas escrituras

O plano divino para o reino ocupa grande parte das Escrituras. No entanto, a despeito de tudo o que as Escrituras dizem sobre o assunto, quem as estuda depara com grande variedade de interpretações e de explicações quanto à natureza e ao propósito do plano divino para o reino. Nas Escrituras, o termo reino é usado de seis maneiras diferentes:

1) os reinos gentios,

2) os reinos de Israel e de Judá,

3) o reino de Satanás,

4) o reino universal de Deus,

5) o reino espiritual, e

6) o reino teocrático messiânico.

Há um acordo geral entre os teólogos a respeito das quatro primeiras classificações. As duas últimas estão relacionadas ao campo da escatologia e são motivo de controvérsia. É necessário fazer algumas observações a respeito.

A- O reino espiritual, relacionado ao reino universal de Deus, é composto pelos eleitos de todas as eras que experimentaram novo nascimento pelo poder do Espírito Santo. Não se pode entrar nesse reino senão por tal nascimento. (cf Mateus 6:33; 19:16,23,24; João 3:3-5; Colossenses 4:11)

B- O reino teocrático messiânico é apresentado como um reino sobre a terra no qual Cristo governa no trono de Davi em cumprimento à aliança davídica (2Sm 7:8-17; Mt 1:1; Lc 1:32). Esse reino é o assunto da profecia do Antigo Testamento (2Sm 7:8-17; Is 9:6,7; 11:1-16; Jr 23:5; 33:14-17; Ez 34:23; 37:24; Os 3:4,5; Mq 4:6-8; 5:2; Zc 2:10-12; 8:20-23; Sl 2:6,8-10; 72.11,17; Ml 3:1-4). Esse reino foi proclamado como "próximo" no primeiro advento de Cristo (Mt 3:2; 4.17; 10.5-7); e seria plenamente estabelecido na parousia de Cristo (Is 24.23; Ap 19.11-16; 20.1-6).

O fato de que Deus estabeleceria um reino na terra nunca foi nenhum mistério. Desde o primeiro pecado no céu, quando a soberania de Deus foi desafiada, Seu propósito era manifestar

soberania pela instituição de um reino sobre o qual Ele governasse. Quando Adão foi criado, recebeu domínio (Gn 1:26) para manifestar a soberania que pertencia a Deus, que era de Adão por atribuição. Mas Adão pecou e não houve tal manifestação da autoridade de Deus. O reinado da consciência deveria evidenciar ao indivíduo sua responsabilidade para com a soberania de Deus, mas o homem fracassou no teste.

O governo humano foi ordenado para que os homens o reconhecessem como manifestação da soberania de Deus, mas o homem se rebelou contra isso. Deus designou juízes para manifestar a autoridade divina, mas o homem rejeitou essa demonstração de soberania. Deus instituiu a teocracia, na qual Deus era reconhecido como soberano, mas a nação escolhida se rebelou (1 Sm 8:7). Então Deus revelou Seu propósito de manifestar soberania pela descendência de Davi, que reinaria (2Sm 7:16). A respeito desse reino, ele não pode referir-se ao reino espiritual, pois esse reino é constituído apenas por indivíduos salvos, que nele entram pelo novo nascimento, mas o reino teocrático é composta de salvos e também de não-salvos (trigo e joio, peixes bons e ruins). Ele não pode referir-se ao reino eterno, pois as teocracias são limitados no tempo. Ele não pode ser limitada à igreja, pois essa forma do reino inclui mais que a igreja.

O estabelecimento do Reino de Deus

Apocalipse 12 mostra o pleno estabelecimento do Reino de Deus (o reino teocrático messiânico). Satanás é expulso do céu antes deste momento:

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande

voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte. Por isso alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.
Apocalipse 12:9-12

Mesmo que Satanás tenha sido totalmente derrotado na cruz (cf. Mt. 28:18), as coisas iriam piorar para os crentes na terra. Tendo sido atirado à terra, Satanás iria perseguir a mulher de Apocalipse 12 (a mãe da nova aliança, cf. Is 66: 7-13; Gl. 4:21-31) e seus filhos (Ap 12:17) por um tempo, tempos e metade de um tempo (Ap. 12:14); até a destruição da nação judaica (cf. Dn. 12:7), isto é, de 67-70 dC. Satanás seria amarrado após os 3,5 anos (Ap 20:1-4), após isso os santos herdariam o reino, pois é chegado o pleno estabelecimento do reino de Deus na terra (cf. Dn 7:21-27). O imperador reinante neste momento era Vespasiano, o décimo César de Roma. Daniel 2 estabelece as bases para a intervenção do Reino de Deus na história. Seria estabelecido durante o reinado de Vespasiano (69-79 dC), o décimo César de Roma.

Daniel 7 vai construir sobre este fundamento, estreitando o prazo da vinda do juízo de Deus e o estabelecimento de seu reino (v 21-22) após a campanha de três anos e meio do pequeno chifre (67-70 dC) contra o povo de Daniel (v. 25). O surgimento do chifre pequeno, o décimo primeiro chifre, em Daniel 7 é uma referência a Tito no ano 70 dC, que naquela época, ele era apenas um general, mas filho do imperador reinante.

O Reino de Deus completamente estabelecido em 70 dC

O período entre a entronização do messias no céu em 30 dC e o pleno estabelecimento do reino de Deus na terra 70 dC (ou mais corretamente o seu estabelecimento pleno no reino da terra, pois não é um reino físico, cf. João 18:36) foi o já / Ainda não do reino. Este estabelecimento de duas fases do reino de Deus pode ser visto na parábola das minas:

"E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.
Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.
E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.
Mas os seus concidadãos odiavam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.
E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.
E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.
E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.
E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.
E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.
E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço;
Porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste, e segas o que não semeaste.
Porém, ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeei;

Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros?
E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas.
(E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas.)
Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado.
E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim."
Lucas 19:11-27

Podemos ver que é com o retorno do nobre (em sua vinda) que o governo de seu reino começa plenamente. Esse também foi o momento quando seus servos partilham do seu reinado (cf. Ap. 2:25-27; 3:20-21). Novamente, o messias é entronizado no céu (análogo ao momento em que o homem nobre partiu para receber seu reino, cf. Mt 28:18). O reino de Deus foi totalmente estabelecido na terra na parousia (análogo ao tempo do retorno do nobre, Dn. 7:21- 22; Ap 19:11-20:4; cf. 2 Tm 4:1). Assim, o estabelecimento do reino de Deus aconteceu nos dias dos primeiros dez reis de quarto reino de Daniel.

Foi no início do reinado de Vespasiano (com destruição da nação judaica) que Deus estabeleceu totalmente seu reino na esfera terrena (cf. Ap 11:15-18). Observe que o único reino mostrado após o décimo governante do Império Romano é o reino de Deus (Daniel 2:44). É por isso que as potências mundiais para além de 70 dC (como a Grã-Bretanha, América ou mesmo pós-70 dC Roma) não são mostrados na profecia bíblica. Foi em 70 dC que o reino de Deus foi totalmente estabelecido na terra e o povo de Deus foi dado o domínio espiritual deste planeta (Dn 2:44; 7:21-27; cf. Mc 8:38-9:1).

Daniel 2 estabelece as bases para a intervenção do Reino de Deus na história. Seria estabelecido durante o reinado de Vespasiano (69-79 dC), o décimo César de Roma. Daniel 7 vai construir sobre este fundamento, estreitando o prazo da vinda de Deus e o estabelecimento de seu reino (v 21-.22) após a campanha de três anos e meio de atuação do pequeno chifre (67-70 dC) contra o povo de Daniel (v. 25). O surgimento do chifre pequeno, o décimo primeiro, em Daniel 7 será a nossa primeira introdução ao "Anticristo"; é uma referência a Tito no ano 70 dC Naquela época, ele era apenas um modo geral, o filho do imperador reinante.

O Sonho de Nabucodonosor
Os Reinos do Mundo e o Reino de Deus

ARAMAICO DENTRO DANIEL

A partir de Daniel 2:4 e continuando até o final de Daniel 7, o livro de Daniel está escrito em aramaico. Vamos discutir falar sobre isso em nossa exposição de Daniel 2, onde que estes capítulos olham para o mundo a partir da perspectiva oikomene enquanto o resto do Daniel olha para ele a partir da perspectiva judaica. Há um outro aspecto a este uso do aramaico, que se relaciona com o nosso estudo da Babilônia.

Nos dias de Isaías, Deus previu que seu povo iria ouvir as boas novas do reino proclamado em uma língua estranha (Isaías 28:11). Paulo nos diz que a realização definitiva desta predição veio no dia de Pentecostes, quando os judeus de todas as nações ouviram o evangelho não em hebraico, mas em muitas línguas (1 Coríntios 14:21). Como a maioria das profecias, no entanto, este recebe um cumprimento preliminar no momento da restauração, após o exílio. A boa notícia que os judeus seriam devolvidos à Palestina e seriam autorizados a construir o Templo é encontrado, em aramaico, em Esdras 4: 8-6: 18. Da mesma forma, a boa notícia que Babilônia seria julgada e que o reino viria a ser dado ao Filho do Homem é encontrado, em aramaico, em Daniel 2-7.

Vimos que apóstatas entre o povo sacerdotal de Deus estão envolvidos com mistério Babilônico. Quando o julgamento é anunciado em novos idiomas, isso significa que o julgamento é contra povo sacerdotal de Deus em primeiro lugar, e só secundariamente contra os gentios, pois o povo de Deus são o centro.

Jerusalém pecaminosa é retratada como o Egito espiritual no tempo do exílio babilônico. O fato de que os israelitas na Babilônia foram forçados a aprender uma nova língua, e ouvir a Palavra de Deus em uma nova linguagem (Daniel 2-7), indica que Jerusalém também havia se tornado uma forma de Babilônia espiritual. Convertendo o Templo de Javé em um ídolo, e Jerusalém em uma cidade centrada no Templo, significa também que Jerusalém havia se tornado um Babilônia aos olhos de Deus.

Ambos Jerusalém e Babilônia de Nabucodonosor envolveu ambas as dimensões de torre e cidade (Jerusalém: Templo e Cidade; Babilônia: Daniel 3 e 4). No entanto, de uma forma mais ampla, Jerusalém era torre e Babilônia era da cidade, assim como na era da Restauração que amanhece em Daniel, a Terra Santa é torre e o oikomene é cidade. A linguagem de julgamento vem sobre os dois ao mesmo tempo na história, com o julgamento sobre Jerusalém que antecede sobre Babilônia (Daniel 5). Assim, o julgamento sobre Jerusalém é apenas a primeira parte do julgamento sobre a "segunda Babilônia."

A mensagem de Ezequiel aos exilados foi que eles não devem olhar para trás para a velha Jerusalém, mas devem olhar para o novo pacto que Deus estava trazendo na história naquele momento. O mesmo é encontrado em todo o Novo Testamento, particularmente em advertências de Paulo aos judaizantes. As pessoas dos dias de Ezequiel tiveram que entrar em acordo com a nova ordem que foi revelado em aramaico. As pessoas dos dias de Paulo tiveram que entrar em acordo com a nova ordem que foi revelada em grego.

MISTÉRIO BABILÔNIA

O curso futuro do relacionamento de Deus com impérios e judeus é o tema da segunda metade da profecia de Daniel. Daniel 7-12 é tipologicamente relacionadas com Daniel 1-6, em que as coisas que acontecem com Daniel e seus amigos durante os 70 anos e vai acontecer mais e mais para os judeus durante as 70 semanas. Os 70 semanas vai ser um momento de "Mistério Babilônia".

Assim, chegamos agora a terceira Babilônia, "Mistério Babilônia". Sua fundação é contada em Zacarias 5: 5-11, mais uma vez na terra de Sinar. Esta não é uma Babilônia "literal", no entanto. Em Zacarias 2: 7, Deus havia dito aos fiéis para afastar da filha Babilônia, embora na verdade eles já não estavam vivendo na Babilônia, mas no Império Persa. Nessa mesma visão, as pessoas disseram que iriam morar numa "Jerusalém sem paredes", embora de fato ainda falta pouco para reconstruir os muros de Jerusalém.

Claramente, tanto Babilônia e Jerusalém em Zacarias 2 não são cidades literais, mas realidades espirituais mais amplas. Babilônia é o reino da religião falsa, e Jerusalém no reino da verdadeira e fiel religião, cercado e protegida por uma "parede de fogo" divina (Zacarias 2: 5). Os judeus não foram informados de que todos eles devem retornar a Jerusalém físico, porque Deus queria que eles permanecem espalhadas pelo oikomene como suas testemunhas.

Zacarias 1: 7-6: 8 (ou 6.15) todos têm lugar durante uma noite. A situação é a seguinte: As pessoas começaram a reconstruir o templo de Deus no passado. O centro espiritual está sendo montado, os fieis a Deus devem se afastar da Babilônia espiritual e interiormente mudar para Jerusalém espiritual, reorientando-se para ela. Durante esta noite, Deus remove os pecados do povo e fornece Seu Espírito para capacitá-los (Zacarias 3-4). O lugar santo do Templo (10x20 côvados) torna-se um rolo de papel voando, a Palavra de Deus, pelo qual todas as casas do povo de Deus está a ser medido (5: 1-4), incluindo como veremos o Templo eles estão construindo.

Ao mesmo tempo, porém, o Mistério Babilônia está configurado em "Sinar." Este Mistério Babilônia é uma falsificação do Templo e Jerusalém, uma falsa torre e cidade. No seu centro está uma falsificação,uma noiva-prostituta. Ela é redonda e não retangular. Tem uma tampa de chumbo nele, não uma tampa de ouro. Tem Maldade dentro dela, e não a Lei. É ladeado por cegonhas impuros, não por

querubins santos. Em torno desta falsa arca é construído um falso Temple. (5: 5-11).

O que, então, é este Mistério Babilônia? Não são os pagãos na oikomene, mas os falsos judeus, pois não é um templo pagão, mas uma falsificação Templo de Javé. Ela representa maus judeus que se misturam com os pagãos na construção de sua torre mau e cidade. Voltando a Zacarias 2, vemos que a chamada para sair da "Babilônia" tem um duplo significado. Os fiéis estão a afastar religião pagã, e também para afastar qualquer (misto) religião judaica e sincretista também.

Mistério Babilônia é a falsificação de Jerusalém, o lado mau de Jerusalém, e não o lado mau da cidade física, mas o lado mau do espiritual "Jerusalém sem paredes." O livro de Apocalipse pega esse tema. A grande cidade de Apocalipse 10 "onde o Senhor foi crucificado", é o lado falso de Jerusalém. É Mistério da Babilônia, os ímpios filha-noiva-prostituta. Não estamos a pensar na cidade física, quer em Apocalipse 10 ou em Apocalipse 17, mas da espiritual "cidades sem muros" em ambos os casos. Onde quer que os infieis circuncidados são encontrados é Mistério Babilônia. O livro de Apocalipse não é somente sobre a destruição da cidade que física está em Mateus 24, mas sobre a destruição da "circuncisão" e do oikomene corrompido com o qual procurou ser ligado, isto é Roma.

Este é também o que Pedro, o apóstolo da circuncisão, identifica quando escreve sobre a "Babilônia" (Gálatas 2: 7-8; 1 Pedro 5:13). Ela pode ser uma descrição da Jerusalém literal, mas com certeza ele quer dizer que ele está escrevendo a partir de um contexto cercado pelo partido da circuncisão (Isto é, ímpios).

Vamos agora entrar em mais detalhes sobre a terceira Babilônia. Quem é o rei gentio envolvido com esta cidade e uma torre? Bem, podemos começar a entender que, observando que duas vezes Jesus veio ao templo e passou julgamento sobre ele, como Deus desceu para julgar as duas primeiras Babilônias. Jesus vem como a "rolagem voando" de

Zacarias 5: 1-4, como a Palavra encarnada, para medir o Templo pelos padrões de si mesmo. Como em Zacarias 5: 1-4, Ele julga o Templo por duas coisas: o roubo ("covil de ladrões") e juramentos ("casa de oração").

Agora, quem foi o construtor deste templo? Herodes. Herodes era um judeu de circuncisão, mas um edomita por nacionalidade. Herodes era também o representante de César nas terras judaicas. Em termos de seus grandes projetos de construção, também descreve a vinda de César como senhor da terra sagrada. Herodes + César formam o novo Nimrod.

Juntou-se com Herodes todos os judeus que, embora eles não gostassem de Herodes e todos os Herodes, ainda sim adoravam em seu Templo. A partir deste templo, os sacerdotes e os líderes judeus condenaram Jesus à morte, e proclamaram "Não temos rei, senão César." Nesta mesma noite, Herodes representante de César e Pilatos, uniram forças e se tornaram amigos.

Aqui vemos a terceira Babilônia em todo o seu horror. Ambas cidades (Nimrod: Herodes + Pilatos- César) e torre (sacerdotes e judeus) juntaram-se em condenar Jesus à morte. Juntos, eles pretendem que a sua cidade e torre durem, não importa o que o Deus do Céu diz ou faz.

O Julgamento vem, no entanto. Como Deus desceu sobre as primeiros duas Babilônias, o Espírito desce no Pentecostes. Imediatamente há uma confusão de línguas. Judeus de todas as nações ouvem o evangelho em todas as línguas, exceto hebraico-aramaico. Desta vez, no entanto, em vez de uma dispersão de lábios (religiões), há uma unificação dos lábios de todo o louvor do Pai de Jesus Cristo. Como veremos a seguir, no entanto, há um outro sentido em que há uma dispersão de diferentes "lábios".

O "dom de línguas", continua ligado durante toda a Idade apostólica até que Jerusalém (Física e Espiritual) é destruída na destruição do Mistério Babilônia em 70 dC. Os judeus são levados para consternação (1 Coríntios 14: 21-22; comparar Atos 18:7). judeus convertidos são

forçados a aprender novas línguas, especialmente grego, já que as novas escrituras são escritas em "línguas", em grego. (É verdade que muitos já sabiam grego, mas como uma língua da Palavra de Deus, é que era novo para eles.)

Assim como os construtores da primeira Babilônia não conseguia entender as novas linguagens, e assim como os caldeus em Daniel 5 não podiam entender a escrita na parede, então agora os judeus não podem compreender o novo evangelho, exceto em outros (novos para eles) idiomas.

A terceira Babilônia é julgada, e as pessoas dispersam a partir dele. Eles começam a dispersão de Jerusalém física em Atos 8. Em Mateus 24, Jesus recomenda aos judeus fiéis a se afastar de Jerusalém física sempre que eles percebessem que o julgamento estava prestes a cair sobre ela. As cartas de Paulo, e aqueles dos outros Apóstolos, repetidamente chamar os crentes a deixar a velho Jerusalém espiritual, a religião da circuncisão, atrás (Gálatas, Colossenses, etc.), porque a velha Jerusalém espiritual tornou-se Mistério Babilônia.

Como Abraão antes deles, os cristãos que têm a fé de Abraão e se afastar da velha Babilônia-Jerusalém para um lugar novo, para o novo Santo e Mundial reino de Jesus Cristo. Eventualmente, a antigo Jerusalém é destruída, literalmente e espiritualmente, e os homens "deixar de fora a construção da torre."

Agora, com tudo isso em mente, podemos olhar para as profecias de Daniel. Em Daniel 2, temos a visão da grande imagem que vai durar até que a messias vem. Na base desta imagem encontramos argila tentando misturar com ferro. Como argumentaremos em em Daniel 2, isso representa os judeus maus tentando misturar-se com o império romano. Esta mistura faz parte do "Mistério Babilônia" , falsos judeus juntam com os gentios pagãos para formar uma torre mal e cidade em oposição ao verdadeiro Templo e Cidade de Deus.

O livro de Daniel

O livro de Daniel tem duas seções distintas. Os capítulos 1 a 6 são narrativa histórica da vida e os tempos de Daniel. capítulos 7 a 12 são visões proféticas de Daniel sobre eventos a acontecer em seu futuro.

Os eventos descritos por Daniel na primeira secção ter lugar durante o império babilônico que durou o período entre 605 aC (a adesão de Nabucodonosor II) e 530 aC (morte de Ciro o persa).

Nabucodonosor, o governante de Babilônia, tinha sitiado Jerusalém e levado muitos judeus capturados. Daniel estava entre eles. No texto, Daniel menciona sua interação pessoal com não apenas Nabucodonosor, mas também outros reis conhecidos por ter governado Babilônia durante este período, incluindo Belsazar, Dario, o medo, e Ciro, o persa.

Nabucodonosor era um dos grandes conquistadores da história antiga. Numa série de batalhas, ele venceu os assírios, o povo que dominara a Mesopotâmia durante os séculos anteriores. Defendeu-se contra os egípcios e estabeleceu as fronteiras de um império extenso e próspero.

Conseguiu dominar a pequena mas importante terra que conhecemos hoje como a Palestina, uma região por onde passavam as principais rotas comerciais entre a Ásia e a África. Passou por Jerusalém em 605 a.C. e levou os jovens mais inteligentes e nobres para a Babilônia, onde seriam educados na sabedoria babilônica e teriam oportunidades de até participar do governo do império. Daniel foi um desses jovens.

Nabucodonosor ainda não respeitava o verdadeiro Deus. Talvez sentia-se superior ao Deus dos judeus, pois ele havia conquistado Judá e teria poder para destruir o templo (o que realmente fez menos de 20 anos depois). Confiava nos seus magos e adivinhadores para interpretar a história e predizer o futuro.

Deus achou importante ensinar algumas lições para Nabucodonosor. Entre elas foi uma revelação especial na forma de um sonho.

Nabucodonosor teve um sonho (Daniel 2:1-13)

2.1: “E no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve Nabucodonosor uns sonhos; e o seu espírito se pertur¬bou, e passouse-lhe o seu sono”.

“... uns sonhos”. A visão de Nabucodonosor da estátua enorme e assombrosa, é o á-bê-cê da profecia. A interpre¬tação desse sonho do rei é um grande panorama histórico do mundo da antiga aliança, panorama básico no estudo das outras visões que são continuamente reiteradas, enriquecidas e aprofundadas nas profecias de Daniel e Apocalipse. O capítulo, portanto, merece um estudo esmerado para en¬tendermos bem o sentido das visões, e a suma das coisas nelas contidas.

2.2: “E o rei mandou chamar os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e se apresen¬taram diante do rei”:

Diante do impasse em que se encontrava o monarca da corte babilônica, pois apenas seu subconsciente, partindo de um “campo escuro”, lhe dizia: “Você sonhou um sonho misterioso”! Ele convocou os mais experimentados decifradores de sonhos e enigmas daquela época: “os magos e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus”. Hal Lind¬sey, e outras autoridades no assunto, observa que a primei¬ra classe, traduzida por “magos”, significa os escribas sa¬grados - uma ordem de sábios que tinham a seu cargo os escritos sacros, que vieram passando de mão em mão des¬de o tempo da Torre de Babel. Algumas literaturas, das mais primitivas que se conhecem na terra, eram constituí¬das desses livros de magia, astrologia, feitiçaria, etc. (Ver At 19.19).

A outra palavra é “encantador”, e significa murmura- dor de palavras - de onde vem “esconjurar”, “exorcismar”. Eram encantadores que usavam fórmulas mágicas, atuados por espíritos médiuns. Simão, o mágico, de Sama¬ria e Elimas, o “encantador”, da ilha de Pafos

pertenciam a essa classe. (Ver At 8.9; 13.8). Esses "obreiros da iniquidade" usavam até cantarolas, em som baixo, e o profeta Isaías informa que neste momento os espíritos se apresen¬tavam falando fraco de "debaixo da terra" (Is 29.4).

O terceiro grupo é dos "feiticeiros"; eram dados à ma¬gia negra. A mesma palavra emprega-se a respeito dos en¬cantadores egípcios Janes e Jambres - que resistiram a Moisés na corte de Faraó (Êx 7.11 e 2 Tm 3.8). Por sua ma¬gia negra, reproduziram vários milagres operados por Moi¬sés naquele país. Depois eles fracassaram diante do supre¬mo poder pessoal de Deus.

A última palavra, "caldeus", denominava a casta sa¬cerdotal deles todos; onde se vir a palavra "caldeu" (me¬nos a exceção dos nascidos na Caldéia) pode-se traduzir igualmente por "astrólogo". Vários linguistas de renome concordam unanimemente neste ponto, a saber, que os caldeus estudavam o dia do nascimento de uma pessoa, in¬dagando até a hora, e então lançavam o horóscopo do seu destino. A prática foi levada para Roma, onde os Césares consultavam os áugures (peritos em magia negra, espiritis¬mo, e astrologia). Nos dias de Jesus como pessoa humana, a prática tinha se desenvolvido em toda a Ásia Menor.

2.3: "E o rei lhes disse: Tive um sonho; e para saber o sonho está perturbado o meu espírito".

O texto em foco nos mostra que o monarca naquela noi¬te ficou bastante perturbado, a ponto de lhe fugir o sono. Apenas tinha dormido aquele pequeno espaço em que as visões lhe sobrevieram. Então, de acordo com o costume, mandou, às pressas, chamar os que, segundo ele, eram ca¬pazes de adivinhar tudo aquilo que ele tinha sonhado. Cer¬tamente o monarca babilônico os esperava com grande apreensão de espírito, pois se encontrava em estado de de¬pressão, inquietação e descontentamento. Sua confiança era, evidentemente, nos magos, caldeus e astrólogos, mas de um modo particular, sua maior esperança seria nos en¬cantadores e astrólogos, em razão de estes agoureiros se re¬lacionarem mais com "sonhos, adivinhações", etc. A astro¬logia era a espinha dorsal da antiga

religião da Babilônia. Na corte de Faraó, por exemplo, os magos daquele monarca, tornaram água em sangue. Quando Moisés lançou sua vara ao chão, tor¬nando-se em cobra, esses "feiticeiros" fizeram o mesmo. Só depois que Deus capacitou Moisés a realizar milagres que eles não puderam reproduzir, foi que esses magos des¬cobriram que o "dedo de Deus" estava envolvido ali. E não puderam mais prosseguir.

2.4: "E os caldeus disseram ao rei em siríaco: O rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação".

"... em siríaco...". E interessante observarmos, neste tex¬to, uma grande particularidade. O livro de Daniel foi escri¬to em hebraico, mas os sábios, como está declarado aqui, falaram ao monarca em "siríaco", isto é, em "aramaico". Isso parece destinado a chamar a atenção para o fato de que, desde este ponto até o capítulo sete (7) do presente li¬vro, a linguagem empregada é o aramaico.

2.5: "Respondeu o rei, e disse aos caldeus: O que foi me tem escapado; se me não fizerdes saber o sonho e a sua in¬terpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo".

O presente versículo e outros que se seguem nos mos¬tram a terrível sentença do ímpio monarca babilônico; a sentença é uma só, dizia ele: "SE ME NÃO FIZERDES SABER O SONHO E A SUA INTERPRETAÇÃO, SE¬REIS DESPEDAÇADOS". O final deste versículo, como ficou demonstra¬do acima, nos mostra a crueldade contida naquela corte; isso era uma característica dos monarcas babilônicos: sem¬pre tratavam seus súditos sem misericórdia diante de qualquer fracasso.

2.6: "Mas se vós me declarardes o sonho e a sua inter¬pretação, recebereis de mim dons, e dádivas, e grande hon¬ra; portanto declarai-me o sonho e a sua interpretação".

"...portanto declarai-me o sonho..." Os magos daquela corte real se encontravam agora num verdadeiro impasse. A sentença era terrível. Se

interpretassem o sonho, seriam coroados de riquezas e grandes honras, mas se não o inter¬pretassem seriam lançados "na cova dos leões". Provavel¬mente a expressão: "sereis despedaçados", em foco no versículo cinco (5) do presente capítulo, tenha mesmo esse sentido. Concomitantemente, suas casas seriam feitas um montão de ruínas. O monarca babilônico fez mais de uma vez essa triste declaração durante sua vida. (Comp. Dn 3.29). Esta era a lei da terra - a vontade de um homem. Os babilônios desse tempo só conheciam uma vontade em seus destinos, que era a do rei Nabucodonosor, o mais, tudo era transgressão.

2.7: "Responderam segunda vez, e disseram: Diga o rei o sonho a seus servos, e daremos a sua interpretação".

O presente versículo mostra uma grande luta estabele¬cida. De um lado, os magos, astrólogos e encantadores, in¬sistindo com o rei em que lhes declarasse o sonho, para que, de acordo com seus conhecimentos, declarassem eles o significado convincente de tudo aquilo. Do outro lado, o rei querendo saber o que tinha sonhado e sua interpreta¬ção. Os sábios do rei, só podiam fazer suas predições e in¬terpretações dentro daquilo que viam e ouviam. As interpretações destes magos e encantadores eram vagas, e, portanto, nada valiam diante daquilo que era verdadeiro.

2.8: "Respondeu o rei, e disse: Percebo muito bem que vós quereis ganhar tempo; porque vedes que o que eu so¬nhei me tem escapado".

"... vós quereis ganhar tempo". O presente texto (e ou¬tras passagens do mesmo gênero) mostra o rei Nabucodonosor angustiado pela insistência dos magos e encantado¬res da Corte, e declarando que os sábios tinham se combi¬nado para o enganar, simulando algum tipo de interpreta¬ção mais ou menos parecido com aquilo que o monarca teria sonhado, mas o rei não se lembrava de nada daquele so¬nho. Então, evidentemente, o principal ponto de partida no entrelaçado problema era a lembrança do sonho do rei. Os magos demonstraram que estavam incapacitados de re¬solver o problema daquela corte.

2.9: “Por consequência, se me não fazeis saber o sonho, uma só sentença será a vossa: pois vós preparastes pala¬vras mentirosas e perversas para as pro ferirdes na minha presença, até que se mude o tempo: portanto dizei-me o sonho, para que eu entenda que me podeis dar a sua inter¬pretação”.

"... até que se mude o tempo”. Entre os babilônicos era comum aos astrólogos e encantadores fazerem suas inter¬pretações sobre os acontecimentos que iam tendo lugar no curso da história; por exemplo: quando havia uma grande batalha entre dois monarcas, predizia-se que “um” daque¬les perderia a batalha. Se perguntados sobre qual dos dois perderia a guerra, não revelavam para que os soldados do indicado não desanimassem. Ora, é evidente que, se há dois reis em luta, um perderá a batalha. O rei percebeu isso muito bem, e os advertiu, afirmando que eles tinham forjado palavras mentirosas, ou, como bem pode ser tradu¬zido por “uma interpretação suposta” dentro daquilo que o rei lhes contasse.

2.10: “Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante d’algum mago, ou astrólogo, ou caldeu”.

“Não há ninguém sobre...” O texto em foco, revela os sábios da corte babilônica mostrando-se francos para com a exigência do rei: “Não há ninguém sobre a terra que pos¬sa declarar a palavra ao rei”. O fato é que o monarca exigia algo que não se encontrava previsto nem declarado em ne¬nhum código do mundo: fazer lembrar um sonho esquecido e depois dar a sua interpretação; isso ultrapassava qual¬quer possibilidade de entendimento da mente humana, pois seria chamar “as coisas que não são como se já fos¬sem”. Todos sabem que isso é apenas faculdade daquele que é o “mesmo” quanto ao tempo e a eternidade (Hb 13.8; comp. com Rm 4.17). Os sábios caldeus tinham ape¬nas conhecimento do tempo presente, mas Deus possui a eternidade na mão e, por conseguinte, conhece todos os li¬mites do tempo e da eternidade. (Ver Jr 23.23).

2.11: “Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e nin¬guém há que a possa declarar diante do rei, senão os deu¬ses, cuja morada não é com a carne”.

"... os deuses, cuja morada não é com a carne”. O pre¬sente texto mostra os sábios caldeus, mediante sua confis¬são perante o rei, fazendo uma referência ao Altíssimo, pois, mesmo de uma maneira imperfeita, até no paganis¬mo permanecia a persuasão de que Deus existe. (Comp. At cap 17, com Rm 1.21). A ideia da existência de Deus é uma intuição da razão moral da pessoa humana.

2.12: “Então o rei muito se irou e enfureceu; e ordenou que matassem a todos os sábios de Babilônia”.

"... todos os sábios...” Na proporção que o diálogo com o rei ia se desenvolvendo, acabou-se a paciência do monar¬ca; a ordem para que seus capitães matassem aqueles ho¬mens e todos os sábios da Babilônia saiu. E tal caso, tam¬bém Daniel e seus três companheiros morreriam, porque já estavam inseridos na categoria de sábios e, adivinhos da¬quela corte real. (Ver Dn 4.9). Seria uma calamidade ca¬tastrófica, pois a casta de sábios, astrólogos e feiticeiros era muito numerosa ali. Diante de tal situação, os sábios caldeus ficaram muito tristes. Nabucodonosor era o grande e poderoso monarca, mas havia limites para o que desejasse exigir. Mas certamente ele se sentia possuído de um poder absoluto, e, quando o homem mortal chega a esse ponto, corrompe-se a si mesmo. (Comp. com Ap 3.17).

2.13: “E saiu o decreto, segundo o qual deviam ser mor¬tos os sábios; e buscaram a Daniel e aos seus companhei¬ros, para que fossem mortos”.

O presente versículo, confrontado a contextos anterio¬res, diz que o profeta Daniel, juntamente com seus compa¬nheiros, morreria sem misericórdia naquele dia. Aquele servo do Senhor depois de receber a cultura da época, era considerado um membro da sociedade dos magos,

embora sua sabedoria viesse da parte de Deus, através da revelação. (Ver o v. 20).
Daniel aceita o desafio (Daniel 2:14-30)

2.14: “Então Daniel falou avisada e prudentemente a Ano que, capitão da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios de Babilônia”.

"... falou avisada...” A pergunta de Daniel é relaciona¬da com a “precipitação” e não com a severidade do decre¬to, como fica demonstrado: “Por que se apressa tanto o mandado da parte do rei?” (v. 15). Ele pede tempo e pro¬mete dar a interpretação. Daniel demonstra uma grande capacidade de manter a calma sob tão grande desatino e pressão da parte do rei. Daniel provou ser um crente emo¬cionalmente equilibrado. O texto em foco mostra que as palavras meigas de Daniel obtiveram a possibilida¬de de abrandar a ira do rei.

2.15: “Respondeu, e disse a Ano que, prefeito do rei: Por que se apressa tanto o mandado da parte do rei? Então Arioque explicou o caso a Daniel”.

"... Arioque, prefeito do rei”. O leitor deve observar que, no versículo anterior, diz que “Arioque” era o “capi¬tão da guarda do rei”. No presente texto, porém, diz que ele era “prefeito do rei”. A etimologia da palavra “ario¬que” significa: Leão Poderoso; é também interpretado por alguns como: Servo da deusa Lua. O capitão, acima men¬cionado, da corte Babilônica, é a segunda pessoa nas Es-crituras que traz este nome, pois antes ela já cita um com o mesmo nome: “Arioque, rei de Elazar” (Gn 14.1). Os versí¬culos 14 e 15 do presente capítulo revelam ser Arioque um homem de elevado poder naquela corte Babilônica; ele exercia uma dupla função: Era o comandante da seguran¬ça do palácio real, e, ao mesmo tempo, era também o “pre¬feito” da capital do Império.

2.16: “E Daniel entrou; e pediu ao rei que lhe desse tempo, para que pudesse dar a interpretação”.

O profeta Daniel é citado nas Escrituras como sendo uma personagem ilustre, que merece destaque. (Ver Ez 14.14, 20; Mt 24.15). Note-se, neste versículo 16, como ele manifestou sua grande fé. Ele tinha certeza de que Deus ia revelar-lhe o sonho esquecido pelo rei; e, na prontidão desta certeza, entrou e pediu ao rei que marcasse o tempo para voltar à sua presença, com o sonho e sua interpretação, a qual ainda não tinha.

2.17: "Então Daniel foi para a sua casa, e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros".

No presente versículo e nos demais que se seguem, te¬mos a noção perfeita do primeiro círculo de oração organi¬zado. Daniel, ao receber do rei a prorrogação do tempo (hou¬ve aí uma intervenção divina, pois jamais um monarca da¬quele voltaria atrás quanto à ordem e ao tempo) para fazê- lo lembrar do sonho e, a seguir, dar também a sua interpre¬tação, não foi consultar os outros sábios, a fim de ver se ha¬via ainda alguma coisa na sua arte, ou livros, que servisse para descobrir o sonho esquecido do rei.

2.18: "Para que pedissem misericórdia ao Deus do céu, sobre este segredo, a fim de que Daniel e seus companhei¬ros não perecessem com o resto dos sábios de Babilônia".

O presente texto nos mostra como Daniel tinha, de fa¬to, um espírito excelente. (Ver versículo 3 do capítulo 6).

2.19: "Então foi revelado o segredo a Daniel numa vi¬são de noite: então Daniel louvou o Deus do céu".

"... numa visão de noite". Coisas que estavam ocultas para os sábios da Babilônia mas foram reveladas a Daniel. Numa visão noturna, ele "viu" o que o rei tinha visto em seu sonho e ainda compreendeu do que se tratava. Pelo uso do conceito "visões noturnas" em Jó 4.13; 33.15, parece que aquele que tinha, ou recebia a visão se achava no "sono profundo", embora de Daniel não se diga que ele estivesse sonhando,

pois as imagens não vinham da sua própria mente e sim diretamente de Deus.

2.20: “Falou Daniel, e disse: Seja bendito e nome de Deus para todo o sempre, porque dele é a sabedoria e a for¬ça”.

"... dele é a sabedoria...” O presente texto apresenta dois pontos focais:
1) A sabedoria de Deus.
2) A força de Deus.

Essa sabedoria faz parte da “onisciência de Deus”, como bem a descreve o salmista Davi: “Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó Senhor, TUDO conhe¬ces” (Sl 139). A palavra “onisciência” deriva-se de duas palavras latinas: “omnes”, que significa tudo, e “ciência”, que significa conhecimento. O termo denota a infini¬ta sabedoria de Deus e seu conhecimento de todas as coi¬sas. Deus conhece todas as coisas porque seu entendimen¬to é infinito (Sl 147.5).

"... e a força”. Essa força faz parte da “onipotência de Deus”. O termo denota o supremo poder pessoal de Deus. Esse atributo significa que Deus tem poder ilimitado, que ele tem poder para fazer qualquer coisa que queira, dentro dos limites da sua santidade (SI 1.37). A onipotência de Deus é tanto física como moral. Ninguém jamais poderá ultrajar o caráter de Deus, apanhando-o numa fraqueza moral; e quanto a parte física, Ele é o Todo-poderoso. Je¬sus disse ao Sumo sacerdote que Deus “era o poder” (Mt 27.64).

2.21: “Ele muda os tempos e as horas; ele remove os reis e estabelece os reis: ele dá sabedoria aos sábios e ciên¬cia aos entendidos”.

Nos versículos 18,19,27,30,47, o sonho do rei é chamado de “segredo”, porque, do ponto divino de observação, é o que ele é. Isso demonstra que se trata daquilo que não pode ser obtido apenas pela razão humana; pois essa, apenas isolada, jamais chegaria a tão grande sucesso como foi aqui alcançado. Daniel demonstra que todo o curso da história está nas mãos de Deus, o qual altera os tempos e as esta¬ções; e o destino dos

governantes humanos, também está sob seu controle. Jesus declara, em Atos 1.7. que os "tempos ou as estações" foram estabelecidos pelo Pai, pelo seu próprio poder. Quando a verdadeira sabedoria é encontra¬da entre os homens, ela é um dom de Deus, que os capacita a entender o tempo e o modo das coisas.

2.22: "Ele revela o profundo e o escondido: conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz".

"... o profundo e o escondido". O profeta Isaías declara em seu livro que com Deus estão "os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas" (Is 45.3).

"... ele mora a luz". Isso significa conforme está decla¬rado: "na luz inacessível" (1 Tm 6.16). A luz que está em foco, é a inacessível. Isso quer dizer que, onde nosso Deus habita, nossa luz lá seria como trevas, não tendo nenhum sentido. Assim, por esses e outros motivos, Daniel o louva com a voz do agradecimento, porque Deus não só mora na "luz", mas exige também que seus filhos andem na luz (1 Jo 1.7).

2.23: "O Deus de meus pais, eu te louvo e celebro por¬que me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei".

O texto em foco apresenta as palavras de Daniel numa voz de agradecimento. Sua oração é caracterizada pela pu¬reza da alma. Linda oração! Até nós, ao escrevermos estas palavras deste grande servo de Deus, nos sentimos domi-nados pelo sentimento de Daniel, agradecendo, por si e por seus companheiros, ao Deus de toda graça, que o livrou da morte certa e terrível. Abraão, nosso pai, orou a Deus, para que os justos que habitavam na corrupta cidade de Sodo- ma não perecessem com os famigerados ímpios daquela metrópole. Deus ouviu sua oração e salvou Ló da grande destruição (Gn caps. 18 e 19). Daniel, foi também um exemplo com seus companheiros, pois, através da oração verdadeira, salvaram-se daquela destruição iminente de-cretada pelo monarca.

2.24: “Por isso Daniel foi ter com Arioque, ao qual o rei tinha constituído para matar os sábios de Babilônia: entrou, e disse-lhe assim: Não mates os sábios de Babilônia; introduze-me na presença do rei, e darei ao rei a interpretação”.

O presente texto nos mostra que, revelado o mistério, Daniel apressadamente procurou o chefe da guarda, que estava encarregado de executar a grande matança dos sá¬bios caldeus. Daniel conhecia muito bem o texto de Pv 24.11 que diz: “Livra os que estão destinados à morte, e os que são levados para a matança, se os puderes retirar”. A pressa de Daniel em falar com Arioque, o chefe da guarda, era exatamente porque ele era o homem a quem o rei tinha incumbido de destruir os sábios. Arioque de¬monstrou também ser um homem extremamente sensato, e depressa introduziu Daniel a presença daquele monarca. Ele creu na palavra do homem de Deus, e foi recompensa¬do por isso.

2.25: “Então Arioque depressa introduziu Daniel na presença do rei, e disse-lhe assim: Achei um dentre os fi¬lhos dos cativos de Judá, o qual fará ao rei a interpreta¬ção”.
"... filhos dos cativos de Judá”. O presente versículo faz alusão ao cativeiro de Judá. Daniel, como Ezequiel, era um cativo judaico na Babilônia caldaica. Ele era de des¬cendência real, como já ficou demonstrado em nota expositiva no primeiro capítulo deste livro. Devido à sua classe e à sua bela aparência, foi educado para o serviço no palácio daquela corte. Na atmosfera contaminada de uma corte oriental, ele vivia uma vida de singular piedade e testemu¬nho espiritual. Sua longa vida (talvez noventa anos) esten¬de-se desde os tempos de Nabucodonosor até os de Ciro. Foi contemporâneo de Jeremias, Ezequiel (14.14, 20), Jo¬sué, o sumo-sacerdote da restauração, Esdras, o escriba, e Zorobabel; portanto, o título: “filhos dos cativos de Judá” visto no texto em foco, identifica-se bastante com a sua pessoa.

2.26: “Respondeu o rei, e disse a Daniel (cujo nome era Beltesazar): Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação?’

"... Podes...?' Diante da interrogação do monarca a Daniel, podemos observar a grande humildade deste servo de Deus: ele não pode, mas Deus pode e vai fazer. Daniel não se mostrou vaidoso e confessou que o que o rei queria dos seus sábios era coisa impossível, pois nem magos nem encantadores nem astrólogos poderiam revelar tão grande mistério ao rei,mas, continuou Daniel dizendo que só o Deus dos céus, poderia revelar tudo aquilo. Daniel, o verdadeiro profeta de Deus, não quis a honra para si, nem se apresentou como o mais capaz (ainda que era) dentre os sábios caldeus. Deu glória, porém, ao Deus merecedor de toda a glória e capaz de revelar todo e qualquer segredo no meio dos homens mortais. O verdadeiro espírito cristão é aquele que considera os outros superiores a si mesmo; o que disso passa é altivez (Pv 16.18; Fl 2.3).

2.27: "Respondeu Daniel na presença do rei, e disse: O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei".

"O segredo que o rei requer". O sonho do rei foi uma re¬velação de Deus; nenhum ser mortal podia dar a sua inter¬pretação, a não ser com autoridade divina, como o fez Da¬niel. O profeta mostra diante do monarca que nenhum de seus sábios era capaz de predizer com exatidão o futuro.

2.28: "Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segre¬dos; ele pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas".

O texto em foco mostra Daniel se preparando para dar início à grande interpretação diante do monarca; "Há um Deus nos céus", diz o profeta. Isso mostra-nos que, quando ele compareceu perante o rei, procurou deixar claro que não viera dar a interpretação do sonho mediante seu próprio poder, ou saber, mas deu a glória merecida a Deus. José, no Egito, já havia feito a mesma coisa que Da¬niel; ele disse a Faraó: "Isso não está em mim; Deus dará resposta de paz a Faraó" (Gn 41.16). O sonho do monarca foi de natureza escatológica, isto é, tinha a ver com os "últimos dias", em outras palavras, com o fim da era judaica, para início

da era messianica. (Ver At 2.16, 17; 1 Tm 4.1; Hb 1.1). Daniel, numa breve interpretação, mas precisa, relata o conteúdo do so¬nho, descrevendo a imagem que o rei tinha visto, cujas por¬ções eram feitas de diferentes metais. Ao dar início às pri¬meiras palavras, o rei realmente admite que o seu sonho teve início com uma grande estátua, cuja composição era aquela descrita por Daniel; o monarca, pois, não teve mais dúvida de que se encontrava ali diante de um homem de Deus, possuidor de notável saber espiritual.

2.29: "Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos ao que há de ser depois disto. Aquele pois que revela os segredos te fez saber o que há de ser".

O presente versículo nos faz lembrar do sonho do mo¬narca Faraó, rei do Egito. Aquele monarca achava-se tam¬bém cercado de homens sábios. Eles pertenciam a uma classe educada entre os antigos egípcios: também afirma-vam possuir conhecimento das coisas que pertenciam aos deuses e ao destino humano. Faraó descreve seu sonho com grande explicação, e até parece que se permitiu adicionar alguns toques extras. Os sábios, porém, não entenderam nada daquilo, e, a despeito de tudo, nada puderam fazer. Finalmente apareceu José, cujos pés haviam apertado com grilhões quando o puseram a ferros. José tudo decifrou (Gn 41.25-32). O sonho de Nabucodonosor era de natureza mais profunda, não pelo sonho em si, mas por causa do es¬quecimento do rei, pois a exigência do monarca, antes da interpretação do sonho era fazê-lo lembrar do que havia sonhado. Finalmente aparece Daniel, tudo ficou solucionado e ninguém pereceu.

2.30: "E a mim me foi revelado este segredo, não por¬que haja em mim mais sabedoria do que em todos os vi- ventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses os pensamentos do teu cora¬ção".

"... este segredo". O sonho do monarca babilônico quando é pormenorizado é sempre chamado de "segredo". (Ver versículos 18,19, 27, 29, 30 e 47). "Um mistério nas Escrituras é uma verdade

anteriormente oculta, mas agora divinamente revelada, em que, porém, ainda reside um elemento sobrenatural, apesar da revela¬ção. Os principais segredos, ou mistérios são:
1) Do Reino dos Céus (Mt 13.3-50).
2) Da cegueira de Israel (Ver Rm 11.25).
3) Da Igreja composta de judeus e gentios, formando um só corpo (Ef 3.1-11, 19).
4) Da Igreja como a noiva de Cristo (Ef 5.28-32).
5) de 'Cristo' em nós (Gl 2.20; Cl 1.26-27).
6) De Deus em Cristo, isto é, Cristo, como a encarnação plena da divindade em forma humana, em quem subsiste toda a sa¬bedoria divina para os homens (Cl 2.2, 9).
7) Dos processos pelos quais a semelhança de Deus é restituída aos homens (1 Tm 3.16)."

Em resumo, estes acontecimentos [v. 14-30] ocorreram, provavelmente, na mesma época que Daniel estava terminando seu treinamento para ser um dos sábios na Babilônia. Ele e alguns outros jovens judeus foram obrigados a passar por um curso especial de preparo para esta função.

Uma vez que o nome dele se encontrara na lista dos sábios, os servos do rei saíram com ordens para matá-lo. Quando chegaram, Daniel perguntou o motivo, sabendo que não havia cometido nenhum crime. Os servos do rei explicaram o caso, e Daniel pediu um tempo para poder responder ao pedido do rei. Ele e seus companheiros judeus oraram a Deus, pedindo a revelação do sonho.

Deus atendeu ao pedido deles, e revelou o sonho a Daniel. Os falsos profetas não receberam ajuda dos falsos deuses que adoravam, mas Daniel recebeu a ajuda do Deus verdadeiro que ele servia. Ele pediu uma oportunidade para falar com o rei.

Quando Daniel entrou na presença de Nabucodonosor, ele foi bem humilde. Explicou que a resposta não veio dele, e que nenhum homem seria capaz de revelar e interpretar o sonho por poderes próprios.

Somente o Deus no céu, o único verdadeiro Deus, poderia revelar essas coisas aos homens.

Aqui Daniel frisou a mensagem principal de seu livro. Independente dos feitos e das circunstâncias dos homens, há um soberano Deus. Nenhum homem pode se esconder dele, e nenhuma criatura tem direito de se exaltar diante do Senhor. Como Nabucodonosor precisava desta mensagem! Como nós precisamos da mesma!

Daniel revela o sonho do rei (Daniel 2:31-35)

2.31: “Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua: esta estátua, que era grande e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrí¬vel".

Daniel relata o conteúdo do sonho do monarca, descre¬vendo o colosso que o rei tinha visto em sua visão noturna há duas noites. É evidente que o rei sonhou em uma noite o sonho, e Daniel recebeu a sua interpretação só na noite se¬guinte. (Ver 2.17-19). A proporção que Daniel ia fazendo aquela interpretação, o rei ia conferindo e lembrando-se de que, realmente, a estátua terrível de seu sonho era de ma¬terial heterogêneo. Vários deles se incluíam pela ordem em sua composição: o ouro na cabeça, a prata no peito e bra¬ços, o bronze no ventre e quadris, o ferro nas pernas e, mis¬turado com o barro, nos pés. A qualidade e o valor dos me¬tais aparecem em ordem decrescente, da cabeça aos pés, a fim de atender ao simbolismo do valor dos impérios repre-sentados nesta visão da noite concedida ao rei Nabucodonosor.

2.32: “A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre”.

"... ouro... prata... cobre”. Quase todos os intérpretes do livro de Daniel seguem a mesma linha de pensamento diante dos versículos trinta e dois a trinta e cinco (32-35), isto é:

1) A cabeça da estátua representava o Império Babilônico. Esta interpretação é tanto teológica como bíblica, como se pode depreender do versículo 38 do presente capí¬tulo.
2) O peito e os braços de prata representavam o Impé¬rio da Medo-Pérsia, com Dario e Ciro, respectivamente. A propriedade de uma imagem de um homem representar es¬tes dois impérios é evidente. O Império duplo da Medo- Pérsia é representado pelos dois braços, e a sua unidade pelo peito da estátua. Em figura geral: os dois braços são Dario e Ciro. Geograficamente falando, Dario é o braço es¬querdo da imagem, enquanto que Ciro é o direito. Esses dois monarcas são chamados também, na simbologia pro¬fética, de "Os tufões de vento do Sul (Sul de Babilônia), que tudo assolam" (Is 21.1). 3) O ventre e as coxas repre¬sentavam o Império Greco-macedônio.

2.33: "As pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro".

O presente versículo descreve a quarta e a quinta parte da composição da terrível estátua. É evidente que as per¬nas de ferro são o Império Romano. O ferro seguirá misturado com o barro até o fim da Era (Ap cap. 17).

2.34: "Estavas vendo isto, quando uma pedra foi corta¬da, sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou".

"... feriu a estátua nos pés..." O texto em foco, merece toda a nossa especial atenção. Ele mostra como as Escritu¬ras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe. A pedra (Cristo), cortada do monte, haveria de ferir a está¬tua, não na cabeça (Império Babilônico); nem no peito e braços (Império da Medo-Pérsia); nem no ventre e coxas (Império Greco-macedônio) nem nas pernas (Império Ro¬mano daqueles dias); mas cairá sobre os "pés" da estátua (durante o período dos dez reis escatológicos).

2.35: "Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a praga- na das eiras no estio, e o vento

os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se fez um grande monte, e encheu toda a terra".

O presente versículo descreve aquilo que aconteceu na vinda de Cristo em julgamento no ano 70 dC, com poder e grande glória. Isso se encontra narrado em vários de seus elementos dou¬trinários. A pedra que esmiuçou a grande estátua pode ser representada num sentido tríplice:
1) Cristo - sentido lato.
2) A Igreja.
3) O Reino de Deus. (Ver Is 2.2; Mt 16.18; 1 Pe 2.5).
O choque da grande pedra cortada da montanha terá lugar no vale do Armagedom, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso, e evidentemente, no tempo dos dez dedos da imagem. Jesus deixou muito claro este assunto em Mt 21.44, quando disse: "Quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á (os judeus); e aquele (todo o poder gentílico do mundo) sobre quem ele cair ficará redu¬zido a pó". E exatamente o que diz o presente texto e passagens paralelas em toda a extensão da Bíblia.
Em resumo, o rei sonhou com uma grande estátua de quatro partes principais. A cabeça era de ouro, o peito e os braços, de prata e o ventre e os quadris, de bronze. As pernas de ferro se apoiaram em pés feitos de uma mistura de ferro e barro.

De repente, uma grande pedra, cortada sem ninguém tocar nela, esmagou os pés da estátua, e então esmagou o resto da imagem. O que restou da estátua foi levado pelo vento, mas a pedra se tornou em uma montanha que encheu a terra toda.

Daniel revela o significado do sonho (Daniel 2:36-39)

2.36: “Este é o sonho; também a interpretação dele di¬remos na presença do rei”.

O profeta Daniel, em primeiro lugar, com pormenores, reproduz o sonho da terrível estátua vista pelo rei, em for¬ma humana. Foi uma verdadeira reconstituição do sonho esquecido. Ao dar a introdução do sonho, a mente do mo¬narca Nabucodonosor, partindo do subconsciente para o consciente, pausadamente, vai aprovando cada palavra de Deus revelada a Daniel. O presente texto, nos revela o pon¬to final na reconstituição daquele segredo, e a seguir o pro¬feta Daniel, promete ao monarca que fará a sua interpreta¬ção ali mesmo, na sua presença. Diante disso, vemos neste episódio um duplo milagre de Deus: 1) Revelar a Daniel o sonho esquecido.
2) Fazer conhecer a sua interpretação fielmente.

2.37: “Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus do Céu te tem dado o reino, o poder, e a força, e a majestade”.

"... rei de reis”. Em Apocalipse ocorre também esta ex¬pressão, mas de forma singular. Em ambos os casos este título é aplicado à pessoa de Cristo em sua parousia com poder e grande glória no ano 70 dC, e concomitantemente, relacionado com a batalha do Armagedom. (Ver Ap 17.14; 19.16). A particularidade vista ali é muito significa¬tiva: Nabucodonosor é chamado no texto em foco de “rei de reis” (Edição Revista e Corrigida), ao passo que Jesus nosso Senhor, é chamado de “Rei dos reis, e Senhor dos se¬nhores”. A pessoa do Pai também em foco no Novo Testa¬mento com este título (1 Tm 6.15). O poder de Nabucodo¬nosor era relativo, e estava sujeito ao tempo e ao espaço. O de Cristo, porém, é absoluto e eterno.

2.38: “E onde quer que habitem filhos de homens, ani¬mais do campo, e aves do céu, ele os entregou na tua mão, e fez que dominasse sobre todos eles; tu és a cabeça de ou¬ro”.

O primeiro reino mundial babilônico foi um reino áureo. Ele foi realmente, comparado nas composições mais preciosas, como: o ouro, rei dos metais; o leão, rei dos animais; e, a águia, a rainha das alturas.

2.39: “E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de metal, o qual terá domínio sobre a terra”.

Tudo que fora predito neste sonho foi realmente com¬provado pela História Universal. O primeiro reino (o babi¬lônico) foi de fato o mais ilustre em todos os aspectos (me¬nos em extensão geográfica), pois nesse sentido, o maior de todos foi o império Greco-Macedônio. Isso pode ser visto na própria extensão que existe entre o ventre e as coxas da terrível imagem. Essa extensão é maior que a cabeça. O reino em seguida foi representado pela prata, metal infe¬rior ao ouro. O terceiro reino foi representado pelo cobre, metal inferior à prata. Em linhas gerais: o primeiro é o Im¬pério Babilônico. O segundo o Império Medo-Persa. O ter¬ceiro o Império Greco-Macedônio. Todos eles cresceram

apontando para baixo. Assim também era o curso daquela era (a era da Antiga Aliança). A imagem espantosa do sonho de Nabucodonosor, com a sua deterioração dos metais em qualidade e força, é uma descrição da degeneração da dos homens em direção os últimos dias de Israel e ao fim da era judaica (70 dC), até que é chegado o reino de Deus e a era messiânica, onde os santos herdam o reino (Dn 7:21-22) e o possuem para todo sempre e a partir daí o evangelho avança e conquista todas as nações, até que todas estejam submetidas a Cristo.

Em resumo, a grande estátua do sonho do rei foi composta de quatro partes principais. Daniel as identifica como quatro reinos, começando com a própria Babilônia (a cabeça de ouro).

Depois da Babilônia, teria uma sucessão de mais três reinos humanos. O próximo reino seria inferior à Babilônia, e foi representado pelo peito e os braços de prata.

O terceiro seria maior, exercendo domínio "sobre toda a terra".

O mais forte dos quatro reinos seria o quatro, feito de ferro. Mas a mistura de barro mostra um reino dividido, com um lado frágil. Este reino seria esmiuçado pela grande pedra.

Outro reino, inferior ao teu. Isso se refere aos medos e persas.

Um terceiro reino, de bronze. Isso se refere à conquista do mundo por Alexandre o Grande.

2.40: "E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrantará".

"... o quarto reino..." Todos sabem a que essa profecia se refere. E Roma. Lembremos sempre da imagem colossal que começou como um gigantesco e esplêndido colosso, mas que terminará como um montão de pó que o vento le-vará, em contraste com a pedra que começou como

uma pequena coisa cortada do monte, mas, sendo divina, en¬cheu toda a terra para sempre.

Daniel revela o significado do sonho (Daniel 2:40-45)

2.41: “E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firme¬za do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo”.

"Ferro misturado com barro." Isso se refere ao poder militar do Império Romano, que causou uma união forçada com a Judeia e Samaria e como veremos com mais detalhes, esta unificação de Israel e Roma significada pela mistura de ferro e barro também é simbolizada em Apocalipse 17, que aponta para o caso adultério entre Jerusalém e Roma.

2.42: “E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil”.

Os dedos dos pés vistos na estátua como sendo de “ferro e barro”, estavam em alinhamento, como em alinha¬mento estavam os dez chifres da fera terrível descrita no capítulo 7.7-20, do livro; São eles os dez governantes escatológicos que farão com o Anticristo, o homem do pecado, uma coligação, sob seu gover¬no (Dn 7.24).

2.43: “Quanto ao que viste do ferro misturado com bar¬ro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro”.

“... misturar-se-ão com semente humana”. O presente texto pode ser interpretado de várias maneiras; mas a últi¬ma, se coaduna muito bem com o argumento principal.
1) Os judeus no tempo do Império Romano que foram misturados com o poder militar de ferro do Império, mas não ficaram plenamente sob o domínio de César.

2) O presente versículo tem em seu conteúdo, um caráter escatológico, e, como tal, aponta para o "tempo do fim", isto é, para os dias sombrios da Grande Tribulação (67-70 dC), em que o mundo terá como líder, o chifre pequeno, o homem do pecado, "o filho da perdição". Seu governo "será segundo a eficácia (energia interna, ou operação interna) de Satanás, com poder, e si¬nais e prodígios da mentira, e com o engano da injustiça". Mesmo assim, o seu governo será desenvolvido também por agentes humanos. Portanto, a frase: "misturar-se-ão com semente humana" do texto em foco, pode ter esse sen¬tido.

2.44: "Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu levanta¬rá um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre".

O reino de Deus está em foco no presente versículo. Ele foi estabelecido para sempre com poder e grande glória. O reino de Deus, atualmente, já foi estabelecido por Cris¬to (Lc 17.21; Rm 14.17). O Milênio que, de um certo modo, representa tam¬bém "O Reino dos Céus", é a esfera primordial do "Rei¬no de Deus". Este reino jamais será destruído ou modifica¬do em da maneira de ser. O reino de Deus é univer¬sal, incluindo todas as criaturas sujeitas à vontade de Deus, sejam os anjos, a igreja, ou impios (Lc 13.28, 29; Hb 12.22, 23), é messiânico, meridional e davídico, e tem como alvo o submeter todas as nações da terra ao senhorio de Cristo (Mt 3.2; 1 Co 15.24, 25).

A parte mais importante da interpretação começa no versículo 44. A pedra representa o reino eterno de Deus. Ela não surge da terra; é cortada de um monte e desce para esmagar os reinos humanos. Diferente dos reinos dos homens que levantam e caem, este reino seria eterno e superior a qualquer império humano. Um detalhe que devemos observar é a profecia sobre a época na qual o reino de Deus seria estabelecido.

Deus permitiu que Daniel olhasse para o futuro para afirmar que Deus ia fundar os seu reino "nos dias destes reis", ou seja, durante o quarto império. Numa profecia feita 600 anos antes do nascimento de Jesus,

Deus falou para os homens o tempo aproximado do estabelecimento do reino messiânico.

E nos dias desses reis. Simplificando, nos dias do Império Romano. Naquele tempo, o reino de Deus seria trazido à Terra por Jesus Cristo, e nunca seria destruído, mas guerrearia contra os reinos deste mundo e eles se tornariam parte do reino de Deus e do Seu Cristo (Ap. 11:15).

A questão respondida por esse versículo é quando Deus levantará um reino sobre a Terra. Ele levantará o Seu reino "nos dias desses reis".

Durante o reino do imperador romano César Augusto, nasceu na cidade de Belém "o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lucas 2:1,11).

Trinta anos depois, ele saiu pregando que o "reino dos céus" estava próximo, e que este reino chegaria com poder naquela geração:

"O Reino dos céus está próximo." (Mateus 3:2)

"O reino dos céus está próximo." (Mat. 10:07)

"Há algumas pessoas que estão aqui que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem vindo em seu reino." (Mateus 16:28;.. Cf. Mc 9:01;. Lc 9:27)

"Esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam." (Mat. 24:34)

"A partir de agora, vocês [Caifás, os príncipes dos sacerdotes, os escribas, os anciãos, todo o Sinédrio] verão o Filho do Homem sentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu." (Mateus 26:64;. Mc 14:62;. Lc 22:69)

"O reino de Deus está próximo." (Mc 1:15)

"Esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam." (Mc 13:30)

"O reino de Deus está próximo a você." (Lc 10:09)

"O reino de Deus está próximo." (Lc 10:11)

"Esta geração não passará até que todas as coisas acontecem." (Lc 21:32)

Depois de sua morte e ressurreição, Jesus mandou que os apóstolos aguardassem em Jerusalém para iniciar o seu trabalho importante na expansão do reino (Atos 1:6-8).

Com a vinda do Espírito Santo sobre eles em Atos 2, começaram a pregar a boa nova do reino de Cristo. Rapidamente, a palavra foi divulgada aos judeus e gentios, e o reino cresceu por todos os lados.

Desde aquela época, pessoas obedientes à palavra de Cristo vêm sendo libertadas do império das trevas e transportadas para o reino do Filho de Deus (Colossenses 1:13).

Os servos do Senhor recebem “um reino inabalável” (Hebreus 12:28).

O reino de Cristo não é carnal, e as armas usadas por seus soldados não são carnais (2 Coríntios 10:3-6).

O domínio de Jesus é universal e absoluto. Ele recebeu “toda a autoridade ... no céu e na terra” (Mateus 28:18-20). Jesus é “o Soberano dos reis da terra” (Apocalipse 1:5).

O mundo inteiro será julgado por ele e, por este motivo, deve se arrepender e servi-lo
(Atos 17:30-31).

Aconteceria exatamente como Daniel explicou para Nabucodonosor mais de 600 anos antes!

“Nos dias destes reis [romanos], o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído...” (Daniel 2:44).

O prometido reino de Jesus não seria igual aos reinos humanos, pois não é daqui (João 18:36).

2.45: “Da maneira como viste, que do monte foi corta¬da uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disto; e certo é o sonho, e fiel a sua inter-pretação”.

O leitor deve observar que todos os versículos que abrem espaço para a reconstituição do sonho e sua inter¬pretação, alguns sugerem que este sonho descreve, de um modo particular, “o tempo os gentios”, e para isso temos duas possíveis interpretações:

1)Este período denominado “O tempo dos gen¬tios”, refere-se ao longo período que começou com o cati¬veiro babilônico sobre Judá no tempo de Nabucodonosor, e que terminará com a destruição do poder espiritual por trás do poder político gentílico, pela pedra “cortada sem mão” (Dn

2.34, etc), isto é, pela vinda gloriosa do Senhor (Ap 19.11-21), e durante o qual Jerusalém estará sujeita ao domínio gentílico. (Ver Lc 21.24). Esse tempo dos gentios é analisado do ponto de vista espiritual e político.

2)Outros sugerem que o período dos gentios é o período dos 42 meses que Jerusalém seria pisada pelos gentios (romanos) durante a guerra judica romana (67-70 dC).

Uma pedra, sem auxílio de mãos. Isso não se refere ao retorno físico de Jesus no último dia, como muitos futuristas têm imaginado. Mas é declarado de forma clara que a pedra é o reino de Deus. Esse reino apareceu nos dias do Império Romano com o nascimento de Cristo, e veio com poder na parousia no ano 70 d.C.

2.46: "Então o rei Nabucodonosor caiu sobre o seu ros¬to, e adorou a Daniel, e ordenou que lhe fizessem oferta de manjares e perfumes suaves".

O presente texto mostra a grande admiração do poderoso monarca. Adorou a Daniel como se fosse ao próprio Deus; Daniel, porém, não se exaltou com aqui¬lo. Ele bem sabia e entendia perfeitamente que toda a gló¬ria e toda a honra só pertencem a Deus. Nabucodonosor o adorou porque não conhecia ainda aquele que era e é mais sábio que Daniel; e perdoou-lhe aquele gesto. Fora do campo da ignorância, toda e qualquer adoração que se faz a outro ser é abominação aos olhos de Deus. A Bíblia nos adverte veementemente: "Só ao Senhor teu Deus adora¬rás, e só a ele servirás" (Mt 4.10).

2.47: "Respondeu o rei a Daniel, e disse: Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo".

O rei babilônico, durante sua vida, falou muito de si mesmo e em si mesmo, mas naquele momento foi tomado pelo Espírito de Deus, e reconheceu o Deus hebreu como sendo "O Senhor". (Ver 1 Co 12.13).

Esse reconhecimento do rei teve seu caráter tríplice: 1) O Pai: “Deus dos deuses”. 2) O Fi¬lho: “Senhor dos reis”. 3) O Espírito Santo: “O Revelador dos segredos”.

2.48: “Então o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu mui¬tos e grande dons, e o pôs por governador de toda a provín¬cia de Babilônia, como também por principal governador de todos os sábios de Babilônia”.

Os acontecimentos narrados aqui, da vida de Daniel, nos fazem lembrar do que diz o salmista Davi, no Salmo 113.5-8: “Quem é como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas; que se curva para ver o que está nos céus e na terra; que do pó levanta o pequeno, e do monturo ergue o necessitado, para fazê-lo assentar-se com os príncipes, sim, com os príncipes do seu povo”. Todas essas palavras se cumpriram na vida de Daniel! Ele era apenas um pobre escravo quando ali chegou; José, no Egito, era apenas um prisioneiro; ambos, porém, souberam humilhar-se debaixo da potente mão de Deus, e, no devido tempo, foram exalta¬dos (1 Pe 5.6). Davi, o pequeno pastor, chegou à corte de Saul, apenas como um humilde cantor e músico; terminou sendo rei daquela nação.
2.49: “Expediu Daniel ao rei, e constituiu ele sobre os ne¬gócios da província de Babilônia a Sadraque, Mesaque e Abdenego, mas Daniel estava às portas do rei”.

Daniel foi um homem exaltado por Deus, tanto na vida espiritual como na secular. Entretanto, ele não foi levado pelo sentimento indiferente do copeiro-mor do monarca Faraó, que, após ser abençoado, esqueceu-se de José (Gn 40.14, 23). Daniel seguiu o verdadeiro exemplo de Jesus, o divino Mestre, lembrando-se de seus companheiros quando entrou no reino (Lc 23.42-43).

A queda da imagem humana no estabelecimento do Reino de Deus

O segundo capítulo de Daniel define as bases para o pleno estabelecimento do reino de Deus. Este capítulo é como um esqueleto; a descrição dada aqui dos quatro reinos e então o estabelecimento do reino de Deus é bastante geral. Daniel 7 vai colocar carne sobre este esqueleto,

pois proporciona mais detalhes sobre estes quatro reinos (especialmente o quarto) e o momento da vinda do reino de Deus. Além disso, vou rever alguns dos pontos a respeito do reino que eu já discutimos.

Daniel 2 apresenta-nos uma imagem humana espetacular que o rei Nabucodonosor tinha visto em sonho. A cabeça foi feito de ouro fino, o peito e os braços de prata. A barriga e coxas eram feitas de bronze, e as pernas eram feitas de ferro, com os pés sendo parte de ferro e em parte de barro. Como Nabucodonosor estava assistindo a imagem em seu sonho, um corte de pedra "sem mãos" feriu a estátua nos seus pés e toda a estátua desmoronou. A pedra, em seguida, tornou-se uma grande montanha que encheu toda a terra (vv. 31-35). Daniel interpretou isso como significando Deus estabelecerá um reino que jamais será destruído "nos dias destes reis" (vv. 44-45).

A imagem do mundo tornando-se uma montanha fala do pleno estabelecimento do reino de Deus. As montanhas são lugares altos; são locais que, de uma perspectiva humana, estão mais perto do céu do que altitudes mais baixas. Montanhas eram, portanto, muitas vezes locais de culto, tanto do verdadeiro culto (por exemplo, Ex. 19:16-24; Mt. 17:1-3; Jo 4:19-24) quanto do falso culto (por exemplo, Dt 12:1-5 ; Is 65:7).. A imagem do estabelecimento de uma montanha é usado em outras partes do AT para retratar o pleno estabelecimento do reino de Deus. Isto não é para ser tomado literalmente, mas usa o conceito de elevação física como um símbolo de proeminência e proximidade de Deus.

Mas nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e a ele afluirão os povos. E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.
Miquéias 4:1,2 (cf. Is 2:1-3)

Zacarias 14 mostra de modo semelhante uma posição elevada para Jerusalém no dia do Senhor:

Toda a terra em redor se tornará em planície, desde Geba até Rimom, ao sul de Jerusalém, e ela será exaltada, e habitada no seu lugar, desde a porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta, até à porta da esquina, e desde a torre de Hananeel até aos lagares do rei.
E habitarão nela, e não haverá mais destruição [maldição], porque Jerusalém habitará segura.
Zacarias 14:10,11

Dentro Apocalipse nos mostra que a "Jerusalém do alto" é a Nova Jerusalém. A Nova Jerusalém não é uma cidade literal, mas uma imagem da noiva de Cristo; ela é encontrada em "um grande e alto monte" (Ap 21: 9-10; cf. Hb 12: 18-29). A cena em Daniel 2 de todo o mundo se tornando uma montanha fala de todo o mundo tornando-se o reino de Deus em 70 dC (cf. Apocalipse 11:15-18). Obviamente, a terra não literalmente se transformou em uma gigante montanha naquele tempo, nem vai ser no futuro. Esta ideia do mundo tornando-se o reino de Deus é mostrada em Apocalipse 21:1-2 na forma do desaparecimento do mar e toda a terra tornar-se Terra Santa neste momento. Estas imagens de mudanças geográficas amplas não são para ser tomado literalmente mas nos falam do pleno estabelecimento do reino de Deus. Assim nos é dito em Daniel 2:44 que a pedra se transformando em uma montanha que enche a terra significava que Deus neste momento "estabelecerá um reino que jamais será destruído." Isso será visto em Daniel 7 (que se assemelha Daniel 2), onde diz nada sobre o mundo tornando-se uma montanha, mas sim mostra o povo de Deus recebendo o domínio espiritual de toda a terra neste momento (Dn. 7:27).

Os Quatro Impérios

Em Daniel 2 a interpretação do sonho de Nabucodonosor nos informa que Nabucodonosor e o Império Babilônico é a cabeça de ouro (Dn. 2:38). Depois que iria surgir um reino inferior para a Babilônia (o peito e os braços de prata). Este representava o Império Medo-Persa (cf. Dn. 8:20). Após a Medo-Pérsia, um terceiro reino (a barriga e as coxas de bronze) surgiria, representando o império grego (cf. Dn. 8:21).

Finalmente, haveria um quarto reino, forte como ferro, mas partes dele frágeis e quebradiços (os pés e os dedos sendo em parte de ferro e em parte de barro). Este representava o Império Romano. Mickelsen concorda:

Daniel narrou o sonho e seu significado, explicando que Nabucodonosor e Babilônia foram a cabeça, assim, o ouro representou o império babilônico (2: 36-38). A prata representava um reino que iria imediatamente após a Babilônia (2:39a), que sabemos que foi Medo-Pérsia governado por Ciro, o Grande, que assumiu quando Babilônia caiu. O terceiro metal, de bronze (2:39b), representa Grécia. (Daniel 8 fala sobre um carneiro e um bode que representam, respectivamente, os reis da Média-Pérsia e o rei da Grécia [8: 20-21].) As pernas de ferro e os pés de ferro e de barro representam um quarto Império mundial. Depois da Grécia, nenhum império mundial subiu até Roma, de modo que o ferro e mistura de ferro e argila, provavelmente, referem-se a Roma (2: 40-43).

Daniel 7 irá fornecer informações adicionais sobre estes quatro reinos, apoiando nossa proposta de que elas representam Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Observe que aqueles que dizem que o quarto reino é alguma forma do Império Grego são forçados a concluir que o livro de Daniel ensina erroneamente que o reino de Deus seria totalmente estabelecida no século II aC (Dan 2: 40-44; cf. Dn 7:17-27). Isso não se alinha com o ensinamento do NT sobre o momento da vinda do Reino de Deus. O NT ensina que o reino de Deus estava sendo estabelecido no primeiro século (cf. Mt 6:10, 21:33-43; Mc 8:38-9:1, etc.). Isso seria nos dias dos dez reis do quarto império (Roma) que Deus estabelecerá um reino que jamais seriam destruído ou derrubado (Dn 7:23-27; cf. Ap 11:15-18). Este é um reino espiritual (João 18:36) que iria assumir a autoridade de todos os outros reinos e ficar para sempre.

"Nos dias desses reis”

A pedra cortada sem mãos golpeia a imagem de Nabucodonosor em seus pés. Assim, de acordo com uma interpretação direta da linha do tempo em Daniel 2, o estabelecimento do Reino de Deus (a vinda da pedra divina que destrói a imagem, Dn 2:34; (cf. Mt 21:42-44) deveria acontecer durante o reino dos primeiros dez reis de Roma (correspondentes aos implícitos dez dedos da estátua). Não nos é dito especificamente que a imagem humana em Daniel 2 tem dez dedos, mas quando Daniel 7 retoma o tema do quarto reino é retratado como uma besta com dez chifres que são ditas para representar dez reis.

E, quanto aos dez chifres [da quarta besta], daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo. Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.
Daniel 7:24-27

Daniel 7 mostra que seria de fato nos dias dos dez reis do quarto império (no momento em que iria surgir um pequeno chifre, o décimo primeiro) que Deus estabeleceu seu reino. Diante disso, é seguro concluir que dez dedos do pé / governantes estão em exibição em Daniel 2. Minha posição sustenta que o pleno estabelecimento do reino de Deus ocorreu em 70 dC (Mt 16:27-28.; Cf . Dn. 7:21-22) no início do reinado de Vespasiano (69-79 AD), o décimo César de Roma.

Futuristas reivindicam que os dez reis aqui devem governar simultaneamente, e não sucessivamente. Se for verdade, o fato de que os dedos do pé são ditos uma mistura de ferro e barro podemos inferir um significado gentil (metal) e israelita (terra) para Esses dez dedos, da porção de ferro, podem representar os líderes das dez coligações auxiliares despachados com Tito e Vespasiano para conquistar Israel, e a

porção de barro desses dez dedos que não permaneceram unidos com o ferro em Daniel 2:43 também representa os dez líderes zelotes que se revoltaram contra Roma no início da revolta judaica. Alguns sustentam que o componente de barro desses dez dedos representam as dez tribos perdidas de Israel e o componente de ferro desses dez dedos representam as dez províncias do império romano no primeiro século.

Futuristas muitas vezes apontam para o fato de que Daniel 7:7-8 mostra três dos dez reis sendo removidos, para o que parece ser ao mesmo tempo como prova de que os dez governantes devem ter governado ao mesmo tempo. Os três chifres que são removidos, no entanto, pode ser facilmente explicado pelos três imperadores sucessivos que foram mortos entre 68-69 dC (Galba, Oto, e Vitélio). Estes são os três Césars que Vespasiano e Tito derrubaram ao longo de sua busca para assumir o Império Romano em 69 dC (o ano de quatro imperadores). Deve-se notar que, em 2 Esdras os governantes do quarto império de Daniel está explicitamente dito ser sucessivo, que reinaria "um após o outro" (2 Esdras 12:14).

A teoria popular nos anos 1970 e 80, que os dez reis aqui seria cumprido no Mercado Comum tem há muito tempo evaporado. O Mercado Comum se tornou a União Europeia que mas isso não dissuadiu os futuristas; eles ainda se agarram à falsa ideia de que haverá alguma forma de um Império Romano que tem dez reis, os que abandonaram essa visão, acreditam que o Islã é quem vai cumprir esses requisitos .

A razão pela qual a interpretação direta da linha do tempo dado aqui é geralmente ignorada é porque coloca a parousia de Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus (cf. Dn. 7: 21-22), no primeiro século no ano 70 dC, durante o reinado de Vespasiano (69-79 dC). Outra razão porque esta interpretação é esquecida é porque o Império Romano, obviamente, não caiu neste momento. A queda do Império Romano não é o que Daniel 2 está descrevendo. A pedra que bate na imagem de Nabucodonosor em seus pés não está mostrando a queda de Roma, ao contrário, está mostrando a queda dos governantes demoníacos que

trabalharam através do primeiro de dez Césares de Roma (Julio - Vespasiano).

Este era o tempo do fim do governo de Satanás nos reinos dos homens, assim, toda a estátua em Daniel 2 entra em colapso de uma só vez (Rm. 16:20). Como Jesus ensinou, no entanto, esta vinda do reino não seria um evento diretamente observáveis (Lucas 17:20).

Os capítulos subsequentes de Daniel confirmam este tempo da chegada do reino de Deus no ano 70 dC. Ela iria acontecer no momento em que Templo judeu e a nação de Israel foram destruídos pelo povo do príncipe para vir (Dn 9:26-27;. cf. 12:7). Este príncipe foi Tito, o pequeno e décimo primeiro chifre; ele teria um reinado de três ano e meio de terror (67-70 dC) pouco antes dos santos possuírem/herdarem o reino (Dn 7:19-27; cf. 12:1-7). Se alguém permite que os textos de tempo da profecia bíblica falem por si mesmos, eles apontam consistentemente para 70 dC como o tempo do pleno estabelecimento do reino de Deus. Aqueles que ainda estão à espera para o pleno estabelecimento do reino de Deus são forçados a assumir a posição de que o quarto império de Daniel (o Império Romano) ainda é o império mundial reinante, e eles ainda estão esperando pelo reino de Deus para destruir o quarto império.

Os Dez reis do Quarto Império

O primeiro problema encontrado na identificação dos dez reis do quarto império é por onde começar a contagem. A maioria dos historiadores modernos argumentam que Julio César era um ditador não um imperador. Devido a isso, eles começam a contar imperadores não com Julio César, mas com o seu sucessor, César Augusto. A distinção entre Julio César ser um ditador, em vez de um imperador é mais um fenômeno moderno; a maioria dos escritores em tempos romanos não fizeram essa distinção. Josefo (37-101 dC), em suas Antiguidades dos Judeus, refere a Augusto como o "segundo imperador" e Tibério como o terceiro, contando, assim, Julo César como o primeiro imperador. O historiador romano Suetônio (c. 70-160 dC), em sua famosa obra O

Doze Césares, começou sua numeração dos primeiros doze Césares de Roma com Júlio.

O autor de 2 Esdras, escrevendo no final do primeiro século, também começou sua contagem dos Cesares com Julio. Sua besta (uma águia, um símbolo óbvio de Roma) tinha doze asas (2 Esd. 11:1-17) correspondentes aos mesmos doze Césares de Roma (Julius-Domiciano) sobre o qual Suetônio escreveu no The Twelve Caesars. segundo rei deste animal era "manter o domínio por mais tempo do que qualquer outro um dos doze" (2 Esd. 12: 14-15). Este segundo rei, Augusto, que teve de longe a regra mais longo da primeira doze Césares. Assim, o autor de 2 Esdras contou Julio como o primeiro rei.

Desde que sustentemos que Daniel e Apocalipse estão em última análise, revelando governantes espirituais, a distinção de Julio César ser um ditador em oposição a um imperador é discutível a nossa posição.

Começamos com Julio César na contagem dos reis do quarto reino de Daniel e a besta do Apocalipse (Ap 17:10-1) porque ele funciona de forma consistente em ambos os livros. Mas lembre-se que, finalmente, estes são os governantes espirituais sendo revelado aqui, não apenas os governantes físicos. Portanto, é mais correto dizer que o primeiro rei demoníaco do quarto império de Daniel trabalhou com Julio César.

Os dez dedos dos pés da imagem de Nabucodonosor representam os governantes espirituais que trabalharam durante os primeiros dez Caesars de Roma:

1. Julius César (49-44 aC)
2. Augusto (31 aC- 4 dC)
3. Tibério (14-37 dC)
4. Gaio (Calígula) (37-41 dC)
5. Cláudio (41-54 dC)
6. Nero (54-68 dC)
7. Galba (68-69 dC)
8. Otho (69 dC)

9. Vitélio (69 dC)
10 Vespasiano (69-79 dC)

Mais uma vez, Vespasiano seria o imperador reinante em 70 dC, quando Deus totalmente configurou seu reino no reino terrestre. Mesmo que Daniel 7 mostre que o décimo primeiro chifre / governante que seria o foco do poder neste momento (o filho de Vespasiano Tito, que mais tarde se tornaria a décima primeira César), lembre-se que Daniel 2 está representando o sonho de Nabucodonosor. Sonhos são específicos para o sonhador (mesmo aqueles dado por Deus). Nabucodonosor, sendo um rei, estaria mais interessado em saber quem era o monarca no momento em que Deus estabeleceu seu reino!

O Fim do Mundo?

O segundo capítulo de Daniel não é uma profecia do fim do mundo; pelo contrário, é uma profecia do fim do domínio de Satanás entre os reinos dos homens e o estabelecimento do reino de Deus. Como a maioria dos escritos apocalípticos na Bíblia, Daniel está revelando o reino invisível e espiritual. Assim, o colapso da imagem de Nabucodonosor em Daniel 2: 34-35 não retrata o colapso do Império Romano (ou qualquer império físico), mas sim o colapso dos poderes demoníacos por trás da Babilônia, Medo-Persa, Grécia e o império romano pré-70 dC. É por isso que todos os elementos da imagem são esmagados, ao mesmo tempo. Quando Satanás tentou Jesus, ele disse-lhe que a autoridade dos reinos do mundo tinha sido dado a ele. Jesus não contestou o diabo sobre este ponto:

E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero.
Lucas 4:5,6 (cf. Ap 13:1-4)

Jesus derrotou completamente Satanás na cruz e adquiriu "toda a autoridade... no céu e na terra" naquele tempo (Mt 28:18; cf. Hb 2:14; Cl 2:13-15). No entanto, mesmo que Satanás tivesse sido derrotado na cruz,

a vitória completa de Jesus não foi totalmente cumprida naquele momento. Assim, Satanás seria foi expulso do céu (Ap 12:1-12), e ainda teria um "tempo curto" (Ap. 12:12) livre na terra. Este curto período de tempo seria até o final de "um tempo, tempos e metade de um tempo" (v. 14), isto é, até que a quebra da nação judaica (cf. Dn. 12:7). Isso explica por que, em meados nos anos 50, Paulo ensinou que Satanás ainda era "o deus deste século" (2 Cor. 4:4); porém o governo de Satanás não estaria livre por tanto tempo (cf. Rm. 16:20). A luta que os cristãos estavam enfrentando nos dias de Paulo era contra "os príncipes das trevas deste século" (Ef. 6:12). Esses governantes espirituais logo chegaria a nada (1 Co. 2:6); isto é o que Daniel 2 está mostrando.

João (c. 60-65) nos diz que, embora fosse verdade que Jesus tinha destruído as obras do diabo na cruz (1 Jo 3:8), o "mundo inteiro" ainda estava sob a influência de Satanás (1 Jo 5:19). Da mesma forma, quando Pedro (nos anos 60 dC) disse que o fim de todas as coisas estava próximo (1 Pe 4:7), ele não estava falando do fim do mundo físico; ele quis dizer que o fim da antiga aliança e o estabelecimento do Reino de Deus estavam perto. Isto é o que Daniel 2 representa, ou seja, a derrubada de todo o poder espiritual pelo estabelecimento cheio de Reino de Deus. Este evento é descrito mais completamente em Daniel 7 (vv. 7-12 e 21-27). Apocalipse 11:15-18 mostra o fim do governo de Satanás nos reinos dos homens no ano 70 dC.

O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve altas vozes no céu que diziam: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre". Os vinte e quatro anciãos que estavam assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: "Graças te damos, Senhor Deus todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar. As nações se iraram; e chegou a tua ira. Chegou o tempo de julgares os mortos e de recompensares os teus servos, os profetas, os teus santos e os que temem o teu nome, tanto pequenos como grandes, e de destruir os que destroem a terra".
Apocalipse 11:15-18 NVI

A NVI dá uma melhor tradução de Apocalipse 11:15 que a ARA, que usa os reinos plurais. Era o reino deste mundo (Satanás tinha autoridade de príncipe antes de 70 dC), que tornou-se o reino de Deus neste momento. Note-se que a frase "destruir aqueles que destroem a terra" (v. 18) é melhor traduzida como "destruir aqueles que destroem (ou seja, ruína em um sentido moral) da Terra." A palavra grega gemuitas vezes é melhor traduzida como "terra" (ou seja, a terra de Israel) em Apocalipse, em vez de "mundo". A autoridade do reino deste mundo que Satanás perdeu para Jesus na cruz foi totalmente implementado em 70 dC, foi quando Deus exerceu sua grande autoridade. Este colapso do governo de Satanás nos reinos do homem é mostrado na forma do colapso da imagem de Nabucodonosor em Daniel 2 (vv. 34-35,

Pode parecer difícil de acreditar que o reino de Deus interveio na história em 70 dC, mas é consistente com o que Jesus ensinou sobre a vinda do reino: "Em verdade vos digo que há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus presente com poder"(Marcos 9:1). A passagem paralela em Mateus diz o seguinte:

Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que, há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem no seu reino.
Mateus 16:27-28

Jesus estava dizendo que alguns de seus ouvintes ainda estaria vivo quando o reino veio com poder em sua parousia (cf. Mt 24:29-34; Lc 19:11-27). Seria um evento espiritualmente significativo, mas não seria um evento observável (Lucas 17:20). Alguns tentar escapar das ramificações claras da declaração de Jesus sobre sua parousia em seu reino em Mateus 16: (. cf. Mt 17:1-10) 27-28, afirmando que se refere à transfiguração. Isso não faz nenhum sentido. Por que Jesus indicaria que apenas algumas pessias viveria para ver um evento (a transfiguração), que aconteceu seis dias depois? Jesus anjos certamente não são mostrados como estando presente em Jesus transfiguração. Além disso, observe que Jesus disse que retribuiria "a cada um segundo as suas

obras" no momento da sua vinda com os seus anjos (Mt. 16:27). Refere-se ao julgamento que iria acontecer na parousia do ano 70 dC, (cf. Dn 7:7-11, 21-26; Ap 22:10-12.), Não a transfiguração:

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. Todas as nações serão reunidas diante dele e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo.
Mateus 25:31-34

Minhas interpretação é que o reino de Deus foi totalmente em 70 dC, as afirmações de Jesus sobre o momento da vinda do reino se encaixam perfeitamente. Foi um evento suficientemente longe no futuro que apenas alguns de seu público mais jovem viveria para vê-lo. Na verdade, esta vinda do reino com poder aconteceria aproximadamente 40 anos (a geração) a partir de quando Jesus fez essas declarações (cf. Mt 24:15-34).

O Tribunal do Reino

Em Daniel 2:40-44, Daniel dá algumas especificidades do quarto reino, o que estaria no poder quando o reino de Deus interveio totalmente na história. Daniel 2:41 diz que este quarto reino seria "dividida". Edward J. Young afirma que "composto" é uma melhor tradução do aramaico aqui em vez de "dividida".

Composto. Esta palavra é traduzido geralmente dividido, como se o reino foram divididos em dois. Com base desta muitos estudiosos. . . referem-se aos sucessores de Alexandre, os Ptolomeus e os Selêucidas, enquanto outros encontrar a referência em alguma divisão do Império Romano, como o Oriente eo Ocidente. . . Buxtorf, no entanto, [Lexicon Chaldaicum Talmudicum et Rabbinicum, Basileae, MD XXXIX] justamente traduz, regnum diversum erit, ou seja, o reino será compósito

ou diversificada. A firmeza de ferro não caracteriza todo o reino. Apenas algumas das firmeza de ferro estará nele desde o ferro foi misturado com barro de lodo.

Daniel 7 dá mais suporte para o quarto império ser um reino composto em oposição a um império dividido; nesse capítulo o quarto império não é mostrado sendo dividido (Dn. 7:7-8, 19-25). Os pés e dedos dos pés da imagem eram parte de ferro e em parte de barro, assim, a sua natureza é compósita (vv. 41-42). O Império Romano foi composta na natureza, incorporando muitas diferentes nações e grupos étnicos. A maior parte era forte, mas partes dela era fraca ou frágil, muitas vezes tentando romper com o governo de ferro de Roma, o barro é uma representação de Israel.

Daniel 2:43 afirma que os governantes deste quarto reino iria "se misturar com a semente de homens." Esta frase incomum pode referir-se aos governantes demoníacos atrás dos primeiros dez Césares de Roma tentando consolidar e transmitir a sua energia por meio de laços familiares. Os primeiros imperadores certamente se encaixam nessa descrição; Passaram, pois seus reinados por meio de conexões familiares. Os primeiros seis Césares foram todos relacionados por sangue ou casamento; eles fizeram a dinastia Júlio-Claudiana. Ao longo destas linhas, foi relatado que Galba (o primeiro dos três imperadores de curta duração) queria adotar Tito como seu herdeiro (Suetônio, Os Doze Césares, Tito 5). Vespasiano e seus filhos Tito e Domiciano foram, naturalmente, ligados pelo sangue; eles fizeram a dinastia Fláviana.

A frase se misturar com a semente de homens pode implicar mais do que apenas fazer alianças através de laços familiares. Esta frase traz à mente a proibição em Levítico 19:19, onde diferentes tipos de sementes não eram para ser plantada em conjunto e diferentes raças de animais não eram para ser cruzaram. Esta afirmação estranha sobre os governantes do quarto animal tentando se misturar com a semente de homens pode indicar uma tentativa dos governantes demoníacos por trás de Roma pré-70 dC (representado pelo ferro) se misturar de alguma forma com os Jerusalém (representado pelo barro) para solidificar a sua potência, essa

mistura viria através do adultério espiritual entre Roma e Jerusalém e é apresentada em em Apocalipse 17. O que quer que esta tentativa demoníaca para solidificar o poder durante o quarto império implicou, ele acabaria por falhar como as duas naturezas pois não se uniriam.

A Vinda da Pedra

Daniel foi disse o seguinte sobre o reino de Deus nos dias dos dez reis do quarto império: "E nos dias desses reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que não será deixado para outras pessoas: deve quebrar em pedaços e consumirá todos estes reinos, e subsistirá para sempre"(Dn. 2:44). A grande pedra que esmaga a imagem humana em pedaços (Dn. 2:34-35) descreve o que o NT irá mostrar como o tempo da parousia de Jesus no ano 70 dC (cf. 2 Tm 4:1). A pedra a ser "cortada sem mãos" fala da origem divina do reino representado (e rei). Em Daniel 7:21-22 que é a vinda do próprio Deus que traz o reino para a terra (cf. Mt 21:33-44). Isso é mostrado em Apocalipse 19:11-20: 4, onde a parousia, a vinda da Palavra de Deus, estabelece o reino de Deus.

O fato de que a pedra é cortada sem mãos pode aludir ao fato de que o nascimento de Jesus não era o resultado do esforço humano. Ou seja, seu nascimento foi de origem divina, um nascimento virginal, sem intervenção humana (Mt 1:18-25). Seria sobre o fundamento desse Filho divino que seria estabelecido o reino de Deus (cf. Is. 9: 6-7). Também pode haver uma alusão à morte sacrificial de Jesus (cf. Dn 9:26.); uma pedra altar era semelhante não ser o resultado de obra humana (Ex. 20: 23-25).
O NT usa a imagem de uma pedra para representar Jesus em um número de lugares (Mc 12:10; Mt 21:42; Lc 20:17; Rm 9:33; 1 Pe. 2:6-8). Em Mateus, Jesus faz alusão a Daniel 2:44 e a pedra que esmaga a imagem de Nabucodonosor, aplicando-se a referência a si mesmo e a vinda do reino de Deus no ano 70 dC:

Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:A pedra, que os edificadores rejeitaram,essa foi posta por cabeça do ângulo;pelo Senhor foi feito isto,E é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o reino

de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E, quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.
Mateus 21:42-44

"Moer a pó" é uma alusão a tradução da Septuaginta de Daniel 2:44: "E nos dias daqueles reis o Deus do céu estabelecerá um reino que jamais será destruído... deve bater em pedaços e moer a pó todos os outros reinos...". Jesus está conectado-se com a pedra divina da declaração Daniel 2. Jesus nos diz sobre o momento em que o reino de Deus seria totalmente estabelecida é dada no contexto da parábola dos lavradores ímpios (Mt. 21:33-45). O reino iria ser tomado dos judeus (simbolizados pelos lavradores perversos que mataram o filho do proprietário da vinha, Mt. 21:38-39.; Cf. Is 5) e dado a um novo povo pactuado de Deus no momento em que ele veio e destruíu aqueles que tinham matado seu filho (vv 40-41.):

"Por isso eu digo a você, o reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos" (v 43; cf. 1 Pe. 2:9.). Isso mostra o verdadeiro povo de Deus receber o reino na destruição da nação judaica no ano 70 dC (cf. Dn 7:19-22; 12: 1-7.), O momento em que Deus destruiu aqueles que estavam destruindo a terra de Israel (Ap. 11:15-18; cf. 22:1-10).

A Vinda do Reino de Deus

As vezes eventos muito significativos ocorrem no reino espiritual com poucas ou nenhuma manifestações físicas. Por exemplo, o Apocalipse nos informa que Satanás seria lançado à terra (Ap 12:5-12). Há, naturalmente, nenhum registro histórico dessa ocorrência, nem devemos esperar que haja, era um evento espiritual. Portanto o reino de Deus poderia vir com força total no ano 70 dC sem o mundo estivesse ciente de que é possível, pois o reino de Deus é um reino espiritual. Como Jesus disse a Nicodemos: "... se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"(Jo 3:3-5.; cf. 2 Tm 4:18).

Jesus, ao falar com Pilatos sobre a natureza do reino, declarou: “O meu reino não é deste mundo; Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”(Jo 18:36). Jesus continuamente usou parábolas para transmitir a verdade deste reino espiritual: “O que é o reino de Deus? E a que eu vou compará-lo?”(Lc 13:18). Paulo também ensinou que o reino de Deus é espiritual: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17). Os benefícios do reino de Deus não são os de um reino físico (ou seja, carne e bebida) mas aqueles de um reino espiritual (o fruto do Espírito;. Cf. Gl 5,22). Em 1 Coríntios 15:50, Paulo enfatiza ainda mais a natureza espiritual do reino de Deus quando escreve que a carne e o sangue não podem herdar o reino.

Porque o reino de Deus é de natureza espiritual, a sua vinda não seria observável. Como Jesus disse: “O reino de Deus não vem com sinais a serem observados; Nem dirão: 'Olha, aqui está!' ou, 'Aqui está!' Pois eis que o reino de Deus está no meio de vós”(Lc 17:20-21). Jesus estava dizendo que o pleno estabelecimento do reino de Deus não seria um evento visível. Para tornar este ponto, ele informou sua audiência que, com sua presença, o reino de Deus já estava no meio deles.

Quando a parousia de Jesus e a vinda do reino é mostrado no Apocalipse (Ap 19:11-20:4), João vê o “céu aberto” (v. 11). A imagem do céu que está sendo aberto é usado nas Escrituras para indicar uma vista especial para o reino invisível espiritual (cf. Jo 1:51). Por exemplo, quando Ezequiel viu o céu aberto, ele viu “visões de Deus” privadas (Ez 1:1; cf. Ap. 4:1-2). Quando Estevão viu o céu aberto que envolvia igualmente uma exibição particular para o reino celestial: “Olha! Eu vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à direita de Deus”(At 7:56). Esta foi uma revelação do reino espiritual; não foi uma exibição pública, os acusadores de Estevão não viu o que ele viu; se tivessem visto, não teriam o matado (Atos 7:57-60). João é também recebe uma revelação especial do reino celestial, quando a ele é mostrado a parousia de Cristo em Apocalipse 19:11-21.14.

O Reino de Deus estava sendo inaugurado nos dias de Jesus (Mt 4:17; 10:7; 11:12; Mc 1:15 etc.). No entanto, ele não viria com força total, até 70 dC (Lc 19:11-27; 21:31-32). Para resumir: Jesus disse que o pleno estabelecimento do reino de Deus na Terra não aconteceria em 30 dC, mas sim em sua parousia (cf. Lucas 19: 11-27). Isso seria em 70 dC, com a destruição daqueles que estavam destruindo a nação judaica (Ap 11:15-18). Este foi o tempo quando o reino foi tirado dos judeus e dado a o novo povo de Deus da nova aliança (Mt 21: 33-45.). A partir do momento da introdução do ministério de Jesus, o reino estava inaugurado e próximo (Mt 4:17); A sua intervenção com força total na terra, no entanto, não ocorreu até o ano 70 dC (Mc 8: 38-9:1; cf. Dn 7:21-27). Isso aconteceria durante a vida de algumas das pessoas que estavam ouvindo Jesus (cf. Mt 16:27-28; 25:31-34), durante o reinado de Vespasiano, o décimo César de Roma (Dn 2:42-44; 7:7-12).

No capítulo 7 teremos mais informações específicas sobre o momento do pleno estabelecimento do reino de Deus. O Capítulo 7 mostra o povo de Deus possuindo o reino logo após um governante, o chifre pequeno, o décimo primeiro chifre, fazendo guerra contra o povo de Daniel por três anos e meio (vv. 7-8, 21-27). Este pequeno chifre e décimo primeiro refere-se ao filho de Vespasiano, Tito, e sua campanha três anos e meio (67-70 dC) para destruir os judeus.

Os governantes sobrenaturais retratados em Daniel e Apocalipse

Os livros de Daniel e Apocalipse contêm o que são conhecidos como escritos apocalípticos. A palavra apocalíptico é retirado do apokalypsis palavra grega, que significa "para desvendar." Normalmente, presume-se que o que está sendo revelado em Daniel e Apocalipse é o futuro. Enquanto este é geralmente verdade, a inauguração principal dos escritos apocalípticos bíblicos é do reino espiritual. Ou seja, essas seções da Escritura desvendar o reino invisível do espírito, tornando-se visível por meio de símbolos. Assim, estes escritos mostram-nos o reino espiritual que está por trás do reino físico. Os governantes mostrados em Daniel e Apocalipse simplesmente não são governantes humanos, mas os governantes espirituais por trás dos governantes humanos. Compreender isto é crucial para compreender os reis e príncipes a quem os escritos apocalípticos bíblicos referem.

Em Apocalipse 17-18, vemos a besta lutando contra a prostituta e por fim a besta a queima com fogo (Apocalipse 18:8). Depois disso, a besta é destruída na vinda de Cristo. (Ap 19:11-21).

Isso geralmente é interpretado por preteristas como Roma (a besta, individualmente através de Tito) que destrói o Israel apostata (representado por Jerusalém). Isso é essencialmente correto, mas você percebe um problema flagrante aqui? Se a besta é Roma imperial (ou Tito, individualmente), como é que Roma ou Tito não foram destruídos em 70 dC? Claro que estamos lidando com uma linguagem apocalíptica, impérios físicos não podem ser jogados em um lago de fogo, que é chamado de segunda morte, o lago de fogo é um "lugar de juízo" para onde vão as pessoas que não estão escritas no livro da vida, e para onde também vão satanás e seus anjos. Também sabemos que Tito não morreu em 70 dC. O lago de fogo é a descrição simbólica da derrota total e destruição desses inimigos, Cesar F. Raymundo em seu comentário do Apocalipse dá a seguinte solução, que nos será útil:

Ao dizer que a besta e o falso profeta foram jogados vivos no lago de fogo, possivelmente João esteja fazendo uma alusão a Números 16.30-33 que fala sobre Datã e Abirão que foram engolidos pela terra e vivos desceram à sepultura. Sendo assim, a questão do lago de fogo na mente de João seria uma antecipação da condenação certeira da besta e do falso profeta (Israel).

Ser jogado vivo no lago de fogo é uma antecipação da situação dos condenados na eternidade. Eles ressuscitarão no fim e serão lançados com corpo e alma conforme Mateus 10.28: "E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo". (o grifo é meu)
Jesus ainda diz mais

E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia.

Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. João 6:39-40

Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia. João 12:48

Na ressurreição física do último dia, Deus dará corpos físicos a todos conforme lhe apraz. A diferença estará no tipo de corpo, pois os santos receberão corpos sobrenaturais glorificados e físicos aos mesmo tempo. A Escritura praticamente silencia sobre a natureza dos corpos dos perdidos. Os que forem condenados ressuscitarão e perecerão no inferno em corpo e alma.(Mt.10.28) É por isto que se diz que ali haverá choro e ranger de dentes, pois almas imateriais não possuem dentes.

Respondida a questão, será que é somente o julgamento antecipado daquela geração perversa, sendo retratado aqui? Será somente a queda simbólica de Jerusalém do império romano que está em cena aqui?

Ao começar a responder a esta pergunta, deixe-me fazer mais duas. A besta vem do abismo (Apocalipse 11:7; 17:8). Será que Roma ou qualquer de seus imperadores saíram do abismo? A besta é formada por oito reis (Apocalipse 17: 10-11). O Império Romano tinha apenas oito imperadores antes de ser destruído? É claro que essas descrições são simbólicas, e conseguimos olhar facilmente esses eventos históricos acontecendo na guerra judaica romana (66-70), porém, é somente uma descrição de eventos históricos que estão sendo retratados aqui? A resposta a estas perguntas é "Não".

Se os governantes que compõem a besta que é mostrada em Apocalipse 17-19 não são os governantes físicos e históricos de Roma, quem mais são? Neste artigo, argumentarei que os reis que compõem a besta do Apocalipse (e Daniel) não são apenas governantes físicos e históricos, mas governantes espirituais (cf. Dan 10:13). Eu argumentarei que o que foi destruído no lago de fogo (Apocalipse 19: 19-20, cf. Dan 7:11) em 70 dC não era o Império Romano (historicamente falando), mas a confederação dos governantes espirituais por atrás do Romano Império pré-70dC.

A maioria desses governantes que são mostrados em Daniel e Apocalipse são, em última instância, líderes espirituais.Os governantes mostrados em Daniel e Apocalipse simplesmente não são governantes humanos, mas os governantes espirituais por trás dos governantes humanos.

Em Efésios, Paulo enfatizou a realidade dos governantes espirituais que compõem o verdadeiro poder dos governantes terrenos: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais."(Efésios 6:12). Ladd teve os seguintes comentários sobre a

terminologia que Paulo usa para falar sobre esses governantes e autoridades espirituais:

Paulo se refere não apenas aos anjos bons e maus, a Satanás e aos demônios; Ele usa outro grupo de palavras para designar fileiras de espíritos angélicos. A terminologia é a seguinte:

"Principado" (archē), 1 Cor 15:24; Ef. 1:21; Cl. 2:10

"Principados" (archai , RSV, "principados"), Ef. 3:10 ; 6:12 ; Cl. 1:16; 2:15 ; ROM. 8:38

"Autoridade" (exousia), 1 Cor. 15:24; Ef. 1:21; Cl. 2:10

"Autoridades" (exousiai : RSV, "autoridades"), Ef. 3:10 ; 6:12 ; Cl. 1:16; 2:15

"Poder" (dynamis), 1 Cor. 15:24; Ef. 1:21

"Poderes" (dynameis), Rom 8:38

" Tronos " (thronoi), Cl. 1:16

"Senhorio" (kyriotēs ; RSV, "domínio"), Ef. 1:21

" Senhoras " (kyriotētes), Cl. 1:16

"Princípios mundiais desta escuridão", Ef. 6:12

"As hostes espirituais do mal nas regiões celestiais," Efésios 6:12

"A autoridade da escuridão", Cl. 1; 13

"Todo nome que se chama", Ef. 1:21

"Seres celestiais, terrestres e subterrâneos", Fp 2:10

Que esta terminologia designa seres sobrenaturais é bastante clara em Efésios 6:11s., Onde a luta do crente é contra o diabo e contra os principados, as autoridades, os governantes das trevas "deste século", as hostes espirituais da maldade. [George Eldon Ladd, A Teologia do Novo Testamento , Edição Revisada, Donald A. Hagner, Ed. (Grand Rapids: Eerdamns :, 1993, reimpresso 2002), 441.

O NT ensina que esses governantes espirituais estavam atuando no primeiro século (1 Co 2:6-8; 2 Co 4:4, cf. Rm 16:20). Enquanto Daniel e Apocalipse estão nos mostrando que esses governantes das trevas é que estão por trás dos impérios terrenos e geralmente fornecem informações suficientes para ajudar a identificar o governante humano que um determinado governante espiritual trabalhou. Por exemplo, considere o "príncipe a vir" em Daniel 9:26 . Enquanto acredito que este príncipe foi, em última instância, um príncipe espiritual dos romanos ("o povo do príncipe que virá", cf. Dan 12: 1), é muito fácil imaginar o governador humano que este príncipe trabalhou em sua destruição de Jerusalém e o Templo (ou seja, Tito).

Mais uma vez, o entendimento de que, em última instância, são retratados governos espirituais por trás dos governos humanos é crucial para a compreensão dos reis e dos príncipes que são falados em Daniel e Apocalipse. O livro de Apocalipse apoia isso, pois mostra a besta subindo do poço sem fundo (Apocalipse 11:7; 17:8). Ladd comentou o seguinte a respeito:

"O abismo ou" poço sem fundo "do qual a besta ascendeu foi a fonte das pragas demoníacas [de Apocalipse 9]. A besta também é de origem satânica e seu poder e autoridade vem do reino demoníaco. "[George Eldon Ladd, Um comentário sobre a Revelação de João, (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), 156-157].

O abismo é a morada dos demônios. É onde Satanás é lançado no início do milênio (Apocalipse 20:1-4). Da mesma forma, a legião de demônios que Jesus expulsou do demoníaco de Gadareno implorou-lhe que não os

enviasse "ao abismo" (Lucas 8:31). Não é um governante humano que o Apocalipse mostra que sai do abismo; É um governante demoníaco atuando por trás de um governante humano. Em relação a essas origens demoníacas da besta, deve ser lembrado que o chifre pequeno representa o mesmo governante demoníaca (ou seja, o pequeno chifre / besta individual é um oitavo governante, Dn. 7:7-8; Apocalipse 17: 1, ele tem um reinado de terror de três anos e meio, Dn 7:25; Ap 13:5., ele é lançado no lago de fogo no momento da parousia, Dn. 7:11; Ap. 19:19-20, etc.).

Os reis de Apocalipse 17:9-11 não se referem apenas aos imperadores romanos, mas aos reis demoníacos que estavam por trás dos imperadores. Se o oitavo desses reis fosse demoníaco, saindo do abismo, faz sentido que os outros sete também fossem (Dn 10:13, 20-21). Esta é uma das razões pelas quais a compreensão dos governantes de Apocalipse 17 exige uma "mente que tenha sabedoria" (Apocalipse 17:9). Foi em última instância, um governante demoníaco, não um governante humano, que saiu do abismo, e que através da figura de Tito, se opôs a Jesus na Parousia em 70 dC (Ap 19:11-21). Em Daniel 10:13, o mensageiro celestial enviado a Daniel fala de lutar "com os reis da Pérsia " (Daniel 10:13) e de como um dos principais príncipes, Miguel, ajudou nesta luta. Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.

Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.

O homem glorioso de Daniel 10: 12-13 era um anjo, ou mais provável, uma aparência pré-encarnada de Jesus (compare Dan 10:5-12 com Apocalipse 1:12-18).

Os reis e os príncipes ali retratados não eram apenas os governantes humanos da Pérsia, mas os governantes espirituais por trás dos

governantes humanos. O mesmo vale para o príncipe que o ajudou (Miguel, o príncipe angélico dos judeus, Dn 12:1, ver Apocalipse 12:7). O glorioso homem continua a dizer como, depois de terminar de conversar com Daniel, ele novamente lutaria com o príncipe da Pérsia e então o príncipe da Grécia viria.

Então ele disse: "Você sabe por que eu vim para você? E agora devo voltar a lutar com o príncipe dePérsia ; E quando eu sair, certamente o príncipe da Grécia virá. Mas eu direi o que é observado na Escritura da Verdade (Ninguém me sustenta contra estes, exceto Michael, seu príncipe. "Daniel 10: 20-21

Mais uma vez, os príncipes aqui referidos são governantes espirituais. Miguel é o príncipe angélico dos judeus (Daniel 12:1), os príncipes da Pérsia e da Grécia eram os governantes demoníacos sobre esses impérios. Compreender que líderes espirituais estão por trás do governos humanos em Daniel ajuda a explicar a declaração um tanto estranha de Daniel 9:26 , "e o povo do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário". Por que o texto apenas diz , O príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário ? Futuristas usaram essa frase um tanto estranha de Daniel 9:26 para separar o príncipe para vir das pessoas que destruíram Jerusalém e o Templo em 70 dC. Eles dizem que não era o "príncipe que virá" (quem eles vêem como um futuro anticristo) que destruíram o Templo em 70 dC, mas seu povo, os romanos, e de fato isso é verdade, Mas ao fazer isso, eles tentam evitar ter que admitir que o "príncipe que virá" estava envolvido na destruição de Jerusalém em 70 dC (ou seja, Tito). Thomas Ice escreveu o seguinte sobre isso.

O assunto desta frase é "o povo", não "o príncipe que deve vir". Assim, é o povo do príncipe que virá que destruirá a cidade e o santuário. Nós já identificamos o povo como os romanos, que destruíram Jerusalém e o Templo em 70 dC sob a liderança de Tito. No entanto, acredito que "o príncipe que virá" é uma referência ao anticristo que ainda vem.

Dr. Dwight Pentecost explica: "O governante que virá é a cabeça final do Império Romano , o chifre pequeno de 7:8. É importante que o povo

do governante, e não o próprio governante, destroi Jerusalém. Como ele será o último governante romano, o povo desse governante deve ser os próprios romanos "[J. Dwight Pentecost, "Daniel", em John F. Walvoord e Roy B. Zuck, o Bible Knowledge Commentary: Antigo Testamento (Wheaton, IL: Victor Books, 1985, p. 1364] ...

Por que não devemos ver 'o principe que virá "como uma referência a Tito, que liderou a conquista romana em 70 dC? Porque a ênfase deste verso é sobre" o povo ", não a cláusula subordinada," o príncipe que virá ". Aparentemente, esta passagem é declarada deste modo, para que esta profecia vincule a destruição romana com o evento 70dC, mas, ao mesmo tempo, crie o Anticristo para ser ligado à última semana de anos até o primeiro "ele" no versículo 27. Ele não é descrito como o príncipe que vem com as pessoas, mas, em vez disso, Como alguém que vem . Isso sugere que as pessoas e o príncipe não chegarão juntos na história [Thomas Ice, The Setenta Semanas de Daniel no The End Times Controversy, Tim Lahay e Thomas Ice eds, (Oregon , Harvest House, 2003), 335-336].

Esta tentativa dispensacionalista severamente forçada de separar o príncipe que virá de seu povo não é muito convincente. Em última análise, Ice está parcialmente certo, no entanto; O príncipe aqui não é simplesmente Tito, mas o príncipe demoníaco dos romanos que trabalhou através de Tito. Foram as pessoas deste príncipe demoníaco (ou seja, os romanos) que destruíram Jerusalém e o Templo em 70 dC.

Daniel 12:1 apoia essa interpretação. Em Daniel 12: 1 há um verso semelhante de um governante e seu povo ("Naquele tempo, Miguel se levantará, o grande príncipe que vigia os filhos de seu povo ..."). Por um lado, a palavra para o príncipe em 12:1 (Heb. Sar) é diferente, mas pode ser traduzido como autoridade, Chefe ou comandante como a palavra para o príncipe em Dn. 9:25-26 (Heb. Nagid) , embora nagid possa levar uma sensação de uma posição mais exaltada. O príncipe em Daniel 12:1 é claramente um governante espiritual; Seu povo é o povo de Israel. É o mesmo que o príncipe que virá e seu povo em Daniel 9:26 (... E o povo

do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário). O príncipe que viria era um governante espiritual; O povo deste príncipe era o romano.

Daniel está revelando o reino espiritual e os reis e príncipes espirituais que eram o verdadeiro poder por trás do Império Romano Babilônico, Medo Persa, Grego. Como isso é abordado de forma tão fugaz, é fácil perder esse ponto. No espaço de apenas três versículos, Daniel 9:26; 10:20 - 21, somos informados de quatro governantes espirituais de quatro povos diferentes. Estes eram os líderes espirituais dos persas, dos gregos, dos judeus e dos romanos. Além disso, Daniel 10:13 mostra que um determinado governante espiritual pode fazer parte de uma confederação de tais governantes.

No início de Daniel 10:13 o homem glorioso disse que "o príncipe do reino da Pérsia me resistiu". No final do versículo 13, ele indica que, na verdade, mais de um governante espiritual da Pérsia estava envolvido; Ele disse que "ficou sozinho lá com os reis da Pérsia ". Compare isso com os reis de Apocalipse 17:7-11 e o fato de que pelo menos um desses reis (de Apocalipse) vem do abismo (v 8).

Em Daniel 8:10-11, o pequeno chifre desse capítulo (que é Tito) é mostrado indo contra o exército dos céus e lançando algumas das estrelas no chão; Ele até se levanta contra Deus, "o Príncipe dos Príncipes" (Daniel 8:25). Isso tem conotações espirituais que vão além do ataque físico de Tito ao povo santo. Collins fala sobre um "sinergismo entre o mundo celestial e terrestre" que é freqüentemente encontrado nas referências aos governantes em Daniel. [Ibid 333. Ele cita André Lacocque sobre isso; O Livro de Daniel (trans. David Pellauer, Atlanta : John Know, 1979), 162] Goldingay também observa que em Daniel há fluidez nas referências a governantes espirituais e físicos.

Talvez a fluidez e a ambiguidade em tal uso refletem uma dualidade sobre todas as entidades que incorporam o poder (Wink, W. Nomeando os Poderes , [Philadelphia: Fortress, 1984]; Desmascarando os Poderes , [Philadelphia: Fortress, 1986]). Há algo humano, terrenal, estrutural,

político e visível sobre eles. Há também algo celestial, invisível, supra-humano, imaterial e espiritual. Os poderes têm um aspecto interno e externo, uma forma externa e um espírito de condução interior. Não são apenas metáforas de estruturas de poder dentro da própria nação, mas também não existem em si mesmas, como pessoas independentes ou desencarnadas. Eles não têm nenhum perfil próprio; Seu significado é apenas como agentes de Deus e / ou focos de sociedades humanas. [Goldingay, Daniel 314]

Goldingay reconhece corretamente uma certa fluidez nas referências de Daniel aos governantes, que há aspectos físicos e espirituais nos governantes que são retratados no livro. O chifre de Daniel 7 tem "olhos como os olhos de um homem, e uma boca que fala palavras pomposas" (Daniel 7: 8). Se esta é apenas uma referência a um homem, então a informação sobre ele com olhos e boca (mesmo que seja grande) dificilmente precisa ser declarada. Se esta é uma referência a um espírito que funciona através de um homem, no entanto, a informação é mais pertinente.

Esta combinação dos aspectos espirituais e físicos dos governantes também se encontra no Apocalipse. A besta é, em última instância, mostrada como um espírito (ele sai do abismo, Apocalipse 11:7; 17:8), mas também é dito que trabalha com um certo homem. Assim, a marca da besta "é o número de um homem" (Apocalipse 13:18). Johnson escreveu o seguinte sobre isso.

A declaração "é o número de um homem" [em Apocalipse 13:18] alerta o leitor para algum significado oculto em 666. A partir disso, podemos concluir que o número da besta está vinculado à humanidade. Por que seria necessário que João enfatizasse essa relação, a menos que ele supusesse que seu leitor poderia ter entendido a besta como sendo de outro mundo sem qualquer conexão com a humanidade. Pode ser, então, que a afirmação significa que a besta satânica, que é o grande inimigo da igreja, manifesta-se na forma humana? "[Alan F. Johnson, Revelação no Comentário da Bíblia do Expositor, edição revisada : vol. 13 Hebreus -

Revelação, Tremper Longman III e David E. Garland gen. Eds. (Grand Rapids : Zondervan, 2006), 716.].

Em Daniel 7, os quatro impérios mostrados no capítulo 2 são mostrados novamente na forma de quatro animais: Babilônia , como um leão; Medo-Pérsia como um urso; A Grécia como um leopardo; E Roma como uma terrível besta não descrita (Daniel 7:4).

Cada um desses animais representa uma confederação de governantes demoníacos por trás de cada um dos quatro impérios respectivos. Em termos da quarta besta que representa Roma (pré-70 dC), considere o fato de que o Império Romano tinha muitos outros imperadores do que apenas os onze que são mostrados em Daniel 7: 8 (ou os oito mostrados em Apocalipse 17:8-11). São os governantes espirituais por trás dos reis romanos pré 70 dC que está sendo retratado aqui. Note-se que a quarta besta de Daniel 7 com onze chifres (governantes) perde três delas (Dn. 7:7-8); Isso o deixou com oito governantes (11-3 = 8). Esses governantes correspondem aos oito reis de Apocalipse 17:8-11. Existe um conceito complicado, mas importante, de que é preciso estar atento. Às vezes, a besta está representando uma confederação de (oito) governantes e outras vezes a besta está se referindo a um oitavo governante individual poderoso daquela confederação (um imperador individual, Apocalipse 11:7; 17:8). Esta dupla referência à besta pode ser vista em Apocalipse 17:7-11, onde se diz que a fera é uma confederação de oito reis e também o oitavo desses reis.

E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.
A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundaçãodo mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, ainda que é. Aqui o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.
E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo.

E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição. Apocalipse 17:7-11

Mais uma vez, a besta no Apocalipse às vezes se refere à confederação de oito governantes e outras vezes referindo-se ao oitavo desses governantes. Ken Gentry disse o seguinte sobre isso. "A maioria dos comentaristas concorda que as imagens de besta em Apocalipse mudam entre o genérico e o específico. Ou seja, às vezes a besta retrata um reino, às vezes um líder individual desse reino ... Esta característica, tão frustrante quanto possível, é reconhecida pelos comentaristas de todas as escolas de interpretação. "[Kenneth Gentry, Perilous Times: A Study in Eschatological Evil, (Texarkana AR: Covenant Media Press, 1999), 126-127]. O que Gentry se refere como os aspectos "genéricos" da besta que eu chamo de "besta corporativa" (a besta como uma confederação de oito governantes); O que ele se refere como os aspectos "específicos" da besta que eu chamo de "besta individual" (a oitava régua especialmente poderosa). Normalmente, eu darei o qualificador de "individual" ou "corporativo" ao se referir à besta para tornar mais claro quais os aspectos que eu acho que estão sendo destacados. É o animal individual, o oitavo rei da besta corporativa.

Outro exemplo de uma rápida mudança entre os aspectos corporativos e individuais da besta do Apocalipse pode ser visto em Apocalipse 17: 7-11 (que eu toquei acima). Quando João escreveu Revelação, o sexto rei (Nero) da besta (corporativa) estava atualmente governando. A besta (individual), o oitavo rei da besta (corporativa) ainda não havia chegado. A fera corporativa (a confederação de governantes demoníacos) estava atualmente em existência quando João escreveu, embora o animal individual (o oitavo desses governantes) ainda não tivesse chegado. Mais uma vez, o animal individual é o anticristo; Ele era o oitavo governante da fera corporativa.

Permita-me dar alguns exemplos de como as imagens da besta no apocalipse podem mudar rapidamente de uma ênfase corporativa para uma ênfase individual. Em Apocalipse 13:3, uma das cabeças da fera (corporativa) é dita sofrer uma ferida mortal. Enquanto a cabeça ferida

está se referindo a um governante específico (Nero), também está fazendo referência a como a queda deste governante (ver Apocalipse 17:10) teve um efeito desastroso sobre a besta como uma coleção de governantes (o animal corporativo). Em Apocalipse 13:4-8, o foco muda rapidamente da fera (corporativa) para o governante específico (o animal individual) que blasfema a Deus e supera os santos. Beasley-Murray observou o seguinte sobre isso: "O animal [em Apocalipse 13:1] é principalmente o império, mas a transição é rapidamente feita no império como representada em seu rei. [GR Beasley-Murray, O Livro do Apocalipse, The New Century Bible Commentary, Ronald Clements e Matthew Black eds. (Grand Rapids: Eerdmans), 1978, 209 mechas mechas].

Temos aqui os 8 reis de Ap. 17, que equivalem aos 11 chifres de Dn. 7

1. Júlio César (49-44 aC)

2. Augusto (31 aC - 14 dC)

3. Tibério (14-37 dC)

4. Gaio (Calígula) (37-41 dC)

5. Claudio (41-54 dC)

6. Nero (64-68 dC)

7. Galba (68-69 dC) ---------- |

8. Otho (69 dC) ---------- | 3 chifres tirados (Dn. 7: 8)

9. Vitellius (69 dC) ---------- |

10. Vespasiano (69-79 dC)

11. Tito em 70 dC , o pequeno décimo primeiro de Daniel 7

E quanto os dez chifres da Besta em apocalipse 17? São os mesmo chifres representados aqui? Sobre os dez chifres da besta, César Francisco comenta:

Em Apocalipse 17.10 temos a identificação das sete cabeças que nada mais são do que os Césares do império romano. Os dez chifres são os governadores das províncias de Roma (Apocalipse 17.12). "As dez províncias de Roma foram à Itália, Acaia, Ásia, Síria, Egito, África, Espanha, Gália, Grã-Bretanha e Alemanha".

Daniel Morais comenta da seguinte forma:

Quando Vespasiano se tornou imperador, a Guerra Judaica prosseguiu sob o comando de seu filho Tito. Um exército esmagador de soldados romanos foi retirado das províncias vizinhas para garantir uma conquista bem sucedida de Jerusalém. Muitos reis, generais e governadores dessas províncias vizinhas, reinos de clientes e reinos aliados de Roma ofereceram tropas e lideranças no esforço de guerra. Eu acredito que os dez chifres são as dez coortes que Suetônio diz que foram despachados com Vespasiano quando ele recebeu autoridade sobre as legiões romanas no início da Guerra Judaica: "Vespasiano foi escolhido para a tarefa, tanto como um homem de energia tentada E como um em nenhum ponto a ser temido por causa da obscuridade de sua família e nome. Por isso, foram adicionados às forças na Judeia duas legiões com oito divisões de cavalaria e dez coortes [ênfase minha] ". A besta e os dez chifres foram bem-sucedidos (Apocalipse 17:16). E em Apocalipse 18:10, o leitor descobre que a cidade caiu em uma hora como resultado desse assalto unificado.

Como vimos acima, independente da leitura histórica que teremos, não podemos esquecer que por trás de cada imperador romano, de cada governador provincial ou de suas coortes, podemos encontrar um governante espiritual atuando, veja o que Jesus disse e compare com as palavras de Eusébio:

E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra.
Então diz: Voltarei para a minha casa, de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada.
Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má.
Mateus 12:43-45

David Chilton comenta:

"Por causa da rejeição de Israel do Rei dos reis, as bênçãos que haviam recebido se converteriam em maldições. Jerusalém havia sido "varrida" pelo ministério de Cristo; esta por sua vez se tornaria "morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável," (Apocalipse. 18.2). Toda a geração estaria possuída pelos demônios;"

Esta confederação de líderes espirituais mostrada em Daniel e Apocalipse que termina no lago de fogo (Dn 7:11; Ap. 19:19-20).

Após 70 dC, o único reino mostrado é o reino de Deus. Este estabelecimento do reino de Deus na terra é mostrado em Apocalipse 11, onde o reino deste mundo se torna o reino de Deus (Apocalipse 11:15 NASB), quando Deus destruir aqueles que estavam destruindo a Terra (de Israel), Apocalipse 11:8 (cf. Dn. 12:7; Mt. 21:33-44). Que os animais de Daniel 7 são, em última instância, confederações de líderes espirituais podem ser vistos pelo fato de que, quando o reino de Deus intervém na história (Dn 7:7-12), o quarto animal é destruído no fogo (Ap 19:19-20), mas as três primeiras bestas podem existir após esse tempo, no tempo do reino de Deus .

Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo;

E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia foi-lhes prolongada a vida até certo espaço de tempo. Daniel 7:11,12

Daniel 7:11-12 mostra a vida das três primeiras bestas estendidas após a destruição da quarta besta no ano 70 dC. É impossível explicá-lo adequadamente se apenas nos mostrando impérios físicos e governantes. Não foi Ciro da Pérsia ou Alexandre, o Grande da Grécia, que tiveram suas vidas prolongadas no tempo do reino de Deus. Pelo contrário, foram as confederações demoníacas de governantes por trás desses governantes e impérios terrenos (Dn. 10:13, 20-21) que foram permitidos no reino naquele tempo (menos sua autoridade, Dn. 7:12). Isso contesta o ensinamento herético do preterismo completo, de que todo o mal satânico foi destruído no lago de fogo em 70 dC. A autoridade listrada desses líderes espirituais em 70 dC foi dada ao povo de Deus neste momento da vinda de Cristo (Dn 7:21-22, 27). O Apocalipse mostrará isso como uma vinda em Juízo, a vinda da Palavra de Deus para derrotar a besta e estabelecer o reinado milenar dos santos (Ap 19: 11-20:4).

Deve-se notar que a aparente contradição entre Daniel 2 e 7 desaparece quando se percebe que são líderes espirituais que, em última instância, são mostrados nesses capítulos. Em Daniel 2:34-35 e 44-45, a imagem humana da estátua de Nabucodonosor (que representa os mesmos quatro impérios que os quatro animais em Dn 7) é destruída de uma só vez. Em Daniel 7:12, no entanto, nos dizem que os três primeiros impérios continuam a existir após a destruição do quarto império, como reconciliar essas diferenças?

A destruição da imagem de Nabucodonosor de uma só vez em Daniel 2 simboliza a destruição do governo de Satanás nos reinos do homem. Satanás era o deus da Era pré- 70 dC (2 Co. 4:4), o príncipe do poder do ar (Efésios 2:2). Ele era o governante deste mundo (era judaica) João 14:30. Isso pode ser visto no fato de que, quando Satanás ofereceu a autoridade dos reinos do mundo a Jesus, Jesus não questionou seu direito de fazê-lo (Lucas 4: 5-6, ver Apocalipse 13:2), ali estava uma proposta verdadeira e tentadora. No ano 70 dC, o domínio de Satanás neste mundo (que foi perdido na cruz, João 12:31-32, cf. Mateus 28:18) foi

tirado dele como Deus exerceu plenamente a Sua grande autoridade. "Toda a autoridade foi-me dada no céu e na terra" Deus não faria exercer plenamente a sua autoridade até que aqueles que estavam destruindo a terra de Israel fosse destruída em 70 dC (Ap 11:15-18; cf. Mt 21:33-43). Foi neste momento que Deus tomou o seu "grande poder e reinou" (Ap. 11:17).

Como Daniel 2, Daniel 7:11-12 também retrata a destruição súbita de autoridade de Satanás nos reinos do homem quando ele mostra a autoridade de todos os quatro animais sendo levados ao mesmo tempo. Mesmo que todos os quatro animais em Daniel 7 vieram a perdem a sua autoridade, ao mesmo tempo (em paralelo com o colapso repentino da estátua em Daniel 2), é apenas a quarta besta que é realmente destruída naquela época (Dn. 7:11-12; cf. Apocalipse 19:20). Daniel 7, portanto, complementa as informações fornecidas em Daniel 2. Enquanto os três primeiros animais tinham seu domínio tirado no ano 70 dC com a derrota do chifre pequeno (Dn. 7: 21-22), suas "vidas foram prolongadas por um tempo posterior a chegada do reino de Deus (Dn. 7:12). Novamente, isso confirma o fato de que não estão sendo retratados meros governantes físicos ou impérios. As quatro bestas de Daniel 7 em última análise, representam quatro confederações de governantes demoníacos;

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.
E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,
Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste.
E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra. (Terra de Israel) Apocalipse 11:15-18

Esta foi a destruição daqueles que estavam destruindo a Terra de Israel, cf. Mt 21:33-43. César Francisco sobre este capítulo comenta:

Não devemos supor que até o momento deste versículo Cristo não teve domínio sobre Sua criação. O que está em questão aqui é que essa passagem mostra o momento em que é revelado que o reino do mundo pertence a Cristo. É também o momento em que Deus "assume" o seu poder conforme podemos ver no versículo 17: "Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar". Ora, o poder de Deus sobre o mundo já havia antes, tudo sempre esteve em seu controle, o que indica Sua Soberania. Mas, agora, ele passa a "assumir" o que é seu de direito.

Se alguém considerava Satanás como o "deus deste século" (2 Coríntios 4.4) já não pode mais se firmar nessa base. "Na verdade, é um pouco difícil de imaginar quando o reino do mundo [...] não era o reino de nosso Senhor [...], exceto em um sentido escatológico em que isso seja corrigido no fim do mundo. A palavra grega para reino aqui não significa uma região ou país governado por um rei, mas o poder de governar como rei: reinado, soberania e autoridade. Deus e seu Messias já tomaram o controle completo sobre o mundo. A ideia subjacente é que eles têm derrotado Satanás e seus servos, que tinham sido autorizados a governar por um tempo".

Como Daniel 2, Daniel 7:11-12 também mostra a súbita destruição do governo de Satanás nos reinos dos homens quando diz que a autoridade de todos os quatro animais foi tirada imediatamente deles. As primeiras três bestas, embora derrubadas pela queda de seus respectivos impérios, ainda mantiveram um certo grau de autoridade após suas quedas. Isso é semelhante ao Apocalipse 17:10, onde nos diz que cinco reis (imperadores romanos, e seus reis demoníacos por trás deles) (cf. 10:13) caíram de seu lugar de autoridade quando João estava escrevendo. Sendo os líderes espirituais, esses reis não estavam mortos (embora seus governantes humanos estivessem); Eles simplesmente perderam seu lugar como atual chefe da fera. É o mesmo com as três primeiras bestas de Daniel 7; Eles ainda estavam em existência após sua queda e ainda

mantiveram um grau de autoridade. O domínio espiritual tirado de todos os quatro animais em 70 dC é dado ao povo de Deus naquele momento (Daniel 7:11-12, 21-27).

Mesmo que os quatro animais em Daniel 7 percam a sua autoridade ao mesmo tempo (o que, novamente, é paralelo à imagem no capítulo 2 sendo quebrado de uma só vez), é apenas a quarta besta que é jogada no fogo naquele momento, em 70 dC (Daniel 7:11-12, ver Apocalipse 19:20). Daniel 7 está, assim, adicionando informação que não foi dada em Daniel 2. Enquanto os três primeiros animais perderam a autoridade que ainda possuíam após as sucessivas quedas, eles não são destruídos no momento da vinda de Cristo, em vez disso, "eles tiveram o seu domínio tirado [em 70 dC, Dn. 7:21-22], contudo suas vidas foram prolongadas (Dn. 7:12). Mais uma vez, isso confirma o fato de que não estamos apenas com governantes físicos ou impérios aqui.

Não importa como os comentaristas venham a interpretar quais governantes ou impérios Daniel 2 e 7 representam, é impossível que quatro impérios terrestres sucessivos caírem de uma só vez (como acontece em Dn. 2:44-45). Da mesma forma, a continuação dos três primeiros impérios depois da destruição do quarto (como Dn. 7:11-12 mostra) não faz sentido se for impérios físicos que estão sendo representados. Como poderiam os impérios que teriam caído mais cedo do que o quarto sobreviver além da destruição do quarto? Acho até divertido assistir comentaristas tentando explicar estas coisas.

A autoridade tomada dos quatro animais, que é dada aos santos (Dn. 7:22, 27) é uma autoridade espiritual. O reino de Deus é um reino espiritual, não um reino físico (João 18:36; Rm 14:17; cf. Mc 8:38-9:1); Assim, o domínio dado ao povo de Deus é um domínio espiritual. Daniel 7 (v. 23- 27) mostra a autoridade não humana (demoníacos) das bestas sendo tirado e sendo dada a seres humanos, aos santos do Altíssimo (vv. 23-27). O domínio deste mundo, que Adão perdeu a Satanás, foi recuperado por Jesus (o segundo Adão) na cruz (João 12: 31-32; Dn 7: 13-14; cf. Mt 28:18), e compartilhado com o povo de Deus na Parusia,

em 70 dC (Dn. 7:21-22; cf. Mt 21:33-44; Lc. 19:11-27; Apocalipse 2:26-27; 3:21).

Que nós estão sendo mostrados governantes espirituais em Daniel e Apocalipse ajuda a esclarecer que a destruição da quarta besta de Daniel e seu pequeno chifre (Dn. 7:19-27), não foi a destruição de Tito e do Império Romano, mas sim a destruição da confederação dos governantes demoníacos que trabalhou com Tito e os dez primeiros Césares de Roma (Dn. 7:19-22; cf. Cl 2:14-15). Sem dúvida, é por isso que muitos dos imperadores romanos pré 70 dC eram tão depravados (por exemplo, Calígula, Nero); eles estavam literalmente possuídos pelo demônio. Roma, obviamente, não foi lançado no lago de fogo em 70 dC (Dn 7:11;.Ap. 19:20); o lago de fogo é a segunda morte (Ap 21:8). Embora seja o destino final de todos os que se alinham contra Deus (Ap 20:10, 15; cf. Ap 14:9-10), não é o destino dos impérios físicos.

Daniel 3

UMA VISÃO GERAL DA NARRATIVA

Logo após os eventos do capítulo 2, Nabucodonosor fez uma estátua de ouro onde era necessário que todos se curvassem a ele. O último verso do capítulo 2 diz que Daniel permaneceu no palácio, evidentemente, ele não estava no local da planície murada na Babilônia. Como administradores da Província da Babilônia, Sadraque, Mesaque e Abednego estavam presente. Outra conexão entre os dois capítulos é a imagem. Nabucodonosor, sem dúvida, teve a idéia desta imagem a partir interpretação de Daniel da imagem em seu sonho. Nabucodonosor descobriu que, apesar de seu império não ser permanente, ele foi o agente de Deus na terra.

A imagem foi coberta com ouro, assim como Nabucodonosor foi identificado como a "cabeça de ouro" na visão de Daniel 2. Mas Nabucodonosor "melhora" na imagem do seu sonho. Esta imagem é de ouro da cabeça aos pés, e não tem pés de barro. Nabucodonosor, talvez, espera congelar a história e criar seu próprio reino eterno. Aqueles que são chamados a adorar não são todas as pessoas das províncias, mas os seus administradores e líderes, representantes dos "povos, nações e línguas." Nabucodonosor prescreve precisamente quem deverá aparecer, e precisamente eles são o aqueles que aparecem.

A adoração da imagem de ouro podem ter sido entendida como a adoração de Nabucodonosor como imagem designada por Deus na terra. Vimos no capítulo anterior que, o rei soube que ele não era o senhor da história, e que seu reino teve um tempo limitado. O texto deixa claro que não é Babilônia, como tal, mas a "oikomene" que está em vista aqui. Nabucodonosor, rei de bebilônia, mas Deus o tinha feito rei, "cabeça de ouro" (2: 37-38), do oikomene, e que o império da babilônia foi apenas a primeira fase. Este ponto é feita pelo uso de palavras persas e gregas nesta capítulo.

A maioria das sete palavras listados nos versículos 2, 3, e 27 são palavras de origem persa. dos sete instrumentos musicais listadas nos versos 5, 7, 10, e 15 são de palavras de origem grega. O uso destes termos aqui não indica que este capítulo foi escrito muito mais tarde do que os eventos registrados, as palavras já estavam em circulação no momento da Daniel. Mas a escolha destas palavras, em vez de outras, estabelece que o concurso não é sobre quem serão os sacerdotes (representantes de Deus), mas sobre quem serão os sacerdotes do oikomene, dos "povos, nações e línguas" daquele reino.

A imagem tinha 6 cúbitos de diâmetro e 60 cúbitos de altura. Estas não são proporções humanas, e assim a imagem seria provavelmente um obelisco de algum tipo. Se assim for, era uma imagem religiosa, uma vez que um obelisco é uma montanha sagrada estilizado (uma pirâmide longa e fina). Era "de ouro", isto é, banhado a ouro.

Nabucodonosor ordenou sete grupos de oficiais a estarem presentes na dedicação desta imagem:

príncipes (sátrapas), os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juízes, os capitães, e todos os oficiais das províncias.

Esta lista de sete vezes é dado duas vezes. Uma lista de quatro condensado se encontra no verso 27. Estes homens foram retirados de todos os província do oikoumene. Na hora marcada, todos esses homens estavam a cair e prestar homenagem à imagem. O objetivo era unir o império em termos de uma liturgia patrocinada pelo Estado. deuses locais podem ser adorado, mas deuses de Nabucodonosor teve que ser honrado como os deuses do império como um todo.

O som dos sete instrumentos seria o sinal para adoração, são estes:

O som da Buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles, e de toda a sorte de música (ou seja, instrumentos).

Esta lista é dada quatro vezes (vv. 5, 7, 10, 15).

Qualquer pessoa que se recusasse a este comando seria lançado na fornalha de fogo ardente. Sadraque, Mesaque e Abednego não estavam dispostos a participar deste culto idólatra. Como funcionários do governo, e não profetas, não era da responsabilidade deles montar um ataque a este culto. Eles simplesmente se abstiveram de participar. Isso pode ter passado despercebido, exceto por certos funcionários da Babilônia, irritados com a sua humilhação no capítulo 2, e inveja da posição de Daniel e seus amigos, trouxeram o assunto à atenção de Nabucodonosor. Os governadores da própria província da Babilônia estavam se recusando a prestar homenagem (v.12)!

Os três valentes estavam confiantes de que Deus poderia livrá-los da fornalha de fogo ardente. Contudo sabiam que poderiam ser entregues. Por quê? Eles sabiam que a Babilônia era um "pote de ebulição" (Jeremias 1:13). Eles sabiam que Jeremias havia escrito uma carta aos exilados (para eles) dizendo que o rei Zedequias que, simbolicamente, pelo menos, foi "assado no fogo" pelo "rei de Babilônia" (Jeremias 29:22). Talvez eles também morreriam; mas mesmo que fosse o caso, eles confiavam em Deus. Mas eles também sabiam história. Eles sabiam que o livro de Deuteronômio 4:20, "o Senhor vos tomou e vos tirou da fornalha de ferro, do Egito." O que Deus havia feito uma vez para o seu povo, ele poderia e provavelmente faria novamente.

Nabucodonosor ficou surpreso e irritado. Afinal, era o Deus desses próprios judeus que tinham revelado a ele que ele (Nabucodonosor) era agente de Deus, nesta fase da história. Se ele escolheu lançar os três homens na fornalha de fogo, "quem podem livrá-los das minhas mãos?" Nabucodonosor tinha entendido mal a visão. Deus havia nomeado Nabucodonosor para ser Seu servo e para governar o mundo, mas isso não quer dizer que Nabucodonosor era sacerdote de Deus, para orientar as pessoas para a verdadeira adoração.

Quando os três homens se recusaram a aceitar argumento de Nabucodonosor, o rei ordenou que o forno fosse aquecido sete vezes mais. Os homens foram amarrados com as suas peças de vestuário

oficiais, como sacrifícios (Genesis 22: 9 [Isaac]; 118: 27), e lançados ao fogo. Tão quente era o fogo que os homens que os jogou foram mortos.

Nabucodonosor viu os três homens andando no fogo, com um quarto, que parecia um "filho de Deus". O termo "filho de Deus" pode referir-se a segunda pessoa da Trindade, mas também significa um governante nomeado por Deus, e o último é o seu significado básico aqui. Nabucodonosor tinha pensado que ele era o filho de Deus para esta fase da história, mas agora ele teve um vislumbre do verdadeiro filho de Deus.

Nabucodonosor, como rei designado por Deus, era de fato um "filho de Deus". Houve, no entanto, um "filho de Deus", maior que tinha uma reivindicação proeminente. Havia um rei acima do rei da nova oikoumene. Este rei era poderoso o suficiente para parar o fogo sete vezes mais aquecido de Nabucodonosor. Este Rei, não Nabucodonosor, era o verdadeiro Senhor do fogo.

Alguns sugerem que aqui temos uma alusão a Daniel. Parece curioso que Daniel está ausente a partir desta história. Olhando Daniel 2:49, podemos ver por que ele estava fora. No entanto, Daniel sempre foi o líder dos quatro homens. Daniel está ausente, mas alguém toma o seu lugar com os três como seu líder, como Pedra Angular da casa litúrgica que representam.

Há uma outra implicação, no entanto. Nabucodonosor como rei iria passar por provas de fogo. Seus outros homens poderosos tinha sido queimado no fogo, mas esses três homens foram capazes de ficar de pé, e manter seu vestuário através do fogo. Quais homens poderosos que Nabucodonosor quer ter com ele quando ele for levado a passar pelo fogo? Será que ele quer que os "valentes, caldeus" (v. 8) ou os "poderosos homens, judeus" (v. 12)? É evidente que ele gostaria que estes três homens, e seu associado Daniel.

Nabucodonosor começou a entender mais do que antes. Ele chamou os três homens e os nomeou “servos do Deus Altíssimo”, o nome gentio para o verdadeiro Deus (Gênesis 14: 18- 22). Os homens saíram. Tudo o que tinha queimado era suas obrigações; suas vestes oficiais saíram ilesas. Nabucodonosor poderia aprender com isso que o Deus Altíssimo e Seu verdadeiro Filho permitiu que seus funcionários deveriam continuar a exercer o cargo na Babilônia.

Nabucodonosor, em seguida, proclamou que o Deus dos judeus é único, pois nenhum outro Deus tinha sido capaz de fazer qualquer coisa assim. No futuro, nenhuma palavra de crítica foi autorizada a ser falada contra o Senhor, o Deus dos judeus e do mundo inteiro.

3.1: “O Rei Nabucodonosor fez uma estátua de ouro, a altura da qual era de sessenta côvados, e a sua largura de seis côvados: levantou-a no campo de DURA, na província de Babilônia”.

"... uma estátua de ouro...” Alguns comentadores de re¬nome têm pensado que a estátua do presente texto fosse uma “imagem do deus Merodaque, o padroeiro da cidade de Babilônia; ou do deus Nebo, do qual derivava o nome do rei. Outros porém são de opinião que a estátua ali erigi¬da era do próprio monarca Nabucodonosor. (Ver Jz 8.27; 2 Sm 18.18).

Entre os antigos conquistadores era natural que, após uma grande conquista, o conquistador fizesse uma estátua de sua própria pessoa, gravando nela o seu nome e o nome de seu deus. Segundo Heródoto, a “estátua de Sesostris, do Egito, tinha na largura do peito, de ombro a ombro, uma inscrição com os caracteres sagrados do Egi¬to, onde se lia: ‘Com meus próprios ombros conquistei esta terra”’. E, segundo Cícero, havia “uma bela estátua de Apoio, em cuja coxa estava o nome de Miro, em minúscu¬las letras de prata”. Pode, de fato, ser imaginado que a es¬tátua erigida ali, fosse a do próprio rei, contendo, na altura do peito, o nome de seu deus (Comp, com Ap 13.15). Quanto ao testemunho da Arqueologia, Operte, que fez escava¬ções nas ruínas de Babilônia, em

1854, achou o pedestal de uma colossal estátua que pode ter sido um resto da gigante imagem de ouro de Nabucodonosor.

"... no campo de DURA..." A palavra persa que dá ori¬gem a esse nome significa: lugar rodeado por muros. E uma abreviação de um nome mais longo, composto com Duru, tal como Duru-sha-Karrabi, um subúrbio de Babilô¬nia. Ali, pois, foi levantada uma estátua que media 30 me¬tros por 3, aproximadamente. O côvado babilônico, segun¬do o "Dic. Davis", media 0,56 a 0,58 centímetros, o que da¬ria, em números redondos, aproximadamente, transfor¬mando côvados em metros, 34,00 a 35,00 m de altura por 3,40 de largura, ou seja, 60 x 6 côvados.

3.2: "E o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos e presidentes, os juízes, os tesoureiros, os conselheiros, os oficiais, e todos os governadores das províncias, para que viessem à consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado".

"... tinha levantado". O original pode verter as palavras da seguinte forma: "O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro. E levantou-a". Estas palavras formam um refrão que percorre a primeira metade do capítulo (versículos 1 a 18). O grande ídolo de Nabucodonosor era uma imagem nova e nacional. E, evidentemente, o objetivo do monarca era consolidar todas as nacionalidades do mundo em uma só nação. A nação babilônica. "Para alcançar tal coisa, era essencial que o governo fosse supremo em tudo, tanto no sentido religioso como no civil. A Roma pagã, séculos de¬pois, fez o mesmo, perseguindo os crentes, não somente porque faziam cultos a Cristo, mas porque não adoravam a César, o imperador, como um ser divino..." Nota-se nas palavras, repetidas vezes, que o rei ajuntou "os sátrapas, os prefeitos, e presidentes, os juízes, os tesoureiros, os con¬selheiros, os oficiais, e todos os governadores... para que viessem à consagração". Isso era, sem dúvida, uma forma para dar prestígio à inauguração da nova religião, ajuntando, assim, as autoridades de todas as províncias do seu vasto reino.

3.3: “Então se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos e presidentes, os juízes, os tesoureiros, os conselheiros, os oficiais, e todos os governadores das províncias, para a consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha le-vantado, e estava em pé diante da imagem que Nabucodo¬nosor tinha levantado”.

O leitor deve observar a repetição exata da lista de ofi¬ciais de grandes patentes, bem como dos instrumentos musicais, pode estar refletindo um estilo de retórica semítica; isso, podemos observar no próprio Pentateuco, era uma forma hebraica; enquanto a forma grega era abrevia¬da. A lista de autoridades segue o estilo grego daqueles dias. Sátrapas, é uma transliteração da palavra grega que, por sua vez, representa um original medo. A palavra signi¬fica “protetor” e era usada no Império Persa para o gover¬nador de uma província. As demais patentes são palavras de vasto sentido no mundo ocidental e principalmente no oriental. Quase que as funções da lista restante, são tradu-zidas por magistrados, como se todos fossem juízes. Mas é evidente que os governantes daqueles dias eram considera¬dos juízes, conselheiros, etc.

3.4: “E o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós, ó povos, nações e gente de todas as línguas”.

"... o arauto...” Em toda a extensão da Bíblia, apenas aqui, há referência especificada a esta palavra. Verdade é, que em o Novo Testamento o vocábulo grego “kêryx” se traduz como “pregador” em 1 Tm 2.7 e 2 Tm 1.11 e 2 Pe 2.5. No idioma aramaico, o verbo “kãrôz” se traduz por “o que clama”, derivado, provavelmente, não como se tem pensado, do termo grego “kêryx”, mas do persa antigo “khraus”, que quer dizer: “o que clama”. Aqui, no presen¬te texto, o vocábulo é aplicado ao locutor (em termos mo¬dernos) encarregado da divulgação feita por expressa or¬dem do rei, para a consagração da estátua. Diz-se que ele “apregoava em alta voz”. A forma causativa da raiz ver¬bal, “krz”, é encontrada em Daniel 5.29, onde lemos: "... e proclamassem a respeito dele...”. Nos dias hodiernos se traduz, na versão portuguesa, o vocábulo grego kêryx como

“pregoeiro”, mensageiro, etc. Seja como for, o arauto era um homem revestido de grande autoridade, na proclama¬ção daquela corte.

3.5: “Quando ouvirdes o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles, e de toda a sorte de música, vos prostráreis, e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado”.

"... buzina...” Essa palavra tem um sentido lato nas Es¬crituras Sagradas, sendo, porém, no grego clássico, tradu¬zida também por trombeta. Como trombeta, há menção frequente desse instrumento, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Tratava-se de um instrumento feito de um chifre longo com uma extremidade virada: era dessa forma a trombeta nacional dos israelitas. Era usada em ocasiões militares e religiosas. Paulo fala que o arrebatamento da Igreja, será precedido pela trombeta de Deus (1 Ts 4.16).

"... pífaro...” Essa é a tradução dada por nossa versão do termo aramaico “mashrôqitâ”. Ocorre apenas no pre¬sente versículo e naqueles que se seguem. Deriva-se da raiz “shãraq”, uma palavra onomatopeica que significa “asso¬biar” ou “chiar”. O som deste instrumento é acompanha¬do por um som sibilante. E razoável, embora improvável, que o instrumento acima mencionado pertencia a uma classe de flauta.

"... harpa...” Originalmente, esse instrumento tinha um formato triangular, com sete cordas. Mais tarde, o nú¬mero de cordas foi aumentado para onze (11) e Josefo men¬ciona em seus escritos harpas contendo dez cordas, as quais eram tangidas com um “plectum” ou pequena peça de marfim. A harpa é instrumento já mencionado em Gn 4.21. Também nos salmos há alusão a esse instrumento em várias conexões (Sl 33.2; 98.5; 147.7).

"... sambuca...” Sobre esse instrumento há várias opi¬niões:
1) “Um instrumento de sopro, usado na Idade Mé¬dia, consistindo de um longo tubo de bronze, com uma chave móvel para mudar o som das notas da música, à se¬melhança de um trombone.

2) O instrumento mencionado em Dn 3.5, pertence a uma classe muito diversa: é instru¬mento de cordas, que em aramaico se denomina "sabbekã".
3) A "sabbekã" é usualmente identificada com o gre¬go "sambykê" sendo esse o vocábulo usado para traduzi-lo no texto em foco, e na Septuaginta. Tem sido descrita como uma pequena harpa triangular. Seja como for, era um instrumento de cordas, e não de sopro, que, segundo Estrabão, era de origem bárbara.

"... saltério..." Esta palavra se deriva do vocábulo grego "psaltêrion", que denota um instrumento tocado com os dedos, e não com um plectro. O verbo grego "psaltõ" signi¬fica tocar vigorosamente. Para nós, essa palavra "saltério" se traduzia também por "viola". O saltério era bem conhe¬cido do povo de Israel. (Ver 1 Sm 10.5; Sl 33.2 e ss.) O sal¬tério, como já ficou demonstrado acima, era um instru¬mento de dez cordas, sempre citado em conexão com o lou¬vor.

"... gaita de foles..." Essa é a tradução de nossa versão da palavra aramaica "sumpônyã", que é geralmente consi¬derada como uma palavra emprestada do grego. Em toda a extensão da Bíblia ocorre apenas no presente capítulo. To-davia, parece que tal tradução é bem adequada, pois trata- se, realmente, de alguma espécie de instrumento de sopro. "A tradução italiana moderna é 'sanpogna', uma espécie de gaita de foles em uso corrente naquele país".

3.6: "E qualquer que se não prostrar e não a adorar, se¬rá na mesma hora lançado dentro do forno de fogo arden¬te".

"E qualquer que não se prostrar..." O presente versícu¬lo nos mostra a crueldade existente naquela corte. A puni¬ção para qualquer um que fosse insensato (segundo o rei) seria a sua morte iminente no forno de fogo ardente, que, sem dúvida, ficava ali perto do grande cortejo religioso. O presente texto e outros - correlatos nos dão a entender que a fornalha de fogo seria fechada por uma porta, pois a pessoa tinha de ser lançada ali no seu interior; isso também, se¬gundo a tecnologia, era um meio natural de aumentar o ca¬lor forçando a entrada de ar e eliminando

o oxigênio. E difícil vislumbrar qual teria sido a aparência daquela for¬nalha na velha Babilônia, a não ser o que pode ser de¬preendido dos textos em foco, pois a despeito de escava¬ções, raramente dispomos de maquetes ou desenhos com dimensões apropriadas.

3.7: “Portanto, no mesmo instante em que todos os po¬vos ouviram o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, e de toda a sorte de música, prostraram- se todos os povos, nações e línguas, e adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado”.

"... prostraram-se todos os povos...” o original traz lite¬ralmente, “assim que começaram a ouvir, começaram a prostrar-se”. Houve uma resposta total e imediata. O rei havia atingido seu objetivo e a unidade que buscava. De¬vemos observar como são repetidas na narrativa, as ex¬pressões: “o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, etc.”. (Ver os vv. 5, 7, 10,15).

3.8: “Ora, no mesmo instante, se achegaram alguns ho¬mens caldeus, e acusaram os judeus”.

"... acusaram os judeus”. O original diz claramente, “a¬cusaram maliciosamente”. (ARA, “acusaram”), se traduz também pela pitoresca expressão “comer os pedaços de carne arrancados do corpo de alguém”, daí “difamar”.

3.9: “E falaram, e disseram ao rei Nabucodonosor: O rei, vive eternamente”.

“...Ó rei, vive eternamente” A presente expressão tem em seu fundo o foco de bajulação. Os sábios do monarca Nabucodonosor já tinham atingido tudo isso em grau máximo.

3.10: “Tu, ó rei, fizeste um decreto, pelo qual todo o ho¬mem que ouvisse o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, e da gaita de foles, e de toda a sorte de música, se prostraria e adoraria a estátua de ouro”.

O versículo em foco, faz novamente referência à "ban¬da musical" daquela solenidade pagã. Tem-se defendido que, considerando que alguns dos nomes desses instrumentos são gregos, o livro deve ter sido escrito depois que Alexandre conquistou o Oriente. Com o passar dos anos, contudo, estudos históricos demonstram cada vez mais convincentemente que houve uma troca de cultura precoce entre a Grécia e o Oriente. Esses instrumentos musicais de origem grega simplesmente levaram consigo seus nomes gregos, como acontece com semelhante intercâmbio cultural hoje em dia, a saber, o piano, a viola, a guitarra, a citara, etc.

3.11: "E, qualquer que se não prostrasse e adorasse, se¬ria lançado dentro do forno de fogo ardente".

"... se não prostrasse e adorasse..." As presentes expres¬sões ocorrem repetidas vezes neste capítulo. Isso nos mos¬tra a natureza religiosa do homem, em qualquer tempo ou lugar. A palavra que deu origem ao vocábulo homem, é muito bem acentuada com sua natureza, pois de acordo com o grego, a palavra homem é "anthropos", em seu sen¬tido lato significa aquele que olha para cima. Esse pensa¬mento se coaduna com o restante das Escrituras, pois onde quer que se encontre o homem, ele está voltado sempre para a adoração de uma coisa. O coração humano, por sua própria natureza, busca a Deus, ainda que de forma im¬perfeita. (Ver At 17.27). "É impossível aniquilar o sentimento religioso da pessoa hu¬mana; esse sentimento nela é imortal". Nabucodonosor já conhecia, nesse tempo, o Deus verdadeiro, mas não lhe deu a glória a Ele merecida, por isso lhe sobreviríam outros castigos. (Ver cap. 4).

3.12: "Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abdenego: estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levan¬taste, adoraram".

O presente versículo mostra os acusadores em plena atividade. Eles bem sabiam das circunstâncias em que estes judeus haviam sido desig¬nados para os cargos, e estavam ressentidos pelo fato de ter o rei promovido estrangeiros para estarem acima deles. Agora, porém, segundo eles, estava ali a oportunidade de obter o favor do rei, revelando-lhes a traição daqueles jo¬vens inocentes. Eles esqueceram que Deus "se curva para ver o que está nos céus e na terra. Que do pó [do próprio ca¬tiveiro] levanta o pequeno, e do monturo ergue o necessita¬do, para o fazer assentar com os príncipes..." (Sl 113.6-8). Sadraque, Mesaque e Abdenego, foram promovidos ali, ex¬clusivamente pela misericórdia de Deus (Dn 2.49).

3.13: "Então Nabucodonosor, com ira e furor, mandou chamar Sadraque, Mesaque e Abdenego. E trouxeram a estes homens perante o rei".

"... com ira e furor..." O presente texto e outros que se seguem neste capítulo, mostram o rompimento da ira hu¬mana. Os homens da Antiga Aliança já notavam que o na¬riz da pessoa irada se dilata e suas narinas tremem. Tam¬bém para eles a expressão "seu nariz se inflamou" significa "encolerizou-se" e o substantivo "nariz", ou "narinas", é mais corrente para a designação da cólera. Comparemos, para nosso uso, os dois exemplos seguintes, um aplicado ao homem, e outro a Deus:

1) "Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?" (Gn 30.2).
2) "Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés, e disse: Não é Arão o levita, teu irmão? Eu sei que ele falará muito bem..." (Ex 4.14).

Um estado de ira na pessoa humana, pode ante¬cipar o pecado (Sl 4.4; Ef 2.6).
Nabucodonosor não obser¬vou nada destas coisas!

3.14: "Falou Nabucodonosor e lhes disse: É de propósi¬to, ó Sadraque, Mesaque e Abdenego, que vós não servis a meus deuses nem adorais a estátua de ouro que levantei"

"... É de propósito...” Tomado de ira, o rei ordena que os três homens acusados lhe fossem trazidos à presença, oferecendo-lhes oportunidade de negar a acusação. A presente pergunta do rei mos¬tra que ele tinha tomado o ato daqueles judeus como um verdadeiro desprezo ao seu edito real.

3.15: “Agora, pois, se estais prontos, quando ouvirdes o som da buzina, do pífaro, da guitarra, da harpa, do saltério, da gaita de foles, e de toda a sorte de música, para vos prostrardes e adorardes a estátua que fiz, bom é; mas, se a não adorardes, sereis lançados, na mesma hora, dentro do forno de fogo ardente: e quem é o Deus que vos poderá li¬vrar das minhas mãos”.

“... da guitarra...” O leitor deve observar que a palavra “sambuca”, sobre a qual já tivemos oportunidade de es¬crever em notas expositivas do versículo 5, ponto 4, é ago¬ra, nessa nova lista feita pelo rei, substituída pela palavra “guitarra”. Outro ponto importante a ser analisado no versículo em foco é que a justiça babilônica, mesmo des¬provida do temor divino, não condenou os três homens tão- somente com base no “dizem que” e, por isso, a despeito da sua furiosa ira, Nabucodonosor lhes deu uma oportuni¬dade de retrocederem. O fator possível, nesta observação, era que o grande monarca babilônico não perdesse a com¬postura diante de tão magnificente assembleia de delega¬dos internacionais ali presentes; mas, como um monarca daquele, não podia ser desmoralizado, ele desafia os pró¬prios poderes do mundo superior, dizendo: “e quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?”

3.16: “Responderam Sadraque, Mesaque e Abdenego, e disseram ao rei Nabucodonosor: Não necessitamos de te responder sobre este negócio”.

“Não necessitamos de te responder sobre este negócio”. O presente versículo mostra os três jovens hebreus diante do poderoso monarca; eles, tecnicamente, são culpados diante daquela corte, e nada há que os três possam dizer em sua defesa. Eles responderam ao rei dizendo: “Não ne-cessitamos de te responder”. Há uma interpretação feita com base no original aramaico, que diz: “Nós não te res¬ponderemos! Deus te

responderá! Ele pode, tanto nos li¬vrar como nos entregar nas tuas mãos, depende dele".

3.17. "Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar: ele nos livrará do forno de fogo ardente, e da tua mão, ó rei".

"... o nosso Deus, a quem nós servimos..." O presente texto, declara claramente a posição dos três jovens hebreus, quanto à ordem do rei. Eles apelam tanto para "providência" como para "o poder de Deus". Seja como for, Deus livra como quer! Se Deus usasse a providência no presente caso, os moços não teriam ido para dentro do for¬no de fogo ardente, porém, é evidente que o monarca não teria reconhecido a soberania do Criador. (Ver v 29). As¬sim, Deus permitiu que seus servos fossem parar ali; não os livrou do forno, mas os livrou no forno. Deus permitiu que José, mesmo inocente, fosse parar na prisão, vítima de uma calúnia da mulher de Potifar, capitão da guarda de Faraó (Gn cap. 40), mas dali Deus o exaltou, fazendo-o as¬sentar-se no trono, ao lado de Faraó. Deus é sempre o mes¬mo, tanto no passado como no presente. Ele não muda. O apóstolo Paulo entendeu isso, quando disse: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem da¬queles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8.28).

3.18: "E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levan¬taste".

"... não serviremos a teus deuses..." Os jovens judeus, mesmo numa terra de cativeiro, permaneceram fiéis à lei do seu Deus, que dizia: "Não terás outros deuses diante de mim (Ex 20.3). E perfeitamente compreensível que Deus, disposto a ser o único Deus suficiente e o recurso sobrena¬tural do seu povo proíba um apelo a quaisquer outros po¬deres sobrenaturais. Por isso, entendemos que o espiritis¬mo é proibido a quem crê num Deus vivo. No conceito divi¬no, é impossível a criatura humana fazer uma representa¬ção superior à sua própria idéia, e por isso é-lhe impossível apresentar dignidade à divindade, pois Deus há de ser infi¬nitamente superior ao nosso mais sublime pensamento.

Nabucodonosor não compreendia esse princípio emanado do supremo Deus, mas aqueles hebreus sim, o conheciam muito bem.

3.19: “então Nabucodonosor se encheu de furor, e se mudou o aspecto do seu semblante contra Sadraque, Mesaque e Abdenego. Falou, e ordenou que o forno se aque¬cesse sete vezes mais do que se costumava aquecer”.

Na raiva, Nabucodonosor ordenou a fornalha superaquecida: sete vezes mais do que se costumava aquecer.

"Sete vezes mais" - Possivelmente a palavra aramaica had, traduzida para um, na A.V., tenha aqui o sentido de nosso artigo indefinido "um"; portanto um sete vezes mais. Talvez fosse uma espécie conhecida de alguma coisa que podia ser multiplicada por sete (por exemplo, a palavra heb. para semana é sete, como também a palavra semelhante para juramento). Este sete seria, então, como sugere Zoeckler (Lange's Comm.), um número que totalizava a penalidade judicial. Veja também Lv. 26:18-24; Mt. 18:21, 22.

3.20: “E ordenou aos homens mais fortes, que estavam no seu exército, que atassem a Sadraque, Mesaque e Abde¬nego, para os lançarem no forno de fogo ardente”.

O presente versículo marca o final do diálogo entre o rei e os jovens indefesos. O monarca estava transtornado. Ele não podia imaginar que alguém lhe falasse com tal ousadia e coragem. Furioso, como acima já demonstramos, tanto pela desobediência como pela ousadia, mandou que aque¬cesse o forno “sete vezes mais”. Diante de tal ordem vinda do rei, os aquecedores entraram em ação, aquecendo a ve¬lha fornalha criminosa! “O grande calor seria fornecido por carvão, e se estima que a temperatura chegaria por vol¬ta de 900 a 1.000 graus. Humanamente falando, não havia ali solução para os três jovens inocentes, a não ser da parte daquele que disse: “Quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti” (Is 43.2).

3.21: “Então aqueles homens foram atados com as suas capas, seus calções, e seus chapéus, e seus vestidos, e fo¬ram lançados dentro do forno de fogo ardente”.

"... seus chapéus...” O versículo em foco fala dos ape¬trechos usados pelos ministros daquela corte: capas, cal¬ções, vestidos e chapéus. Porém, no presente texto, toma¬mos como base a palavra “chapéus” em razão de ser, em toda a extensão da Bíblia a única ocorrência deste gênero. A palavra “chapéu” como a temos em nossos dias, teve sua raiz no aramaico, exclusivamente (Dn 3.21), isto é, “karbelã”. Entre os próprios arameus essa palavra era bastante rara. A palavra mais usada era outra, que chega mais perto do sentido, como “túnica, calção e barrete”. Os setenta procuraram dar o melhor sentido possível como segue: “ca¬pa, calção, vestido e chapéu”. Seja como for, todas aquelas peças faziam parte da ornamentação da farda dos minis¬tros.

3.22: “E, porque a palavra do rei apertava, e o forno es¬tava sobremaneira quente, a chama do fogo matou aqueles homens que levantaram a Sadraque, Mesaque e Abdenego”.

"... A chama do fogo matou aqueles homens...” Os próprios inimigos dos três jovens hebreus, foram colhidos pelas labaredas selvagens do forno de fogo ardente, enquanto que os moços nada sofreram.

3.23: “E estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abdenego, caíram atados dentro do forno de fogo ardente”.

"... caíram atados...” Os três servos de Deus, finalmen¬te caíram dentro do forno ardente! Os inimigos do rei, se¬gundo os olhos cegos, eram aqueles pobres inocentes, en¬quanto seus amigos seriam aqueles cujas vidas eram repro-vadas. Após este versículo várias versões grega do Antigo Testamento adicionaram "A Canção dos três jovens" , que é um esforço para elaborar a experiência da libertação dos homens na fornalha. (Além dessa adição, temos adição de "Um Conto de Bel e do Dragão" e "Um conto de Daniel e Suzana")

3.24: “Então o rei Nabucodonosor se espantou e se le¬vantou depressa: falou, e disse aos seus capitães: - Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Respon¬deram e disseram ao rei: - E verdade, ó rei”.

A salvação dentro do conceito bíblico pode ser analisa¬da em vários aspectos, mas apenas focalizaremos um dos muitos elementos que fazem parte dos matizes da reden¬ção: é a salvação do ponto de vista humano. A salvação, neste ponto de vista, é primeiramente libertação material e concreta: diz respeito à vida do homem ou do povo nas múltiplas peripécias em que corre perigo. Ser salvo equiva¬le a sair ileso de uma situação perigosa em que alguém se arriscava a um fracasso, a uma derrota ou à morte. O israe¬lita sobre o campo de batalha (Dt 20.4), ou o fiel atacado pela doença ou pela angústia (SI 6.5; 69.2, etc), ambos vol¬tam-se para o Senhor em procura de libertação, que é a ajuda no sentido material (quando visto por este prisma), como um amigo que cuida do seu enfermo, como um bata¬lhão que socorre outro atacado por forças superiores, etc. No presente texto, podemos ver o monarca babilônico es¬pantado, ao contemplar a grande salvação de Deus efetua¬da na vida daqueles jovens.

3.25: “Respondeu, e disse: Eu, porém, vejo quatro ho¬mens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao fi¬lho dos deuses”.

Estas palavras devem ser interpretadas do ponto de vista pagão de Nabucodonosor, não de nosso ponto de vista cristão. Semelhante a um filho dos deuses (no aram. da-mê lebar elahîn), isto é, como um ser de aparência divina. O rei estava pensando nas diversas classes de divindades pagãs. Esta pessoa poderia muito bem ter sido o Filho de Deus pré-encarnado, mas nesse caso, Nabucodonosor não sabia quem Ele era. Veja Is. 43:1-3.

O termo “filho de Deus” pode referir-se a segunda pessoa da Trindade, mas também significa um governante nomeado por Deus, e o último é o seu significado básico aqui. Nabucodonosor tinha pensado que ele era o

filho de Deus para esta fase da história, mas agora ele teve um vislumbre do verdadeiro filho de Deus.

Nabucodonosor, como rei designado por Deus, era de fato um "filho de Deus". Houve, no entanto, um "filho de Deus", maior que tinha uma reivindicação proeminente. Havia um rei acima do rei da nova oikoumene. Este rei era poderoso o suficiente para parar o fogo sete vezes mais aquecido de Nabucodonosor. Este Rei, não Nabucodonosor, era o verdadeiro Senhor do fogo.

Alguns sugerem que aqui temos uma alusão a Daniel. Parece curioso que Daniel está ausente a partir desta história. Olhando Daniel 2:49, podemos ver por que ele estava fora. No entanto, Daniel sempre foi o líder dos quatro homens. Daniel está ausente, mas alguém toma o seu lugar com os três como seu líder, como Pedra Angular da casa litúrgica que representam.

3.26: "Então se chegou Nabucodonosor à porta do forno de fogo ardente; falou, e disse: Sadraque, Mesaque e Abdenego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Então Sa¬draque, Mesaque e Abdenego saíram do meio do fogo".

"... servos do Deus Altíssimo, saí e vinde!..." Os termos "servidor", ou "servo", em hebraico, são "ebed" e "abad"; conotam trabalho e submissão. No campo religioso é que toma este termo sentido mais rico: "servo" é quem está su¬jeito a Deus e trabalha no seu serviço. Os três jovens hebreus são considerados "servos" porque demons¬traram diante do mundo pagão sua verdadeira fé e lealda¬de a Deus.

3.27: "E ajuntaram-se os sátrapas, os prefeitos, e os presidentes, e os capitães do rei, contemplando estes ho¬mens, e viram que o fogo não tinha tido poder algum sobre os seus corpos: nem um só cabelo da sua cabeça se tinha queimado, nem as suas capas se mudaram, nem cheiro de fogo tinha passado sobre eles".

"... nem um só cabelo da sua cabeça se tinha queima¬do..." Não é em vão que diz a Escritura: "E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados" (Mt 10.30), e "não perecerá um único cabelo da vossa cabeça" (Lc 21.18). O leitor deve observar uma particularidade nesta narrativa: é que só foram queimadas na fornalha ardente as "cordas", porque estas eram do rei. Jesus, em seu ensino, indica que um cabelo da cabeça de um homem tem um valor maior que um passarinho. Os passarinhos eram usados em números quase infinito nos sacrifícios, e com a moeda menor em valor podia-se comprar dois, ou cinco por duas dessas moedas. (Ver Lc 12.6). Confrontan¬do o texto de Mateus 10.30 com Lc 12.6, observamos que, comprando dois por uma moeda e cinco por duas, um "pássaro" seria, praticamente, sem valor. Porém, é evi¬dente que o cuidado de Deus recai também sobre esses pássaros. Jesus mostra, assim, que o homem tem mais va¬lor do que os pássaros e por esta razão deve descansar apoiado no cuidado do Pai. Deus velou pelos cabelos dos três jovens hebreus, também velará pelos nossos!

3.28: "Falou Nabucodonosor, e disse: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abdenego, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus".

"... que enviou o seu anjo..." No texto em foco, o monarca babilônico julga ter visto "um anjo", embora sua declaração no versículo anterior diga ter visto algo se¬melhante "a um filho dos deuses" (ARA). (O original diz: Filho de Deus, mas como a palavra saiu de lábios pagãos, os escritores clássicos acharam por bem traduzir por: filho dos deuses). Assim sendo, o personagem visto pelo rei, mesmo sendo chamado de "anjo", foi o próprio Jesus Cris¬to em suas manifestações pré-encarnação.

3.29: "Por mim pois é feito um decreto pelo qual todo o povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abdenego, seja despedaçado e as suas casas sejam feitas um monturo; porquanto não há ou-tro Deus que possa livrar como este".

“Por mim pois é feito um decreto...” Diante do gran¬dioso milagre operado por Deus, o monarca babilônico fir¬ma em seu coração um propósito pelo qual a soberania do verdadeiro Deus fosse reconhecida e aceita por todos os po¬vos sob seu governo. Nabucodonosor reconhece isso e de¬clara: “porquanto não há outro Deus que possa livrar como este”. A declaração feita por Nabucodonosor é confirmada tanto pelos séculos como pela história universal: não há Deus igual ao nosso Deus! Deus livra porque tem em si mesmo “todo o poder”. O supremo poder de Deus, declara¬do nas Escrituras, mostra que Ele não trabalha ou age através de seus músculos, mas pelo supremo poder da sua palavra. Nesse atributo natural de Deus, está também in¬cluída a sua imutabilidade, e por ela se entende que ele nunca muda; em sua natureza, nos seus conselhos e nos seus atributos, Ele é sempre o mesmo. Nabucodonosor re¬conhece tudo isso e decreta a Deus o temor que lhe é devi-do.

3.30: “Então o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abdenego, na província de Babilônia”.

O presente versículo mostra como a fidelidade daqueles jovens cativos foi coroada. Daniel foi, deveras, um homem aben¬çoado naquela corte, mesmo tendo ali chegado como um pobre cativo (2.48; 6.28). Ele foi um profeta cujos temas são de alcance muito vasto; Sadraque, Mesaque e Abdenego, prosperaram também, de igual modo.

Daniel 4

Nabucodonosor ou Nabonido?

A descoberta da oração de Nabonido entre os pergaminhos de Qumran levou alguns exegetas modernos para dizer que originalmente este evento aconteceu com o rei Nabonido, que governou a Babilônia com seu filho Belsazar no final do Império Babilônico.

Neste documento, Nabonido afirma que ele foi ferido com um inflamação mal durante sete anos por orar aos ídolos, mas foi restaurado por um profeta judeu, que lhe disse para dar toda a honra a Deus. Embora existam diferenças entre este texto e Daniel 4 (a doença é diferente e o profeta judeu é curiosamente sem nome) muitos estudiosos críticos pensam que a história de Nabonido, é a fonte primária para a composição tardia de Daniel 4.

Não há nenhuma necessidade para nós dar crédito a esta especulação. É bem mais provável que a história de Nabonido é construída sobre Daniel 4.

A Conversão de Nabucodonosor

Daniel 4 é escrito pelo próprio Nabucodonosor, ou por um escriba (Daniel?), Como uma carta para o mundo. Ele descreve sua humilhação e sua entrada em um novo entendimento. Nabucodonosor chama Deus pelo nome gentio, o Deus Altíssimo, e fala de Daniel como alguém que tem "o Espírito Santo de Deus." O capítulo abre e fecha com um hino de louvor a Deus. A noção, defendida por alguns, que a conversão de Nabucodonosor era meramente uma humilhação pessoal e não uma verdadeira mudança de coração, e que ele não está no céu hoje, é tão absurda que seria um desperdício de tempo para tentar refutá-la.

Repetidamente Daniel é chamado Beltessazar "de acordo com o nome do meu deus", como Nabucodonosor coloca. Daniel 4 registra a

conversão de Nabucodonosor, portanto, "o nome do meu deus" é tematicamente importante. Nabucodonosor é confuso sobre quem é verdadeiramente Deus. Ele ainda não tenha resolvido a diferença entre Bel e Santo Deus. Em sua mente, eles são o mesmo, e os nomes "Dani-EL" e "BEL-tessazar" são equivalentes. Além disso, Bel e Nabu são equivalentes ao El judaica, por Nabu aparece em "NaBU-codonozor", daí Nabu também seria "o nome do meu Deus." Agora, Bel não é Deus Santo, e Santo Deus não é Bel, nem é Bel o mesmo que Nabu, mas "por trás" dessas aparições está o Altíssimo.

Nabucodonosor é um sincretista, não um politeísta puro (que na verdade alguns pagãos educados foram ou são). Todos os deuses são vários "símbolos" do mesmo Deus que é realmente desconhecido (compare Atos 17:23). Este Deus deu Seu oikomene a Nabucodonosor por um tempo (Daniel 2) e traçou os judeus como povo sacerdotal especial (Daniel 3), mas Nabucodonosor não se deu conta de que todos os outros deuses são falsos. Em sua mente, todas as religiões são iguais.

É por esta razão que a tradução de "Espírito Santo de Deus" como "o espírito dos deuses santos" neste capítulo é um erro. Nabucodonosor sabe que a manifestação do "Incognoscível" para os judeus é especial. Ele viu que "não há outro deus que possa livrar como este" (3:29). Especificamente, ele viu em Daniel 3, que o Deus judeu tem poder sobre sacrifício e adoração que vai além do que quaisquer outros deuses podem ter. Assim, este Deus, ou esta manifestação do "Incognoscível," é Deus Santo por excelência.

Não sabemos ao certo o que estava na mente de Nabucodonosor no início. Ele pode ter pensado que todos os vários deuses eram varias manifestações do Altíssimo, ou talvez mais provável que eles são todos servos do Altíssimo. Ele pode ter pensado que o Santo Deus foi apenas um dos servos do Incognoscível "Deus atrás dos deuses"; que Bel e Nabu foram outros agentes. Dada a natureza do pensamento pagão, o mais provável é que ele pensou as duas coisas: que os vários deuses eram ambos os servos e de alguma forma manifestações do Deus Altíssimo.

Ele não era totalmente errado pois a Bíblia ordena: "Não terás outros deuses diante de mim", ele assume que há certamente outros deuses, mas que estes são apenas servos do Altíssimo, que é o Deus de Israel. Esses outros deuses, que são anjos, caído ou não caído nunca deve ser tratado como igual ao Deus Criador. Os anjos caídos de Deus, os deuses menores, tendem a tentar usurpar o lugar do Criador e adoração direta para si. Isto não deve ser permitido. Isto é o que Nabucodonosor deve aprender.

Nabucodonosor aprendeu em Daniel 2 que o Altíssimo lhe havia dado um tempo na história. Em Daniel 3, soube que o Altíssimo tinha uma relação especial com os judeus na área de sacrifício e sacerdócio (3:26).

É possível que ele cresse que o Altíssimo se manifesta diretamente como Santo Deus para os judeus, na área de adoração e sacrifício. Mas no que diz respeito politica, Ele trabalha através de outras outras manifestações, ou através de Seus outros agentes, como Bel e Nabu e Marduk. Nabucodonosor acredita que o Altíssimo não governa diretamente nos reinos dos homens. Na arena do dia-a-dia da política, ele pode ser ignorado porque ele não está interessado nela. Ele configura reinos, mas no que diz respeito ao dia do dia-a-, é Bel e os demais que estão no comando.

Nós temos que pisar com cuidado aqui. Atos 17 é muito importante para a nossa compreensão do que está acontecendo em Daniel 4. Paulo diz que os homens nos tempos antigos não sabiam muito sobre Deus, e na sua ignorância adoravam o incognoscível. Deus, diz ele, não levou em conta os tempos da ignorância, mas agora trouxe um dia em que os homens devem vir ao conhecimento. Agora que esse dia chegou, os homens devem se arrepender da sua ignorância.

O sonho que vem a Nabucodonosor em Daniel 4 é a chegada desse dia para ele. Sua antiga ignorância e confusão é um pouco desculpável, e Deus pode muito bem ignorá-lo e não contá-lo contra ele. Mas não mais.

Um sonho na noite leva a um novo dia, um dia em que Nabucodonosor deve arrepender-se da ignorância e confusão.

Em Daniel 4 a mensagem é clara: "que os vivos saibam que o Altíssimo é Governante no reino dos homens" (4:17, 25, 32). Podemos pensar que essa revelação ainda não mudaria as crenças de Nabucodonosor. Ele ainda pode pensar que o Altíssimo é todas as várias aparições dos vários deuses, incluindo o Deus Judeus, exceto por uma coisa: Nenhum dos caldeus, servos de Bel e Nabu, etc., poderiam interpretar o sonho. É evidente que o sonho não veio de Bel ou Nabu ou Marduk, etc. O sonho veio do Santo Deus, o Deus dos judeus, e só o representante desse Deus poderia interpretar o sonho.

[Recomendo a leitura do ebook "como será a salvação daqueles que nunca ouviram o evangelho?", do site revistacrista.org]

Este fato significa que o Altíssimo é o Santo Deus, mas não o mesmo que todos os outros deuses. O governo do Altíssimo sobre o reino dos homens não é revelado ou manifestado através de qualquer outro Deus senão o Deus dos judeus. Qualquer que tenha sido o caso anteriormente, é agora o caso que o Altíssimo é o governante não apenas dos tempos e das épocas, mas no dia dia-a. Bel e Nabu pode ser ou pode ter sido anjos-maus, ou talvez em alguns momentos nomes para anjos bons, eles não são mais relevantes. O Altíssimo revelou que ele está no comando, e que Ele governa. Um novo dia chegou.

O Altíssimo revelou agora que o Santo Deus não é um de Seus servos, mas que Ele mesmo é o Deus Santo. Isso pode ter sido claro já em Daniel 3, como já vimos (3:26). O Altíssimo também revelou agora que Ele mesmo governa os assuntos dos homens, falando diretamente a Nabucodonosor através de um sonho. Se talvez o Altíssimo tinha usado Bel ou Nabu anteriormente, Ele certamente não faz isso. Os outros deuses devem cair, e apenas o Altíssimo ser adorado.

O conselho de Daniel foi que Nabucodonosor quebrantar-se e evitar ser quebrado (4:27, cp. Jonas 3). No final de doze meses, ele ainda não

acreditava que o Altíssimo era pessoal e intimamente interessado no governo dos reinos dos homens. Ele ainda pensava que Deus estava distante e que ele, Nabucodonosor, era o governante imediato. Em seu orgulho, ele elogiou a si mesmo e suas obras, e foi imediatamente interrompida por Deus (4: 29-31).

No sonho, Deus havia anunciado uma "nova aliança" para Nabucodonosor. As velhas formas tinha que passar. Mas para entrar nesse novo pacto, Nabucodonosor teve que passar por "morte e ressurreição". Ele teve que se tornar um Novo Nabucodonosor. A vinda completa da Nova Aliança, após a tribulação, pela morte e ressurreição e a entrada dos homens nele, vem à tona novamente em Daniel 7 e 12. O que acontece em Daniel 4 é, assim, um tipo e uma profecia da Idade Apostólica. Nabucodonosor é um tipo de Humanidade adâmica, e a vinda de uma nova ordem em Daniel 4 é um tipo para a vinda da nova ordem da Criação, com a necessidade de uma nova humanidade para governar nela.

4.1: "Nabucodonosor, rei: a todos os povos, nações, e línguas, que moram em toda a terra: Paz vos seja multipli¬cada".

"Nabucodonosor, rei". Esse poderoso monarca (605 a 562 a.C.), é frequentemente referido pelos profetas Jere¬mias, Ezequiel e Daniel, e, de um modo especial, na histó¬ria dos últimos dias do reino de Judá. "Seu nome em hebraico é Nebükhadhre'ççar, que talvez signifique "Nabu protegeu os direitos de sucessão". O texto hebraico alter¬nativo (nebükhadhne'ççar - ver o grego Nabucodonosor) pode derivar-se de uma forma aramaica do mesmo nome. Segundo a crônica babilônica, esse filho do fundador da di¬nastia caldaica, Nabopolassar, primeiramente comandou o exército babilônico na qualidade de "príncipe herdeiro", em 605 a.C. E no ano seguinte derrotou Neco II e os egíp-cios em Carquemis e Hamate (2 Rs 23.29 e ss; 2 Cr 35.20 e ss; Jr 46.2). Fala-se dele nas crônicas babilônicas, dizendo: "Nesse tempo ele conquistou a Hatti inteiro". No primeiro capítulo deste livro, Daniel fala dele como uma figura que surge de repente.

4.2: "Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e ma¬ravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo".

"... sinais e maravilhas..." O presente texto nos mostra o rei Nabucodonosor convencido do supremo poder de Deus; ele deseja que os sinais e maravilhas que Deus ope¬rava na sua vida e no seu reino se tomem extensivos a to¬dos os seus súditos. O termo "sinal", no texto em foco, no grego, é "semeion"; era uma palavra comumente usada para significar "sinal" ou "marca distintiva"; mas, nos Evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos, com frequência é usado para indicar um "milagre didático", uma "ma¬ravilha", cuja finalidade é a de convencer os homens acer¬ca de alguma intervenção divina, ensinando lições espiri¬tuais objetivas. No versículo em foco, porém, os "sinais e maravilhas" visam tornar o Deusjudeu conhecido no mundo pa¬gão.

4.3: "Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosos as suas maravilhas! o seu reino é um reino sempiterno, e o seu domínio de geração em geração".

"O seu reino é um reino sempiterno". O monarca Na¬bucodonosor, no maior apogeu de sua glória, reconhece, contudo, que os remos terrenos são transitórios, mas enal¬tece o Reino de Deus como sendo um Reino eterno. Uma declaração desta natureza pela boca dum rei pagão é, de fato, muito significativa. Este capítulo descreve Nabuco¬donosor fazendo as seguintes proclamações:

1) Reconhece o Deus judeu como sendo o Altíssimo (superioridade de Deus sobre todos os ídolos);
2) que os seus sinais e maravilhas são poderosos;
3) que o seu reino é um reino sempiterno;
4) que o domínio de Deus é de geração em geração.

O monar¬ca estava plenamente convencido de que só Deus é Deus e Senhor, e que o governo de Deus é para todas as épocas ou séculos. O reino de Deus é eterno, porque seu Rei é um Rei eterno.

4.4: “Eu, Nabucodonosor, estava sossegado em minha casa, e florescente no meu palácio”.

“Estava sossegado em minha casa”. O palácio de Na¬bucodonosor, onde Daniel muitas vezes esteve, era um dos mais magnificentes edifícios da Antiguidade. Suas vastas ruínas foram descobertas por Koldwey em 1899-1912. As paredes do lado Sul da sala do trono tinham 6 metros de grossura. O lado Norte do palácio era protegido por três 72 muros. Bem ao norte deles, havia mais muros, de 16 me¬tros de espessura. Um pouco mais adiante, outros muros mais sólidos. E, cerca de 1.600 metros para fora, ficava a muralha interior da cidade, que consistia em dois muros paralelos de alvenaria, cada qual de uns 7 metros de espes¬sura e 13 de distância um do outro, sendo o espaço no meio preenchido de cascalho, fazendo uma espessura total de uns 26 metros, com uma vala (canal) larga e profunda do lado de fora. Alguns historiadores a denominaram também como “A Fortaleza”.

4.5: “Tive um sonho, que me espantou; e as imagina¬ções na minha cama e as visões da minha cabeça me tur¬baram”.

O poderoso monarca babilônico, considerava-se o ho¬mem mais seguro do mundo; ninguém podia transpor os umbrais de seu palácio (a não ser com sua ordem) e depois viver. Mas é curioso notar como muitas vezes Deus cruzou todos aqueles portões até a recamara do monarca e, atra¬vés de “sonhos”, revelou-lhe mistérios por ele ignorados. (Ver Jó 33.14-16). O texto em foco mostra que o sonho do rei era de espantar mesmo. Muitas vezes as poderosas ma¬nifestações de Deus no mundo habitável produzem medo nos ímpios e temor nos santos. O poder de Deus foi mani¬festado na terra do Egito de duas maneiras focais:
1) De forma gloriosa, salvando Israel.
2) De forma punitiva, des¬truindo Faraó e seus exércitos.
Seja como for, em qualquer batalha Deus é quem triunfa.

4.6: “Por mim pois se fez um decreto, pelo qual fossem introduzidos à minha presença todos os sábios de Babilô¬nia, para que me fizessem saber a interpretação do sonho”.

Conforme o costume daquela corte real, foram imedia¬tamente introduzidos os sábios de Babilônia, os magos, os encantadores, os astrólogos, e o rei, como sempre, esperava que, após contar-lhes o sonho, eles fizessem a interpreta¬ção de acordo com aquilo que do sonho poderia ser de¬preendido. O leitor deve observar que, no sonho do capítu¬lo 2 deste livro, o monarca exige algo mais profundo dos seus magos e encantadores; no presente versículo, porém, o rei apenas exige a interpretação do sonho, mas, mesmo as¬sim, seus súditos falharam. E evidente que aquele sonho tinha um caráter espiritual, e, por essa razão, tornara-se impossível a sua interpretação pelos súditos do rei. O mistério estava aí; eles falharam, mas Daniel triunfou!

4.7: "Então entraram os magos, os astrólogos, os caldeus, e os adivinhadores, e eu contei o sonho diante deles, mas não me fizeram saber a sua interpretação".

O presente texto demonstra que aqueles sábios eram apenas uma classe de exploradores do rei, nada sabendo dos mistérios de Deus. O que mais nos admira é que, de¬pois de ter verificado a futilidade e incompetência dos sá¬bios, o rei ainda os convocasse antes de convocar Daniel. Parece que ele ainda estava indeciso quanto ao verdadeiro Deus. Daniel desta vez não pediu prazo ao rei para fazer a interpretação, pois para ela já estava habilitado por Deus.

4.8: "Mas por fim entrou na minha presença Daniel, cujo nome é Beltessazar, segundo o nome de meu deus, e no qual há o espírito dos deuses santos; e eu contei o sonho diante dele".

"Daniel, cujo nome é Beltessazar" O texto em foco diz que este nome de Daniel, que herdara naquela corte, era segundo o nome dos deuses principais ali. Bel e Nebo eram as principais divindades babilônicas. (Ver Is 46.1). Seus nomes tornaram-se também sinônimos do fim de Babilô¬nia e do seu domínio (Jr 50.2; 51.44). Nessa conexão, Bel tem seu nome ligado ao deus Nebo, que era considerado seu filho. Bel (em sumeriano, "em, senhor", e em hebrai¬co, "Baal", "o senhor da noite",

era uma das divindades da tríade original sumeriana, juntamente com Anu e Enki, e esse seu nome era um título ou epíteto do deus do vento e da tempestade. Ao tornar-se Marduque o deus principal de Babilônia, no segundo século a.C., recebeu o nome adicio¬nal de Bel. Daniel recebeu o nome desta imagem, mas nada daquilo afetou sua conduta espiritual (Rm 14.14 e Tt 1.15).

4.9: “Beltessazar, príncipe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum segredo te é difí¬cil; dize-me as visões do meu sonho que tive e a sua inter¬pretação”.

Nabucodonosor afirma diante de Daniel que havia tido um sonho que era de caráter significativo. Ele reconhece que “o espírito dos deuses santos” operava em Daniel constantemente. Essa frase do monarca babilônico poderia ser parafraseada como “aquilo que pertence à verdadeira deidade pode ser encontrado em Daniel”. Talvez o monarca não tivesse convocado logo a Daniel (pensam alguns), não porque o tivesse esquecido, mas por haver percebido que o sonho dizia respeito à sua humilha¬ção, que teria de sofrer nas mãos do Deus judeu.

4.10: “Eram assim as visões da minha cabeça, na mi¬nha cama: eu estava olhando, e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande”.

"... uma árvore no meio da terra”. O presente versículo relata o início do grande sonho do monarca babilônico. O rei viu aquela árvore no “meio da terra”, isto é, a árvore ocupava sobre a terra uma posição central que assim atraía a atenção de Nabucodonosor. É evi¬dente que a expressão “no meio da terra”, do texto em foco, refere-se a grande capital do Império Babilônico.

4.11: “Crescia esta árvore, e se fazia forte, de maneira que a sua altura chegava até o céu; e foi vista até os confins da terra”.

“... sua altura chegava até o céu”. A natureza do so¬nho do monarca segue um paralelismo no planejamento da construção da Torre de Babel,

O texto de Gênesis 11.4 mostra bem para nós o significado do pensamento: “E dis¬seram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma Torre cujo cume toque nos céus...” Aquele grupo rebelde foi humilha¬do diante da sentença poderosa de Deus; Nabucodonosor foi também humilhado, e aquela grande árvore foi derru¬bada por terra; os homens sempre tentaram um caminho para o céu, mas sem ser o da cruz de Cristo! Mas falharam. Ninguém jamais poderá transpor os umbrais da cidade do Senhor, se não nasceu de novo, como nos ensinou nosso di¬vino Mestre (Jo 3.1-5). O homem pode construir Torre até os céus; pode sonhar com árvore até o céu; mas a entrada lá só será possível por meio do precioso sangue de Jesus Cristo, nosso Senhor. (Ver Jo 14.6; 1 Tm 2.5).

[Recomendo a leitura do artigo "Uma Moderna Torre Babel está sendo Construída?", do site revistacrista.org]

4.12: “A sua folhagem era formosa, e o seu fruto abun¬dante, e havia nela sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, e as aves do céu fa¬ziam morada nos seus ramos, e toda a carne se mantinha dela”.

O versículo em foco e outros correlatos descrevem a grande prosperidade do reino babilônico, incluindo a pes¬soa do rei Nabucodonosor. O reino deste monarca caldeu foi sem dúvida alguma muito grande em magnificência; grande em extensão, e grande em crueldade! Podemos ob¬servar porque aquele reino era tão grande em crueldade:
1) Nele havia um “forno de fogo ardente”.
2) Nele havia “co¬vas de leões bravos”.
3) Nele era desenvolvida a magia ne¬gra, e outros tipos de heresias eram também ali praticadas em forma crescente.

4.13: “Estava vendo isto nas visões da minha cabeça, na minha cama; e eis que um vigia, um santo, descia do céu”.

"... um vigia, um santo". O presente texto fala de "um vigia, um santo", isto é, um que é santo. No versículo 13 do capítulo oito deste livro, nos são apresentados dois santos que falam; aqui, porém, somente uma pessoa está em foco. O termo "vigia" se traduz também por "um vigilante" no original, e denota um ser sem corpo mortal, com elevado poder, que nunca dorme, que reconhecemos como sendo o "Anjo do Senhor" ou o próprio Senhor Jesus. Pelo uso da expressão "um que é santo", subentendemos que a pessoa do Pai também está em foco na presente passagem. (Ver Sl 121). Deus é o "Vigia Eterno" que nunca dorme. Ele nunca se cansa nem se fadiga, como bem pode ser visto em toda a extensão da Bíblia. (Ver Is 40.28). Aqueles que fazem parte de sua guarda, também não dormem nem de dia nem de noite (Ver Ap 4.8).

Temos aqui uma imagem gráfica de Julgamento, Deus (aqui representado por um vigia, um santo), desce em julgamento. Essa imagem é apresenta no Antigo Testamento como também no Novo Testamento representando uma vinda em juízo.

4.14: "Clamando fortemente, e dizendo assim: Derru¬bai a árvore, e cortai-lhe os ramos; sacudi as suas folhas; espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela, e as aves dos seus ramos".

"Derrubai a árvore". O Vigia Eterno anuncia com grande poder a queda da grande árvore (Nabucodonosor e todo o sistema monárquico por ele criado). Paulo diz em Rm 13.1 e ss. que as autoridades são constituídas por Deus; porém, é evidente que Deus exalta e também humilha. "Deus dá, mas também tira", diz em Jó 1.21. Na Bíblia encontramos vários exemplos de pessoas soberbas que, quando foram elevados, puseram de lado a vontade esta-belecida pelo governo geral de Deus. O profeta Oséias des¬creve sobre Saul o que segue: "Dei-te um rei na minha ira, e to tirei no meu furor" (Os 13.11). O reino da Babilônia cresceu até o céu como diz a profecia divina, mas estando maduro para a ceifa, começou a ser "sacudido" pelos juízos de Deus. Deus é infinitamente bom mas também é infi¬nitamente justo e, por essa razão, Ele sempre dá a colheita de acordo com a semeadura. (Ver Gl 6.7).

4.15: “Mas o tronco com as suas raízes deixai na terra e com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo: e seja molhado do orvalho do céu, e a sua porção seja com os ani¬mais na grama da terra”.

No sonho do monarca Nabucodonosor, o “tronco” da grande árvore, haveria de brotar. Literalmente, isso falava da doença e res¬tauração da saúde do monarca, depois de “sete tempos”. Essa expressão “sete tempos” do texto em foco, compara¬da com a interpretação que se dá aos textos de Dn 7.25; 12.7 e Ap 12.14, significa “sete anos”. Porém, mesmo assim, Na¬bucodonosor, foi restaurado ao seu posto de honra, confor¬me a profecia do patriarca Jó que diz: “Porque há esperan¬ça para a árvore que, se for cortada [pelo machado de Deus], ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e morrer o seu tronco no pó, ao cheiro das águas brotará, e dará ramos como a plan¬ta” (Jó 14.7-9). O monarca Nabucodonosor não só foi le¬vantado da terra, mas também posto em seu trono.

4.16: “Seja mudado o seu coração, para que não seja mais coração de homem, e seja-lhe dado um coração de animal; e passem sobre ele sete tempos”.

Esta era uma sentença terrível para aquele que sem dú¬vida alguma era o homem mais orgulhoso da terra. A des¬truição da árvore não importava na sua erradicação, pois o tronco, amarrado com cadeias de ferro e de bronze, deveria ficar na terra para ainda voltar a frutificar depois de “sete tempos”.

4.17: “Esta sentença é por decreto dos vigiadores, e esta ordem por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre os remos dos homens; e os dá a quem quer, e até ao mais baixo dos ho-mens constitui sobre eles”.

O presente texto mostra claramente a interpretação do rei sobre o referido decreto. Isto é, ele teria sido originado pelos “vigiadores”. Daniel não repudia esse tipo de inter¬pretação feita pelo rei, mas acrescenta que aquela ordem partiu diretamente do Deus judeu. Os

“vigiadores” de que fala o texto, podem, em suma, referir-se ao próprio Deus ou à Trindade.

4.18: “Isto em sonho eu, rei Nabucodonosor, vi: tu, pois, Beltessazar, dize a interpretação; todos os sábios do meu reino não puderam fazer-me saber a interpretação, mas tu podes, pois há em ti o espírito dos deuses santos”.

O monarca confessa a Daniel a incapacidade que exis¬tia em seus súditos para desvendar tamanho segredo. O versículo seguinte a este focaliza Daniel atônito por quase uma hora, isso seria, sem dúvida, em razão de aquela visão trazer qualquer coisa dramática para um homem do quila¬te do rei Nabucodonosor; talvez seus súditos, mesmo que a soubessem não dariam a interpretação a contento do rei, de tudo aquilo. Daniel era o homem certo levantado por Deus para estar naquela cor¬te de tantos segredos. Ele, como sabemos, sempre se deparava com labirintos sombrios, marcantes e insolúveis para a capacidade humana, mas Deus o credenciou para as grandes tarefas ali existentes, defendendo sempre o seu povo nos dias sombrios daquele cativeiro.

4.19: “Então Daniel, cujo nome era Beltessazar, esteve atônito quase uma hora, e os seus pensamentos o turba¬vam; falou pois o rei, e disse: Beltessazar, não te espante o sonho, nem a sua interpretação. Respondeu Beltessazar, e disse: Senhor meu: o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação para os teus inimigos”.

O presente texto nos mostra o grande espanto do velho profeta. Ele viu logo o sentido daquela visão, e ficou atôni¬to, porque tudo aquilo se referia ao rei, e era muito duro o que ele tinha de lhe dizer. Daniel era, sem dúvida, um ho¬mem muito fiel; acima de qualquer coisa, para ele o impor¬tante era a verdade. Acreditamos que, à proporção que o rei descrevia o sonho da grande árvore, o Espírito de Deus em Daniel desenvolvia a sua interpretação, conferida em cada detalhe; ele desejava o bem daquele monarca, mas percebia, em cada elemento do sonho, que o sonho, conti¬nha o anúncio de um julgamento contra o rei, da parte de

Deus. Daniel não renun¬ciou à interpretação, e a fez a contento, como se vê nos versículos seguintes.

4.20: "A árvore que viste, que cresceu, e se fez forte, cuja altura chegava até ao céu, e que foi vista por toda a terra".

No texto em foco, Daniel lembra ao monarca o que ele mesmo afirma ter visto em sonho no versículo 10 do pre¬sente capítulo. O rei babilônico nunca jamais tinha visto em toda a sua vida uma árvore que tivesse tal tamanho; sua altura ultrapassa qualquer possibilidade de uma árvo¬re crescer na terra. Os reinos do mundo também têm suas grandezas por algum tempo, mas depois declinam; o reino de Deus e de Cristo, pelo contrário: não terá fim. (Ver Lc 1.33)

4.21: "Cujas folhas eram formosas, e o seu fruto abun¬dante, e em que para todos havia mantimento; debaixo da qual morava os animais do campo, e em cujos ramos habi¬tavam as aves do céu".

Daniel, como já fizera num sonho anterior (cap. 2), continua na descrição, e, depois, inicia a interpretação. Nesse cenário favorável, a manifestação do poder do Deus judeu, que revela os mistérios ou coisas ocultas, é indispensável nas interpretações feitas por Daniel. Na condição de muito superior a todos os magos, o profeta não fora consultado entre eles, pois desconhecia o poder das trevas que agia na¬queles sábios caldeus. No versículo 19, vemos Daniel de¬morando para falar, até ser encorajado pelo rei e por Deus a fazê-lo. Daniel, como servo fiel, estava ali diante de Deus e do monarca babilônico, por isso toda prudência era pouca!

4.22: "Es tu, ó rei, que cresceste, e te fizeste forte; a tua grandeza cresceu, e chegou até o céu, e o teu domínio até a extremidade da terra".

"A tua grandeza cresceu... até o céu". A presente ex¬pressão sempre tem conexão com Babilônia e o seu povo. O domínio de Nabucodonosor se processava em ordem crescente e já estava atingindo até o céu. O texto em foco também nos faz lembrar a semelhança do pecado de Sodoma

(Gn 18.21), e o da cidade de Nínive (Jn 1.2); e o pecado da grande Babilônia descrita em Ap 18.5, que diz: "...já os seus pecados se acumularam até o céu..." Isso significa que o pecado concebido, nasce, cresce e, estan¬do na sua fase de amadurecimento, toca nos céus. O profe¬ta Jeremias segue um paralelismo semelhante a este, em seu livro (Jr 51.9). O julgamento de Babilônia, aí, atinge os céus, sendo elevado até o firmamento. Qualquer dessas ideias nos fornece um indí¬cio de como o pecado pode acumular-se, produzindo, ne-cessariamente, o amadurecimento para o juízo de Deus.

4.23: "E quanto ao que viu o rei, um vigia, um santo, que descia do céu, e que dizia: Cortai a árvore, e destruí-a, mas o tronco com as suas raízes deixai na terra, e com ca¬deias de ferro e de bronze, na erva do campo; e seja molha¬do do orvalho do céu, e a sua porção com os animais do campo, até que passem sobre ele sete tempos".

"... Um vigia, um santo..." Apresente expressão é tam¬bém citada no versículo 13, onde é retratado como sendo ″um vigilante eterno", ″um ser que não dorme". Somente um indivíduo é referido aqui. Todos os comentadores da atualidade têm seguido a mesma opinião quanto ao "guar¬da eterno", isto é, identificando-o como o Senhor a quem Daniel servia, aquele que "não dormita, nem dorme". (Ver Sl 121.4). Ele tem poder para fazer decretos e cumpri-los, com o propósito de mostrar aos homens o fato de que o Altíssimo governa nas questões humanas. No decreto do Altíssimo, o juízo sobre o monarca era pesado mas não era total; ainda o tronco da árvore haveria de brotar. Qualquer que fosse seu castigo, Deus o preserva¬ria.

4.24: "Esta é a interpretação, á rei: e este é o decreto do Altíssimo que virá sobre o rei meu senhor".

O texto em foco mostra-nos como Daniel começou a in¬terpretação da grande árvore que o rei tinha visto em so¬nho. Declarou que aquele monarca era a árvore e que real¬mente seria cortada como quando o lenhador corta a árvo¬re do bosque. Mas Daniel acrescentou que um cepo fora deixado. Nabucodonosor devia saber que, ao passar o tem¬po

de castigo, seria restaurado novamente no seu posto como governante do império babilônico.

4.25: “Serás tirado de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e te farão comer erva como os bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti: até que conheças que o Altíssi-mo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer".

“Até que conheças que o Altíssimo tem domínio...” No livro de Daniel, a expressão “O Deus Altíssimo” é frequente, em várias conexões (Dn 3.26; 4.17, 24, 25, 32, 34; 5.18, 21; 7.18, 22, 25, 27). No Antigo Testamento, Deus aparece pela primeira vez com este título, em Gn 14.18, quando o Melquizedeque, trazendo pão e vinho, abençoou a Abraão. O vocábulo no original hebraico é “EL elyôn”. - O Deus Altíssimo era o título de Deus, adorado pelo rei de Salém. Este nome de Deus, quando era usado, mostrava a superioridade dele sobre os ídolos do paganismo. Comumente, os antigos habitantes da velha Mesopotâmia usa¬vam a expressão “Deus lá de cima”. (Ver Jó 3.4). O salmista Davi escolhia este nome para sua habitação. (Ver Sl 91.9). E, portanto, evidente que Daniel usava a linguagem mais acessível para aquela gente babilônica. (Ver 1 Co 9.20,22).

4.26: “E quanto ao que foi dito, que deixasse o tronco com as raízes da árvore, o teu reino voltará para ti, depois que tiveres conhecido que o céu reina”.

O presente versículo enfatiza a correção de Deus no mo¬narca caldeu, mas não era o esmagamento completo, pelo contrário, era sua salvação. Deus precisava retirá-lo do círculo vicioso dos seus esforços naturais e cruéis contra seus semelhantes e mostrar que o Altíssimo, o Deus dos Judeus, governa no mundo dos homens, ele seria restaurado "quando tiveres conhecido que o céu reina".

4.27: “Portanto, ó rei, aceita o meu conselho, e desfaz os teus pecados pela justiça, e as tuas iniquidades, usando de misericórdia com os pobres, se se prolongar a tua tran¬quilidade”.

O presente texto e outros correlatos, mostram a cora¬gem inaudita do profeta Daniel. Ele, após interpretar o so¬nho, aconselhou o que deveria ser feito, se o período de tranquilidade, antes do julgamento, fosse prolongado. Ge¬ralmente é assumido que, se o monarca se tivesse arrepen¬dido, seria afastada a calamidade ameaçada. O texto, po¬rém, não menciona o afastamento do julgamento previsto. Em outras palavras, isso queria dizer: “Arrepende- te, voltando do mal para praticar o bem”. Seja como for, o rei não se arrependeu, e, como consequência disso, o casti¬go veio!

4.28: “Todas estas coisas vieram sobre o rei Nabucodonosor".

O versículo 27 do presente capítulo declara que Daniel insistiu com o monarca caldeu, para que ele se arrependes¬se, mas Nabucodonosor não deu ouvidos à Palavra divina e viu-se cercado por um montão de ruínas!

4.29: “Ao cabo de doze meses, andando a passear sobre o palácio real de Babilônia”.

“Ao cabo de doze meses”. O eterno Senhor deu ao rei doze meses, para que demonstrasse uma mudança de ati¬tude, mas não houve nenhuma. Pelo contrário, no fim dos doze meses, ele entrou no seu grande palácio real, maravi¬lhado por ter construído toda aquela glória com o seu pró¬prio poder. Escrevendo sobre isso, diz o doutor Leon J. Wood: “Deus despreza o orgulho! O orgulho cobre o ego de honrarias, é voraz e ambicioso. O orgulho é bastante preju¬dicial quando se expressa em relação aos homens, mas pior ainda quando o demonstramos para com Deus. Deus quer que sejamos humildes e submissos. Mas, em vez de mani¬festar essas qualidades, Nabucodonosor continuou orgu¬lhoso; portanto Deus permitiu o castigo profetizado”.

4.30: “Falou o rei, e disse: Não é esta a grande Babilô¬nia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?"

“Não é esta a grande Babilônia?" A Babi¬lônia que serviu de cenário ao ministério de Daniel, era a cidade maravilhosa do mundo antigo. Situada no berço da raça humana, próximo à região do Jardim do Éden, edificada a volta da Torre de Babel; foi a primeira sede imperial, e residência favorita dos reis babilônicos, assírios e persas, e mesmo de Alexandre, o Grande. Babilônia foi le¬vada ao apogeu do poder e da glória nos dias de Daniel, por Nabucodonosor, seu amigo, o qual durante seu reinado de 45 anos nunca se cansou de edificar e embelezar seus palá¬cios e templos.

Sobre as dimensões da Babilônia, dizem historiadores antigos, eram gigantescas. “Seu muro media 96 km de extensão, 24 km de cada lado da cidade, por 90 m de altura, e 25 de espessura, medindo seus alicerces 12 m de profundidade, para que os inimigos não cavassem tú¬neis por baixo deles; construída de tijolos de 30 cm quadra¬dos, 8 a 10 cm de espessura; havia 400 m de espaço livre entre a cidade e o muro, por todo o seu circuito; o muro era protegido por valas (canais) largas e profundas, cheias de água; havia 250 torres no muro, salas de guarda para sol¬dados, e 100 portões de cobre. O Eufrates dividia a cidade em duas partes quase iguais, ambas as margens protegidas por muros de alvenaria em toda a sua extensão, com 25 portas ligadas a ruas e a barcos de passageiros; uma ponte sobre pilastras de pedra, de 800 m. Sob o rio passava um túnel de 5 m de largura e 4 de altura. Escavações de anos recentes têm confirmado, em grande medida, as descrições aparentemente fabulosas desses historiadores antigos” (H. H. H.).

4.31: “Ainda estava a palavra na boca do rei, quando caiu uma voz do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Pas¬sou de ti o reino”.

Nabucodonosor, monarca babilônico, não deu a glória ao Senhor no seu de-vido tempo, e ouviu uma “voz” personificada que “caiu do céu”, dizendo: “A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino”.

4.32: “E serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo: far-te-ão comer erva como os bois e passar-se-ão sete tempos sobre ti, até que conhe¬ças que o Altíssimo tem domínio sobre os remos dos ho¬mens, e os dá a quem quer".

O texto em foco mostra como o julgamento veio a Nabucodonosor conforme fora predito, e ele foi expulso do meio dos homens, aparentemente afetado da enfermidade conhecida como licantropia. A doença aqui referida está atestada em tempos pré-científicos, não sendo mais hoje mencionada por esse nome. O doutor Montagu G. Barker, psiquiatra clínico, descreve o que segue: “No que tange à doença de Nabucodonosor, as características são de um bem agudo ataque de insanidade; a sua aparência dava idéia de que ele era de fato um animal. Porém, quanto à sua recuperação, podia ser imediata. Em outras pessoas, porém, não acontece assim. Continua ainda esse médico: “A pessoa que se recuperava da citada doença, o fazia ime¬diatamente. Seu discernimento e bom-senso, como aconte¬ceu com Nabucodonosor, voltava imediatamente”. A au¬toridade acima citada, informa que, já teve em sua clínica dois pacientes com sintomas aparentes da mesma enfermi¬dade, e que eles imitavam cães, lobos, etc.

4.33: “Na mesma hora se cumpriu a palavra sobre Na¬bucodonosor, e foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois, e o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceu pelo, como as penas da águia, e as suas unhas como as das aves”.

Por ignorar todas as advertências, Nabucodonosor trouxe o desastre sobre si mesmo. Sua jactância foi inter¬rompida por uma voz vinda do Céu, e que é entendida como sendo de Deus (v. 32), dirigida ao rei pelo nome. As palavras de advertência de Daniel, nesta seção, são repe¬tidas, porém com o prefácio “Passou de ti o reino”. O texto em foco e aqueles que se seguem, dizem claramente "... foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois”. O monarca quis colocar-se no lugar de Deus e Deus colocou-o no lugar próprio: com os “animais do campo”. Nabucodonosor sentiu a mão da ira divina.

Quanto a evidências históricas da veracidade do fato, o leitor deve recorrer a obras de maior alcance. Existe apoio, mas não provas. Na antiguidade, diversos exemplos da doença de Nabucodonosor têm sido descritos. Se foi um juízo divino especial, não temos necessidade de um paralelo natural, por mais interessante que seja. Considerando que os antigos geralmente consideravam as pessoas loucas como "possuídas" por um deus, o rei talvez fosse mantido em um parque recebendo tratamento especial. Exemplos das alterações físicas do rei existiram na antiguidade na história aicar (ANET, págs. 427-430).

4.34: "Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, e tornou-me a vir o meu en¬tendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração".

O presente texto nos mostra que, depois dos sete anos de sofrimento, o monarca babilônico foi restaurado à sua posição, conforme a promessa de Deus; e então fez o que Deus desejava: deu-lhe a glória que era dele e para Ele. As¬sim a correção de Deus alcançou o seu propósito (Ver Hb 12.11). Isso significa que Nabucodonosor, experimentando da graça de Deus, tomou-se um crente em Deus. Cer¬tamente, tudo indica que ele foi transformado em outro homem. Em uma ação retroativa, os versículos 1 a 3 do presente capítulo nos levam a entender isso claramente. Deus, em sua justiça e retidão, ao corrigir o homem, anela sempre ver nele um aproveitamento e não sua desgraça. E por isso que Paulo diz em 2 Co 7.9 a 10: "Agora, folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento, pois fostes contristados segundo Deus; de maneira que por nós não padecestes dano em coi¬sa alguma. Porque a tristeza segundo Deus opera arrepen-dimento..." Nabucodonosor foi contristado desta maneira!

4.35: "E todos os moradores da terra são reputados em nada; e segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra: não há quem possa estorvar as suas mãos, e lhe diga: - Que fazes?"

Devemos estar ainda lembrados da linguagem centrada em si no coração do rei Nabucodonosor. Padrões de pensa¬mentos que foram mudados facilmente em sua pessoa, ao dizer: "Eu bendisse o Altíssimo. O doutor Leon, acredita que esta declaração feita por Nabucodonosor foi certamen¬te contrária ao desejo dos sacerdotes do país. Sem dúvida, o povo ficou abalado, mas Nabucodonosor continuou firme no seu propósito, merecendo, portanto, a nossa admiração e a de Deus. O castigo divino operou uma mudança radical no seu coração.

4.36: "No mesmo tempo me tornou a vir o meu entendi¬mento, e para a dignidade do meu reino tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor, e me buscaram os pneus capitães e os meus grandes; e fui restabelecido no meu reino, e a minha glória foi aumentada".

O monarca Nabucodonosor, mesmo de forma versátil, teve várias oportunidades de ver o poder de Deus em sua vida e no seu reino. Porém não se comportava de maneira digna, porque lhe faltava a oportunidade de conhecer os seus pecados. "No capítulo dois vê-se como Deus revelou, na visão da imagem espantosa, o destino de seu reino. Ele tinha visto como Deus salvou os três hebreus na fornalha de fogo ardente. Tinha confessado que não há outro Deus como o Deus dos hebreus (Dn 3.29). Ainda mais, Deus ti-nha-o prevenido pela visão da árvore derribada (Ver Dn 4.14). Foi aconselhado a desfazer seus pecados pela justiça e suas iniquidades por manifestar misericórdia, porém, a despeito de tudo que Deus tinha feito e operado na sua vida e no seu reino, ele continuou pecando.

Ao final do tempo designado de Deus de julgamento, Nabucodonosor ergueu os olhos para o céu e sua razão foi restaurada. Uma vez humilhado por Deus, ele foi trazido de volta para as alturas e restaurado para o controle de seu reino, o que demonstra que o Senhor é capaz tanto de humilhar os orgulhosos e exaltar os humildes. O grande e poderoso perseguidor de Israel, o destruidor de Jerusalém, foi humilhado pela graça de Deus e trouxe a confessar a misericórdia de Deus. A restauração do rei deveria encorajar os homens a esperar dias melhores, na providência divina, por mais profundo que o castigo do Senhor possa

ter sido para com eles. Este capítulo mostra que os pagãos não estão isentos do governo moral do Deus judeu.

4.37: “Agora pois eu, Nabucodonosor, louvo, e exalço, e glorifico ao rei do céu; porque todas as suas obras são ver¬dades; e os seus caminhos juízos, e pode humilhar os que andam na soberba”.

A declaração final do velho monarca é “sui generis”: "... louvo, e exalço, e glorifi¬co ao rei do céu”. Nabucodonosor estava usando uma for¬ma de locução que aparece somente aqui em toda extensão da Bíblia. Como sinônimo para Deus, a palavra “Céu” ocorre como uma espécie de lema neste capítulo: (versícu¬los 13, 20,26, 34,37). Nabucodonosor, finalmente, foi restau¬rado, tanto da doença da carne como da alma. Deus o transformou através das provas.

De Nabucodonosor para Belsazar

Nabucodonosor reinou 43 anos. Segundo Reis 25:27 nos diz que o 37º ano do exílio de Joaquim, foi o primeiro ano de Evil-Merodaque, filho de Nabucodonosor. Joaquim foi tomado no 8º ano de Nabucodonosor. Este foi o primeiro ano de seu exílio. Se contarmos mais 36 anos, chegamos ao ano "44" de Nabucodonosor, que é, portanto, o primeiro ano de Evil-Merodaque.

Pelo que podemos dizer, Nabucodonosor morreu por volta de 8 de outubro de 562 aC. Isso seria à direita no final do seu 43º ano por cômputo judeu, e a meio caminho através de seu 43º ano por acerto de contas babilônico.

Joaquim foi lançado no dia 27 do 12º mês, o que significa, na primavera de 561 aC. Este foi apenas um dia ou dois antes da virada do ano religioso, apenas duas semanas antes da Páscoa. Também, desde que os reis babilônicos subiu ao trono na primavera, liberação e elevação de Joaquim sobre todos os outros reis provavelmente coincidiu com as cerimônias de coroação oficiais para Evil-Merodaque.

Pelos cálculos bíblicos, o primeiro ano de Evil-Merodaque tinha começado seis meses antes, no outono. Assim, em ambos sistemas de datação, bíblicos e babilônicos, Evil-Merodaque exaltou Joaquim "no ano em que começou a reinar" (2 Reis 25:27). Da mesma forma, Jeremias 52:31 diz que Evil-Merodaque, levantou a cabeça de Joaquim, "no ano do seu reinar."

Os historiadores antigos dizer que Evil-Merodaque foi morto em um golpe no início de agosto de 560 aC, e foi sucedido por Neriglissar, seu irmão-de-lei, que tinha casado com uma filha de Nabucodonosor. Se Neriglissar estava envolvido no golpe ou simplesmente foi feito rei depois não sabemos. E, embora muitas vezes é especulado ser o caso, não sabemos se este Neriglissar é um dos dois Nergal-sharezers de Jeremias 39:3 e 13, um dos quais é um príncipe. Se assim for,

Neriglissar teria continuado a política de favor para com os judeus cativos e Daniel instituído por Nabucodonosor e continuada por Evil-Merodaque, especialmente porque ele estava perto de Nabucodonosor, depois de ter se casado com sua filha.

Neriglissar governou de 560-556 aC. No final de abril ou início de maio de 556 aC, ele morreu e foi sucedido por seu filho, Labashi-Marduk, um jovem que foi assassinado depois de 9 meses. Alternativamente, Neriglissar morreu no início de abril, e Labashi-Marduque reinou dois meses. Este último parece preferível, uma vez que Nabonidus reinou 17 anos. Isso significa que ele subiu ao trono em junho ou julho de 556 aC. Belsazar era seu filho.

Parece que Nabonido não tinha nenhuma relação com a linha de Nabucodonosor. Assim, quando Daniel refere-se a Nabucodonosor como de Belsazar "pai", esta é talvez o sentido de linhagem real e não a procriação física. Nabucodonosor era "pai" do império babilônico dado por Deus. Por outro lado, a esposa de Nabonido pode ter sido uma filha de Nabucodonosor.

Nabonido ofendeu os babilônios durante o seu reinado, porque ele preferia muito mais o deus-lua do que o principal deus babilônico Marduk. Quer no 3º ou 6º ano do seu reinado, Nabonido mudou seu palácio da Babilônia 500 milhas de distância para a Península Arábica em Tema. Ele estava aparentemente lá por dez anos. Durante este tempo, o festival anual de Ano Novo na Babilônia não poderia ser realizada. Quando Ciro finalmente marchou contra Babilônia, os babilônios o acolheu.

Nabonido está associado seu filho Belsazar em vários documentos e inscrições, mas nada é dito que ele governava. Ao mesmo tempo, os estudiosos deduzem que Belsazar governava como vice-gerente na Babilônia durante os dez anos ou mais que seu pai estava em em Tema. Assim, o 1º e 3º anos de Belsazar mencionados no Daniel, provavelmente, devem ser datados durante este período.

Em setembro e outubro de 539 aC, Ciro marchou contra a Babilônia e derrotou Nabonido, que fugiu. Belsazar, ficou na cidade de Babilônia, como governante, evidentemente, decidiu reunir a cidade em uma festa religiosa (Daniel 5). Com a cidade a ponto de cair, não é credível que sugira que Belsazar estava realizando uma festa. Em vez disso, encontramos milhares de nobres presentes, e nós também achamos que os tesouros da casa do Senhor, e os de outros deuses foram trazidos. Todos os deuses foram elogiados, e isso mostra o significado da festa: Eles procuraram celebrar os deuses, mostrando que eles deleitavam-se neles, e chamando assim em todos eles para a ajuda.

A "rainha" fala a Belsazar com autoridade, e fala de Nabucodonosor como seu "pai". Assim, tem razoavelmente sido sugerido que a rainha é a mãe de Belsazar, a esposa de Nabonido, e que ela era uma filha de Nabucodonosor. Assim, mesmo que Nabonido fosse um "usurpador", Belsazar seria um neto de Nabucodonosor. Isso é muito interessante, de uma forma ou de outra, em Jeremias 27:6-7 diz que todas as terras servirão a Nabucodonosor "e seu filho, e seu neto, até que o tempo da sua própria terra." nem Neriglissar nem Nabonido era um filho ou neto de Nabucodonosor. O único candidato é Belsazar. Além disso, Jeremias implica que o neto de Nabucodonosor seria dominante no momento em que Babilônia cairia. Isto significa que a mãe de Belsazar era uma filha de Nabucodonosor.

Babilônia caiu em 539 aC, em 12 de Outubro, que é o dia 16 de Tishri, no sétimo mês. No calendário bíblico, este é o segundo dia da Festa dos Tabernáculos. Uma vez que este evento aconteceu depois do primeiro dia do mês, este ano seria, do ponto de vista bíblico, o ano da ascensão de Ciro, e seu primeiro ano começaria no outono de 538 ac.

Daniel 5

A grande imagem do Reino de Deus é ameaçada

O motivo para o grande banquete de Belsazar é claro, Ciro estava nos portões, tendo derrotado o exército Babilônico. Belsazar trouxe todos os deuses em uma refeição religiosamente cerimonial em sua presença, na esperança de que pelo menos um deles iria ouvir. Um deles ouviu, os único Deus que foi mesmo capaz de ouvir. Comer pão na presença de Deus é um "memorial", que apela a Deus a ver, lembrar, vir e agir. Essa noção de pão memorial na presença de Deus não é exclusivo de Israel. Os pagãos idólatras quebravam pão ázimo na frente de suas estátuas e comia com os seus deuses. Não devemos pensar que a festa de Belsazar como uma forma de orgia, mas como um evento de muito medo. A comemoração foi forçada, já que os deuses não gostam de rostos tristes. Fingindo ser feliz na presença dos deuses, os babilônios esperava convencer um deles a ajudá-los.

Belsazar viu o império ameaçado, e com razão. O que ele não viu foi que o império da Babilônia era apenas o administrador do Império oikomene, e que o que ameaçou Império de Deus não foi Ciro mas Belsazar.

Daniel no capítulo 2 revelou que o império de Deus seria como uma grande imagem composta por quatro metais, que continuaria até que a vinda do Messias. Há paralelos entre Daniel 2 e Daniel 5 que nos mostram que o Imagem-Império de Deus estava sendo ameaçado pelo comportamento de Belsazar. Em ambas as histórias, o rei recebe uma revelação de Deus (o sonho de Nabucodonosor; o enigma de Belsazar). Em ambas as histórias uma recompensa três vezes é oferecida (2:6; 5:7). Em ambas as histórias dos sábios são chamados e são incapazes de interpretar a revelação. Em ambas as histórias Daniel é trazido e chamado de Beltessazar (2:26; 5:12) e ele interpreta a revelação. Em ambas as histórias o rei aceita a explicação de Daniel e Daniel é recompensado. Especificamente, Daniel é feito supervisor sobre os sábios de Babilônia em 2:48.

Estes paralelos fornecem um contexto para alusões específicas. Essas alusões mostrar primeiro como Belsazar perverteu santo reino de Deus em um reino de idolatria. A grande imagem de Império de Deus encontra paralelo na lista de deuses elogiado pelos Belsazar:

Daniel 2	Daniel 5
ouro	ouro
prata	prata
bronze	bronze
ferro	ferro
terra e barro	madeira e pedra

5.1: “O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes, e bebeu vinho na presença dos mil.

"... um grande banquete...” O presente versículo tem seu paralelo no primeiro capítulo do livro de Ester, livro que marca também um período do cativeiro. Ali há um banquete semelhante a este, em que alguém também per¬deu sua coroa. O inimigo estava às por¬tas da cidade. O comandante Ci¬ro, já se encontrava desviando o curso do rio Eufrates, que passava pelo meio da cidade, e após, entrou pelo leito seco do rio. Ele tomou a cidade de “assalto” naquela mesma noite.

5.2: “Havendo Belsazar provado o vinho, mandou tra¬zer os vasos de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem por eles o rei, e os seus grandes, as suas mu-lheres e concubinas”.

“Mas em 562 a.C. Nabucodonosor morre e seus suces¬sores reinam por períodos curtos e insignificantes; não conseguem continuar sua obra grandiosa. Seu filho, Avil- Marduk [Evil-Merodaque (2 Rs 25.27, 28)] foi assassina¬do”. Em seguida, o rei da Babilônia mencionado nas Escri¬turas é Belsazar. Os críticos da Bíblia afirmavam que Da¬niel se enganara quando escreveu que Belsazar era filho de Nabucodonosor e, como tal, o rei na queda da Babilônia. Isso não importa em erro, visto que a palavra “pai” podia ser usada em oito acepções (pelo menos). No texto, pode até ser que o sentido seja “ancestral”. Diziam mais que o rei nesse tempo era Nabonido, que não morreu na queda da cidade e afirmavam ainda que não existiu nenhum rei com o nome de Belsazar. “Os arqueólogos, porém, em meados do século XIX descobriram, na região da antiga Babilônia, um grande número de inscrições gravadas em tábuas de argila. E, como sempre, a Bíblia é que triunfa; nessas inscrições está provado que, na verdade, Nabonido foi o último rei de Babilônia, mas Belsazar, seu irmão, rei¬nava em sua ausência”. No entanto, os eruditos modernos concordam em que Belsazar não era irmão de Nabonido, mas seu filho.

5.3: “Então trouxeram os vasos de ouro, que foram tira¬dos do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam por eles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas”.

"... os vasos de ouro”. A palavra vaso tem nas Escritu¬ras uma significação ampla, e pode ser aplicada em vários sentidos: são palavras gerais para designar utensílios, equipamentos, etc., (1 Sm 10.1; At 9.15), pelo que, em muitos contextos, indicam vasos tantos reais (1 Sm 10.1; Jo 19.29), como em sentido metafórico (1 Pe 3.7). Para co¬mer pão sagrado, os mancebos de Davi, precisavam ter seus vasos (mulheres) santos (1 Sm 21.5). No presente tex¬to, porém, os vasos eram aqueles que foram utilizados na casa de Deus, em Jerusalém. Eles não podiam ser profana¬dos por serem “vasos de honra”; Belsazar, porém, não teve nenhum respeito por aquilo que era “santo” e profanou os vasos santificados. Como consequência de seu erro, caiu sobre ele a ira divina.

5.4: “Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, e de cobre, e de ferro, e de madeira, e de pedra”.

O presente texto nos mostra quão grande foi o desres¬peito daquela gente à santidade divina; eles não só bebe¬ram, mas deram também “louvores” àqueles que, por na¬tureza, não são deuses. Deus adverte, através do profeta Isaías, quando diz: “Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória pois a outrem não darei, nem meu louvor às imagens de escultura” (Is 42.8). O rei e seus grandes não deram ouvidos à mensagem divina, que está sempre a cla-mar. Cin¬co vezes lemos nesse capítulo que eles beberam.

5.5: “Na mesma hora, apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na estucada pa¬rede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo”.

"... o rei via a parte da mão...” A mão direita de Deus Pai, está em foco na presente passagem. O rei não pôde ver a mão completa, mas apenas uma parte; certamente ape¬nas os dedos que escreviam; Aquela mão es¬crevia na “estucada parede”. Segundo a Arqueologia, es¬cavações contemporâneas têm demonstrado que as pare¬des do palácio tinham uma fina camada de emboço pinta¬do. Esse emboço era branco, pelo que qualquer objeto, mo¬vendo-se à sua superfície, tornava-se distintamente visí¬vel.

5.6: “Então se mudou o semblante do rei, e os seus pen¬samentos o turbaram: as juntas dos seus lombos se relaxa¬ram, e os seus joelhos bateram um no outro”.

"... seus joelhos bateram um no outro”. O presente tex¬to descreve a situação do monarca diante do supremo po¬der divino; o veredicto judicial escrito na parede pela mão misteriosa refletia a sentença pronunciada por Deus.

5.7: “E ordenou o rei, com força, que se introduzissem os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores: e falou o rei, e disse aos sábios de Babilônia:

Qualquer que ler esta escri¬tora, e me declarar a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço, e será no reino o terceiro dominador".

O presente versículo tem muitas coisas importantes a serem analisadas, mas tomaremos como base a frase: "o terceiro dominador", por ser ela imprescindível no versícu¬lo em foco. O profeta Daniel, em sua visão apocalíptica, observa que o poderoso Leão visto no capítulo 7, versículo 4: "Tinha asas de águia". Na simbologia profética, isto pode significar o neto e o filho de Nabucodonosor, respecti¬vamente, Belsazar e Nabonido (este o regente durante a doença do pai - Dn 4.25 - depois ocupou o trono por direito de sucessão). Nabonido não é nominalmente citado nas Escrituras, mas sim na História Universal; no entanto, ele pode ser uma das asas do Leão visto por Daniel em visão (Dn 7.4). Eis a razão por que o rei Belsazar só podia dar a Daniel o "terceiro lugar", pois o segundo era dele próprio (Dn 5.7, 11, 29). E observado por Zenofon que o povo da Ba¬bilônia se sentia seguro e zombava daqueles que sitiavam a cidade. Assim o rei foi levado a fazer essa promessa que nada valia, porque ele tinha de morrer dentro de pouco tempo, e o reino passaria para os medos e os persas.

5.8: "Então entraram todos os sábios do rei, mas não puderam ler a escritura nem fazer saber ao rei a sua inter¬pretação".

Embora a escritura que estava sobre a parede eram só três palavras em aramaico, uma língua que os babilônicos conheciam, não podiam determinar seu significado profético. Deus deu unicamente ao Daniel a capacidade de interpretar a mensagem de fatalidade para Babilônia. O presente versículo, bem como outros correlatos neste livro de Daniel, nos faz lembrar dos magos de Faraó diante do supremo poder de Deus, na terra do Egito. Houve uma hora em que eles tiveram de parar, em virtude de Deus ter neutralizado todo o avanço das forças do mal (Êx 8.18). Os sábios podiam ter feito uma interpretação falsa sem que qualquer coisa os desacreditassem, mas não o fizeram. Até os mais infames propósitos não podem ir além daquilo que Deus permite.

5.9: “Então o rei Belsazar perturbou-se muito, e mu¬dou-se nele o seu semblante; e os seus grandes estavam sobressaltados”.

A Bíblia descreve que o rei naquela noite ficou “perturbado”. O monarca Belsazar esta¬va bem instruído sobre o grande poder do Deus judeu e suas ma-nifestações.

5.10: “A rainha, por causa das palavras do rei e dos seus grandes, entrou na casa do banquete: e falou a rainha, e disse: O rei, vive para sempre! não te turbem os teus pen¬samentos nem se mude o teu semblante”.

“A rainha”. O presente texto, fala de uma “senhora rainha” que subentendemos ser a mãe do rei Belsazar. O fato de a rainha se ter dirigido ao rei, também atesta a notável exatidão do presente capítulo. Em Babilônia, a rai-nha-mãe ocupava a mais proeminente posição no palácio real e, aí, devido à sua intervenção, foi chamado Daniel. Ele rejeitou a recompensa real e, após pregar ao rei no to¬cante à sua perversidade, prosseguiu para a interpretação do estranho escrito.

5.11: “Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e, nos dias de teu pai, se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o consti¬tuiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus, e dos adivinhadores”.

"... deuses santos’. A expressão no original é “Elohim”. Está é uma referência ao Deus judeu, o Deus de Daniel.

"Nabucodonosor . . . teu pai." Nabucodonosor era, naturalmente, não o parente masculino imediato do rei. É pouco provável também que Nabucodonosor tenha sido seu avô. Provavelmente pai apenas num sentido legal, uma vez que Nabonido teria se aparentado com a família do grande Nabucodonosor através do casamento (Boutflower, in loco). A repetida afirmação da rainha sobre o relacionamento com o "pai" sugere que era uma questão de etiqueta na corte, não um fato real. Esse tipo de etiqueta não é desconhecida em outras partes da Bíblia (por exemplo, I

Cr. 3:17, onde Salatiel, o filho de Neri que descendia de Davi através de Natã, II Cr. 3:27, 31), é chamado de "filho" de Jeconias).

5.12: “Porquanto se achou neste Daniel um espírito ex¬celente, e ciência e entendimento, interpretando sonhos, e explicando enigmas, e solvendo dúvidas, no qual o rei pós o nome de Beltessazar: chame-se pois agora Daniel e ele da¬rá interpretação”.

O Leitor deve observar que, em diversas passagens do li¬vro de Daniel, ocorre: “sonho” ou “visão da noite”. (Ver Dn 1.17; 2.3,4,5,6,7,9,19,45; 7.1,7, etc.). Os antigos povos criam muito nos sonhos de caráter significativo, e frequentemente era uma das maneiras pelas quais Deus podia manifes¬tar a sua vontade (Jó 33.14-16). O termo denota as ideias presentes ao espírito durante o sono.

A rainha provavelmente refere-se à rainha-mãe, já que as esposas do rei já estavam presentes (v. 2). Ela lembrou Belsazar da existência de Daniel, cuja capacidade de interpretar problemas complicados tinha sido repetidamente demonstrado durante o tempo de seu antecessor ilustre, Nabucodonosor. Nabucodonosor nomeou-o chefe dos seus homens sábios, porque o espírito dos deuses santos (Deus) estava sobre ele (v. 11), permitindo-lhe responder a perguntas difíceis.

5.13: “Então Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei, e disse a Daniel: És tu aquele Daniel, dos cati¬vos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá”

“És tu aquele Daniel” O presente versículo nos apre¬senta uma pergunta do rei, de singular estranheza. Belsazar se dirige a ele não como o Daniel que seu pai o constituiu chefe dos seus homens sábios, mas como o Daniel que seu pai trouxe como um dos exilados de Judá.

5.14: “Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que a luz, e o entendimento e a ex¬celente sabedoria se acham em ti”.

O texto em foco revela que Daniel tinha por trás de si um belo testemunho. O rei disse com firmeza: “Tenho ou¬vido dizer a teu respeito”, etc. Certamente alguns daquela corte davam bom testemunho deste grande servo de Deus. No original, a expressão “Tenho ouvido dizer” é usada a fim de indicar que se tratava de um testemunho perma¬nente, que se dava daquele ex-ministro da corte real. O seu valor em potencial foi reconhecido, e ele já havia demons-trado, com o passar dos anos, os seus talentos e a sua dedi¬cação àquela gente. Daniel, durante sua vida, foi um ho¬mem muito recomendado. (Ver cap. 10.11-19.)

5.15: “Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios e os astrólogos, para lerem esta escritura, e me faze¬rem saber a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras”.

O presente versículo mostra a grande declaração do rei, quanto àqueles seus súditos. Ele declara a incapacidade deles diante daquele mistério. Pois aquilo que a mão mis¬teriosa escrevera não poderia ser interpretado pelos sábios da babilônia.

5.16: “Eu porém tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solver dúvidas: agora, se puderes ler esta escritura, e fazer-me saber a sua interpretação, serás vesti¬do de púrpura, e terás cadeia de ouro ao pescoço, e no reino serás o terceiro dominador”.

“Se puderes ler...” O presente texto nos faz lembrar de Faraó, o monarca egípcio; aquele soberano demonstrou, a mesma fraqueza, ocasionada, evidentemente, pela dúvida; ele disse a José: “Eu sonhei um sonho, e ninguém há que o interprete”. José, porém, cheio de confiança, respondeu ao monarca: “Isso não está em mim: Deus dará resposta de paz a Faraó” (Gn 41.15, 16). Daniel demonstra todas essas qualidades divinas; ele reconhece que ele mesmo não pode fazer ou realizar coisa alguma, mas sim Deus, que o capacitou para desvendar todos os mistérios existentes naquela corte.

5.17: “Então respondeu Daniel, e disse na presença do rei: Os teus dons fiquem contigo, e dá os teus presentes a outro; todavia lerei ao rei a escritura, e lhe farei saber a in¬terpretação”.

Fazer saber ao rei aquela interpretação era algo muito sério, mas o profeta do Senhor estava revestido da autori¬dade divina. Os presentes materiais de um rei cujo tempo de vida estava contado, pouco significavam para um santo profeta avançado em anos. Daniel declarou a verdade.

5.18: “rei! Deus, o Altíssimo, deu a Nabucodonosor, teu pai, o reino e a grandeza, e a glória, e a magnificência”.

O profeta Daniel numa breve, mas precisa interpreta¬ção, começa com um relato sobre a vida do velho monarca Nabucodonosor; ele declara que todo o poder e a glória da¬quele reino não foi simplesmente adquirido pela espada do rei, mas que Deus foi quem o elevou dando-lhe glória e magnificência. (Ver Rm 13.1, 2). Agora, porém, Daniel lhe mostra que o mesmo Deus que dá, é também aquele que tira (Jó 1.21), e que Belsazar se encontrava presentemente numa posição de servo inútil, e, por essa razão, não podia mais continuar à frente daquele governo. Se certos gover¬nantes do mundo atual tomassem esse exemplo, jamais seus governos seriam abalados. Deus levanta reinos e aba¬te reinos: Ele é o Deus que governa tudo, tanto na terra como nos céus. O cetro de Deus é o símbolo de todo o poder.

5.19: “E por causa da grandeza que lhe deu, todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante dele: a quem queria matava, e a quem queria dava a vida; e a quem queria engrandecia, e a quem queria abatia”.

O profeta descreve a biografia do rei Nabucodonosor, como tendo sido um poderoso rei, guerreiro; sua mão real¬mente foi uma mão de ferro; isso pode ser bem entendido pelas suas grandes conquistas. Nabopolassar, pai de Na-bucodonosor, vice-rei da Babilônia, sacudiu o jugo assírio, em 626 a.C. Fez a independência de Babilônia e governou a

cidade, de 727 a 605 a.C. Em 609 a.C., Nabucodonosor pôs-se à frente dos exércitos do pai. Invadiu os países oci¬dentais, arrebatou ao Egito o domínio da Palestina (em 605 a.C.) e levou alguns cativos para Babilônia, entre os quais Daniel. No mesmo ano, 605 a.C., tomou-se regente com o pai; e governou a cidade sozinho desde o fim do ano. Provou-se realmente, como declara Daniel a seu filho, o mais poderoso monarca de todos os tempos.

5.20: "Mas quando o seu coração se exaltou, e o seu espírito se endureceu em soberba, foi derribado do seu tro¬no real, e passou dele a sua glória".

Pela declaração do presente texto, fica comprovado que poder absoluto corrompe a criatura humana. Nabucodonosor foi, de fa¬to, um grande guerreiro, mas o orgulho lhe cegou os olhos. O rei Belsazar tinha atrás de si o exemplo de Nabucodono¬sor como magna advertência. Ele não aceitou a correção de Deus em seu devido tempo, e por isso tombou!

5.21: "E foi tirado dentre os filhos dos homens, e o seu coração foi feito semelhante ao dos animais, e a sua mora¬da foi com os jumentos monteses: fizeram-no comer erva como os bois, e pelo orvalho do céu foi molhado o seu cor¬po, até que conheceu que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre os reinos dos homens, e a quem quer constitui sobre eles".

Daniel, o profeta de Deus, faz referência aos aconteci¬mentos que tiveram lugar durante a doença do rei Nabuco¬donosor, conforme o capítulo 4 do livro em foco. Nabuco¬donosor foi atacado por uma moléstia chamada na medici¬na moderna "Licantropia". (Doença mental em que o pa¬ciente se sente transformado em um animal, e, como resul¬tado disso, não se adapta mais às condições confortáveis exigidas à vida humana, e a tendência é procurar logo o mato, como se fosse mesmo um animal selvagem).

5.22: "E tu, seu filho Belsazar, não humilhaste o teu co¬ração, ainda que soubeste de tudo isto".

O presente texto, nos fala de um homem que, mesmo tendo sido advertido pela Palavra divina e acontecimentos passados, que constantemente admoestam sobre o futuro, não se arrependeu. Ele não se humilhou, para que a mise-ricórdia de Deus viesse sobre ele. O monarca Adade-Merare, sucessor de Salmanezer II, foi um exemplo de hu¬milhação na cidade de Nínive, e alcançou de Deus a mise¬ricórdia: (Adade-Merare, foi o grande monarca convertido pela pregação de Jonas). Consideremos alguns pontos im¬portantes sobre a humilhação. 1) Ela é necessária para o serviço de Deus (Mq 6.8). 2) Cristo é o exemplo supremo de humildade (Mt 11.29). 3) Ela deve caracterizar os santos (Sl 34.2). 4) Os humildes serão ouvidos por Deus (Sl 138.6). 5) Serão libertados por Deus, no tempo da prova (Jó 22.29). 6) A humildade leva à honra e à vida (Pv 22.4). 7) A humildade é uma excelente qualidade para o serviço divino (Pv 16.19). O monarca Belsazar não escolheu ne¬nhuma destas coisas e por isso pereceu naquela mesma noite!

5.23: "E te levantaste contra o Senhor do céu, pois fo¬ram trazidos os vasos da casa dele perante ti, e tu, os teus grandes, as tuas mulheres e as tuas concubinas, bebestes vinho por eles; além disto, destes louvores aos deuses de prata, de ouro, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida, e todos os teus caminhos, a Ele não glorificaste".

De acordo com a declaração de Daniel neste versículo, e outros do mesmo gênero, o rei Belsazar não só ofendeu a santidade divina, mas, de um modo particular, levantou- se contra o próprio Senhor. A profanação dos vasos que ser¬viam no templo de Jerusalém pôs termo à misericórdia de Deus naquela noite, para com essa nação pecaminosa.
5.24: "Então dele foi enviada aquela parte da mão, e escreveu-se esta escritura".

"Então dele foi enviada aquela parte da mão". O leitor deve observar bem que, neste capítulo, a frase "então" ocorre por (8) vezes. Essa expressão "então" (tote) tem aqui, e noutras passagens, significado

cronológico na divi¬são dos fatos, como se pode ver em Mt 25.1 e ss. Ela sem¬pre marca o término de uma coisa e o início de outra. O profeta agora co¬meça a chamar a atenção do rei para o lado da estucada parede, onde aquela "parte" (no original os dedos) escre¬via a sua sentença. Podemos observar que a "cabeça de ou¬ro" sentiu a severidade da mão de Deus por quatro vezes, e em cada vez com mais severidade:
1) Essa primeira vez te¬ve, em parte, um caráter mais brando, foi no sonho da imagem espantosa.
2) Com mais dureza, no episódio da fornalha ardente.
3) O golpe maior, na sua doença por sete anos.
4) A quarta vez foi uma grande catástrofe na qual o rei Belsazar morreu e o reino passou ao "peito e braços de prata" (os medos e os persas). A história do mundo mostra que Deus continua a castigaras nações com destruição repentina, e isso está retratado na parábola do reino em Mateus 25:31-46.

O Enigma
5.25: "Esta pois é a escritura que se escreveu: MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM (PARSIM)."

O que estava escrito na parede é um enigma. Foi escrito em letras aramaicas comuns, sem vogais. Os sábios provavelmente poderia ler as cartas, mas sem um contexto maior, eles não podiam saber o que as palavras significavam.

O texto aramaico que chegou até nós no texto padrão Massorético da Bíblia hebraica repete a palavra mene', mas muitas versões antigas não, e Daniel interpreta a palavra com uma única frase; ele não comenta sobre sua repetição. Assim, alguns estudiosos sugerem que o texto original aramaico só tinha um mene'. Além disso, quando Daniel explica as palavras, ele diz Peres para a terceira palavra, então tem-se argumentado que o "n" final em Parsim não foi escrito na parede. Como, no entanto, Daniel afirma aqui que ele está lendo o que está na parede, eu defendo que mene' foi escrito duas vezes, e que o plural de Peres, Parsim, foi escrito.

MENE, enumera¬do; isto é, Deus havia enumerado (mena) os dias da dura¬ção do reino.
TEQUEL, um siclo, que indicava que Belsa¬zar havia sido pesado (na balança divina) e encontrado de¬ficiente.
PERES, teu reino é dividido (peres) e dado aos medos e persas (paras).
A palavra "paras" parece salientar que os persas seriam o poder dominante perante a Babilô¬nia que sucumbiria naquela noite festiva. Seja como for, tudo se cumpriu do mesmo modo que fora lido por Daniel.

5.26: "Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e o acabou".

A interpretação que segue é baseada, não neste subs¬tantivo mas nos verbos a ele associados. A habilidade de Daniel consistiu em traçar a conexão entre o sinal dado e a condenação que ele sabia ser iminente. Mene é explicado como o particípio passado de um verbo, "mene" ou "menã", "designado", isto é, em outras palavras: "os dias de teu reino já foram contados". O reino babilônico cresceu, mas amadureceu para a ceifa. As palavras na parede signifi¬cavam literalmente: Contado, pesado e dividido. Deus anuncia, através daquela escritura, que faltava justiça para a Babilônia e, simultaneamente, é decretada a des¬truição do reino.

5.27: "TEQUEL: Pesado foste na balança, e foste acha¬do em falta".

"TEQUEL". O texto em foco é a segunda palavra na interpretação. Tequel (heb. seqel) é tomada na sua forma verbal, significando "pesado" ou "avaliado". A idéia está presente em 1 Samuel 2.3, "... porque o Senhor é o Deus da sabedoria, e por ele são as obras pesadas na balança". Tal como o salmista, tinha em mente os homens maus (SI 62.9). Belsazar não consegue dar equilíbrio à balança e re¬vela a falta em si de verdadeiros valores, segundo a escala de Deus. Jó, o patriarca de UZ, desejava ser pesado por "balanças fiéis" (Jó 31.6). O evangelho

que veio por Jesus Cristo, é a ba¬lança divina que regula as nossas vidas. Deus pesa os homens de acordo com esse padrão.

5.28: "PERES: Dividido foi o teu reino, e deu-se aos medos e aos persas".

"PERES". Ao ler o escrito final (peres), Daniel leu "U- FARSIM". Observe-se o versículo 25 do cap. em foco; mas, ao dar a interpretação, empregou a forma "PERES". O "U" é a conjunção aramaica "e", que seria omitida ao ser dada a interpretação. "FARSIM" é a forma plural, en¬quanto que "PERES" é singular (2 Sm 6.8). "A antiga ver¬são da Bíblia continha a palavra "UPHARSIM", sendo o "U" na língua aramaica, equivalente à nossa conjunção "e". A versão Revista e Atualizada da SBB traz esta, mas sem o "U" e com a conjunção "e", seguida da palavra "Parsim". Como já ficou demonstrado acima, "peres" é forma plural. Isso tomava o sentido de dividido, comparti¬lhado; o reino de Belsazar está para ser dividido entre os medos e os persas.

5.29: "Então mandou Belsazar que vestissem a Daniel de púrpura, e que lhe pusessem uma cadeia de ouro ao pes¬coço, e proclamassem a respeito dele que havia de ser o ter¬ceiro dominador do reino".

"... o terceiro dominador..." O texto em foco, já foi cita¬do no versículo sete do presente capítulo.

O Arrependimento de Belsazar

Belsazar não rejeitar as palavras de Daniel. Ele tinha começado por tentar humilhá-lo, chamando-o de "filho" ou "criança" do "cativeiro" de Judá, que tinha sido "trazido" de Judá (v. 13). Ele havia tentado definir-se sobre Daniel, mas no final ele se submete a palavras de Daniel. Ele aceita o que Daniel disse e honra-o.

Anteriormente Daniel havia rejeitado essas honras. Desde que Belsazar não honre ao Deus de Daniel, Daniel não receberia as honras dele. O fato de que Daniel aceita as honras nos diz que ele vê um novo Belsazar

diante dele. Belsazar aceitou à palavra de Deus, mesmo que isso signifique a sua morte física.

Certamente isso aconteceu é em resposta às orações de sua mãe. Podemos ver que a rainha-mãe é uma mulher temente a Deus. Naturalmente, ela tem se preocupado por Belsazar, se ele era ou não seu filho físico, ela passou a se preocupar durante os anos em que o conheceu. Ela claramente o trata como filho. Ela não chegou a sua grande festa idólatra. Mas então algo acontece que faz com que seu coração se alegre: O Deus do céu recebe seu filho, finalmente! Alegremente ela explode em festa e exclama: "Ó rei, vive eternamente! não te perturbem os teus pensamentos, nem se altere a tua fisionomia"(v. 10). O que ela tem orado por tanto tempo aconteceu. Ela tem a oportunidade de trazer a Daniel diante de seu filho desobediente, e ele vai ter que ouvi-lo.

"Ó rei, vive eternamente!" Podemos ver exclamação da rainha-mãe em parte como ironia, uma vez que esta é uma frase fórmula utilizada quando se entra na presença de qualquer rei, e desde Belsazar tem apenas algumas horas para viver. Mas não é a frase mais do que isso nesta história? Suas referências a Nabucodonosor tem um significado claro. Aquele rei tinha abandonado a vida eterna falsa, tanto no sentido do seu reino quanto no sentido de ser o agente de Deus para receber adoração. Deus lhe havia quebrado, e mostrado a ele que somente Nele estava a vida eterna.

A rainha quer que seu filho a viva para sempre, e com isso deveria romper com a pretensão de governar perpetuamente e a pretensão de supervisão do culto como uma autoridade divina; e quando Belsazar se curva à palavra de Deus, ele entra na vida eterna como sua mãe esperava.

5.30: "Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus".

"Naquela mesma noite..." A história diz que a cidade de Babilônia foi tomada de noite, durante uma orgia, sem que o rei e os habitantes

oferecessem qualquer resistência. Ciro, o general das tropas, comandando os exércitos medo- persas, desviou o curso do Eufrates, que passava pela cida¬de, e entrou pelo leito do rio, seco. O anúncio dessa captura repentina, que paralisava a cidade, é dado pelo profeta Isaías, cap. 21.9: "E eis agora vem um bando de homens, e cavaleiros aos pares (medo e persas). Então respondeu e disse: Caída é Babilônia, caída é! e todas as imagens de es¬cultura dos seus deuses se quebraram contra a terra". As¬sim como está escrito, assim aconteceu: Babilônia foi, realmente, tomada de improviso, e seu rei foi morto no es¬tado de embriagues. (Ver Jr 51.8 e ss.).

5.31: "E Dario, o medo, ocupou o reino, na idade de ses¬senta e dois anos".
O presente versículo tem sido muito contestado, por¬quanto alguns estudiosos da Bíblia afirmam que Dario ja¬mais governou Babilônia. "A interpretação que se tem é que Ciro continuou à frente de suas tropas, dominando o resto do Império ou pretendendo ir mais além, até a índia (como desejou mais tarde Alexandre Magno), entregando assim o governo a Dario. De qualquer modo, para nós, Da¬rio foi rei de Babilônia. Daniel não se enganou, e nem con¬fundiu nomes nem funções dos dois reinantes". Os textos citados afirmam que Dario assumiu ali as rédeas do gover¬no e cremos que Ciro só subiu ao trono medo-persa um ano depois (Dn 8.3; 9.1). Daniel, mesmo já sendo muito idoso, continuou como ministro da corte Babilônica, que, agora, se transformaria numa nova dinastia denominada Medo-persa.

Daniel 6

6.1: “E pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte presidentes, que estivessem sobre todo o rei¬no”.

"... pareceu bem a Dario...” Daniel menciona quatro reis da Babilônia e da Pérsia: - Nabucodonosor; Belsazar; Dario, o Medo, e Ciro. O primeiro é bem conhecido, O se¬gundo é citado em Daniel como sendo filho de Nabucodo-nosor (já se deu explicação sobre isso no capítulo anterior). Heródoto, o historiador (185-188) registra que Belsazar era filho de Nabonido. As inscrições recentes, encontradas, de¬claram que o exército persa, sob Gobrias, tomou Babilônia sem luta; que foi morto o filho do rei; e que Ciro entrou mais tarde. Sob o reinado de Dario, Daniel foi lançado à cova dos leões, isso não é mencionado nas inscrições, mas é evidenciado no capítulo em foco. Pensa-se que ele foi o Gobrias, referido nas placas babilônicas, ou, como diz Josefo, Ciaxares, medo, sogro de Ciro. Seja como for, Dario comandou também os exércitos que conquistaram Babilô¬nia; enquanto Ciro se ocupava em suas guerras, no Norte e no Oeste, Dario reinava em seu lugar. Fora predito que os medos seriam os conquistadores de Babilônia. (Ver Is 13.17; Jr 5 1.11, 29). Até Ciro assumir o poder, a ordem era “medos e persas” (5.28 e 6.8). Depois, falava-se “persas e medos” (Et 1.14,18,19 etc). (Ver notas sobre isso em 5.31).

6.2: “E sobre eles três príncipes, dos quais Daniel era um, aos quais, estes presidentes dessem conta, para que o rei não sofresse dano”.

“E sobre eles três príncipes, dos quais Daniel era um”. Dario nomeou 120 “sátrapas” ou “protetores do reino” para cuidar do novo país conquistado. O texto em foco nos informa que, desde que Daniel se distinguiu em sua posição, a inveja apareceu entre os outros e procuravam um meio de des¬truí-lo. No presente texto, cada príncipe dos acima mencionados, tinha sob sua regência cerca de “40 satrapias” e Daniel era um deles naquela corte.

6.3: “Então o mesmo Daniel se distinguiu destes príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito ex¬celente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino”.

Daniel tinha servido o império fielmente por quase 70 anos, e ele continuou a servir o novo governo Medo-Persa. Os sátrapas eram governantes provinciais, responsáveis pela segurança e coleta de tributos. Os três presidentes supervisionou o seu trabalho, certificando-se o tributo chegou a tesouraria do rei. Como um desses três, Daniel recebeu a recompensa prometida por Belsazar (ver 5:29), apesar da morte de Belsazar. Daniel fez um excelente trabalho como nesse papel que Dario planejava colocá-lo em uma posição ainda mais elevada, por todo o reino.

6.4: “Então os príncipes e os presidentes procuravam achar ocasião contra Daniel a respeito do reino; mas não podiam achar ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa”.

"... ele era fiel” F. Hodge, declara: “A grande exigência básica para o ofício dos despenseiros é a fidelidade. Um ministro (político ou religioso) deve, acima de tudo, pri¬mar pela fidelidade. Daniel foi exemplo durante a sua vida naquela corte. No campo religioso, o despenseiro é um ser¬vo e, como tal, deve ser fiel ao seu Senhor. Na qualidade de um discípulo, deve ser fiel àquele que o supervisiona. O despenseiro não deve mostrar-se negligente ao distribuir o alimento; não deve adulterá-lo nem substituí-lo por um in¬ferior. Daniel era fiel em tudo que fazia, tanto para o rei como para Deus. Por isso foi perseguido, mas triunfou!

6.5: “Então estes homens disseram: Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus”.

“Nunca acharemos ocasião...” O espírito de inveja é, sem dúvida alguma, um espírito destruidor. O rei Saul era um rei poderoso, mas a inveja o destruiu. Ele, após o gran¬de triunfo do jovem guerreiro Davi,

ao invés de agradecer o que ele fez, quis matá-lo (1 Sm 18). O jovem José era justo e santo e seus irmãos o venderam como escravo para o Egito (At 7.9). Em toda a extensão da Bíblia, encontra¬mos sempre a inveja associada à traição. Evidentemente, o invejoso é um traidor. Judas Iscariotes traía a Jesus e, por essa razão, "buscava oportunidade para entregá-lo sem al¬voroço" (Lc 22.1-6). Daniel, em sua missão de estadista naquela cor¬te, foi sempre traído, mas nunca foi traidor!

6.6: "Então estes príncipes e presidentes foram juntos ao rei, e disseram-lhe assim: O rei Dario, vive para sem¬pre!"

"... foram juntos ao rei". O presente versículo, nos lembra o Salmo dois (2), onde o furor das nações se levanta contra o Senhor e contra o seu ungido. O poema representa o mundo organizado contra o Senhor, deliberadamente contra o seu governo. Historicamente, o objeto do ataque dos ímpios era o ungido do Senhor, Davi. (Ver 1 Sm 24.6). Profeticamente falando, era o Messias, Jesus. (Ver At 4.25-27). Porém, quanto ao campo prático da vida, pode¬mos aplicar isso à vida de Daniel, na corte de Babilônia; ele também foi vítima de ataques mortais da disputa rui¬dosa daqueles que imaginavam coisas vãs, isto é, que se re¬belaram contra a fidelidade daquele servo fiel. Eles se "mancomunaram" e juntos compactuaram contra Daniel. Ainda hoje muitos servos de Deus têm sofrido as mesmas injustiças. Só o Deus de Daniel nos pode socorrer destes golpes mortais!

6.7: "Todos os príncipes do reino, os prefeitos e presi¬dentes, os capitães e governadores, tomaram conselho, a fim de estabelecerem um edito real e fazerem firme este mandamento: que qualquer que, por espaço de trinta dias, fizer uma petição a qualquer deus, ou a qualquer homem, e não a ti, á rei, seja lançado na cova dos leões".

"... uma petição a qualquer deus... e não a ti". A suges¬tão, tomada de maneira falsa, tinha como objetivo envai¬decer o ego do rei e dar uma expressão à sua nova autorida¬de. Tal mostra de lealdade da parte dos seus funcionários civis seria muito bem-vinda, sem dúvida, para aquele que durante sua vida vivia da própria glória. Os antigos Césa¬res

arrogavam também para si adoração divina e sob pena de morte que sofreria aquele que se recusasse a adorá-los. O rei Dario, segundo nos parece, assinou aquele edito para beneficiar-se a si mesmo, sem se lembrar de que, por trás disso havia um inocente a ser condenado. Seus vassalos bem o sabiam. E é evidente que o rei só teve conhecimento da tragédia horas depois.

6.8: "Agora pois, ó rei, confirma o edito e assina a escri¬tura, para que não seja mudada, conforme a lei dos medos e dos pensas, que se não pode revogar"

"O rei, confirma o edito e assina a escritura". A última parte do pedido - para que o rei sancionasse o de¬creto - seria a segurança de que não poderia ser mudado. Quando os decretos persas e medos eram sancionados e as¬sinados pelo rei, tornavam-se irrevogáveis. Passavam a fa¬zer parte da imutável lei dos medos e dos persas. (Ver Et 1.19; 8.8, etc.). A lisonja fizera a sua obra, e o rei concordou em assinar. Seu orgulho levou-o a ser enganado por aque¬les que alegavam querer honrá-lo.

6.9: "Por esta causa o rei Dario assinou esta escritura e edito".

"Por esta causa". O texto em foco, dá continuidade à narrativa. Depois de organizada a conspiração contra o grande servo de Deus, os homens se aproximaram do rei. Vocês leitores são capazes de imaginar como fizeram, elo-giando-o exageradamente para fazê-lo crer que realmente desejavam honrá-lo! Depois apresentaram o pedido de for¬ma mentirosa, declarando que todos os presidentes, gover¬nadores, príncipes, conselheiros e prefeitos desejavam que o decreto proposto fosse assinado. Mas a justiça divina não falha! O profeta Isaías, assim descreveu em seu livro, capí¬tulo 10.1, 2: "'Ai dos que decretam leis injustas, e dos escri¬vães que escrevem perversidade, para prejudicarem os pobres em juízo, e para arrebatarem o direito dos aflitos do meu povo..." Este "ai" vem da parte de Deus e recai sobre aqueles inimigos de Daniel; eles nos versículos que se se¬guem, foram colhidos por suas próprias armadilhas. (Ver Ec 10.8).

6.10: “Daniel, pois, quando soube que a escritura esta¬va assinada, entrou em sua casa (ora havia no seu quarto janelas abertas da banda de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante de seu Deus, como também antes costumava fazer”.

"... três vezes ao dia se punha de joelhos, e orava”. O versículo nos dá interessante evidência a respeito da ora¬ção no período bíblico posterior ao cativeiro, e ao mesmo templo o cumprimento das palavras de Salomão em 1 Rs 8.46-49a, que diz: "Quando pecarem contra ti (pois não há homem que não peque), e tu te indignares contra eles, e os entregares nas mãos do inimigo, para que os que os cativa¬rem os levem em cativeiro à terra do inimigo, quer longe ou perto esteja; e na terra aonde forem levados em cativeiro tornarem em si, e se converterem, e na terra do seu cativei¬ro te suplicarem, dizendo: Pecamos, e perversamente obramos, e cometemos iniquidade; e se converterem a ti com todo o seu coração e com toda a sua alma, na terra de seus Inimigos que os levaram em cativeiro, e orarem a ti para a banda da sua terra que deste a seus pais, para esta cidade que elegeste, e para esta casa que edifiquei ao teu nome, ouve então dos céus...” Daniel, o grande servo de Deus, foi inspirado nesta oração de Salomão e, a exemplo do salmista, orava de manhã, ao meio-dia e à tarde. Isto é, 9:00hs, 12:00hs, 15:00hs, respectivamente. (Ver Sl 55.17).

6.11: “Então aqueles homens foram juntos, acharam a Daniel orando e suplicando diante do seu Deus”.

“Acharam a Daniel orando”. O presente texto e outros correlatos abordam um tema muito vasto nas Escrituras. A oração! Ela é vista por toda a extensão da Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento. “Quem quer que le¬vante problemas difíceis só obterá resposta após uma luta longa e sincera com o Criador, quando, simultaneamente, deixará de questionar”. A oração é a primeira providência a tornar. Neste caso a Bíblia defende a tese a respeito da questão mais delicada: - Como é possível que um homem, embora íntegro, possa sofrer e só vencer orando? Mas na Bíblia, esta questão é apresentada como sendo da

vontade de Deus, pois através deste método, Ele também mostra seu grande amor, tanto a seus filhos como a seus inimigos. O Senhor Jesus neste campo é o divino modelo: Ele entrou no mundo orando, viveu orando, e morreu orando. (Ver Lc 23.46; Hb 5.7; 10.5-7).

6.12: "Então se apresentaram, e disseram ao rei: No to¬cante ao mandamento real, porventura não assinaste o edito pelo qual todo o homem que fizesse uma petição a qualquer deus, ou a qualquer homem, por espaço de trinta dias, e não a ti, é rei, seria lançado na cova dos leões? Res¬pondeu o rei, e disse: Esta palavra é certa, conforme a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar".

O presente versículo abrange uma série de fatores dis¬cutidos pelos inimigos de Daniel. No versículo anterior, os presidentes e príncipes que estavam por trás desse sombrio esquema foram observar a liberdade de Daniel para com seu Deus.

6.13: "Então responderam e disseram diante do rei: Daniel que é dos transportados de Judá, não tem feito caso de ti, é rei, nem do edito que assinaste, antes três vezes por dia faz a sua oração".

"Não tem feito caso de ti'. Observamos neste versículo o mesmo espírito malicioso que existia no grupo que acu¬sou Sadraque, Mesaque e Abdenego; eles disseram tam¬bém a Nabucodonosor: "Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque, Abdenego: estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem à estátua de ouro, que levantaste, adoram" (cap. 3.12). Certamente a coragem de Daniel é um desafio para todos nós. Ele estava pronto a colocar os interesses de Deus em primeiro lugar e a sua própria segurança em segundo. Por amor do seu tes¬temunho, estava pronto a enfrentar a cova dos leões fami¬tos.

6.14: "Ouvindo então o rei o negócio, ficou muito pena¬lizado, e a favor de Daniel propôs dentro do seu coração li¬vrá-lo, e até o pôr-do-sol trabalhou por o salvar'.

“E até o pôr-do-sol trabalhou por o salvar″. O versículo em foco diz que o rei, ao ouvir que Daniel tinha caído na armadilha, “ficou muito penalizado”. Isso, sem dúvida, pelo motivo de ser aquela lei por ele assinada irrevogável. Montgomery cita um exemplo no reinado de Dario III (336¬331 a.C.), em que este rei condenou à morte um homem que sabia ser inocente: “Imediatamente ele se arrependeu e se lastimou por ter errado grandemente; mas não era possível anular o que havia sido feito com autoridade real”. O texto em foco diz que o rei tentou salvar Daniel. Aqui se cumprem as palavras proféticas ditas por Daniel na interpretação do sonho do rei, descrita no capítulo dois deste livro. Isto é, o reino agora é de “prata” e não de “ou¬ro”, O monarca Nabucodonosor matava a quem queria e conservava em vida a quem queria (Dn 2.38 ; 5.19), coisa que Dario não podia fazer, pois era apenas representante do reino de “prata”.

6.15: “Então aqueles homens foram juntos ao rei, e dis¬seram ao rei: Sabe, à rei, que é uma lei dos medos e dos persas que nenhum edito ou ordenança, que o rei determi¬ne, se pode mudar’.

O presente texto mostra como os tiranos inimigos não permitiam ao rei ganhar tempo. A sentença que eles que¬riam tinha de ser pronunciada ali mesmo. A lei decretada pelo monarca medo era de caráter irrevogável, e aqueles servos maus, aproveitando-se da armadilha em que o rei caíra prevaleciam-se da própria honra do rei, sempre juntos, dizendo: “Sabe ó rei, que uma lei dos medos e dos per¬sas...” Diante de tal oposição daqueles ministros, o rei só tinha um dos caminhos a seguir: ou transgredir a lei ou permitir que Daniel fosse lançado na cova dos leões. Ele optou pelo segundo caminho, ainda que contrário à vonta¬de de Deus e à sua, mas é evidente que o falso decreto, para condenar o justo Daniel, passou por falta de vigilância da parte do monarca.

6.16: “Então o rei ordenou que trouxessem a Daniel, e o lançaram na cova dos leões. E, falando o rei, disse a Da¬niel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, ele te livrará”.

É evidente que o rei mandou chamar Daniel, por certo, para se certificar de que as testemunhas falavam a verdade. Daniel confirmou que sim. O texto não nos informa o diálogo havido entre o rei e o velho profeta, mas, pela linguagem do mesmo rei, fica demons¬trado que houve um diálogo com o rei, antes de Daniel ser lançado. Há grande discrepância entre os comentadores quanto às palavras do rei ao dizer: "O teu Deus... ele te li¬vrará". Para alguns, o rei disse apenas: "ele que te livre", mas o texto, em si, parece não autenticar essa interpreta¬ção. Ao lançar Daniel na cova, o rei disse categoricamente e com firmeza: "O teu Deus, a quem tu continuamente ser¬ves, ele te livrará".

6.17: "E foi trazida uma pedra e foi posta sobre a boca da cova: e o rei a selou com o seu anel e com o anel dos seus grandes, para que se não mudasse a sentença acerca de Daniel".

"... foi trazida uma pedra e foi posta sobre a boca da co¬va". Tem sido interpretado que, a "cova dos leões" onde Daniel foi lançado, tinha duas entradas: a primeira era uma espécie de "rampa" pela qual os animais entravam e a segunda uma espécie de "buraco", na extremidade supe¬rior, pelo qual os animais eram alimentados. Seja como for, Daniel foi lançado ali, e certamente só haveria uma saída, talvez a do teto como já ficou explícito acima. Foi provavelmente para evitar que alguém trouxesse uma cor¬da e a colocasse por aquela porta, que foi trazida uma pe¬dra e foi colocada ali. Para que a entrada da cova não fosse violada, o rei, à semelhança do que fez Pilatos, mandou que trouxessem o selo real (o anel) e o selo de seus grandes, selando assim a pedra. Era esse o costume daqueles dias: selar a entrada duma cova, quando havia nela alguém vivo ou morto. (Ver Josué 10.16 e ss; Dn 6.17; Mt 27.66).

6.18: "Então o rei dirigiu-se para o seu palácio, e pas¬sou a noite em jejum, e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono".

O texto em foco nos mostra quão grande é a segurança daquele que habita no esconderijo do Altíssimo, como bem descreve o salmista, no Salmo 91.1 e ss. Daniel, na cova dos leões famintos, estava mais

sossegado do que o rei no palácio real. Assuero não dormiu uma noite e nela des¬cobriu a dignidade e a nobreza de Mardoqueu, um judeu cativo (Et cap. 6). Daniel também permaneceu firme e, como recompensa, teve a companhia dos anjos (Hb 11.33).

6.19: "E pela manhã cedo se levantou, e foi com pressa à cova dos leões".

"E foi com pressa a cova..." O monarca medo, não con¬seguindo dormir aquela noite, levantou-se muito cedo e, com grande pesar na sua alma, foi à referida cova, onde, num estado de tranquilidade, encontrava-se Daniel! O rei era possuidor, não de uma culpa simulada, mas sim, de uma culpa real. Um olhar introspectivo e retrospectivo co¬locou-o a par destas razões, que provocavam a intranquilidade mental.

6.20: "E, chegando-se à cova, chamou por Daniel com voz triste; e, falando o rei, disse: - Daniel, servo de Deus vivo! dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continua¬mente serves, tenha podido livrar-te dos leões"

Parece claro que Dario já sabia quem era Daniel, ou pelo menos estava familiarizado com ele por reputação. No final de Daniel 5, Daniel foi feito terceiro governante do império babilônico. Quando Ciro tomou Babilônia, Belsazar foi morto. Quase certamente ele teria matado o terceiro governante da Babilônia também, mas ele não o fez. Em vez disso, ele imediatamente instalou ele em um triunvirato de governadores imediatamente sob si mesmo, e logo teve a intenção de colocar Daniel sobre todo o império como sua mão direita (Daniel 6:3).

Tudo isso indica que Daniel era conhecido por Dario, o Medo, antes da conquista da Babilônia. O fato de que Dario estava tão triste em ter que colocar Daniel à morte indica uma longa amizade entre os dois homens, pois não parece possível que Dario teria entristecido muito sobre um homem que ele só tinha conhecido por algumas poucas semanas.

Dario tinha chamado apenas de Deus “Deus vivo” (v. 20). Devido o sofrimento de Daniel, a vida que só vem do Deus vivo é agora dado a Dario, por causa de sua esperança e crença. Daniel tomou a morte que foi realmente a intenção dos sátrapas, num sentido importante, para Dario. Devido a isso Dario, já que ele acredita em Deus e se identificava com Daniel, recebe a vida eterna.

“Daniel, servo do Deus vivo”. O profeta Jeremias, diz que o nosso Deus “é o Deus vivo e o rei eterno” (Jr 10.10). O fato da existência de Deus era tão natural, que não te¬mos na Antiguidade remota nenhum vestígio de especula-ções sobre a origem ou o destino de Deus, embora a teolo¬gia ocupasse um lugar considerável nas crenças dos antigos povos. Assim, como a vida é uma realidade misteriosa que apenas se pode constatar e que ninguém sonha contestar, assim Deus é uma realidade que se impõe. Desde que Ele aparece nas primeiras páginas da Bíblia e da História, já aparece como um Deus grande e soberano, por ser um Deus vivo. Assim sendo, a expressão “Deus vivo” possui um caráter teológico menos contestado que outras afirma¬ções que são dedicadas à sua existência. E “porque Deus é vivo, podemos falar dele como um ser vivo; mas também, porque dele falamos como de um ser vivo, não deixamos nunca de lembrar que Ele está vivo”.

6.21: “Então Daniel falou ao rei: O rei, vive para sem¬pre!”

"... vive para sempre”. A resposta de Daniel funciona como resposta à pergunta do rei que também se refere ao Deus vivo. (Ver Dt 5.26; Js 3.10; Jr 10.10; Mt 16.16; 1 Tm 3.15; Ap 7.2; 10.6, etc.). A resposta em foco é uma prova de que Deus realmente vive, e foi capaz de socorrê-lo. A eter¬nidade de Deus é duração sem princípio e sem fim: é exis¬tência sem intermediação, sem limites ou dimensões; é um presente com ausência de limitações; em qualquer tempo Deus é vivo, sem passado ou futuro quanto á medição de sua vida. Sua eternidade é juventude sem infância ou ve¬lhice: vida sem nascimento ou morte; é hoje, sem o ontem ou o amanhã. A eternidade de Deus é, sem dúvida alguma, um sempiterno presente; Ele há de permanecer para sem¬pre em majestade,

e isolamento em si mesmo. Ele é sempre o mesmo quanto ao tempo e à importância. Ele vive para sempre. Não morre jamais!

6.23: "Então o rei muito se alegrou em si mesmo, e mandou tirar a Daniel da cova: assim foi tirado Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Céus".

No texto em foco, a alegria do rei foi motivada pela grande libertação que Deus deu à pessoa de Daniel. A libertação/ressurreição de Daniel prefigura a ressurreição de Cristo.

6.24: "E ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens que tinham acusado Daniel, e foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo da cova quando os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos".

O texto em foco mostra a recom¬pensa daqueles cruéis inimigos de Daniel, e das suas mulheres e familiares. Isso é registrado como um fato aconte¬cido, sem nenhuma conotação de aprovação ou desaprova¬ção. A solidariedade da família, quando uma punição era infligida, é atestada no tempo dos persas e medos (Heródoto, 111.119). O rei Dario agiu de acordo com os padrões comuns da socieda¬de persa. (Ver Ester 9, etc.).

6.25: "Então o rei Dario escreveu a todos os povos, na¬ções e gente de diferentes línguas, que moram em toda a terra: A paz vos seja multiplicada".

A sauda¬ção do rei Dario, conforme é descrita no presente texto, compreendia o estado de paz que seu reino desfrutava du¬rante a sua gestão. Ele diz: "A paz vos seja multiplicada". Ainda o decreto em foco lembra o de Nabucodonosor (3.29); contudo, enquanto o dele fora expresso em termos negativos, no sentido de punir qualquer palavra contra o Deus dos três hebreus, aqui o temor a Deus é positivamen¬te recomendado por toda a extensão do Império. Seja como for, em ambas as passagens Deus é sempre quem triunfa!

6.26: “Da minha parte é feito um decreto, pelo qual em todo o domínio do meu reino os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel; porque ele é o Deus vivo e para sempre permanente, e o seu reino não se pode destruir; o seu domínio é até o fim”.

O presente texto, repete o designativo “o Deus vivo” visto no versículo 20 do capítulo em foco. O Deus vivo de Daniel não é apenas um deus territorial, cujo governo alcança somente uma nação, mas o Senhor de um reino eterno, que alcançará todas as nações quanto à sua extensão. A mensagem sobre o verdadeiro Deus é espalhado, prefigurando a propagação do evangelho, que anuncia a ressurreição de Cristo.
6.27: “Ele livra e salva, e opera sinais e maravilhas no céu e na terra; ele livrou Daniel, do poder dos leões”.

Dario reconhece o Poder do Deus de Daniel. Dario, como Nabucodonosor, confessa o poder e a proteção do Deus de Daniel: ele é o Deus vivo ... o seu reino jamais será destruído (v. 26).

6.28: “Este Daniel, pois, prosperou no reinado de Da¬rio, e no reinado de Ciro, o persa”.

"... Daniel, pois, prosperou...” O presente capítulo ter¬mina com uma declaração sobre a prosperidade de Daniel no reinado de Dario e de Ciro, o persa: Dario era de uma nação diferente da de Ciro, isso é visto na designação do jogo de palavras: “medo e persa”. Seja como for, Daniel prosperou ali; ele era, sem dúvida, um varão bem- aventurado.

Em Daniel Deus está construindo a sua nova teocracia, o oikomene. Daniel 6 é o clímax desse processo de construção. Observe a progressão:

Em 2:47, Nabucodonosor reconheceu o Deus dos judeus como um Deus forte.

Em 3:29, Nabucodonosor ordenou a punir qualquer um que falou contra o Deus dos judeus.

Em 4: 34-35, Nabucodonosor proclamou que o Deus dos judeus é o único Deus verdadeiro.

Agora em 6:26, Dario dá ordens todos na terra para adorar o Deus vivo dos judeus. Além disso, O Deus é reconhecido como Santo Deus quatro vezes, em Daniel 4 e 5, o Deus que é separado do mundo e sobre o mundo. Como vimos, o julgamento de Babilônia em Daniel 5 é um evento de juízo ao "terceiro dia", levando a ressurreição. Daniel 6 centra-se na ressurreição e revela que Deus Santo é também é o Deus vivo.

Daniel 7
A Verdadeira Identidade do Pequeno Chifre

O sétimo capítulo de Daniel revisita o tema do capítulo 2. Este capítulo mostra a ascensão e queda de quatro impérios mundo Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma pré-70dC subsequente estabelecimento do reino de Deus. A principal diferença entre esses dois capítulos é que Daniel 7 fornece mais detalhes sobre os quatro impérios de Daniel 2. Daniel 7 também nos dá informação de um pequeno décimo primeiro chifre do quarto animal / império. Este pequeno chifre representa Tito em 70 dC, durante uma época em que seu pai Vespasiano era imperador. Enquanto Tito viria a se tornar o décimo primeiro César de Roma, em 70 dC, ele era um general (um príncipe, cf. Dn. 9:26) e é, portanto, referido como um chifre pequeno.

A informação fornecidas em Daniel 7 é crucial, uma vez que fornece a imagem mais nítida do tempo do fim em toda a Escritura. Mais do que isso, Daniel 7 fornece a base para uma série de conceitos escatológicos muito significativos. O Apocalipse irá extrair deste capítulo na sua discussão sobre a besta (cf. Dn 7:2-7 com Ap. 13:1-2). E a grande aflição (Dn 7:21, 25; cf. Ap. 13:4 -7). Daniel 7 prefigura a parousia de Cristo. A vinda de Deus contra o pequeno chifre (Dn. 7:21-22) é mostrado no Apocalipse como a vinda da Palavra de Deus contra a besta (Ap 19:11- 21). Daniel 7 fornece informações detalhadas a respeito de quando o milênio começou (ou seja, tronos são postas em prática na derrota do pequeno chifre décimo primeiro pela vinda de Deus no ano 70 dC, vv 7-11, 19-27; Cf. Ap 19:19-20: 4; Mt 19:28).. Este capítulo também contém a visão bem conhecida do Filho do Homem vindo com as nuvens (Dn. 7:13-14; cf. Mt 24:30; 26:64; Ap 1:7, 13; 14:14) . Finalmente, Daniel 7 nos mostra o juízo (Dn 7:9-10; cf. Ap 20:4).

Daniel 7 fornece uma base de conhecimento sobre o qual o restante de escritura profética se constrói; é um dos mais importantes capítulos proféticos em toda a Escritura. Beale observa a influência significativa de Daniel 7 no livro de Apocalipse: ". . . aproximadamente mais da metade das referências [em Apocalipse] são dos Salmos, Isaías, Ezequiel e Daniel, e em proporção ao seu comprimento Daniel rende mais. . . Entre as alusões a Daniel, o maior número é de Daniel 7." Simplesmente, Daniel 7 é um capítulo seminal da profecia bíblica.

Os Quatro Reinos

Em Daniel 7:1-8, o profeta vê quatro animais que saem do mar. Mais tarde, no versículo 17, Daniel recebe a informação os animais são quatro reis (representando quatro reinos; cf. v 23). O restante do foco do capítulo é sobre o terrível quarto animal/reino e seu desaparecimento no estabelecimento do reino de Deus. A Daniel é dada a interpretação desta visão nos versículos 17-27:

Daniel viu os quatro ventos do céu agitando o mar e trazendo-se quatro grandes animais. Estes quatro animais representam os mesmos quatro impérios mostrados em Daniel 2, ou seja, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma pré-70 dC. Estas bestas em última análise, representam quatro confederações de governantes demoníacos por trás desses impérios (cf. Dn 10:13, 20-21). Os quatro ventos do céu agitando o mar pode simbolizar que Deus estava no controle ao levantar esses impérios. Nas palavras de Daniel, Deus "remove reis e levanta-se reis" (2:21). Tanto Daniel e Apocalipse deixar bem claro que, finalmente, Deus está no controle do nosso mundo (cf. Ap. 4-5).

Leão: Babilônia

O primeiro dos quatro animais era como um leão com asas de águia. Esta besta corresponde à cabeça de ouro em Daniel 2, o que representa Nabucodonosor e o Império Babilônico (2:37-38).

As asas do leão sendo arrancados e dado um coração de homem, aludem ao ataque de Nabucodonosor pela doença mental e posterior recuperação (Dn. 4: 19-37). Deus tirou a sanidade de Nabucodonosor para ensinar-lhe que "o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer" (Dn 4:32;. Cf. 2:21). Quando Deus restaurou a mente de Nabucodonosor, Nabucodonosor era um homem mudado. Em Daniel 4:36-37 ele elogia o Deus do céu, que lhe tinha ensinado uma lição muito dura sobre quem, finalmente, governa sobre o mundo:

Urso: Medo Pérsia

A segundo besta que Daniel viu era como um urso e levantou-se de um lado (o que tornaria um lado maior que o outro). Esta besta representa o Império Medo-Persa. Em Daniel 8, nos é mostrado este império na forma de um carneiro com dois chifres, "um maior que o outro" (8:3), e é dito explicitamente que ele representa "os reis da Média e da Pérsia" (v. 20). Uma parte deste império sendo maior do que o outro representa provavelmente a maior força dos persas em comparação com os medos nesta aliança.

A maioria daqueles que acreditam que o livro de Daniel culmina com os acontecimentos do século II aC afirmam que Daniel identifica Média e a Pérsia como o segundo e terceiro impérios, correspondente ao urso e o leopardo em Daniel 7; isso tornaria o quarto animal alguma forma do Império Grego e não Roma. Não é provável que Daniel iria ver corretamente o Império Medo-Persa como um reino em Daniel 6:8, 15 e 8:20 mas depois, erroneamente, separar os medos e persas em dois reinos em Daniel 7, isso não faz sentido. As três costelas na boca deste urso (Dn. 7:5) provavelmente representam as três principais conquistas do Império Medo-Persa para o oeste: Lidia (546 aC), Babilônia (539 aC) e Egito (525 aC).

Leopardo: Grécia

A terceiro besta da visão de Daniel era como um leopardo com quatro asas e quatro cabeças (Dn. 7:6) e representa o Império Grego. Um

leopardo com quatro asas denota a velocidade com que este império iria conquistar. As quatro cabeças da besta representam as quatro divisões do império grego após a morte de Alexandre, o Grande: (1) Macedônia e Grécia sob Cassandro; (2) Trácia e uma grande parte da Ásia Menor sob Lisímaco; (3) a Síria, Babilônia, e grande parte do Oriente Médio sob Seleuco I Nicator; e (4) a Terra Santa e no Egito sob Ptolomeu I Soter.

Em Daniel 8, este império (Grécia) é representado como um bode e somos informados de que quatro reinos surgem dela: "E o bode é o reino da Grécia. A grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei. Quanto ao chifre quebrado e os quatro que se levantou em seu lugar, quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com o seu poder"(vv. 21-22). A maioria concorda que o primeiro chifre foi Alexandre, o Grande, e os quatro chifres que tomou o seu lugar eram seus quatro sucessores imediatos (citados acima).

Terrível besta: Roma

A quarto fera de Daniel 7 era diferente da primeira de três. Isto provavelmente se refere a como terrível era, como ele era diferente de qualquer animal terrestre, terrível e muito forte. Tinha enorme dentes de ferro (v. 7) correspondente ao ferro nas pernas e pés do quarto império da imagem de Nabucodonosor em Daniel 2:40-45. Este quarto animal tinha dez chifres (v. 7) que corresponde aos implícitos dez dedos da quarta reino da imagem Nabucodonosor (2:40-45). Como Daniel estava considerando os dez chifres, um chifre pequeno, décimo primeiro, surgiu, diante do qual três dos dez chifres foram retirados (v. 8); Este quarto animal terrível devorava tudo no seu caminho e pisava com os seus pés (v. 7). A ferocidade desta besta fala da força e brutalidade de Roma, o próximo império mundial a surgir depois da morte de Grécia.

Roma dividida?

Há algo importante a notar em Daniel 7. No capítulo 2, as pernas e os pés da imagem de Nabucodonosor representam o quarto império. Alguns comentaristas procuram fazer esse simbolismo caber a divisão de Roma

em partes oriental e ocidental, no século IV, com os pés representando um futuro revivido Império Romano. Essa proposta tem pelo menos dois problemas. Em primeiro lugar, isso significaria que Roma nunca caiu e que o Império Romano tem governando o mundo de alguma forma pelos os dois últimos milênios. O segundo problema é que ele transforma o quarto reino em dois reinos: Roma e Império Romano sob o Anticristo. Dizer Roma tem sido o império mundial dominante durante os últimos dois mil anos não faz sentido.

A improvável interpretação de Daniel 2, que as pernas e os pés da imagem de Nabucodonosor representam a divisão do Império Romano em divisões orientais e ocidentais, desaparece em Daniel 7. Não há nenhuma indicação em Daniel 7 de uma divisão leste-oeste de Roma e, em seguida, uma revitalização do império algumas mil e seiscentos anos mais tarde. Daniel 7 mostra o quarto animal a ser um, não dois impérios, ou um império dividido. O reino de Deus veio a intervir na história durante o reinado do décimo rei do quarta império no momento em que o pequeno chifre décimo primeiro surgiu (v. 7-1).

Como mencionado acima, a ideia de um Império Romano revivido sendo mostrado em Daniel 2 completamente evapora em Daniel 7. O capítulo 7não dá nenhuma indicação desta divisão do quarto império em duas partes e ser revivido milhares de anos mais tarde, como uma potência mundial. Os dez reis da quarta besta fazem parte do quarto império, não de um império revivido milhares de anos mais tarde. é retratado que o reino de Deus vem durante o reinado do décimo governante do Império Romano (Vespasiano, 69-79 dC), no momento em que o pequeno e décimo primeiro chifre (Tito) terminou sua campanha de três anos e meio contra o povo de Daniel (Dn. 7:19-27). Esta campanha por Tito durou 67-70 dC e resultou na destruição da nação judaica e do templo no ano 70 dC (Dn. 9:26-27, 12:7; Ap. 11:2). Mais uma vez, finalmente, o quarto animal não é Roma revivida.

Dez reis sucessivos

Como mencionado no capítulo anterior, alguns comentaristas apontam para os três governantes que são removidos antes que o pequeno chifre (Dn. 7:8, 20, 24) como uma indicação de que os reis deste quarto império não poderiam ser sucessivos governantes, mas que devem governar ao mesmo tempo, e então os reis desta fera teria que apontam para alguma forma de um futuro Império Romano revivido, já que não existe dez reis em confederação na história de Roma. Observando a quase impossibilidade de que os onze reis simbolizada aqui representam sucessivos governantes, Mickelsen escreve:

"Dez reis se levantará deste reino, e um pequeno chifre decorrente entre os dez que vai derrubar três deles."Este fator torna quase impossível a interpretação de que os dez reis sobem um após o outro. Dificilmente se poderia colocar para baixo três reis (aparentemente ao mesmo tempo), se eles não aparecem em cena na terrena ao mesmo tempo (7:24). Parece mais provável que o quarto reino é uma potência mundial confederado.

De uma "potência mundial confederado", Mickelsen afirma alguma forma de um Império Romano Revivido. Mickelsen está correto em afirmar que seria quase impossível para esta profecia a ser cumprida por sucessivos governantes; isso significaria que quatro sucessivos governantes tinham que estar na cena em praticamente ao mesmo tempo. Por mais improvável que as chances de isso acontecer são, isso aconteceu em 69 dC, um dos anos mais turbulentos do Império Romano. O ano de 69 dC viu os reinados e as mortes de Galba Otho, e Vitélio seguido pelo reinado de Vespasiano (ver lista abaixo). No início do ano, Galba foi imperador. Até o final do ano, Vespasiano possuiria o trono. historiadores romanos referem-se a ano 69 dC como o ano dos quatro imperadores.

A seguinte lista fornece a identidade dos onze governantes físicos que compõem o quarto animal, por meio do qual os reis demoníacos trabalharam.

1. Julio César (49-44 aC)
2. Augusto (31 aC - 14 dC)

3. Tiberio (14-37 dC)
4. Gaio (Calígula) (37-41 dC)
5. Claudio (41-54 dC)
6. Nero (54-68 dC)
7. Galba (68-69 dC)
8. Otho (69 dC)
9. Vitélio (69 dC)
10. Vespasiano (69-79 dC)
11. Tito (em 70 dC) Pequeno Chifre

Quando Nero morreu em junho de 68 dC, o Império Romano foi jogado em um estado de caos (cf. Apocalipse 16:10-11). Três sucessores de curta duração para o trono (Galba, Otão e Vitélio) veio e se foi no espaço de um ano e meio. Estes foram os três chifres (reis) que foram puxados para fora antes do chifre pequeno (Dn 7:8, 24). Durante este tempo de caos, Vespasiano e Tito travaram uma guerra contra a nação judaica. Com o advento da guerra civil em Roma durante 68-69 dC, a guerra judaica foi colocada em espera com Vespasiano e Tito em uma luta para assumir o Império Romano. No final de 69 dC, Vespasiano tornou-se o vencedor nessa luta para o trono de Roma. Com os três imperadores de curta duração mortos (“puxado para fora”, Dan. 7: 8) imperador, Vespasiano foi proclamado imperador e voltou a Roma para sua coroação. Vespasiano deixou seu filho Tito (o pequeno e décimo primeiro chifre), que mais tarde se tornaria o décimo primeiro César de Roma, para terminar com a guerra judaica. Assim, a quase impossibilidade dos onze chifres sendo governantes sucessivos encontram apoio claro na história.

O surgimento do chifre pequeno em Daniel 7:8 é a nossa primeira introdução ao denominado"Anticristo":

"Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas".

Nos versos 23-24, que são dadas a seguinte interpretação do quarto animal e as seus chifres:

"Disse assim: O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços.
E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis"

Alguém poderia argumentar que Tito não subjugou pessoalmente Galba, Otão e Vitélio, como o pequeno chifre parece fazer (Dn. 7:24, embora observe que vv. 8 e 20 transmitem uma sensação de menos ação direta por parte do chifre pequeno). Enquanto Tito não derrotar diretamente dos três imperadores de vida curta, ele foi o principal por trás das cenas na busca para o trono romano. Vespasiano se baseou fortemente em poder da diplomacia e da persuasão de Tito durante este momento mais crítico. Aparentemente Tito era o primeiro do acampamento Flaviano a sugerir assumir o Império Romano; ele foi fundamental para determinar o resultado da guerra civil e da adesão final de seu pai ao trono. Em relação ao papel de Tito, historiador romano BW Jones observa que,

No fim junho de 68dC, a notícia da morte de Nero tinha alcançado Vespasiano em Cesaréia. A incerteza de eventos em Roma e a atitude do novo imperador [Galba] exigiu que ele consultar com os vizinhos Legati [generais] sobre problemas de segurança mútua e política comum; para isso, Tito era seu agente. Além disso, a morte de Nero foi seguido por um período de inatividade na Judéia e, de fato, durante os próximos doze meses, todos os esforços foram dirigidos para a guerra civil, que culminou com a proclamação de Vespasiano como imperador... Nestes eventos, o papel de Tito não era desprezível. . . Parece que Tito era o primeiro do grupo Flaviano a considerar a assumir o império e ele o fez em fevereiro de 69.

Historiadora Barbara Levick semelhante observa a importância das ações de Tito na aquisição Flaviana do Império Romano:

Tito se agarra no poder nos próximos dez anos [após a adesão de seu pai ao trono Romano] sugerem que a atividade diplomática [durante as guerras civis de 69 dC] não foi devido à preocupação desinteressada para as ambições de seu pai. Suas próprias ambições e poderes de persuasão desempenhou um papel, talvez decisivo, em trazer Vespasiano a agir. Não podemos saber o quanto ele teve que trabalhar: para remover Otho ou Vitélio.

Mesmo Vespasiano tendo se tornado imperador em 69 dC, foi Tito, o pequeno e décimo primeiro chifre, que detinha o verdadeiro poder neste momento. Tito o governante físico por quem o príncipe demoníaco que deveria vir (Dn. 9:26) trabalhou em sua destruição de Jerusalém e do Templo. Embora Tito pode ter sido apenas um general no ano 70 dC, ele foi o homem por quem um espírito maligno (a besta do abismo; Ap 17:8) trabalhou. Como tal, Tito foi o foco de poder e autoridade de Satanás neste momento (cf. Lc 4:5-6; Ap 13:4-5).

Naturalmente, nem mesmo Tito, nem o Império Romano foi destruído em 70 dC; em vez disso, os governantes demoníacos que constituíam a quarta besta de Daniel (Dn. 7:7-12) foram destruídos naquele momento. Foi sobre a destruição desses governantes demoníacos por trás de Tito e os primeiros dez Césares de Roma que a soberania, domínio e grandeza de todos "os reinos debaixo de todo o céu" foram dadas ao povo de Deus, o Altíssimo (Dn. 7:23-27).

Fiquei intrigado ao saber que minha interpretação de Tito como o pequeno chifre décimo primeiro do quarto animal se harmoniza com a interpretação tradicional judaica. Rabbi Hersh Goldwurm escreve o seguinte sobre os onze governantes do quarto animal:

Esses dez chifres eram mais tarde (v. 24) identificado pelo anjo como dez reis que governariam Roma antes da destruição do Templo Sagrado (Rashi). . . . Durante o reinado de seu pai, Tito, filho de Vespasiano,

destruiu o Templo Sagrado (Mayenei HaYeshuah 8: 5). . . Outro chifre, um pequeno. Este refere-se a Tito (Rashi). [Filho e eventual sucessor de Vespasiano estava no comando dos exércitos romanos na Terra Santa e foi responsável pela destruição do Templo. Ele é referido como outro chifre, pequeno, provavelmente porque ele ainda não foi imperador nesta época.]. . . E uma boca que falava altiva [lit. grandes] palavras. Tito falava e agia com grande arrogância no santuário interior do Templo Sagrado como contou em Gittin 56b (Rashi).

As Ações do Pequeno Chifre

Quanto ao pequeno chifre, Daniel 7:25 afirma:

Ele proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e pretenderá mudar os tempos e a lei. Em seguida, os santos serão entregues na sua mão por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.

Quatro vezes em Daniel 7 nos é dito sobre as "palavras pomposas" (literalmente "grandes coisas") que o chifre pequeno fala contra Deus (vv. 8, 11, 20, 25). Com isto em mente, considere o seguinte relato dos escritos judeus sobre as palavras pomposas que Tito falou quando ele destruiu o Templo:

Vespasiano enviou Tito que zombaram, onde estão os seus deuses, a rocha em que se procurou refúgio? (Dt. 32:37). Este foi o Tito ímpios que blasfemado e insultado Céu. o que ele fez? Ele entrou no Santo dos Santos e com a sua espada cortou a cortina. Através de um milagre sangue jorrou adiante e ele pensou que tinha matado o próprio Deus. Ele trouxe duas prostitutas e, espalhando um rolo de papel abaixo deles, transgrediu com eles em cima do altar. Ele começou a falar blasfêmias e insultos contra o Céu.

Estas palavras e ações contra Deus atribuído a Tito são extremamente pomposas e blasfemas. Apocalipse 13:5-6, aludindo a Daniel 7:25 e o

pequeno chifre, também descreve as palavras pomposas e blasfemas da besta:

E lhe será dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias, e foi-lhe dada autoridade para agir quarenta e dois meses. Em seguida, ele abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.

A besta blasfemando contra o tabernáculo de Deus poderia ser tomado como uma referência à profanação do Templo (cf. Atos 24: 6), algo que Tito, obviamente, fez no tentativa de destruí-lo. (J. Massyngberde Ford, Revelation, The Anchor Bible, vol. 38, eds. William F. Albright and David N. Freedman (New York: Doubleday, 1975), 222-223)

Mudará os Tempos e a Lei

Em Daniel 7:25, somos informados de que o chifre pequeno teria "a intenção de mudar os tempos e a lei." Alguns sugerem que essa mudança dos tempos e da lei se cumprem no fato que Tito e Vespasiano permitiram um Novo Sinédrio fosse estabelecido em Yavneh. Este novo Sinédrio foi responsável pelas questões da Lei e na fixação do Calendário Sagrado. Desta forma, Tito tentou "mudar os tempos e as Leis". Promulgar leis, bem como definir os tempos de observação religiosa e estações do ano era uma função do Sinédrio em Jerusalém. Como historiador judeu Gedaliah Alon observa:

O Sinédrio era também, até certo ponto um órgão legislativo. Ele tinha o poder de promulgar taqanot (regulamentos) e gezerot (ordenanças) de natureza semi-permanente. . . Outra função do Sinédrio era que offixing o calendário. Um número de tannaitic [Mishná] tradições (e não há razão para duvidar da sua exactidão) dizem-nos que durante as últimas gerações antes da destruição do Templo, a Alta Corte em Jerusalém tinha o dever de anunciar as luas novas e de decidir quando deve haver um ano bissexto pela intercalação de um mês extra para o ano lunar. este tinha uma responsabilidade muito importante, porque determinadas as

datas das festas, e foi assim uma das ligações principais entre a mãe-pátria e da Diáspora.

Porque o calendário judeu foi baseado na lua, ele teve que ser ajustado para permanecer em sincronia com o ano solar. Não só o Sinédrio decidia se um determinado mês deveria ter vinte e nove ou trinta dias, como também determinaria quando adicionar um décimo terceiro mês extra para um determinado ano (um ano bissexto) para manter seu calendário lunar com as estações. Na época em que Tito estava assumindo as responsabilidades da guerra judaica de seu pai, os dois permitiu que o equivalente a um novo Sinédrio poderia ser estabelecido na cidade de Yavneh (Jâmnia). O resultado disso foi uma mudança de ambos os tempos (de observação religiosa) e da lei por este novo Sinédrio aprovado pelos flavianos. Goldwurm escreve o seguinte sobre isso:

Antes da destruição de Jerusalém, Rabban Yochanan ben Zakkai e seus discípulos foram capazes de deixar a cidade condenada e se estabelecer em Yavneh. Rabban Yochanan havia pedido do imperador romano [Vespasiano]: "Dê-me Yavneh e seus sábios", um pedido que foi concedido. Yavneh se tornou o centro espiritual do povo, e o segredo de sua sobrevivência. Rabban Yochanan ben Zakkai reorganizou o Sinédrio, que fixa a data de cada novo mês eo tempo de cada ano bissexto. De Yavneh enviou instruções para as comunidades judaicas espalhadas em matéria de direito e do respeito, e os judeus de todo a Diaspora virou-se para Yavneh para respostas e conselhos.

A criação de de um Sanedrim reorganizado em Yavne, que foi deixada (eventualmente dirigida) por Vespasiano e Tito, e resultou em alterações para ambos os tempos e direito. Isso cumpre a profecia de Daniel 7:25. Embora não se sabe muito sobre as especificidades do envolvimento Roman na criação de Yavneh, de acordo com o versículo 25 envolvimento Tito pode ter sido mais extensa do que é geralmente assumido.

Outros sugerem, que quando o Templo foi destruído em 70 dC, este evento marcou o fim da Velha Aliança e o início da Nova Aliança; O Cristianismo, o reino de Deus. Depois que o Templo foi destruído, tornou-se impossível seguir totalmente a Lei de Moisés a partir desse ponto. Este fato foi o sinal final de que o Cristianismo, a Nova Aliança, havia cumprido e substituído a Lei de Moisés, a Antiga Aliança.

Com a destruição do Templo veio o fim da era judaica, e o fim da era da Lei Mosaica, a destruição do templo está ligada à "Cuidará em mudar os tempos e a lei". O antigo aion (ERA) veio ao fim com a destruição do templo e a lei foi mudada, Mt 24:3, 14. O novo tempo (Era) foi inaugurado e a Lei e o Reino de Cristo foi implantado com poder. (Mt 16:27-28)

Sulpício Severus registra o desejo de Tito durante a guerra judaica para pôr fim à religião dos cristãos e dos judeus.

Tito pretendia realizar isso destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e dos cristãos : apesar de essas religiões serem conflitantes, elas desenvolveram-se, no entanto, das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpicius Severus diz o seguinte em Chronica 2:30.7).

Tito foi parcialmente bem sucedido. Embora Tito tenha acabado com a prática completa da Lei de Moisés para sempre destruindo o Templo, suas tentativas de aniquilar o cristianismo não tiveram êxito.

A Perseguição aos Santos

Daniel 7:25 afirma que o pequeno chifre "persegue" (literalmente "se desgasta, consome) os santos do Altíssimo. Daniel teria entendido os santos do Altíssimo para ser seu povo, os judeus (cf. Dn 9:24; 12:1.), embora no NT o conceito de santos é expandido para incluir crentes gentios bem como judeus (cf. Ap 13:7).33 Sulpicio Severo, um escritor cristão do século IV, pintou um retrato de Tito, que mostrou má intenção para judeus e cristãos. Em sua crônica, Severo escreve:

Tito primeiro convocou um conselho e deliberado se ele deve destruir um poderoso templo como tal, alguns pensavam que um santuário consagrado, que era famoso além de todas as outras obras dos homens, não deve ser arrasada. Seu argumento era que, para preservá-lo seria dar testemunho da moderação de Roma, enquanto a sua destruição iria marcá-la sempre como cruel. Outros, no entanto, incluindo o próprio Tito, se opuseram a esta visão e disse que a destruição do Templo era uma necessidade primordial, a fim de acabar completamente com a religião dos judeus e dos cristãos; eles insistiram que essas religiões, embora hostis entre si, surgiram a partir das mesmas fontes; os cristãos tinham crescido fora dos judeus: se a raiz fossem destruídas, o restante iria facilmente perecer.

Sugere-se que fonte de informação de Severo pode ter sido escritos do historiador romano Tácito, que já não são existentes. Um segundo registro de Severo, Tito tinha a intenção de destruir o judaísmo e o cristianismo. Isso seria consistente com a ideia de que o espírito anticristão estava trabalhando através de Tito como um meio de eliminar o reino de Deus, destruindo tanto judeus quanto cristãos, raiz e ramo. Em relação ódio de Tito aos judeus, Krauss escreve:

Mesmo Josefo descrevendo apenas traços parcos de suavidade na vida de Tito, por outro lado, crueldades são registrados que deve ser atribuído ao ódio pessoal de sua parte, e não para a dureza inevitável da guerra. Em Cesareia na Palestina, em Cesareia de Filipe, e no Berytus ele forçou os judeus cativos a lutarem contra animais selvagens e também um contra o outro; e mais muitos milhares foram mortos para agradar os sírios e gregos.

Destruirá os santos do Altíssimo

Tito "fez guerra" com os santos e prevaleceu contra eles? Se por "santos" Daniel significa judeus, então a resposta óbvia é sim; Mas é claro aqui que os "judeus" não podem ser intencionados, se quisermos levar esta profecia como correta, já que os judeus, de modo algum, vieram possuir um reino. Por outro lado, como devemos argumentar, isso faz sentido se os santos são interpretados como os cristãos.

Mas então a questão é: "A guerra foi feita aos cristãos ? Esta era uma guerra contra os judeus!" Foi realmente o foco principal - mas há evidências de que os cristãos foram alvo aqui também. Um fragmento das Histórias de Tácito , agora preservadas para nós apenas por Severus, fala de deliberações de Tito quanto a destruir o templo judaico. No final, ele decide fazê-lo, porque, embora as duas religiões estivessem em conflito, "eles se desenvolveram das mesmas origens. O cristianismo surgiu dos judeus: com a raiz removida, o ramo é facilmente morto".

Se isso é certo, os cristãos eram um alvo real, ainda que secundário, dos romanos no ataque bem sucedido em Jerusalém. (Josefo também relata essa conversa, mas não menciona os cristãos - Guerra 6.4.3.)

Os santos serão entregues "por um tempo, tempos e meio tempo" - a maioria vê isso como referente a um período de três anos e meio, e este é o caso sob qualquer paradigma. A questão é, quando foi esse período de três anos e meio? Pode caber em eventos de 70 dC?

Sim pode. A guerra judaica durou 3 anos e meio (67 dC - 70 dC). Isso se encaixa na declaração de Tácito de que havia inimizade contra os cristãos como um ramo do judaísmo.

Haviam cristãos em Jerusalém durante a guerra judeu-romana?

De acordo com Daniel 7:21-22, 25 o pequeno chifre faria guerra contra os santos, perseguiria-os e prevalecera contra eles até "que chegou o

tempo em que os santos possuíssem o reino". Os santos estarão na mão dele por 3,5 anos.

Apocalipse 13 dá algumas pistas sobre a ocorrência desses 3,5 anos de perseguição (Apocalipse 13:5-7). Seria direcionado para aqueles que "moram na terra" (de Israel) que não adorariam a besta (Apocalipse 13:8, 12). Este requisito de adorar a besta seria imposto pela besta que veio "da terra " (também conhecido como " o falso profeta ", Apocalipse 16:13, 19:20, 20:10). Ele enganaria "aqueles que habitam na terra", e ele trabalharia na presença da besta (Apocalipse 13:11-15). Então, Israel seria o centro geográfico dessa perseguição.

Deve ser seguro assumir que os cristãos não apoiaram a guerra e, portanto, eles estavam em alto risco de serem mortos se estivessem na Judéia e em Jerusalém de 66 a 70 dC. No entanto, nem Josefo nem Tácito disseram especificamente que os cristãos foram mortos lá durante esse tempo. Tanto quanto sei, Josefo nunca identificou os cristãos, ou distinguiu entre judeus e cristãos, em qualquer um dos seus escritos. Ele não disse especificamente que os cristãos foram mortos junto com judeus na Judéia e Jerusalém antes e durante a primeira metade da Guerra Judaico-Romana (67-70 dC).

Alguns afirmam que nenhum cristão foi morto quando Jerusalém foi destruída, porque todos escaparam para Pella. Isso significa, que nenhum cristão foi morto em Jerusalém depois que a guerra começou em 67 dC?

Desde Daniel 7:21, 25 diz que o pequeno chifre perseguiu e prevaleceu contra os cristãos por 3,5 anos, e como Apocalipse 13 mostra que os cristãos que vivem em Israel foram alvo dessa perseguição, essas são questões importantes a serem consideradas.

Aqui estão as palavras de Jesus advertindo seus seguidores de um momento em que eles precisariam fugir: "Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no

meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela". Lucas 21:20,21

Então Lucas interpreta a abominação da desolação com Jerusalém cercada por exércitos. Quando isso aconteceu, os cristãos foram instruídos a deixar não só Jerusalém, mas toda a Judeia, e não voltar.

O primeiro testemunho conhecido sobre os cristãos que fogem para Pella parece pertencer a Eusébio, que escreveu aproximadamente 230 anos após o voo ter ocorrido.

Thomas Newton provavelmente se referia aos escritos de Josefo quando ele disse: "Nós não lemos em nenhum lugar tanto quanto um deles [os cristãos] pereceram na destruição de Jerusalém". Isso é verdade. Mais uma vez, Josefo, que escreveu com mais detalhes sobre a guerra entre judeus e romanos do que qualquer outra pessoa, não mencionou especificamente os cristãos que foram mortos em Jerusalém. Ele também não disse nada sobre os cristãos que escapam à segurança em Pella. A falta de tais informações de Josefo não significa necessariamente que isso não aconteceu. Significa apenas que ele não discutiu o status dos cristãos.

Contudo a linguagem de Daniel 7:21, 25 indica que ainda havia cristãos em Jerusalém durante o período de 67-70 dC.

Embora muitos cristãos aparentemente tenham deixado Jerusalém antes da guerra, é possível que alguns não tenham ouvido o aviso de Jesus de fugir (Mateus 24:15-20, Marcos 13: 14-18, Lucas 21:20-23) e pereceram. Também é possível que outros permaneçam, suportaram grandes dificuldades e conseguiram fugir mais tarde.

Os estrangeiros continuaram a viajar para Jerusalém de longe para os festivais anuais até o ano de 70 dC, e muitos desses peregrinos foram mortos por causa das lutas entre as facções zelotes (Guerras 5.1.3). É possível que cristãos de outras regiões fora da Judéia vieram a Jerusalém

para participar dos festivais, não atendendo ao aviso de Apocalipse 18: 4 e pagaram o preço com suas vidas.

Em resumo, não acredito que os testemunhos de Eusébio, Remigius, Hammond, Newton, etc. de qualquer forma descartem a ideia de que Cristãos ficaram em Jerusalém durante o cerco de Jerusalém.

Tito pretendia destruir o cristianismo e o judaísmo destruindo o templo
O Pai de Tito, o imperador Vespasiano, ordenou que todos os que pertençam ao sangue do Messias matassem. Com estas e outras formas, os santos foram entregues à Besta.

O versículo 25 diz que "os santos serão entregues a ele por um tempo, tempos e meio tempo". Como mencionado acima, Tito pretende destruir a religião dos cristãos e dos judeus.22 Também deve notar-se que, após a queda de Jerusalém, o pai de Tito, o imperador Vespasiano, ordenou que todos os descendentes do rei Davi fossem buscados e erradicados para que ninguém na linhagem do Messias pudesse se levantar para contestar seu reinado.

Tempo, Tempos e Metade de Tempo

Daniel 7:25 diz que os santos serão entregues nas mãos do pequeno chifre por "um tempo, dois tempos e metade de um tempo." Um tempo (= 1) e tempos (= 2) e metade de um tempo. Este período de tempo é a última metade da septuagésima semana de Daniel, o tempo da vinda de quem faria a desolada nação judaica (Dn 9:27; cf. 12:7.). Muitos comentaristas ver este como sendo de três anos e meio. Apocalipse 13 dá credibilidade a esta ideia.

Dentro Apocalipse 13:5, a besta fala blasfêmias, Isto corresponde às "palavras contra o Altíssimo" que o chifre pequeno fala (Dn 7:25) "Grandes coisas e blasfêmias.". A besta do Apocalipse é permitido "fazer guerra aos santos e vencê-los" (Ap 13:7). Que corresponde ao pequeno chifre que "fazia guerra contra os santos e prevalecia contra

eles" (Dn 7:21; cf. 7:25). O período de tempo em que a besta supera os Santos é quarenta e dois meses (Ap. 13:5). Quarenta e dois meses é três anos e meio. Isto está em conexão com o "tempo, tempos e metade de um tempo" de Daniel 7:25 com o período de três anos e meio encontrada em Apocalipse 13.

Três anos e meio é o período de tempo que Tito fez guerra contra a nação judaica (fevereiro / março de 67 dC a agosto / setembro de 70 dC). A tradição rabínica, refletindo sobre esse período de três anos e meio, diz que, embora o comprimento do castigo dos ímpios no inferno seria de doze meses, Nabucodonosor e Vespasiano seriam punido por três anos e meio porque esse é o tempo de cada sítio a Israel. Na realidade era Tito, o pequeno e décimo primeiro chifre, que lutou contra os judeus por três anos e- meio, não Vespasiano. Vespasiano lutou contra os judeus por cerca de dois anos e meio (primavera de 67 dC ao verão de 69 dC). Em julho de 69 dC, as tropas de Vespasiano o proclamou imperador, e a partir desse momento sua atenção estava voltada para assegurar o trono imperial. Foi Tito, que cumpriu os três anos e meio que o chifre pequeno trava uma guerra contra a nação judaica.

Daniel 12 suporta a conexão entre "um tempo, tempos e metade de um tempo" que aparece em Daniel 7:25 (que, de acordo com Young, "é o equivalente hebraico exata da expressão aramaica" um tempo, tempos e metade de um tempo em Dn. 7:25). Isso ocorreu em 67-70 dC com a destruição do Estado Judeu e da ordem antiga aliança (cf. Dn 11:36). Este período de três anos e meio de 67-70 dC foi a última metade da septuagésima semana de Daniel. Foi a época em que Jerusalém e do Templo foram destruídos pelo "príncipe que há de vir", deixando o desolada a nação judaica (Dn 9:26-27; cf. Ap 11:2).

As Más Intenções de Tito

Avaliar as ações e intenções de Tito na guerra judaica nem sempre é uma tarefa fácil. A razão para isso é simples: Josefo, aquele que fornece a grande maioria das nossas informações sobre Tito durante este período, foi um apologista de Tito. Josefo era tão dedicado a Tito que ele tomou o

nome de família Flaviano (Flavio). Flavio Josefo reivindicou que Tito não tinha a intenção de destruir o Templo. Josefo disse que sua queima foi a ação de algumas tropas fora de controle.Ao avaliar esta alegação, deve-se lembrar que os escritos de Josefo sobre a guerra judaica foram ambos financiados e aprovados por Vespasiano e Tito.

Uma outra coisa que faz com que Flavio Josefo não descreva sobre todas as ações e intenções de Tito é que Josefo tinha sido o braço direito de Tito em lidar com os judeus durante a guerra judaica. Após a guerra, Josefo estava preocupado sobre como seus companheiros judeus iria vê-lo. Em seus escritos, ele não queria descrever a si mesmo como um traidor de seus compatriotas. Se Josefo tinha admitido que ele tinha sido o braço direito do tirano que deliberadamente destruiu o Templo de Deus, ele teria sido ainda mais odiado por seus companheiros judeus do que já era. Imagine um judeu que tinha sido o braço direito de Hitler durante o Holocausto, e em seguida, escreveu uma história defendendo suas ações e as de Hitler durante esse período. Imagine também que Hitler deveria aprovar esta história. Tal história poderia conter um número considerável de racionalizações e minimização (e, sem dúvida, exclusões) de que realmente aconteceu. Isto é análogo as ações de Tito e Josefo durante a guerra de 70 dC. A maioria dos historiadores concorda que Josefo contornou muitas das atividades e motivações de Tito a respeito de sua hostilidade contra a religião judaica. Comentando a afirmação improvável que o Templo foi destruído contrário aos desejos de Tito, Paul Spilsbury escreve:

A descrição dos acontecimentos que envolveram a queima fatídica do Templo em "Guerra judaica"' é notório por sua insinceridade. Josefo relata que na noite anterior ao evento em si Tito realizou um conselho de guerra no qual argumentava contra o conselho da maioria dos presentes que o templo deve ser poupado. No caso atual, porém, o templo foi queimada até o chão depois de um soldado indisciplinado “movido por um impulso sobrenatural” (Guerra 6.252) jogou fogo no santuário. esforços pessoais de Tito para apagar o fogo, foram frustrados pela recalcitrância de seus homens (Guerra 6.260). A maioria dos

historiadores modernos esta de acorde que esses eventos foram improváveis.

G. Alon [judeus, judaísmo do mundo clássico. Estudos em História judaica nos tempos do Segundo Templo e Talmud, trans. Abrahams (Jerusalém: Magnes Press, 1977), 253] afirma inequivocamente que "não podemos evitar a quase certa conclusão de que o Templo foi posto à tocha a mando de Tito." [Ênfase original para Alon]. Seu argumento é baseado em: (1) a comparação com outras fontes, principalmente Cronicas de Sulpicio Severus, talvez derivados de Tácito, que atribui a decisão de queimar o Templo para o próprio Tito;
(2) o exame dos eventos imediatamente anteriores seguido do incêndio do Templo, indicam que semprefoi parte da intenção Romana;
(3) Indicação em outras partes de obras de Josefo, onde ele parece deixar claro que ele sabia que Tito era o culpado pelo incêndio do Templo (por exemplo, Guerra 7,1; Ant 20,250). A conclusão de Alon é que Josefo distorceu a verdade e "ajustou" a sua história para atender "às demandas de seus benfeitores" [Vespasiano e Tito].

historiador romano Dio Cassius apresenta um quadro muito diferente de Tito e suas intenções a respeito do templo. Dio disse que as tropas romanas tinham medo de violar a santidade do Templo e que era Tito que os obrigou a entrar: ". . . o Templo foi agora aberto colocado aos Romanos. No entanto, os soldados por causa de sua superstição não se apressou imediatamente; mas, por fim, sob compulsão de Tito, eles fizeram o seu caminho para dentro."

A sugestão de que o Templo foi destruído por tropas fora de controle é especialmente improvável quando você lê própria descrição de Josefo de quão disciplinado o exército romano foi: "a lei militar exige a pena de morte não apenas por deserção das fileiras, mas mesmo uma ligeira negligência do dever. . . ".A Queima do Templo em violação de uma (suposta) ordem direta de Tito César teria sido muito pior do que uma ligeira negligência do dever. Tecnicamente, isso teria feito ações das tropas digno de morte.

Um exemplo de uma omissão óbvia das ações de Tito por Josefo pode ser encontrado em seu fracasso em até mesmo mencionar Tito e seu relacionamento com a rainha judia Bernice. Tito conheceu Bernice em 67 dC, quando ele veio para a Judeia pela primeira vez. Ela vivia com Tito e em adultério, e Josefo não menciona ela ou seu relacionamento escandaloso. A razão para isso é que, desde o tempo da relação desastrosa de Marcos Antonio com Cleópatra, o público romano era muito desconfiado de alianças entre seus líderes e rainhas estrangeiras. Se dependêssemos apenas do registro de Josefo, a relação entre Tito e Berenice (que tem sido referido como a 'pequeno Cleópatra') nunca teria chegado até nós. Isto é suspeito,pois quais outras ações de Tito Josefo deixou de fora durante este tempo?

O Extermínio dos Sacerdotes

Uma ação que Josefo não podia esconder sobre as intenções de Tito contra a religião judaica era o seu extermínio do sacerdócio Templo. Este ato foi especialmente hediondo porque os sacerdotes não tinham sido combatentes na guerra. Quando Tito capturou o Templo, ele ordenou a execução de todos os sacerdotes sobreviventes. De acordo com Josefo, ele sentiu que o sacerdócio deve perecer juntamente com o Templo. Se isso não fosse suficiente para revelar as verdadeiras intenções de Tito, o historiador Cristão Eusébio (citando o escritor do segundo século Hegesippus) recorda que, após a conquista de Jerusalém, Vespasiano deu ordens para que todos aqueles que pertenciam à linhagem de Davi deveriam ser procurado e erradicados de modo que ninguém da linhagem do Messias (que era para ser um descendente de Davi) deveria permanecer vivo. A ordem de Vespasiano pode ter, na realidade, sido dado por Tito, como ele era o único responsável de subjugar os judeus após meados de 69 dC e possuía a autoridade para elaborar decretos em nome de seu pai.

As ações de Tito para destruir a nação judaica, o seu templo, o sacerdócio, e quaisquer vestígios da linha messiânica são consistentes com a guerra do chifre pequeno contra o povo de Daniel por "um tempo, dois tempos e metade de um tempo" (Dn. 7:25). O resultado deste

período de 67-70 dC foi a destruição da nação judaica e da ordem antiga aliança (Dn. 12:7). Como podemos imaginar, os judeus tinham uma visão muito negativa de Tito, a quem a literatura rabínica se refere como "Tito o meliante." Josefo coloca o número de judeus mortos na guerra judaica em 1.100.000, enquanto 97.000 foram feitos prisioneiros ou vendidos como escravos ou mortos em jogos de gladiadores. Enquanto estudiosos modernos (com ou sem razão) consideram a figura de mais um milhão de judeus mortos como um exagero, permanece o fato de que muitos judeus foram abatidos pela campanha de três anos e meio de Tito na Judea.

Note-se que o comprimento de tempo que Tito travou guerra contra Israel era igual ao período de tempo que Jesus pregou em Israel; cada um tinha três anos e meio de ministério (cf. Lc 13:6-9). Esta não é uma coincidência, como Jesus o "ministério de três anos e meio trouxe o fim à legitimidade do sacrifício ((Dn. 9:26-27a, cf. Hb. 10:12), completou a primeira metade da septuagésima semana de Daniel, enquanto Tito durante seu "ministério"de três anos e meio, foi o que fez a nação judaica desolada, completou a segunda metade da septuagésima semana de Daniel (Dn. 9:26-27b). Também é interessante notar que Tito começou sua campanha contra os judeus na Galiléia, o mesmo lugar onde Jesus começou o seu próprio ministério. Além disso, Tito concluiu sua campanha, enquanto acampados em frente à torre Psephinus de Jerusalém, localizado apenas a poucos passos de distância do Gólgota, onde Jesus finalizou seu ministério.

O Chifre Pequeno de Daniel 7 e Daniel 8

O livro de Daniel descreve dois pequenos chifres um no capítulo 7 e um no capítulo 8. Alguns sugerem que esses dois chifres são diferentes. O chifre pequeno de Daniel 7 surge do quarto animal (Império Romano) e representa Tito; o chifre pequeno de Daniel 8 surge o após a divisão do império Grego, porém ele também representa Tito. Quando na profecia é dito: "E de uma delas saiu um chifre muito pequeno" o enfoque aqui é geográfico, é da região (de uma delas); e não, no período cronológico e do tempo.

A palavra chifre apresentadas em algumas traduções não existe aqui. A tradução correta do início do v. 9 (ou seja, "de um deles"), sugere que o chifre pequeno sairia de um dos 4 "ventos" (é só ler o final do v. 8), ou seja, de um dos 4 pontos cardeais.

Então, "de uma delas", ou seja, de um dos 4 pontos cardeais saiu um chifre muito pequeno. Essa interpretação é confirmada no verso 22 e 23.

O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele. Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações.
Daniel 8:22,23

Quatro reinos se levantarão da mesma nação - Repare que apenas 4 reinos se levantam da mesma nação (Grécia), excluindo assim o chifre pequeno, pois o chifre pequeno não faz parte do reino da Grécia. veremos isso mais tarde.

Mas, no fim do seu reinado - Como vimo o chifre pequeno não faz parte da mesma nação (Grécia) dos 4 chifres que surgem no bode. Esse chifre pequeno surge de uma nação posterior à Grécia. ou seja Roma.

Daniel 8:9 E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa.

Tito César é o décimo primeiro imperador de Roma, que é representada aqui através dele, Por que não vemos uma Besta/Animal aqui mas um chifre pequeno? É por que Tito é o rei que está representando Roma, ele é o foco da visão. Esse é o mesmo chifre pequeno da quarta besta de Daniel 7 que é Roma, sendo assim Tito César é o rei que representa o Império romano que conquistou o Sul, o Oriente, e a Terra formosa (Jerusalém). Veremos mais detalhes ao comentar Daniel 8.

O Pequeno Chifre de Daniel 7 e a Besta do Apocalipse

Há inúmeros paralelos entre a besta individual do Apocalipse e o chifre pequeno de Daniel 7 (por besta individual quero dizer o oitavo rei da linha de oito reis, Apocalipse 17:7-11). significativamente, paralelos correspondentes entre a ponta pequena de Daniel 8 e o Considere algumas das conexões compartilhadas pelo chifre pequeno de Daniel 7 e a besta do Apocalipse, o seguinte é um resumo das profecias de Daniel 7 sobre o décimo primeiro chifre da quarta besta e como elas foram cumpridas no 1 século através de Tito:

1. O chifre pequeno, o décimo primeiro, entraria em cena quando o décimo rei da quarta besta (Roma) estava no trono (Dn 7:20, Dn 2: 40-45). O pai de Tito, Vespasiano, era o décimo César de Roma (AD 69-79) e imperador quando seu filho quebrou a nação judaica em 70 dC. Neste momento, Tito (que se tornaria o décimo primeiro César) era um general e ainda não Imperador, daí a sua designação como um décimo primeiro e chifre pequeno.

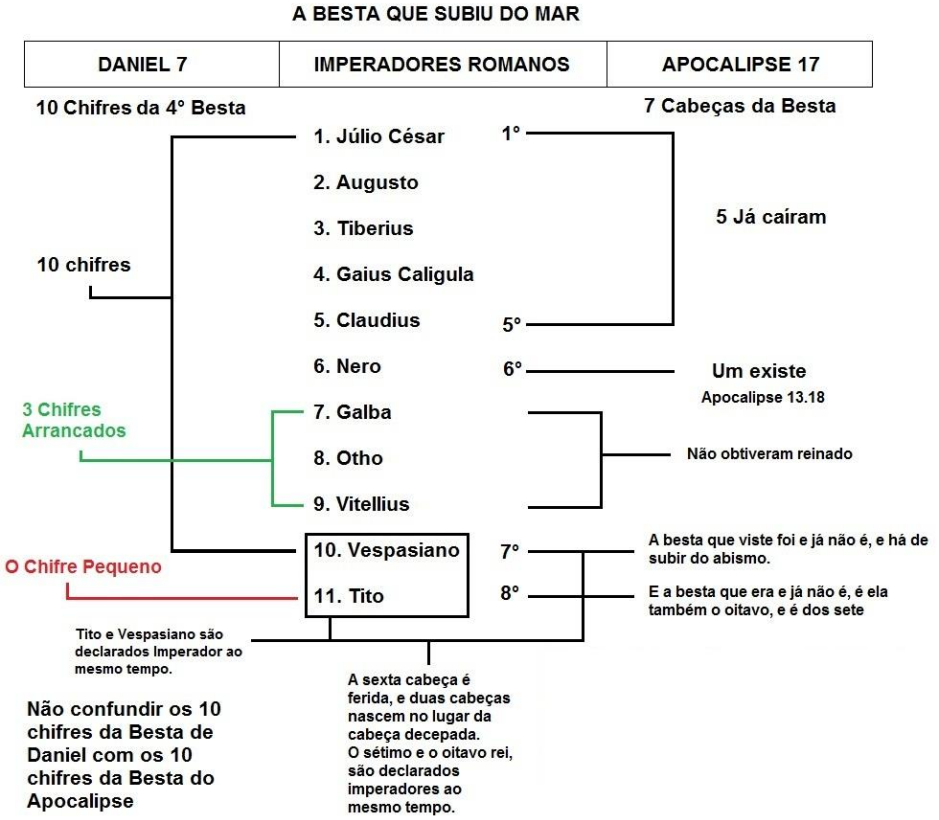
O pequeno chifre operaria através de Tito: O pequeno chifre é o oitavo governante (Daniel 7:8 e Apocalipse 17:11).

O chifre pequeno de Daniel 7 começa como um décimo primeiro governante, mas se torna um oitavo quando três chifres (governantes) são removidos antes dele (11-3 = 8).

Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, ... Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Daniel 7:7,8

E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.
Apocalipse 17:11

Tito foi o décimo primeiro César de Roma. Em 70 dC ele era um general, o filho do imperador reinante (Vespasiano), daí a designação como um chifre pequeno em Daniel 7. Os três chifres (governantes) removidos antes dele se referem aos três imperadores de curta duração (Galba, Otho E Vitellius) que caiu em 69 dC antes de Tito e Vespasiano ganharam o controle do Império Romano.



Deve-se notar que Tito como o décimo primeiro chifre é a posição judaica clássica. Veja aqui http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/16490/showrashi/true

2. Três reis (simbolizados por três chifres) seriam removidos antes do chifre pequeno (Dn 7:8). Estes foram os três imperadores de curta duração (Galba, Otho e Vitélio) que cairam (v. 20) diante de Vespasiano e Tito em 69 dC, o ano de quatro imperadores. Note que isto deixou o chifre décimo primeiro como um oitavo rei (11 - 3 = 8). É assim que o Tito é retratado no Apocalipse, como um oitavo rei (que estava prestes a sair do abismo, Apocalipse 17:8-11).

3. O pequeno chifre e a Besta do Apocalipse fala grandes blasfêmias contra Deus (Daniel 7: 8, 11, 20, 25 e Apocalipse 13: 5-6). Evidências do cumprimento deste fato podem ser encontradas em escritos rabínicos que atribuem incríveis blasfêmias a Tito quando ele destruiu o Templo (por exemplo, alegando que ele havia matado sozinho o Deus de Israel.) Veja Talmud Babilônico, Gittin 56b.

. . .e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Daniel 7:8

. . . daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros.
Daniel 7:20

E proferirá palavras contra o Altíssimo...
Daniel 7:25

E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses.
E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.
Apocalipse 13:5,6

Ladd observa o seguinte sobre as palavras blasfemas da besta em Apocalipse 13:5 e como esta passagem é uma referência direta ao pequeno chifre de Daniel 7: "Este [Apocalipse. 13: 5-6] é baseado diretamente em Dan. O chifre pequeno tinha a boca "falando grandes

coisas" e falava "palavras contra o Altíssimo". O Talmud registra que Tito pronunciou grandes blasfêmias quando capturou o Templo, alegando realmente ter matado O Deus de Israel (O Talmude Babilônico, Gittin 56b).

4. O chifre pequeno seria permitido perseguir o povo de Daniel por "um tempo e tempos e metade de um tempo" (Dn 7:25), um período de tempo de três anos e meio. Isto é confirmado em Apocalipse, onde este tempo de perseguição da besta é dado como quarenta e dois meses (Apocalipse 13:5-7; 11:2). Isto teve a sua realização perfeita na Guerra Judaica - que durou três anos e meio anos. Em fevereiro de 67 dC, a guerra judaica começou oficialmente com o comando de Nero para enviar Vespasiano para subjugar a rebelião na Palestina e Judeia. Três e meio anos depois, em agosto de 70 dC, Tito destruiu Jerusalém e do templo, sob a comando de Vespasiano.

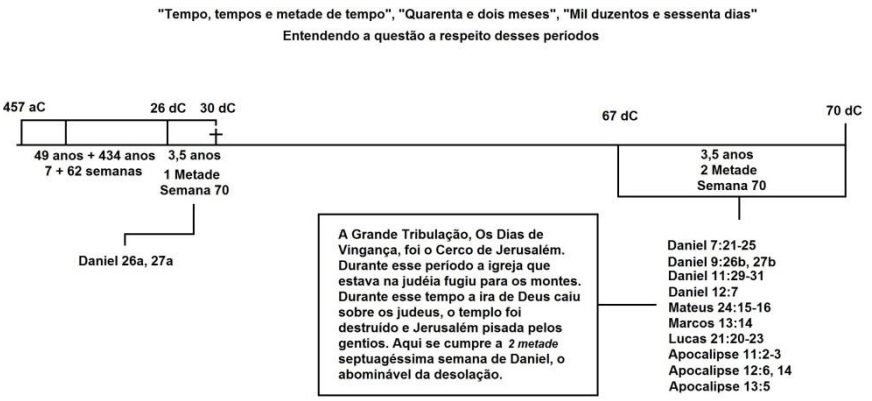
Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.
Daniel 7:21

. . . e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.
Daniel 7:25

E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; . . .
Apocalipse 13:7

Sobre Apocalipse 11 encontramos também um período de 42 meses (três anos e meio), é o mesmo período de Daniel 7:25 e Apocalipse 13:5-7, Este período de três anos e meio do pequeno chifre e da Besta é a última metade da septuagésima semana de Daniel. Era o tempo do próximo príncipe que destruiria Jerusalém e o Templo - aquele que faria a nação judaica desolada (Dn 9:26-27). Esta última metade da sétima semana de Daniel terminaria com a quebra da nação judaica (Dn 12.7).

São os quarenta e dois meses que Jerusalém seria pisada pelos gentios. . . E pisarão a cidade santa durante quarenta e dois meses "(Apocalipse 11:2 cf Lucas 21:24). Jerusalém é referida como a "cidade santa" aqui por causa de uma alusão a Daniel 9:24 e sua menção da "cidade santa" no contexto das setenta semanas. Quarenta e dois meses é o tempo que levou Tito a destruir a nação judaica, de cerca de fevereiro de 67 dC a agosto / setembro de 70 dC. Confira o Gráfico abaixo



6. O chifre pequeno cuidaria em mudar "os tempos e a lei" (Dn 7:25). Alguns veem isso se cumprindo em Tito e Vespasiano quando eles organizam um Sanhedrin criado em Yavneh. Isso resultou em mudanças no cálculo judaico dos tempos das observações religiosas anuais, bem como mudanças na lei judaica. Outros acreditam que é fato que o fim do Era judaica veio com a Destruição do Templo, e nisso se cumpriu a mudança dos tempos (Aion-grego) e da Lei.

7. O pequeno chifre e a Besta são derrotados pelo Juízo (Dn 7: 9-11, 21-22, Ap. 19:11-13, 19-20).
Em Daniel isto é mostrado o juízo executado pelo Ancião de Dias; No Apocalipse Cristo é quem vem em Juízo, cumprindo a ordem do ancião de Dias. O apocalipse mostra o juízo de Daniel 7 para derrotar o pequeno chifre, na forma da vinda de Cristo para derrotar a besta (Daniel 7:21-22, Apocalipse 19:11-21).

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.
Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.
Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo;
Daniel 7:9-11

Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.
Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.
Daniel 7:21,22

E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército.
E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. . .
Apocalipse 19:19-20

8. O pequeno chifre e a Besta do apocalipse são lançados no lago de fogo (Dn 7:11, Ap 19: 19-20).

. . . estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo:
Daniel 7:11

E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.
Apocalipse 19:20

Daniel 7:11 mostra a quarta besta inteira (não apenas o seu pequeno chifre) sendo atirada ao fogo. Assim, no Apocalipse, é a besta corporativa (os oito reis do Império Romano pré-70 dC.) que foi destruída no ano 70 dC, não apenas a besta individual (Tito). Obviamente o Império Romano não foi destruído no lago de fogo neste momento. Um império físico sendo jogado no lago de fogo (que é a segunda morte, Ap 21: 8) não faz sentido. Fogo na Bíblia simboliza juízo, o lago de fogo é um lago de juízo, é o lugar onde o juízo é executado. A besta foi julgada, assim como o falso profeta e seus exércitos.

9. O Reino de Deus está totalmente estabelecido (o que o NT mostra como o início do julgamento durante o milênio) no ano 70 dC após a derrota do chifre pequeno de Daniel besta 7 / individual do Apocalipse (Dn 7-11, 21-27;. Ap. 19:11, 20:4).

Com as inúmeras conexões entre o chifre pequeno de Daniel 7 e a besta individual do Apocalipse em mente, deixe-me mais uma vez salientar que a besta era demoníaca; Ela sairia do abismo (Ap 11:7; 17:8). Perante isto, segue-se que o pequeno chifre de Daniel 7 era demoníaco também (ou seja, o mesmo governante demoníaco); este era o espírito do governante demoníaco que trabalhou em Tito.

Os Tronos e o Estabelecimento do Reino de Deus

Em Daniel 7:7-12, nos é mostrado o estabelecimento do reino de Deus na destruição do quarto animal:

Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de

ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que pareceram antes dele, e tinha dez chifres. Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo; E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia foi-lhes prolongada a vida até certo espaço de tempo.
Daniel 7:7-12

A visão dos tronos sendo postos em prática para o julgamento (v. 9) iguala com os tronos postos em prática no início do milênio no Apocalipse: "E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar..."(Ap. 20:4; 1 Co. 6:2, cf Mt 19:28). Este foi o início do julgamento, o tempo em que os santos herdaram o reino de Deus (cf. Mt 16:27-28; 19:28; 25:31-46). Observe que esses eventos, a vinda de Deus e o julgamento das obras, deveriam acontecer no ano 70 dC, isso é, na derrota do pequeno chifre (Dn. 7:11). O trono de Deus é retratado como rodas de fogo no verso 9; Esta é a vinda de um guerreiro Deus. Versos 21 e 22 confirmam isso mostrando Deus vindo para derrotar o chifre pequeno. O Apocalipse mostra esta vinda de Deus na forma da parusia da Palavra de Deus. Observe como o nosso Senhor está vestido para a batalha como ele vem para derrotar a besta em Apocalipse 19:11-21.

Daniel 7:7-12 retrata a derrota do quarto animal (os governantes demoníacos por trás do Império Romano pré-70 dC) no fogo em 70 dC. Esta cena é paralela a destruição a besta do apocalipse no lago de fogo (Ap. 19:20) no o tempo que tronos são postos em prática durante o

milênio(Ap 20:4). Como já discutido, nem mesmo Tito, nem o Império Romano foi atirado para o lago de fogo no ano 70 dC, mas sim o governante demoníaco do abismo. (Cf. Ap 11:7; 17:8) trabalhando através de Tito (Dn 7:26 , cf. v. 10). Esta não foi a destruição de um homem, mas a destruição de um príncipe demoníaco do povo romano (cf. Dn. 9:26).

Enquanto a quarta besta foi destruído na parousia do ano 70 dc, os primeiros três animais estão autorizados a existir a pós o pleno estabelecimento do Reino de Deus (v. 12). Assim como a destruição do quarto animal não era a destruição de governantes físicos do Império Romano, por isso não foi governantes físicos da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia que tiveram suas vidas "Prolongadas" após o estabelecimento do reino. Esses governantes físicos foram mortos há muito tempo por este momento. Foram os governantes espirituais por trás da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia (cf. Dn 10:13, 20-21), que teve a sua existência prolongada após 70 dC. Baldwin escreve o seguinte sobre a declaração incomum em Daniel 7:12 a respeito dos três animais continuarem a existir após a destruição do quarto animal:

Isto é um pouco surpreendente que os três reinos ainda sobrevivem [após o fim da quarta]. Dois pontos são claros:
(1) quem os animais originais representavam, teriam seus reinos continuando e teriam sua identidade reconhecível, e
(2) a história ainda não chegou ao fim, apesar da intervenção do juízo de Deus, apesar de uma temporada e um tempo implica um futuro limitado.

Acho segundo ponto de Baldwin especialmente interessante. Muitas vezes as pessoas falam sobre o julgamento que ocorre no final do tempo. Daniel 7:9-10 retrata esse julgamento (ou seja, o tribunal posto em prática e livros abertos, cf. Ap 20:4), mas este não é o fim do mundo. De acordo com Daniel 7 o julgamento começou no ano 70 dC com a derrota do pequeno chifre (cf. Mt 16:27-28; 25:31-46). Isso não quer dizer que o julgamento terminou naquela época. Desde 70 dC, os que morrem são imediatamente julgados, e no último dia, os que não estão no livro da vida do Cordeiro serão lançados no lago de fogo (Ap. 20:15; 21:24-27),

enquanto que aqueles que morrem no Senhor tomam posse das suas recompensas (Ap. 14:8-13). No último dia todos os homens de todos os tempos ressuscitarão,os impios ressuscitarão e serão lançados com corpo e alma no inferno conforme Mateus 10.28: “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo”.

Jesus ainda diz mais:

E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia.
Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. João 6:39-40

Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia. João 12:48

Na ressurreição física do último dia, Deus dará corpos físicos a todos conforme lhe apraz. A diferença estará no tipo de corpo, pois os santos receberão corpos sobrenaturais glorificados e físicos aos mesmo tempo. A Escritura praticamente silencia sobre a natureza dos corpos dos perdidos. Os que forem condenados ressuscitarão e perecerão no inferno em corpo e alma (Mt.10.28). É por isto que se diz que ali haverá choro e ranger de dentes, pois almas imateriais não possuem dentes.

Como vimos, o julgamento não terminou em 70 dC, e a existência desses três animais, após a destruição do quarto animal em 70 dC, tem implicações importantes para o preterismo completo. preteristas completos tem acreditando que toda a profecia foi cumprida em 70 dC, são forçados a postular que Satanás e suas forças foram destruídas no lago de fogo no ano 70 dC Isso não alinhar com o que Daniel 7:12 mostra, no entanto; verso 12 mostra forças demoníacas existentes além de 70 dC na época da era do reino. Apesar de derrotado na cruz (Colossenses 2:14-14), Satanás e suas forças não serão eliminados (no

lago de fogo) até o fim do milênio (Ap 20:7-10), um evento que é futuro ainda para nós.

Daniel 7:9-10 e Apocalipse 20:4

A representação de tronos sendo postos em prática para o julgamento no ano 70 dC no estabelecimento do reino de Deus em Daniel 7:9-10 está em paralelo a visão de João dos tronos sendo ocupados em Apocalipse 20:4 na inauguração do milênio.

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.
Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.
Daniel 7:9,10

"E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar..."
Apocalipse 20:4

Note algo importante aqui que se relaciona com a seqüência do reino milenar em Apocalipse 20. Daniel 7:9-10 mostra os vários elementos do que é geralmente considerado como duas cenas de trono em Apocalipse 20:4 e 20:11-15 como acontecendo em um único julgamento quando dos santos possuem o reino (vou elaborar sobre isso abaixo).

Apocalipse 20:4 e 20:11-15 são geralmente considerados como duas cenas, sendo um trono no início do reino milenar (Ap 20:4) e um no final (Ap 20:11-15). Daniel 7, no entanto, mostra todos os cinco elementos encontrados em Apocalipse 20:4 e 20:11-15 como acontecendo em apenas uma única cena (no momento da posse dos santos do reino, cf. Mt 25:31-46). Este é exatamente o que a posição da JS Russell sobre o milênio.

Daniel 7: 9-10 e a Posição de Russell sobre o Milênio

James Stuart Russell propôs que o que parece ser duas cenas de trono em Apocalipse 20: 4 e 20:11-15 é na realidade apenas uma cena de trono (que ocorre no início do milênio no ano 70 dC). A posição de Russell sustenta que, em Apocalipse 20:4 ".... E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar", João descreve o estabelecimento do reino de Deus (v 4, cf. Dn. 7:9). Nos versículos 7-10, João divaga e fala sobre o que aconteceria no final do milênio (v. 7, "quando os mil anos terminar, Satanás será solto da sua prisão"). No versículo 11, João continua sua descrição da cena trono e julgamento que começou em Apocalipse 20: 4 ("E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele...." Cf. Dn 7:9). Assim, a posição de Russell é que Apocalipse 20:4-15 está descrevendo uma unica cena de trono que ocorre no início do milênio com uma descrição parêntesis sobre o que vai acontecer no final do milênio em Apocalipse 20: 7-10. Isto soa a princípio improvável, mas é exatamente o que Daniel 7:9-11 mostra.
Considere a seguinte comparação de Daniel 7:9-11 e Apocalipse 20:4, 11-12.

Daniel 7:9-11 (NVI)
"Enquanto eu olhava, "[A] tronos foram postos no lugar, e [B] um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono ardia em fogo, e as rodas do trono estavam todas incandescentes. E saía um rio de fogo, de diante dele. [C] Milhares de milhares o serviam; milhões e milhões estavam diante dele. [D] O tribunal iniciou o julgamento, e os [E] livros foram abertos. "Continuei a observar por causa das palavras arrogantes que o chifre falava. Fiquei olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo foi destruído e atirado no fogo.

Apocalipse 20:4 (NVI)
[A] Vi tronos [D] em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a

besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos.

Parêntese nos versos 7-10 (Do que acontece no final do milênio)

Apocalipse 20:11-12
Depois vi [B] um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles.
Vi também [C] os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono, e [E] livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros.

Observe que é somente através da combinação dos elementos de ambos Apocalipse 20:4 e 11-12 que se obtém todos os cinco elementos que aparece em Daniel 7:9-10, claramente uma cena de apenas um trono:

Daniel 7:9-10 - Apocalipse 20:4, 11-12

[A] Dn 7:9 Tronos foram postos no lugar

[A] Ap 20:4 E vi tronos

[B] Dn 7:9 Um antigo tomou seu trono, seu vestido era branco como a neve

[B] Ap 20:11 E vi um grande trono branco e aquele que estava assentado sobre ele

[C] Dn 7:10 Milhares de milhares o serviam; milhões e milhões estavam diante dele

[C] Ap 20:12 E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono

[D] Dn 7:10 O tribunal iniciou o julgamento

[D] Ap 20:4 os que estavam sentados sobre eles [os tronos] receberam autoridade para julgar

[E] Dn 7:10 livros foram abertos

[E] Ap 20:12 livros foram abertos

Esta comparação dá credibilidade à proposição de que Apocalipse 20:4 e 20:11-15 (desenho de Daniel 7:9-10) na verdade, mostram apenas uma cena ocorrendo durante o do milênio, não duas cenas (uma no início do milênio e uma na sua extremidade). Mateus 25 mostra esta mesma sequência; o julgamento deve começar no início do reinado, não no seu final:

E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;
Mateus 25:31-34

A afirmação de que Apocalipse 20:4 e 11-12 descrevem o mesmo e único julgamento, harmoniza Apocalipse 20 com Daniel 7 9-10 e Mateus 25:31, que mostram o julgamento começando quando os santos herdam o reino (cf. Dn. 7:23-27). Em outros lugares, Mateus afirma explicitamente que este tempo da vinda de Jesus para o julgamento aconteceria na vida de alguns dos ouvintes de Jesus, isto é, na geração deles.

Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo

que, há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem no seu reino.
Mateus 16:27-28

Esta vinda de Jesus com os seus anjos para recompensar as pessoas de acordo com suas obras não se refere à transfiguração (como diriam alguns), mas é a parousia e o julgamento (cf. Ap. 22:12). Alguns do público mais jovem de Jesus ainda estariam vivos quando isso aconteceu há cerca de quarenta anos mais tarde (cf. Tiago 5:8-9, "vós também pacientes Estabelecer seus corações, pois a vinda do Senhor está próxima Não resmungar.. um contra o outro, irmãos, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta!").

Por hora, basta notar que Daniel 7 mostra o pleno estabelecimento do Reino de Deus no ano 70 dC na derrota do pequeno chifre / besta (ou seja, a destruição do governante demoníaco trabalhando através Tito; Dn. 7:8-14, 21-27; Ap. 19:11-20:4). 70 dC foi o início do julgamento durante o milênio; ela continua a partir desse momento tanto para indivíduos e nações vivas quanto um julgamento particular após a morte (cf 1 Tm. 4:1. Ap. 14:6-13), e terminará no último dia, quando todos os homens ressuscitarão para receberem a sentença final.

Tanto Daniel 7 como Apocalipse 20 fornecem a mesma sequência dos eventos de quando os santos possuem o reino. Daniel 7:21 mostra o pequeno chifre travando guerra com os santos e vencendo-os (cf. Ap 13:4-7). Imediatamente após isso, o pequeno chifre é derrotado pela vinda de Deus (Dn. 7:22), algo que o NT mostra como a vinda da Palavra de Deus para derrotar a besta individual (Ap 19:11-21). Neste momento (em 70 dC) o chifre pequeno/besta é entregue e a corte celeste está sentada para o juízo e os santos possuem o reino de Deus (Dn 7:11, 24-27; Ap 19:20-20:4). Esta seqüência explica por que os mortos que são retratados no início do milênio são aqueles crentes mortos pela besta por não levar a marca da besta (Ap 20:4; cf. 13:11-18).

O Reino Milenar De Apocalipse 20 É Diferente do Reino em Daniel 7?

Para evitar ter que admitir a existência de profecia pós 70dC, preteristas completos tentar separar os santos que possuem o reino em Apocalipse 20:4 (que eles afirmam aconteceu por volta de 30 dC) com os santos que possuem o reino em Daniel 7 (o que acontece claramente logo após a grande tribulação, Dn. 7:21-22). preteristas completos são forçados a tentar diferenciar estes dois relatos dos santos que possuem o reino de Deus, porque, se um preterista completo reconhece que o milênio começou em 70 dC (ou seja, logo após a tribulação), viola a premissa básica do seu paradigma (que toda a profecia foi cumprida em 70 dC). Uma vez que há profecias que acontecem no final do milênio (por exemplo, Ap 20:7-10), preteristas completos são forçados a assumir a posição insustentável de dizer que posse do reino dos santos em 70 dC (cf. Dn. 7:23-27) não era o início do reino milenar, mas o fim!

Isto é impossível sustentar que o reino mencionado em Daniel 7 (v. 18, 22, 27) e o reino milenar de Apocalipse 20 estão falando de dois reinados diferentes. Do reinado em Daniel 7, versículos 9-10 (NVI) dizia: "Enquanto eu olhava, tronos foram postos . . A corte sentou-se em julgamento. . . ." E o reino milenar, Apocalipse 20:4 (NVI) diz:"E vi tronos, e os que estavam sentados sobre eles foi dado o poder de julgar. . . ."Você não pode legitimamente sustentar essas duas visões em dois eventos separados, um (Ap 20:4) (Dn. 7:9-10), supostamente a partir de 30 dC e o outro a partir de 70 dC. É isso ou admitir que o milênio começou em 70 dC (o que significaria que toda a profecia não foi cumprida em 70 dC).

Finalmente, alguns preteristas completos dizem que porque o reino milenar é dito ser de mil anos (que, embora simbólica, é um período de tempo limitado), ele deve ser diferente do reinado de Daniel 7 (que é dito ser eterno, v. 27). O significado do reino de Deus, sendo eterno, no entanto, é que ele não seria derrubada como os quatro reinos que vieram antes dele: "Seu [o Filho de do homem] domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino não será destruído"(Dn. 7:14). O reino de Cristo não será destruído, mas no fim, Cristo entregará o reino ao pai, encerrando um período de reinado messiânico (cf 1 Co 15:24) . No final do milênio (que ainda está no futuro para nós), o reino de Deus e seu

povo não é derrubado; ao contrário, ele é feito mais glorioso com Satanás e a morte finalmente eliminados no lago de fogo (Ap 20:7-10, ! Co 15:24). O que será destruído no final do milênio é tudo o que é mal. E o reino de Deus continua na eternidade (cf. Ap 22:3-5). Assim, o fim do milênio não é o fim do reino de Deus, mas a transformação dele em um estado mais glorioso. Pode-se assim dizer que início do reino milenar em 70 dC foi a primeira fase do reino eterno.

O Reino de Deus foi Plenamente Estabelecido na destruição do Chifre Pequeno

Três vezes Daniel 7 mostra a sequência do vinda do "Anticristo" e a grande aflição resultante (ver abaixo). Isto é seguido pelos santos que possuem o reino de Deus, início do milênio. Daniel 7:8-14, 21-22 e 24-27 mostram a parousia e o momento quando o povo de Deus que possuem o reino (simbolizado por tronos postos em prática e como o tribunal está sentado; Dn 7:9-10; cf. Ap 20:4) imediatamente após a grande tribulação (cf. Atos 14:22). Isso aconteceu em 70 dC, no momento em que o domínio do chifre pequeno foi tirado após três anos e meio de tribulação (67-70 dC):

Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.
Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.
Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo;

E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia foi-lhes prolongada a vida até certo espaço de tempo.
Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem...
Daniel 7:8-13

Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.
Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.
Daniel 7:21,22

E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.
E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.
Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim.
E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.
Daniel 7:24-27

Pode ser observado uma contradição daqueles que dizem que o milênio começou em 30 dC (seja amilenistas e pós milenistas tradicionais ou mesmo preteristas completos), Daniel 7 claramente (e repetidamente) mostra o reinado do messias e dos santos começando depois da grande tribulação, após a derrota do pequeno chifre. Mais uma vez, isso explica por que os mortos que são retratados no início do milênio são aqueles crentes mortos pela besta (cf. Ap 13:11-18).

E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e

não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos.
Apocalipse 20:4

Deveria ser claro que Revelação 20:4 mostra uma cena pós-aflição logo no início do milênio; não há nenhuma maneira de dizer que aqueles que foram mortos pela besta foram mortos em 30 dC ou mesmo antes da tribulação de 67-70 dC.

O Reino de Deus deveria ser Plenamente Estabelecido no Primeiro Século

O pleno estabelecimento do reino de Deus foi um evento do qual Jesus tinha dito que alguns do público que o ouvia estariam vivos para ver. Considere os seguintes versículos do Evangelho de Marcos (com paralelos de Mateus e Lucas):

Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos. Dizia-lhes também: Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder.
Marcos 8:38-9:1

Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.
Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.
Mateus 16:27,28

Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos.
E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus.

Lucas 9:26,27

Estas declarações fazem muito mais sentido quando se tem estudado Daniel. Daniel 2 e 7 mostram este estabelecimento completo do reino de Deus se dá durante o reinado do décimo rei (Vespasiano, Dn 2:42-44; 7:7-8.) Do quarto império (Roma). Isso seria no momento em que o pequeno décimo primeiro chifre (Tito) faria guerra por três anos e meio (67-70 dC) contra o povo de Daniel:

...e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.
Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão. (Dn. 7:25-27; cf. Ap 19:19-20:4).

A grande tribulação resultou na destruição da nação judaica em 70 dC. Isso é mostrado em Daniel 12:7, que marca o fim de "um tempo, tempos e metade de um tempo", como o AD 70 quebra da nação judaica (cf. Ap. 11:2). O pleno estabelecimento do reino de Deus aconteceu na destruição daqueles que estavam destruindo (isto é, moralmente arruinar) a terra de Israel (Ap 11:15-18). Algumas pessoas que ouviram as palavras de Jesus ainda estavam vivas quando tudo isso aconteceu (cf. Mt 24:29-34).

O Reino de Deus nunca foi posto em espera!

Dispensacionalistas dizem que o reino de Deus foi posto em espera quando os judeus o rejeitaram. Eles são forçados a essa posição, não bíblica, por causa de sua conceituação materialista terrena do reino de Deus (o que obviamente não aconteceu). Eles procuram assim um futuro reino físico que se centrará em Jerusalém. No entanto isso não é o que a Escritura ensina (cf. João 4: 19-24). O casamento do filho do rei em Mateus 22 não foi posto em espera porque os convidados originais

não viriam; Em vez disso, eles foram destruídos e o casamento prosseguiu com um novo povo (v. 8-10, 1 Pedro 2:4-10).

O mesmo motivo de um casamento acontecendo logo após a destruição de uma cidade perversa pode ser encontrado em Apocalipse 17-19. Nesses capítulos, a prostituição da cidade de Babilônia (ou seja, Jerusalém infiel, ver Ezequiel 16) é queimada e logo depois acontece um casamento:

E, depois destas coisas [a destruição de Babilônia nos capítulos 17-18] ouvi no céu uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! A salvação, e a glória, e a honra, e o poder pertencem ao Senhor nosso Deus; Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua fornicação, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. E outra vez disseram: Aleluia! E a fumaça dela sobe para todo o sempre... E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. Apocalipse 19:1-3, 6-7

Mateus 22:1-10 e Apocalipse 17-19 estão mostrando exatamente a mesma sequência de eventos; A cidade perversa de Jerusalém é destruída pelo fogo e então acontece um casamento. Em 70 dC, Deus expulsou a sua antiga esposa infiel(cf. Oséias 1: 2) e a nova noiva da aliança recebeu sua herança quando se casou (Gálatas 4: 21-31; Apocalipse 18: 21-24). Note que a prostituta Babilônia é viúva (Apocalipse 18:7); Israel infiel tornou-se viúva quando matou seu marido (Jesus). Deve também notar-se que as pragas da prostituta Babilônia (" pestilência e luto e fome e ... queimadas com fogo" Ap. 18:8) são exatamente o que aconteceu com Jerusalém em 70 dC.

Em termos de o reino de Deus ser posto em espera, considere Atos 28:17-31. Nesse capítulo ficou claro para Paulo que os judeus rejeitaram

a mensagem de Jesus e do reino. Paulo mudou para uma mensagem de adiamento do reino? Absolutamente não!

"Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão. E, havendo ele dito estas palavras, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda. E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo; Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum." (Atos. 28:28-31)

A salvação de Deus (que é o coração da mensagem do reino) foi enviada aos gentios no primeiro século. O reino não foi posto em espera quando os judeus o rejeitaram; pelo contrário, os judeus seriam expulsos quando o reino de Deus chegou com pleno poder em 70 dC:

"Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes." (Mateus 8:11-12)

Todos os israelitas que não faziam parte do verdadeiro Israel (ou seja, os do Israel físico que rejeitaram Jesus, cf. Romanos 9:6-8) foram expulsos do reino no fim era da antiga aliança no ano 70 dC (cf. 4: 21-30). No primeiro século, os judeus não crentes foram expulsos enquanto os gentios que acreditavam estavam sendo enxertados (Rm. 11:13-24). Jesus causaria "a queda e a ascensão de muitos em Israel ..." (Lucas 2:34) . A limpeza da casa no reino no ano 70 dC é mostrada na parábola do trigo e do joia:

Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno; O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. Assim

como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniqüidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Mateus 13:36-43

Observe a alusão em Mateus 13:43 a Daniel 12:3. Em Daniel 12:1-7, o julgamento e a ressurreição (Restauração) de Israel são mostrados como acontecendo no momento da grande tribulação 67-70 dC (Apocalipse 11:15-18). Observe também que isso está falando muito mais do que a destruição de Jerusalém. Muitos dos judeus e gentios não pereceram na destruição de Jerusalém; Isso não significa, no entanto, que eles escaparam do julgamento que é mostrado aqui.

O estabelecimento completo do Reino de Deus e o julgamento das nações

Mateus 25 mostra o julgamento que aconteceria no estabelecimento completo do reino na vinda de Jesus em julgamento no ano 70 dC. O julgamento determinaria quem era parte do reino e quem não era, e envolveria todas as nações.

"E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; ... Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; ... E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna." (Mateus 25:31-34, 41, 46)

Jesus havia claramente dito anteriormente que sua chegada em glória com os anjos para julgar cada um de acordo com suas obras, aconteceria dentro da vida de alguns de seus ouvintes

"Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino." (Mateus 16:27-28).

O preterista parcial Gary DeMar concorda que o julgamento das nações em Mateus 25 está falando de 70 dC:

Há poucas evidências de que a "vinda do Filho do Homem" em Mateus 24:27, 30, 39 e 42 é diferente da "vinda do Filho do Homem" em 25:31. Compare 25:31 com 16:27, uma certa referência à destruição de Jerusalém em 70 dC:

"Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras."(Mateus 16:27).

"E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;" (Mateus 25:31).

Esses versos são quase idênticos. O momento de Mateus 16:27 está ligado ao versículo 28: "Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.".

"Recompensar cada homem de acordo com suas obras" corresponde com "Ele se sentará em Seu trono glorioso" para executar o julgamento entre as nações (25:32). [Gary DeMar, Last Days Madness: Obsession of the Modern Church, 4 ª edição (Atlanta: American Vision, 1999), 199-200]

O julgamento em Mateus 16 e 25 não é apenas entre as nações, mas é de indivíduos, "então Ele recompensará cada um de acordo com suas obras

..." Mt. 16:27; cf. Ap. 22:12); É o julgamento. Eu vou discutir como vejo o julgamento pós-70 dC dos indivíduos abaixo.

Note que o julgamento do reino de Deus está associado à vida eterna. Observe também que Jesus não está ensinando qualquer tipo de reconciliação universal ou graça abrangente e perdão de toda a humanidade em 70 dC; Pelo contrário, haveria uma separação eterna naquele tempo (Mt 25:1-13, 26-30). Dentro do preterismo completo (que já é uma heresia), há os que ensinam o universalismo (a maioria dos preteristas completos que fazem isso geralmente o cobriram com um termo diferente) tem que trabalhar horas extras para torcer o significado claro de passagens como a acima (Dupla Heresia). Aqueles que não pertenciam ao Senhor não se reconciliaram com Ele em Sua Parousia no ano 70 dC, em vez disso, lhes foi dito que se afastassem dele por toda a eternidade naquele tempo:

"Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus; Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós. E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo. De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na macedônia e Acaia. Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma; Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, E esperar dos céus o seu Filho, a quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura." (Tessalonicenses 1:4-10)

Paulo certamente não estava ensinando universalismo aqui. A separação dos injustos de Deus não terminou no final da era no ano 70 dC; Pelo contrário, começou completamente naquele tempo (Dn 12:1-7).

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade." (Mateus 7:21-23; cf. Mt. 25:41)

Todas as nações serão reunidas em sua presença

"Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda..." (Mateus 25:31-33)

O grande Julgamento descrito em Mateus 25 marca o início de um julgamento longo e prolongado no decorrer da história que culmina no último dia que será o dia do Juízo Final.

Israel foi a primeira nação a ser julgada e destruída no ano 70 d.C. Desde então, na humanidade existe uma separação invisível dos "cabritos" e das "ovelhas".

Em Isaías 2:4 o profeta fala sobre esse julgamento prolongado:

"Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra".

Ainda não presenciamos o efeito mais amplo desse julgamento que será no dia em que as nações aposentarão as armas de guerra. Isto se dará à medida em que os povos se converterem a Cristo cumprindo assim o Salmo 22:27-30:

“Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações. Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações. Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao
pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida. A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura”.

“A semente de mostarda já foi plantada. O Filho de Deus já estabeleceu Seu Reino entre os homens em Seu primeiro advento. E o fermento já começa a levedar! Estamos vivendo em um período de transição. Em breve, aquela pequena semente terá se espalhado
em toda a Terra, e justiça do Reino brotará”.

Vinde, benditos de meu Pai!

“...então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. (Mateus 25:34)

Aqui temos uma possível alusão a Daniel 7:18 que diz:

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”.

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno

“Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (Mateus 25:41)

Os que se perdem não creram na salvação em Cristo. Essas nações reunidas na
presença de Cristo desde os tempos do primeiro século da era cristã, isto é em 70 dC e pós 70 dC, passam por seu juízo e sentença.

O castigo eterno e a vida eterna

“E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna”. (Mateus 25:46)

Essa Cena aparecem em Apocalipse 17-19:

Em Apocalipse 17-18, vemos a besta lutando contra a prostituta e por fim a besta a queima com fogo (Apocalipse 18:8). Depois disso, a besta é destruída na vinda de Cristo. (Ap 19:11-21) e lançada no lago de Fogo.

Aqui, no julgamento das nações "o fogo eterno" é o destino final dos condenados na eternidade, os justos tem vida eterna enquanto que os impios já estão condenados, mas eles ressuscitarão no último dia e serão lançados no inferno com corpo e alma conforme Mateus 10:28: “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo”. (cf Ap 20:13-15)

Jesus ainda diz mais:

E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia.
Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. João 6:39-40

E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo,
Hebreus 9:27

Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia. João 12:48

Na ressurreição física do último dia, Deus dará corpos físicos a todos conforme lhe apraz. A diferença estará no tipo de corpo, pois os santos

receberão corpos sobrenaturais glorificados e físicos aos mesmo tempo. A Escritura praticamente silencia sobre a natureza dos corpos dos perdidos. Os que forem condenados ressuscitarão e perecerão no inferno em corpo e alma. (Mt.10.28, Ap 20:13-15)

O estabelecimento completo do Reino de Deus aconteceria na parousia em 70 dC

O estabelecimento completo do reino de Deus na terra aconteceria na vinda em Julgamento (como é mostrado na parábola dos minas, Lucas 19:11-27). Observe em 2 Tessalonicenses 1:5 que os santos ainda não receberam o reino (cf. Hb 12:28; Apocalipse 5:9-10); Eles fariam isso em 70 dC, logo após a grande tribulação (Dn 7:21-22, cf. Atos 14:22). Observe também que o julgamento e o estabelecimento completo do reino de Deus deveriam ser eventos simultâneos. Como Paulo disse a Timóteo em 2 Timóteo 4:1. Este tempo do estabelecimento completo do reino de Deus é mostrado em Apocalipse 11:15-18:

"E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus, Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra." [tēn gēn , a terra]. Ap. 11:15-18

A palavra grega ge é muitas vezes melhor traduzida como "Terra" no Apocalipse (ou seja, a Terra de Israel) em vez de "terra" num sentido global. O reino deste mundo tornou-se plenamente o reino de Deus na destruição daqueles que estavam destruindo (ou arruinando) a Terra, na destruição da nação judaica em 70 dC. Note-se que o julgamento e a ressurreição de Israel (Não a ressurreição física no último dia)

aconteceram neste momento (v.18, cf. Dn 12: 1-7). Como mencionei anteriormente, o estabelecimento completo do reino envolveu o reinado atualizado de Deus. Isso aconteceu em 70 dC, quando Deus tomou o seu grande poder (Mt 28:18) e começou a reger as nações com cedro de ferro.

Apocalipse 22:1 diz que o trono no céu é "o trono de Deus e do Cordeiro". Deus (Pai e Filho) começou seu pleno reinado em 70 dC (Mt. 16:27-28; 25:31- 46). Mais do que isso, os crentes entraram plenamente no reino de Deus neste momento do estabelecimento completo do reino de Deus na terra (Apocalipse 22:1-5, cf. Apocalipse 3:20-22). Lembre-se, na parábola dos minas (Lucas 19:11-27) foi no retorno do nobre que ele começou completamente o seu reino. Foi naquela época que seus seguidores compartilhavam completamente seu governo:

"E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando. E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade." (Lucas 19:15-17)

Note que os servos do nobre são julgados no momento da sua vinda (veja a parábola paralela dos talentos em Mateus 25:14-30). Além disso, foi no retorno do nobre que seus seguidores compartilhavam completamente seu governo. Foi em 70 dC que os santos participaram plenamente do reinado do reino de Deus (Daniel 7:15-27; Apocalipse 2:24-29). Há um ponto muito importante aqui: o reino de Deus é administrado através do Seu povo. No ano 70 dC, Deus compartilhou plenamente Seu reino reinado com o Seu novo povo da aliança (Mateus 21:40-43). Assim, Deus se associa com Seu povo hoje em Seu reino reinado! O julgamento que começou no estabelecimento completo do Reino de Deus em 70 dC e continua desde então até o último dia todo.

O Novo Céu e a Nova Terra no Estabelecimento Completo do Reino de Deus

O estabelecimento completo do Reino de Deus na Terra no ano 70 dC é mostrado em Apocalipse 21-22 na forma da Nova Jerusalém que vem à terra (Apocalipse 21:1-2; 10). Como o resto do Apocalipse, as verdades que são transmitidas aqui são por meio de símbolos (Apocalipse 1:1). O novo céu e a nova terra não são o céu; nem está falando sobre um planeta fisicamente restaurado no futuro (embora creiamos que isso irá realmente acontecer). Observe, ainda há impios no novo céu e terra, aqueles que estão fora da Nova Jerusalém (Apocalipse 22:14-15). Isso não está falando sobre uma futura cidade literal com os redimidos dentro dele e os pecadores fora dele. Apocalipse 21-22 mostra por meio de símbolos a ordem espiritual pós -70 dC da Nova Aliança, esta é a ERA Vindoura o qual foi anunciada pelos profetas, por Jesus e pelos Apóstolos, esta é a Nova Aliança e a Igreja plenamente estabelecida na Terra. Simbolo do estabelecimento completo do reino na Terra.

Para entender o pano de fundo dos novos céus e da terra, veja Isaías 65-66. Em Isaías 65: 1-19, Isaías profetizou que Deus mataria Seu povo que o rejeitou e então estabeleceu Seu verdadeiro povo em um novo céu e terra:

"Fui buscado dos que não perguntavam por mim, fui achado daqueles que não me buscavam; a uma nação que não se chamava do meu nome eu disse: Eis-me aqui. Eis-me aqui. Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por caminho, que não é bom, após os seus pensamentos... E deixareis o vosso nome [o povo rebelde] aos meus eleitos por maldição; e o Senhor DEUS vos matará; e a seus servos chamará por outro nome... Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo." Isaías 65: 1-2, 15, 17-18

Paulo em Romanos 10:20-21 disse que as duas pessoas contrastadas em Isaías 65 eram Israel físico e as novas pessoas da aliança de Deus (Romanos 9:21 a 33):

"Mas digo: Porventura Israel não o soube? Primeiramente diz Moisés:Eu vos porei em ciúmes com aqueles que não são povo,Com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaías ousadamente diz:Fui achado pelos que não me buscavam,Fui manifestado aos que por mim não perguntavam. Mas para Israel diz:Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente." (Romanos 10:19-21)

Deus disse que ele chamaria Seu verdadeiro povo "por outro nome" quando Seu povo rebelde fosse destruído (Is. 65:15), isso foi em 70 dC. Pode óbvio, mas esse outro nome era "cristão". A Jerusalém do novo céu e da nova terra é a Nova Jerusalém, a noiva. O novo céu e a nova terra não estão falando sobre o estabelecimento de um novo planeta, mas o estabelecimento completo de um novo povo (1 Pedro 2: 4-10), um novo Pacto, o estabelecimento do Reino de Deus na Terra, e isso aconteceu no ano 70 dC.

O estabelecimento completo do reino de Deus na terra resultou em uma regeneração espiritual do mundo. Observe abaixo como esta regeneração é equiparada ao reino; aconteceria em 70 dC, no momento em que Israel foi julgado:

E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, [A] na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, [B] também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. (Mateus 19:28).

"E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.
E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, Para que comais e bebais à minha mesa [A] no meu reino, e [B] vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel." (Lucas 22:28-30).

Mais uma vez, a regeneração no novo céu e na nova Terra (Apocalipse 21:5) não é a recreação física do nosso planeta; É a restauração espiritual de Israel no pleno estabelecimento do reino de Deus no Novo Pacto. Isso

aconteceria no ano 70 dC, no momento em que Israel apóstata enfrentou julgamento.

O Apocalipse mostra dois grupos de pessoas no "pós-ano 70 dC" do novo céu e da nova terra (Apocalipse 21:1-2), aqueles que fazem parte da noiva da Nova Jerusalém (agora esposa, Apocalipse 21:9-10) e aqueles que não fazem parte dela (Apocalipse 22:14-15). Aqueles que fazem parte da Nova Jerusalém são aqueles que estão no Livro da Vida do Cordeiro (Ap 21:27); eles têm acesso à árvore e à água da vida (Apocalipse 22:1-5, Zc 14:8, Ez 47). Aqueles que não fazem parte da Nova Jerusalém não têm acesso à vida eterna (Apocalipse 3:5; 22:19). Observe que não há mais morte para aqueles que fazem parte da Nova Jerusalém (Apocalipse 21:4). Aqueles que não fazem parte dela já estão espiritualmente mortos (ou seja, separados de Deus, cf. Mateus 8:21-22) e, a menos que eles venha ao Senhor, acabarão no lago de fogo: "Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos que se prostituem, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte" (Apocalipse 21:7-8; cf. 21:27).

Alguns afirmam que, porque o novo céu e a terra é o céu, então o fato de se estar dentro ou fora da Nova Jerusalém não tem nada a ver com a existência pós-morte. Considere, no entanto, o seguinte aviso no final do Apocalipse: "E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro." (Apocalipse 22:19)

Embora seja verdade que o novo céu e a nova Terra não são uma imagem do céu, deve ser óbvio que se alguém faz parte da Nova Jerusalém (ou não) e se o nome está no Livro da Vida (ou não) tem tudo a ver com a existência pós-morte. Não se engane nesta matéria.

Dizer que o lago de fogo é somente o simbolo da destruição do fim do antigo sistema da aliança na queima de Jerusalém no ano 70 dC é absurdo. Enquanto as multidões foram mortas na destruição de

Jerusalém, essa foi a primeira morte. O lago do fogo tem a ver com a segunda morte, não a primeira morte (Apocalipse 21:8); Envolve a separação espiritual de Deus para a eternidade. Jesus não estava tão preocupado em salvar as pessoas da morte física "primeira morte" (Mateus 24:9-13, Ap. 12:11) como Ele era sobre salvar as pessoas da morte espiritual "segunda morte":

"E não temas aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Mas teme ao que é capaz de destruir a alma e o corpo no inferno "(Mt. 10:28).

Pois quem desejar salvar sua vida a perderá, mas quem perder sua vida por amor de Deus, a salvará. Para que lucro é para um homem, se ele ganha o mundo inteiro e ele mesmo é destruído ou perdido? Lucas 9: 24-25

O Apocalipse não mostra o lago de fogo destruído em 70 dC; Em Apocalipse 20:14 a morte e Hades são jogados no lago de fogo. Aqueles que estão no Livro da Vida do Cordeiro e morrem, e no último dia ressuscitam para estarem com o Senhor com seus corpos glorificados. Aqueles que não estão no Livro da Vida e morrem, e no ultimo dia ressuscitam, vão diretamente ao lago de fogo. Novamente o Apocalipse não mostra o lago de fogo sendo destruído em 70 dC.

Apocalipse 21-22, assim, nos deixa com uma imagem pós-70 dC da era do reino, com alguns que fazem parte da esposa da Nova Jerusalém (Apocalipse 21:9) e alguns que não fazem parte de dela. O reino de Deus é mundial desde AD 70 (ver Dn 7:23-27, Zc 14:9), mas é domínio espiritual não político. Alguns estão preocupados com o fato de que o ensino de um reino mundial de Deus leva ao universalismo; esta preocupação é infundada. O domínio do Império Romano era essencialmente mundial no primeiro século (em termos do mundo então conhecido), mas muitos deles não eram cidadãos. De forma semelhante, enquanto o mundo inteiro se tornou o domínio do reino de Deus em 70 dC, nem todos os que vivem neste domínio são cidadãos do reino. No novo céu e terra nova, são apenas aqueles que fazem parte da Nova

Jerusalém que tem a vida eterna. Dito isto, os portões da Nova Jerusalém estão abertos hoje (Apocalipse 21:25). Devemos implorar as pessoas para que venham ao Senhor para que possam se tornar parte da santa "cidade" de Deus. "E deixe o que tem sede. Quem desejar, deixe ele tirar a água da vida livremente "Apocalipse 22:17. Esta é a mensagem do reino que precisamos compartilhar hoje!

No Apocalipse 21, Deus dá uma descrição mais detalhada da Nova Jerusalém e quem é parte dela e quem não é:

"E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações dos salvos andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra. E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E a ela trarão a glória e honra das nações. E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro." (Apocalipse 21:22-27)

Qualquer forma de preterismo que diz que todas as pessoas hoje estão em relação de aliança com Deus ou que todos têm a vida eterna (ou seja universalismo) é simplesmente herético e deve ser resistido firmemente. "Somente aqueles que estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro" têm a vida eterna que se encontra na Nova Jerusalém (v. 27).

Ezequiel 47

Ezequiel 47 tem uma profecia paralela que se refere à visão de Apocalipse sobre a água da vida (compare Ez. 47:1,12 com Apocalipse 22:1-2). Muitas das visões do Apocalipse estão diretamente relacionadas às de Ezequiel.

"Depois disto me fez voltar à porta da casa [isto é, o Templo], e eis que saíam águas por debaixo do umbral da casa para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas desciam de debaixo, desde o lado

direito da casa, ao sul do altar. ... Então disse-me: Estas águas saem para a região oriental, e descem ao deserto, e entram no mar; e, sendo levadas ao mar, as águas tornar-se-ão saudáveis. E será que toda a criatura vivente que passar por onde quer que entrarem estes rios viverá; e haverá muitíssimo peixe, porque lá chegarão estas águas, e serão saudáveis, e viverá tudo por onde quer que entrar este rio. Será também que os pescadores estarão em pé junto dele; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para estender as redes; o seu peixe, segundo a sua espécie, será como o peixe do mar grande, em multidão excessiva. Mas os seus charcos e os seus pântanos não tornar-se-ão saudáveis; serão deixados para sal. E junto ao rio, à sua margem, de um e de outro lado, nascerá toda a sorte de árvore que dá fruto para se comer; não cairá a sua folha, nem acabará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto servirá de comida e a sua folha de remédio." (Ezequiel 47:8-12 cf. Zc14:8)

Observe que em todos os lugares onde água curativa flui é que existe vida; há lugares onde a água não vai, no entanto. Estes lugares estão cheios de sal. Vemos então que no novo céu e nova terra, as águas da vida não fluem em todos os lugares; é preciso que venha até ele. Devemos ir ao Senhor: "E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba.
Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.
E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem..." (João 7:37-39 cf. 4:10-14.)

Esta mensagem do evangelho não mudou desde o ano 70: "E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida." (Apocalipse 22:17)

Embora todos os crentes hoje sejam completamente parte da Nova Jerusalém em um sentido posicional, ainda não somos parte integrante disso em um sentido experiencial. Quando Paulo disse aos fiéis do

primeiro século que eles estavam sentados "juntos nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2:6), ele estava falando sobre a posição do crente em Cristo, não que estivessem literalmente no céu. Nós estaremos experiencialmente frente a frente com Deus quando Cristo voltar, pois será o dia que receberemos nosso corpo espiritual na ressurreição do último dia (Jo 6:39-40, 44, 54, 11:24, 12:48, 1 Ts 4:16-17, 1 Co 15:21-23, 50-53). Na verdade, é necessário um corpo ressuscitado para sobreviver a um encontro revelado com Deus (ver Êxodo 33:17-23). O homem mortal não pode sobreviver na presença plena de Deus. É por isso que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus. (1 Cor. 15:50). Assim, é quando ressuscitamos que experimentaremos plenamente a alegria exagerada da Presença de Deus. Essa é a esperança abençoada do crente!

Em 70 dC, todo o mundo tornou-se a Terra Santa (Apocalipse 21:1-2 cf Zc 14:9); isto é, tornou-se o domínio do novo povo da aliança de Deus. Isso é paralelo a Daniel 2:34-35, 44-45, onde a pedra que quebrou a imagem de Nabucodonosor tornou-se uma grande montanha (um lugar alto, um lugar próximo ao céu) e encheu a terra (Ap 21:10). Em 70 dC, o mar (um símbolo da morada da serpente, cf. Is. 27:1 e dos Gentios cf. Is. 60:5) deixou de existir. O domínio da serpente havia desaparecido em 70 dC, já que o mundo inteiro se tornou (espiritualmente falando) do povo de Deus. É preciso lembrar que o Apocalipse está se comunicando por meio de símbolos. Se o mar desaparecesse literalmente no futuro, a terra se tornaria um deserto (a evaporação dos oceanos nos danificaria maioria das nossas águas pluviais).

No final do Apocalipse, nos dizem o seguinte sobre a Nova Jerusalém:

"Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Mas, ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira." (Apocalipse 22:14-15)

Novamente, esta é uma imagem pós-70 dC da era do reino. A Nova Jerusalém que vem à terra (Apocalipse 21:1-2, 9-10) está falando sobre o estabelecimento completo do reino de Deus na Terra em 70 dC. Enquanto o domínio do reino de Deus é universal hoje, nem todos são cidadãos do reino. Somente aqueles que estão no Livro da Vida do Cordeiro são parte da Nova Jerusalém e, portanto, do reino (Apocalipse 21: 22-27). Estes são os que têm acesso à árvore e à água da vida, esses são os que estão em Aliança com Deus;

Nós somos a Nova Jerusalém, e nossa missão é levar a água da vida todas as nações. Em nós se cumpre a promessa de Isaías 2:2,3:

"E acontecerá nos últimos dias [30-70 dC] que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros (Dn 2:34-35); e concorrerão a ele todas as nações [Aqui está a esperança pós-milenista]. E irão muitos povos, e dirão:[Aqueles que estão na nova Jerusalém fazem o convite] Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor."

E Chegou o Tempo em que os Santos possuíram o Reino

Daniel 7:21-22 retrata a vinda de Deus tirando o domínio do chifre pequeno e os santos possuindo o reino (cf. v 23-27):

Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.
Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.
Daniel 7:21,22

A vinda de Deus acontece na derrota do chifre pequeno em Daniel 7:21-22 é uma descrição da parousia de Jesus em 70 dC, no final da grande

tribulação. Ele é descrito em Apocalipse como a vinda de Jesus, a Palavra de Deus, para executar o julgamento contra a besta e estabelecer o reino (Ap 19:11-20:4). Com Daniel 7 como pano de fundo, observe que não há recapitulação em Apocalipse 20 (ou seja, o capítulo 20 não olha para trás a 30 dC). A descrição do milênio em Apocalipse 20 acontece seguidamente a narrativa da parousia do capítulo 19. Esta é uma sequência "prémilenar". Deus/Cristo vem e derrota o chifre pequeno/besta individual, e, em seguida, os santos possuem o reino que é quando como o milênio começa.

Compare o momento da parousia e a posse resultante do reino pelo povo de Deus em Daniel 7:22 com parousia e a posse resultante do reino pelo povo de Deus na parábola os lavradores maus:

Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe.
E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos.
E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro.
Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo.
E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho.
Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.
E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram.
Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?
Dizem-lhe eles: Dará afrontosa morte aos maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos.
Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:A pedra, que os edificadores rejeitaram,essa foi posta por cabeça do ângulo;pelo Senhor foi feito isto,E é maravilhoso aos nossos olhos?
Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.

E, quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.
E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas palavras, entenderam que falava deles;
Mateus 21:33-45

Nessa parábola (cf. Is 5 para o pano de fundo), quando o dono da vinha (Deus) vem, ele destrói os que tinham matado seu filho (os judeus) e concede a vinha (o reino) a outros (v. 40-41). Esta fala do tempo da destruição da nação judaica em 70 dC (cf. 22:1-10). Foi neste momento da parousia que o reino foi tirado dos judeus e dado a outro povo, o novo povo pactuado de Deus (v 43; cf. 1 Pd. 2:7-10). Este foi o tempo da parousia, o tempo logo após a grande tribulação que os verdadeiros santos possuíram o reino (cf. Ap 11:7-18).

Onze Chifres da Quarta Besta

Observe como o quarto animal de Daniel 7 começa com dez chifres, em seguida, um pequeno chifre e décimo primeiro surge no momento em que três dos dez primeiros são arrancados (v. 8). Isso deixa o quarto animal com sete chifres (governantes) com o pequeno chifre sendo o poderoso oitavo governante (11-3 = 8). Isto é como o oitavo governante da besta descrita no livro do Apocalipse, um rei demoníaco que estava prestes a subir do abismo, quando João escreveu (Ap 17:8). As sete cabeças da besta do Apocalipse são sete reis, é ela também o oitavo, especialmente poderoso;

Aqui o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.
Apocalipse 17:9-11

Daniel 7 fornece a base necessária para identificar a besta do Apocalipse. Identificar Tito como o governante décimo primeira (o pequeno chifre) do quarto animal de Daniel 7 é muito mais fácil do que identifica-lo como o oitavo governante da besta do Apocalipse. Que o pequeno chifre é décimo primeiro que se torna um oitavo governante é a chave para compreender a identidade do oitavo governante em Apocalipse. Quando João escreveu que a sabedoria foi necessário para identificar a besta (Apocalipse 17:9), acredito que a sabedoria que ele faz referência vem de uma compreensão adequada de Daniel 7 e seu quarto animal (cf. Ap 13:1-2). Olhe para a lista de Césares novamente e observe que os onze governantes, menos três tirados em Daniel 7:7-8, é igual a oito governantes
Apocalipse 17:9-11.

1. Julio César (49-44 aC)
2. Augusto (31 aC - 14 dC)
3. Tiberio (14-37 dC)
4. Gaio (Calígula) (37-41 dC)
5. Claudio (41-54 dC)
6. Nero (54-68 dC)

Galba (68-69 dC) ---- →
Otho (69 dC) ----- → 3 chifres arrancados para fora (Dn 7:. 8)
Vitélio (69 dC) ---- →

7. Vespasiano (69-79 dC)
8. Tito (General em 70 dC)

A posição conservadora preterista diz corretamente que a prostituta do Apocalipse representa Jerusalém do primeiro século século (Ap 17-18; cf. Ez. 16). Essa interpretação se encaixa isso perfeitamente. Foi Tito, que destruiu Jerusalém (cf. Dn. 9:26-27); se prostituta Babilônia refere-se a Jerusalém, em seguida, segue-se que Tito deve ser o oitavo rei de Apocalipse 17. Na procura na lista de Césares acima, observe que Nero não se encaixa no pequeno chifre de Daniel 7, nem o oitavo rei de Apocalipse 17. Nero, foi o sexto César, estava no trono quando o Apocalipse foi escrito: “Cinco já caíram, um é. . “. (Ap. 17:10). A besta, no entanto, teria um oitavo governante (Ap. 17:11); ele ainda não tinha

chegado no tempo que o Apocalipse estava sendo escrito: “A besta que viste foi e já não é, e está prestes a subir do abismo. . “. (Ap 17:8). É logicamente impossível Nero ser o oitavo governante e o chifre pequeno de Daniel 7: ele não pode ser tanto o sexto governante (que estava no poder quando João escreveu) e o oitavo governante (que ainda não tinha chegado).

É impossível fazer Nero um décimo primeiro governante. Observe Galba, Otho e Vitelio, os três imperadores de curta duração que Vespasiano e Tito foram vitoriosos em sua tentativa de assumir o império romano em 69 dC. Estes foram os três chifres removidos antes do pequeno décimo primeiro (Dn 7:7-8, 19-22).

Enquanto a descrição do chifre pequeno não se encaixa no Nero, ela se encaixa em Tito como uma luva. Além de Nero não ser um décimo primeiro governante, ele nunca invadiu a Terra Santa como faz o rei do Norte (Dn 11:40-45). O fato é que Nero nunca pôs os pés na Terra Santa. Além disso, Nero nunca foi adorado no Templo, como o homem da iniquidade (2 Ts 2:4). Foi Tito que cumpriu estas profecias em sua destruição de Jerusalém e do Templo em 70 dC. Claro, quando examinado de perto, Nero nem se encaixa na descrição da besta. Apocalipse 19:19 mostra a besta que luta contra Jesus em sua parousia em 70 dC. Nero morreu em 68 dC; Por volta de 70 dC tinha morrido há mais de dois anos. Além disso, Apocalipse 17-19 mostra a besta destruindo a Babilônia (Ap 17:16-17), que os preteristas mais conservadores identificam como Jerusalém (ver Ap 11:8; 17:28) Foi Tito quem destruiu Jerusalém, e não Nero.

E Antíoco Epifânio?

Aqueles que sustentam que o chifre pequeno de Daniel 7 é Antíoco IV tem um grande problema aqui: em nenhum lugar nas Escrituras é dito que o reino de Deus havia chegado no segundo século antes de Cristo (e é a vinda do Reino de Deus que tira o domínio do chifre pequeno, Dn. 7:7-11, 21-26). Quando Antíoco morreu, os judeus ainda não tinha

vencido sua luta com os selêucidas, muito menos recebeu a autoridade mundial do reino de Deus. Mesmo Goldingay, que acredita que o chifre pequeno de Daniel 7 é Antíoco IV, admite que existem problemas significativos com a identificação dos onze governantes do quarto animal de Daniel 7:

Nós não podemos com certeza identificar os dez reis decorrentes do quarto reino, ou os três que são derrubados. Partindo do pressuposto de que o capítulo é fundamentalmente uma unidade, dez deve ser os antecessores do rei simbolizado pelo chifre pequeno, e os três devem estar entre os dez, não adicional para a dez (vv 7-8, 20). Estes pressupostos excluir uma série de teorias. Dez poderia muito bem ser um número redondo que não deve ser pressionado; três parece um número mais preciso. O responsável por derrubar-los parece ser Antíoco.

Goldingay não é a certeza da identidade dos dez reis, nem os três que são removidos, e ainda de alguma forma ele tem certeza de que o chifre pequeno deve ser Antíoco IV! Aqueles que subscrevem a noção de que o livro de Daniel culmina no tempo de Antíoco IV tentar fazer os eventos de Daniel 7 caber no século II aC, mas eles claramente não conseguem. Primeiro, a numeração dos reis é equivocada; haviam sete governantes selêucidas que vieram antes de Antíoco, e não dez.

1. Seleucus I Nicator 312-280 aC
2. Antíoco I Soter 280-261
4. Antíoco II Theos 261-246
5. Seleuco II Callinicus 246-226
5. Seleucus III Cerauno 226-223
6. Antiochus III A grande 223-187
7. Seleuco IV Philopator 187-175
8. Antiochus IV Epifanes 175-164

Em segundo lugar, três réguas não foram removidas antes Antíoco. Adicionado a esses problemas é o fato gritante que o reino de Deus não foi estabelecido no século segundo antes de Cristo. Nem o julgamento e

ressurreição de Israel começou naquela época (Dn 12:1-3; cf. Dn 7:7-11; 17-27). Quando confrontados com as discrepâncias da sua posição, os estudiosos críticos têm a audácia em dizer que a escritura que é confusa, não a sua interpretação.

Sumário das Profecias Sobre o Chifre Pequeno

Como Afirmei no início deste capítulo, Daniel 7 é possivelmente um dos capítulos mais importantes na profecia bíblica (além de Mateus 24); ela fornece uma fundação que o restante das Escrituras se baseia. O capítulo 7 fornece uma sequência precisa para quando os Santos deveriam possuir totalmente o reino de Deus. Isso deveria acontecer na derrota do pequeno chifre pela vinda de Deus (Dn. 7:21-27); este seria o momento em que a ressurreição de Israel e o julgamento começou (Dn. 7:7-12). Segue-se um resumo das profecias de Daniel 7 sobre o pequeno chifre do quarto animal e como elas foram cumpridas no espírito demoníaco que trabalhou através de Tito:

1. o chifre pequeno XI iria entrar em cena quando o décimo governante do quarto animal (Roma) estava no trono (Dn 7:20; cf. Dn. 2:40- 45). O pai de Tito, Vespasiano, foi o décimo César de Roma (69-79 dC) e imperador quando seu filho quebrou a nação judaica em 70 dC. Neste momento, Tito (que se tornaria o décimo primeiro César) foi um general e ainda não imperador, daí sua designação como um pequeno chifre.

2. Três governantes (simbolizada por três chifres) seriam removidos antes do chifre pequeno (Dn 7:8). Estes foram os três imperadores de curta duração (Galba, Otão e Vitélio) que cairam (v. 20) antes de Vespasiano e Tito subirem ao trono em 69 dC, o ano dos quatro imperadores. Observe que isto deixou o pequeno chifre, e décimo primeiro, como um oitavo governante (11-3 = 8). Isto é como a besta do abismo é retratado em Apocalipse, como um oitavo rei demoníaco (que estava prestes a sair do abismo, Apocalipse 17:8-11; cf. Dn 10:13). Isso aponta para o fato de que o chifre pequeno acabou por ser um governante demoníaca.

3. o pequeno chifre décimo primeiro falaria palavras pomposas e blasfemas contra Deus (Dn. 7:8, 11, 20, 25). Evidência do cumprimento desta pode ser encontrada nos escritos rabínicos que atribuem blasfêmias incríveis a Tito quando ele destruiu o Templo (por exemplo, alegando que ele tinha único sozinho matou o Deus de Israel).

4. o chifre pequeno teria a intenção de mudar "os tempos e a lei" (Dn. 7:25). Isto foi cumprido em Tito e Vespasiano pelo subsídio (e possível direção) de um Sinédrio reorganizada criada em Yavneh, ou até mesmo através da destruição do Templo, quando veio o fim da era (mudança no tempo) e da antiga aliança (mudança da lei).

5. o chifre pequeno teria autoridade de perseguir o povo de Daniel por "um tempo, dois tempos e metade de um tempo" (Dn. 7:25), um período de três anos e meio. Isso é confirmado no Apocalipse onde este tempo de perseguição pelo besta é dada como quarenta e dois meses (Ap. 13:5-7; cf. 11:2). Isto foi cumprido durante a campanha de três anos e meio de Tito contra os judeus (fevereiro de 67 dC a agosto / setembro de 70 dC). Este período é confirmado em Daniel 12:7, onde o anjo identifica a conclusão de "um tempo, tempos e metade de um tempo". Isso aconteceu no ano 70 dC com a destruição do nação judaica por Tito.

Na final seção deste capítulo discutirei Daniel 7:13-14 e sua visão do Filho do Homem.

Quem é o Filho do Homem?

Muito tem sido escrito sobre o "um como o Filho do Homem" (ou mais literalmente: "Um semelhante ao Filho do homem") de Daniel 7:13-14. Muitos são rápidos em apontar que estes versículos não estão se referindo a Jesus. Nosso Senhor disse o contrário; ele aplicou esse título para si mesmo, cf. Mateus 16:13; 26:63-67 (é claro que se poderia dizer que foi apenas um reaplicação da profecia de Daniel por Jesus). Para aqueles que subscrevem pressupostos racionalistas (anti-sobrenaturais), são obrigados a dizer que é impossível que isso seja uma profecia de Jesus. Eu sugiro uma postura mais objetiva, no entanto, que, pelo menos,

permite a possibilidade de que esta poderia ser uma profecia de da entronização de Jesus (cf. Mt. 28:18). Certamente existem outras escrituras do Antigo Testamento que falam de uma figura humana / divina que iria governar o reino eterno de Deus:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.
Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.
Isaías 9:6,7 cf. Salmo 110: 1-2

E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.
Miquéias 5:2

Estes são profecias verdadeiramente impressionantes. Se eles não são sobre Jesus, então eu não sei sobre que outro eterno, humano / figura divina (que nasceria em Belém) do qual o texto está falando! Proponho que Daniel 7:13-14 está falando sobre a mesma divina figure e sua recepção do reino eterno de Deus. Comentaristas judeus, Embora, obviamente, não vendo o um como filho do homem aqui como Jesus, reconheceram geralmente que a figura levado perante o Ancião dos Dias é o Messias ("Este é o Rei Messias", Rashi).

Em relação à identidade messiânica do Filho do Homem, Miller escreve:

Apenas um pessoa pode ser corretamente identificado como o "filho do homem", e essa pessoa é Jesus Cristo como apóstolos do Novo Testamento e o próprio Cristo confirmado. Montgomery reconhece que a visão messiânica [JA Montgomery, um comentário crítico e exegético sobre o Livro de Daniel, Comentário Crítico Internacional, (Edimburgo, Reino Unido "o mais velho e, na exegese judaica e cristã passado, a opinião prevalecente.": T & T Clark, 1979), 317.]

Não vou entrar em detalhes aqui sobre os argumentos que o Filho do Homem de Daniel 7 é Jesus; que tem sido feito em outros lugares.Para mim é o suficiente o fato que Jesus aplicou esta seção de Daniel para si mesmo (Lucas 22:69-71; cf. Mt 28:18.) e o livro do Apocalipse faz o mesmo (Apocalipse 1:7, 13-14; Ap. 14:14). Em Apocalipse, a mesmo (não-titular) frase exata encontrada em Daniel 7:13 é usado. No Apocalipse, o "um como um filho do homem" (Ap. 1:13) é claramente Jesus. A figura declara: "Eu estava morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre, e tenho as chaves da morte e do Hades" (Ap 1:18).

O fato de que o livro de Daniel mostra um ungido ("Cristo", Dn 9:25 LXX) sendo cortado subsequente a destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26-27) se alinha com a proposição de que o livro de Daniel culmina com a morte de Jesus e os eventos resultantes de 70 dC. Isto é especialmente verdadeiro considerando os eventos a serem cumpridas até o final das setenta semanas: "setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos"(Dn 9:24; cf. Is. 52:13-53:13). Estes são os eventos associados com o sacrifício de Jesus e do pleno estabelecimento da nova ordem aliança em 70 dC.

Um Como Filho do Homem

A tradução de EJ Young de Daniel 7:13-14 dá uma sensação mais precisa do uso do filho termo do homem do que a NVI faz de Daniel:

Eu estava vendo em visões da noite, e eis! Com as nuvens do céu um como filho do homem estava chegando, e até o Ancião de dias veio, e diante dele Ele foi levado. E para ele não foi dado o domínio, a honra e soberania; e todos os povos, nações e línguas servi-Lo; Seu domínio um domínio eterno, que não passará, e o seu reino não será destruído.

A frase o “filho do homem” no versículo 13 é uma descrição figura humana (“um como um filho do homem”) que Daniel viu vindo ao trono de Deus. O Filho do Homem foi auto-designação favorita de Jesus (Mt 8:20; 9:6; 10:23; 16:27-28; etc). Enfatiza a sua humanidade (cf. Ez 2:1; 3:1; 4:1; etc), bem como o identifica com o ser elevado de Daniel 7:13-14 (Lc 22:69-71).

A frase "filho do homem", como o usado por Daniel, simplesmente significa aquele que se parece com um homem. Em relação a este significado, o comentarista escreve: “Filho do homem" As palavras em siríaco ou aramaico significa simplesmente 'um homem'. Não se afirma expressamente que a figura celeste era um homem, mas apenas que ele era como um homem...“. Daniel estava simplesmente relatando o que viu em sua visão: a figura humana que foi trazida diante de Deus para receber um domínio mundial que, ao contrário do que os animais não-humanos (demoníacos), nunca iria ser derrubado.

Que esta é uma sobrenatural é suportado pelo versículo 14: “E foi-lhe dado domínio e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e idiomas devam servi-Lo. . . “ Note que a palavra aramaica traduzida como servem aqui muitas vezes conota culto:“. Servindo, prestando serviço religioso. É verdade que esta palavra nem é sempre empregado para designar o culto religioso, mas certamente o contexto mostra que tal se pretende aqui.”

O comentário de Young ajuda a explicar a tradução da NIV do versículo 14: “Ele recebeu autoridade, glória e poder soberano; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram...”(Cf. Dn. 3:18). Esta é uma profecia maravilhosa de Jesus, o Messias (cf. Ap 5 8-14), não uma pseudo-profecia do segundo século que é reinterpretado no NT e aplicado a Jesus.

Associação da Divindade Por Meio das Nuvens

Uma coisa particularmente interessante sobre Filho do Homem de Daniel é o seu modo de viagem. A escritura frequentemente retrata Deus como alguém que viaja com as nuvens:

Põe nas águas as vigas das suas câmaras; faz das nuvens o seu carro, anda sobre as asas do vento.
Salmos 104:3

Peso do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito; e os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá no meio deles.
Isaías 19:1

O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder, e ao culpado não tem por inocente; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés.
Naum 1:3

É o acompanhamento com as nuvens que é indicativo da Divindade. DeMar observa as seguintes associações entre nuvens e Deus:

O que é a associação de nuvens com Deus? Primeiro, Deus mostrou-Se pela presença física de nuvens, embora ninguém jamais O viu (por exemplo, Ex 13:21; 14:24; 19:9; 20:21; 24:15; 33:9; 34: 5; 1 Reis 8:12). Segundo, a morada de Deus é descrita como uma cobertura de nuvens (Salmo 97:2). Em terceiro lugar, o modo de transporte de Deus é figuradamente descrito como uma carruagem de nuvem (104:3). Em quarto lugar, quando Deus fala: "Ele faz com que as nuvens subam a partir da terra" (Jeremias 10:13; 51:16). Quinto, o "dia do Senhor. . . será um dia de nuvens"(Ez 30:3; Joel 2:2). Sexto, o julgamento dos ímpios de Deus é descrito como a convulsão da ordem criada: "No turbilhão e tempestade é o seu caminho, e as nuvens são o pó debaixo de seus pés" (Naum 1:3). Em cada um dos exemplos acima, as nuvens são símbolos da presença de Deus. Quando Jesus aplicou a imagem do Filho do Homem da passagem de Daniel 7:13-14 para si mesmo, o sumo sacerdote, rasgou as suas vestes acusando-o de blasfêmia;

Mas Jesus manteve silencioso. E respondeu o sumo sacerdote e lhe disse: “Conjuro-te pelo Deus vivo: Diga-nos se Tu és o Cristo, o Filho de Deus” Jesus disse-lhe: “É como você disse. No entanto, eu vos digo: vereis em breve o Filho do Homem sentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu.” Então o sumo sacerdote, rasgando as suas vestes, disse:“blasfêmia! Que necessidade temos de testemunhas?...”
Mateus 26:63-65

Jesus igualando-se com o Filho do homem vindo sobre as nuvens da majestade divina era claramente uma blasfêmia aos olhos do sumo sacerdote. Também é claro que o Sinédrio interpretou alusão Jesus com Daniel 7:13-14 como uma referência messiânica: “Profetiza-nos, Cristo! Quem é aquele que te bateu?”(Mt. 26:68).

A divindade do Filho do Homem se torna ainda mais explícita no Apocalipse. Em Daniel 7:9, o Ancião de Dias tem cabelo que é branco, este é um símbolo da eternidade de Deus (o cabelo branco sendo algo que vem com a idade avançada) “como a lã pura.”.No livro do Apocalipse, João vê “um como filho de homem” que, idêntico ao Ancião dos Dias, tem cabelos “brancos como lã branca” (Ap 1:13-14). Além disso, em Daniel 7:9 o trono do Ancião dos Dias é descrito como“uma chama ardente”. Em Apocalipse 1:14, os olhos do Filho do Homem são descritos como “como de chamas” (cf. Ap. 19:11-13, onde nos é dito que ele é “A Palavra de Deus”). O livro do Apocalipse está nos mostrando, assim, imagens do filho do homem que estão associados com Deus, unindo imagens do Ancião dos Dias com o Filho do Homem e revelando tanto a humanidade quanto a divindade e eternidade de Jesus. Jesus é uma combinação do Ancião dos Dias e o Filho do Homem, Deus e homem. Ele é a Palavra eterna de Deus encarnado (João 1:1-14; cf. Is 9, 6-7.) O Filho de Deus. Ele compartilha o trono de Deus com o seu Pai (Ap 22:1).

A Vinda do Filho do Homem é Parousia

A seqüência de Daniel 7 se torna mais clara quando se percebe que duas séries diferentes de eventos são mostrados neste capítulo:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.
E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído.
Daniel 7:13,14

Daniel 7:13-14 mostra o Filho do Homem "vindo com as nuvens do céu" e depois indo até o ancião de dias para receber o reino teocrático. A vinda nas nuvens é frequentemente interpretada como a parousia, uma vinda em juízo, uma vez que Daniel 7 se refere ao tempo da parousia, o tempo da vinda de Deus para derrotar o chifre pequeno (v. 7-11, 21-27). Além disso, a parousia é retratado no novo testamento em termos de Jesus, que vinha com as nuvens (cf. Mt 24:30; Ap 1:7; 14:14-16). Na parousia, Deus/Cristo faz guerra contra o chifre pequeno/besta (Dn 7:21-22; Ap 19:11-21). O Apocalipse mostra que vinda de Deus contra o chifre pequeno é a mesma vinda de Jesus para derrotar a besta (Ap 19:11-21). Note que em Daniel 7 o chifre pequeno torna-se um oitavo rei quando três chifres são removidos antes de ele (v. 8). Por isso a besta é mostrada em Apocalipse, como um oitavo rei demoníaco que sobe do abismo (Apocalipse 17:8-11); ele é o governante mal que é derrotado pela vinda de Deus / Cristo.

Apocalipse 14:14-16, por exemplo; ele mostra o Filho do homem em uma nuvem com uma foice afiada; é o tempo da colheita. O Filho do Homem tem uma coroa de ouro em Apocalipse 14; ele já recebeu toda o poder e autoridade (Mt. 28:18). A vinda do Filho do Homem no Apocalipse 14 é a mesma parousia e a colheita do povo de Deus no fim dos tempos (cf. Mt 13:36-43). A vinda do Filho do Homem com nuvens em Mateus 24:30-31 é igualmente mostrando coma colheita/reunião de seu povo em 70 dC: ". . . e eles verão o Filho do Homem vir sobre o nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos

com grande som de uma trombeta e que reunirão os seus eleitos. . .”(Mt. 24:30-31; cf. 2 Ts 2:1-4.).

Para resumir: Uma conexão óbvia é feita entre a parousia acontecendo com nuvens e o recebimento de autoridade do Filho do Homem em Daniel 7:13-14. Ele viria com as nuvens divinas de julgamento (Apocalipse 1:7; cf. Joel 2:1-2) em 70 dC para reunir seu povo em sua parousia (Mt 24:30- 31; Ap 14:14- 16).

Observe como os detalhes vinda de Deus em Daniel 7:21-22 (veja abaixo) é semelhante a vinda do Filho do homem 13-14:

Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.
Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.
Daniel 7:21,22

A vinda do ancião nos versículos 21-22 é para derrotar o chifre pequeno; esta é a parousia. Como já referi, esta vinda é mostrado no Apocalipse como a vinda da Palavra de Deus para derrotar a besta (Ap 19:11-21) e em seguida temos o início do milênio (Ap 20:1-4). A vinda do Filho do homem em Daniel 7:13-14 é a mesma vinda, que em seguida, se inicia o milênio (v. 14) quando ele recebe o domínio sobre os reinos do mundo (cf Ap 11:15). Claramente estes são dois eventos semelhantes. É em virtude de Jesus recebendo todo o poder no céu e da terra em 30 dC (cf. Mt 28:18) que os santos poderiam possuir o reino de Deus na parousia de Jesus em 70 dC (cf. Lucas 19:11-27; Ap 3:21).

O versículo 14 coloca em foco o início do reino teocrático sobre a terra, o Milênio de Cristo. Isso acontecerá diante do toque da sétima trombeta escatológica de Apocalipse 11:15. Esse toque de trombeta assinala o tempo em que “O mistério” de Deus deve ser cumprido, “no Céu e na Terra”. Na Bíblia temos uma série de mistérios, mas o que está em foco, fala do “mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas,

na dispensação da plenitude dos tempos [o Milênio], tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" (Ver Ef 1:9-10). O domínio e reino do presente texto, para que todos os povos, nações e línguas o servissem, é o estabelecimento do Reino de Deus sobre a terra, é início do reino milenar de Cristo (Ap 20:1-6). O reino de Deus e de Cristo é um só. Em Ef 5.5, encontramos menção do "reino de Cristo e de Deus". O livro de Apocalipse mostra o início do reino teocrático do Messias na forma de uma criança do sexo masculino que é levado ao trono de Deus, mas "que está prestes a reger todas as nações com cetro de ferro" (Ap 12:5).

Já, Ainda Não

A maioria dos comentaristas estão propensos ao erro ao confundir a entronização do Messias em 30 dC com Daniel 7:13-14, devido à estreita conexão entre a vitória sobre a cruz e os santos possuindo o reino. Assim, enquanto que a entronização do Filho do Homem em 30 dC não é o mesmo evento que a parousia nos versos 13-14 e os santos recebendo o reino nos versos 7-12 e 17-27, ele está muito teologicamente relacionado. Ou seja, era apenas o recebimento de todo o poder e autoridade no céu e na terra em 30 dC Jesus (cf. Mt. 28:18) que deu aos santos o direito de possuir "o reino, e o domínio e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu" na parousia em 70 dC (Dn 7:27) (Dn. 7: 13-14, 21-22; cf. Ap 3:21).

Embora possa parecer plausível que Daniel 7 mostra a ascensão (nos versos v. 13-14) Há uma objeção que pode ser fatal para essa interpretação. Está fora dos limites que o próprio capítulo desenha expressamente em torno de seu cenário e seu tempo de ação. Não está entre os eventos relacionados a parousia.

A destruição do apóstata Israel e o templo em sua parousia revelou que Deus criou uma nova nação, um novo templo, como Jesus havia profetizado os líderes judeus: "Por isso vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será dado a pessoas que produzem os frutos disso "(Mateus 21:43). Mais tarde, Jesus disse aos seus discípulos qual seria o efeito da destruição de Jerusalém: "Então aparecerá o sinal do Filho do Homem

no céu" (Mateus 24:30). O “sinal” do Filho do Homem descrito em Mateus 24:30 é o testemunho histórico e visível que Ele está entronizado no céu e que o reino chegou com poder (cf. Atos 1:9-11; 2:25-36; 7:55-46; 13:32- 37; Efésios 1:15-23). A frase "no céu" define a localização do Filho do Homem e não a do sinal. O texto não diz que apareceria um sinal nos céus, mas a destruição de Jerusalém indicaria o governo do Filho do homem no céu. A entronização do messias presenciado por poucos discípulos se manifestaria com poder histórica e visivelmente na destruição de Jerusalém.

Os quarenta anos entre 30-70 dC foi o período do já ainda não do reino de Deus. Embora o messias tenha sido entronizado no céu, o reino de Deus não seria estabelecida totalmente na terra até o final de “um tempo, tempos e metade de um tempo” (Dn 7:25-27; cf. Ap. 12:14). Isso aconteceu com a destruição daqueles que estavam moralmente destruindo a terra de Israel (cf. Dn. 12:7; Ap. 11:15-18). Daniel 7 mostra que Jesus que está recebendo o reino teocrático sobre a terra após sua parousia (Dn. 7:13-14). E os santos compartilhando essa autoridade na parousia em 70 dC (Dn 7:17- 27).

Note as promessas para as sete igrejas do Apocalipse, Jesus duas vezes faz essa conexão entre sua posse da autoridade do reino em 30 dC e a chegada do reino de Deus e seu compartilhamento com seus seguidores em sua parousia.

Mas o que tendes, retende-o até que eu venha.
E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações,
E com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai.
Apocalipse 2:25-27

Ao que vencer Eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono [em 70 dC], como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono [em 30 dC].
Apocalipse 3:21; cf. Efésios 1:20-21

Quem fosse fiel até parousia iminente de Jesus iria participar do governo ele recebeu em sua ascensão. Este estabelecimento do reino de Deus na terra em 70 dC é mencionado na parábola das minas:

E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.
Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.
E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.
Mas os seus concidadãos odiavam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.
E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.
E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.
E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.
E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.
E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.... E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim.
Lucas 19:11-19, 27; cf. Mateus 19:28

Jesus recebeu o domínio universal em 30 dC (Mt 28:18); isso equivale com o nobre indo embora para receber seu reino. Jesus voltaria quarenta anos depois para governar e compartilhar esse domínio com seus seguidores (o que equivale a longa jornada do nobre antes de seu retorno). Mais uma vez, Daniel 7 mostra a parousia: Jesus vem sobre as nuvens e em seguida recebe o reino que foi estabelecido na terra (v 13-14.) Ao mesmo tempo, seus servos que participam no seu reinado em 70 dC (v 17-27.). Foi a posse de Jesus sobre o Reino de Deus em 70 dC, que possibilitou a posse do reino pelos santos.

No parábola das minas note a destruição dos sujeitos que não queriam o nobre para governá-los (ou seja, os judeus; cf. Jo 1:11-12; 19:15- 22). Isso está se referindo a destruição da nação judaica e o pleno estabelecimento do Reino de Deus (cf. Dn 12:1-7; Mateus 8:11-12; 22:1-10; Ap. 11:15-18). Esse era o momento da parousia, o momento em que os seguidores de Jesus compartilham do seu reinado. É quando os santos herdam o reino de Deus (Dn. 7:21-27; Ap 19:11-20:4 cf. Mt 21:33-45).

O Livro de Daniel e a Influência Sobre a Revolta Judaica

Ao relatar as causas da guerra judaica, Josefo escreveu sobre um "oráculo equivocado" encontrado na Sagrada Escritura judaica que teve uma forte influência em incitar os judeus a se rebelar contra Roma:

Mas o que os levou principalmente a encetar aquela infeliz guerra, foi a ambiguidade de outra passagem da mesma Escritura, que dizia que se veria naquele tempo, um homem de seu país, governar toda a terra. Eles o interpretavam em seu favor e vários até mesmo dos mais hábeis enganaram-se. Pois aquele oráculo dizia que Vespasiano, então, fora criado imperador, quando estava na Judeia. Mas eles explicavam todas essas predições, segundo sua fantasia e só conheceram seus erros, quando ficaram completamente convencidos da sua inteira ruína e destruição. (Guerras, livro sexto, cap. 31

Sugiro que este "oráculo equívocado" encontrado nas Escrituras judaico veio de Daniel 7 e sua referência a um semelhante ao Filho do Homem que se torna o governante do mundo: "E foi-lhe dado domínio e glória, e um reino, para que todos os povos , nações e línguas o servissem..."(V. 14). Parece que Josefo fez a conexão lógica (embora equivocada) entre a adesão de Vespasiano ao trono romano a "um como Filho do Homem" recebendo autoridade universal.
Aparentemente, o romano historiador Tácito também teve Daniel 7 em mente quando escreveu o seguinte:

A maioria [Dos judeus] estavam convencidos de que as escrituras antigas de seus sacerdotes aludiu ao presente como o exato momento em que o Oriente triunfaria e da Judéia sairia homens destinados para governar o mundo. Esta misteriosa profecia realmente referido Vespasiano e Tito, mas as pessoas comuns, fiel à ambição egoísta da humanidade, pensou que este destino exaltado foi reservada para eles, e nem mesmo suas calamidades abriu seus olhos para a verdade.

Não sei de nenhuma parte das Escrituras judaico que se encaixa em Vespasiano (o décimo governante de Roma) e Tito seu filho (o pequeno chifre e décimo primeiro) melhor do que Daniel 7. Tácito diz que os judeus estavam esperando um 'destino exaltado' provavelmente refere-se a Daniel 7:27, que fala sobre a grandeza dos reinos do mundo dadas ao povo de Deus neste momento. Os Judeus do primeiro século corretamente viram a quarta besta de Daniel como referindo-se a Roma. Isso ajuda a explicar como foi que fervor nacionalista judaico chegou a tal ponto, crescendo cada vez mais perto do tempo do décimo governante de Roma: segundo as Escrituras o tempo do pleno estabelecimento do reino de Deus estava próximo (Dn. 2:40- 45; 7:17-27). O que parecia o colapso iminente de Roma em 68-69 dC só teria reforçado essa percepção. Aparentemente, os judeus da Grande Revolta estavam bem conscientes do livro de Daniel e suas profecias sobre o Reino de Deus; parece que os seus cálculos sobre quando ocorreria esses eventos foram muito semelhantes aos da linha do tempo que estou propondo.

A crença na intervenção iminente do Reino de Deus, sem dúvida, ajudou a alimentar a rebelião judaica contra Roma-um ato que teria sido impensável sem a expectativa da intervenção de Deus. Como Josefo disse acima, Daniel 7 é "ambíguo"; ele está aberto a diferentes interpretações. Os judeus interpretaram Daniel 7 para si mesmos que receberiam o reino de Deus. Josefo e Tácito parecem ter interpretado Daniel 7 em termos de Vespasiano e Tito, que se tornaram os governantes do mundo físico naquele momento. Jesus, é claro, interpretou Daniel 7 em termos de si mesmo como o Filho do Homem (Mt. 26:63-65; cf. 28:18), quem o leitor acredita que estava com a

razão?. Josefo afirmou que os judeus aceitaram algumas das profecias do oráculo porém trataram outras “com desprezo.” Uma das profecias de Daniel que os judeus da grande revolta aparentemente ignoraram eram a da destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26-27) e o estilhaçando da nação judaica (Dn. 12:7).

Daniel 8 - Um novo olhar Preterista

Daniel 8 nos leva de volta para o hebraico. As mensagens são agora mais focada sobre os judeus. Temos deixado contexto oikoumene maior de Daniel 2-7. É importante entender isso desde o início. O chifre pequeno de Daniel 8 não é um poder oikoumene (reino). Ele não é Antíoco Epifânio. Ele ocupa a mesma posição, no final do período profetizado. É o chifre pequeno em Daniel 7, e o Rei do Norte em Daniel 11, todos os quais são um e o mesmo rei.

A perspectiva judaica também pode ser visto em que os animais fazem parte do sistema ritual levítico, e que o ataque às ofertas contínuas é central para a história. Daniel 7 é sobre reinado e domínio; Daniel 8 é sobre liturgia, oração e apostasia daqueles que Deus tinha chamado para orar pelas nações.

Nesse capítulo Daniel tem uma visão. Procuramos compreender a visão, e a principal discussão nesse texto se refere ao chifre pequeno. Alguns veem aqui uma diferença entre o chifre pequeno que aparece no capítulo anterior (Dn. 7), outros veem uma continuidade. Os historicistas tentam enxergar o chifre como a representação de todo império romano pagão e papal, dando um salto histórico absurdo, o que é feito também por alguns futuristas, tentando enxergar aqui um futuro anticristo.

Simbolismo geral do livro Daniel

Em todas as visões proféticas onde se emprega "animais e/ou chifres" p/ representarem poderes/impérios mundiais (Daniel 7 e 8); sempre, sempre, o "animal" virá representar o império (em si) como por exemplo: a Grécia; enquanto que o "chifre" (ou cabeça) reporte unicamente a "um rei" daquele determinado reino/império (animal); mas nunca que um chifre ou cabeça virá representar um império em si (ou seja, representar um animal). Não! O chifre ou a cabeça representará sempre um rei; assim sendo, sempre representará parte num império.

Tanto Daniel 7 quanto Daniel 8 apresenta e representa "os impérios mundiais" por meio de bestas e animais: exemplo: a Grécia em Daniel 7 é um leopardo c/ 4 cabeças; já, a mesma Grécia em Daniel 8, é um bode c/ um chifre notável, do qual surgem 4; Medos-Persas em Daniel 7 é um urso; já em Daniel 8 é um carneiro de 2 chifres.

Mas não há possibilidade, por exemplo, de um animal terrível e espantoso com 10 chifres (e surgindo depois o 11º chifre - em Daniel 7) passar a representar (em Daniel 8) apenas um chifre pequeno: ou seja, o chifre pequeno (de Daniel 8) não pode passar a representar (um império): o animal terrível e espantoso c/ 10 chifres (de Daniel 7), no caso, o império romano. Porque ambas as visões seguem a um só parâmetro.

Em Daniel 2 e 7 temos a visão dos 4 impérios mundiais, babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma, sendo um ultimo reino o Reino de Deus. Em Daniel 9, a profecia se refere a primeira vinda do Messias e a destruição do templo de Jerusalém no ano 70 dC, os limites históricos estão entorno do 1 século. Não há profecias esticadas nem intervalos de tempo que vão além do ano 70 dC.

Contexto histórico da visão

O reinado de Belsazar estava prestes a acabar. A dominação babilônica nesta visão não é a preocupação de Daniel. À medida que se aproxima o fim da dominação babilônica, no terceiro ano de Belsazar, Daniel registra uma outra visão para ser adicionado a anterior. Esta expande sobre o que ele viu antes, e que o deixou “alarmado”. “O que esses quatro animais significam? Quando eles estão vindo? O que significa que os santos estão a ser pisados? Este que vem como um filho de um homem, que é isso? Jeremias disse que depois dos setenta anos da Babilônia, Judá retornaria à sua terra e seria próspero. O que é esse pisoteio do quarto animal? Seremos nós pisados de novo?” Perguntas, perguntas. Se nos colocamos no terceiro ano de Belsazar, estaríamos esperando o cumprimento de Jeremias para se tornar uma realidade

dentro de alguns anos (o assunto do capítulo nove). pode ser entendido que Daniel estava alarmado com o que viu.

Devemos também observar que o texto agora mudou de volta para o hebraico. Dos capítulos 2, 4 ao 7 o texto tem sido em aramaico. Daniel está deixando o aramaico falando sobre a história mundial e agora está de volta para a história dos hebreus.

Um pouco de geografia é necessário aqui. Susã (Susa, hoje, Shush no Irã) era uma cidade importante e estratégica do Império Persa. Ele está localizado a leste de Babel na província de Elam (território da média). Foi a capital de Elam, capturado por Ciro em torno de 540/539 aC - durante o tempo em que Babilônia caiu. O que é fascinante é que Nabonido residiu em tempos em Susã. De acordo com as inscrições, deixou lá e voltou para Babel em seu último ano (de abril de 538 aC), e deixou que meses cidade antes de cair sob seu filho, Belsazar (outubro). Antes disso, ele não tinha estado em Babel por alguns anos (os anos de "reinado" de Belsazar). Susã caiu para os gregos sob Alexandre, e então o enorme Império Selêucida (que começou em 312 aC). Tornou-se, finalmente, a capital do Império Persa (seja sob Ciro, ou seu filho Cambises II, ou Dario I). Daniel se vê lá na beira de uma grande mudança de impérios (Isaías 21.2 menciona uma coalizão dos elamitas e média na derrubada de Babilônia).

É bastante interessante que Ciro planeja seu curso para Babel desta cidade. O rio Ulai (Eulaeus) corre das montanhas Zagros em Elam (Khuzestan). É conectado com a antiga Choaspes, a partir do qual, supostamente, Ciro estocava água para o empreendimento a oeste da Babilônia. Daniel teria conhecido e frequentado este lugar, interagindo com os locais e costumes. É uma tradição que foi sepultado nesta área (ele nunca se aventurou de volta para Judá, tanto quanto sabemos).

Resumo da visão

Daniel vê dois animais. Eles não são bestas desta vez, mas animais Sacrificiais: um carneiro e uma cabra. Eles representam Pérsia e Grécia.

Todas as manhãs e todas as noites Israel iria oferecer um cordeiro (Êxodo 29:38-42). Este fato é importante para a visão atual, e irá explicar por que a Pérsia e Grécia são retratados como membros do rebanho. O rebanho de Deus não é mais apenas Israel, mas também as nações do oikomene que Deus estabeleceu, embora ainda não o mundo inteiro.

O carneiro da Pérsia tem dois chifres. O primeiro chifre é Media, o segundo a Pérsia, mas é apenas um carneiro. O carneiro conquista para o oeste, norte, e ao sul; uma vez que sai do oriente ele não precisa para conquistar a leste. Deus dá tudo para o carneiro, e deixa-lo governar o mundo (v. 3-4, 20).

Em seguida, um bode vem do oeste, como o carneiro veio do leste. Eles colidem, a cabra sai totalmente vitoriosa.O rápido avanço do bode representa o progresso incrível das conquistas de Alexandre, o Grande. O grande chifre entre os olhos do bode é o próprio Alexandre, mas o chifre é quebrado muito rapidamente, porque Alexandre morreu com 30 anos. Em seguida, quatro novos chifres surgiu e assumiu o império de Alexandre.

Em seguida, um pequeno chifre surgiu de um dos quatros cantos do céu. Este é geralmente considerado representar Antíoco IV Epifânio, governante do norte do império quebrado de Alexandre. Devo argumentar abaixo que na verdade é o mesmo chifre pequeno de Daniel 7. A opressão do chifre pequeno aos Santos é então descrita nos versos 9-14, 23-26).

O Senhor diz a Gabriel para explicar a visão de Daniel. Gabriel explica que esta visão se refere ao tempo do fim. O fim de quê? O fim da era ou dispensação, que chegou ao fim na destruição de Jerusalém em 70 dC. Gabriel identifica o carneiro e o bode, e dá mais Informação sobre Tito César, o chifre pequeno de Daniel 7 (v. 15-26). Em seguida, Daniel estava doente e exausto por vários dias, depois que ele se levantou e foi tratar dos negócios do rei. Que rei? O único rei em contexto é rei Belsazar, embora em Daniel 5 ele afirma ou finge não ter sido

pessoalmente familiarizado com Daniel. Podemos supor que Daniel ainda foi empregado pelo tribunal da Babilônia, mas tinha sido muito rebaixado. Talvez ele estivesse longe o suficiente, que o rei nem soubesse mais quem ele era, mas isso é improvável já que Daniel estava no poder quando Belsazar estava crescendo. A atenção e a razão é focada no serviço contínuo; embora tal governante gentio venha a oprimir o povo de Deus por um tempo, a resposta apropriada é para ser bons cidadãos, servir os reis, e esperar que o Ancião dos Dias venha dar o reino ao Seu povo quando Ele estiver pronto.

O sono profundo de Daniel

Aqui e em Daniel 10, descobrimos que quando mensageiros angelicais aparecem a Daniel, ele cai em sono profundo. Podemos perguntar por que deve ser assim, já que Isaías não caiu em tal estado em Isaías 6. Assim, quando o profeta cai no chão, e / ou entra em um estado de morte-sono, há uma razão para isso que está relacionado com a mensagem que o Senhor ou o seu anjo está entregando.

Tanto aqui como em Daniel 10-12, a mensagem é que, embora a restauração do cativeiro será uma maravilhosa nova oportunidade para o povo de Deus (um ponto feito em Ezequiel, com os quais Daniel era familiar), ao longo do tempo as coisas vão piorar. Eles vão piorar porque os judeus não permanecerão fiéis à sua vocação. Os judeus fiéis entrarão em um estado de morte, caindo no chão, entrando em sono profundo, e que necessitam ser levantados, restaurados, ressuscitados. O que acontece com Daniel é um sinal do que acontece com o povo.

O anjo que fortalece Daniel é Gabriel. Este nome vem do gibbor, "valente" e 'el 'Poderoso.' Gabriel significa 'Meu homem poderoso é O Poderoso'. O nome, obviamente, liga com o tema 'homem poderoso' em Daniel. É apropriado para o nome de um anjo que dá força ao Daniel fraco e à Israel fraco na nova era ou dispensação por vir, e que aparece a Maria e José em Lucas (o evangelho oikomene) para anunciar o nascimento de um mais poderoso.

A visão dos animais para o sacrifício

Para começar, é preciso notar que o carneiro e cabra ou bode, não são "bestas" ou animais selvagens, mas "gado" ou animais domésticos, e, em particular, eles são animais utilizados no sistema de culto levítico. O carneiro, é necessário para a oferta pela culpa, que é realizado para cobrir pecados de arrogância, pecados que em algum sentido colocar sangue nas mãos que precisa ser lavado. O bode é exigido de um oficial civil (daí, a partir de um rei) para oferta pelo pecado ou purificação, que é realizado para cobrir os pecados de peregrinação ("descuido"), pecados que em algum sentido colocar sujeira nos pés que precisa para ser lavado. (Lv 4-5). O ritual da Páscoa poderia usar um carneiro ou um bode que era um ano de idade (Êxodo 12:5).

Talvez mais importante, no entanto, é o que encontramos em Números 28-29, o que é que em cada ocasião importante festival, tanto um carneiro e um bode foram trazidos para o altar. Como já foi apontado por Rodriguez, isso é tudo relacionado com o "contínuo" dos versos 11-12. O contínuo, ou tamid, às vezes é tomada apenas por sacrifícios diários da tarde e manhã, e isso é realmente implicado no versículo 14 ("2300 tarde manhã"). Mas a palavra também é usada para todas as atividades diárias contínuas no lugar santo: o pão contínuo, o incenso contínuo, a lâmpada, e o fogo na altar.

Qual é a teologia por trás dessa imagem? É o seguinte: A chamada- de Israel era para orar e trazer ofertas a Deus em nome das nações do mundo. O boi foi particularmente para o Sumo Sacerdote e para Israel como um todo (Levítico 4). Mas as ofertas diárias e o ciclo anual contínuo envolve as nações do mundo. O significado é este: Enquanto os judeus são fiéis e oram pelas nações, oferecendo carneiros e bodes para os líderes imperiais, então eles vão ter bons carneiros e bodes como imperadores. Primeiro o carneiro da Pérsia viria e os livraria da Babilônia. Então, quando o carneiro tinha deixado de cumprir as ordens de Deus, um fanfarrão da Grécia surgiria e os entregaria para opressão persa (veja Zacarias 9:1-8). Mas, depois da libertação chegaria um

momento em que um governante mal, o chifre pequeno faria cessar de vez as ofertas contínuas. Tal chifre mal só pode ser Tito, o príncipe que destruiria a cidade e o santuário, porque ninguém mais na história se encaixa nessa descrição, se não aquele que destruiu o sistema judaico, mudando os tempos e a Lei.

Portanto, para os detalhes. Primeiro vemos que o carneiro estava diante do rio Ulai. Isto é onde Daniel estava de pé, e onde o "Homem" (Deus) está localizado. O carneiro está perante o Senhor para receber suas ordens de marcha. Isto se encaixa bem com Ciro, um crente convertido que procurara obedecer ao Deus Altíssimo. Além disso, em pé diante do Ulai implica que o carneiro está prestes a tomar a cidade de Susã.

Os dois chifres são, obviamente, Média e da Pérsia, a força superior é Pérsia. O carneiro se move para o norte, sul e oeste, e derrota todos os pequenos animais (nações). Mas algum tipo de queda é indicado pela frase "se fez grande". O carneiro, eventualmente o rei da pérsia, torna-se muito orgulhoso, muito vaidoso, e deve ser julgado.

O versículo 5 parece indicar uma passagem de tempo. "Quanto a mim, eu estava pensando" nos lembra "Eu estava procurando" em Daniel 7. Algo muito novo acontece agora: o novo poder vem do oeste. Isto nunca aconteceu antes. Israel sempre foi o poder a oeste, com o mar Mediterrâneo em sua borda. Toda a história anterior foi envolvida com o norte, sul (Egito), ou leste. A cabra, o leopardo, traz algo muito novo: a potência do oeste. No Tabernáculo e Templo, o Santo dos Santos e o Trono de Deus ficam localizados na parte mais ocidental do complexo. O poder do oeste foi enviado por Deus.

Ele voa pelo ar, como o leopardo alado de Daniel 7, que por sinal deixa claro que a terceira besta de Daniel 7 é a Grécia. Os olhos do bode são mencionados, com um chifre notável entre eles (v. 5). Os olhos são para ver, para julgamento, a cabra, ao que parece, vem como um juiz. O chifre notável do bode é mais poderoso do que os chifres gêmeos do carneiro (v. 6-7). A raiva desse novo império é interessante, porque na verdade a razão de Alexandre atacar e conquistar a Pérsia é porque a

Pérsia por duas vezes tentou conquistar a Grécia (sob Dario e sob Xerxes). A fúria do bode é a ira de Deus, a ira de Deus sobre os persas que se afastaram de guardar e ajudar seu povo.

Não havia nada nem ninguém que pudesse livrar o carneiro da cabra, assim como não houve ninguém para livrar os bichinhos do carneiro. Neste contexto significaque Deus se recusou a livrar. Tudo isso é sobre governo oikomene de Deus, e como nabucodonozor aprendeu, Ele dá a quem Ele quer. No versículo 8 vemos que o bode, um rei indivíduo (Alexandre, v. 21) fez-se muito grande. Mais uma vez, arrogante orgulho aflige o poder, e ele será quebrado no meio de sua força.

O cumprimento histórico em Daniel 8

Para se compreender bem a visão de Daniel 8 e o que nela nos é comunicado, é necessário primeiramente atentar em quatro pontos relevantes na visão, os quais lhe completam todo o sentido; e são eles:

1 Quantas potências a visão contempla.
2 A forma característica de identificar as potências pela região geográfica, acompanhando-a no seu crescimento.
3 Em que tempo a visão é contada e se cumpre na história.
4 E a conexão de Daniel 8 (no período e nos eventos) com o restante do livro, ou seja seu contexto geral.

Por isso, precisamos estudar particularmente cada ponto para se absolver o máximo do que nos fornece a visão.

O primeiro fator a se observar em Daniel 8:

1. Quantas potências são anunciadas na visão?

Embora pareça de pouca importância, mas a visão de Daniel 8 é seletiva na sua abordagem, apresentando unicamente 3 potências em toda a sua

narrativa. E, duas dessas potências são representadas por animais e seus chifres por reis.

O primeiro império na visão é representado pelo "carneiro de dois chifres"; o segundo império é representado pelo "bode com um chifre notável"; Depois disse vemos o surgimento de "um chifre pequeno" ou "ponta mui pequena".

O "carneiro de dois chifres" é o império Medo-Persa (Daniel 8:1-4); dois países (dois povos): medos e persas, formando um império único, apesar de serem dois reis; mas eram unidos.

O "bode c/ um chifre notável" representa o império Grego (Daniel 8:1-4). E, o primeiro (e notável) chifre (do bode) representou unicamente o homem: Alexandre Magno - primeiro rei do império grego: que aliás, é quem obtém todas as grandiosas conquistas no mundo conhecido para a Grécia. Após a morte de Alexandre, seu vasto império se divide em quatro partes entre 4 de seus generais; e quatro reinos gregos emergem do reino de Alexandre, para norte, sul, leste, oeste, cada um com seu rei, representado pelos chifres.

E, a "ponta" ou "chifre pequeno" – a qual, vem representar um homem, um rei (da mesma forma que o chifre notável do bode (Daniel 8) tenha representado unicamente o homem: Alexandre, o Grande (primeiro rei grego). Assim, o chifre pequeno (em Daniel 8) representa (um homem) e esse chifre pequeno tornar-se-á grande, e surgirá de uma dos 4 ventos (ou seja a posição geográfica) nas quais se dividira o império grego de Alexandre. (Dn. 1:9-14)

Segundo fator a se observar:

2. A geografia: a latitude, longitude e altitude empregadas na visão; e a identificação de cada potência pela região geográfica; o comportamento e crescimento destas, e a direção desse crescimento. E duas potências são identificadas: Medos e Persas, e Grécia; deixando em aberto apenas a revelação da última potência.

A visão - a primeira potência em sua região geográfica: Média e Pérsia

Daniel 8:1-4
No tempo da Babilônia, no terceiro ano do rei Belsazar – o profeta Daniel (um judeu cativo na Babilônia) teve uma visão profética acerca de impérios e potências mundiais; e, na visão, ele se via estar na cidadela de Susã (província de Elão) diante do rio (Média/Pérsia).
E Daniel vê diante do rio Ulai, um feroz carneiro de 2 chifres grandes, um dos quais era mais alto, e esse subiu por último. E viu que o carneiro dava marradas ao ocidente, ao norte e ao sul; e não havia animal que pudesse resistir ao carneiro.
O carneiro c/ 2 chifres representa o império Medo-Persa; suas marradas a ocidente, norte e sul – demonstram certo crescimento do império (Medo-Persa) nessas 3 direções: norte, sul e ocidente. Babilônia e Israel ficavam exatamente a ocidente da Média/Pérsia. Explicação é encontrada ais a frente em 8:20: "O carneiro que viste tendo dois chifres é o rei da Média e da Pérsia".

A visão começa por identificar a região geográfica "cidadela de Susã", que se situava na Média; esse ponto já indicava a região, como a futura a elevar-se império mundial pós Babilônia – pois Daniel 8 identifica suas potências na sua região geográfica.
Esses são os detalhes (em Daniel 8) quanto à primeira potência abordada: Medos e Persas.

E os poucos detalhes aqui apresentados, nos serão preciosos para mensurarmos em futuro os eventos desencadeados na visão, à medida que adentramos na continuidade e compreensão da mesma; aguardemos.

Média e Pérsia antes de elevar-se a um império mundial as setas ao norte, sul e ocidente mostra a direção às "marradas" do carneiro.

O Carneiro de 2 chifres representa o império Medo-Persa

Império Persa (abaixo) após a conquista de Babilônia, Israel, Egito e, após crescer para ocidente e sul e norte:

A segunda potência da visão: a Grécia na sua posição geográfica

Daniel 8:4-8
Estando Daniel a considerar o carneiro, eis que vinha um bode, do ocidente, por toda a terra, mas sem tocar o chão; e o bode tinha um chifre notável entre os olhos; e dirigiu-se contra o carneiro no ímpeto de sua força e quebrou-lhe ambos os chifres, e o lançou por terra e o pisou a pés. E o bode engrandeceu-se sobremaneira, mas, estando na sua maior força, aquele notável chifre é quebrado; e em seu lugar sobem quatro chifres, também insignes, para os quatro ventos do céu. (Daniel 8:5-8)

O bode representa o império Grego; o primeiro e notável chifre foi Alexandre, o Grande; que vence os persas em batalha e conquista todo o seu domínio, e Egito, chegando-se até a Índia. A explicação pode ser encontrada em 8:21: "E o bode bruto é o rei da Grécia ; e o grande chifre que está entre os olhos é o primeiro rei" .

Alexandre realizou os planos de seu pai, o rei Filipe da Macedônia, e uniu os gregos, tornando-se o primeiro rei de uma Grécia unida; depois que ele conquistou a Media-Pérsia.

"Do ocidente" (donde vinha o "bode") significa que tal potência (Grécia) se localizava a ocidente do império Medo-Persa.

E, "vindo por toda a terra, mas sem tocar o chão" demonstra a extrema rapidez com que Alexandre obteria suas conquistas (em apenas dez anos ele conquistaria da Macedônia à Índia); e, o "ter sido quebrado na sua maior força", mostra a morte de Alexandre bem no seu auge, mas também repentina. E, os "4 chifres que se levantam em seu lugar" aponta a divisão do império grego em 4 porções; e 4 reinos emanam-se da mesma nação, não com a mesma força. E "os 4 ventos" sinalizam as 4 direções (norte, sul, leste e oeste) nas quais o império cresceria. A explicação se encontra em 8:22: O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, [Depois que Alexandre morreu seu império foi finalmente dividido em quatro reinos em algum lugar por volta de 278 aC] significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele."

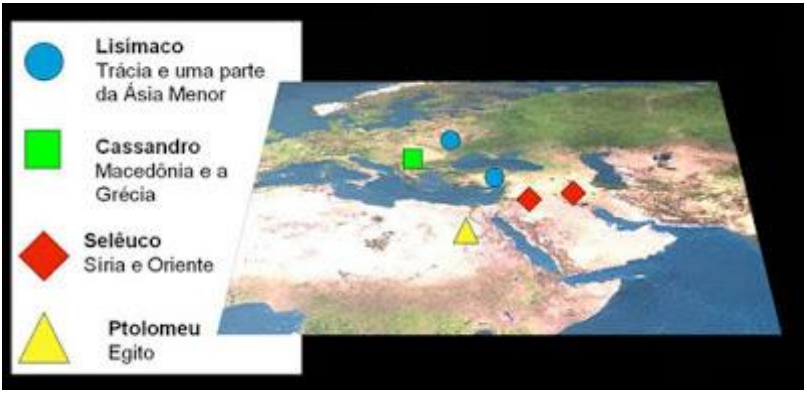
A profecia diz-nos que o império de Alexandre será dividido em quatro partes e, em seguida, salta imediatamente para o tempo do fim o o mesmo período que aparece o rei feroz do Norte (Dn. 11).

Extensão do Império conquistado por Alexandre

Extensão do império de Alexandre o grande

Alexandre, vem do ocidente (em relação a Pérsia) conquistando todo o domínio Persa, e c/ sua morte, seu vasto império é dividido em 4 partes, as quais crescem ao norte, sul, leste e oeste.

Divisão do império grego em 4 reinos



É bom ressaltar que até essa parte do texto todas as linhas interpretativas estão de acordo.
As diferenças na interpretação começam a partir do v.9.

A terceira potência; O chifre pequeno na geografia oikomene

Diz a profecia: Daniel 8:9
"E de uma delas saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa."

Aqui se necessita observação:
Quando na profecia é dito: "E de uma delas saiu um chifre muito pequeno" o enfoque aqui é geográfico, é da região (de uma delas); e não, no período cronológico e do tempo, muito menos de um dos chifres.

A palavra chifre apresentadas em algumas traduções não existe aqui. A tradução correta do início do v. 9 (ou seja, "de um deles"), sugere que o

chifre pequeno sairia de um dos 4 "ventos" (é só ler o final do v. 8), ou seja, de um dos 4 pontos cardeais.

Então, "de uma delas", ou seja, de um dos 4 pontos cardeais saiu um chifre muito pequeno. Essa interpretação é confirmada no verso 22 e 23.

O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele. Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações.
Daniel 8:22,23

Quatro reinos se levantarão da mesma nação - Repare que apenas 4 reinos se levantam da mesma nação (Grécia), excluindo assim o chifre pequeno, pois o chifre pequeno não faz parte do reino da Grécia. Os quatro reinos são: Egito, Síria, Macedônia e Ásia Menor. Os representantes destas realezas foram: Ptolomeu, Seleuco, Antípater e Filétero. Observe que os chifre representa os representantes cada um desses quatro reinos, isto é, os chifres não representam reinos, mas o governante desse reino.

Mas, no fim do seu reinado... se levantará um rei - Como vimo o chifre pequeno não faz parte da mesma nação (Grécia) dos 4 chifres que surgem no bode. Esse chifre pequeno surge de uma nação posterior à Grécia. ou seja Roma.

O comentarista Judeu Rashi sobre este verso, comenta de forma bastante interessante:
"E de um deles: e de um desses reinos. surgiu um chifre: O reino de Tito emergiu dele".

As descrições permanecem as mesmas como têm sido ao longo do livro. No entanto, uma curva acentuada centra-se no “chifre pequeno” que vem “dos quatro” e os “quatro ventos dos céus”. Esta linguagem inequivocamente nos chama de volta ao capítulo sete - “uma visão” - e as “quatro bestas” que subiram do mar agitado “para os quatro ventos do

céu" (7,2). De um destes quatro animais, um "chifre pequeno" vem para cima e pisa toda a terra. Não pode haver dúvida de que essas duas visões estão conectadas, e que o "chifre pequeno" aqui é uma e a mesma coisa que o "chifre pequeno" lá.

Daniel 8:9 E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muitopara o sul, e para o oriente, e para a terra formosa.

Um "chifre muito pequeno": um homem; um alguém, um rei (não um império). O chifre pequeno de Daniel 8 é o mesmo de Daniel 7, Tito César é o chifre pequeno.

O qual cresceu muito para o sul [Egito], e para o oriente [Síria], e para a terra formosa [Jerusalém]; Também aqui é na geografia: pela influência, pelo poder.

Para o Sul [Egito] e para o oriente [Síria] - Vespasiano e Tito invadiu a Judeia no início de 67 dC por ordem de Nero. Quando Nero morreu em 68 dC, a campanha Flaviano contra os judeus foi colocada em espera quando o império foi convulsionada por guerras civis internas. Em 69 dC, Vespasiano e Tito foi para o Egito para adquirir suas "coisas preciosas" (Dn. 11:43) para ajudar a financiar sua aquisição ao Império Romano. Vespasiano tornou-se o único imperador de Roma em Dezembro de 69 (o ano de quatro imperadores). No início da primavera de 70 dC, Tito invadiu a Terra Santa uma segunda vez (como seu pai preparado para ir a Roma) para terminar a sua aniquilação da nação judaica.
A busca de Vespasiano e Tito em assumir o Império Romano não foi nenhum projeto pequeno. Os "tesouros de ouro e prata" (v. 43) do Egito foram necessários para financiar a aquisição Flaviana ao império. O Egito foi, naturalmente, parte do Império Romano, neste momento (Ti. Julio Alexander foi o prefeito romano), mas tinha que ser protegido como um Flaviano aliado, e de fato era. O Egito foi o primeiro lugar onde Vespasiano foi proclamado imperador (em 1 de Julho, 69 dC). Além de sua riqueza monetária, a oferta de alimentos do Egito também realizou um interesse especial de Vespasiano e Tito. Junto com a

província da África (a área da Tunísia e W. Líbia), o Egito foi uma importante fonte de grãos para Roma. Uma das estratégias Flaviana primárias em assumir o império era controlar o fornecimento de alimentos que veio dessas áreas para que os romanos pudessem morrer de fome, caso necessário. Jaqueles descreve a importância do Egito na busca Flaviana em assumir o Império Romano.

"Antes do final do mês [Julho de 69 dC] a conferência foi realizada no Berytus, [Beirute], onde foi decidido que [o general] Mucianus deve liderar as forças contra Vitélio, que Vespasiano deve mover-se para o Egito com o objetivo de ganhar o controle dos embarques de grãos em caso fosse necessário a Itália morrer de fome em rendição, e que Tito deve assumir o controle da guerra Judaica (Tácito, As Histórias 2,82). Durante os meses restantes de 69 dC, Vespasiano e Tito passaram dois a três meses na Síria e na Palestina organizar assuntos a sua satisfação. Parece que a Tito foi dado o controle total de ambas Judeia e Síria [naquela época]. . . Até o final de 69 dC, Vespasiano e Tito foram em Alexandria [Egito], planejando um bloqueio de Roma e uma invasão a África por terra e mar para ganhar controle completo da oferta de grãos (Tácito, As Histórias 3,48)."

Para a terra formosa [Jerusalém] - Daniel 8:9 diz que o chifre pequeno iria crescer para o sul e para o oriente e por fim para a terra formosa: Observe como isso se encaixa na campanha de Tito durante a guerra dos judeus:

1.) invadir a Terra Santa de um país distante do Egito;
2.) e garantir suas coisas preciosas;
3.) e do Egito, invadir a Terra Santa e sitiar Jerusalém. Com esses detalhes em mente considerar resumo de Josefo que Vespasiano e Tito fez durante a campanha contra as posições fortificadas dos judeus nos anos de 67-70 dC.

"[Neste livro eu vou contar] como eles [os judeus] e suas cidades vizinhas fortificadas; como Nero enviou Vespasiano com o comando supremo da guerra; da invasão do território judeu por Vespasiano e seu

filho mais velho filho [Tito] . . . Vou seguinte dizer da morte de Nero no momento em que as fortunas dos judeus estavam se deteriorando; como antecedência de Vespasiano em Jerusalém foi desviada pela chamada à dignidade imperial; os presságios de sua elevação, e as revoltas em Roma; seu ser proclamado imperador pelas suas tropas contra a sua vontade; a luta do partido entre os judeus seguintes sua partida para o Egito para resolver os assuntos do Império; . . . Vou então proceder para descrever a segunda invasão do nosso país por Tito, do Egito."

Como vimos acima, Vespasiano e Tito invadiu a Judeia no início de 67 dC por ordem de Nero. Quando Nero morreu em 68 dC, a campanha Flaviano contra os judeus foi colocada em espera quando o império foi convulsionada por guerras civis internas. Em 69 dC, Vespasiano e Tito foi para o Egito para adquirir suas "coisas preciosas" (Dn. 11:43) para ajudar a financiar sua aquisição ao Império Romano. Vespasiano tornou-se o único imperador de Roma em Dezembro de 69 (o ano de quatro imperadores). No início da primavera de 70 dC, Tito invadiu a Terra Santa uma segunda vez (como seu pai preparado para ir a Roma) para terminar a sua aniquilação da nação judaica.

O chifre pequeno em Daniel 8 é Tito César

Vimos que o chifre pequeno de Daniel 7 é Tito César, o décimo primeiro imperador de Roma. A questão diante de nós agora é se o chifre pequeno de Daniel 8 tem o mesmo significado. Dada a identificação em Daniel 7, devemos entreter continuidade do que significa em primeiro lugar, e só abandoná-la caso seja impossível.

Muitos expositores cuidadosos identificaram o chifre pequeno de Daniel 8 com Antíoco IV Epifânio, cuja carreira ímpia vamos considerar, no entanto, temos a carreira de Tito. Eu acredito que Tito está novamente em exibição em Daniel 8.

Para começar, notamos a declaração da passagem de abertura: "No ano terceiro do reinado do rei Belsazar apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio". A segunda

metade desta frase é totalmente supérflua, se tudo o que se destina a fazer é dizer-nos que esta era uma outra visão. Nós já sabemos que Daniel recebeu uma visão, no primeiro ano de Belsazar (Daniel 7), então obviamente essa visão veio depois daquela. Assim, a inclusão da declaração "depois daquela que me apareceu no princípio" está incluído por outra razão, o que parece ser uma ligação entre as duas visões. Esse link serve para destacar algo que devemos pensar de qualquer maneira, que o pequeno chifre nesta segunda visão é provavelmente o mesmo que o pequeno chifre em Daniel 7.

Em segundo lugar, o chifre pequeno de Daniel 8 é dito surgir no "tempo do fim", o tempo final da era judaica (8:17). Esta profecia é dita para acontecer "no último tempo da ira, pois isso pertence ao tempo determinado do fim" (8:19). É "após o término do reino da Grécia (o reino romano do cap 7), quando os apóstatas/revoltosos estão chegado ao máximo" (8:23). Agora, a plenitude da revolta judaica não veio até 66 dC, quando os judeus iniciaram sua rebelião contra roma; veremos que a chegada de Tito deve ser precedida pela apostasia. Vemos isso também em 11:36, onde lemos a respeito de Tito "e ele vai prosperar até que a ira se complete."

Além disso, em terceiro lugar, em Daniel 9:24, alguns anos mais tarde, a Daniel será dito: "Setenta semanas foi decretado sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade..." Não pode haver dúvida razoável que Daniel 9:24-27 está preocupado com os eventos no final da antiga dispensação ou era; os acontecimentos em torno da vinda do Messias e a destruição de Jerusalém em 70 dC. Este é o momento do "climax" da apostasia, e, certamente, é ao mesmo tempo como 8:23 do "quando os apóstatas estão chegado ao máximo."

Em quarto lugar, Daniel 11:35, diz que o sábio vai tropeçar, a fim de ser purificado, "até ao fim do tempo". Assim, o tempo do fim não acontece nos dias de Antíoco, mas depois. A carreira de Antíoco não cumpre todas as coisas previstas aqui. O tempo do fim é claramente o final da era ou dispensação, e na verdade de toda a velha criação; é o momento em que o Ancião dos Dias vem e os santos receberão o reino.

Pode ser perguntado: Por que não vemos uma Besta/Animal aqui mas um chifre pequeno? É por que Tito é o rei que está representando Roma, ele é o foco da visão. Esse é o mesmo chifre pequeno da quarta besta de Daniel 7 que é Roma, sendo assim Tito César é o rei que representa o Império romano que conquistou o Sul, o Oriente, e a Terra formosa (Jerusalém).

Agora cabe notar alguns princípios que possibilitam a interpretação nas visões de Daniel 7 e 8: os animais (bestas) tanto em Daniel 7 quanto Daniel 8 representam o império em si (cada animal representando um império), enquanto os chifres representem reis; o chifre pode ser somente um rei, ou o rei representante de um império: isso ocorre-se no Bode de 1 chifre (o animal era o império grego) e o primeiro chifre notável (era apenas o primeiro rei grego, o homem Alexandre Magno); já os demais chifres (do bode) representavam tanto os 4 generais de Alexandre (4 reis) que dividem o império, como também seus respectivos reinos (quatro reinos) c/ toda a linhagem sucessiva.

Já o carneiro de dois chifres (o animal representa o império em si. Enquanto os dois chifres (do carneiro) representavam dois reis que são representantes do reino Medo e reino Persa c/ todos os reis (na linha sucessiva).

Assim também, a ponta muito pequena (chifre muito pequeno) não pode ser um império propriamente (pois não é um animal); mas é um homem (um rei) e seu reino (no império vigente de sua época), ou seja Roma representado por Tito.

3. Em que tempo a visão é contada, e suas potências se cumprem na história?

Esse é outro fator sobremodo importante: o tempo da visão; ou seja, em que período da história as potências e impérios contemplados na visão se cumprem? A visão abrange a história de modo geral? - Não! Não abrange!

Daniel 8 é uma visão profética dos poderes e potências mundiais; impérios. Mas não durante toda a história até nossos dias; porque a visão é seletiva e paralela a Daniel 9 (e totalmente subordinada a seu período histórico e profético); cobrindo rigorosamente e seletivamente apenas impérios (e poderes) a se elevarem no mundo durante o período histórico de contagem das 70 semanas determinadas sobre Jerusalém e os judeus.

Por isso envolve unicamente a três impérios mundiais Medo-Persa e Grécia, Roma (representada por Tito César) não indo mais além - os quais, Medo-Persa, Grécia e Roma se cumpriram (elevando-se, mantendo-se e declinando-se) durante o respectivo período de contagem das 70 semanas determinadas sobre Jerusalém e os judeus, a partir da ordem da restauração da cidade, até o Messias e a destruição de Jerusalém (e aqui se iniciava também essa visão de Daniel 8 - para cobrir suas potências); época quando se iniciava o império medo-persa (após conquistar Babilônia); por isso mesmo a visão contempla Medos-Persas - porque o império se inicia conjunto à contagem histórica das 70 semanas determinadas sobre Jerusalém e os judeus, ou seja, se inicia no mesmo ano em que a contagem profética se inicia - pois a visão aborda somente as potências dentro desse período.

O mesmo se dá também ao império grego, e ao chifre pequeno (da qual trataremos mais tarde).

Assim, as 3 potências contempladas na visão (de Daniel 8) se cumprem estritamente dentro do período profético e histórico das 70 semanas em seus EXATOS 490 anos, 7 semanas e 62 semanas (desde a saída da ordem p/ se restaurar e edificar Jerusalém - até o Messias) e o chifre pequeno, o príncipe que há de vir para destruir Jerusalém, é o representante do império que está em vigência durante três anos e meio (segunda metade da última semana) ou seja Roma.

Em suma, é uma visão paralela e totalmente interligada a Daniel 9; tendo como divergência (uma da outra) apenas o foco de abordagem: Daniel 9 retrata a história dos 490 anos com foco nos principais eventos que dar-

se-ão em Jerusalém durante as 70 semanas de anos; Daniel 8, cobre tão somente esse mesmo período, mas com foco aos eventos mundiais.

É por isso, que a visão embora ocorrida ainda no império da Babilônia (terceiro ano do rei Belsazar), não visualiza, não menciona Babilônia, nem mesmo a invasão Medo-Persa sobre Babilônia; mas, visualiza o (vindouro) império Medo-Persa (apenas se erguendo-se; mas não o vê guerreando contra a potência anterior, Babilônia; sendo que a visão antecede a invasão Medo-Persa contra Babilônia); e a visão (que se inicia nos Medos-Persas) passa depois à Grécia (e retrata a guerra Grego-Persa, e a vitória Grega sobre os persas). Mas ignora completamente a guerra e a vitória Medo-Persa contra os caldeus (Babilônia) - porque não vê império algum (nem poder) senão aqueles dentro do período profético e histórico das 70 semanas determinadas sobre Jerusalém e os judeus.

Percebemos que a profecia não descreve o surgimento do império romano, mas apenas o período onde o chifre pequeno está atuando, mas ainda assim dentro da septuagésima semana.

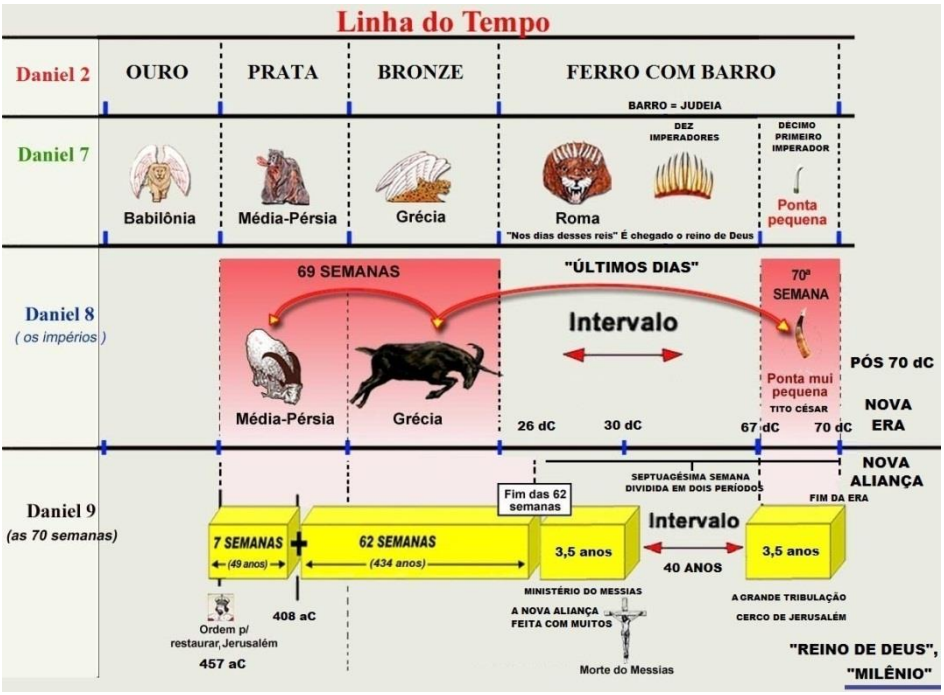
A profecia apresenta características próprias tanto dos Medos-Persas quanto da Grécia. E, após detalhar a divisão Grega em 4 partes aos 4 ventos (pontos cardeais), se detém na divisão grega, não indo mais além, nem vendo o erguimento de Roma.

E, após Grécia, realiza verdadeiro salto no tempo e na história para descrever outra potência mundial dentro da visão: o chifre pequeno (Tito César) - a qual se levantará - geograficamente - de um dos quatro ventos do céu (mas não durante o império grego nem de imediato a ele, nem da dinastia de um dos quatro chifres) porque o chifre pequeno só governará durante a última metade semana da profecia de Daniel 9.

Porque a visão é seletiva, se cumprindo apenas durante as 70 semanas determinadas sobre Jerusalém e os judeus. Não cabe aqui um império romano papal, nem um futuro império romano revivido do Anticristo

como alguns sugerem por ai. Não dá pra esticar essa profecia além do 1 século.

É como se a visão "despertasse" na época de Medos e Persas (vendo-o levantar-se), e passasse a Grécia; destacando-se os fatos principais de ambos; e demarcando ambos impérios e seus territórios, e "dormitasse" em fim do período grego só "despertasse" novamente ao surgir o chifre pequeno (durante a segunda metade da 70ª semana da profecia).



E agora o quarto fator a se levar em conta:

4. A conexão entre Daniel 8 com Daniel 7, 9, 11 e 12

A visão de Daniel 8 apresenta os impérios Medos-Persas e Grécia, e o chifre pequeno como animais e chifres.

Daniel 11 mostra também (sem desvio de propósito) tão somente aquilo que é mostrado em Daniel 8), ou seja, as mesmas potências (que em Daniel 8) são representadas por um carneiro, um bode e um chifre pequeno, mas não as apresenta na forma de animais e chifres; senão por meio de um reino enigmático chamado de rei do sul e rei do norte (esse último) de onde deriva-se o chifre pequeno (Tito César).

Em Daniel 8 no tempo do fim, o chifre pequeno surgiria (geograficamente) de uma das 4 partes da divisão grega. Em Daniel 11, no tempo do fim, o rei do norte [romanos] fará guerra contra o rei do Sul [Judeia].

Veremos porém em Daniel 11 que não fala nem de animais nem de chifres (grandes ou pequenos); É a mesma cena de Daniel 8 (e isso é muito importante se entender) contado de outra forma; através dos reis.

E a visão se inicia pelo império Medo-Persa (o mesmo que Daniel 8) e conta quantos reis que a Pérsia ainda teria depois de Ciro (porque a visão acontece no 3º ano de Ciro:
Dn. 10:1); e diz qual seria o rei persa (o 4º rei depois Ciro) o qual suscitaria todos contra o reino da Grécia (Dn. 11:1-2). E a visão prevê a vitória Grega (depois do 4º rei persa suscitar a todos contra o reino da Grécia), e prevê o levante do primeiro rei grego: Alexandre Magno - quando diz:
"Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver." (Dn. 11:3)

Esse rei valente era Alexandre Magno - primeiro rei grego; e, estando ele em pé, o seu reino será quebrado, e repartido aos quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o domínio com que reinou, porque o seu reino será arrancado, e passará a outros que não eles. (Dn. 11:4)

Eles são representados nas quatro cabeças do leopardo que Daniel no capítulo 7:

“ Depois disto, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.”

Até aqui (Daniel 11:4), a visão fala bem resumidamente dos dois únicos impérios (que também são mostrados em Daniel 8): Medos-Persas e Grécia e partir do v.5 Roma é o império representado pelo rei do Norte após dominar os Seleucidas e penetrar na Palestina, “a terra gloriosa” em 63 a.C.

Aqui o reino do norte e o reino do sul é um termo enigmático (não geográfico) sendo representados como: Roma (Reino do Norte) e Jerusalém (Reino do Sul)

E o tal chifre pequeno (de Daniel 8) aqui (em Daniel 11) é apenas um homem; um rei (Tito César) do reino do norte (Roma); que virá caladamente e tomará o reino com engano, conforme diz:

"Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano." (Dn. 11:21)

Essa cena é descrita em Daniel 7 da seguinte forma:

7:8 Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados...

7:20 E também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subiu, e diante do qual caíram três...

7:24 E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.

Três Imperadores, Galba, Otho e Vitélio foram assassinados para dar lugar a Tito, que não estava na linha de sucessão, mas foi declarado imperador juntamente com seu pai Vespasiano.
E, o tal homem vil (em Daniel 11:21) é quem terá (em Daniel 11:28) seu coração contra a santa aliança (Antigo Pacto) e fará o que lhe aprouver.

Dn 11:28 Então tornará para a sua terra com muitos bens, e o seu coração será contra a santa aliança; e fará o que lhe aprouver, e tornará para a sua terra.

Essa cena também é descrita em Daniel 7 da seguinte forma:

Dn 7:25 ... e cuidará em mudar os tempos e a lei...

Com a destruição do Templo veio o fim da era judaica, e o fim da era da Lei Mosaica, a destruição do templo está ligada à "Cuidará em mudar os tempos e a lei".

Sulpício Severo registra o desejo de Tito durante a Guerra Judaica de pôr fim à Religião dos Cristãos e dos Judeus, Tito pretendia realizar isto destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e cristãos : Pois, embora essas religiões são conflituosas, eles ainda desenvolveram a partir das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: Com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpício Severo diz o seguinte em Crônica 2:30.7).
Até por fim (em Daniel 11:31) profanar o santuário retirar o contínuo sacrifício e estabelecer a abominação desoladora:

Dn 11:31 E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora.

Dn 9:26 ...e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações.
27 ...e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

Bom até aqui acompanhamos um pouco na visão em Daniel 7, 9 e 11 – só para checar sua conexão c/ Daniel 8 – quanto ao chifre pequeno (Dn. 8:9-14) da qual se diz assim:

Daniel 8:9-12
"E de um deles saiu um chifre muito pequeno (Tito César, o último governante da quarta besta), o qual cresceu muito para o sul [Egito], e para o oriente [Síria], e para a terra formosa [Jerusalém]. E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou. E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou."
Nos interessa por agora somente essas partes:

- Se engrandeceu até contra o exército do céu;
- E a alguns do exército e das estrelas deitou por terra e os pisou;
- E se engrandeceu até o Príncipe do exército e por ele é tirado o sacrifício contínuo e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.
- E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo por causa da transgressão, e lançou a verdade por terra e o fez e prosperou.

Vemos tudo isso que há de ser feito pelo Chifre Pequeno (de Daniel 8):

Dn 8:10 E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou.

Isto é altamente enigmático. O chifre cresce em seu poder e ataca o chefe do exército (exército - uma frase comum no hebraico). Agita-se

uma queda na terra (assumidamente Judá) em relação a alguns do exército e até mesmo as estrelas (os santos) E atropela ambas. Essa é uma referência a perseguição dos santos realizada pelo chifre pequeno, Tito César, que também é descrita em Daniel 7:21-22, 25.

Tito "fez guerra" com os santos e prevaleceu contra eles? Se por "santos" Daniel significa judeus, então a resposta óbvia é sim; Mas é claro aqui que os "judeus" não podem ser intencionados, se quisermos levar esta profecia como correta, já que os judeus, de modo algum, vieram possuir um reino. Por outro lado, como devemos argumentar, isso faz sentido se os santos são interpretados como os cristãos.

Mas então a questão é: "A guerra foi feita aos cristãos? Esta era uma guerra contra os judeus!" Foi realmente o foco principal - mas há evidências de que os cristãos foram alvo aqui também. Um fragmento das Histórias de Tácito , agora preservadas para nós apenas por Severo, fala de deliberações de Tito quanto a destruir o templo judaico. No final, ele decide fazê-lo, porque, embora as duas religiões estivessem em conflito, "eles se desenvolveram das mesmas origens. O cristianismo surgiu dos judeus: com a raiz removida, o ramo é facilmente morto".

Se isso é certo, os cristãos eram um alvo real, ainda que secundário, dos romanos no ataque bem sucedido em Jerusalém. (Josefo também relata essa conversa, mas não menciona os cristãos - Guerra 6.4.3.)

Daniel 8:11 E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.

E se engrandeceu até contra o príncipe do exército - Evidências do cumprimento deste fato podem ser encontradas em escritos rabínicos que atribuem incríveis blasfêmias a Tito quando ele destruiu o Templo (por exemplo, alegando que ele havia matado sozinho o Deus de Israel.) Veja Talmud Babilônico, Gittin 56b.

. . .e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Daniel 7:8

. . . daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros.
Daniel 7:20

E proferirá palavras contra o Altíssimo...
Daniel 7:25

Em Gittin 56b do Talmude babilônico , Tito é registrado como tendo dito e feito o seguinte ao estabelecer as insígnias idólatras no templo em Jerusalém:

Vespasiano enviou Tito, que disse: "Onde está o seu Deus, a rocha em quem eles confiaram?" Este era o ímpio Tito que blasfemava e insultava o Céu. O que ele fez? Ele tomou uma prostituta pela mão e entrou no Santo dos Santos e espalhou um rolo da Lei e cometeu um pecado nele. Ele então pegou uma espada e cortou a cortina. Milagrosamente o sangue jorrou, e ele pensou que tinha matado o próprio Deus, como diz: "Os teus adversários rugiram no meio da tua assembléia, puseram as suas bandeiras para os sinais. [. . . . Tito tomou ainda a cortina e moldou-a como uma cesta e trouxe todos os utensílios do Santuário e colocá-los dentro dele, e então colocá-los a bordo do navio para ir e triunfar com eles em sua cidade.

Este, porém, não é o único caso registrado em que Tito falou e agiu blasfemamente contra Deus. Enquanto estava de volta a Roma, Gittin 56b do Talmud babilônico também registra Tito emitir o seguinte jactancioso desafio ao Deus de Israel: "Se ele é realmente poderoso, venha para a terra seca e lute comigo". Desafio blasfemo, pode-se apreciar como Tito realmente "falou contra o Altíssimo" com "uma boca que falou jactanciosamente" como previsto.

Sulpício Severo registra o desejo de Tito durante a Guerra Judaica de pôr fim à Religião dos Cristãos e dos Judeus, Tito pretendia realizar isto destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e cristãos : Pois, embora essas religiões são conflituosas, eles ainda desenvolveram a partir das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: Com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpício Severo diz o seguinte em Crônica 2: 30.7).

Tito foi parcialmente bem sucedido. Embora Tito tenha terminado a prática plena da Lei de Moisés para sempre destruindo o Templo, suas tentativas de aniquilar o Cristianismo foram infrutíferas. Confira por exemplo Apocalipse 17:14

Por ele foi tirado o sacrifício contínuo - O "contínuo" é geralmente entendido como a "oferta contínua (s)" do arranjo diariamente no Templo em Judá (durante todo o Livro dos Números esta palavra é usada). O santuário é destruído, e os arranjos diários de dentro são levados como despojo. Isto veio a ser cumprido a risca em 70 dC, quando o príncipe que há de vir, o chifre pequeno, o rei do norte, Tito destruiu o templo em Jerusalém fazendo com que os sacrifícios cessassem de uma vez por todas.

Santuário foi lançado por terra - Isso aqui se refere literalmente sobre destruição do templo no ano 70 dC, não seria deixado pedra sobre pedra, segundo foi predito por Jesus em seu sermão escatológico, conforme Mateus 24:3 e 24:34. Daniel recebe a informação que a cidade e o povo serão novamente tomados; no capítulo 9 veremos que isso acontece durante a segunda metade da 70ª semana (3,5 anos ou 42 meses) .

Daniel 8:12 [ACF] E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou.

Um exército foi dado contra o sacrifício contínuo - Aqui temos a descrição de um exército que é dado contra o sacrifício, como mencionado acima, o sacrifício cessou quando o templo e a cidade foram destruídos. Jesus anunciou a chegada desse exército como sendo a abominação da desolação (cf Mt 24:15, Lc 21:20).

A abominação da desolação em Daniel é encontrado também em Daniel 9:27; refere-se à chegada de Tito e os romanos em fevereiro de 67 dC: "... E sobre a asa das abominações virá o assolador. Até à consumação, o que é determinado, é derramado sobre o assolador." A vinda do desolador resultaria na destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26). Esta abominação da desolação envolveria a chegada do "príncipe que há de vir" (Dn. 9:26) e marcaria o início da última metade da septuagésima semana de Daniel (cf. Dn. 7:25). Isso também é descrito como a vinda do rei do Norte e seu ataque contra Jerusalém (Dn. 11: 40-45). Em 70 dC Tito e seu exército destruíram completamente o templo e fizeram cessar os sacrifícios que eram ali realizados, ele é o rei do Norte, o chifre pequeno que recebe o poder por 42 meses.

Por causa da transgressão - A frase "por causa da transgressão" traz um pouco de problema. Isso é por causa da transgressão do chifre, ou do povo? Primeiro, veja que as 70 semanas resultarão no fim da transgressão (Dn 9:24). Lembre-se da oração de confissão de Daniel, sobre os pecados de Israel (Daniel 9:4) e que a profecia se foca em Israel (Daniel 9:24).

Consequentemente esse "acabar com a transgressão" (kala) se refere a Israel completar sua transgressão. Não há dúvida de que Jesus postulou a iminente destruição de Jerusalém como o julgamento sobre os perseguidores e a vindicação dos mártires justos. Em Mateus 23:29 ele levanta as razoes do porque uma catástrofe deveria atingir aquela geração perversa.

Primeiro, Jesus acusa um povo por derramar o sangue dos mártires justos. Esse povo era Israel Antiga Aliança. E isso tem nada a ver com Israel moderna.

Segundo, enquanto o foco do julgamento seria Jerusalém, a natureza abrangente do julgamento é afirmada. Todo o sangue, de todos os mártires, todo o caminho de volta para criação, seria julgado e vingado. Isto significa que, embora o local do julgamento foi a Judeia e Jerusalém, o alcance da sentença era "universal". Isto não era para ser simplesmente um "juízo local sobre os judeus", Jesus postulou a vindicação / julgamento de todo o sangue justo no julgamento da Antiga Aliança. Isto é incrivelmente significativo.

Terceiro, inegavelmente, Jesus postulou que o julgamento seria em sua geração, "Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração." Isto significa que por causa das transgressões do povo essas coisas vieram sobre a cidade e o templo. (cf. Dt 28, Lv 26, Mt 23 e 24).

Lançou a verdade por terra - O presente texto descreve realmente o que fez Tito. Ele desejou destruir o templo, ele mudou os tempos e a lei (Dn. 7:25). Em sua cobiça demasiada, atacou o povo eleito, profanou também o templo de Jerusalém, fazendo cessar de uma vez por todas o "contínuo sacrifício" das nove (9) ho¬ras da manhã e das três (3) horas da tarde, estabelecido por Deus desde Moisés (Êx 29.38-42; Lv 6.13). Proibiu qualquer divulgação da lei de Moisés, e assim "a verdade foi lançada por terra". (cf. Ap 13:7 e 2 Ts 2:4).

As duas mil tardes e manhãs

Daniel 8:13,14 Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?
E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.

Este santo que falava a outro santo podemos confrontá-lo com aquele personagem que "gritou" ao anjo Gabriel nas margens do rio Ulai (v. 16). O segundo "santo" que faz a pergunta, não é "onisciente", mas o primeiro é. O segundo ser celestial que fez a pergunta pode bem ser o anjo Gabriel, enquanto que o segundo, é a pessoa do Pai que está em foco. Observando a pergunta feita pelo "santo" ao outro de elevado poder, comentaristas concordam que este trecho no livro de Daniel é uma das partes mais difíceis de serem compreendidas. A pergunta do santo foi: "Até quando durará a visão do contínuo sacrifício, e da transgressão assoladora?" A dificuldade aí é aumentada pelo estado atual do texto. Historicamente falando, esses eventos foram cumpridos por Tito César. Basta comparar Daniel 7.8, 24, 25; 9.27; 11.36-45; 12.11 com Daniel 8.10-14, onde vemos que os "chifres pequenos" são o mesmo e único personagem.

Até duas mil e trezentas tardes e manhãs - Chegamos agora a o período de tempo previsto pela visão. O anjo diz que a visão do sacrifício dura um período de 2300 tardes e manhãs. Antes de prosseguir, vamos olhar para as interpretações que já foram elaboradas sobre esse texto:

1 - Abordagem 1150 dias - Antíoco Epifânio

De acordo com Êxodo 29:38-39, os levitas ofereceram dois sacrifícios por dia. Um cordeiro devia ser sacrificado pela manhã e um pela noite. As 2.300 noites e manhãs em v. 14 representam o número de sacrifícios que não foram oferecidos a Deus. Assim, demoraria 1150 dias ou pouco mais de três anos para oferecer esses 2.300 sacrifícios em falta.

A pressão de Antíoco sobre os Judeus, cada vez mais cruel, culminou no décimo quinto mês de quisleu (dezembro), do ano 168 a.C., quando uma gigantesca estátua de Zeus Olímpio foi colocada atrás do altar de sacrifício, e os pátios do Templo transformados em lugares de lúbricos bacanais(festas de orgias). Os que se recusaram a obedecer aos decretos reais fugiram ou morreram, Milhares foram sacrificados, e nessa conjuntura irrompeu a revolta dos Macabeus, repleta de atos heróicos.

Os atos de bravura dos Macabeus acabaram por vencer, no final de 165 a.C., definitivamente, as bem equipadas e esplendidamente treinadas tropas Selêucidas. No vigésimo quinto dia de quisleu, de 165 a.C., Judas, o Macabeu, depois de purificar o templo (ou santuário), reconsagrou-o acendendo as lâmpadas do candelabro sagrado, oferecendo incenso no altar de ouro, levou oferendas ao altar dos sacrifícios e decretou que todos os anos o evento fosse comemorado, nascendo assim a 'CHANUKAH', festa da Dedicação – João 10:22". Vejam o que nos informa o dicionário Bíblico de J. Davis, sobre a festa da Dedicação: "Nome de uma festa anual, instituída por Judas Macabeu no ano 165 a.C. para comemorar a purificação e restauração do templo, três anos depois que havia sido profanado (aproximadamente 1150 dias, Dn.8:14) pela idolatria grega introduzida por Antíoco Epifanes, 1Macabeus 4:52-59)

Embora a interpretação acima seja talvez a mais popular, uma outra interpretação foi elaborada, em que as 2.300 noites e manhãs são literalmente 2.300 dias.

2 - Abordagem 2300 dias - Antíoco Epifânio

Moses Stuart calculou os 2.300 dias para trás da "restauração" do Templo por Judas Macabeu (um total de aproximadamente são 6 anos e meio). Ele calcula que isso nos leva de volta a um tempo após Jason usurpou o sumo sacerdócio e exilado o verdadeiro sumo sacerdote, Onias III, e para o ano em que Menelau, que expulsou Jason, roubou os tesouros do templo em 170 aC. De acordo com 1 Macabeus 4:52-54 e 1 Macabeus 1:59, o primeiro sacrifício ao Senhor foi oferecido no 25 º dia de quisleu em 164 aC. Portanto, o tempo total em que todos os eventos descritos no v. 13 haviam acontecido, foi seis anos depois da "rebelião que causa a desolação" em 170 aC para a reinstituição do sacrifício diário em 164 aC.

3 - Abordagem 2300 anos Adventista

O "princípio do dia profético" consiste em associar "1 ano" para cada "1 dia" citado em determinadas profecias bíblicas. Vários teólogos judeus e cristãos através dos tempos aplicaram este princípio às "2300 tardes e manhãs" de Daniel 8:14 e, às "setenta semanas" de Daniel 9:24. Entre esses teólogos encontra-se o judeu Rashi(a), que traduziu Daniel 8:14 da seguinte maneira: "E ele disse-me: 'Até 2300 anos [...]'."

No século dezenove surgiu nos Estados Unidos da América do Norte um movimento que marcou a data da volta de Jesus para 22 de outubro de 1844, o qual foi encabeçado por um fazendeiro americano. Seu estudo intensificou-se na profecia de Daniel 8:14. Empregando Ezequiel 4:6 e 7 e outros textos, ele concluiu que as 2300 tardes e manhãs escritas pelo profeta Daniel eram 2300 anos, os quais, segundo ele abrangiam o período de 457 aC a 1844 dC. Milhares de pessoas sofreram uma grande decepção, quando os relógios assinalaram meia noite do dia 22 de outubro de 1844. Jesus não viera como havia sido largamente pregado por aquele líder e seus seguidores. Como resultado, muitos se afastaram de Deus, perderam seus bens materiais, enfrentaram graves crises familiares e financeiras.

Para tentar “consertar” o erro, um grupo continuou estudando as profecias de Daniel. Um daqueles homens ao passar por uma plantação de milho, diz que viu Jesus entrar no Lugar Santíssimo do Santuário celestial em 22 de outubro de 1844. Para aquele grupo essa “visão” trouxe novo alento. Segundo eles, as conclusões tomadas estavam certas quanto ao tempo, porém erradas quanto ao local. As palavras de Daniel 8:14: “...até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado”, foram então entendidas e interpretadas por eles como sendo a purificação do santuário celestial. Os seguidores do fazendeiro americano até antes do desapontamento ensinavam que esta purificação referia-se ao planeta Terra. Posteriormente eles concluíram que em 22 de outubro de 1844 teve início no santuário celestial o “Juízo Investigativo”, também denominado por eles como “Dia da Expiação”.

4 - Abordagem 2300 dias (64-70 dC)

James Jordan em seu comentário "escrita na parede", argumenta que o chifre pequeno representa a linhagem dos Herodes e seus colaboradores sacerdotais, o chifre pequeno deveria ser Judeu, embora tenhamos discordância, seu comentário merece destaque:

Os Herodes não eram sacerdotes. Os Herodes controlavam o sacerdócio, mas não eram sacerdotes e Deus não teria reconhecido como tal. Uma vez que apenas os sacerdotes podem comprometer a apostasia que faz com que Deus desole o Templo, esta apostasia deve ser a do anfitrião (sacerdote) mencionado no v. 12. Este lançou a verdade por terra, entrou em ação, e prosperou.

Houve um tempo, no entanto, e não podemos saber ao certo quando isso aconteceu, quando os cristãos foram excluídos do Templo e do contínuo, um momento em que a contínuo estava totalmente sob controle apóstata. Na minha opinião isso aconteceu em 64 dC, quando o Templo de Herodes foi finalmente concluído. Eu acredito que os judeus perversos consideraram isso como um sinal de Deus, eles tinham razão; Eles se moviam contra a Igreja neste momento, esse foi o tempo da Grande Tribulação contra os santos.

Mateus 24:15 identifica uma “sacrilégio desolador” evento que vai acontecer mais para o final da Idade Apostólica, momento em que os santos precisam fugir. Na minha opinião, o ataque do exército ímpio sobre a verdade, que é a apostasia que causa desolação, é este evento.

Assim, os profetizados 2300 noite e manhãs começam em ou em torno do ano 64 dC. Nesse ponto, a aquisição de Herodes do Templo estava completa, e a adoração estava sendo conduzida completamente por homens maus e perversos. Aqui é onde a Grande Tribulação começa, quando judeus zelosos tomou o templo como um sinal para perseguir os cristãos e, quando Nero começou a perseguir os cristãos no mesmo ano.

Esta conclusão do Templo e ataque contra os cristãos é o evento que marca a apostasia que causa desolação, o ato detestável que faz com que Deus desole (abandone) e destrua o Templo pela última vez. Nos tempos

anteriores que os sacerdotes tinham agido de forma detestável e Deus tinham abandonado o templo são registrados em Êxodo 32, 1 Samuel 2-4 e Ezequiel 8-11. Mas o templo sempre foi apenas uma figura do povo de Deus se reuniram em torno dele, e na Nova Era, o equivalente a tais atos rituais detestáveis é um ataque sobre a Igreja.

O período de tempo a partir de algum momento de 64 dC até a destruição do Templo em 70 dC é de cerca de sete anos, ou um pouco abaixo disso. Este período se encaixa bem com 2300 dias, tomados literalmente. Durante este tempo, uma série ímpios sacerdotes realizaram o contínuo. Durante este tempo também, tanto um (novo) santuário, a Igreja, e seus hospedeiros (pastores) foram pisoteados e perseguidos na Grande Tribulação. Após este tempo, o novo santuário (a Igreja) foi justificado (vindicado) pela destruição do Templo, em Jerusalém.

Como podemos perceber, essa abordagem é bastante interessante, e embora possamos aproveitar alguns pontos, ela não pode ser aproveitada completamente dentro da nossa perspectiva.

5 - Abordagem 2300 dias (66-73 dC)

Deve ser salientado que alguns Preteristas acreditam que as referências de tempo em Daniel de 1290, 1335 e 2300 dias (Daniel 8:13-14; 12:11-12) encontraram cumprimento no cerco e destruição de Jerusalém e a desolação de Israel. Isto não é menos porque Daniel foi dito que "quando a quebra do poder do povo santo chega ao fim" todas as maravilhas que ele tinha visto seriam concluídas (Daniel 12:6-7). Foram os eventos da guerra entre os romanos e judeus (67-73 dC), que sintetizou "a quebra do poder do povo santo".

Além disso, como Ed Meelhuysen (1992), um futurista, aponta, precisamente três anos lunares transpiraram entre a contaminação do templo (o sacrifício de um porco no altar e a criação de uma estátua de Zeus no templo) em 25 de abril. Chislev 167 aC e a limpeza e restauração do templo por Judas Macabeus e outros judeus zelosos em 25 de Chislev, 164 aC. Portanto, o intervalo de tempo dentro do qual

esses eventos (e outros relacionados) ocorreram fica aquém de todas as referências de tempo em Daniel por pelo menos seis meses.

A Guerra dos judeus contra os romanos terminou até meados de maio do ano 73 dC, Os territórios de Israel foram vendidos e, a pátria e os territórios dos judeus foram eliminados, não restava nada do sistema judeu. Se você contar para trás 2300 dias (76 meses) a partir de maio de 73 dC, ele te leva a fevereiro de 67 dC. Este foi o tempo que Tito marchou com suas forças do Egito passando pela Terra Santa para se encontrar com seu pai em Ptolemaida. Os 2.300 dias equivalem 76 meses (cada 30 dias) mais 20 dias, ou 6 anos e 3 meses 19 dias (ou 20 dias), calculados a partir de fevereiro de 67 dC, nos leva até de maio 73 dC. Devemos lembrar que é impossível calcular precisamente os dias exatos. Qualquer tentativa de calcular esses dias será frustrada, a conversão dos calendários são sempre problemáticos, é simplesmente frustante.

6 - Abordagem simbólica

Daniel são profecias redigidos na linguagem simbólica, podemos olhar primeiro para uma interpretação simbólica do número 2300, que é 23 x 100.

O número 23 raramente aparece na Bíblia. Em Jeremias 25:3, o profeta diz que ele proclamou os pecados de Judá e de Jerusalém por 23 anos, mas que o povo não teria escutado, como resultado o julgamento estava chegando. O julgamento, é claro, é também uma libertação dos deuses. Com isto em mente, as 2300 tardes e manhãs pode ser um símbolo de uma época de maldade que terminará em julgamento e reivindicação (como Jeremias foi justificado).

Esta interpretação simbólica nos alivia da necessidade de decidir se 2300 noite e manhãs significam 2.300 dias ou 2300 sacrifícios e, portanto, 1150 dias.

Conclusão

Olhamos para algumas abordagens sobre as 2300 tardes e manhãs, algumas delas nem merecem nossa consideração. Como já foi comentado, o chifre pequeno de Daniel 7 é o mesmo de Daniel 8, isto é, Tito César. Podemos concluir que os eventos listados nos versos 9-13 deste capítulo, estão relacionados com a campanha de três anos e meio de Tito entre 67-70 dC.

Daniel 8:9: "...O qual cresceu muito para o sul [Egito], e para o oriente [Síria], e para a terra formosa [Jerusalém]".

Daniel 8:10: "E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou [por tempo tempos e metade de tempos]".

Daniel 8:11: "E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo [70 dC], e o lugar do seu santuário foi lançado por terra [70 dC]".

Daniel 8:12: "E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo [fevereiro de 67 dC, início da campanha de Tito], por causa da transgressão [pecado ou rebelião dos Judeus]; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou".

Daniel 8:13: "Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício contínuo [70 dC], e da [chegada da] transgressão assoladora [67 dC], para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados [67-70 dC]?".

Não é preciso muito esforço para notar que as 2300 tardes e manhã equivalem ao tempo tempos e metade de tempo, ou pelo menos é contemporânea a ela. Muitas vezes é feita em uma tentativa de conectar as 2.300 tardes e manhãs com os 1.290 dias de Daniel 12:11. Este caso é bastante interessante, uma vez que esses eventos estão totalmente conectados.

O santuário será purificado [Vingado] - A palavra para “tsadaq” é um termo importante. “Purificado” em algumas traduções não captam, creio eu, o significado. isto é, literalmente "Justificado", ou vingado. É dito que durante este tempo de 2300 tardes e manhãs, os santos foram pisoteados e perseguidos; Após este tempo, os santos, ou o santuário foi justificado (vindicado). Durante 67-70 dC, tanto o santuário quanto os santos, e seus hospedeiros (pastores) foram pisoteados e perseguidos na Grande Tribulação. Após este tempo, os santos e o santuário foram justificados (vindicados) pela destruição do Templo, em Jerusalém. O texto fala de juízo, ou justiça feita por causa da transgressão de Israel, a cidade e o santuário são destruídos por causa do pecado do povo judeu. Isso é conforme o que Jesus disse:

Em Mateus 23 Jesus claramente falava de um juízo iminente sobre Israel por haver rejeitado a Palavra de Deus, e pela apostasia fina de rejeitar ao Filho de Deus.

Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.
Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.
Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!
Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;

Mateus 23:35-38

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação.
Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.

Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.
Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.
E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.
Lucas 21:20-24

Israel seria julgada por ter transgredido o pacto ao transgredir a Lei do Senhor, esse é o pano de fundo para entender o que está ocorrendo aqui. Este livro não apresenta apenas aos leitores os eventos que ocorrerão nos últimos dias, com a chegada do reino do messias mas temos aqui a teologia do juízo: particularmente, as sanções do juízo de Deus contra Israel. As sanções eram maldições ao Israel rebelde, que havia crucificado ao Senhor e pedido publicamente o julgamento de Deus sobre si mesmo: "E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos." (Mateus 27.25). As maldições de Deus sobre Israel no ano 70 d.C. correspondiam a seu crime, a crucificação de Cristo e a perseguição de seus discípulos. Este crime foi o maior (pior) na história; seu castigo foi o maior (pior) na história.

Conclusão histórica

Por favor, notemos: o chifre pequeno após engrandecer-se até o exército do céu, e a alguns do exército e das estrelas deitar por terra e os pisar; se engrandece até o Príncipe do exército, o exercito e o santuário lhes são entregues; por ele é tirado o contínuo sacrifício e o templo é destruído por causa da transgressão de Israel, e lança a verdade por terra, faz isso e prospera durante 2300 tardes e manhas.

Vejamos agora os mesmos fatos mostrados na visão de Daniel 11 (a qual é narrativa dos mesmos eventos apresentados na visão de Daniel 8) porem, de outra forma:
Diz Daniel 11:31:

"E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora.
Ou seja, aqui em Daniel 11 mostra o chifre pequeno como um homem vil, um rei: rei do norte) que se levanta e retira o contínuo sacrifício e estabelece a abominação desoladora. (eis a conexão de Daniel 8 com Daniel 11). Temos também uma conexão entre Daniel 11 e 12 (que é continuação do capítulo 11).

Diz Daniel 12:1

"E NAQUELE tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro."

Daniel 12:7: "...e jurou por aquele que vive eternamente que isso seria para um tempo, tempos e metade do tempo...".
Reparemos o que o chifre pequeno (de Daniel 8) e o homem vil (de Daniel 11) aparece em cena durante o período conhecido como a Grande Tribulação (67-70 dC), que foi falado por Jesus em ser sermão escatológico em Mateus 24 Marcos 13 e Lucas 21, porém já profetizado por Daniel no capítulo 12.

Atentamos ao que diz o verso:
"NAQUELE TEMPO"... - que tempo?
- Naquele tempo [entre 67-70 dC] quando será tirado o CONTÍNUO SACRIFÍCIO e estabelecida a abominação desoladora.

Então: NAQUELE TEMPO (da abominação desoladora) se levantará MIGUEL, o grande príncipe, que se levanta que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, QUAL NUNCA HOUVE, DESDE QUE HOUVE NAÇÃO ATÉ ÀQUELE TEMPO; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

Isso foi falado por Jesus em seu sermão escatológico.
“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa...Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver." Mateus 24:15-21

Quando a igreja fugiu para a cidade de Pela ela torna-se protegida durante o período de três anos e meio do cerco de Roma contra Jerusalém 67-70 dC.

Esse é período: "tempo, e tempos e metade de um tempo" no qual a mulher foge ao deserto fora da vista da serpente e é sustentada equivale-se a 3 anos e meio; ou 42 meses, ou exatamente a 1260 dias de Apocalipse 12:6.

Esse é o período da grande tribulação – alertada por Jesus em Mateus 24, e Marcos 13 e Lucas 21 (Mt. 24:15) a qual prevalece por 1290 dias (Dan. 12:11); e se encaixa exatamente na 70ª semana de Daniel 9 (na sua 2ª metade); bem no versículo de Daniel 9.

Em suma: o chifre pequeno (de Daniel 8) é também o homem vil (de Daniel 11:21) Ele é Tito César, que através do exército romano, estabelece o cerco de Jerusalém, promovendo a revolta judaico-romana, fazendo cessar os sacrifícios e por fim destruindo o templo.

Abominação desoladora que em Mateus 24:15 – a qual trouxe então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. (Mat. 24:21) E que foi estabelecida pelo POVO (Exércitos) do príncipe (Tito) QUE HÁ DE VIR, o ASSOLADOR, determinado a vir durante a segunda metade da 70ª semana da profecia de Daniel 9 (Dn. 9:27); Tais eventos - que jamais foram verificados em qualquer outro império mundial na história.

A explicação da visão

Daniel 8:15-17 E aconteceu que, havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei o significado, e eis que se apresentou diante de mim como que uma semelhança de homem.
E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão.
E veio perto de onde eu estava; e, vindo ele, me amedrontei, e caí sobre o meu rosto; mas ele me disse: Entende, filho do homem, porque esta visão acontecerá no fim do tempo.

O presente versículo, diz que Daniel ao ver a visão, procurou entendê-la. Certamente ele orou pedindo a interpretação daquilo que para ele era um verdadeiro mistério. Enquanto Daniel, em sua mente, através do intelecto, da memória e da imaginação, busca¬va compreender a visão, um homem (o varão Gabriel) se pôs ao seu lado com a sublime interpretação.

Esta visão acontecerá no fim do tempo - Gabriel diz a Daniel que esta visão se cumprirá somente no "tempo do fim". Já tivemos oportunidade de falar sobre isso, em outras notas expositivas. Este "tempo do fim", no livro de Daniel, refere-se a septuagésima semana profética, descrita em Dn 9:2-27, com especial referência à metade dela, na parte fi¬nal, que, em Mateus 24 e no Apocalipse, é chamada "A Grande Tribulação". No Novo Testamento, a expressão "os últimos dias", em Atos 2.17; 2 Tm 3.1; Hb 1.1, é equivalente, no grego, ao "tempo do fim". O livro de Daniel é repleto desses termos escatológicos, "últimos dias", "últimos tempos", "tempo do fim" e outros semelhantes, todos eles se referem ao período que antecede o fim da era judaica. o "Fim da Era" veio com a destruição do templo em 70 dC.

Quando Jesus falou que do templo não restaria pedra sobre pedra, isso motivou os discípulos a associarem o "não ficará aqui pedra sobre pedra" com principais eventos escatológicos que podem ser encontrados nos capítulos 2, 7, 8, 9, 11 e 12. Por isso aqueles discípulos curiosos

perguntam ao mestre quando Cristo se manifestaria e quando seria o fim da era em Mateus 24:3.

Daniel tem visões escatológicas sobre os "últimos tempos", "fim dos tempos", "último dias", nessas visões encontramos a desolação do templo, a tribulação, a vinda do Filho do homem com a chegada do reino, a ter lugar quando a cidade e o templo estivessem sido destruídos - ou "quando o poder do povo santo seria completamente destruído", "todas estas coisas" (não algumas delas) seriam cumpridas em conjunto.

Daniel 8:18,19 E, estando ele falando comigo, caí adormecido com o rosto em terra; ele, porém, me tocou, e me fez estar em pé.
E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; pois isso pertence ao tempo determinado do fim.

último tempo da ira... tempo determinado do fim - Já tivemos oportunidade, em versículos anteriores a este, de falar sobre o "tempo do fim". Esse tempo não se re¬fere exclusivamente ao fim do kosmos, mas, sim, ao fim da Era do qual Daniel, os Profetas, Jesus e os Apóstolos viveram, que terminaria com a destruição de Jerusalém em 70 dC. No Apocalipse de João, as expressões "tempo da ira" e "tempo da ira de Deus" são termos técnicos usados para descrever o tempo da Grande Tribulação, isto é, o Dia do Senhor. Isso é usado, tanto pelos escritores do Antigo corno do Novo Testamento. A expressão é equivalente, no grego clássico, aos "últimos dias" do livro de Daniel (cerca de 15 vezes na extensão de seu livro).

Daniel 8:20,21 Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia,
Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei;

O leitor deve observar que o capítulo oito (em estudo), dá detalhes do segundo e terceiro impérios mundiais, isto é, os reinos de prata e de bronze do capítulo dois deste livro e o "urso e o leopardo" do capítulo 7, isto é, os reinos histori¬cos da Média e da Pérsia e da Grécia. Agora,

podemos ver corno o anjo Gabriel explica detalhadamente tudo a Daniel, isto é, colocando o terceiro (o Grego) em ação. "Aque¬le carneiro [o anjo se refere ao animal que Daniel tinha vis¬to no v. 3], que viste, com duas pontas são os reis da Média e da Pérsia". A identificação específica dos dois animais forma a própria compreensão do autor com relação à seqüência dos eventos futuros. No texto em foco, o anjo mostrou a Daniel, em cada interpretação, que todos aqueles reinos mundiais estavam em fase de transição, e recomendou que ficasse firme e prosseguisse até o fim. (Comparar Dn 12.13).

O "rei primeiro" do versículo 21, é Alexandre o Grande. Este poderoso guerreiro era filho de Filipe da Macedônia. Alexandre foi educado aos pés de Aristóteles, um genial filósofo da Grécia. Sempre ao lado de seu pai, Ale¬xandre o ajudava nos planos bélicos. Admirador apaixona¬do de Homero, o poeta cego da mitologia grega, sonhava com glória e conquista. Viram-no chorar um dia ao ouvir das vitórias de Filipe, quando exclamou: "Meu pai não me deixará, pois, nada a fazer!" Alexandre era o homem pro¬videncial para derribar e levantar impérios. Salvou a vida de seu pai das mãos dos bárbaros, no Danúbio. Atribuem-lhe a vitória de Querinéia. Aos 20 anos, por morte de seu pai, assumiu as rédeas do governo do Império Macedônio. Agora, porém, nesta nova dinastia Greco-macedônia, tor¬na-se o seu primeiro rei, como diz o texto.

Daniel 8:22 O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele.

As quatro dinastias de que fala o texto levantaram-se após a morte de Alexandre. Fo¬ram as seguintes: Egito, Síria, Macedônia e Ásia Menor. Os representantes destas realezas foram: Ptolomeu, Seleuco, Antípater e Filétero. Isso já ficou demonstrado no cap. 7 deste livro. Estes quatro generais não se adaptaram com o novo sistema de governo implantado pela viúva de Alexan-dre, e também não aceitaram outros generais: Pérdicas, Antípatro e Polisperco. Os quatro outros generais, porém, inconformados, "se levantaram", como diz o texto, literal¬mente, e

formaram as quatro realezas já mencionadas aci¬ma, e, assim, o reino de Alexandre, foi "repartido para os quatro ventos do céu" como diz a profecia (Dn 11.4).

Se levantarão da mesma nação - Aqui temos um detalhe interessante, aqueles que acreditam que Antíoco é o chifre pequeno, pode encontrar aqui um pequeno problema, pois o texto diz que apenas 4 dos chifres "se levantarão da mesma nação" (ou seja Grécia); isso significa que o "quinto chifre" da visão, o chifre pequeno, não vem do império Grego (não vem da mesma nação que os quatros anteriores), ele vem de um império posterior. E isso é confirmado pelo versículo 23.

Daniel 8:23 Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores [quando os apóstatas/revoltosos tiverem chegado ao máximo], se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações.

No fim do seu reinado - Isto é no fim do Reinado da Grécia, depois que as divisões do império de Alexandre tivessem existido por algum tempo. O império romano surgiu de forma gradual e conquistou a supremacia só depois que as divisões do império macedônico se enfraqueceram.

Quando os apóstatas/revoltosos tiverem chegado ao máximo - Isto é, quando os apóstatas de Israel encher a medida de seus pecados. Isso pode ser inferido de 1 Tessalonicenses 2:16, onde Paulo declara sobre os judeus que eles estavam "enchendo sempre a medida de seus pecados [isto é, apostasia religiosa contra Deus].A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente [isto é, o resultado da apostasia política contra Roma]." O encher a medida dos pecados dos pais (Mt. 23:32) leva ao julgamento de Israel, vindicando assim os justos assassinados em Israel (Mt. 23:35; cf. Mt. 24:2-34). A apostasia dos judeus contra Deus por rejeitar seu Messias (Mt. 21:37-39; 22:2-6), levou à mudança providencial de Deus do julgamento via a apostasia deles contra Roma (Mt. 21:40-42; 22:7).

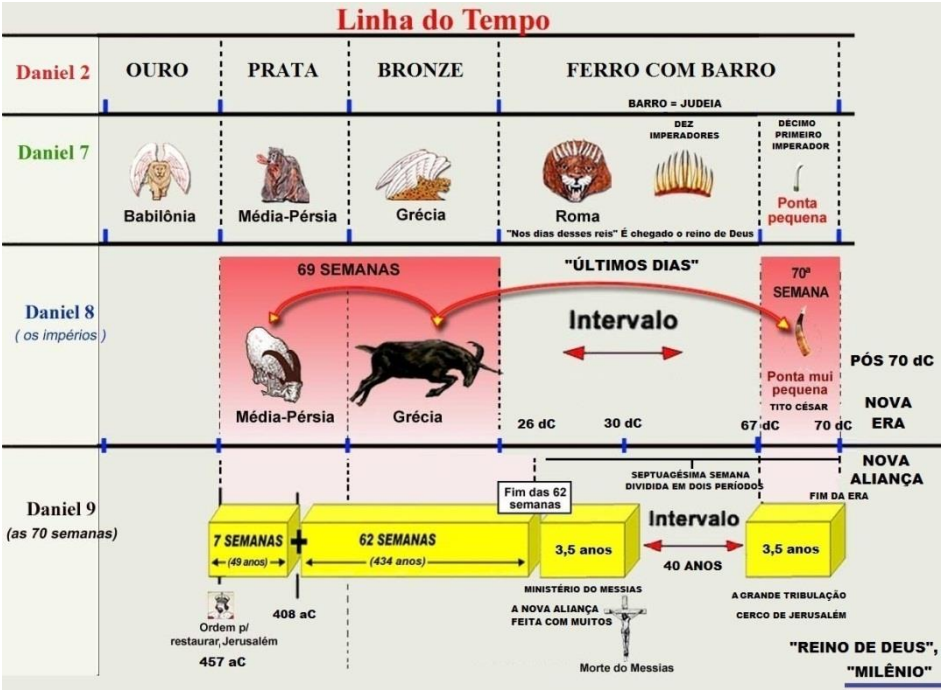
Se levantará um rei - Tito César: Essa cena está descrita no verso 8 e 9.

O comentarista Judeu Rashi tem a mesma interpretação aqui no verso 23:

"Quando o fim chegar e os ímpios de Israel no Segundo Templo estiverem prontos, uma pessoa de rosto descarado surgirá; ele é Tito".

"E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insignes, para os quatro ventos do céu. (Norte, Sul, leste Oeste)

E de um deles (dos quatro cantos) saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa. (Jerusalém)". De uma dessas regiões saiu Roma, de onde é descrito surgir o chifre pequeno (Tito).



Daniel 8:24 E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo.

E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força - A tese básica deste livro é que o chifre pequeno era, em última instância, um espírito demoníaco que agiu através de Tito na sua campanha de destruição de três anos e meio contra Israel (Dn. 7:25; 9:26-27; 12:1-7 ver Apocalipse 11:2; 13:5).

O chifre pequeno é o oponente de Deus / Cristo que deveria aparecer nos últimos dias da era da velha aliança. Ele foi destruído pela parousia em 70 dC (Daniel 7:21-22; 2 Ts. 2:8; Ap. 19:11-21). Nós já vimos os paralelos entre o pequeno chifre de Daniel 7 e a Besta do Apocalipse. 2 Tessalonicenses 2:9 diz que a vinda do homem da iniquidade seria "de acordo com o eficacia de Satanás, com todo o poder, sinais e maravilhas mentirosas". Ele poderia prosperar até que a ira de Deus contra Israel fosse cumprida (Dn. 11:36; 12:7, cf. 9:27).

Destruirá o povo santo - Durante o tempo da “Angústia de Jacó”, Tito perseguiu o povo santo, blasfemou contra Deus, confira Daniel 7:8, Daniel 7:20, Daniel 7:21, Daniel 7:25 e Apocalipse 13:7

Daniel 8:25 E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado.

"No seu coração se engrandecerá... se levantará contra o Príncipe dos príncipes" - No versículo 11 deste capítulo, a expressão: “e se engrandeceu até o príncipe do exército: e por ele foi tirado o contínuo sacrifício”, refere-se, sem dúvida, à sua revolta e blasfêmia contra o príncipe dos príncipes. Já vimos como Tito se encaixa nessa descrição. Tito fez guerra não apenas contra os judeus e aos cristãos, mas contra o próprio Deus. (Confira Nota em Daniel 8:11). Ele se levantou mesmo,

como está predito, “contra o Senhor (Deus) e contra seu Ungido (Cristo), dizendo: Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará de¬les” (Sl 2.2-4). A destruição será decretada por Deus, e sem “mão será quebrado”.

Mas sem mão será quebrado - Esse poder é quebrado “sem mão” (v. 25), uma expressão aludindo à pedra cortada sem a mão que destrói a imagem de Daniel 2 .

Por uma rápida comparação da "quarta besta" e seu "chifre pequeno" do capítulo sete com o "chifre pequeno" do capítulo oito, vemos que ambos representam o mesmo poder:

Daniel 7:
21 “guerreie com os santos”
8 “boca falando grandes coisas”
19 “superando terrivelmente”
11 “besta foi morta… dada ao incêndio”

Daniel 8:
24 “destrua os poderosos e os santos”
11 “engrandeceu-se”
23 “rei de semblante feroz”
25 “quebrado sem mão”

Como mencionei anteriormente, a derrota do chifre pequeno naquele momento não está falando sobre a morte de um homem, mas a destruição de um governante demoníaco que trabalhou através de um homem (Apocalipse 11:7; 17:8). Este foi o fim do governante espiritual que trabalhou através de Tito na sua destruição da nação judaica. Ele era governante demoníaco do povo romano (Dn 9:26, Dn, 10:13) que seria lançado no lago de fogo (cf. Dn 7:11; Ap. 19:20).

O rei do Norte, o chifre pequeno, seria um homem que faria o que quisesse; ele "faria segundo a sua própria vontade" (Daniel 11:36). Nas palavras de Paulo, ele seria um "homem da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:3). O rei do Norte "destruiria e aniquilava muitos" (Daniel 11:44); nas palavras de Paulo, ele seria "o filho da destruição [gr. apoleia]" (2 Tessalonicenses 2:3). Daniel e Paulo estão falando sobre o dia do Senhor em sua discussão sobre o rei do Norte / homem da iniquidade / chifre pequeno. Isso é esclarecido pelo fato de que a grande tribulação é descrita como ocorrendo no momento do ataque do rei do Norte ao Templo (Dn 11:45-12: 2).

Daniel 8:26,27 E a visão da tarde e da manhã que foi falada, é verdadeira. Tu, porém, cerra a visão, porque se refere a dias muito distantes.

E eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; então levantei-me e tratei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse.

Tudo nos faz entender que Daniel, após ouvir e ver todas aquelas coisas, ficou muito interessado em ver o cumprimento de tudo aquilo, mas foi-lhe revelado que elas não seriam para seus dias, mas para uma geração futura. (Compare com 1 Pe 1:12). O anjo Gabriel esclarece a Daniel que aquela visão só "se realizará no fim do tempo". Isso nos faz crer que todos esses detalhes, aqui contemplados, serão desenvolvidos e consumados durante o tempo da Grande Tribulação para o povo judeu, que terá como cen¬tro a cidade de Jerusalém e a Terra Santa, mas que, de um modo particular, envolverá até aos limites do império romano (Ap 3.10).

Cerra a visão, porque se refere a dias muito distantes - O livro do profeta Daniel foi escrito por volta do ano 536 a.C. Na revelação, o anjo considerou essa quantia de tempo como "dias ainda mui distantes". De tal forma foi "distante" o cumprimento das profecias de Daniel, que o anjo pede a ele o encerramento e o selamento das palavras do livro:

"Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará". "Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas

coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim".
(Daniel 12:4, 8-9)

O tempo do fim começou sua contagem regressiva nos tempos de Jesus Cristo. É justamente por causa do cálculo das profecias de Daniel, que muitos no primeiro século da era cristã acabaram por ter grandes expectativas sobre o aparecimento do Messias. Nos tempos do Novo Testamento, provavelmente nos anos 65- 66 d.C. (anos estes em que foi escrito o livro do Apocalipse), uma ordem diferente da que foi dada a Daniel, foi dada ao apóstolo João. Observe:

"Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo". (Apocalipse 22:10)

A causa do não selamento das palavras do livro do Apocalipse foi porque "o tempo está próximo". Isto significa que as palavras do Apocalipse tinham efeito direto nos contemporâneos de João.

Não havia quem a entendesse - Embora o anjo tenha explicado a visão sobre Medo-Persa, Grécia e o pequeno chifre, ninguém entendeu a identidade do pequeno chifre porque a visão ainda não havia sido cumprida. Esta parte da visão muitas vezes é incompreendida. João Calvino, em seu comentário sobre Daniel , escreve que alguns vêem no pequeno chifre "a figura do anticristo". Mas eu não acho que esse raciocínio seja suficientemente sólido ".

CONCLUSÃO

Em conclusão, esta profecia diz respeito ao tempo do fim dadas a Daniel. Trata-se dos mesmos eventos que já temos examinado no capítulo anterior. O pequeno chifre é Tito e o governante espiritual que age através dele. A carreira de Antíoco IV Epifânio não está em vista aqui, e só pode, talvez, ser visto como um tipo e pré-cursor dos eventos previstos.

Israel foi criado para servir como uma nação sacerdotal para o outras nações. Suas ofertas não eram para si só, mas também pelos pecados de todo o mundo. Isto tornou-se especialmente verdade na era da restauração. A fase sacerdotal de Moisés a Davi e a fase real de Davi até o exílio, concentrou-se na terra de Israel. Durante o período dos últimos dias há uma recapitulação desta história em escala mundial: sacerdotal de Ciro a Jesus, e real de Jesus em diante.

Ciro permitiu que o Templo fosse restaurada como uma casa de oração em nome de todas as nações (2 Crônicas 36:23; Esdras 1:1-4; Daniel 6:26-27). Assim, as ofertas mencionadas em Daniel 8 foram cumpridas para o carneiro e o bode, entre outros. Os cordeiros, carneiros e cabras oferecidos estavam no lugar do carneiro e do bode, que é por isso Pérsia e Grécia estão nesta visão projetada por estes animais de sacrifício. A apostasia do sacerdócio judaico, o abandono de Deus ao seu templo, realmente ameaçavam a existência de todo o mundo.

Além disso, este capítulo acrescenta ao que foi comunicado em Daniel 7. Em Daniel 7, vimos que dos "quatro ventos do céu", levantou-se bestas guardiãs da oikomene. Aqui em Daniel 8, vemos que esses animais são instrumentos de ira para o povo de Deus quando se tornam infiéis.

O que devemos ter em mente para Daniel é que esse chifre destrutivo, o oitavo chifre da besta, está se dirigido contra o Povo Sagrado! Isso geralmente é um sinal de que a ira de Deus está sendo derramada sobre seu povo por suas transgressões. Não é uma coisa boa aqui. Eu ficaria absolutamente aterrorizado; esta perspectiva continua a ser relevante para o cristianismo no mundo de hoje. O testemunho cristão suscita ordens políticas de guarda, mas tais bestas protegem a Igreja apenas quando ela permanece fiel. Quando tais "monstros marinhos" ganham vasto poder e são capazes de causar estragos na Igreja, como o comunismo na União Soviética, o Nazismo na Alemanha, em muitas partes da Ásia e África, e cada vez mais nas Américas, é porque a Igreja cometeu abominações e Deus tem julgado essas nações.

Conexão entre Daniel 2, 7 e 8

De acordo com este estudo, o objetivo será mais no sentido de reforçar o princípio do paralelismo progressivo entre as profecias de Daniel 2, 7 e 8 estabelecendo firmemente a seqüência dos eventos descritos nestas profecias, de forma que importantes assuntos como à identificação do chifre pequeno, seu ataque contra o santuário.

Paralelismo Progressivo

O Princípio do Paralelismo Progressivo é fundamental para a correta interpretação das profecias de Daniel. Este princípio está clara e irrefutavelmente evidenciado nas profecias relatadas nos capítulos 2, 7 e 8, de forma que podemos, sem muito esforço (sem forçar uma interpretação), perceber como as informações são ampliadas e detalhadas nas visões que se sucedem. Desprezar o evidente e natural paralelismo destes capítulos significa cometer um gravíssimo erro de interpretação, distorcendo completamente seu real significado, e desvirtuando um outro princípio fundamental de interpretação das Escrituras Sagradas: "a Bíblia explica-se a si mesma". O quadro abaixo demonstra a lógica e perfeição desta estrutura paralela e progressiva:

Capítulo 2	Capítulo 7	Capítulo 8	Interpretação	Período
Cabeça de Ouro	Leão com asas de Águia		Império Babilônico	7º e 6º século a.C.
Peito e Braços de Prata	Urso que se levanta de um lado	Carneiro com dois chifres	Império Medo-Persa	Do 6º ao 4º século a.C.
Quadris e Coxas de Bronze	Leopardo com 4 cabeças e 4 asas	Bode com um chifre que dá lugar para outros 4 chifres	Império Greco-Macedônico	Do 4º ao 2º século a.C.
Pernas de Ferro	Animal terrível e espantoso		Império Romano	Do 1º século a.C. à 70 d.C.
Pés em partes de Ferro e Barro	10 chifres sobre o 4º animal	Chifre Pequeno se engrandece e ataca o Santuário	Tito César	67-70 d.C.
	Chifre Pequeno			
Pedra destrói a Estátua	Tribunal Celestial	Santuário Purificado	Parousia	70 d.C.
	4º animal (chifre pequeno) perde seu domínio e é destruído	O chifre pequeno é quebrado sem mão		
Pedra transforma-se num grande monte que enche a terra	Os santos do Altíssimo recebem o Reino		Pleno estabelecimento do reino de Deus	

O fato de o Império Babilônico estar em franca decadência e em fase de extinção, explica o motivo da visão do capítulo 8 começar com o símbolo do Império Medo-Persa. Babilônia foi simplesmente desconsiderada em razão de restar-lhe apenas uns poucos anos mais de existência.

A forma explícita e direta como os símbolos do carneiro (no verso 20 como os reis da Média e da Pérsia) e do bode (no verso 21 como o rei da Grécia) são identificados confirma de forma inquestionável a

interpretação dos mesmos reinos simbolizados de outras formas nas visões anteriores.

Qualquer tentativa de interpretação que desconsidere este evidente paralelismo entre as profecias, soará como estranha e forçada, para não dizer ridícula.

É impossível não percebermos a relação que existe entre o urso que se levantou de um dos lados com o carneiro com dois chifres onde o chifre que se levantou por último se tornou o mais proeminente. A história nos conta que Ciro era neto de Astíages, rei da Média. Este concedeu ao seu neto Ciro o governo da Pérsia que até então era apenas uma província da Média. No ano de 553 a.C. Ciro rebela-se e subjuga a Média tornando-se maior que o poder que antes o subjugava. Ao conquistar Babilônia no ano 539 a.C. a Pérsia estabelece seu império mundial, de forma que o poder que havia se levantado por último (Pérsia) acabou se tornando maior que a Média.

É igualmente notória a relação existente entre o Leopardo com quatro cabeças e o Bode com um chifre notável que ao seu tempo é arrancado e substituído por outros quatro. Assim como os detalhes dos dois chifres do Carneiro continha informações adicionais que se encaixariam perfeitamente no reino por ele simbolizado, assim também os detalhes do chifre entre os olhos do Bode sendo arrancado no auge de sua força e substituído por outros quatro sem a mesma força que o primeiro, encaixam-se minuciosamente com os detalhes da história do reino helenístico. A história conta que o primeiro e grande rei do império macedônico, Alexandre o Grande da Grécia, no auge de suas conquistas acabou morrendo. Como não havia indicado sucessor, sua morte foi precedida por 22 anos de sangrentos conflitos que só vieram a termo no ano de 301 a.C. na batalha de Ipsus. Nesta batalha, não somente os esforços de Antígono em estabelecer um império mundial consolidado foram destruídos, como também ficou definida a divisão do império greco-macedônico entre seus quatro principais generais: Cassandro, Lissímaco, Seleuco e Ptolomeu.

No verso 8, depois de descrever o colapso da Grécia, fragmentando-se em vários reinos, o chifre pequeno é descrito como vindo 'de entre eles'; isto é, de um dos 'quatro ventos do céu' (v.8), seu antecedente imediato.

A maioria dos comentaristas entende que o chifre pequeno saiu de um dos quatro chifres, mas a gramática hebraica dá a entender diferentemente, que o poder do 'chifre pequeno' veio de um 'dos ventos do céu', não dos quatro chifres. Deste modo, a expressão 'quatro ventos do céu' é o antecedente mais próximo de 'um deles' e não dos 'quatro chifres'. O chifre pequeno, então, sai de um dos quatro ventos (os pontos cardeais) em lugar de um dos quatro chifres. Além disso, o chifre pequeno cresce em direção a três entidades geográficas, 'o sul', 'o oriente' e 'a Terra Gloriosa'. Esta segunda atividade do chifre pequeno sugere que a primeira atividade, 'a saída' também pertence ao plano geográfico, os quatro pontos cardeais. Finalmente, o verbo 'sair' (yatza) no verso 9 é diferente do verbo 'sair' ('alah) que é usado para saída dos outros chifres (vs. 3 e 8). (Veja ainda M.Proebstle, 'A Text-oriented Analysis of Daniel 8:9-14' [tese de Ph.D., Universidade Andrews, 2003], págs. 100-104.)

Pela história, sabemos que Tito foi um imperador romano, o poder que veio depois dos quatro impérios gregos foi Roma, que surgiu de um ponto a oeste desses impérios.

Vejamos algumas razões contra a interpretação do chifre pequeno de Daniel 8 como sendo o rei selêucida Antíoco IV, conhecido como Antíoco Epifânio:

1- Dn. 8:23 coloca o surgimento do chifre pequeno no fim do reinado dos reis simbolizados pelos quatro chifres que surgiram no lugar daquele chifre notável. Antíoco IV (175-164 a.C.) está situado no meio da linhagem dos reis selêucidas (312-65 a.C.) não no fim;

2- A história nega que este rei tenha prosperado (vs. 12) ou que tenha se tornado muito forte (vs. 9). Ele foi humilhado pelos Romanos no sul (Egito) e morreu sob circunstâncias obscuras e tristes no oriente ou leste

(Mesopotâmia). Mesmo seu fugaz sucesso na terra gloriosa (Jerusalém) se desfez enquanto ele ainda vivia;

3- Todas tentativas de encaixar as 2.300 tardes e manhãs no período em que Antíoco IV interrompeu o serviço do santuário e o profanou se demonstraram inconsistentes com os comprovados fatos históricos. Mesmo que se force o entendimento para entender as 2.300 tardes e manhãs como 1.150 sacrifícios diários (e portanto 1.150 dias ou aproximadamente 3 anos e 2 meses), este período não coincidirá com os 3 anos e 10 dias em que de fato o templo foi profanado (de acordo com I Macabeus 1:54 a 59 e 4:52-54 foi de 15º dia de Chislev de 168 a.C. até o 25º dia de Chislev de 165 a.C.);

4- Antíoco Epifânio não destruiu o templo judaico.

5- Jesus afirmou clara e explicitamente que a abominação desoladora que havia se referido o profeta Daniel ainda se encontrava no futuro em relação ao momento em que estava proferindo seu discurso (Mateus 24:15). Antíoco Epifânio morreu cerca de dois séculos antes destas palavras de Jesus, e portanto é ilógico pensar nele como que cumprido a profecia do chifre pequeno de Daniel.

Por outro lado, a simples aplicação do princípio do paralelismo que aponta o reino que sucedeu ao Bode do capítulo 8, como o mesmo reino que sucedeu o Leopardo do capítulo 7, e o mesmo reino que sucedeu a parte de bronze do capítulo 2, ou seja, Roma, é ainda a principal evidência de que o Chifre Pequeno jamais poderia ser um rei tão geograficamente restrito e de tão pouco destaque como foi Antíoco Epifânio.

Um outro argumento muito simples que desbanca completamente Antíoco Epifânio é o fato de por duas vezes (versos 17 e 19) o anjo Gabriel dizer claramente que a visão se cumprirá no "fim do tempo" ou no "tempo do fim". Não tem fundamento alguém querer entender que a justificação (vindicação) do santuário de Daniel 8:14 refere-se ao momento que as profanações de Antíoco Epifânio no templo judeu

terminaram, se a data em que isto ocorreu é antes mesmo do nascimento de Cristo que, por sua vez, colocou o tempo do fim no futuro (Mateus 24:3-14).

O Chifre Pequeno

As peripécias do Carneiro e do Bode, identificados pelo próprio anjo que recebe a ordem para explicar a visão para Daniel como o rei (reino) da Média e da Pérsia e o rei (reino) da Grécia, preparam o cenário para a parte mais impressionante da visão: o surgimento de um Chifre muito pequeno que cresceu muito para o sul, para o oriente e para a terra formosa.

Estas indicações políticas confirmam sua identificação como sendo Tito, pois destacam sua expansão rumo a o Egito (sul), Síria (oriente), e Palestina (terra formosa). Entretanto, estas características políticas são apresentadas de forma bem sucinta e limitada, em comparação com as demais características de caráter espiritual. Fica evidente que o objetivo do capítulo 8 é apresentar o engrandecimento do Chifre Pequeno em termos espirituais, destacando a natureza espiritual ofensiva de suas atividades.

Veja abaixo uma comparação entre o crescimento político (horizontal) do chifre pequeno com seu engrandecimento espiritual (vertical):

Atividade Horizontal	Atividade Vertical
Crescimento Político	Engrandecimento Espiritual
1- Sul 2- Oriente 3- Terra Formosa	1- Contra o exército dos céus 2- Contra o Príncipe dos príncipes 3- Contra o Santuário 4- Contra a verdade
Daniel 8:9	Daniel 8:10-12 e 23-25

Purificação do Santuário

O tema do santuário é central em Daniel capítulo 8. Uma das provas é que até os animais escolhidos por Deus para simbolizar o império Medo-Persa e Macedônico são animais pertencentes ao ritual do santuário: um carneiro e um bode.

De acordo com já comprovado princípio do paralelismo entre as visões de Daniel, verificamos que a Purificação do Santuário do capítulo 8 está indiscutivelmente em direta relação com Tribunal Celestial do capítulo 7. A evidência bíblica é tão forte que não existe como refutar esta relação. Perceba que tanto o Tribunal no capítulo 7 quanto a justificação do Santuário no capítulo 8 ocorrem após a campanha do Chifre Pequeno do 4º império mundial. E para provar isto temos não somente uma seqüência bíblica, mas duas:

Seqüência	Acontecimento	**Daniel 7**	Acontecimento	**Daniel 8**
1ª seqüência	Chifre Pequeno se manifesta	Verso 8	Chifre Pequeno se manifesta	Versos 9-12
	Tribunal Celestial	Versos 9-10	Justificação do Santuário	Versos 13-14
2ª seqüência	Chifre Pequeno se manifesta	Versos 24-25	Chifre Pequeno se manifesta	Versos 23-25
	Tribunal Celestial	Verso 26	Justificação do Santuário	Versos 25-26

E mais, tanto após o Tribunal Celestial do capítulo 7 como após a Justificação do Santuário do capítulo 8, temos na seqüência a destruição definitiva do Chifre Pequeno (comparar Daniel 7:26 com 8:25).

Como vimos, está inegavelmente claro a relação que existe entre o Tribunal celestial e a justificação do Santuário, bem como a seqüência em que ocorrem, ou seja, após a manifestação do Chifre Pequeno e durante a parousia, quando ele será definitivamente destruído.

A interpretação correta da profecia que se segue (Daniel 9) dependerá substancialmente do entendimento deste paralelismo. Sem esta compreensão não conseguiremos ver a vital relação entre o capítulo 8 e 9, fazendo com que a profecia das 70 semanas surja como um elemento completamente desconexo nesta seqüência de profecias.

Conexões entre Daniel 8 e 9

Nós já vimos os paralelos entre Daniel 7 e 8 e como eles descrevem o mesmo chifre pequeno agindo no tempo do fim. Agora iremos analisar a estreita relação entre Daniel 8 e 9. O propósito deste artigo é mostrar que a conexão entre esses capítulos proféticos é mais íntima e indissolúvel do que alguns comentaristas já perceberam.

Considere os paralelos linguístico e conceitual sugeridos na lista a seguir:

1. Ambas as profecias giram em torno do santuário.

É de acordo comum entre os comentaristas que o santuário é central em Daniel 8, mas geralmente não percebemos que é quase tão central em Daniel 9.

O tema da oração de Daniel é a restauração do santuário, e o ponto de partida das setenta semanas tem a ver com o restabelecimento da comunidade do santuário judeu. A profecia, depois de apresentar as bênçãos associadas à vinda do Messias, incluindo a unção do "santíssimo", encerra com referência ao destino do santuário.

"E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário; e até o fim da guerra ficarão as desolações" (Dn. 9:26). Compare Dn. 8:13 : "Até quando será a visão a respeito ... da transgressão da desolação, para dar tanto ao santuário como do exército a serem pisados?"

É certamente significativo que Cristo em sermão escatológico, deveria citar tanto Daniel 8 quanto 9 sobre o destino do santuário. Portanto:

"Quando, pois, virdes a abominação da desolação de que fala o profeta Daniel, estiver no lugar santo" (Mt. 24:15 ; compare com Dn. 9:27).

"E Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem" (Lc 21:24 ; compare com Dn. 8:13).

Cristo aqui cita frases, "abominação da desolação" e "pisadas sob os pés" de Daniel 9 e 8, respectivamente. (Para o primeiro veja Dn. 12:11 na Septuaginta.)

O comentarista judeu rashi ve em Daniel 8:13 uma predição da desolação realizada por Tito, e muitos comentaristas encontraram o mesmo em Daniel 9:26, 27. Apocalipse 11:2 confirma essa interpretação.

Essa evidência indica que Daniel 9, assim como Daniel 8, discute o destino do santuário, desde o seu ponto de partida até o tempo do fim.

2. Ambas as profecias se referem a Cristo e ao "Anticristo" como protagonistas da guerra pelo santuário.

Em Daniel 8, lemos sobre o "príncipe do exército", cujo santuário foi derrubado pelo chifre pequeno. Ele também é referido como o "Príncipe dos príncipes", enquanto o chifre pequeno é denominado "um rei de semblante feroz".

Em Daniel 9, encontramos o príncipe do santuário é referido como "Messias, o Príncipe", enquanto o seu oposto é descrito como "o príncipe que virá". "Come" é sempre usado em Daniel em conexão com a abordagem guerreira de um poder hostil. (Veja caps. 1:1; 8:6; 11:10, 13, 15, 16, 40.) Sem dúvida, a referência aqui em Daniel 9:26 refere-se particularmente à previsão no capítulo anterior referente ao futuro príncipe desolador.

O "povo do príncipe que virá", é evidente, são os romanos, por quem o templo judeu foi destruído. Mas visto que o mesmo anjo é o mensageiro em ambas as visões (um ponto para o qual o Espírito chama nossa atenção especial), o significado da frase é mais simplesmente explicado por essa narrativa do Pequeno Chifre. Um rei de semblante feroz. O anjo

Gabriel já ensinou ao profeta que ele derrubará o lugar do santuário e destruirá o povo santo. Ele agora declara novamente, quando o Messias for cortado, o povo do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário. Que alusão pode ser mais clara e distinta? Certamente está claro que o mesmo príncipe e povo são anunciados nas duas visões, e o próprio profeta nunca poderia ter suposto, por um momento, que a desolação do santuário, anunciada quinze anos antes, teria quase seiscentos anos mais tarde o seu cumprimento. O Pequeno Chifre, então, deve ser um [rei] do poder romano.

3. Ambas as profecias começam com o tempo da Medo-Pérsia.

Daniel 8 tem para seu primeiro símbolo um carneiro tendo dois chifres, e o profeta é dito que os chifres representam os reis da Mídia e da Pérsia.

Daniel 9 tem seu ponto de partida na referência à saída do mandamento de restaurar e construir Jerusalém, cujo mandamento, naturalmente, foi emitido nos dias da Medo-Pérsia (ver Esdras 6:14).

4. Ambas as profecias culminam com o julgamento "anticristo" no final dos tempos. O principal símbolo agressivo em Daniel 8 é o pequeno chifre desolador, mas a profecia se encerra com a promessa de que esse poder será "quebrado sem mão" (versículo 25).

Daniel 9 fala do "príncipe que virá" contra o santuário, e depois de descrever as desolações do lugar santo, é prometido que em última análise "aquelo que foi determinado será derramado sobre o desolador" (verso 27).

Muitos comentaristas salientam que a linguagem da última seção de Daniel 9:27 é um eco de Isaías 10: 23-25 , que prediz a destruição final dos inimigos de Israel. O conceito de "jorrar" reaparece em Apocalipse 15 e 16 com o derramamento das pragas sobre a Babilônia.

5. Ambas as profecias apontam para a entrada da justiça eterna.

Daniel 8, por seu retrato de poderes vitoriosos de perseguição através dos tempos, diz com efeito: "A impiedade prosperará até que o santuário seja purificado [vindicado]". Essa purificação, ou justificação, do santuário é feita como o término da campanha de três anos e meio do chifre pequeno. Assim, na explicação dada por Gabriel declara-se que, em última análise, o pequeno chifre conquistador será "quebrado sem mão", uma referência óbvia à parousia, a vinda do "reino eterno" de Deus referido em Daniel 2:44, 45 e 7:27 .

A palavra para "purificado" no capítulo 8:14 é a forma nifal da raiz cujo substantivo ocorre em Daniel 9:24 como "justiça", a "justiça eterna" a ser introduzida pelo Messias quando o pecado e a transgressão terminarem. Assim, tanto Daniel 8 e 9 apontam para o estabelecimento do reino de justiça de Deus, assegurado pelo Calvário e estabelecido na parousia.

Por meio de revisão, expressões paralelas (relacionadas, embora nem sempre idênticas em significado) nas duas profecias agora são colocadas lado a lado.

Daniel 8

"Gabriel faz este homem entender a visão."
"O santuário é derrubado."
"Por motivo de transgressão."
"A respeito da transgressão da desolação" (abominação da desolação).
"Pisado sob o pé."
"Até dois mil e trezentos dias."
"Então o santuário será purificado" (vindicado).
"se levanta contra o príncipe do exército."
"Deve se levantar contra o príncipe dos príncipes."
"Rei de semblante feroz."
"Na tempo do fim será a visão."
"Na hora marcada, o fim será."
"Destruirá o povo poderoso e santo."

"Ele será quebrado sem mão."

Daniel 9
"Ele [Gabriel] me informou, (...) e disse: (...) Agora eu saí para dar-lhe habilidade e compreensão. Portanto, entenda o assunto e considere a visão."

"Considere a visão."
"Para selar a visão."
"Destruirá ... o santuário."
"Para terminar a transgressão."
"Desolações são determinadas".
"Ele deve tornar desolado."
"Para trazer a justiça eterna."
"O Messias, o Príncipe".
"Deverá o Messias ser cortado."
"O príncipe que virá."
"Destruirá a cidade e o santuário."
"Até o final da guerra, as desolações são determinadas".
"O que está determinado será derramado sobre o desolador."
"Desolado, até a consumação."

A significância desses paralelos será rapidamente apreciada se os motivos centrais forem comparados da seguinte maneira:

Daniel 8
"E o lugar do seu santuário foi destruído", dando "tanto o santuário como o exército a serem pisados". "Até dois mil e trezentos dias."

Daniel 9
"(...) e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário (...) e até o fim (...) as desolações serão determinadas."

Mateus 24 deixa claro que ambas as profecias se referem à destruição de Jerusalém em 70 dC (cf .Mateus 24:1-22 e Apocalipse 11:2) Esse fato,

por si só, desqualifica a posição dos críticos que aplicam Daniel 8 aos tempos de Antíoco Epifânio.

Esses paralelos em tema entre os principais capítulos de Daniel confirmam a posição preterista e, além disso, demonstram a primazia dada à destruição de Jerusalém e do templo nas profecias que deveriam acontecer nos últimos dias, no tempo do fim.
Que mais evidências apontam para uma estreita conexão entre Daniel 8 e 9?

Muitos comentaristas das Escrituras não têm percebido a íntima relação entre os capítulos 8 e 9 de Daniel e, conseqüentemente, o vínculo entre as 2.300 tardes e manhãs e a segunda metade (3,5 anos) da septuagésima semana; entretanto, o contexto e certos detalhes do relato requerem essa estreita conexão, como as seguintes evidências o demonstram:

1) Praticamente, todos os elementos contidos na visão de Daniel 8:1-14 estão explicados em Daniel 8:15-27, exceto as 2.300 tardes e manhãs. É verdade que Gabriel fez menção do período, mas não pôde completar sua exposição.

2) A perspectiva da terrível perseguição a sobrevir ao povo de Deus mostrou-se muito mais do que o idoso profeta poderia suportar, e, em razão disso, ele se enfraqueceu e esteve enfermo alguns dias. Conseqüentemente, Gabriel teve que interromper sua exposição por algum tempo (Daniel 8:10-14 e 23-27).

3) Como a visão do capítulo 8 fazia referência ao Santuário e ao povo de Deus, ambos sendo atacados pelo chifre pequeno, Daniel teve sua atenção atraída para uma declaração de Jeremias, enquanto lia o livro desse profeta: “No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos.” Daniel 9:1 e 2. Segundo o profeta Jeremias, após a queda de Babilônia e a

ascensão dos reis medo-persas, os judeus poderiam esperar sua breve libertação. O reinado de Dario, da linhagem dos medos, deveria concretizar as esperanças de Israel; no entanto, sendo já o primeiro ano desse rei (havia passado o ano de ascensão), nenhuma medida havia sido tomada para permitir o regresso da nação judaica à sua pátria. Em decorrência disso, Daniel temeu que o período indicado em sua última visão fosse um acréscimo ao número de anos de cativeiro.

4) O receio de que os 2.300 dias representassem uma tardança no cumprimento da promessa de libertação motivou a oração de Daniel em prol de seu povo (Daniel 9:3-19). Sabendo que as promessas de Deus são condicionais (Jeremias 18:7-10) e concluindo que a transgressão de Israel era responsável pelo que ele considerava uma extensão dos 70 anos, Daniel suplicou pela misericórdia de Deus e pelo Seu perdão. Que o idoso profeta realmente estava enxergando as coisas sob essa ótica, pode-se deduzir de seu apelo final para que o Senhor não retardasse Sua intervenção (Daniel 9:19).

5) Uma comparação cuidadosa entre o capítulo 9 de Daniel, em que se faz referência às transgressões cometidas pelos judeus, ao mal que sobreveio à cidade de Jerusalém e à assolação do Templo, e os elementos do capítulo 8, em que se retrata um brutal ataque contra o Santuário de Deus, em virtude das transgressões do povo, torna evidente que Daniel tinha o problema diante de si enquanto orava.

6) Após a visão, Gabriel recebera a incumbência: "Dá a entender a este a visão." Ao iniciar suas instruções, o anjo dissera a Daniel: "Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim." "Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim." Daniel 8:16, 17 e 19. Mas, como, nessa ocasião, nem tudo fora devidamente explicado e visto que Daniel entendera mal a parte derradeira da visão, Gabriel teve que retornar para completar sua tarefa. Por isso, interrompendo a oração do profeta, disse o mensageiro de Deus: "Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e

entende a visão." Daniel 9:23. O objetivo de Gabriel, nessa nova visita, era o de projetar mais luz sobre o período profético mencionado na visão do capítulo precedente e, dessa forma, dissipar as conclusões equivocadas obtidas pelo profeta. Que Daniel estivesse pensando na visão recebida anteriormente também pode ser comprovado pela maneira como ele identifica o anjo do Senhor: "Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde." Daniel 9:21.

7) Entretanto, uma das mais fortes evidências sobre a estreita conexão entre as 2.300 tardes e manhãs e a segunda metade da septuagésima semana está em 2 vocábulos hebraicos empregados em Daniel 8 e 9.

A palavra "visão", conforme aparece nesses capítulos, é tradução de 2 vocábulos diferentes no original. Em Daniel 8:1, 13, 15, 17 e 26 (última parte); e 9:21 e 24, o termo utilizado é (chazon), enquanto que, em Daniel 8:16, 26 (primeira parte) e 27; e 9:23, o termo utilizado é (mareh).

A palavra "chazon" é utilizada em Daniel 8 e 9 para se referir à visão como um todo, incluindo os elementos do carneiro, do bode e da ponta pequena: "No ano terceiro do reinado do rei Belsazar, eu, Daniel, tive uma visão depois daquela que eu tivera a princípio." Daniel 8:1. Logo após a declaração concernente às 2.300 tardes e manhãs, a visão se encerrou, pois, no versículo 15, o profeta assim se expressa: "Havendo eu, Daniel, tido a visão (chazon), procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem." . Nesse momento, o anjo Gabriel se aproximou e deu início à sua exposição. Após ter elucidado os principais elementos da visão, Gabriel mencionou o período profético indicado no verso 14: "A visão (mareh) da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão (chazon), porque se refere a dias ainda mui distantes. Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias; então, me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão (mareh), e não havia quem a entendesse." Daniel 8:26 e 27. Esse trecho se reveste de vital importância porque as 2

palavras para "visão" aparecem com pequena distância entre si, permitindo uma comparação mais detalhada de seu significado. O vocábulo "mareh" é nitidamente associado a algo que foi dito na visão do capítulo 8. É importante notar que os versos 1-12 se referem a coisas que Daniel viu, ao passo que somente nos versos 13 e 14 se diz que o profeta ouviu algo. Tendo isso em vista, percebe-se que a palavra "mareh" não alude à visão na sua totalidade, mas somente àquilo que foi dito. Isso se torna ainda mais evidente quando se observa que o texto diz que a "mareh da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira". Em outras palavras, o termo "visão", enquanto tradução de "mareh", só se refere ao elemento "tempo" envolvido, o período das 2.300 tardes e manhãs, que consiste na única parte em que algo é falado na revelação. Dessa forma, quando o profeta exclamou que se espantava com a visão (mareh), sua intenção não era aludir a todos os elementos da revelação anteriormente recebida, tais como o carneiro e o bode. Isso seria ilógico, tendo em vista que Gabriel explicara o significado desses símbolos. A mente de Daniel estava voltada especificamente para o período de tempo mencionado.

Para arrematar, então, a conclusão de que a profecia das 70 semanas são um complemento para explicar às 2.300 tardes e manhãs, basta uma leitura atenciosa dos termos empregados nos versos 21 e 23 do capítulo 9. Após mencionar o anjo Gabriel, que ele "tinha observado" na sua "visão (chazon) ao princípio", Daniel registra as palavras que aquele mensageiro do Senhor lhe dirigiu: "No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão (mareh).". O uso da palavra "mareh", nessa última passagem, demonstra que o anjo Gabriel havia retornado, não para explicar todas as partes da visão do capítulo precedente, mas apenas aquela referente ao elemento "tempo envolvido", isto é, os 2.300 dias.

Com essas observações, não há como se contestar a íntima relação entre Daniel 8 e 9 e a real necessidade do estudo concatenado das 70 semanas e das 2.300 tardes e manhãs.

Daniel 9

Daniel o Mediador

O capítulo, escrito pelo próprio Daniel, começa com uma espécie de estresse sobre a ascendência mediana de Dario, cuja mãe era Medo (veja o capítulo 12). A oração e visão registrada aconteceu no primeiro ano de seu reinado, e Ciro fez seu decreto no primeiro ano de seu reinado (Esdras 1:1). Os acontecimentos de Daniel 6 aconteceu antes disso, no ano de Dario. Assim, embora a oração registrada aqui pode ter tido suas raízes nas orações de Daniel mencionado em Daniel 6, o evento real desta oração e sua composição completa evidentemente veio mais tarde, no primeiro ano oficial de Dario.

Aqui lemos que Daniel teve acesso às profecias escritas de Jeremias, o que significa que ou uma preliminar ou a forma final do livro de Jeremias foi terminado por esta altura. Mas de acordo com os críticos, Daniel é um livro falsificado, escrito por alguém vários séculos mais tarde. Esta declaração toda sobre a leitura de Jeremias é uma mentira plana, de acordo com esses"eruditos". Vamos passar para a palavra de Deus e deixar esses camelôs para trás.

Daniel vê a partir da leitura Jeremias que os 70 anos estão em alta. As pessoas devem ser voltar para casa. Mas eles não voltam.

Daí a sua oração.

Daniel se vê como tendo pecado, pelo menos, pela impureza da desatenção. No versículo 20, ele diz que sua oração é para a sua própria purificação, bem como para a de seu povo. Somos lembrados do rei Josias, que encontrou o livro da lei e levou Judá a se arrepender de seus pecados. Daniel lê Jeremias, e descobre que ele deveria ter orado sobre este assunto anteriormente.

Daniel entra na "morte", a desolação, de seu povo e de Jerusalém pelo jejum, retirando-se do mundo e seus Benefícios; por saco, colocar roupas de enterro; e por cinzas, fazendo-se, pelo fogo simbólico, um sacrifício vivo.

O versículo 4 diz que Daniel fazia confissão. Esta palavra relativamente raro é usado significativamente em Levítico 26:40, onde diz que quando as pessoas confessam seus pecados Deus vai restaurá-los para a terra. Isto é exatamente o que Daniel está buscando a ver com a sua oração. Também importante é Levítico 5:5-6, onde confissão é necessário se uma pessoa deixa de falar quando é chamado a fazê-lo, e também necessário é uma purificação. Já que o próprio Daniel precisa de purificação talvez seja por não falar e orar antes.

Daniel, colocando-se para a morte com o seu povo pelo jejum, torna-se cansado, e é tocada por Gabriel. Este reforço é uma ressurreição, e notamos que a ressurreição acontece depois que Daniel orou sobre os 70 anos e antes que ele é informado sobre as 70 semanas. A transição do primeiro para o segundo período é um tempo de ressurreição para Israel, quando Ciro vai deixá-los ir para casa e Jerusalém será reconstruída.

Esta é agora a quarta visão de Daniel. De acordo com Daniel 9:1, a visão ocorre "no primeiro ano de Dario" o Medo (538 aC). Daniel estava orando ardentemente pelos judeus em cativeiro quando o anjo apareceu a ele e deu-lhe mais revelação das coisas que virão na história dos judeus até o momento da vinda do Messias.

Observe que essas revelações progridem do sonho do rei interpretado, do sonho de Daniel, da visão aberta de Daniel e agora do anjo Gabriel, que Daniel tinha visto no primeiro sonho, agora está aparecendo a ele e até mesmo tocando-o fisicamente.

9.1: “No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus”.

O assunto principal deste capítulo que, em suma, en¬cerra uma série de 27 versículos, é a oração do profeta Da¬niel, para que Deus desse início ao regresso de seu povo. (Ver Salmo 126). Podemos dividir o presente capítulo da seguinte maneira:
1) A introdução (versículos 1 e 3).
2) A oração propriamente dita (versículos 4 a 19).
3) A resposta da oração: Deus enviando o anjo Gabriel (versículos 20 a 27).
Então o capítulo é dividido em duas partes:
1) A intro¬dução (versículos 20 a 23).
2) A resposta propriamente dita (versículos 24 a 27).
Agora a consolidação: A grande profe¬cia das "setenta semanas". Os versículos 1 e 2 do presente capítulo, apontam no tempo esta oração: foi no primeiro ano do governo de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos. Não sabemos determinar se o "Assuero" do texto em foco é o mesmo que vem citado no livro de Ester 1.1. Alguns comentadores aceitam que o Assuero do texto é Xerxes, e o nome "Assuero" pode ser um "título real aquemênida". Seja como for, nós aceitamos o que fica depreen¬dido dos textos divinos, o mais são especulações humanas.

9.2: "No ano primeiro do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falou o Se¬nhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos".

"Era de setenta anos". Daniel primeiro examina com cuidado as predições do profeta Jeremias sobre os "setenta anos de cativeiro" (Jr 25.11, 12). Setenta anos de cativeiro sobre a nação foi para "que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram" (2 Cr 36.21). Deus ordenou a Israel, no deserto, que trabalhasse seis dias em sete e, se¬melhantemente, seis anos em sete. (Ver Ex 20.9, 10; Lv 25.1-7). A guarda do sábado à risca foi observada por Israel logo no deserto, e um homem foi morto porque apanhou le¬nha no sábado. (Ver Nm 15.32-36). A segunda ordem de Deus para que se guardasse o ano sabático só entraria em vigor com a entrada da nação na terra prometida. (Ver Lv 25.2-4). Isto significa que todo o "tempo pertence a Deus". Durante esse ano (de repouso), a terra

não era lavrada, o fruto era livre, e a confiança do povo em Deus era provada. Aprendemos de Deuteronômio 31.10-13, que este ano era empregado para dar instrução religiosa ao povo. Durante os 490 anos da monarquia, esta lei não foi observada, como devia ter sido por 70 vezes. Por isso, foram dados ao povo 70 anos de cativeiro. Deus, apenas, como sempre, só exigiu o dízimo dos 490 anos. (Ver 2 Cr 36.21). Daniel sabia que Deus é o "Justo Juiz" e só cobraria o "dízimo" dos anos, e pôs-se a orar confiantemente por um repatriamento. (Comp. Sl 126).

9.3: "E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e rogos, com jejum, e saco e cinza".

Daniel, como já ficou demonstrado, sabia que Deus só exigia o que é seu e, numa confiança inaudita na grande misericórdia dele, e numa inteireza de fé, pediu a Deus que virasse o cativeiro do seu povo "... como as correntes do sul". (Ver Sl 126.4). O ardente desejo deste servo fiel era ver seu povo perdoado, e a cidade de Jerusalém, mormente o templo do Senhor, reedificados. Ele permaneceu em ora¬ção "velando nela com ação de graças". (Ver Cl 4.2). Até as três horas da tarde (a hora do sacrifício da tarde), Daniel permaneceu em oração, exemplificando o centurião Cornélio (At 10.30). Então chegou Gabriel, um embaixa¬dor da corte celestial. A oração, na vida de Daniel, era um costume regular. No seu aposento de janelas abertas, na direção de Jerusalém, ele podia ser encontrado orando três vezes por dia. (Ver 6.10). Há uma promessa para aqueles que, em tempo de angústia, buscam a Deus virados para o santo templo. (Ver 1 Rs 46-49).
9.4: "E orei ao Senhor meu Deus e confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o con¬certo e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos"

"... e confessei, e disse". O texto em foco mostra Daniel assumindo a posição de sacerdote (ainda que não o fosse) e fazendo confissão. A confissão é a expressão pública da fé. Enquanto o testemunho se dirige aos homens, a confissão dirige-se a Deus, num movimento espontâneo de gratidão e louvor. No Novo Testamento, a "confissão" possui três significados especiais: 1) Louvar ou celebrar. 2) Proclamar o Senhor e

sua libertação. 3) Reconhecer as próprias cul¬pas. Nessa parte da Bíblia, a palavra traduzida por "con¬fessar" significa, inicialmente, "entrar em conciliação, concordar sobre uma base comum".

9.5: "Pecamos, e cometemos iniquidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos".

"Pecamos, e cometemos iniquidade". Daniel demons¬tra sua grande humildade diante de Deus, em confessar o pecado de seu povo, mas se coloca também numa posição de culpa, como se fosse um pecador: Da¬niel, como já ficou explícito em outras notas expositivas, sabia que, segundo as Escrituras, o pecado "cortava" quaisquer laços de comunhão entre o homem e Deus, como declara o profeta Isaías (Is 59.2).

9.6: "E não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes, e nossos pais, como também a todo o povo da terra".

"... não demos ouvidos aos teus servos, os profetas". Daniel nos informa que o castigo caído sobre a nação israelita era resultado do "não ouvir" a Palavra de Deus enviada pelos profetas do Senhor. Através dos anos, Deus tinha enviado a muitos profetas para que falassem com Seu povo, mas suas mensagens caíram no vazio. A verdade era muito dolorosa para escutá-la.

9.7: "A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós a confusão de rosto, como se vê neste dia; aos homens de Ju- dá, e aos moradores de Jerusalém, e a todo o Israel; aos de perto e aos de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa da sua prevaricação, com que prevari¬caram contra ti".

"... prevaricaram contra ti'. Numerosas são as palavras com a significação de pecado, na Bíblia. Se bem que o An¬tigo Testamento as empregue facilmente umas pelas ou¬tras. (Ver Dt 19.15: a iniquidade, a falta, o pecado.) E inte-ressante retornar aos seus significados primários, que nos revelam a essência bíblica de pecado. Os sábios traduzi¬ram a

palavra “hamartia” por pecado, no idioma portu¬guês, que toma o sentido: 1) Tortuosidade (sentido pró¬prio). 2) Errar o alvo (sentido religioso). Na Bíblia são nu¬merosos os “pecadores”, cujas ações são definidas como desvio. Outra palavra corrente para o pecado vem de uma raiz que significa algo que é “torto” ou “curvo”. No senti¬do nacional, é a do presente texto: a nação inteira é toma¬da como um todo, na prática do pecado, como por exem¬plo: “Israel pecou, e até transgrediram o meu concerto...” (Js 7.11). Mas havia também a prática, mesmo em Israel, no sentido individual, como por exemplo: “sacerdo¬te... príncipe... congregação... qualquer outra pessoa...” (Ver Lv 4). Daniel, em sua oração a Deus, inclui a nação como um todo.

9.8: “O Senhor, a nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, porque pecamos contra ti”.

“Porque pecamos contra ti’. O velho profeta em sua oração intercessora continua pedindo a Deus a expurgação do pecado, tanto praticado no presente como no passado. Daniel conhecia muito bem os males que o pecado tinha causado ao seu povo. Há o pecado congêni¬to, herdado de Adão. Há ainda o pecado praticado; este é transgressão (Ver 1 Jo 1.9). O primeiro vem no singular, o segundo no plural. Quanto à prática do pecado, há duas espécies de pecado: a primeira por comissão. (Ver Tg 1.15). A segunda por omissão. (Ver Tg 4.17). Na mudança e transformação dos santos, que se chama “a redenção do cor¬po”, seremos para sempre salvos da presença do pecado. (Ver Rm 8.23; 1 Co 15.52, 53).

9.9: “Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos rebelamos contra ele”.

"... a misericórdia e o perdão”. Essa é uma das mais co¬nhecidas palavras da Bíblia. Isto é, a palavra “perdão”. Toda uma série de expressões, no Antigo e no Novo Testa¬mento designam o ato de perdão e permitem definir sua natureza. A expressão mais correta é “remir”, “abando¬nar” (uma transgressão), em comparação com a remissão de uma dívida (Sl 32.1; Mt 9.2; Lc 7.48). Há as expressões “não imputar”

(Nm 12.11; Sl 32.2; Rm 4.8), “cobrir”, como algo que mais não se quer ver. (Ver Sl 85.3; Rm 4.7). Paulo diz que o perdão humano está baseado no perdão di¬vino: “antes sede uns para com os outros benignos, miseri¬cordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4.32). Em Mt 26.28, essa palavra é também traduzida por “remissão”; ela significa “mandar embora”. No Novo Testamento há diversos pon¬tos notáveis. Um deles é que o pecador perdoado deve tam¬bém perdoar aos outros. Isso é manifestado em Lc 6.37, na oração do Pai Nosso, e noutras passagens paralelas. No texto em foco, porém, Daniel pede a Deus, um perdão de cunho nacional, isto é, um perdão extensivo à nação como um todo.

9.10: “E não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu pela mão de seus servos, os profetas”.

"... não obedecemos à voz do Senhor’. São muitas as passagens correlatas da Bíblia, quanto ao assunto da deso¬bediência de Israel em andar segundo a Lei.

9.11: “Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desvian¬do-se, para não obedecer à tua voz: por isso a maldição, o juramento que está escrito na lei de Moisés, servo de Deus, se derramou sobre nós; porque pecamos contra ele”.

Sob os termos da aliança que Deus estabeleceu no Monte Sinai, como a infidelidade como Daniel confessa em vv. 5-11 de sua oração resultaria na destruição e o exílio do povo de Deus da terra da promessa: a maldição e o juramento, que estão escritos na lei de Moisés se refere a Lev. 26:14-45 e Deut. 28:15-68. Deus tinha dado ao povo do Israel uma eleição: me obedeçam e serão bentos, ou me desobedeçam e se enfrentarão às maldições. A aflição tinha a intenção de fazer que o povo se voltasse para Deus. No texto em foco, Daniel nos diz que a maldi¬ção veio a seu povo por causa da desobediência contra Deus.

9.12: “E ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juízes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto nunca debaixo de todo o céu aconteceu como em Jerusalém”.

O texto em foco e outros que seguem são a continuação da oração intercessora de Daniel. Nota-se que, como Davi no Salmo 51, Daniel não se justificava do pecado que co¬metera. O grande servo de Deus também não se desculpa, de forma alguma, como bem podemos presenciar nos versí¬culos 7, 8, 11 e 18 do capítulo em foco; apesar de ter uma vida pura, irrepreensível e justa, ele se coloca ao lado dos que pecaram e pede misericórdia da mesma maneira que Moisés se identificou com Israel como culpado (Ex 34.9). Daniel, sendo grande conhe¬cedor das Escrituras, invocava a Deus sobre a inspiração de suas palavras. Não é só neste capítulo que encontramos exemplos de oração como esta, mas já no passado existia um grande exemplo disto em Israel. (Ver 2 Sm 7.25-29; 1 Rs 18.1,41-46).

A destruição de Jerusalém pelos romanos e a situação dos judeus durante quase dezoito séculos excederam em muito todos os mistérios da captura de Jerusalém pelos caldeus. E no cativeiro babilônico, aqueles mistérios excederam os juízos aplicados a outras nações. A culpa da crucificação do Messias e a rejeição do Evangelho foram muito piores do que outras transgressões. Lm 1.12; Lm 2.13; Lm 4.6; Ez 5.9; Jl 2.2; Am 3.2; Mt 24.21; Mc 13.19; Lc 21.22

9.13: “Como está escrito na lei de Moisés, todo aquele mal nos sobreveio; apesar disso, não suplicamos à face do Senhor nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades, e para nos aplicarmos á tua verdade”.

Daniel mencionou as bênções e as maldições definidas no Deuteronomio 28, como vimos no versículo 11, e que apesar de todo mal que sobreveio ao povo, eles não se converteram das iniquidades.

9.14: “Por isso, o Senhor vigiou sobre o mal, e o trouxe sobre nós; porque justo é o Senhor, nosso Deus, em todas as suas obras, que fez, pois não obedecemos à sua voz”.

“...justo é o Senhor, nosso Deus”. O presente texto nos faz lembrar do que diz o salmista no Salmo 87.2: “Nuvens e obscuridade estão ao redor dele; justiça e juízo são a base do seu trono”. A Bíblia Sagrada, em seu conceito geral, apresenta a pessoa de Deus como “O Justo Juiz” (2 Tm 4.8). Essa posição coaduna-se com a sua natureza. Deus não pode ultrajar o “direito de ninguém”, porque “justiça e juízo são a base do seu trono”. A justiça é a expressão e a execução da retidão; essa pode ser chamada de santidade judicial. A palavra “justiça” aparece dezenas de vezes no Antigo Testamento, como tradução do termo hebraico “cedheq”. No Novo Testamento, o substantivo “justiça” aparece, como tradução do termo grego “dikaiosumê”, cer-ca de noventa (90) vezes. Em seu sentido lato, significa “equidade legal”. A palavra, quando se aplica à pessoa de Deus, significa a “infinita retidão daquele que é justo”, e, neste sentido, ela se encontra na presente passagem. Da¬niel apela para essa “justiça de Deus” que, ao invés de pu¬nir o pobre homem culpado, o auxilia, dando-lhe o que ele precisa. Podemos observar no Salmo, que as "nuvens" são frequentemente usadas para uma imagem gráfica de Julgamento.

9.15: “Na verdade, ó Senhor nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e ganhaste para ti nome, como se vê neste dia, pecamos; obramos impiamente”.

"... com mão poderosa”. A palavra “onipotência” deriva-se de dois ter¬mos latinos, “ommis” e “potentia” que, juntos, significam “todo poder”. O termo denota o supremo poder pessoal de Deus. Esse atributo é peculiar à sua pessoa e significa que seu poder é ilimitado, que ele tem o poder de fazer qual¬quer coisa que queira. (Ver Lc 1.37). O texto em foco, como outros correlatos, focali¬za sobre a “mão poderosa de Deus”, isto é, não o exercício da força muscular, mas sobretudo o supremo poder da Pa¬lavra da sua boca, como também do seu Ser. Deus é o Todo-poderoso em grau supremo!

9.16: “O Senhor, segundo todas as tuas justiças, apar¬te-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte; porquanto, por causa dos nossos pecados, e por causa das iniqüidades de nossos pais, tornou-se Jeru¬salém e o teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós”.

O presente versículo mostra como Daniel se sentia hu¬milhado, aos olhos de todas as nações, porque o cativeiro de Judá e a não-existência do santuário de Jerusalém. O templo do Senhor e a cidade de Jerusalém, tudo estando em grandes ruínas, era considerado por todo o judeu como “um opróbrio”. (Ver Ne 1). Daniel estava consciente de tudo isso e pediu a Deus que, através da sua justiça e retidão, ti¬rasse de seus servos esse opróbrio.

9.17: “Agora, pois, ó Deus, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado faze res¬plandecer o teu rosto, por amor do Senhor”.

O texto em foco mostra como Daniel usa expressões fa¬miliares de várias partes do Antigo Testamento. Ele afir¬ma a sua expectativa de que a sua oração será ouvida, e que Deus fará com que, tanto a cidade como o templo e as tranqueiras (circunvalações), em Jerusalém, sejam edificados, e que Deus o fará, agora, sem muita demora. Daniel era um crente fiel e não fanático; sua oração está pontilha¬da, tanto de sabedoria como em expressão.

9.18: “Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos; e ouve; abre os teus olhos e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lança¬mos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias”.

O presente versículo encerra vários elementos que re¬tratam a bondade suprema de Deus. Daniel lança perante Deus toda essa oração, mas esclarece dizendo: “Não lança¬mos as nossas súplicas... fiados em

nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias". A misericórdia divina, faz parte do seu grande amor.

9.19: "O Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; á Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo se chamam pelo teu nome".

O presente versículo é o clímax da oração de Daniel neste capítulo. E três pontos focais devem ser analisados aqui:
1) No versículo 17, Daniel pediu especificamente pela volta do povo. Mas ele o fez indiretamente. Ele pediu a Deus que demonstrasse o seu favor para com o seu san¬tuário que estava desolado há tanto tempo.
2) No versículo 18, pediu a Deus que demonstrasse o seu favor para com os cativos na Babilônia e para com os que estavam lá, em Je¬rusalém. Mas outra vez Daniel acrescenta rapidamente que ele não estava fazendo o pedido por Israel merecer o fa¬vor de Deus.
3) Finalmente, no texto em foco, Daniel pediu francamente que Deus não se retarde. Isto é, ele queria que Deus permitisse ao seu povo voltar logo, uma vez que os se¬tenta anos se estavam completando desde o começo do ca¬tiveiro, em 605 a.C. O doutor Leon Wood nota: "Observe o cuidado que Daniel tinha na sua oração. Ele não era im¬prudente, nem exigente, como se Deus tivesse a obrigação de dar algo a seu povo".

9.20: "Estando eu ainda falando e orando, e confessan¬do o meu pecado, e o pecado do meu povo Israel, e lançan¬do a minha súplica perante a face do Senhor, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus".

"Pelo monte santo do meu Deus". O versículo em foco e os anteriores descrevem vários aspectos que dizem respei¬to, tanto a cidade de Jerusalém como ao povo escolhido, mas um dos pontos focais é, sem dúvida, a restauração do santo lugar onde sabemos ter sido erigido o "templo do Se¬nhor Deus de Israel". A palavra "Sião" significa monte ensolarado. E, ainda que a palavra tenha uma nata aplica¬ção (incluindo até mesmo o local do templo de Jerusalém, algumas vezes), indica a colina mais oriental das duas sobre as quais Jerusalém foi edificada. O monte Sião, tam¬bém é identificado como a Jerusalém "lá de cima".

(Ver Gl 4.26). E também como a cidade de Deus nos céus (Hb 12.22). O monte Sião é mencionado no Novo Testamento nas seguintes passagens: Mt 21.5; Jo 12.22; 1 Pe 2.6 e Ap 14.1. A cidade de Davi era Jerusalém (1 Rs 8.1). O templo foi edificado no monte de Moriá, e o palácio de Davi, no monte Sião. Portanto, Sião é sempre usado, na simbologia profética, como "o santo monte", por se ter tornado, profe¬ticamente falando, o lugar escolhido como sede do reino espiritual de Cristo. (Ver Is 2.3 e Ob 17). Eis a ra¬zão por que Daniel tanto se interessava pela restauração do santo monte do Senhor.
9.21: "Estando eu, digo, ainda falando na oração, o va¬rão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princí¬pio, veio voando rapidamente, e tocou-me à hora do sa¬crifício da tarde".

"Veio voando rapidamente". Isso é dito acerca do "anjo Gabriel". O presente versículo, além de encerrar outros elementos doutrinários apresenta um dos pontos focais: a rapidez dos anjos. Podemos entender que a "rapidez" dos anjos, voando, pode-se comparar a "um re¬lâmpago" ou a um pestanejo. Apenas quatro classes de seres são apresentadas na Bíblia como tendo asas. 1) Os querubins (Ex 25.20; 2 Cr 5.7; Ez 1.6; Ap 4.8). 2) Os serafins (Is 6.1-6). 3) Os anjos (Ap 8.13; Dn 9.21). 4) E certamente o arcanjo Miguel (Jd 9).

9.22: "E me instruiu, e falou comigo, e disse: Daniel, agora saí para fazer-te entender o sentido".

O versículo em foco nos lembra o que diz o Senhor em Is 65.24: "E será que antes que clamem, eu responderei: es¬tando eles ainda falando, eu os ouvirei". Daniel ainda es¬tava "falando" quando o mensageiro celestial apareceu trazendo já a resposta de Deus. Primeiro o anjo de Deus disse que tinha vindo para dar a Daniel entendimento sobre o sentido daquilo que lhe ia explicar. Ele estava se referindo aos acontecimentos futuros. Esses acontecimen¬tos relacionavam-se com o pedido de Daniel naquela longa oração que ele estava fazendo. Então Gabriel disse que, no exato momento em que Daniel tinha começado a orar, já tinha recebido a resposta de Deus.

9.23: “No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para te declarar, porque és mui amado: toma pois bem sentido na palavra, e entende a visão”.

Antes de terminar sua fervorosa oração, certamente dizendo a Deus que os setenta anos de cativeiro já tinham expirado. (Ver v. 2) ele, então, recebeu uma visita do “va¬rão Gabriel”, que “veio voando rapidamente” com uma profecia de “setenta semanas” (ver v. 24). O número se re¬laciona com o perdão que é de “setenta vezes sete” (Mt 18.22). O anjo celeste explica a Daniel que aquela visão das setenta semanas é possível ser entendida, mas isso requer uma acurada investigação. A seguir, o anjo apresenta a profecia no sentido completo, e depois mostra a Daniel as suas divisões (v. 24), que são vistas nos versos 25 a 27.

As 70 Semanas de Daniel 9

Estrutura e cronologia das 70 semanas de Daniel

A profecia das 70 semanas de Daniel (9:24-27) é uma famosa e intrigante passagem da Bíblia. Seu caráter escatológico e a estrutura temporal nos dão informações importantes para a escatologia bíblica.

"24 Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniqüidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo. Daniel 9.24"
Estrutura de aliança

Se queremos entender a profecia de Daniel, é extremamente útil reconhecermos a estrutura crucial dessa profecia singular.

Meredith Kline nos dá uma apresentação completa do contexto de aliança presente nessa profecia. Ele meticulosamente demonstra que a oração de Daniel (9:3-19) que culmina na profecia está "saturada com expressões retiradas de promessas Mosaicas, particularmente das de Deuteronômio".

Vemos que a aliança é o foco principal de Daniel. Nós vemos isso tanto na oração de Daniel quanto na resposta de Deus. Deixe-me explicar:

Deus é um Deus que guarda as alianças (Daniel 9:4). E Ele é fiel à aliança mesmo que Israel viole a sua "parte" da aliança (9:5) ao ponto de repudiar os "promotores", ou seja, os profetas (9:6, 10) e sofrerem as suas maldições (9:11-15). Devemos notar que Daniel 9 é o único capítulo em todo o livro em que Daniel usa o "nome de aliança" de Deus, Jeová (ou Yahweh, "Senhor", vv. 2, 4, 10, 13, 14, 20; conferir com Ex. 6:2-4).

Essa oração sobre a lealdade à aliança (9:4) recebe uma resposta estruturada em um padrão sabático de 70 semanas (9:24-27), que resulta na confirmação dessa aliança (9:27). A clara estrutura de aliança dessa profecia virtualmente necessita de um foco no cumprimento por Cristo durante seu ministério.

Vejamos como:

O número sete é familiar aos estudantes da lei sabática do Velho Testamento. A profecia das 70 semanas segue uma cronologia sabática (Levítico 25):

A palavra hebraica shabium, que é traduzida como "semana" (Daniel 9:24), literalmente significa "multiplicado por sete". Daniel recebe essa profecia no primeiro ano da queda da Babilônia nas mãos da Pérsia (Daniel 9:1), enquanto ele contempla o fim dos 70 anos de cativeiro (9:2).

O fracasso por parte de Israel em observar as leis levíticas relacionada ao descanso sabático da terra (Lv. 26:43; 2 Cr 36:21) originalmente causa o cativeiro babilônico.

De forma interessante, Levítico 26 enfatiza o número sete em sua ameaça de punição de Israel: "prosseguirei a castigar-vos sete vezes mais, por causa dos vossos pecados" (Lv 26:18; 21; 24; 28). Em seu nono capítulo, Daniel se questiona o que o futuro aguarda para Israel, agora que os 70 anos preditos por Jeremias estão no fim.

A resposta de Deus à oração de Daniel apresenta um novo período de "setenta" que gera seis resultados primários (Daniel 9:24).

Nessa profecia Deus dá a Israel um período de tempo renovado pelo número setenta: um período de "setenta semanas".

A primeira fase das 70 semanas é de "sete semanas" ou literalmente, "sete setes" (Daniel 9:25), que resulta em um valor de 49. Na lei

cerimonial do Velho Testamento, 49 anos leva ao ano do Jubileu, que é o quinquagésimo ano (Lv. 25:8).

Esse é um tempo de grande celebração, onde os escravos são libertos e o retorno das terras perdidas por causa de dívidas aos seus proprietários em todo o Israel.
Isso tem um teor de aliança muito forte e se relaciona diretamente ao significado redentivo da passagem.

O período total de setenta setes também se relaciona a aliança:

Setenta é igual a dez desses períodos de sete semanas, significando um Jubileu elevado à "décima potência". O número dez significa plenitude, o número de dedos nas mãos humanas.

Então, as setenta setes (semanas) parecem apontar para um Jubileu redentivo completo. Isso deve apontar por sua vez, para Cristo, que trás esse Jubileu completo e a completa redenção (Lucas 4:17-21; Is. 61:1-3; Mateus 24:31) e que é o ponto culminante da profecia de Daniel (Daniel 9:25, 26, 27).

Consequentemente, as 70 semanas demarcam o período em que "a redenção Messiânica seria terminada".

Valor cronológico

Mas qual é o valor cronológico desse período de setenta semanas? As setenta semanas parecem representar um período de 70 vezes sete anos, ou seja, um período de 490 anos. Apesar de ser construída por símbolos sabáticos, representa um período histórico de tempo, ao contrário dos que pensam que ela representa um período indefinido.

Mesmo em uma leitura superficial, essa profecia parece ser bem precisa em sua cronologia. Daniel nos dá uma medida e fracionamento cuidadosos desse número. Isso também se encaixa com a preocupação cronológica de Daniel nas profecias macabéias,

em Daniel 8 e 12.

Além do mais, existe ampla justificativa contextual e em outras partes da bíblia para “dias” querendo dizer anos:

Primeiro, um período de literais 70 semanas seria muito curto para que tudo o que é dito se cumprisse. Então, devemos olhar além de uma interpretação literal para buscar uma interpretação correta.

Em segundo lugar, no contexto anterior, os 70 anos da profecia de Jeremias estão claramente na mente de Daniel (9:2).

Esses 70 anos chegam ao ponto de ser a estrutura da profecia de Daniel. Então, o próprio contexto sugere que se trate de anos.

Em terceiro lugar, apenas 2 versos depois, Daniel redefine de forma explícita o uso de “semanas”. Daniel 10:2 diz: “Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas.” (no original hebraico, “naqueles dias... triste por três períodos de sete dias”).

Ele faz isso, aparentemente, para distinguir o simbolismo anterior (da profecia) de “semanas de anos” do tempo literal que usaria dessa vez, de “semanas de dias”.

Em quarto lugar, o Velho Testamento frequentemente se refere ao ano sabático (o sétimo ano do período sabático) como “o sabbath”.

Tais passagens, então, chamam de dia um período claramente de um ano, “o dia sabático”.

Em quinto lugar, existem precedentes bíblicos para se falar de anos em termos de dias. Em Gêneses 29:27-28, Jacó trabalha “uma semana” por Raquel:

“Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo serviço que ainda outros sete anos comigo servires. E Jacó fez assim, e cumpriu a semana de Lia; então lhe deu por mulher Raquel sua filha.”

Esse período de sete dias é na verdade claramente de sete anos:

“Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava.” (29:20).

Em Números 14:34, os quarenta anos no deserto resultaram dos 40 dias de espionagem:

“Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos, e conhecereis o meu afastamento.”.

Ezequiel 4:6 emprega o mesmo padrão de medida profética que Daniel:

“E, quando tiveres cumprido estes dias, tornarte-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; um dia te dei para cada ano”.

Quando as 70 semanas começam?

Como intérpretes da profecia das 70 semanas de Daniel encontramos um problema. Devemos determinar a identidade da “ordem” em Daniel 9:25:

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém...”.

Decretos a se considerar

Primeiro, podemos suspeitar do decreto de Ciro, em 538 a.C., que é mencionado em 2º Crônicas 36:22-23 e Esdras 1:1-4; 5:13, 17; 6:3.

Certamente, Ciro dá uma ordem para reconstrução da cidade (Isaías 44:28), mas o grosso das referências a esse decreto são para a reconstrução do Templo.

Daniel, entretanto, fala especificamente de um decreto para "restaurar e reconstruir Jerusalém", que é uma característica importante, como E. W. Hengstenberg mostra:

apesar de os judeus fazerem o esforço de reconstruir Jerusalém depois do decreto de Ciro, por muito tempo a cidade permanece com uma população de uma vila esparsamente povoada e sem muros.

Mas Daniel fala de uma ordem para "restaurar" (raiz: shub, "retornar") Jerusalém (Daniel 9:25). Isso requer um retorno à sua integridade e grandeza inicial, como na profecia de Jeremias:

"E removerei o cativeiro de Judá e o cativeiro de Israel, e os edificarei como ao princípio." (33:7). Isso deve envolver a restauração completa da cidade, com suas ruas e muros:

"...as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos." (Daniel 9:25).

Entretanto, os judeus não levaram isso à sério até o quinto século A.C..

Hengstenberg aponta o decreto de Artaxerxes I em Neemias 2:1 (conferir com 2:18) como o começo, que ele argumenta que foi no ano 455 A.C..

Já J. Barton Payne e C. Boutflower apontam a atmosfera espiritual carregada de Esdras, em 7:11-26 como o começo, que seria em 458 ou 457 A.C..

Julius Africanus, Vitringa, Ideler e a maioria dos dispensacionalistas computam os anos usando os anos judaicos com 360.

Adotando qualquer um dos cenários, descobrimos uma possível razão porque os judeus esperavam o Messias no primeiro século (Mateus 11:3; Mc 15:43; Lucas 1:76-79; 2:25; 26; 38; 3:15).

E ele realmente aparece nessa época.

Em uma análise final, o decreto de Esdras em 457 a.C., durante o sétimo ano de Artaxerxes I (454-424 a.C.), parece a melhor possibilidade.

Esdras certamente entende esse decreto como uma permissão para a reconstrução dos muros de Jerusalém. Isso levaria aos primeiros 69 anos, até chegarmos a 26 D.C. (deixando um ano de lado, porque não existe um ano zero entre 1 a.C. e 1 D.C.), que é o ano que o ministério de Jesus começa.

Os romanos então o crucificam 3 anos e meio depois, em 30 D.C. – data aceita pela maioria dos teólogos.

As referências, décadas após o decreto de Ciro, deixam claro que pouco foi feito no sentido de reconstruir Jerusalém. Neemias lamenta que os muros de Jerusalém estão "destruídos" (Neemias 1:3; 2:3-5; 17; 7:4).

Zacarias se refere a Jerusalém como estando "destruída" em seus dias (Zacarias 14:11), mesmo que tenha mencionado a sua futura reconstrução (Zacarias 1:16; 1:12; 2:1; 7:7; 8:5-6).

Os inimigos dos judeus avisam Artaxerxes que eles se tornariam uma ameaça se reconstruíssem a cidade (Esdras 4:12-23). Isso explica porque Esdras menciona a aflição de Jerusalém "até o dia de hoje" (Esdras 9:7-9, 15).

O processo de reconstrução culmina na restauração de Jerusalém.

Esse processo provavelmente começa como uma semente do avivamento espiritual na época de Esdras (Esdras 7) ou sob a administração de Neemias (Nem 2:1; 17-18; 6:15-16; 12:43).

Vários decretos preparam a restauração, assim como uma ordem divina

“E os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando pela profecia do profeta Ageu, e de Zacarias, filho de Ido. E edificaram e terminaram a obra conforme ao mandado do Deus de Israel, e conforme ao decreto de Ciro e Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia.” (Esdras 6:14).

Os elementos cronológicos

Agora vamos considerar os constituintes cronológicos da profecia.

O primeiro período de 7 semanas deve ser marcado por algum evento, já que Daniel o distingue dos outros períodos. Se não fosse importante, ele falaria de “62 semanas”, ao invés de “sete semanas e 69 semanas” (Daniel 9:25).

Apesar de não podermos ter certeza, essas sete semanas (ou 49 anos) aparentemente cobrem o período da real reconstrução de Jerusalém.

Os judeus reconstroem a cidade durante esse tempo, apesar de oposição e “tempos difíceis” que Deus ordena (Neemias 4:18; Daniel 9:25). Daniel não diz claramente quando cada coisa aconteceria, então, isso não tem influência no debate a respeito da profecia.

Como mostrarei o segundo período, de 62 semanas, se estende da conclusão da reconstrução de Jerusalém até a introdução formal do Messias a Israel, em seu batismo (Daniel 9:25).

Isso ocorre por volta de 26 D.C.. Teólogos conservadores concordam amplamente com essa interpretação, que é virtualmente universal entre os exegetas cristãos – excluindo os dispensacionalistas.

O terceiro período de uma semana é objeto de intensa controversa entre dispensacionalistas e outras correntes. Muito da minha discussão tratará dessa semana final.

Já que nossa investigação das 70 semanas é escatológica e não apologética, não precisamos determinar com exatidão o início delas.

Nós nos confortamos com o fato de várias possibilidades estão abertas, entretanto. Porém, os eventos messiânicos aos quais Daniel alude são mais cruciais para a escatologia que a determinação da data do decreto.

Resumindo, é fácil notar que essa Profecia se separa em 3 períodos.

7 Semanas + 62 Semanas e a Ultima semana dividida em dois eventos distintos.

49 anos + 434 anos + (3,5 + 3,5) = 490 anos

Mas antes de estabelecer quando isso se cumpre/cumpriu na história, precisamos entender o propósito da profecia..

Ao estudarmos a profecia das 70 semanas de Daniel é importante que consideremos cuidadosamente Daniel 9:24. Este versículo nos dá o objetivo final da profecia:

"24 Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniqüidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo. Daniel 9.24"

Deixe-me esboçar brevemente os eventos do verso 24 no contexto da profecia como um todo.

A significância do versículo 24

As seis frases no infinitivo do verso 24 formam três duplas, que servem como ponto principal da profecia e como uma introdução para a explicação que segue. “Sabe e entende” (9:25) introduz essa explicação.

Então, algumas correspondências devem existir entre os eventos do verso 24 e dos versos 25-27.

Entre os cristãos não dispensacionalistas, a visão mais comum do verso 24 afirma que esses seis elementos são o objetivo da profecia inteira e que ocorreram na época do primeiro advento, 2000 anos atrás.

Contrário a essa visão, Culver coloca o assunto em uma perspectiva fortemente dispensacionalista: esses eventos "não são encontrados em nenhum evento próximo da vida terrena de nosso Senhor".

Ryrie aplica esse verso para o nosso futuro: "Deus vai voltar sua atenção de maneira especial para Seu povo mais uma vez e para sua cidade, a Cidade Santa, Jerusalém, como dito em Daniel 9:24".

Claramente, então, os dispensacionalistas adotam uma abordagem decididamente futurista para essa profecia – quando as 69 semanas tiverem passado.

A profecia das 70 semanas definitivamente está focada em Israel, como podemos deduzir do fato de Daniel estar falando do cativeiro de Israel (Daniel 9:2) e sua oração de confissão (9:4-22).

Mas, logicamente, o Messias de Israel é o único Salvador, então os resultados de seu trabalho vão além de seu povo (os judeus) – como o Velho Testamento deixa abundantemente claro (exemplo: Salmos 72:8; Isaías 2:2-4; 11:9-10).

Vemos essa salvação universal em outras profecias e a vemos de novo aqui. Mas aqui há uma ênfase significante em Israel. Daniel acaba com "ungir o Santíssimo" (9:24), não porque esteja no fim cronológico, mas para que o Messias pudesse ser apresentado (hebraico, messhua, "o ungido", v.25).

Como mostrarei agora, esses seis elementos envolvem uma mistura de benção e maldição, um fenômeno comum em promessas de alianças.

Os seis objetivos do verso 24

A profecia das setenta semanas em Daniel 9 deve ser discutida brevemente por causa de sua importância fundacional para o sistema dispensacionalista de escatologia. A interpretação dispensacionalista se tornou quase uma obviedade para a maioria dos evangélicos modernos. Por essa razão somente, a profecia merece a nossa atenção. A interpretação dispensacionalista dessa visão pode ser resumida da seguinte forma:

1. O versículo 24 é uma apresentação de toda a profecia.

2. Os seis propósitos de Deus no versículo 24 serão finalmente cumpridos somente na segunda vinda de Cristo.

3. O decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém (v. 25) foi emitido em 445 a.C. por Artaxerxes (Neemias 2:1-8).

4. Os sete 'setes' e os sessenta e dois 'setes', quando entendidos como 483 anos de 360 dias cada, terminam um pouco antes da morte de Cristo.

5. Entre o fim da sexagésima nona semana e o começo da septuagésima semana, há uma lacuna de tempo indefinida, durante a qual o relógio profético é parado para Israel e a era da igreja transpirar.

6. Toda a septuagésima semana é futura e começará quando um líder político fizer um "pacto" (aliança) com o povo de Israel.

7. No começo da septuagésima semana, o arrebatamento de todos os crentes ocorrerá.

8. No meio dessa septuagésima semana, o líder político suspenderá os sacrifícios num templo reconstruído, e um período de grande tribulação começará em Israel.

9. A septuagésima semana termina com a segunda vinda de Cristo.

Tradicionalmente, a igreja tem interpretado essa passagem em Daniel como uma profecia do primeiro advento de Cristo e a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos. A interpretação dispensacionalista de uma "lacuna" emergiu pela primeira vez no século dezenove, para fornecer suporte para essa nova escatologia. A fim de demonstrar a verdade da interpretação tradicional e provar a inadequação da interpretação dispensacionalista, várias observações devem ser feitas:

1. As setenta semanas do versículo 24 são 490 anos. Essas setenta semanas são divididas em três períodos de tempo: sete semanas (49 anos), sessenta e duas semanas (434 anos) e uma semana (7 anos). Esses períodos de tempo foram especificados para que Daniel pudesse "conhecer e discernir" o cumprimento de tempo envolvido, assim como tinha discernido o cumprimento de tempo na profecia de Jeremias (9:2). Tal discernimento é impossível se um intervalo indefinido existe entre a sexagésima nova e septuagésima semana – especialmente quando esse intervalo, como os dispensacionalistas insistem, já é mais de quatro vezes maior que o próprio período das setenta semanas.

2. É possível que o decreto de Artaxerxes em Neemias 2 seja o decreto mencionado por Daniel no versículo 25. A despeito de se é esse decreto ou outro das opiniões sugeridas, o ponto dessa declaração é que uma quantidade específica de tempo passará entre o decreto e a vinda do Messias.

3. As seis coisas a serem realizadas durante os 490 anos (v. 24) foram todas cumpridas no primeiro século.

4. Após as sete semanas e as sessenta e duas semanas, que implicariam um tempo durante a septuagésima semana, o Messias é "cortado". Isto é, ele sofre a pena de morte.

5. Num ponto (não especificado) após o corte do Messias, a cidade e o santuário são destruídos. A destruição de Jerusalém (v. 26-27) no ano 70

d.C. foi uma conseqüência da rejeição e crucificação de Cristo e a estrutura da profecia nos mostra que isso ocorre dentro da septuagésima semana.

6. Aquele que confirma uma aliança no versículo 27 é o Messias no versículo 26. Que o antecedente de "ele" não é o "príncipe" do versículo 26 é confirmado de várias formas:

a. A palavra "príncipe" nem mesmo é o assunto da sentença no versículo 26. O assunto principal é o Messias.

b. O "fim" no versículo 26 é o "fim da destruição", não o "seu" fim.

7. O Messias cumpriu ou confirmou as estipulações do antigo pacto, e a obra pactual de Cristo foi direcionada aos muitos (judeus fiéis). Os três anos e meio do ministério de Cristo foram focados primariamente sobre os judeus (Mt. 10:5; 15:24), e após sua morte e ressurreição, o ministério dos Seus apóstolos foi focado quase exclusivamente sobre os judeus (Atos 1:8; 2:14; Rm. 1:16; 2:10).

8. Cristo colocou um fim aos sacrifícios por seu sacrifício de uma vez por todas na cruz (Hb. 8-10; esp. 10:8, 9, 12).

Os seis objetivos do verso 24 e a ressurreição/restauração de Israel

Daniel 9:24 não está preocupado com o fim da era cristã, ou história humana. Como Goldingay observa: "A preocupação do v. 24 é, portanto, Israel e Jerusalém. Ele não tem uma perspectiva mundial; ele não está falando do fim de toda a história, ou do pecado do mundo inteiro." Cline diz:"O tema que permeia todo o capítulo, é a aliança de Javé com Israel, em particular a realização das sanções da aliança através da fidelidade de Deus."

Como diz Gentry, "O foco da profecia está em Israel." As implicações disso são significativas. Se puder ser demonstrado que Daniel 9 previu a ressurreição de Israel, então será provado que efetivamente que a

ressurreição nacional de Israel deve acontecer nos últimos dias, na fim da era da Antiga Aliança. A profecia das Setenta Semanas de Daniel 9 foi completamente cumprida no primeiro século. Há um consenso entre os preteristas parciais que isso é verdade. Portanto, Daniel 9 é uma predição da ressurreição de Israel no ano 70 dC (Dn 12:3)

Pode-se objetar que Daniel 9 não usa a palavra específica "ressurreição", e é claro que isso é verdade. No entanto, a palavra não tem que aparecer para a doutrina a aparecer. Além disso, as bênçãos prometidas de Daniel 9 estão intrinsecamente ligados à ressurreição de Israel. Portanto, enquanto a palavra "ressurreição" não é encontrada em Daniel 9:24, a doutrina é encontrada, como iremos demonstrar momentaneamente.

A Daniel foi dito: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e a tua santa cidade, para cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos."

Se os elementos de Daniel 9:24 não deviam ser cumpridas dentro dos determinadas setenta semanas, qual seria a importância de dizer: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade"? O significado deste se tornará mais evidente à medida que prosseguimos. Mantenha esse fato vital em mente.

1- Cessar a Transgressão - os últimos dias de Israel

Primeiro, veja que as 70 semanas resultarão no fim da transgressão. Lembre-se da oração de confissão de Daniel, sobre os pecados de Israel (Daniel 9:4) e que a profecia se foca em Israel (Daniel 9:24).

Consequentemente esse "acabar com a transgressão" (kala) se refere a Israel completar sua transgressão. É importante ver que a promessa de que as setenta semanas estavam determinados a "cessar a transgressão" tem implicações profundas para o término das setenta semanas. Gentry diz que isso ocorre quando Israel culmina sua transgressão ao rejeitar o filho de Deus, crucificando-o. como Cristo mesmo prediz em forma de

parábola: “E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança” (Mateus 21:37-38).

Há vários problemas com isto. É errado dizer que Israel completou, ou encheu, a medida de seu pecado crucificando Cristo. Enquanto Mateus 21 postula a morte do Filho como um ato de transgressão, Jesus acrescentou informações adicionais em Mateus 23. Enquanto estava no templo e contou longa história de Israel de perseguir os justos, e ele disse, “enchei vós a medida da culpa de seus pais.” (Mateus 23:32). Como eles finalmente encheriam a medida do pecado? Versículo 34 tem a resposta: “Eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. Alguns deles vocês vão crucificar, e alguns deles vocês açoitarão nas suas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade.” Israel finalmente iria encher a medida do seu pecado, perseguindo os apóstolos e profetas enviados por Jesus. E isto ocorreria claramente após o Cruz.

Paulo não acreditava que Israel havia completamente enchido a medida de seus pecados na cruz. Em 1 Tessalonicenses 2:15, quando, falando da história judaica ele disse que eles “mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus e são contrários a todos os homens, e nos impedem para falar aos gentios para que sejam salvos, assim como sempre para encherem a medida de seus pecados, mas a ira caiu sobre eles até ao fim.”

Tome nota de que, para Paulo, o enchimento da medida do pecado de Israel foi um processo, ainda em curso, que ainda não tinha atingido a sua plenitude. No entanto, de acordo com Daniel, o enchimento da medida do pecado (isto é, o acabamento das transgressões) pertence a septuagésima semana. E, não se deve esquecer que a Daniel foi dito: “Setenta semanas estão determinadas ...sobre a tua santa cidade.” O destino da cidade encontra-se dentro das setenta semanas tão seguramente como “terminar a transgressão” encontra-se dentro das setenta semanas.

Paulo disse enfaticamente que seu sofrimento era parte das transgressões que estava enchendo, "o que falta das aflições de Cristo" (Colossenses 1:24). O'Brien diz: "A presença do artigo definido sugere que a frase 'o que falta sofrimentos de Cristo', refere-se a algo bem conhecido e concorda com a noção apocalíptica de uma medida definitiva da aflição a ser suportado nos últimos dias. Como Deus havia estabelecido uma medida definitiva no tempo (Mc. 13:5-27) e o limite das tribulações, no final, por isso não é uma medida definitiva do sofrimento que está a ser preenchido. Esse limite de desgraças messiânicas ainda não foi alcançado. Paulo através de seus sofrimentos está no processo de conclusão".

Muito claramente, para Paulo, a medida do pecado e da transgressão ainda não estava cheia. Ele acreditava que a plenitude estava para ser cumprida em seu sofrimento pessoal e de apostolado, "Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte" (1 Coríntios 4:9). Historicamente, miríades morreram depois de Paulo e os outros apóstolos. Essa não foi a preocupação de Paulo. Ele estava concentrado na escatológica "medida de sofrimento".

Agora, uma vez que o sofrimento de Paulo e dos apostolados são pós Cruz, não pode-se argumentar que Israel encheu a medida de seu pecado (isto é, terminar a transgressão) na Cruz. Precisamos tomar nota de que o enchimento da medida do pecado, o julgamento resultante sobre os culpados (e vindicação dos justos, contido dentro da previsão de "terminar a transgressão") pertence à septuagésima semana. As implicações disso para a nossa compreensão de Daniel 9 são grandes.

Se o destino da cidade pode ser colocado fora das setenta semanas, então por que não pode o acabamento das transgressões, o afastamento de pecado, a realização da expiação, a justiça eterna, o selar da visão e profecia e pela unção do Santíssimo também ser posta fora das setenta semanas? Parece arbitrária na melhor das hipóteses sugerir que só o destino real da cidade encontra-se fora das 70 semanas. Daniel ouve que: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e tua santa cidade," e, em seguida, são listados listados cada um dos seis elementos.

Que eu saiba, ninguém nunca argumentou que o cumprimento dos outros elementos de Daniel 9:24 não coincidem com as setenta semanas. Como é então que o destino da cidade, que está intimamente ligado com o acabamento das transgressões e a vedação de visão e a profecia, é posto fora das setenta semanas?

Deus não disse que setenta semanas estão determinadas a iniciar um processo que não será concluído até um tempo depois. Ele não disse Setenta semanas estão determinadas para determinar o que vai acontecer. Ele não disse Setenta semanas estão determinadas para prever eventos a ocorrer milhares de anos mais tarde. Ele não disse que o destino da cidade é uma consequência das setenta semanas, mas parte integral dela. Tudo listado em Daniel 9:24 se limita a dentro do período de 70 semanas. Isto significa, naturalmente, que a contenção que as setenta semanas foram completamente cumpridas, por volta de 33-35 dC na conversão dos gentios, é falsa.

2- Para dar fim aos pecados (O fim do exílio, e a RESSURREIÇÃO de Israel)

Há um consenso generalizado de que o "afastamento de pecado" é referente à obra expiatória de Jesus. O escritor de Hebreus diz que Cristo apareceu "para aniquilar o pecado" (9:26) e este é o "afastamento de pecado" em cumprimento das promessas de Deus a Israel encontrada em todo o Novo Testamento. Além disso, o tempo do afastamento de pecado é o tempo da restauração de Israel. Setenta semanas foram determinadas para aniquilar o pecado, trazendo a salvação para Israel

A Torá nunca poderia aniquilar o pecado. Quando Daniel recebeu e escreveu suas visões ele estava antecipando a chegada do mundo o pecado seria posta de lado. Jeremias e muitos outros profetas do Antigo Testamento predisseram o tempo do reino messiânico, quando Deus faria uma Nova Aliança com Israel. O aspecto fundamental desse novo pacto seria: "seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais" (Jeremias 31:29).

A Nova Aliança, portanto, traria vida espiritual, ressurreição. Daí resulta que, Daniel estava antecipando o afastamento de pecado, que ele estava antecipando a chegada completa da era, ou mundo, da Nova Aliança do Messias.

O livro de Hebreus foi escrito com seu autor plenamente consciente das falhas da antiga lei, (Pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou) e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual chegamos a Deus. (Hebreus 7:19). Este melhor esperança e aproximação de Deus conjurou idéias de entrar no Santíssimo Lugar, algo impensável sob Torá. Mas para o autor de Hebreus, a realidade do perdão abriu o acesso ao Lugar Santo "tendo ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, que é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em plena certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água pura."(Hebreus 10:19).

Estas declarações têm a ver com transformação de aliança. É tudo uma questão de estar pé diante de Deus justificado e perdoado. O contraste é entre o mundo (era, ou dispensação) da Torá que nunca poderia tirar o pecado, e o mundo (era, ou dispensação Nova Aliança do Messias, onde: "os seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais".

Deixe-me expressar alguns pensamentos para esclarecer esta questão da relação entre o afastamento de pecado, a Nova Aliança e ressurreição espiritual.

Setenta semanas foram determinadas para o afastamento de pecado, ou seja, o perdão. `O
afastamento de pecado exigiu a morte de Cristo (que ocorreu durante a septuagésima semana, Daniel 9:26) e que é o propósito da sua paixão (Hebreus 9:26).

No entanto, de acordo com a profecia, o perdão dos pecados viria através

do Nova Aliança (Jeremias 31:29): “Porque esta é a aliança que farei com eles, diz o Senhor ... seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais”.

A morte de Jesus foi determinada com o propósito de confirmar a Nova Aliança (Mateus 26:26; Gl 3:15; Hb 9:15). Jesus, era, na verdade, o “fiador" (garantia) de uma melhor aliança” (Hebreus 7:22). Sua morte iniciou o processo de trazer a Nova Aliança, mas esse processo não não foi finalizado na cruz.

Como mostramos abaixo, houve um período de transição de eras e alianças, um tempo em que a era da antiga aliança estava passando, e a Nova Aliança estava sendo entregue (Hebreus 8:13). A transição da era da antiga aliança foi a, comissão pessoal distinta e missão do Apóstolo Paulo, através do ministério do Espírito: “Deus que nos criou ministros da Nova Aliança” (2 Coríntios 3:6; 4:1-2).

A morte de Jesus tinha o propósito de “aniquilar o pecado.” Portanto, a morte de Jesus pertence à septuagésima semana. A morte de Jesus foi após a semana sexagésima nona. A morte de Jesus não adiou as 70 semanas, mas era uma parte vital dela.

Jesus não apareceu no final do era cristã para aniquilar o pecado. Ele veio, nos últimos dias da era, ou dispensação, do Antigo Pacto de Israel (Hebreus 1:1) para aniquilar o pecado, assim como Daniel disse setenta semanas estavam determinados a aniquilar o pecado de Israel. O Messias deveria morrer depois de a sexagésima nona semana (Daniel 9:26). A paixão era o poder pelo qual a remoção do pecado começou (Ele triunfou sobre seus inimigos na cruz, Colossenses 2:15), mas a parousia seria a consumação (terminus ad quem) do processo iniciado. Este é o “já-ainda-não” do afastamento de pecado.

Se o afastamento de pecado é a ressurreição de Israel, e se setenta semanas foram determinados para aniquilar o pecado, então deve ser verdade que a ressurreição de Israel deve limitar-se, e cumprir-se pela conclusão da última semanas. Ela diz: “Setenta semanas

estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade ... para aniquilar o pecado." Isso significa que, a menos que a ressurreição de Israel seja totalmente alheia à promessa do afastamento de pecado, a ressurreição/restauração tinha que ter ocorrido durante as setenta semanas, que terminaria com a destruição de Jerusalém em 70 dC.

Um último pensamento aqui. Muitos futuristas, e mesmo preteristas, insistem que o afastamento de pecado foi realizado estritamente com o sacrifício de Jesus e apontam para Hebreus 9:26. No entanto, confinar a discussão do afastamento de pecado apenas a morte de Jesus é equivocado e deixa de considerar o "já-mas-ainda-não" natureza da obra de Cristo.

Observe uma situação paralela. Em Hebreus 2:14 diz que Cristo foi manifestado na carne para que "pela morte, aniquilasse o que tinha o poder da morte, isto é, o diabo". Então, Jesus se manifestou para destruir o diabo através de sua morte. Será que a morte de Jesus destruiu o diabo totalmente? Bem, Paulo afirmou que através Cruz, Jesus triunfou sobre os principados e potestades (Colossenses 2:14). No entanto, ele certamente não foi finalizado na cruz! A referencia de Paulo para a Cruz inclui a ressurreição de Jesus, não é?

Paulo estava usando sinédoque, isto é uma figura de linguagem em que uma parte representa o todo. Em outras palavras, a cruz significa não só a morte de Jesus, mas a ressurreição de Jesus também. A realidade é que se Jesus não tivesse ressuscitado dentre os mortos Paulo não poderia ter dito que ele triunfou. A Cruz (sozinho) foi o símbolo de humilhação; o túmulo vazio era o símbolo de sua vitória.

Mas, claro, o nosso ponto é que, embora Paulo disse Jesus foi manifestado na carne para destruir o diabo através da morte, o diabo não havia sido totalmente destruído, mesmo na ressurreição de Jesus. Paulo ainda estava aguardando o esmagamento de Satanás na parousia de Cristo (Romanos 16:20): "O Deus da paz esmagará Satanás debaixo dos vossos pés em breve". Da mesma forma, João antecipou a prisão de satanás por mil anos (Apocalipse 20:2). A realidade é que a Cruz iniciou

a vitória sobre Satanás e em um sentido garantido, mas a consumação real veio pela parousia. Esta é a mesma situação com o afastamento do pecado de Israel. Jesus apareceu “para aniquilar o pecado de Israel pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26), mas o final, o "terminus ad quem" desse processo de aniquilar o pecado de Israel, viria em sua parousia em 70 dC.

Note que em Romanos 11:26-27 escrita muito tempo depois da morte de Jesus, Paulo estava antecipando a parousia de Cristo para cumprir a promessa de Deus para Israel para tirar o seu pecado. "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles, Quando eu tirar os seus pecados".

Então, Daniel 9 disse que setenta semanas foram determinados para aniquilar o pecado de Israel. Cristo apareceu no final da era para aniquilar o pecado (terminus a quo), mas sua parousia ocorreria para cumprir definitivamente (terminus ad quem) a profecia de Daniel para aniquilar o pecado de Israel.

Isso exige que tanto as cartas aos romanos e aos hebreus estavam falando de diferentes despojamentos do pecado, em cumprimento das promessas de Israel, ou, mais corretamente, que a morte de Jesus começou o processo que estava a ser concluído em sua parousia. Mas se isso é verdade, isso exige que as setenta semanas não termine até a parousia de Cristo, quando ele veio para concluir o processo de aniquilar o pecado. Esta é a prova definitiva de que as setenta semanas não terminou antes de 70 dC.

Perdão, O fim do exílio e ressurreição

Precisamos tomar nota que por praticamente qualquer medida, Daniel 9 é uma previsão da ressurreição de Israel. Por simplicidade e brevidade, queremos fazer as seguintes observações:

1.) Na escritura, o pecado foi a causa da "morte" para Israel: "Quando Efraim falava tremendo, foi exaltado em Israel; mas quando ele ofendeu através da adoração a Baal, ele morreu"(Oséias 13:1). A morte, no texto em foco não era a morte biológica, mas a separação de Deus, o templo e a terra.

2.) Na escritura, exílio é sinônimo de morte. Ou seja, ser exilado da terra, cativo em uma terra estrangeira, foi, para a mente judaica, o equivalente a morte. Como Watts diz, comentando sobre o cativeiro assírio, "Os exilados na Assíria e no Egito são descritos como que se estivessem perecendo. Mas eles serão reunidos por Deus para vir e adorá-lo no seu monte santo em Jerusalém (v. 13). Separação do templo é equivalente à morte. Ser autorizados a participar de novo em Jerusalém é como voltar à vida." Quando Judá apostatou, ainda pior do que Israel, ela também "morreu", e foi nas "sepulturas" do cativeiro babilônico (Ezequiel 37:1-14).

3.) O perdão é visto como o retorno do exílio. Em resposta à oração de Daniel para o perdão dos pecados de Israel e o fim do exílio, ao profeta foi dada a previsão da morte do Messias que, "não só irá trazer o perdão dos pecados, mas também dará fim ao Exílio. Perdão é primordial na mente de Daniel,"ó Senhor, ouve! Ó Senhor, perdoa!"(Daniel 9:19).

As escrituras são muito claras sobre esta relação entre o perdão eo retorno do exílio. Veja
Lv 26:33; 26:43; 1 Reis 8: 33-34; Lm. 4:22; Jr 31:10-12, 31; Ez 36: 24; 37:15-28, etc.

4.) O retorno do exílio foi considerado e descrito como ressurreição dos mortos. (cf Ez 37)

O que isto significa é que quando a Daniel foi dada a promessa da remoção do pecado de Israel, através da obra expiatória do Messias, isso não pode ser visto como qualquer coisa, mas a ressurreição escatológica de Israel.

Wright argumenta convincentemente que no ministério de Jesus, tanto em suas ações e em seu ensinamento verbal, ele transmitiu a mensagem de que, "Israel voltaria, humilhado e redimiu: pecados seriam perdoados, o pacto renovado, o Templo reconstruído, ressuscitam os mortos . O seu Deus tinha feito por ela no êxodo ia finalmente fazer de novo, e mais gloriosamente. A história do filho pródigo diz: essa esperança está agora a ser cumprida, mas ele não se parece com o que era esperado. ... Mas esta é uma releitura altamente subversiva. O verdadeiro retorno do exílio, incluindo a verdadeira ressurreição dos mortos, está ocorrendo, de forma extremamente paradoxal, no próprio ministério de Jesus."

Como já se referiu, o contexto de Daniel 9 é o exílio na Babilônia. Daniel, entendi que Judá estava no exílio, como resultado de seu pecado. Sua oração chama Yahweh a lembrar sua aliança com Israel, para cumprir Suas promessas da aliança, e restaurar as pessoas. É importante ver que Daniel não estava simplesmente preocupado com Judá. Ele estava voltada para a restauração das que foram tomadas no cativeiro assírio, bem como (Daniel 9: "Todo o Israel"). Este tema da restauração de todas as doze tribos, é claramente uma "profecia do reino" Lembre-se que Daniel e Ezequiel foram contemporâneos. Daniel predisse a restauração de Israel no final das setenta semanas, quando o reino seria estabelecido. Ezequiel predisse a ressurreição de Israel quando Jeová derramaria o Espírito, sob o Messias, quando a Nova Aliança fosse estabelecido, e Deus habitaria entre o Seu povo no Novo Tabernáculo (Ezequiel 37:22-28).

Para dizer de outra forma, o que Daniel predisse sobre o fim do exílio de Israel, foi, nas palavras de Ezequiel, a ressurreição de Israel. Esta relação entre a salvação de Israel no retorno final do exílio, e a ressurreição Israel, é encontrado em inúmeras outras profecias de ressurreição nacional.

Na verdade, existe um vínculo inseparável entre as promessas de salvação de Israel por meio de restauração e a ressurreição. Em Isaías 25-27, encontramos um grande discurso sobre os últimos dias de Israel e

sua salvação final. O espaço não vai permitir que uma exegese completa seja feita, mas alguns dos pontos mais importantes são os seguintes.

1- Julgamento de Israel por violação aliança (24: 1-10).
2- A promessa de Deus decisão sobre Sião (24:19; 25:6).
3- O banquete messiânico (25: 6).
4- A ressurreição de Israel (25:8).
5- O tempo da salvação de Israel (25:9) para a vinda do Senhor para vingar o sangue derramado sobre a terra (26:19-21).
6- A restauração de Israel quando a grande trombeta seria soprada para reunir os dispersos (27:6-13; Cf. Mateus 24:31).

Então, como Daniel, Isaías predisse a restauração final de Israel e expressa-lo na terminologia ressurreição. Da mesma forma, Oseias 13 predisse a restauração de Israel após sua "morte" (v. 1-2). Oseias predisse o tempo em que Jeová seria rei de Israel mais uma vez (v. 9-10), quando o Senhor destruiu o poder da sepultura (v. 14).

Várias coisas são claras a partir destes textos. A primeira é que eles são messiânicos. A segunda é que eles previram a restauração de todas as doze tribos, apenas como Daniel 9. A terceiro é que a morte discutida nos textos não tem nada a ver com a morte biológica. A quarta é que a ressurreição em vista é, portanto, a restauração à comunhão de Deus através do perdão, assim como Daniel 9.

5.) Os pontos acima nos trazer a este: Daniel é sobre a salvação final de Israel. Ele estava prevendo perdão e a volta do exílio. Daniel é paralelo com outras profecias de salvação final de Israel, isto é, Isaías e Oseias. As profecias de Isaías e Oseias previu a ressurreição de Israel dentre os mortos, por meio de restauração à comunhão com seu Deus. Daniel 9 por conseguinte, previu a ressurreição de Israel nos últimos dias.

O tempo da ressurreição de Israel seria na vinda do Senhor no julgamento de Israel por derramar sangue inocente (Isaías 26:19; 59:3-20). O julgamento de Israel por derramamento de sangue inocente foi em 70 dC (Mateus 23).

Daniel 9, Isaías 25-27, e Oseias 13 todos previram o mesmo tempo e evento, a salvação final de Israel. Mas, Daniel 9 seria cumprida dentro dos parâmetros da semana setenta. Portanto, Isaías 25-27, e Oseias 13 seriam cumpridos dentro dos parâmetros da semana setenta.

Nesta seção, demonstramos que o tema da remoção do pecado está positivamente associada com a ideia da ressurreição de Israel. Nós provamos que a ideia da remoção do pecado está ligada diretamente à chegada do novo pacto prometido em tantos lugares no Antigo Testamento. Nós mostramos que Daniel 9 é paralelo com as outras profecias do Antigo Testamento sobre a ressurreição de Israel, mas que as outras profecias da ressurreição estão preocupados com o retorno de Israel do pecado exílio.

Nós provamos que a ideia da remoção do pecado está ligada diretamente à chegada do novo pacto prometido em tantos lugares no Antigo Testamento. Portanto, a chegada da Nova Aliança e a chegada da ressurreição de Israel são, no limite, eventos muito menos síncronos, e no máximo, eventos sinônimos. Nós mostramos Daniel 9 é paralelo com as outras profecias do Antigo Testamento sobre a ressurreição, mas que essas outras profecias da ressurreição estão preocupados com o retorno de Israel do pecado exílio.

Nossa premissa significa que Daniel 9 predisse a ressurreição de Israel. E isso significa que a ressurreição de Israel tinha que ter ocorrido durante os últimos dias da era do Antigo Pacto que terminou com a destruição de Jerusalém em 70 dC.

3- Para cobertura da responsabilidade

O terceiro resultado (começo da segunda dupla) tem “expiação dos pecados”. Esta é paralela à anterior. O verbo traduzido “cobrir” aqui é muitas vezes traduzida como “expiar”, mas “expiar” significa “reconciliar”, e a palavra hebraica significa simplesmente “cobrir”. O dia da expiação na Lei é o grande momento de cobrir os pecados de Israel. O

foco da profecia aqui é que no futuro no final das setenta semanas todo Israel estará coberto (cf Rm 11:25-27).

“Iniquidade” não é o significado da palavra hebraica, disponibilizamos uma tradução “responsabilidade”. “Iniquidade” significa “pecado grave”, mas “responsabilidade” significa “o castigo merecido.” Uma coisa é confessar que pecamos, mas outra bem diferente é confessar que merecemos ser punidos, e aceitar o castigo que Deus ameaça. Quando um israelita impôs as mãos sobre um animal e depois o matou, ele confessou que ele merecia morrer, confessou suas transgressões e Deus perdoou o passivo (não iniquidade) de seu pecado (Salmo 32:5). Deus perdoa o pecado, mas mais importante, Ele perdoa a nossa responsabilidade. Jesus assumiu a responsabilidade, o castigo, na cruz, mas aplicação real disso para Israel está novamente associada com a parousia; O Yom Kippur era pelos pecados da ignorância (Hebreus 9:7), mas trouxe julgamento sobre a rebelião intencional (Hb 10:26-31); os judeus incrédulos seriam julgados por seus pecados, mas os judeus crentes tem seus pecados cobertos e não são condenados pela ira divina que alcançaria Israel; Novamente, a morte de Jesus garantiria cobertura dos pecados para os judeus crentes no Dia do Senhor, livrando-os da Ira vindoura (cf. 1 Ts 1:10).

A ideia de “cobertura” é roupas novas. Deus fez novos vestimentos para Adão e Eva no jardim, e a palavra usada em Gênesis 3 significa um manto real. O Sumo Sacerdote tirou as “velhos” vestes de glória e beleza no dia da expiação, e depois foi re-coberto de “novas e limpas vestes". Quando o passivo, o castigo merecido, é removido, a pessoa pode ficar em novas vestes e ser de vice-regente de Deus.

A remoção da punição, e do pecado, significa o estabelecimento de um reino de justiça. Esse reino seria é trazido em sua plenitude como um reino eterno aos final das setenta semanas.

4- Trazer a justiça eterna

Daniel nos diz que as setenta semanas estavam determinados "trazer a justiça eterna." Podemos ver que a justiça eterna está definitivamente relacionada com a restauração de Israel. A remoção da punição que merecemos, e do pecado, significa o estabelecimento de um reino de justiça. É claro que os escritores do Novo Testamento ainda estavam aguardando a manifestação da chegada do reino com poder, que só viria com a destruição de Jerusalém em 70 dC.

Por que Israel foi PROMETIDO justiça eterna?

A fim de compreender corretamente a profecia da chegada da nova era e da justiça eterna de Daniel, devemos entender Daniel, e, assim, a posição de Israel sob Torá, o mundo do Pacto Mosaico. Quando Daniel escreveu, ele e Israel, estavam vivendo sob Torá, a lei que não podia dar justiça. Foi sob esse sistema que Isaías lamentou: "Justiça voltou atrás, e a justiça está longe; a verdade anda tropeçando pelas ruas"(Isaías 59:14), e'todas as nossas justiças como trapo da imundícia' (Isaías 64:6).

Na mentalidade judaica, justiça foi intimamente relacionado com a Tora (Lucas 1:6). Como um judeu fiel, Paulo escreveu sobre a Torá: "Se poderia ter sido dada uma lei que poderia ter dado a vida, então, em verdade, a justiça teria sido através da Lei." (Gálatas 3:20-21).

Assim, vivendo sob esse sistema que nunca poderia dar justiça, a Daniel dito que uma nova ordem onde haveria justiça eterna. Paulo falou da Torá, gravado com letras em pedras, como "o ministério da morte" (2 Coríntios 3:6), pois não só não poderia dar vida, mas fez o pecado abundar (Romanos 5:20). E, "o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência. porquanto sem a lei estava morto o pecado" (Romanos 7:8). Assim, "eu estava vivo uma vez, sem a lei, mas veio o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri" (Romanos 7:9). Como resultado, "O mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte" (Romanos 7:10). Em outras palavras, a Torá era "a força do pecado."

Enquanto a Torá era de fato gloriosa, Paulo reconheceu e afirmou que quando foi comparado com o Novo Pacto de Jesus, a Torá não tinha glória em tudo. Era afinal de contas, a diferença entre a vida e a morte. Ele identificou o pecado. Ele acusou o pecador. Ele fez pecado abundar. Ele trouxe a morte. Foi o ministério da (a) morte.

Isso significa que a meta de Daniel 9 foi o mundo Nova Aliança do Messias. Deve ser enfatizado que a 70 semanas incluiu o momento em que o Pacto Mosaico ainda estava em vigor. Em outras palavras, o Pacto Mosaico como a força do pecado e o ministério da morte permaneceria válida durante a 70 semanas. Mas deitado no horizonte, no clímax da contagem estava o maravilhosa era do Messias , a era da Nova Aliança, o ministério da justiça e da vida (2 Coríntios 3:9).

O QUE É O MUNDO DE JUSTIÇA ETERNA?

Era o mundo antecipado de Daniel onde de um relacionamento sobe uma nova Nova Aliança, na qual a justiça foi dada, onde a vida era possível! Observe o contexto de aliança em Daniel. O contexto de aliança não pode ser ignorado. Na realidade, justiça é um conceito de aliança, tem a ver com posição do homem diante de Deus. Concordar com o que Gentry diz: "Reconhecer o quadro de aliança das Setenta Semanas é crucial para a sua compreensão adequada" (Domínio, 311). Não só devemos entender que Daniel foi escrito dentro de um contexto de aliança, ele predisse a vinda de um mundo Pactual Novo. Daniel 9 é todo sobre os convênios! E porque isto é verdade, Daniel é uma previsão da ressurreição de Israel.

Este conceito aliança e contexto é demonstrado por uma comparação de Daniel 9 e Ezequiel 37. Na consumação das setenta semanas estabelecer a restauração de Israel, o reino de Davi, aliança eterna de paz e a tenda restaurado do Senhor (Ez 37, 19). E aqui, encontramos a prova de que, no final das setenta semanas estava a ressurreição de Israel!

Na famosa profecia da restauração de Israel de Ezequiel, o profeta predisse como Jeová iria derramar seu Espírito sobre Israel e criá-los de

entre os mortos, "Eu abrirei as vossas sepulturas e vos farei sair das vossas sepulturas, e trazê-lo para a terra de Israel. Então sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trouxe até de seus túmulos. Porei o meu Espírito em vós, e vivereis"(Ezequiel 37:12-14).

Fora com o velho, dentro com o novo!

Para que o mundo da Nova Aliança para chegasse totalmente, o mundo Antiga Aliança teve que ser removido (Hebreus 8:13; 12:25) por meio do cumprimento (Mateus 5:17-18). Pelo menos parte do "escândalo da cruz", como anunciada por Paulo, foi que a Nova Aliança e o novo mundo que ele proclamou como cumprimento das promessas de Israel, não era de forma alguma o que Israel tinha antecipado (Gálatas 5:5). Como Wright diz: "Uma das tensões centrais no pensamento de Paulo é o choque entre o fato de que Deus sempre pretendeu fazer de fato aconteceu, e o fato de que nem mesmo o israelita mais devoto tinha sonhado que isso iria acontecer assim."

A expressão de Paulo da esperança de Israel não era o fim do mundo do tempo-espaço. Como Longenecker diz:

"O que Paulo tem em mente quando ele prevê a inauguração de um novo mundo não é, naturalmente, o estabelecimento de um novo universo físico da Matéria um mundo de causa e efeito relacionamentos, mantidas juntas por forças de atração gravitacional na molecular nível. Em vez disso, prevê a criação de um novo reino de existência. É a esfera da vida totalmente diferente do dos cosmos, que foi crucificado para Paulo, um domínio em que padrões distintos de vida estão operacionais. Como seus comentários em 6:14-15 destaque, Paulo pertence a este novo mundo, onde diferentes normas aplicam-se, regras diferentes forem seguidas, diferentes hábitos são formados, diferentes formas de vida são praticados, e existe um ethos diferente. O mundo em que ele morava foi caracterizado por muitas coisas, um dos quais era distinções fundamentais entre aqueles que foram circuncidados e aqueles que não foram, aqueles que observaram a lei de Deus e aqueles que não o fez.

Mas Paulo viu a morte daquele mundo e agora vive em um mundo onde essa distinção não é aplicável ".

Longenecker está dizendo que a nova criação que Paulo fala é um Nova Criação Aliança. Veja seus comentários na página 46, por exemplo, onde continua sua discussão sobre a nova criação imaginado por Paulo: "Esta perspectiva escatológica tem a ver, em primeiro lugar com o triunfo de Deus, um triunfo que está tendo efeito no estabelecimento de um novo mundo. É um mundo onde as questões de circuncisão nem incircuncisão são irrelevantes."

Então, se o que se apresentava no termo das 70 semanas era o reino do Messias, e se o que Paulo e os escritores do NT estavam aguardando foi o esperança de Israel, e em seguida, uma vez que, como Jesus, não oferece ou pregar o tipo de reino que os judeus esperavam, então talvez seja o tempo do exegeta moderno vir a enfrentar a possibilidade de que o reino, e, assim, a escatologia, não é o que tem sido tradicionalmente acreditado. Inegavelmente, os escritores do NT aguardavam o cumprimento dos profetas da Antiga Aliança. Eles esperavam que suas esperanças seriam cumpridas em breve. E, eles perceberam que isso significava o desaparecimento e destruição do mundo Antiga Aliança. O mundo da Nova Aliança não poderia entrar em plena floração até que o sombrio mundo de Israel fosse realizado na revelação do "corpo" de Cristo. Enquanto a Torá era a força do pecado e o ministério da morte, ela previu sua própria morte através da promessa da vinda da Nova Aliança, que não condenaria, mas traria justifica e daria a vida. É por isso que Paulo podia dizer: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. (Romanos 3:21,22)

Em antecipação da conclusão da promessa da Nova Aliança, o autor Hebreus diz que Antiga Aliança estava prestes a "falecer" (Hebreus 8:13). Não era o mundo do novo Pacto da "justiça de Deus" o que Daniel estava prevendo? não foi esta maravilhosa justiça de Deus que a Torá havia predito, e predizendo a vinda de um mundo onde a justiça se faz

presente, e para isso não necessitava a passagem do mundo onde não havia justiça? Não é isso que Paulo queria dizer quando disse: "Eu por meio da Lei morri para a lei" (Gálatas 3:19)? Paulo estava dizendo que na própria Lei havia a promessa do fim da Torá! Não é isso que Daniel estava vendo? Como Daniel predisse, a expiação e o afastamento do pecado era necessário para, e parte do processo, desta introdução da a justiça eterna. Daniel disse que a justiça eterna chegaria até o final da 70 semana. Assim, a lei que era a força do pecado e o ministério da morte, iria encontrar o seu fim, no final das setenta semanas.

Paulo e Daniel 9, falam da esperança de Israel, o apóstolo Paulo aguardava ansiosamente a chegada de promessas de Daniel. Ele diz em Gálatas: "Nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça" (Gálatas 5:5). Temos de compreender que o que Paulo estava escrevendo era a esperança de Israel. Então, o que Paulo tinha em mente enquanto esperava, "a esperança de justiça" era, na verdade, a esperança de Israel. O contexto deixa claro que Paulo foi contrastou a inutilidade da Lei Velha, o mundo (ou era) que nunca poderia dar justiça (Gálatas 3:20) com o Evangelho de Jesus Cristo que dá justiça e vida. Observe a correlação direta entre a Torá e sua incapacidade de dar vida e justiça.

Enquanto Paulo lamenta a incapacidade da Torá para dar vida, ele contrasta isso com a Nova Aliança de Cristo. O foco de Paulo é a promessa abraâmica da nova criação (Gálatas 3:26-29-6:15). É na era da nova aliança que essas coisas que a Torá nunca poderia dar se tornaria realidade. Então, em Gálatas, encontramos os mesmos temas de Daniel 9. A antecipação da vinda do mundo (ou era) da justiça eterna. Assim, o novo mundo que tinha invadido o velho mundo, abolindo o significado da circuncisão e a Torá, era, na verdade a esperança de Israel. Isso é facilmente entendido quando se percebe que parte da esperança de Israel era o mundo Nova Aliança (Jeremias 29:29). Este era de um novo pacto era o objetivo das setenta semanas de Daniel 9, o mundo (ou a era) da Nova Aliança é nada menos que o reino do Messias.

O mundo (era) de justiça predito por Daniel seria cumprida até o final, mas dentro das setenta semanas de Daniel 9 (Daniel 9:24). Não há

justificativa para dizer que o mundo da justiça chegaria muito depois dos setenta semanas. O mundo da justiça eterna viria dentro dos limites da septuagésima semana. Paulo e Pedro, escrevendo na década de 60 dC estavam aguardando ansiosamente a chegada em breve do mundo da justiça predito pelos profetas.

Observe que Pedro acreditava que o novo templo de Deus já estava em construção (1 Pedro 2:5). E, ele estava ansiosamente "procurando (prosdokao) e apressando o Dia do Senhor" com a chegada dos'novos céus e da terra', como prometido pelos profetas da Antiga Aliança (2 Pedro 3:1-2, 13). Foi o mundo da justiça ansiosamente aguardada por Pedro um mundo (era) de justiça diferente do que foi predito por Daniel? Será que Daniel previu um mundo de "justiça eterna", mas Pedro acreditava que os profetas do Antigo Testamento predisse outro? Keil e Delitzsch diz que a promessa de Daniel para
"trazer a justiça eterna" é a promessa de 2 Pedro 3, os novos céus e a terra. A maioria dos comentaristas concordam que referente de Pedro para os novos céus e a terra é tomado diretamente de Isaías 65.

Sendo isto verdade, então deve ser verdade que Pedro estava antecipando a nova criação a seguir o julgamento sobre Israel, por que é exatamente o que Isaías 65 ensina. Alguns preteristas parciais argumentam que Is 65, 2 Pedro 2 e Apocalipse 21 predizem diferentes criações novas.

Isaías profetizou que a nova criação viria quando Israel enchesse a medida de seu pecado (v. 6-8) e fosse destruída, "o Senhor Deus vai destruí-lo e chamar o seu povo por um nome novo" (v. 13). Como consequência dessa destruição, Jeová, "criar novos céus e uma nova terra" (v. 17). Então, se 2 Pedro 3 estava prevendo a chegada do mundo da justiça predito por Isaías 65, então ele estava antecipando a destruição da Antiga Aliança de Israel, seguido pelo mundo Nova Aliança do Messias. Não é isso que Daniel 9 previu? Daniel predisse a consumação da Antiga Aliança a existência de Israel e do mundo Nova Aliança do Messias. Mas, a consumação da história de Israel significou a destruição da "cidade e o santuário" (Daniel 9:26).

Assim, Pedro antecipou a chegada do mundo de justiça profeticamente anunciado em 2 Pedro 3:1-2; 13. Daniel 9 predisse a vinda do mundo da justiça. Portanto, Pedro estava antecipando a vinda do mundo da justiça predito por Daniel, a menos que Daniel previu um mundo de justiça diferente de Isaías.

A nova criação de 2 Pedro 3 é a nova criação de Apocalipse 21-22. A maioria dos preteristas parciais concordam. Além disso, a chegada da nova criação de 2 Pedro 3 e Apocalipse 21 é o tempo da ressurreição [espiritual] (Gentry, Mathison, Bahnsen, et. Al.). No entanto, a chegada da nova criação de 2 Pedro 3 e Apocalipse 21-22 é o mundo (era) da justiça predito por Daniel. Essa nova criação se limita ao tempo das setenta semanas. Isso significa que o cumprimento da era da ressurreição e de justiça de 2 Pedro 3 e Apocalipse 21-22 está confinado às setenta semanas de Daniel 9. Mas as setenta semanas de Daniel 9 foi cumprida o mais tardar até a destruição de Jerusalém em 70 dC.

As setenta semanas de Daniel 9 terminaria com a desolação de Jerusalém e seria o fim do mundo Antiga Aliança. Portanto a cruz é o terminus a quo que introduz a justiça eterna; o terminus ad quem acontece no final das setenta semanas, que ocorreria na vinda do Senhor na destruição de Jerusalém e do fim do mundo Antiga Aliança, em 70 dC.

5- Selar a visão e a profecia

O quinto resultado (primeira parte da terceira dupla) de Daniel 9 é a promessa de que as setenta semanas foram determinado "para selar a visão e a profecia."

A correlação entre Daniel 9 e o discurso Oliveira deve ser examinado. Daniel 9:26 contém praticamente todos os elementos constituintes encontrados no discurso de Jesus. Em Daniel, encontramos a morte do Messias, a destruição da cidade e do santuário, o tempo do fim, a abominação da desolação e as desolações determinados. É necessário

recordar que, no discurso, Jesus menciona cada uma delas, dentro do contexto do conhecimento do seu próprio martírio.

Então, em Mateus 24 Jesus tem Daniel 9 em mente (cf. Mateus 24:15). Isto significa que quando Jesus disse: "esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam" (Mateus 24:34) as setenta semanas deveriam definitivamente ser cumprida dentro de sua geração. E, claro, isso não significa que todas as profecias era para ser cumprida dentro dessa geração.

A Daniel foi dito setenta semanas estavam determinados a "selar a visão e a profecia." Isto significa a confirmação através do cumprimento, de toda visão e a profecia que Daniel recebeu.

Jesus concordou que toda a profecia referente a Israel seria cumprida na queda de Jerusalém. Em Lucas 21:22 Jesus falou da catástrofe que sobreviria a Jerusalém: "Estes são os dias de vingança em que todas as coisas que estão escritas devem ser cumpridas" É fascinante que Thomas Ice (inadvertidamente, claro) concorda que toda profecia sobre israel deveria ser cumprida na destruição de Jerusalém em 70 dC: "Lucas registra que a vingança de Deus sobre Sua nação eleita é 'a fim de que todas as coisas que estão escritas podem ser cumpridas.' Jesus está dizendo a nação que Deus cumprirá todas as maldições da aliança mosaica por causa da desobediência de Israel. Ele não vai ceder e apenas trazer para passar um cumprimento parcial de Sua vingança."(Tribulação, 98).

Para dizer o mínimo, se todas as disposições Mosaicas do Pacto de ira foram cumpridas em 70 dC, e se "todas as coisas que estão escritas" foram cumpridas em 70 dC, então não é patentemente mais lugar para um derramamento futuro da ira contra Israel em cumprimento do que está escrito! Quanto de profético a "visão e a profecia" seria deixado de fora do cumprimento de "todas as coisas que estão escritas"? Lembre-se, Jesus em Lucas está descrevendo sua vinda, a vinda para concluir todo processo que está confinado às semanas setenta. Assim, Daniel e Jesus postularam o cumprimento de todo o corpo profético (em relação a

Israel) no momento da queda de Jerusalém em 70 dC. isso significa que a restauração de Israel tinha que estar concluída naquele momento.

Desde Daniel foi dito que setenta semanas foram determinados para selar visão e profecia, então o cumprimento de todas as profecias de Daniel se encontra dentro dos parâmetros das setenta semanas. Portanto, a destruição de Jerusalém, para selar a visão e a profecia, estava dentro dos limites das setenta semanas de Daniel 9. (Preferimos pensar que ele estava na conclusão das setenta semanas).Assim, as setenta semanas não foram cumpridas antes de 70 dC, e as setenta semanas não foram adiadas.

6- Para ungir o Santíssimo

Finalmente, as 70 semanas tinha como objetivo o seguinte: "unção do Santíssimo". Alguns dizem que essa é uma referência para o Santo dos Santos, e buscam uma explicação nesses termos. Outros dizem que essa é uma referência ao batismo de Jesus, e o batismo fazia dele um ungido (messiânico) sacerdote. Em Sua ascensão, no entanto, Ele foi ungido como rei messiânico.

Daniel sabe que o Tabernáculo e Templo foram ungidos com óleo pela primeira vez quando foi inaugurado, não uma e outra vez. Não há ocasião para trazer óleo da unção para o Santo dos Santos após ele ter sido criado.

Por outro lado, esta profecia não iria provavelmente ter sido claro para eles. O que significa ungir o santíssimo? Eles poderiam perceber que o Tabernáculo e o Templo eram estruturas humaniformes, e acho que eles simbolizavam não só israelitas, mas o Supremo israelita que haveria de vir, o Messias. E eles estariam corretos se deduzem que. Jesus, como Ele deixa claro para os judeus, é o Templo encarnado. Ele é o Santo dos Santos vivo. De fato, em João 1: "No princípio era o Verbo", nos leva de volta ao termo hebraico, que significa palavra, e é também uma palavra para o Santo dos Santos (1 Reis 6:5-31; 7:49; 8:6-8; 2 Crónicas 3:16; 4:20; 5:7-9; Salmo 28:2). O Santo dos Santos existiu "na eternidade" na

segunda pessoa, o Filho de Deus, e agora tornou-se carne e "tabernaculou" entre nós (João 1:1-14).

No entanto, há uma outra possibilidade aqui, como Keil e Delitzsch notam, as palavras usadas de esta unção nunca são utilizadas para falar de pessoas, mas de objetos e objetos de culto do templo. Keil e Delitzsch Daniel, (Grand Rapids, Eerdmans, 1975). Assim, enquanto não há dúvida de que Cristo foi "o ungido" e o tabernáculo vivo, a ideia parece ser que setenta semanas foram determinados para ungir o Santíssimo do novo templo. Isto está de acordo com a previsão da destruição da "cidade e do santuário" de 9:26. No final das setenta semanas, Deus iria remover o Velho Santíssimo, e ungir o Novo Templo do Messias. A ideia da passagem do Templo Velho, e a antecipação da conclusão do Novo Santíssima de Cristo permeia grande parte da teologia do Novo Testamento.

Os eventos históricos da septuagésima semana

Agora focaremos no que Daniel diz sobre o que Israel vai passar "depois das sessenta e duas semanas" (Daniel 9:26) que se seguiriam às "sete semanas" (9:25). Então isso ocorreria após as 69ª semana.

Uma leitura natural do texto requer que isso seja durante a 70ª semana, porque é o único tempo que falta para que o predito em Daniel 9:24 se cumpra.

"26 E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo; ..." Daniel 9.26a"

Nesse tempo o "Messias será cortado". Em hebraico, a palavra traduzida como "cortado" é karath, um "termo usado para pena de morte, Levítico 7:20; e uma morte violenta", segundo E. J. Young. Então, se refere à morte de Cristo na cruz.

Dado o padrão hebraico de repetição, podemos facilmente enxergar um paralelo entre os versos 26 e 27: o 27 complementa o 26.

Pelo lado negativo, o fato de o Messias ser "cortado" resulta do tempo de transgressão chegar ao fim, culminando (versículo 24) na crucificação do Messias. O verso 27 diz:

"E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação".

Pelo lado positivo, então, confirmando a aliança com "muitos" resulta na reconciliação e traz a justiça eterna (versículo 24).

Então, esses paralelos se referem ao mesmo evento quando vistos pelos ângulos de bênção e maldição (como em Deuteronômio 11:26; 30:1). Ambos acontecem dentro do período da septuagésima semana.

A confirmação da Aliança

O que devemos fazer com "firmará a aliança" no verso 27? Essa frase certamente se refere às ações do verso 24.

Essas ações resultam do Jubileu perfeito (setenta semanas) da aliança e é resultado da oração de Daniel (versículo 4). Essa aliança deve ser a aliança redentiva da graça de Deus. O Messias vem para confirmar as promessas dessa aliança: "Para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança..." (Lucas 1:72).

Ele confirma a aliança através de Sua morte na cruz: "De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador" (Hebreus 7:22).

Além do mais, a palavra traduzida como "confirma" (hebraico: higbir) é relacionada ao nome do anjo Gabriel, que traz a Daniel a revelação das 70 semanas (depois ele também traz a revelação do nascimento de Cristo [Lucas 1:19, 26]).

"Gabriel" (hebraico: Gabriel) tem como raiz a palavra gibbor, "o forte", um conceito frequentemente associado com o Deus da Aliança. A

palavra em Daniel 9:27 significa “fortalecer, confirmar”. Essa com certeza é uma aliança forte, pois traz “justiça eterna” (Daniel 9:24).

A oração de Daniel é principalmente por Israel (Daniel 9:3) e reconhece que Deus promete misericórdia àqueles que O ama (versículo 4). Portanto, a profecia afirma que a aliança seria confirmada com muitos por uma semana.

A referência a “muitos” diz respeito aos judeus fiéis. Então, como afirma Young: “Então, um contraste é introduzido entre Ele e os muitos, um contraste que parece ter relação com a grande passagem Messiânica (Isaías 52:13- 53:12), particularmente 53:11. Apesar de nem toda a nação receber a salvação, muitos receberão.

Essa confirmação com os “muitos” de Deus ocorrerão no meio da 70ª semana (versículo 27). Isso se assemelha ao “depois de sessenta e duas semanas e sete semanas” (versículo 26), nos dando maiores detalhes.

Sabemos que o ano e meio de ministério de Cristo, no meio da 70ª semana, decididamente esteve focado nos judeus, porque comanda aos discípulos:

“Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos...” (Mateus 10:5; 15:24).

Então por três anos e meio depois da crucificação, os apóstolos focam seus ministérios quase exclusivamente nos judeus. Eles começam primeiro pela “Judéia” (Atos 1:8; 2:14) porque o “Evangelho de Cristo” é “primeiro para o judeu” (Romanos 1:16; 2:10, João 4:22). Essa confirmação da Aliança ocorre “no meio da semana” (versículo 27).

Eu mostrei acima que a 70ª semana da aliança começa com o batismo de Jesus. Então, depois de 3 anos e meio de ministério – o meio da 70ª semana - Cristo é crucificado.

A profecia diz que pela sua confirmação conclusiva da Aliança, o Messias “fará cessar o sacrifício e a oblação” (Daniel 9:27). Ele faz isso ao oferecer a si mesmo como sacrifício pelo pecado: “Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. (Hebreus 9:26; 7:11-12; 18:22).

Consequentemente, em sua morte, o véu do Templo se rasga de cima a baixo (Mateus 27:51). Essa é uma evidência miraculosa que Deus revogou legalmente o sistema sacrificial (ver em Mateus 23:38).

Cristo é o Cordeiro de Deus (João 1:29; 1ª Pedro 1:19) que abre o Santo dos santos ao seu povo (Hebreus 4:14; 9:12, 24-26; 10:19-22).

Podemos entender historicamente que a primeira metade da septuagésima semana se cumpriu em Cristo, em seu Ministério Terreno, trazendo bençãos.

7 semanas + 62 = 69 Então isso ocorreria após as 69ª semana.

Logo a segunda metade da septuagésima se cumpre aqui, trazendo maldições:

"..e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações."
A maldição que veio sobre Israel por ter rejeitado seu Messias, foi a destruição de seu Templo.

A Controvérsia está nesse versículo:

"27 E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador. Daniel 9.27"

Infelizmente por estarmos contaminados pelo dispensacionalismo, um texto simples desse, gera grande confusão..

Temos fortes evidencias para acreditar que o autor da aliança é Cristo.. foi durante seu ministério "E ele firmará aliança com muitos por uma semana" que ele realizou e inaugurou de Fato a NOVA ALIANÇA com seus discípulos na Última Ceia..

"Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós. Lucas 22.20"

"E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que por muitos é derramado. Marcos 14.24"

A profecia trata de Aliança!

Essa confirmação da Aliança ocorre "no meio da semana", "e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação"; Jesus foi crucificado aos 33 anos, após 3,5 anos de ministério, iniciado após seu Batismo.

Eu mostrei acima que a 70ª semana da aliança começa com o batismo de Jesus. Então, depois de 3 anos e meio de ministério – o meio da 70ª semana - Cristo é crucificado.

A profecia diz que pela sua confirmação conclusiva da Aliança, o Messias "fará cessar o sacrifício e a oblação" (Daniel 9:27). Ele faz isso ao oferecer a si mesmo como sacrifício pelo pecado:

"Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo". (Hebreus 9:26; 7:11-12; 18:22).

Consequentemente, em sua morte, o véu do Templo se rasga de cima a baixo (Mateus 27:51). Essa é uma evidência miraculosa que Deus revogou legalmente o sistema sacrificial (ver em Mateus 23:38).

A destruição de Jerusalém

Mas como devemos entender as porções finais dos versos 26 e 27? O fazemos com a destruição da "cidade e do santuário" (versículo 26)? O que Daniel quer dizer com "pela abominação que causa a desolação" (versículo 27)?

A maioria dos comentaristas evangélicos não concordam que isso se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C., que ocorre 40 anos depois da crucificação? E, nisso, eles não seguem o que diz Josefo?

Josefo aplica Daniel 9:27 aos eventos de 70 d.C.:

"exatamente dessa mesma maneira Daniel escreveu a respeito do governo romano, e que nosso país seria desolado por eles" (antiguidade dos judeus 10:11:7).
No verso 26 aprendemos que há dois eventos que ocorreriam depois da 69ª semana:

(1) o Messias seria "cortado" e

(2) a cidade e o santuário seriam destruídos.

O verso 27a nos informa que o "corte" do Messias (versículo 26) confirma a aliança e ocorre no meio da 70ª semana. Então, a morte do Messias está claramente dentro do espaço de tempo das 70 semanas (como esperaríamos, já que ele é a figura principal da profecia).

Os eventos envolvendo a destruição da cidade e do santuário com guerra e desolação (versículos 26b e 27b) são as consequências do Messias ter sido cortado.

Eles não ocorreriam necessariamente dentro do período de tempo das 70 semanas – são um "adendo" ao que é dito no verso 24.

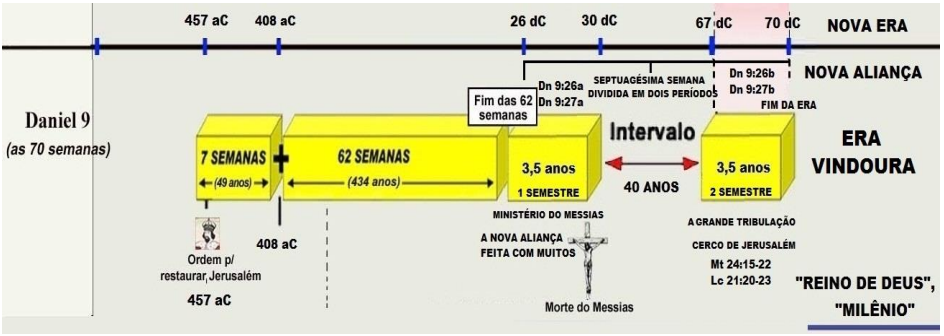
Ou seja entre a primeira metade da 70° semana (3,5 anos, benções) e a segunda metade (3,5 anos, maldições), existe um hiato de tempo. Hiato tem origem no termo Latim “hiatus”, cujo significado é “abertura, fenda, lacuna”, abrangendo diferentes conceitos e aplicações. A segunda metade se cumpre na destruição que ocorreria em 70 d.C.:

A nossa melhor chave de Hermenêutica é Jesus! o próprio Cristo cita o assolador de Daniel quando fala a respeito do templo.

"E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse: Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra, que não seja derrubada. E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão, pois, estas coisas? E que sinal haverá quando isto estiver para acontecer?
Lucas 21:5-7"

"Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.
Lucas 21:20,21"

"Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda; Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; Mateus 24:15,16"



A Última metade da 70ª semana de Daniel

A última metade (3 ½) da septuagésima semana de Daniel: Daniel 9:27. Um tempo, dois tempos e metade de um tempo (um período de tempo de três e meio): Daniel 7:25; 12: 7; Apocalipse 12:14.

Quarenta e dois meses (três anos e meio): Apocalipse 11: 2; 13: 5.

1260 dias (quarenta e dois meses de 30 dias): Apocalipse 11:3; 12: 6.

Três dias e meio: Apocalipse 11:9,11.

O que esses termos têm em comum é que eles se referem a um período de tempo de três e meio que seria um tempo de julgamento e testes para o povo de Deus antes do estabelecimento completo do reino de Deus. Todas essas referências refletem o período final de três anos e meio terminando com o estabelecimento completo do reino de Deus na terra na Vinda de Cristo em julgamento no ano 70 dC.
Três anos e meio

Entendo que o período de tempo de três e meio é usado para representar o período de três anos e meio ou quarenta e dois meses (março / abril de 67 dC - agosto / setembro de 70 dC) que Tito travou guerra contra os judeus. Este foi o momento da grande tribulação e é a maneira mais comum de usar o período de três e meio. É usado dessa maneira em Daniel 7:25; 9:27; 12:7 e Apocalipse 11:2, 12:6, 12:14 e 13:5.

E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo. Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do

Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão. Daniel 7:25-27

Então ele [o Messias de v. 26] confirmará uma aliança com muitos por uma semana; mas no meio da semana ele trará o fim do sacrifício e da oferta. E [na última metade da septuagésima semana] sobre a asa das abominações virá o assolador, até à consumação, o que é determinado, é derramado sobre o assolador . Daniel 9:27

E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo... um disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando será o fim destas maravilhas? E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, o qual levantou ao céu a sua mão direita e a sua mão esquerda, e jurou por aquele que vive eternamente que isso seria para um tempo, tempos e metade do tempo, e quando tiverem acabado de espalhar o poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas. Daniel 12: 1, 6-7

E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco. Apocalipse 11:1-3

E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias. Apocalipse 12:6

E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho homem. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. Apocalipse. 12:13-14; cf. Dn. 12: 7

E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela? E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses. Apocalipse 13:4-5
O período de três anos e meio foi os três anos e meio que o chifre pequeno (Tito) fez guerra contra os santos. Refere-se à chegada do príncipe que destruirá Jerusalém e o Templo (Dn 9:26, cf. Apocalipse 11:2). Foi a campanha de Tito contra Israel na segunda metade (segundo semestre) da septuagésima semana de Daniel semana e iria acabar com a desolação e a destruição da nação judaica de 67-70 dC (Dn 9:27; 12:7).

Esse período de três anos e meio é mostrado em Apocalipse 12, onde a nova, ou a celestial Jerusalém é retratado na forma de mãe (ver Is. 66:7-13). Ela é a nova mãe da aliança de todos os crentes (cf. Gl 4:21-31). Ainda em Apocalipse 12 mostra que a expulsão de Satanás referida aqui ocorreu pouco antes da irrupção da perseguição contra os cristãos (Apocalipse 12:1-10); Evidentemente, é introduzido para explicar a intensa hostilidade do dragão contra a igreja de Cristo. A Igreja e seus filhos (Apocalipse 12:17) precisariam de proteção contra Satanás por um período de "um tempo, tempos e metade tempo" (Apocalipse 12:14). Isso aconteceria de 67 dC até a quebra da nação judaica em 70 dC (cf. Mt 24:15-21, Lc 21:20-23). Este foi o momento do estabelecimento completo do reino de Deus na terra.

Setenta semanas de Daniel

A fonte primária para o significado do tempo de julgamento de três e meio são as setenta semanas de Daniel 9: 24-27. O contexto das setenta semanas (ou setenta setes) tem a ver com os judeus e com Jerusalém ("setenta semanas são determinadas sobre o seu povo e para a sua cidade santa" Dn 9:24). O período de três e meia seria a última metade da semana setenta. Enquanto este período de tribulação chegaria ao mundo inteiro (oikoumene), ele se concentraria nos judeus, naqueles que moravam na Terra (ver Apocalipse 3:10). Em Daniel 9: 26-27, a septuagésima semana de Daniel é dada como o tempo durante o qual

Deus estabeleceria e confirmava a Sua aliança; está dividido em duas partes (3 ½ e 3 ½) no versículo 27:

26 E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações.

27 E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

Daniel 9:26 e 27 paralelos uns aos outros; Ou seja, eles abordam os mesmos dois tópicos. A primeira parte de cada verso contém uma referência ao ministério e a matança do Messias e a destruição da cidade e do santuário, a abominação da desolação.
26 E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo;
27 E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação;

A morte de Jesus pôs fim à legitimidade do sistema de sacrifício (ver Mateus 27:50-51, Hb. 10:11-18); aconteceu depois de "sete" e "sessenta e duas" semanas, Dn. 9:25 (ou seja, aconteceu durante a semana setenta). O último sacrifício do Messias aconteceu durante a septuagésima semana / sete, no final de sua primeira metade.

A segunda parte dos versículos 26 e 27 contém uma referência à vinda daquele que destruirá Jerusalém e o Templo; Esta seria a última metade da septuagésima semana / sete de Daniel. Era o tempo da vinda daquele que tornaria a nação judaica desolada:

26. ... e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações..

27 ... e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

É na última metade (segundo semestre) da septuagésima semana de Daniel que o período de três anos e meio que Jerusalém é destruída.
Daniel 9:27 faz um paralelo explícito com v. 26, também dividindo em dois eventos (a morte do Messias e depois a vinda do destruidor do Templo) em duas metades da septuagésima semana, literalmente, um "sete". Aqui está a tradução de Edward J. Young de Daniel 9:27.
"E ele [isto é, o Messias] fará prevalecer uma aliança para os muitos - um sete, e no meio dos sete ele cessará o sacrifício e a oblação, e sobre a ala de abominações um é um desolado e até o fim e aquele determinado deve derramar sobre o desolado".

Durante a septuagésima semana (no meio dela) o Messias faria com que a aliança (a nova aliança, que era para muitos, cf. Mt 26:28), fosse estabelecida (ou prevalecida). Neste momento, depois da primeira metade da septuagésima semana, Deus traria um fim à legitimidade do sacrifício. Isso aconteceu no ano 30 dC quando, após o ministério de Jesus, de três anos e meio, Deus pôs fim à legitimidade do sistema sacrificial pelo sacrifício de Seu Filho. Os judeus ofereceriam sacrifícios por outros 40 anos, mas depois do sacrifício do Cordeiro de Deus, o sistema sacrificial do Templo seria inválido aos olhos de Deus. (2) Na segunda metade da septuagésima semana viria aquele que tornaria Israel desolado. Isso confirmaria a nova aliança, já que o antigo sistema do templo desapareceria totalmente.

Haveria uma aliança de sete anos feita pelo anticristo?
Deve-se notar que a ideia promovida pelos dispensacionalistas de que um suposto "anticristo" faz uma aliança de sete anos com Israel não possui apoio bíblico. Este ensinamento baseia-se em uma compreensão equivocada de Daniel 9:27:

E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das

abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

O "ele" no v. 27 é o Messias (da v. 26). Ele estaria confirmando a aliança durante um período de sete anos. Isso não está se referindo a um anticristo estabelecendo uma aliança de sete anos com Israel. Todas as referências escriturais subseqüentes a um suposto "anticristo" que mencionam um período de tempo fazem isso no contexto de um período de três anos e meio, nunca sete (por exemplo, Dn. 7:25; Ap. 13:5). Além de uma interpretação equivocada de Daniel 9:27, não há absolutamente nenhum apoio bíblico para o Anticristo fazendo uma aliança de sete anos com Israel.

Observe como Jesus, que é nossa chave hermenêutica, interpretou Daniel 9:26-27:

26. ... e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações..
27 ... e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda; Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; Mateus 24:15,16

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Lucas 21:20-22

Podemos observar que Jesus nada mencionou sobre a primeira parte da septuagésima semana de Daniel, pois esta se refere ao seu ministério. Jesus aborda apenas então a segunda metade da septuagésima semana

que menciona a desolação de Jerusalém pelo povo do príncipe que destrói a cidade e o santuário.

Observe também que quem destrói a cidade e o santuário é o povo do príncipe, não o príncipe individualmente (embora ele participe sendo o príncipe/governante desse povo).

"...e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário..." Dn 9:27

"Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação..." Lc 21:20

Como podemos perceber, Jesus nada mencionou ou ensinou sobre um suposto anticristo que faria uma aliança com Israel por sete anos 2000 anos a frente do tempo dos Apóstolos. Muito pelo contrário Jesus deixa bem claro que tais eventos se cumpririam no primeiro século, naquela geração (Mt 24:34). Isso significa que não existe outra interpretação plausível para Daniel 9. Lide com isso!
A aliança que seria confirmada (ou prevaleceria) durante a septuagésima semana foi a nova aliança. A nova aliança começou a ser estabelecida na primeira metade da septuagésima semana com o ministério de Jesus de três anos e meio; Isso culminou com o sacrifício feito de uma vez por todas. A chegada plena da nova aliança foi confirmada na segunda metade da septuagésima semana ao final dos três anos e meio; isso culminou com a destruição do Templo. Isso tornou impossível a observância da velha aliança. O reino de Deus foi estabelecido na terra neste momento (cf. Dn 7:19-27, Lucas 19:11-27). Este é um ponto importante: Embora o messias tenha sido entronizado no céu em 30 dC, a chegada plena do reino de Deus na terra aconteceu na sua vinda em juízo em 70 dC. Foi neste momento que o reino teocrático foi retirado dos judeus e dado ao novo povo da nova aliança (Mateus 21:33-43, cf. Dn 7:18, 22, 27).

Existe uma lacuna nas setenta semanas?

Observe que com o uso literal do tempo de três anos e meio há um espaço entre o primeiro semestre e a segunda metade da semana setenta; Essa diferença é de cerca de 37 anos (30-67 dC). Embora exista uma lacuna, não são os milhares de anos (entre a sexagésima nona e a setenta semana) que os dispensacionalistas afirmam. Alguns preteristas, em reação à enorme lacuna proposta pelos dispensacionalistas, argumentam que não há indicação no texto de uma lacuna entre o primeiro semestre e o segundo semestre ou segunda metade da semana de Daniel. Com a ajuda da retrospectiva histórica e do resto das Escrituras, no entanto, parece claro que a primeira metade da sétima semana terminou quando Jesus foi morto em 30 dC e a segunda metade terminou quando Tito fez a nação judaica desolada em 70 dC. Deus estava estabelecendo e confirmando a nova aliança durante esse período. Durante a primeira metade da septuagésima semana, estabeleceu a nova aliança através da morte de Jesus; Durante a segunda metade, ele confirmou a nova aliança abolindo o antigo sistema do templo.

O que é essencialmente o mesmo intervalo invisível entre a primeira e a segunda metade da septuagésima semana que também ocorre em Isaías 61:2:

"O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos pobres; Ele me enviou para curar o coração partido, proclamar a liberdade dos cativos e a abertura da prisão aos que estão ligados; para proclamar o ano aceitável do Senhor [cumprido no ministério de Jesus], e o dia da vingança de nosso Deus [cumprido no "ministério" de Tito]."

Na superfície não há lacunas em Isaías 61:1-2; olhando para o ensino de Jesus, no entanto, ele faz alusão a uma lacuna aqui em Isaías 61:1-2. Em Lucas 4:18-19 Jesus cita esta seção de Isaías até a última metade do vs. 2. Ele parou a leitura dele naquele ponto e deixou de lado a parte que se referia ao "dia da vingança de nosso Deus".

A primeira metade de Isaías 61:2, "o ano aceitável do Senhor" estava sendo cumprida no ministério de Jesus. A última metade, "o dia da

vingança" seria cumprida cerca de quarenta anos depois na destruição de Jerusalém por Tito no ano 70 dC e a dispersão dos judeus nas nações. Lucas escreveu o seguinte sobre isso: " Porque estes são os dias da vingança, para que todas as coisas que estão escritas possam ser cumpridas ... e cairão ao fio da espada, e serão levados cativos para todas as nações" (Lucas 21:22, 24). Daniel 9:27, Isaías 61:2 estão se referindo aos mesmos dois períodos de tempo, o ano aceitável do Senhor (o ministério de três anos e meio do Cristo) e o dia da vingança (o ministério de três anos e meio de Tito).

Que a segunda metade da septuagésima semana de Daniel está separada da primeira metade também é mostrada pelo fato de que a última metade da semana setenta continua aparecendo na Escritura como o período de tempo de três anos e meio logo antes da Vinda em juízo no ano 70 dC (cf. Dn. 7:21-25). Este seria o tempo da grande tribulação; Termina com a ressurreição de Israel no momento da destruição da nação judaica (Dn 12:1-7). Isso dificilmente se encaixa em 33 dC, que seria o fim das setenta semanas, se não houvesse espaço entre as duas metades da septuagésima semana.

Além dos pontos acima, o propósito das setenta semanas estava relacionado aos judeus e a Jerusalém; "Setenta semanas são determinadas sobre o seu povo e para a sua cidade santa". Foi em 70 dC (não em 33 dC) que se cumpriu a destruição de Jerusalém (cidade santa) e o Templo (santuário). Além disso, embora parte dos eventos que as setenta semanas deveriam completar na cruz ("Terminar a transgressão, dar fim aos pecados, fazer a reconciliação da iniquidade, trazer a justiça eterna, selar visão e profecia e ungir o mais sagrado" Dn. 9:24) só foram cumpridos plenamente em 70 dC, não em 33 dC. Em suma, há uma pequena lacuna aqui; lide com isso!

Quiasma em Daniel

Um quiasma é uma estrutura literária reconhecida há muito tempo como uma forma de enfatizar idéias ou conceitos, colocando-os em um padrão simétrico, pois são registrados em uma determinada obra literária. Onde

eles aparecem na Bíblia, alguns se referiram a eles como as "impressões digitais de Deus". A estrutura chiastic de Daniel 9:25-27 é muito interessante, pois deixa claro que o Messias é o "ele" que confirma a aliança . William H. Shea, um historicista, observa o seguinte chiasm no trabalho de Frank Holbrook *, "As setenta semanas, o Levítico e a Natureza da Profecia ":

CHIASM EM DANIEL 9:25-27

(A - CONSTRUÇÃO) 25 Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém,

(B - MESSIAS) até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas;

(C - CONSTRUÇÃO) as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos.

(D - MESSIAS) 26 E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo;

(C - DESTRUIÇÃO) e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolacões.

(B - MESSIAS) 27 E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação;

(A´ - DESTRUIÇÃO) e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

Outro acasalamento útil dessa mesma passagem, incluindo o versículo 24 é mostrado da seguinte maneira:

Daniel 9: 24-27

24 " 7.) Setenta semanas são determinadas para o seu povo e para a sua cidade sagrada,

6.) Para terminar a transgressão, para fazer o fim dos pecados, fazer a reconciliação da iniqüidade, trazer a justiça eterna,

5.) Selar visão e profecia, e ungir o Santíssimo.

25 4.) "Saiba, portanto, e compreende, Que, da saída do comando Para restaurar e construir Jerusalém

3.) Até o Messias, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas;

2.) A rua será construída novamente, e o muro, mesmo em momentos difíceis.

26 1.) "E depois das sessenta e duas semanas o Messias será cortado, mas não para si mesmo;

2.) E o povo do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário.

3.) O fim dele será com uma inundação,

4.) E até o fim da guerra as desolações são determinadas.

27 5.) Então ele deve confirmar uma aliança com muitos por uma semana; Mas no meio da semana Ele trará o fim do sacrifício e da oferta.

6.) E na asa das abominações haverá alguém que desolará,

7.) Mesmo até a consumação, que é determinada, é derramada sobre o desolado ".

VERMELHO - O centro do quiasma, o ápice da eternidade, a cruz.
VERDE - Acima - Deus usa gentios (Cyrus) para libertar a nação para reconstruir a cidade
Abaixo - Deus usa gentios (Romanos) para dizimar nação e destruir a cidade
VIOLETA - Acima - Anuncia a chegada do Messias na Bênção
Abaixo - Anuncia a partida do Messias no Juízo
AZUL - Acima - Restauração comandada por Deus através do homem
Abaixo - Desolação Determinada por Deus através do Messias

ROSA - Acima - o Sumo Sacerdote que seria o sacrifício e a oferta.
Abaixo - fim de sacrifício e oferta
LARANJA - Acima - Cristo traz a justiça eterna e a reconciliação
Abaixo - Cristo torna a cidade, abominável e desolada.
VERMELHO ESCURO - Acima - 70 semanas de anos determinadas para reconstrução e vida
Abaixo - A consumação de julgamentos determinados por rejeição.

Os picos das montanhas da profecia

A Bíblia é diferente de todos os outros "livros sagrados" na medida em que baseia sua "Autenticidade" e "Autoridade" pela PROFECIA. Todos os outros "livros sagrados" não contêm previsões quanto ao futuro. Se os seus autores tivessem tentado predizer eventos futuros, o seu não-cumprimento teria, há muito tempo, desacreditado os seus escritos. A profecia cumprida é uma das evidências mais fortes para a "Inspiração" e "Autenticidade" das Escrituras; profecia não é "adivinhação casual". A profecia não é uma "probabilidade climática". A profecia é a história escrita antecipadamente.

As escrituras do Antigo Testamento trazem uma "dupla testemunha" a Jesus. Eles apontam tanto para sua vinda em seus dias em sua carne como para sua vinda em um dia de seu julgamento, e o mesmo profeta, ao se referir às "Duas Vindas", nem sempre os nomeava na ordem correta, o que confundia os estudantes da Bíblia e os líderes religiosos dos dias de Cristo. Na verdade, eles não sabiam que deviam ser dois tipos de "Vindas" diferentes. Eles não separaram as profecias que prediziam seus "sofrimentos" das profecias que predisseram seu julgamento. 1Pe. 1:10-12. Eles acreditavam que as profecias referentes ao Messias (Cristo) deviam ser cumpridas em Sua primeira vinda. Isso explica por que as pessoas do dia de Cristo procuraram por Ele para estabelecer um Reino Terrestre. Eles não viram que haveria um período de tempo para transição de aliança entre os "SOFRIMENTOS" (a CRUZ) e o "JULGAMENTO". Mas nós estamos deste lado do Calvário e podemos prontamente separar as profecias cumpridas do "Primeiro

Advento" das profecias cumpridas da "Parousia". Isto é claramente mostrado no Gráfico dos "Picos da Montanha da Profecia"

O profeta do Antigo Testamento viu o futuro como picos separados de uma montanha. Ele não viu que estes picos se reuniram em grupos com um vale o "VALE DOS ÚLTIMOS DIAS". No primeiro grupo está o "Nascimento de Jesus", Batismo, "Calvário" e "Pentecostes". No segundo grupo está o "Chifre Pequeno", a Parousia de Cristo "e o" Reinado Milenar de Cristo ". O Profeta Isaías (Is. 61:1-2) não viu aquela "vírgula" no segundo verso, que se separou entre as declarações - " O ANO ACEITÁVEL DO SENHOR", e "O DIA DA VINGANÇA DE NOSSO DEUS" que cobriria um período entre a cruz e a parousia em 70 dC. Da mesma forma, o profeta Jeremias (Jeremias 23:5-6) separa com uma "vírgula" a primeira vinda (encarnação) e a vinda para Julgamento, ou entre "O PRIMEIRO RAMO" e o "REI QUE REINARÁ E PROSPERARÁ".

Como será mostrado no Gráfico abaixo, o Profeta viu em uma linha direta ao longo dos "Picos da Profecia", e não viu o "VALE DOS ÚLTIMOS DIAS" no meio. Entre esse vale está a Cruz vinda em julgamento (Parousia). A primeira metade (3,5 anos) da semana de Daniel e a última metade (3,5 anos).

As profecias de Isaías têm principalmente a ver com o Messias e Israel. Jeremias é o profeta da restauração de Israel. Ezequiel tem a ver com a Restauração de Israel e com a era messiânica, o Templo Restaurado e a forma de Adoração. Daniel é o profeta dos gentios e suas relações com Israel. Zacarias está mais preocupado com os eventos que acontecerão na Parousia de Cristo, como:

(1) O CHIFRE PEQUENO (o Pastor Mau). Zc. 11:15-17.

(2) ARMAGEDOM Zc. 14:1-3.

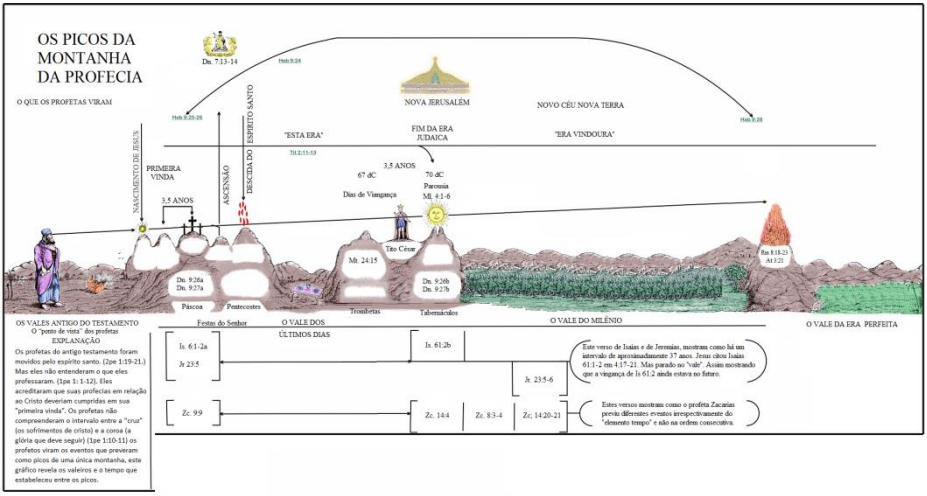
(3) CONVERSÃO DE ISRAEL. Zc. 12:9-11.

(4) A PAROUSIA DE CRISTO. Zc. 14:4-6.

(5) PROSPERIDADE NOVA JERUSALÉM. Zc. 8:3-5.

(6) FESTA DOS TABERNÁCULOS. Zc. 14:16-18

Observe que Zacarias não vê esses eventos em sua ordem cronológica. Todos os Profetas Maiores e 9 dos Profetas Menores enfatizam o "Reinado de Cristo", e foi isso que confundiu os líderes religiosos dos dias de Cristo.



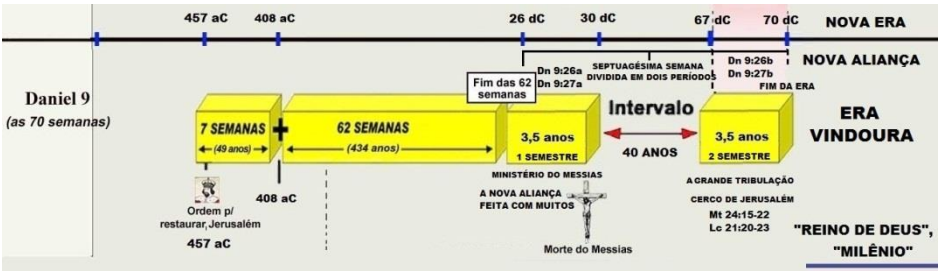
https://arquivopreterista.blogspot.com/2017/10/a-ultima-metade-da-70-semana-de-daniel.html

Resumo

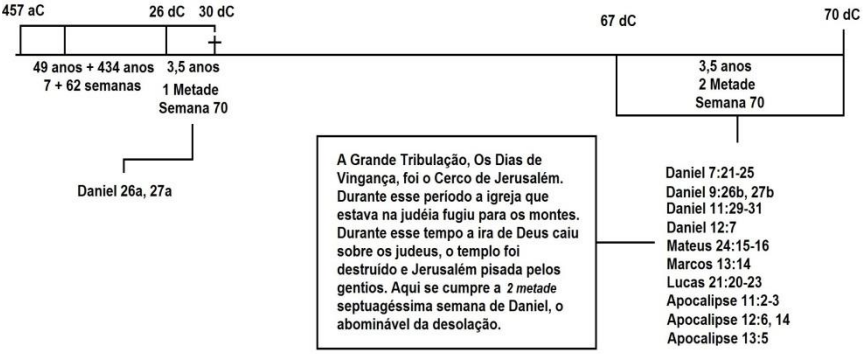
O período de três anos e meio que se encontra em Daniel e Apocalipse é derivado da última metade da septuagésima semana de Daniel. Ele descreve o tempo em que, depois que o Cristo foi cortado, aquele que faria Israel desolado viria (Dn 9:26-27). Este período de tempo deveria ser um período de julgamento antes do estabelecimento completo do reino de Deus em 70 dC; Isso aconteceria em todo o mundo

(oikoumene), mas se concentraria nos judeus (ver Apocalipse 3:10). Isso ficou claro na introdução às setenta semanas de Daniel: "Setenta semanas são determinadas sobre o seu povo e para a sua cidade sagrada ..." Dn. 9:24. Que os judeus sejam o foco das setenta semanas também é visto no fato de que este período de tempo acabaria com a quebra da nação judaica.

A última metade da semana setenta da Daniel é um período de três anos e meio (de março/abril de 67 dC a agosto/setembro de 70 dC). O delimitador inicial septuagésima semana foi no ministério de Jesus de três anos e meio (c. 26-30 dC). Isso faz com que as duas metades da septuagésima semana seja divididas em dois períodos, ou duas metades, ou dois semestres, 27-30 dC e 67-70 dC, com uma lacuna no meio.



"Tempo, tempos e metade de tempo", "Quarenta e dois meses", "Mil duzentos e sessenta dias"
Entendendo a questão a respeito desses períodos



Notas de rodapé:

1. Edward Young, um comentário sobre Daniel , (Carlisle, Pensilvânia: The Banner of Truth Trust, 1972), 208.
2. Após o sacrifício de Jesus, o Templo judeu ficou desolado (Mateus 23: 37-38; 27: 50-51). Jesus "afastou o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Heb 9:26); depois disso, "não há mais oferta pelo pecado" (ver Hebreus 10: 5-18). Curiosamente, existe uma tradição judaica que dá suporte à idéia de que o sistema de sacrifício judaico era inválido após a morte de Jesus. Todos os anos, no dia da expiação, um bode expiatório (que simbolicamente carregava o pecado de Israel) seria levado para a região selvagem. Quando o bode expiatório chegou ao deserto (indicando que o pecado de Israel foi perdoado), um fio de lã carmesim amarrado ao templo ficaria branco. De acordo com fontes judaicas, este fio nunca se tornou branco durante estes últimos quarenta anos do segundo Templo. Zev Vilnay, Legends of Jerusalem, A Terra sagrada: vol. 1(Filadélfia: The Jewish publication Society of America, 1973), 115-116. Esta história apoia a ideia de que, desde o tempo da morte de Jesus em 30 dC até a destruição do Templo em 70 dC, o pecado de Israel deixou de ser expulso pelos sacrifícios e ofertas do Templo.

Daniel 10

Esta é agora a quinta e última visão de Daniel que começa em Daniel 10 e conclui no capítulo 12. Daniel recebe uma lista de reis que direcionarão a história mundial até o tempo do Messias. Futuristas muitas vezes aplicam uma interpretação a esses capítulos que colocam todos esses governantes no futuro. No entanto, uma abordagem preterista é um grande testemunho do poder da Escritura como a Palavra de Deus. Essas profecias foram surpreendentemente cumpridas com os mínimos detalhes. Aqui temos um esboço preciso da história profetizada antes de qualquer dos eventos terem ocorrido, que apontam para o tempo exato da vinda do Messias. Para que os judeus crentes não percam o Messias, são representados os principais governantes mundiais do Medo-Pérsia, da Grécia e de Roma, que conduzem ao tempo de Cristo e a destruição de Jerusalém no ano 70 dC.
Em Daniel 10, um anjo aparece ao profeta Daniel e dá uma interpretação de uma visão. A visão ocorre em cerca de 535 aC. "no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia" (Dn. 10:1). Ciro I reinou de 550 a 529 aC. Ele capturou a cidade de Jerusalém em 538 aC.
Note que na descrição da visão nos versículos 1-12, o anjo aparece fisicamente para Daniel e o toca levantando-o. Então o anjo ordena Daniel a ficar de pé.

10:1: “No ano terceiro de Ciro, rei da Pérsia, foi revela¬da uma palavra a Daniel, cujo nome se chama Beltessazar; e a palavra é verdadeira, e trata duma guerra prolongada; e ele entendeu esta palavra, e teve entendimento da vi¬são”.

“Foi revelada uma palavra...” O termo “revelar” ou o seu equivalente no presente versículo, tem o mesmo senti¬do e pode ser traduzido por “revelação”. Isto é, uma reve¬lação de “uma guerra prolongada” que seria desenvolvida e consolidada no capítulo 11 deste livro, sendo aqui, po¬rém, apenas o início da visão. No texto em foco, Deus revelou a Daniel o que há de acontecer nos “últimos dias” de Israel.

10:2: “Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas completas”.

“Estive triste...” Daniel, já muito ex¬periente, via, nas visões escatológicas, descritos todos os acontecimentos futuros envolvendo Israel; assim, cada vi-são por ele presenciada não lhe trazia alegria, mas tristeza de alma. Daniel sentiu-se “triste” em ver diante de si um quadro verdadeiro da sentença divina, confrontado com tanta indignidade.

10:3: “Manjar desejável não comi, nem carne nem vi¬nho entraram na minha boca, nem me ungi com unguento, até que se cumpriram as três semanas”.

O israelita jejua quando está de luto (1 Sm 31.13; 2 Sm 1.12; 3.35), ou quando está em graves dificuldades e espera de Deus o auxílio de que necessita (2 Sm 12.16; 1 Rs 21.27; Sl 35.13). Também se jejua em preparação para receber a revelação de Deus, como bem pode ser depreendido do texto de Êx 34.28 e do pre¬sente texto, ou antes de um empreendimento difícil (Ed 8.21-23; Et 4.16). O jejum é, pois, a expressão de profundo arrependimento e de uma esperança futura de algo que sa¬tisfaz (1 Rs 21.27; Jn 3.5).
10:4: “E no dia vinte e quatro do primeiro mês eu esta¬va à borda do grande rio Hidequel”.

"... rio Hidequel”. O rio que traz este nome é o mesmo que o “Idiklart” em assírio, e, grego, “Tigre”. Era um dos rios que assinalavam a localização do jardim do Éden (Gn 4.2,14). Nasce nas montanhas da Armênia e corre na dire¬ção sueste, atravessando 1.834 quilômetros, via Diabehr, através da planície da Mesopotâmia, até reunir-se ao rio Eufrates, a 64 quilômetros ao norte do Golfo Pérsico, onde finalmente deságua. É um rio bastante largo e que serpen¬teia em muitos meandros através da Babilônia, e é alimen¬tado por tributários que descem das colinas persas. Quan¬do as neves se derretem, o rio enche em março-maio e outubro-novembro. Nínive, Galá e Assur, ambas menciona¬das em Gn 10, fixaram-se em suas margens. Daniel confessa que, em sua grande visão, se encontrava ali, na borda desse rio.

10:5: "E levantei os meus olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz;"

Um certo homem vestido de linho - agora não é Gabriel, mas um "homem" que se parece muito à descrição de Jesus Cristo que o apóstolo João descreve em Apocalipse 1:13: "E no meio dos sete candelabros um como o Filho do homem ", vestido com uma veste até o pé ..."
De quem os lombos foram cindidos com ouro fino de Uphaz - Apocalipse 1:13 tem Jesus ... "sobre os paps com um cinto dourado".
10:6: E o seu corpo era como berilo, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão.
Seu rosto como aparência de relâmpagos e seus olhos como lâmpadas de fogo - "Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como lã, brancos como a neve; E seus olhos eram como uma chama de fogo "(Apocalipse 1:14).
Seus braços e seus pés como em cor para latão polido - "E seus pés gostam de bronze fino, como se queimassem em uma fornalha ..." (Apocalipse 1:15)
A voz de suas palavras como a voz de uma multidão - "... e sua voz como o som de muitas águas" (Apocalipse 1:15).
Matthew Henry escreve:
Lá ele olhou para cima e viu um homem, Cristo Jesus. Deve ser ele, pois ele aparece na mesma semelhança em que apareceu a São João na ilha de Patmos, Apocalipse 1: 13-15. Seu vestido era sacerdotal, pois ele é o sumo sacerdote da nossa profissão, vestido de linho, como o próprio sumo sacerdote no dia da expiação, aquele dia excelente; Seus lombos estavam cingidos (na visão de São João, seus papais estavam cingidos) com um cinto dourado de ouro fino, o de Uphaz, pois tudo sobre Cristo é o melhor em seu tipo. A cintura dos lombos denota sua aplicação pronta e diligente à sua obra, como serva de seu Pai, nos negócios de nossa redenção. Sua forma era amável, seu corpo como o berilo, uma pedra preciosa de uma cor de céu. Seu semblante era horrível, e o suficiente para atacar os espectadores, pois seu rosto era como a aparência do raio, Que deslumbra os olhos, ambos iluminam e ameaçam. Os olhos brilhavam e brilhavam, como lâmpadas de fogo. Seus braços e pés

brilhavam como bronze polido, v.6. Sua voz era alta, forte e muito penetrante, como a voz de uma multidão.
O significado da semelhança com a visão em Daniel 11 para a visão de João vista em Apocalipse 1 não deve ser desperdiçada. Esta última visão de Daniel é uma descrição detalhada dos eventos que levaram ao tempo de Cristo. O livro do Apocalipse deve então ser entendido como a "pedra angular" dessa visão - que ocorre no momento em que a profecia de Daniel é desmarcada e esta visão é cumprida.

10:7: “E só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram: não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se”.

O texto em foco revela que apenas Daniel viu a visão, mas aqueles homens que estavam com Daniel ficaram temerosos.

10:8: “Fiquei pois eu, só, e vi esta grande visão, e não fi¬cou força em mim: e transmudou-se em mim a minha for¬mosura em desmaio, e não retive força alguma”.

“E vi esta grande visão”. Voltemos nosso pensamento e atenção para a visão de Daniel, e notemos que os homens que estavam com ele nada viram nem ouviram, senão a ele. A visão era só para ele. Paralelamente, temos algo si-milar na visão de Paulo, no caminho de Damasco, que era também só para ele; entretanto, os demais foram possuí¬dos de grande temor, e caíram por terra. (Ver Act 9.4, 7; 22.7-9; 26.14). João Evangelista viu Jesus glorificado e, si-multaneamente, caiu como morto aos seus pés (Ap 1.17 e ss.). Em toda a extensão da Bíblia, vemos pessoas que fo¬ram possuídas de temor diante de grandes visões. Exem¬plificando, temos: 1) Abraão (Gn 15.1-12). 2) Moisés (Êx 3.1-6). 3) Isaías (Is 6.1-5). 4) Zacarias (Lc 1.11, 12). 5) Os pastores belemitas (Lc 2.8, 9), etc.

10:9: “Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvin¬do a voz das suas palavras, eu caí com o meu rosto em ter¬ra, profundamente adormecido”.

Como já ficou demonstrado em notas anteriores, a vi¬são deste capítulo dez, tem similar em Ap 1, onde João nos revela ter ouvido a “voz de Cristo” como a “voz de muitas águas”. Em linhas gerais, o livro de Apocalipse é uma ex¬tensão do livro de Daniel, e, por essa razão, são livros em que as “grandes vozes” sempre trazem mensagens (Ver Dn 3.4; 4.14, 31; 7.11; 8.16; 10.9: mistificadas; Ap 1.10, 12, 15; 3.20; 4.1; 5.2,11,12; 6.6, 7,10; 7.2,10; 8.13; 9.13; 10.3,4, 7,8; 14.2,7,9,13,15; 16.1,17; 18.2,4,22, 23; 19.1,5, 6,17; 21.3). A Voz de Cristo é cheia de poder e majestade, tanto em som como em excelência, por conseguinte, é a “Voz do Onipo¬tente”. (Ver Ez 1.24). No presente texto, há um detalhe importante quanto a essa voz; ela faz “cair” e ao mesmo tempo faz “levantar”, é um tipo que representa "morte e ressurreição".

10:10: “E eis que uma mão me tocou, e fez que me mo¬vesse sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos”.

Daniel, o profeta da corte babilônica, teve a mesma ex¬periência que João, o apóstolo do amor, teria muitos anos depois, na “ilha de Patmos”, quando teve uma visão de Cristo (Ap 1.17). Há diversos exemplos nas Es¬crituras, como já focalizamos, de homens que ficaram sem forças ao lhe aparecerem anjos, porém, este caso é muito evidente. Daniel tinha aplicado o seu coração a entender, conforme está explícito no versículo 12 do presente capítu¬lo, um problema concernente ao seu povo. (Confronte o versículo 1 com o versículo 14). Ficou sem forças, não só porque teve aquela grande visão, mas sobretudo, por causa do aparecimento da grandeza do panorama celestial, dos grandes acontecimentos do porvir. Eles tinham relações marcantes com a nação judaica, e Daniel era um dos inte¬grantes dela.

10:11: “E me disse: Daniel, homem mui desejado, está a tento às palavras que te vou dizer, e levanta-te sobre os teus pés; porque eis que

te sou enviado. E, falando ele co¬migo esta palavra, eu estava tremendo".

"Homem mui desejado". Alguns teólogos acham que o personagem desta visão não é Cristo, baseados no versículo 13 do capítulo em foco. Mas, para nós (nosso ponto de vis¬ta), é que de fato a pessoa de Cristo é quem está em foco aqui. "A vestimenta de linho fino, a veste celeste, os lom¬bos cingidos de ouro puro, o seu corpo luzente como berilo, o rosto como um relâmpago, os olhos como tochas de fogo, os braços e os pés luzentes e como se fossem de bronze poli¬do, e a voz como a voz de muitas águas, são características inerentes ao Filho de Deus". (Comparar Ap caps. 1 e 10). Diante de tal majestade, Daniel se sente aterrado, mas logo a seguir, entende o sentido daquela presença augusta. O seu fim não era para matar, e, sim, para dar entendi¬mento. Aquela voz animou o profeta e pediu que estivesse atento ao que ia ouvir, pois, não devia haver temor, em vir¬tude de ele (Daniel) ser um "homem mui amado" na corte celestial.

10:12: "Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvi¬das as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas pala¬vras".

"Não temas". O presente versículo tem seu fundo lite¬rário em várias conexões das Escrituras Sagradas, mas seu paralelo profético está em Ap 1.17, onde o Senhor Jesus consola a João com palavras similares, dizendo: "Não te¬mas". O texto de Apocalipse nos mostra João caindo aos pés do Filho de Deus, como Paulo no caminho de Damasco (At 9.4), porém as vozes ouvidas nos dois episódios são completamente diferentes: a primeira diz "Por que me persegues?", a segunda diz "Não temas".

10:13: "Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.".

O príncipe do reino da Pérsia - Refere-se ao rei da Pérsia ou a um ser angélico, o guardião da Pérsia. O homem glorioso de Daniel 10: 12-13 era um anjo, ou mais provável, uma aparência pré-encarnada de Jesus (compare Dan 10:5-12 com Apocalipse 1:12-18). Os reis e os príncipes ali retratados não eram apenas os governantes humanos da Pérsia, mas os governantes espirituais por trás dos governantes humanos. O mesmo vale para o príncipe que o ajudou (Miguel, o príncipe angélico dos judeus, Dn 12:1, ver Apocalipse 12:7).

Devemos observar quatro pontos focais no presente versículo:
1) Esse "príncipe" opositor do "mensageiro celestial" não era simplesmente o rei da Pérsia ou qualquer outro oficial na terra, porque o anjo não pôde vencê-lo sem o auxílio do Arcanjo Miguel, o anjo guerreiro da vasta ex¬pansão celestial (Jd 9; Ap 12.9).
2) Como Deus tem an¬jos a seu dispor, também, Satanás os tem. (Ver Mt 25.41 e Ap 12.7).
3) Os Cristãos que viveram nos últimos dias da Era Judaica, tiveram de lu¬tar, não contra a "carne e o sangue", isto é, forças visíveis, mas contra hostes de anjos iníquos e espíritos maus que in¬festam a atmosfera terrestre e celeste (Ef 6.12). Esses ele¬vados poderes das trevas são chefiados por Satanás.

4) Não se podem vencer esses seres invisíveis com armas humanas (2 Co 10.4). Essas forças são forças espirituais, são forças do mal, que só podem ser enfrentadas por uma força supe¬rior - O Espírito de Deus - fora disso, tudo fracassa.

10:14: "Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias".

"... nos derradeiros dias'. Essa expressão "derradeiros dias", ou o seu equivalente no livro de Daniel, é escatológica e aponta para o "tempo do fim", onde todas as profecias que dizem respeito a Israel se consolidarão sucessivamen¬te. Neste livro ocorre por 15 vezes essa expressão com esse mesmo sentido. Isto fala dos "últimos dias" em um sentido escatológico, o tempo do fim da Era Judaica, que veio na destruição da

cidade e do templo no ano 70 dC. No Novo Testamento, a expressão “os úl¬timos dias” é aplicada para a época do Espírito Santo em sua plenitude. (Ver Jl 2.28 e ss.; At 2.17 e ss.). Para a época do Evangelho de Cristo, em sua forma plena, falada pelo próprio Cristo. (Ver Hb 1.1). Para os “últimos dias maus”, em que os falsos ensinadores infestarão o seio da cristandade de forma alarmante. (Ver 2 Tm 4.1). Para o surgimento de escarnecedores. (Ver 2 Pe 3.3, 4). No livro de Daniel, essa época se prende mais ao período sombrio chamado de Grande Tribulação, que teve como seu centro Jerusalém e a Terra Santa e, de um modo particular, envolverá todo oikoumene (Ap 3.10), durante a guerra Judaico Romana (67-70 dC).

10:15: “E, falando ele comigo estas palavras, abaixei o meu rosto, e emudeci”.

O presente versículo nos faz lembrar do encontro de Deus com Moisés; embora Deus ali, se tenha revelado em graça, continua a ser santo, e Moisés precisa aproximar-se descalço, e com todo o respeito. A presença de Deus, ainda que benéfica, é temida. Moisés sentiu bem de perto, no meio da sarça ardente, o temor de Deus como está declara¬do em Êx 3.6: “E Moisés encobriu o seu rosto, porque te¬meu olhar para Deus”. Daniel, diante daquele personagem celestial, sentiu também um grande temor, que o fez até emudecer, mas ele era a pessoa escolhida por Deus para aquela tão grande missão de desvendar o futuro do seu povo.
10:16: “E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios: então abri a minha boca, e fa¬lei, e disse àquele que estava diante de mim: Senhor meu, por causa da visão, sobrevieram-me dores, e não me ficou força alguma”.

"... me tocou os lábios’. O presente texto tem seu para¬lelo no capítulo 6 versículo 7 do profeta Isaías. O efeito da¬quela visão no profeta é imediato e avassalador. Unido com a nação no seu afastamento de Deus, e preso nos seus próprios desejos e hábitos pecaminosos, Isaías pronuncia um “Ai!” contra sua própria pessoa. A visão de Deus na sua santidade produz a consciência da nossa indignidade e impureza perante os seus olhos. Foi, sem dúvida, por saber Isaías que sua vida estava

consagrada à proclamação da mensagem do Senhor Deus, é que ele sentiu aqui a pecaminosidade e a indignidade de seus lábios para serviço tão excelso. Mas a imediata intervenção divina, purificadora, entra em ação, e queima seus lábios, dizendo: “Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purifi¬cado o teu pecado”. Daniel teve de passar, também, por uma ação restauradora, pois aquela visão o tinha deixado “e¬mudecido”.

10:17: “Como pois pode o servo deste meu Senhor falar com aquele meu Senhor? porque, quanto a mim, desde agora não resta força em mim, e não ficou em mim fôlego”.

"... meu Senhor falar com aquele meu Senhor’. Daniel, em grande humildade, sente-se insuficiente para discorrer ao lado do personagem celestial; apenas como um recipiendário das visões divinas, o servo de Deus pergunta a Ele: “Como posso falar com aquele que é superior?” - O Pai? - Se o personagem do texto em foco era apenas um “anjo”. (Ver versículos 13 e 17), o “Senhor” seria o Cristo; mas se o personagem em foco é o próprio Cristo, o que com¬bina mais com o argumento principal, aquele “Senhor” se¬ria a pessoa do Pai. Seja como for, a pessoa do Pai está em foco nesta passagem. Entre os judeus, eles julgavam-se in¬capazes, como homens mortais, de ver a “glória de Deus” e sobreviver. Quando Moisés pediu para ver a glória de Deus, pediu mais do que podia receber. A glória de Deus, a plena revelação de tudo quanto Ele é, nenhum pecador pode contemplar sem a obra redentora que tira seu pecado. Mas Deus, misericordiosamente, mostrou-lhe a sua bonda¬de e a sua misericórdia (Ex 33.19) e Moisés teve de se con¬tentar com isso.

10:18: “E uma como semelhança dum homem me tocou outra vez, e me confortou”.

"... semelhança dum homem...” A presente expressão ocorre em toda a extensão da Bíblia: Adão, gerou um filho à sua “semelhança” (Gn 5.3); mas como sentido de revela¬ção divina, essa expressão é frequentemente usada nos li¬vros de Ezequiel e de Apocalipse. No

primeiro capítulo de Ezequiel, ele teve várias visões em semelhança de algo que antecipava a visão verdadeira ou real. Primeiro foi a aproximação de uma nuvem tempestuosa, o meio pelo qual Deus se revelou a Ezequiel (v. 4). O negrume da nu¬vem, o seu resplendor avermelhado e desnatural, e os co¬riscos que relampejavam, provaram a moldura para a ma¬nifestação da maior glória de Deus. A seguir vem uma "se¬melhança de firmamento", ou melhor, "plataforma". Era uma espécie de cristal terrível, formando uma expansão; porém, sua significação fundamental é "algo feito de for¬ma firme e chata, por pressão". A seguir, o profeta contem¬pla a semelhança dum homem e a "semelhança da glória do Senhor", etc. Todas essas manifestações apontavam para a pessoa de Cristo antes e depois de sua manifestação "em carne". (Ver Fl 2.7, 8; 1 Tm 3.16; Ap 14.14).

10:19: "E disse: Não temas, homem mui desejado, paz seja contigo; anima-te, sim, anima-te. E, falando ele comi¬go, esforcei-me, e disse: Fala, meu Senhor, porque me con¬fortaste".

O texto em foco nos faz lembrar do toque fortalecedor do versículo 10 deste capítulo, mas Daniel ainda se encon¬trava novamente prostrado e, ainda, por cima, mudo. (Ver Sl 39.9). Ele se encontrava literalmente privado da capaci-dade de falar, até que recebeu um segundo toque sobrena¬tural, desta vez nos lábios, sendo-lhe, então, dado de novo receber o poder de falar. O profeta foi fortalecido, porém, só no terceiro toque do mensageiro celeste, e com as pala-vras a ele dirigidas, quando disse: "Não temas... e falando ele comigo, esforcei-me". A grande fraqueza de Daniel foi além da poderosa visão, e ele ficou num grande estado de tristeza (v. 2). Mas, ao ser tocado pela mão divina, essa tristeza foi substituída pela alegria do Senhor, que é a nos¬sa "força". (Ver Ne 8.10).

10:20: "Ainda disse ele: Sabes por que eu vim a ti? Agora tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia".

“E, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia”. Havia entre os antigos povos a opinião de que cada nação tinha o seu anjo guardião. Muitos intérpretes, ajuntam, como fi¬gura disso, além de outros textos, Ap 16.5, onde João faz referência ao “anjo das águas”. O “anjo das águas” não deve ser entendido em sentido lite¬ral, mas simbolicamente. Desse modo, tomando Daniel 10.20, com sentido literal e Ap 16.5 ; 17.15, com sentido figurado, podemos deduzir que o anjo das águas e o anjo das nações referem-se a um “anjo- capitão”, que seria responsável pela segurança das nações, tendo também a incumbência de executar juízos sobre eles (Ver Êx 14.19; 20.23; Dn 10.13, 20, 21).

Tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas - Deus mesmo luta para o povo de Israel para forçar o rei persa a libertar os judeus, para que o Templo de Jerusalém seja reconstruído e, finalmente, o Messias virá.

Virá o príncipe da Grécia. Isto fala do tempo do Império Medo-Persa que durará até o tempo do príncipe da Grécia, isto é, a conquista do mundo de Alexandre, que antecipa mais problemas para os judeus sob os sucessores de Alexandre.

10:21: “Contudo eu te declararei o que está gravado na escritura da verdade; e ninguém há que se esforce comigo contra aqueles, senão Miguel, vosso príncipe.”.

“A não ser MIGUEL, vosso príncipe”. Miguel é citado nas Escrituras como um anjo guerreiro; seu nome significa: “Quem é semelhante a Deus?”. Ele é sempre citado em conexão com a guerra, seja onde for, apenas com uma exceção: 1 Ts 4.16. Nos demais textos, a guerra lhe é peculiar. (Ver Dn 10.13, 21; 12.1; Ap 12.7). Em Dn 10.13, 21, ele é apontado como o anjo guardião da nação de Israel (Dn 12.1). Seu “nome” - O arcanjo (Jd v. 9), deriva-se do vocá-bulo “ARC”, que quer dizer “chefe” e “anjo” - mensagei¬ro. Miguel é o chefe, o comandante, o capitão dos exércitos celestes, em oposição às hostes espirituais das trevas. A expressão o “Arcanjo” só é encontrado em Judas v. 9 e em 1 Ts 4.16. Designa algum altíssimo poder angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena; “arcanjo” ou “arca”, como já ficou

demonstrado, sugere um “anjo-comandante”, principal e poderoso. Assim, Miguel é o anjo-chefe, o capitão supremo dos exércitos celestes. Ele é chamado, neste capítulo em foco, de “um dos primei¬ros príncipes” e “vosso príncipe” (vv. 13 e 21). Alguns teó¬logos chamam-no de “o mensageiro da lei e do julgamento” de Deus. Miguel sempre se destaca em uma área isola¬da!

Miguel, vosso príncipe - Miguel é o anjo que é o guardião geral do povo de Deus. Às vezes, nas escrituras, ele é retratado como o arcanjo, ou como "o anjo do Senhor", uma aparência no tipo do Messias.

Mais uma vez, os príncipes aqui referidos são governantes espirituais. Miguel é o príncipe angélico dos judeus (Daniel 12:1), os príncipes da Pérsia e da Grécia eram os governantes espirituais por trás desses governantes físicos desses impérios.

Precisou Jesus Cristo [pré encarnado] de ajuda para lutar contra um demônio [príncipe da pérsia]?

Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia. – Daniel 10.13

O entendimento errôneo desta passagem leva os sectários a conclusões desastrosas. Por exemplo, os sabatistas (adventistas), pela má compreensão do texto, afirmam que Jesus Cristo [que seria Aquele que está falando no verso] e o Arcanjo Miguel são a mesma pessoa, enquanto as TJ’s (seita derivada dos sabatistas), por sua má interpretação, afirmam que Jesus, já que precisou de auxílio, não é a Segunda Pessoa de DEUS, não é igual a DEUS.

Como poderia então Daniel descrever alguém semelhante a Jesus (compare Daniel 10:5-6 com Apocalipse 1:13-17), se ele precisava de ajuda? .

O quer dizer também da diferença entre “lombos cingidos com ouro” (Daniel 10:5) e “cingido pelos peitos com cinto de ouro” (Ap. 1.13)? Seria uma indicação que não se trata da mesma pessoa?

a) Em primeiro lugar devemos notar que sim, a descrição de Apocalipse 1:13-17 e de Daniel 10.5-6 tratam da mesma pessoa. Enquanto Daniel vê ao Senhor Jesus Cristo pré-encarnado em Sua Glória (Teofania), o apóstolo João vê ao Jesus Cristo Glorificado, após Sua ascensão.

Então, qual a diferença na posição do cinto de ouro?

O termo nos “lombos” aponta para o Cristo pronto a realizar a obra que Seu Pai tinha lhe designado (João 5:36, 6:39, 12:49, 18:11). Nos peitos serviço o Cristo que já realizou a obra com eficácia (João 17:14, 19:30, Hb 5:9).

b) Em segundo lugar, devemos perceber que embora seja Jesus Cristo em Teofania que aparece a Daniel, é o anjo Gabriel quem vai falar com ele. Ou seja, Daniel vê ao Cristo pré-encarnado, mas a mensagem é entregue por Gabriel.

Em Daniel 10:10 ele afirma “certa mão me tocou” e não “Ele me tocou”. Também ao compararmos Daniel 10:10-12 com Daniel 9:21-23, podemos perceber que há uma idêntica maneira de falar ao idoso profeta por parte do mensageiro Gabriel. Dessa forma, é o anjo Gabriel quem vai continuar falando com Daniel nos versos seguintes (Daniel 10.13-21).

Aqui há diferença também entre os termos em Daniel 10:27 “senhor”, com “s” minúsculo: do hebraico adone (Gênesis 18.12, 19.2; I Samuel 25.26 – senhor, pronome). Daniel usa o termo “semelhante aos filhos dos homens” (no plural, não no singular).

Quando o termo “SENHOR” com letra “S” maiúscula, temos a tradução de Yehovah (Ver por exemplo Gênesis 2:4, na ACF as letras todas

aparecem em maiúsculo – SENHOR atributo de DEUS, Eterno e Auto-Existente).

Portanto, não foi Jesus Cristo em Teofania que precisou de auxílio de Miguel (arcanjo), mas o próprio Gabriel para que pudesse levar a mensagem a Daniel (comparar Daniel 10:2 e 10:13 – três semanas ou vinte e um dias).

Daniel 11 - Um novo olhar Preterista

Este livro fornece um novo olhar da profecia escrita no capítulo 11 do livro de Daniel. Poucos escritores ou organizações já tentaram tal façanha. Não falo como alguém que tem autoridade, mas como alguém que busca conhecimento, e no processo de minha pesquisa, percebi que ninguém pode entender as Escrituras proféticas isoladamente. É preciso referir-se a outras referências bíblicas e históricas para chegar a uma conclusão coerente.

A visão de Daniel 11 é uma explicação (de Daniel 8) e ela ocorre no 3º ano do rei da Pérsia, Ciro. (Dn 10:1) E sua tarefa é acompanhar, e interpretar (unicamente) a Daniel 8; ou seja, explica o carneiro, o bode, e a ponta mui pequena e as ações envolvendo essas potências.

Assim sendo: Daniel 8 seria o roteiro; e Daniel 11 a narrativa desse roteiro. Interpretando Daniel 8, não através de animais e/ou bestas, mas através dos reis persas, dos reis gregos, e rei do sul e rei do norte (desse último é que se deriva a ponta mui pequena).

Por isso Daniel 11 (tal como Daniel 8) se inicia pelo império Medo-Persa, passando depois à Grécia.

Por favor, notemos:

Acaso, Daniel 8 não visualiza um carneiro de 2 chifres diante do rio Ulai (representando a Media e Pérsia)? E não vê depois, um bode peludo (Grécia) c/ um chifre notável entre os olhos (Alexandre, o Grande) vindo de contra o carneiro (os Persas) vencendo-o em batalha?

Pois, da mesma forma se ocorre à narrativa em Daniel 11: a qual se inicia (no momento presente do rei da Pérsia (Ciro), contando (a deste) quantos reis a Pérsia ainda teria (após Ciro) até se dar aquela batalha

(vista em Daniel 8); e qual dos reis persas se remeteria contra o reino da Grécia: o 4º rei, após Ciro, conforme a visão.

Ou seja, Daniel 11 esmiúça a mesma batalha (vista em Daniel 8) entre o carneiro e o bode, acrescentando detalhes. Pois diz quantos reis a Pérsia teria até se ocorrer tal batalha, e qual dos reis persas (a contar de Ciro) se voltaria contra o reino da Grécia (na batalha) na qual o rei grego venceria. (Dn. 11:2)

E, Daniel 11 após anunciar o mesmo conflito (visto em Daniel 8 entre bode e carneiro) anuncia também a vitória Grega, dizendo:

"Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver." (Dn. 11:3)

E, mais:

"Mas, estando ele em pé, o seu reino será quebrado e será repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o seu domínio com que reinou, porque o seu reino será arrancado, e passará a outros que não eles. " (Dn. 11:4)

Ou seja: é a representação do mesmo mostrado em Daniel 8; sendo apenas outra narrativa dos mesmos fatos; mostrados agora, não através de animais e/ou chifres; mas pelos reis: reis persas, reis gregos; rei do sul, rei do norte.

E, Daniel 11 sendo totalmente fiel à narrativa de Daniel 8 - se detém no império grego e sua divisão em 4 partes aos 4 ventos - e realiza um verdadeiro salto (no tempo e na história) para acompanhar - de onde, de quem se levanta o chifre pequeno (não agora apenas geograficamente, como em Daniel 8) mas também no tempo cronológico, através do conflito prolongado que se dá entre o rei do sul contra as fortalezas do rei do norte.

Na verdade, Daniel 11 é uma interpretação de Daniel 8 - noutro aspecto, por exemplo, em Daniel 8 é visto o carneiro de 2 chifres (Medos-Persas) e o bode c/ 1 chifre notável (Grécia); e também apresenta o conflito entre ambos (bode e carneiro) sendo que o bode quebra ao carneiro seus 2 chifres, e o lança por terra e o pisa a pés.

Da mesma forma, Daniel 11 vai mostrar ambos os impérios (Medos-Persas e Grécia) e interpretando tão somente aquela narrativa, e tal evento: a guerra.

Mas agora, diretamente através de reis Persas e Gregos - contando-se até os reis persas (a partir de Ciro) que se haveriam até ocorrer-se aquele conflito: entre o bode e o carneiro, entre o rei da Grécia e o da Pérsia.

A visão de Daniel 11, da mesma forma que Daniel 8 (após apresentar outros detalhes dos impérios Medo-Persa e Grécia) descreve brevemente a Independência Judaica (rei do sul) e a Aliança com os Romanos (rei do norte), e então passa a descrever sobre a futura guerra entre rei do sul (Israel) e rei do norte (Roma) em 67-70dC, descrevendo em detalhes a guerra judaico Romana, que é a segunda metade da 70ª semana profética (Daniel 9) em seus respectivos 3,5 anos.

Então a guerra (o conflito prolongado enunciado em Daniel 10:1) se dá entre o Rei do Sul (Israel) e o Rei do Norte (Roma). E a visão (do capítulo de Daniel 11 - versos seis em diante) se intercala falando-se da disputa de ambos os reinos.

E no verso 21 quando alude a certo homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real, mas que virá e tomará o reino com engano (tal homem vil que se levanta nos domínios do Rei do Norte), esse tal é justamente o "chifre pequeno" da visão de Daniel 7 e 8. (Dn. 11:21)

E tais detalhes proféticos em Daniel 11 (semelhante a visão de Daniel 8), após falar da divisão grega em 4 partes p/ os 4 ventos do céu (4 pontos cardeais). Daniel 11:4, Salta na história e passa a detalhar sobre o fortalecimento do Rei do Sul (e de seu príncipe: este fortalecendo-se

mais do que o próprio rei do sul, e reinando poderosamente); e posteriormente a guerra entre o rei do Sul e o Rei do Norte no tempo do fim (e isso, nada têm a ver com o império Grego, nem dinastia selêucida ou ptolomaica).

O homem vil (de Daniel 11:21-22) que toma o reino (do norte) c/ engano, diante do qual (todos são quebrantados, como também o príncipe do concerto); esse é o chifre pequeno (de Daniel 8) como também o chifre pequeno (de Daniel 7), isto é, Tito César. E Daniel 11 é só para interpretar-nos a visão de Daniel 8.

Ele é o príncipe que há de vir em Daniel 9. (Dn. 9:26)

Então, em Daniel 11, a partir do verso 21 até o final do capítulo - só descreve com mais detalhes os feitos desse, mostrando o que ele há de fazer:

Então temos:
Se levantará nos domínios do Rei do Norte (Roma). Dn. 11:21-22
Terá seu coração contra o santo concerto (santa aliança). Dn. 11:28 e 30
E tirarão o contínuo sacrifício estabelecendo a abominação desoladora. Dn. 11:31

Mas, o povo que conhece o seu Deus se tornará forte e fará proezas. (Dn. 11:32)
"E os entendidos entre o povo ensinarão a muitos; todavia cairão pela espada, e pelo fogo, e pelo cativeiro, e pelo roubo, por muitos dias." (Dn. 11:33)
"E alguns dos entendidos cairão, para serem provados, purificados, e embranquecidos, até ao fim do tempo, porque será ainda para o tempo determinado." (Dan. 11:35)

Rei do Norte (Tito César):
"E este rei fará conforme a sua vontade, e levantar-se-á, e engrandecer-se-á sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas

espantosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito." (Dnn. 11:36)

Não terá respeito a nada:
"E não terá respeito ao Deus de seus pais (Isto é, o Deus de Daniel), nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a deus algum, porque sobre tudo se engrandecerá." (Dn. 11:37)

O pequeno chifre e a Besta do Apocalipse fala grandes blasfêmias contra Deus (Daniel 7: 8, 11, 20, 25 e Apocalipse 13:5-6). Evidências do cumprimento deste fato podem ser encontradas em escritos rabínicos que atribuem incríveis blasfêmias a Tito quando ele destruiu o Templo (por exemplo, alegando que ele havia matado sozinho o Deus de Israel.) Veja Talmud Babilônico, Gittin 56b.

. . .e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Daniel 7:8

. . . daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros. Daniel 7:20

E proferirá palavras contra o Altíssimo... Daniel 7:25

Auxílio de deus estranho:
"Com o auxílio de um deus estranho agirá contra as poderosas fortalezas; aos que o reconhecerem multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço." (Dn. 11:39)

Daniel e Apocalipse nos mostra que governantes das trevas é que estão por trás dos impérios terrenos, o entendimento de que, em última instância, são retratados governos espirituais por trás dos governos humanos é crucial para a compreensão dos reis e dos príncipes que são falados em Daniel e Apocalipse.

Guerra contra o rei do sul (Israel):

"E, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele, e o rei do norte se levantará contra ele com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas suas terras e as inundará, e passará." (Dn. 11:40)
"E entrará na terra gloriosa, e muitos países cairão..." (Dn. 11:41) -
A terra gloriosa é Jerusalém.
"Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos." (Dn. 11:44)
"E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra." (Dn. 11:45)

Os paralelos não deixam dúvidas, podemos concluir que "homem vil" é o décimo primeiro chifre, o chifre pequeno de Daniel 7, 8, e a oitava cabeça da Besta do Apocalipse, ele é Tito César.

Feita essa introdução, vamos ao Texto:

Daniel 11

Daniel 11:1 Eu, pois, no primeiro ano de Dario, o medo, levantei-me para animá-lo e fortalecê-lo.

A visão (de Daniel 11) se inicia no capítulo 10; e ocorre no 3º ano de Ciro, rei da Pérsia: "No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel..." (Dn. 10:1)

“No primeiro ano de Dario, o medo”. No capítulo nove deste livro de Daniel, o profeta faz uma ligeira alusão ao “primeiro ano” de governo deste monarca, filho de Assuero, do país dos medos. Seu nome é sempre citado em cone¬xão com este primeiro ano de reinado. (Dn 5.31; 6.1, 6, 9, 25; 9.1; 11.1). A Bíblia não cita uma data posterior de seu governo; evidentemente, ele foi substituído por Ciro, o persa, um ano depois (Dn 7.5).

No presente texto, encontramos ainda “o homem vesti¬do de linho”, fazendo uma ligeira alusão pessoal a respeito do Império e de Dario, o

seu governante, mas, logo a se¬guir, ele descreve a grande revelação nas margens do rio Tigre. O personagem deu a Daniel os dados históricos a respeito desta profecia e sobretudo dos conflitos entre os dois reinos mencionados neste capítulo: 1) O reino do Sul (Israel). 2) O reino do Norte (Roma). Só ele sabia e sabe o que haveria de acontecer séculos depois.

O Fim da Pérsia e a chegada da Grécia
Do peito e braços de prata ao ventre e as suas coxas de cobre
Da segunda a terceira Besta
Daniel 11:2 E agora te declararei a verdade: Eis que ainda três reis estarão na Pérsia, e o quarto acumulará grandes riquezas, mais do que todos; e, tornando-se forte, por suas riquezas, suscitará a todos contra o reino da Grécia.

Esta primeira seção tem três sub-seções, que contam, antes de tudo sobre o futuro da Pérsia, e, em seguida, sobre a vinda de um rei grego poderoso cuja reino será subitamente cortado.

Em 538 aC, Ciro do Medo assumiu a Babilônia, incluindo todos os impérios e províncias que haviam sido conquistados pelos babilônios. Daniel 7:5 fala do "urso - com três costelas em sua boca."

Daniel 11:2 explica que “lá levantarão três reis da Pérsia; e o quarto seria muito mais rico do que todos ”. Esse mesmo versículo continua a indicar que esse quarto rei gerará agressão contra os gregos. Vejamos como a profecia se desenrola a respeito desses quatro reis dos medos e da Pérsia.

“Eis que ainda três reis estarão na Pérsia”. O “homem vestido de linho” revela a Daniel que o reino da Pérsia está chegando ao seu fim: somente três monarcas restariam para que aquela dinastia expirasse. Lendo o capítulo qua-tro do livro de Esdras, encontramos os nomes dos três mo¬narcas que reinaram depois de Ciro: 1) Cambises (Assuero). 2) Esmerdis (Artaxerxes). 3) Dario (Persa). A ordem cronológica estabelecida ali não é tão fácil de ser determi-nada, a não ser aquilo que podemos depreender dos textos sagrados.

Cambises (Assuero). Este monarca não deve ser con¬fundido com o Assuero marido de Ester; o do presente tex¬to é posterior àquele. "Cambises vem citado no livro de Es¬dras 4.6, com o nome de Assuero. Este rei era neto da prin¬cesa Mondane, a mãe de Ciro e, consequentemente, filha da Rainha Ester" (doutor Goodman). Evidentemente, ele é o Assuero persa, e o outro, Assuero, da nação dos medos (Et 1.1; Dn 9.1). Esse rei governou poucos anos. Seu feito principal foi atacar e tomar o Egito, cujo rei era Psamético. Estendeu suas armas vitoriosas e atacou também a Etió¬pia. Só não atacou Cartago, porque os fenícios o dissuadi¬ram de atacar a sua colônia predileta. Voltando de suas conquistas, achou uma rebelião no Egito. Revoltado, ma¬tou Psamético, e outros nobres daquele império.

Esmerdis (Artaxerxes). Esse monarca persa, devido às suas grandes conquistas, teve seu nome mudado para "Ar¬taxerxes Longímano", que reinou provavelmente de 465 a 425 a.C. (Ed 4.7, 8,11, 23; 6.14; 7.1, 11,12, 21; 8.1; Ne 2.1; 13.6). Segundo Heródoto, "Artaxerxes" quer dizer "grande guerreiro". Foi cognominado de "Longímano" por sua ex¬cessiva bondade. A Enciclopédia Internacional diz que Longímano "... foi célebre pela sua bondade e generosida¬de; permitiu aos judeus que tinham ficado em Babilônia, depois do edito de Giro, que voltassem a Jerusalém para restabelecer a sua religião". Pelo testemunho bíblico, foi ele o monarca que promulgou a "ordem" para que Neemias reconstruísse os muros da cidade de Jerusalém, em 445 a.C. (Ne 2.1; Dn 9.25). Em seu governo, Neemias su¬biu a Jerusalém, levando consigo uma leva de cativos vol¬tando à sua terra, com prazer e grande júbilo. (Comp. Sl 126). Foi a terceira leva de cativos que desejaram acompa¬nhá-lo.

Dario (Persa). Este monarca vem citado no livro de Esdras, (caps. 4.5,24; 5.6, 7; 6.1,12,14,15). Após oito (8) meses de governo do usurpador Gomates, Dario Histaspis subiu ao trono. Seu primeiro trabalho foi extinguir as revoluções em todo o seu Império. Sua energia, coragem, dedicação e gênio bélico, conseguiram isso. Este rei decretou o

“reini¬cio” da construção da casa de Deus em Jerusalém (Ed 4.24; 6.1-12).
“... o quarto será cumulado de grandes riquezas”.

Xerxes (Kchiarcha). Todos os estudiosos da Bíblia con¬cordam em que o “quarto” monarca aqui mencionado é Xerxes. Ele foi o sucessor de Dario, o persa. Seu nome apa¬rece na História como Kchiarcha. Os dados históricos e proféticos se combinam entre si sobre a vida deste sobera¬no. Ele foi realmente o que diz a profecia: “Foi cumulado de grandes riquezas, mais do que todos”. Ele, durante o seu reinado, atacou a Grécia e foi derrotado nesta invasão.

Profecia só se preocupa com certas coisas, não com todos os detalhes dos futuros reinados dos monarcas. As derrotas sofridas por Xerxes nas mãos dos gregos significava que, do ponto de vista da profecia, a Grécia estava em ascensão e a Pérsia tinha seu fim à vista. A bola foi passada para os gregos.

Ventre e as suas coxas de cobre
A terceira Besta

Daniel 11:3 Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver.

“...um rei valente”. O leitor deve observar que o Impé¬rio Greco-Macedônio entra em cena neste versículo. Não é mais representado como nas composições anteriores des¬critas por Daniel: 1) “Cobre” (Dn 2.32). 2) “Bronze” (Dn 2.39). 3) “Folhas” (Dn 4.21). 4) “Leopardo” (Dn 7.6). 5) “Bode peludo” (Dn 8.20, 21).

Agora, no presente versículo, este reino tem sua representação na pessoa de um “rei va¬lente” que reinaria com grande domínio. Este rei valente foi Alexandre Magno, ele realmente tomou o Império Medo- persa, e reinou com grande poder (Dn 8.3, 4). Alexandre foi, de fato, um guerreiro habilidoso, porém, tudo quanto fez e conquistou foi derramando sangue (dos outros) e pela espada. Alexandre conquistou o

mundo em vida, conquistou o império medo persa e construiu um enorme império em só 4 anos;

Conforme Calvino, afogou-se na própria bebedeira e vaidade. Uma das coisas positivas a seu respeito é que ele tinha uma grande simpatia pelo povo judeu. Depois da construção da cidade de Alexandria, muitos judeus se transferiram para lá e adotaram a cultura helênica. Foi em Alexandria, mais tarde, que foi feita a tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego. Essa versão, chamada Septuaginta, teve profunda importância na história. Alguns sugerem que ela deve ter sido a Bíblia usada pelos apóstolos.

A divisão do império grego

Daniel 11:4 Mas, estando ele em pé, o seu reino será quebrado, e será repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o seu domínio com que reinou, porque o seu reino será arrancado, e passará a outros que não eles.

“O seu reino será quebrado”. Isto aconteceu realmente como diz a profecia em foco. Alexandre reinou com grande poder; ele foi chamado de Magno. Mas morreu prematura¬mente aos trinta e três anos de idade. O chifre ilustre foi realmente “quebrado”, como vaticinara o profeta do Se¬nhor (Dn 8.8). Seu império foi dividido em quatro partes (quatro ventos), depois da batalha de Ipsus, em 301 a.C. A sua posteridade (família) não recebeu o reino, e sim seus quatro generais de exércitos: 1. Ptolomeu. 2. Seleuco. 3. Lisímaco. 4. Cassandro.

Os generais de Alexandre Magno reinaram também com grande autoridade, mas nenhum deles chegou à sua glória e magnitude; também não eram de sua família; cumprindo-se, assim, a profecia: "... seu reino será reparti¬do... mas não para a sua posteridade”.

Antes de prosseguirmos neste capítulo, façamos comparações com os seguintes versículos bíblicos: Daniel 7:6, Daniel 8:8 e Daniel 11:4

Daniel 7:6 diz: “Eis que eu, Daniel, vi um leopardo e, de costas, quatro asas de ave e quatro cabeças, onde o domínio era dado a ela. "

Já estabelecemos que esse leopardo simbolizava a Grécia. As quatro asas e as quatro cabeças são quatro reinos estabelecidos a partir do império do rei grego e fazem fronteira em quatro direções diferentes - de acordo com isso.

Daniel 8:8 diz: “O bode cresceu muito, e quando ele era forte, o grande chifre foi quebrado, e subiu quatro chifres notáveis em direção aos quatro ventos do céu. "

Eu já havia postulado que o bode também simbolizava a Grécia. Ao ler o verso 21 deste mesmo capítulo, entendo que o primeiro chifre do bode foi o primeiro rei da Grécia unida que espalhou seu império do norte para o leste, oeste e sul. Minha teoria com a história concluiu que Alexandre era esse rei e que depois que seu reino foi estabelecido, seu domínio foi quebrado, criando quatro subdomínios de quatro diferentes quadrantes da Terra. Isto é explicado em outro texto.

Daniel 11:4 diz: "E quando ele se levantar, seu reino será quebrado, e será dividido para os quatro ventos do céu, não para sua posteridade, nem de acordo com o seu domínio que ele governou, para o seu reino será arrancado com os outros.

Aqui a profecia declarou que o império do rei grego seria quebrado, resultando nas terras - divididas em quatro e governadas por homens não de sua linhagem ou semente. Em última análise, isso resultaria nos reinos sendo invadidos e conquistados por outras forças.

Do ventre e as suas coxas de cobre aos pés de ferro e barro
Da terceira para a quarta Besta
Conflitos entre o Rei do Norte e o Rei do Sul

Daniel 11:5 E será forte o rei do sul; mas um dos seus príncipes será mais forte do que ele, e reinará poderosamente; seu domínio será grande.

A maioria dos estudiosos conservadores sustentam que Os reis do sul representa os Ptolomeus, os líderes do Egito, contrastando com frequência nos versículos 5 em diante com o rei do norte, os Selêucidas líderes da Síria.

Do reino do norte, dos selêucidas surgirá Antíoco Epifânio, fica no poder até 164 aC. E trata o povo Judeu com perversidade, mata de uma só vez mais de 40 mil judeus e profana o templo e o lugar santíssimo oferendo uma porca.

O leitor atento observará que Daniel 11 é uma narração completa do conflito entre a parte de ferro e de barro do quarto metal de Daniel 2, sendo aqui representados como o rei (ou reino) do norte e do sul.

Ao examinar as palavras de Jesus em Mateus 24:15 com Lucas 21:20 podemos identificar a "coisa desoladora" como os exércitos romanos capazes de infligir essa destruição. Daniel 11 descreve os mesmos detalhes em conexão com os exércitos romanos, mas desta vez rotula os romanos como o "rei do norte" e a nação judaica o "rei do sul". Daniel registra como o "rei do norte" (os romanos) retornaria contra "rei do sul (os judeus,ou Jerusalém)", para sitiar e destruir. No versículo 17, Daniel também descreve Jerusalém como uma "mulher" que o "rei do norte" traz à ruína.

Os Asmoneus e a Independência de Israel

Daniel 11:5 E será forte o rei do sul; mas um dos seus príncipes será mais forte do que ele, e reinará poderosamente; seu domínio será grande.

O rei do sul, ou o reino do sul, representa de forma genérica o reino de Israel e suas dinastias; os Judeus foram governados por duas dinastias os asmoneus e os herodianos. A Judeia tinha sido originalmente parte do domínio do rei do sul da divisão do reino de Alexander, até que veio a se tornar um Estado judaico religioso independente situado na Terra de Israel.

Demorou mais de duas décadas de luta antes que os Macabeus forçassem os selêucidas (uma parte do reino grego) a se retirarem da Terra de Israel. Por essa época Antíoco morreu e seu sucessor concordou com a independência dos judeus. No ano 142 aC, após mais de 500 anos de subjugação, os judeus foram novamente mestres de seu próprio destino.

Quando Matatias morreu, a revolta foi conduzida por seu filho Judas, ou Judá Macabeus, como é chamado com frequência . No final da guerra, Simão foi o único dos cinco filhos de Matatias a sobreviver e ele iniciou um período de 80 anos de independência judaica na Judeia , como a terra de Israel era agora chamada. O reino recuperou fronteiras e a vida judaica floresceu. Minha sugestão é que Simão Macabeu é o príncipe do verso 5.

Os asmoneus reivindicaram não só o trono de Judá, mas também o cargo de Sumo Sacerdote. Esta afirmação da autoridade religiosa entrou em conflito com a tradição dos sacerdotes provenientes dos descendentes do irmão de Moisés Aarão e da tribo de Levi.

A vitória dos Macabeus foi registrada em 1 Macabeus 13:41-42 :

".Foi no ano cento e setenta que o jugo dos gentios foi afastado de Israel, e que o povo começou a datar os atos e os contratos do primeiro ano de Simão, sumo sacerdote, chefe do exército e governador dos judeus.".

No livro Guerra dos Judeus 1.2.2 Josefo descreveu como Simão (ou Simon) Macabeu conseguiu uma série de vitórias sobre Antíoco Epifânio:

"Simão administrou os assuntos públicos depois de uma maneira corajosa, e pegou Gazara, Jope e Jamnia, que eram cidades no bairro. Ele também pegou a guarnição e demoliu a cidadela ... ele também colocou muitos homens em emboscada em muitos lugares das montanhas, e foi superior em todos os seus ataques contra eles. E, quando ele foi conquistador de uma maneira tão gloriosa, ele foi feito

sumo sacerdote, e também libertou os judeus do domínio dos macedônios, depois de cento e setenta anos do império [Selêucida]. "

Wikipedia diz isso sobre os Macabeus e a dinastia que eles fundaram:

"Os Macabeus ... eram os líderes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle da Judeia, que na época era uma província do Império Selêucida. Eles fundaram a dinastia hasmoneana, que governou de 164 aC até 63 aC. Reafirmaram a religião judaica, em parte pela conversão forçada, expandiram os limites da Judeia pela conquista e reduziram a influência do helenismo e do judaísmo helenístico".

Aliança entre Israel e Roma
Os pés de ferro e barro

Daniel 11:6 "Mas, ao fim de alguns anos, eles se aliarão; e a filha do rei do sul virá ao rei do norte para fazer um tratado..."

A "filha do rei do sul" é uma referência a Israel como encontraremos no versículo 17. referida no cântico dos canticos 1:8 como "a mais bela das mulheres." Quando Israel derrotou a Macedônia, a República de Roma expressou seus parabéns e uma aliança foi confirmada entre Roma e Israel:

"Na Judeia reinou a paz, enquanto viveu Simão. Procurou o bem-estar de seu povo, e este se agradou do seu poder e reputação. .Com toda a glória que adquiriu, tomou Jope como porto e construiu um acesso para as ilhas do mar. Alargou as fronteiras de seu povo e estendeu sua autoridade sobre todo o país. Repatriou muitos dos judeus prisioneiros do estrangeiro, apoderou-se de Gazara, de Betsur e da cidadela de Jerusalém, que purificou de suas manchas, e ninguém ousava opor-lhe resistência."

"A morte de Jônatas foi bem depressa conhecida em Roma e até em Esparta, provocando grandes pesares. Mas, logo que os romanos e os espartanos souberam que seu irmão Simão se tinha tornado sumo

sacerdote em seu lugar e governava o país com as cidades que ali se achavam, escreveram-lhe em tabuletas de bronze para renovar a amizade e a aliança, outrora concluída com seus irmãos Judas e Jônatas. Essas mensagens foram lidas diante da assembléia em Jerusalém e eis a cópia daquela que enviaram os espartanos: Os arcontes da cidade de Esparta ao sumo sacerdote Simão, aos anciãos, aos sacerdotes e ao povo judeu, seu irmão, saúde! Os mensageiros que enviastes ao nosso povo contaram-nos vossa celebridade e glória, e nós nos regozijamos com sua chegada. Nós consignamos, como segue, a proposta que eles fizeram às deliberações do povo: Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, vieram a nós, da parte dos judeus, para renovar sua amizade conosco. Pareceu bem ao povo recebê-los com honra e depositar uma cópia de suas palavras nos arquivos públicos, para que ficasse na memória do povo de Esparta; e sobre isso enviamos um cópia a Simão, sumo sacerdote. Em seguida, Simão enviou Numênio a Roma, com um grande escudo de ouro, que pesava mil minas, para confirmação da aliança com os romanos." (1 Macabeus 14:4-24).

Essa aliança retratado aqui entre o reino do Sul (Israel) e o Reino do Norte (Roma) é descrita no capítulo 2 de Daniel:

Daniel 2:40-43 E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro, esmiúça e quebra tudo; como o ferro que quebra todas as coisas, assim ele esmiuçará e fará em pedaços. E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.

Dado que todo o metal das estátuas representa a sucessão de quatro impérios gentios que governaram sobre Israel antes do estabelecimento do reino de Deus, isso implica que a porção de argila dos pés deve representar o Israel, uma vez que a porção de metal representa a Roma.

Daniel 2:43 diz que o ferro (Roma gentílica) não se misturaria com a argila (Israel) e, portanto, as pessoas não permaneceriam unidas. Esta profecia em que o ferro não permaneceria unido com a argila foi cumprida em 66 dC quando Israel se revoltou contra Roma.

A Biblioteca Virtual judaica discute como a Judeia era única entre as províncias de Roma por causa de suas frequentes revoltas e falta de vontade em se integrar:

"Judeia diferiu das outras províncias do leste do Império Romano, na medida em que nunca se resignou ao domínio romano e não se integrou voluntariamente no sistema imperial. Desde o início da conquista romana, sua história foi uma luta amarga, acompanhada de revoltas contra o poder imperial. Embora existissem revoltas nas partes ocidentais do Império também (na Grã-Bretanha e na Gália e no Batavi), estas não eram tão freqüentes e geralmente ocorreram nos estágios iniciais da ocupação romana e nas fronteiras do Império. Na Judeia, no entanto, uma província que se encontrava no coração de uma área vital, entre a Síria e o Egito, as relações com as autoridades romanas estavam em tensão quase contínua desde o período de Pompeu e Gabinius até a Guerra do Bar Kokhba ".

Em 70 dC, o general romano Tito atestou a semi-independência de Israel durante o período anterior. Ele se dirigiu aos líderes zelotes judeus e deu um discurso que pintou uma imagem dos privilégios, exceções e vantagens que Israel desfrutou enquanto sob a jurisdição de Roma de 63 aC a 66 dC (um período de 129 anos):

"Vocês foram os homens que nunca deixaram de se rebelar desde que Pompeu o conquistou pela primeira vez e, desde então, fez uma guerra aberta com os romanos ... Portanto, não pode ser nada, senão a bondade de nós romanos que o excitou contra nós; quem, em primeiro lugar, lhe deu essa terra para possuir ; e, no próximo lugar, colocaram sobre vocês reis da sua própria nação ; e, em terceiro lugar, preservar as leis dos seus antepassados e ter permitido que você viva, seja por si mesmo, como

entre outros, como deveria agradar-lhe : e qual é o nosso principal favor de todos nós lhe demos para reunir esse tributo que é pago a Deus com outros presentes que lhe são dedicados ; nem chamamos aqueles que carregaram essas doações para conta, nem as proibiu; Até ao final, você se tornou mais rico do que nós mesmos , mesmo quando você era nosso inimigo; e você fez preparativos para a guerra contra nós com nosso próprio dinheiro; Depois de tudo, quando você estava no prazer de todas essas vantagens , você transformou sua grandeza demais contra aqueles que o deram, e, como serpentes imitáveis, jogaram seu veneno contra aqueles que o trataram gentilmente "(Josefo, Guerras 6.6.2).

Mas como a argila representava Israel unido com o ferro representando Roma? Eu acredito que esta unificação de Israel e Roma significada pela mistura de ferro e argila também é simbolizada em Apocalipse 17. Daniel 2:43 parece apontar para o assunto adúltero entre Jerusalém e Roma sugerido em Apocalipse 17. Aqui, a Meretriz representando Jerusalém é está assentada sobre a besta que é Roma. Este simbolismo sexualmente sugestivo parece retratar Jerusalém no ato de adultério com Roma, e é por isso que ela é chamada de Meretriz. 1 Corintios 6:16 lê: "O único que se junta a uma prostituta é um corpo com ela [.] Porque ele diz:" Os dois se tornarão uma só carne ". Essa união figurativa e ilícita entre Jerusalém e Roma que fez com que as duas cidades se tornassem uma só carne, como em um casamento entre marido e mulher, também parece simbolizada em Daniel 2:43 como ferro e argila misturando-se como em casamento: "Como você viu o ferro [Roma] misturado com argila [Israel / Jerusalém], assim eles se misturarão uns com os outros em casamento, mas eles não se manterão juntos, assim como o ferro não se mistura com argila.

Jerusalém é uma adúltera por causa do que a multidão em Jerusalém cantou durante a crucificação: "Não temos rei senão César!" (João 19:15). O fato de que o povo de Jerusalém selecionou César, o rei de Roma, ao invés do Messias , o rei dos judeus, explica por que Jerusalém é adúltera. Neste ato, Jerusalém cometeu adultério contra Deus, seu marido e rei espiritual, escolhendo ser governado pela besta, Roma e seus Cesares, em vez do Messias, seu Deus e criador. Deus era um rei e

um marido em Jerusalém . Assim, a rejeição de Jerusalém a ele na forma do Messias a favor de César, a besta, é um ato espiritual de adultério.

"...mas ela não reterá a força do seu braço; nem ele persistirá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e os que a tiverem trazido, e seu pai, e o que a fortalecia naqueles tempos."

Aqui o texto abre um parenteses e salta historicamente para a queda de Jerusalém, retratada como "filha do rei do sul", seus braços não resistem, ela é entregue. Essa cena é falada novamente em Daniel 11:17. A entrega da filha do rei do sul é retratada também em Apocalipse 17.

Apocalipse 17:16-18 "E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que deem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus. E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra."

Quase setecentos anos antes do Apocalipse ser escrito, o profeta Ezequiel também acusou Jerusalém de ser uma prostituta; e em Ezequiel 16:35-41, o profeta advertiu que Jerusalém seria destruída por seus amantes. Como prometido, Jerusalém foi destruída por Babilônia em 597 aC. A história se repete. No primeiro século, Jerusalém é novamente apanhada em um caso adúltero, desta vez com Roma. E, como o profeta Ezequiel, João vê Jerusalém queimada e destruída por seu amante, um evento que aconteceu no ano 70 dC.

A dominação Romana sobre Israel

Daniel 11:6 "...mas ela não reterá a força do seu braço; nem ele persistirá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e os que a tiverem trazido, e seu pai, e o que a fortalecia naqueles tempos".

De 167 a 63 aC, Israel teve um período de certa autonomia política com os Macabeus. Nesse período tiveram destaque principalmente Jônatas e

João Hircano, que conseguiram estender o domínio israelita sobre o território das tribos antigas. Mas o Império Romano, aos poucos, vai chegando e tomando conta.

Em 63 aC, Pompeu (63-48 aC) invade e toma Jerusalém. Inicia-se assim a dominação romana, que se estenderá além do "período bíblico", o qual termina nos inícios do 2º século da era cristã..

Nesse período, temos diversos reis que foram se sucedendo no comando do império. Depois de Pompeu, toma posse Júlio César (48-44 aC) que nomeou procuradores para cuidar da Palestina. A seguir toma posse Antônio (41-30 aC) que nomeou Herodes governador da Galileia e da Pereia. Por fim, o próprio Herodes (37-4 aC) foi nomeado pelo senado romano rei da Judeia e fica até depois o nascimento de Jesus, que se deu por volta do ano 4 a 5 aC.

Assim Jerusalém foi entregue aos romanos, o rei do Norte. O rei Herodes estendeu seu poder além da Judeia. Seu governo foi extremamente repressor, era o braço forte do imperador Augusto de Roma. Logo que assumiu o comando, elimina os opositores e ele próprio nomeia os sumos sacerdotes. Instrumento político dos romanos, encarna o espírito helenista. "Governou de forma bastante ambígua: dizia-se seguidor das tradições religiosas judaicas, ao mesmo tempo que defendia os interesses de Roma".

Este gráfico mostra uma lista de eventos significativos que ocorreram durante o período da Dinastia asmoneu (Macabeus) de Israel (164 aC - 37 aC) e a Dinastia de Herodes (37 aC ->) que se seguiram:

Ano	Evento	Tempo em Relação à Independência de Israel
164 aC	Israel, liderado pelos Macabeus, derrota Antíoco Epifânio	22 anos antes
142 aC	Israel torna-se totalmente independente da Macedônia / Grécia	Nesse momento
63 aC	Pompeu, o Grande, um estadista romano, intervém na guerra civil entre Hircano e Aristóbulo, os dois filhos da rainha Alexandra Salomé. A província da Síria foi criada nessa época e a Judéia foi incorporada à república romana. A Judeia permaneceu autônoma, mas perdeu parte de sua terra, incluindo partes de Samaria e Idumea. Outras cidades que estavam sob a Judéia também se tornaram autônomas e formaram a Decápolis. Uma dessas cidades era Pella. "O povo das cidades de Decápolis recebeu Pompeu como um libertador do reino judeu hasmoneu que governou grande parte da área" (Wikipedia). Aristóbulo foi levado para Roma, mas Hircano foi reintegrado como o Sumo Sacerdote e Antipater o Idumean tornou-se o ministro-chefe da Judéia. Antipater era pró-romano e até resgatou Júlio César em Alexandria, pelo qual foi recompensado.	79 anos depois

47 aC	Hircano foi reconhecido por Roma como o etnarch (governante) da Judéia, e Antipater foi reconhecido como o primeiro Procurador Romano.	95 anos depois
40 a 37 aC	O Senado Romano nomeou Herodes, o Grande, como "Rei da Judéia" em 40 aC. No entanto, naquela época os partos (o moderno NE do Irã) conquistaram o Levante, incluindo a terra de Israel. Os judeus pensavam que uma nova era de independência havia chegado. Levou três anos para que Roma derrotasse os partos.	102-105 anos depois
37 aC	O domínio Hasmoneano terminou quando Herodes, o Grande, capturou Jerusalém e destronou Antígono II Matatias. Antipater, o idumeu, era o pai de Herodes. Herodes se casou com uma princesa asmoneu chamada Mariamne. A dinastia herodiana começou na Judeia.	
6 dC	O movimento zelote foi fundado por Judas da Galiléia.	

Os Zelotes - O início do conflito com Roma
Primeira descrição

O que se segue a baixo é o início do conflito entre o rei do norte e o rei do sul, ao longo do capítulo é revelado a Daniel recapitulações desse mesmo conflito de forma mais detalhada, saindo do geral para o específico.

A primeira descrição é geral; é descrita nos versos 7-8, o rei do sul avança contra o norte, prevalece por um tempo, mas por fim o norte saqueia o sul e os leva ao Egito como despojo.

Eu acredito que o ataque reino do sul, no versículo 7, refere-se aos judeus e seu ataque contra Roma no início da guerra judaica. A Judeia tinha sido originalmente parte do domínio do rei do sul da divisão do reino de Alexander. No outono de 66 dC, o governador romano da Síria (Cestio Gallo) veio a Jerusalém para reprimir um crescente clima de agitação na cidade; ele foi atacado por rebeldes judeus e suas forças severamente derrotadas. Foi este ataque pelos judeus em uma régua da Síria, que começou a Grande Revolta.

Como resultado dessa revolta, os romanos mataram muitos judeus, destruíram a cidade e o templo, Tito mandou com cadeias para o Egito os que tinham mais de dezessete anos, para trabalhar nas obras públicas.

Daniel 11:7 Mas de um renovo das raízes dela um se levantará em seu lugar, e virá com o exército, e entrará na fortaleza do rei do norte, e operará contra eles, e prevalecerá.

"Mas de um renovo das raízes dela [de Israel] um se levantará em seu lugar" - Esses são os Zelotes, uma seita judaica. Minha sugestão aqui é que "suas raízes", está simplesmente da sua semente, cultura ou seu povo. A seita dos zelotes foi estabelecida por Judas, o galileu, que liderou uma revolta contra a dominação Romana no ano 66 d.C. rejeitando o pagamento de tributo pelos israelitas a um imperador pagão, sob a alegação de que tal ato era uma traição contra Deus, o verdadeiro rei de Israel. Foram denominados como zelotas por seguirem o exemplo de Matatias, seus filhos e seguidores, que externaram o seu zelo pela a lei de Deus quando Antíoco IV Epifânio tentou suprimir a religião judaica, assim como o exemplo de Fineias, que também demonstrou o seu zelo no deserto, durante uma época de apostasia (Nm 25:11; Sl 106:30).

"e virá com o exército, e entrará na fortaleza do rei do norte, e operará contra eles, e prevalecerá." - Cada vez mais se elevavam as vozes contra a odiada Roma. Ao partido dos zelotas afluíam fanáticos e rebeldes que reclamavam incansavelmente a supressão do domínio estrangeiro; cada um deles levava um punhal escondido debaixo do manto. Seus atos de violência alarmavam o país. Os abusos de força dos procuradores romanos tornavam a situação ainda mais delicada; aumentavam cada vez mais os partidários dos radicais.

A crescente indignação estourou em franca revolta a meio de 66 d.C.. Quando, após muitas arbitrariedades, o procurador da Judeia Géssio Floro requisitou dezessete talentos do tesouro do Templo de Jerusalém, a revolução começou. Os judeus escarnecem do procurador, fazendo uma coleta para o "pobrezinho" Floro. Resultado: Floro entregou aos seus soldados uma parte de Jerusalém, para que fosse saqueada e crucificou alguns homens importantes da comunidade judaica. O povo, em supremo desprezo, não reagiu diante do saque, e o desprezo foi vingado: uma carnificina geral.

Então, os revolucionários chefiados por Eleazar, filho do sumo sacerdote, ocuparam o templo e a fortaleza Antônia. Os judeus de Jerusalém sitiaram a única coorte da legião Legio III Gallica, a Gallica, cuja base era nessa cidade; e após dias de luta cruel, tinham matado todos os homens, exceto o comandante da coorte, o prefeito do acampamento, Metílio, mesmo após todos se terem rendido. Ao mesmo tempo, membros da seita zelota tinham-se encaminhado para a fortaleza de Massada, no mar Morto, e massacrado a coorte da Gallica lá baseada. Outro bando de rebeldes tinha feito o mesmo na fortaleza de Chipre, que tinha visão panorâmica da cidade de Jericó. Os rebeldes tinham-se espalhado pelo interior do país e ocupado a Judeia e muito da Idumeia e do sul da Galileia. Uma coorte da Gallica tinha procurado escapar da sua fortaleza em Macero e alcançar a capital provincial, Cesareia. Outra coorte da mesma legião, que controlava a cidade portuária de Ascalão,

tinha combatido os atacantes, mas estava lá isolada desde então. Herodes Agripa II tentou conter a revolta e não conseguiu.

Jerusalém é saqueada pelos romanos

Daniel 11:8 "[Mas] os seus deuses [do rei do norte] com as suas imagens de fundição, com os seus objetos preciosos de prata e ouro, os levará cativos para o Egito; e por alguns anos ele persistirá contra o rei do norte.

"Levará cativos para o Egito" - Josefo registra esse evento: "Como os romanos estavam cansados de matar e havia ainda uma grande multidão de gente, Tito ordenou que os poupassem e não os passassem a fio de espada a não ser os que ameaçassem defender-se. Mas os soldados não deixaram de matar, contra sua ordem, os velhos e os mais fracos. Conservaram somente os que eram fortes e vigorosos, capazes de servir e os encerraram no Templo destinado às mulheres. Tito confiou-os a um de seus libertos de nome Fronto, no qual ele deposita¬va grande confiança, com o poder de agir conforme melhor lhe parecesse. Fronto mandou matar os ladrões e os revoltosos que se acusavam mutuamente e reservou para o triunfo os mais jovens e os mais formosos. Mandou com cadeias para o Egito os que tinham mais de dezessete anos, para trabalhar nas obras públicas e Tito distribuiu um grande número deles pelas províncias para servirem de espetáculo de gladiadores e combater contra as feras. Os que tinham menos de dezessete anos foram vendidos." (Guerras, Livro 6, Cap. 44)

"As riquezas daquela cidade eram tantas, que ainda muitas coisas preciosas havia no meio das ruínas. Muitas delas os romanos descobriram, os prisioneiros indicavam outras mais, de ouro, de prata, bem como outras coisas preciosas enterradas pelos seus donos, na incerteza em que viviam dos eventos da guerra. Tito continuou seu caminho para o Egito e somente atravessou aquela deplo¬rável solidão. Quando chegou a Alexandria, para ali embarcar, despediu as duas legiões que o haviam acompanhado pelas províncias, para o lugar de onde ti¬nham vindo, isto é, a quinta para a Mésia, a décima para a

Hungria, e ordenou que levassem Simão a Roma, bem como João, os dois chefes dos revoltosos, com setecentos outros dos maiorais e dos mais vistosos dos prisioneiros, para servi¬rem no ingresso triunfal." (Guerras, Livro 7, Cap. 15)
"...E por alguns anos ele persistirá contra o rei do norte" - Os revoltosos puderam persistir contra os romanos por três anos e meio (tempo tempos e metade de tempo), mas no fim eles foram destruídos e saqueados.

Primeira recapitulação - o Início da guerra

Daniel 11:9 E entrará no reino [d]o rei do sul, e tornará para a sua terra.

Algumas versões trazem "este avançará contra o reino do rei do Sul", isto é o rei do norte avança contra o rei do Sul e volta para sua terra.

O imperador Nero dá a Vespasiano o comando de seus exércitos da Síria, para fazer a guerra aos judeus

"O imperador Nero soube com espanto e perturbação do péssimo resul¬tado de suas armas na Judeia, mas dissimulou e cobrindo seu temor com uma aparência de coragem, fez rebentar sua cólera contra Céstio, como se devesse atribuir à sua incapacidade, e não ao valor dos judeus, as vantagens que estes tinham obtido sobre suas tropas."

"Dessa forma, Nero, considerando a idade, a experiência e a coragem desse grande general [Vespasiano] e que ele tinha filhos que eram como reféns de sua fidelidade, os quais no vigor da juventude podiam servir como de braços à prudência de seu pai, além de que talvez, Deus assim o permitia para o bem do império, resolveu dar-lhe o comando dos exércitos da Síria. E na necessidade que tinha dele, deu-lhe todas as demonstrações de afeto e de estima, a fim de animá-lo a se esforçar para um bom êxito, numa ocasião tão importante. Vespasiano estava então com esse príncipe, na Acaia, e apenas honrado com esse grande cargo, ele mandou Tito, seu filho, a Alexandria, para receber as quinta e décima legiões. Ele, depois de ter passado o estreito do Helesponto, dirigiu-se por terra para a Síria, onde reuniu todas as forças romanas e as tropas

auxiliares que lhe deram os reis das nações vizinhas àquela província." (Guerras, Livro 3, Cap. 1)
Vespasiano começa a bloquear Jerusalém.

"Vespasiano, querendo atacar Jerusalém por todos os lados, mandou construir fortes em jerico e Abida, onde colocou guamições, misturadas com tropas romanas e auxiliares, e mandou Lúcio Anio a Gerasa, com um corpo de cavalaria e de infantaria. Tomou a praça de assalto, matou ali uns mil homens, da defesa, que não puderam escapar, escravizou a todos os demais e deixou a cidade entregue ao saque dos soldados, que a incendiaram depois. Dali passou além. Os ricos fugiam; a morte era a herança dos que não tinham nem a força nem os meios para escapar, e os romanos incendiavam todos os lugares de que se apoderavam. Os montes bem como as planícies estavam destruídos pelas tempestades dessa guerra e os que estavam encerrados em Jerusalém eram obrigados a lá permanecer, porque os zelotes não permitiam sair aos que que¬riam ir se entregar a Vespasiano, e os que eram contra os romanos, vendo que toda a cidade estava rodeada por suas tropas, não ousavam se arriscar a cair em suas mãos." (Guerras, Livro 4, cap. 28)
A morte dos imperadores Nero e Galba faz Vespasiano suspender seu projeto de sitiar Jerusalém.

"Vespasiano voltou a Cesaréia, a fim de se preparar para marchar com todas as suas tropas contra Jerusalém. Recebeu então a notícia da morte do im-perador Nero, depois de ter reinado treze anos e oito dias."...

"Vespasiano, ante essa notícia, susteve a marcha contra Jerusalém. Quis antes saber quem seria o sucessor de Nero e quando viu que o império tinha caído nas mãos de Galba, julgou dever adiar seu projeto, nada empreendendo, até rece¬ber suas ordens." (Guerras, Livro 4, Cap. 29)

Depois de três anos de cerco de Vespasiano, o imperador Nero morreu e Vespasiano foi nomeado para substituí-lo (ibid 56b; Josefo, Guerras 5:10; Yossipon ch 75.). Vespasiano partiu para Roma para reivindicar sua coroa e enviou seu filho Tito para continuar a campanha.

Os romanos voltam a sitiar Jerusalém

Daniel 11:10 "Os seus filhos [generais] farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul". (ARA)

Vespasiano organiza tudo em Alexandria, e prepara-se para, durante a primavera, vir à Itália e manda Tito à judeia para tomar e destruir Jerusalém.

"Vespasiano chegou a Alexandria e soube de todas as notícias de que acabo de falar. E embora essa cidade seja, depois de Roma, a maior do mundo, era então pequena para receber os embaixadores que vinham de todas as partes da terra, manifestar-lhe regozijo pela sua elevação ao trono do império. Vendo então seu poder já bem consolidado, as perturbações em Roma bastante acal-madas e nada mais tendo a temer, julgou dever levar seus esforços para dominar e exterminar o restante da judéia. Assim, ao mesmo tempo em que se preparava para vir à Itália, no começo da primavera, depois de ter organizado todas as coisas em Alexandria, fez Tito, seu filho, partir com suas melhores tropas para se apoderar de Jerusalém e destruí-la." (Guerras, Livro 4, Cap 42)

"...voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul" - Até o dia 6 de abril de 70dC, os exércitos romanos, sob comando de Tito, haviam retornado em pleno vigor contra Jerusalém para sitiá-lo e terminar o que havia começado em 66 dC. Nenhum outro fugitivo poderia fugir uma vez que este cerco foi definido, o Período permitido para isso acabou. No dia 10 de abril, as legiões começaram a nivelar o solo entre eles e as muralhas da cidade, isto foi completado após quatro dias no dia 14 de abril. O ataque romano começou com uma alocação de mísseis de suas torres de cerco, então Tito traz seus carneiros que começam a bater nas paredes. No dia 29 de abril, um dos bombardeiros quebram o primeiro muro.

Os rebeldes atacam os romanos

Daniel 11:11 Então o rei do sul se exasperará, e sairá, e pelejará contra ele, contra o rei do norte; este porá em campo grande multidão, e aquela multidão será entregue na sua mão.

Cinco dias depois, no dia 4 de maio, os romanos, novamente usando seus carneiros, quebram a segunda parede. Tito ordena que seus engenheiros criem rampas de terra para alcançar as muralhas da fortaleza de Antônia. Quando eles alcançam essa parede interior fortemente fortificada, Tito desafia a aliança fanática para deixarem os cidadãos saírem e ele lhes devolveria suas casas, que agora estavam sob seu controle. Os cidadãos estavam mais do que dispostos a fazer essa sugestão, mas os fanáticos rapidamente acabaram com a ideia ameaçando matar qualquer que se rendesse. Para suportar essa ameaça, eles executariam qualquer um que até mesmo discutisse. Os Rebeldes então montaram um ataque contra os romanos desprevenidos e surpreendentemente os empurraram de volta para fora do segundo muro novamente.

Daniel 11:12 A multidão será tirada e o seu coração se elevará; mas ainda que derrubará muitos milhares, contudo não prevalecerá.

"A multidão será tirada e o seu coração se elevará..." - Como vimos acima "Os Rebeldes então montaram um ataque contra os romanos desprevenidos e surpreendentemente os empurraram de volta para fora do segundo muro novamente."

"...Contudo não prevalecerá" - A razão de não terem prevalecido é comentada no versículo 13.

Daniel 11:13 Porque o rei do norte tornará, e porá em campo uma multidão maior do que a primeira, e ao fim dos tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e com muitas riquezas.

"Porque o rei do norte tornará... ao fim dos tempos"- Quatro dias depois, no dia 8 de maio, Tito recaptura esta segunda muralha e suas tropas estão novamente dentro da cidade. Ele agora decide tirar uma pausa da guerra; Tentando impressionar os judeus com seus exércitos e destruir sua moral, ele desfila suas tropas e lhes paga seus salários em frente a eles. Durante este tempo, o sofrimento dos cidadãos cativos tornou-se ainda mais agudo, a fome estava cobrando o seu preço, os fanáticos confiscaram qualquer alimento disponível para si, qualquer cidadão capturado escondendo alimentos ou objetos de valor sofreu terríveis torturas e mortes. Por outro lado, todos os cidadãos que fugiram capturados pelos romanos foram torturados e crucificados em retaliação pelo desprezo que tinham por esses estúpidos fanáticos, causando-lhes tanto problema e perigo.

A apostasia do povo do rei do sul
Daniel 11:14 E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; e os violentos dentre o teu povo se levantarão para cumprir a visão, mas eles cairão.

"E, naqueles tempos..." - Isto é no tempo do fim, quando o rei do norte voltar a atacar os judeus, nos dias da Grande Tribulação (67-70 dC)

"...Muitos se levantarão contra o rei do sul..." - Essa profecia é relatada em vários textos bíblicos. Confira alguns:

Zacarias 13:3 E acontecerá naquele dia que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a carregarem certamente serão despedaçados; e ajuntar-se-á contra ela todo o povo da terra.

Zacarias 14:1,2 Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o restante do povo não será extirpado da cidade.

Lucas 21:20-24 Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo. E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.

Apocalipse 16:12-16 E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso... E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.

Apocalipse 17:15-17 E disse-me: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas. E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

"e os violentos dentre o teu povo se levantarão para cumprir a visão" - Aqui o homem vestido de linho diz a Daniel que os violentos dentre o teu povo, isto é o povo de Daniel, os Judeus, os rebeldes apostatas dentre o povo de Daniel se levantarão para cumprir a visão.

"mas eles cairão" - O versículo 15 explica com detalhes.

Mais detalhes do ataque do rei do norte

Daniel 11:15 E o rei do norte virá, e levantará baluartes, e tomará a cidade forte; e os braços do sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir.

No dia 21 de maio de 70 dC, as rampas de terra contra as paredes da fortaleza de Antônia são completadas e os romanos trazem suas enormes armas de guerra. Dois dias depois, os rebeldes guerrilheiros judeus atacaram os carneiros que atacaram eles e derrubaram suas rampas, pressionaram seu ataque até o campo dos romanos. Tito convoca um conselho de guerra para rever a estratégia e decide selar a cidade completamente com um muro de cinco milhas de altura em torno das paredes da cidade, provocando a fome nos judeus na tentativa de faze-los se render. Alguns sugerem que as legiões construíram essa fortificação em três dias, se isso for verdade, é uma façanha tremenda até mesmo pelos padrões romanos, toda madeira disponível para cerca de dez milhas de raio de Jerusalém vieram das arvores que foram cortadas.

Morte em Massa

Sendo agora a cidade completamente cercada, a fome logo se tornou ainda mais aguda e as condições na cidade degeneraram ainda mais. Um grupo de combatentes rebeldes da facção de Simão fizeram planos para se render aos romanos, mas Simão descobre e os executa por mutilação, jogando seus corpos sobre a parede para os romanos. O enorme número de mortes sofridas até este ponto pode ser ilustrado pelo número de corpos que foram trazidos através de apenas um dos portões da cidade; 115.000 cadáveres em 2 meses e meio, entre 6 de abril e 22 de junho. Alguns alegaram que cerca de 600 mil cadáveres haviam sido expulsos por este tempo. Os corpos agora estavam empilhados em montões, algumas casas estavam sendo usadas como depositários de corpos, o cheiro dos cadáveres em decomposição era terrível.

Finalmente, os carneiros violentamente derrubaram a parte do muro interior, mas para sua consternação descobriram que os rebeldes de João estavam ocupados construindo um segundo muro interno atrás dele. Tito agora tem que dar às tropas desmoralizadas uma "incentivo". No dia 26

de junho, os romanos levantam um ataque e atravessam a parede quebrada levando a luta para os portões do templo, mas eventualmente são obrigados a se retirar para a torre da fortaleza Antônia . No dia 5 de julho, Tito ordena suas tropas a destruírem os alicerces da torre da fortaleza de Antônia criando uma via fácil de ataque para suas legiões.

A destruição é realizada pelo príncipe que há de vir, o chifre pequeno

Daniel 11:16 O que, pois, há de vir contra ele [o rei do sul] fará segundo a sua vontade, e ninguém poderá resistir diante dele; e estará na terra gloriosa, e por sua mão haverá destruição.

"O que, pois, há de vir" - Não há dúvidas aqui que essa é uma referência ao príncipe que há de vir de Daniel 9:26-27.

"e estará na terra gloriosa" - Não se deve haver dúvidas que a terra gloriosa é Israel ou Jerusalém. No capítulo oito (8) versículo nove (9) deste livro, o profeta diz que o chifre pequeno “cresceu muito para o sul, e para o Oriente, e para a terra for¬mosa” ou “gloriosa” (Dn 8.9; 11.16). Todos os estudiosos da Bíblia concordam em que a “terra formosa” ou “gloriosa” é a terra de Israel, pela sua fertilidade e excelência: “... uma terra que mana leite e mel, e é a glória de todas as terras” (Ez 20.6). Ela é descri¬ta pelo profeta Zacarias como sendo uma “terra desejada” (Zc 7.14).

"e por sua mão haverá destruição" - Ele vai destruir a terra com o seu exército.

Até o dia 29 de julho de 70 dC, os trabalhos de terraplanagem estão completos. Tito coloca os carneiros até o lado oeste do pátio exterior do templo. Os romanos tentam escalar as paredes do Templo com escadas, mas os judeus repelem esse ataque. Com nada mais dando certo, Tito ordena incendiar os portões do templo. Segurando uma reunião do conselho para discutir o destino do templo, segundo o relato de Josefo,Tito declara que suas intenções é de salvá-lo de ser queimado,

mas Sulpício Severo registra o desejo de Tito durante a Guerra Judaica de pôr fim à Religião dos Cristãos e dos Judeus, Tito pretendia realizar isto destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e cristãos : Pois, embora essas religiões são conflituosas, eles ainda desenvolveram a partir das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: Com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpício Severo diz o seguinte em Crônica 2: 30.7).

Com isso no dia 31 de julho, as tropas romanas, por despeito e desprezo, incendiaram os edifícios do templo. Os rebeldes agora fogem do templo para a cidade, para continuar a luta a partir daí. Os romanos que agora capturaram as áreas do templo carregam as bandeiras de suas legiões nesses pátios e realizam sacrifícios. Os exércitos romanos finalmente entram no templo, o lugar sagrado e o destrói.

Segunda recapitulação - Nero envia Vespasiano e Tito

Daniel 11:17 "E [o rei do norte] dirigirá o seu rosto, para vir com a potência de todo o seu reino, e com ele os retos, assim ele fará; e lhe dará uma filha das mulheres, para corrompê-la; ela, porém, não subsistirá, nem será para ele.

"E dirigirá o seu rosto, para vir com a potência de todo o seu reino" - A (ARA) traz "Resolverá vir com a força de todo o seu reino". isto é, o rei do norte (Roma, através de Vespasiano e Tito, enviados por Nero), vem com toda força de seu reino contra o reino do rei do sul (Israel, os judeus).

"e com ele os retos" - Algumas versões trazem "entrará em acordo com ele".

"e lhe dará uma filha das mulheres, para corrompê-la" - Esta é a nação de Israel, [referida na canção das canções 1:8 como] "a mais bela das mulheres." O rei do Norte irá comandar o General de seu exército para destruí-la. Eu digo que ele é Nero, que emitiu decretos contra Israel, e ele ordenou a seu general Vespasiano e seu filho, Tito, para destruir a cidade.

A destruição da cidade de Jerusalém (a filha das mulheres) por parte do romanos também é descrita no Apocalipse:

Apocalipse 17:3-18 E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.
Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.
E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.

Conflitos durante o reinado de Nero

Daniel 11:18 "Ele virará o seu rosto para as ilhas, e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar o seu opróbrio contra ele, e ainda fará recair sobre ele o seu opróbrio.
Daniel 11:19 "Virará então o seu rosto para as fortalezas da sua própria terra, mas tropeçará, e cairá, e não será achado".

Neste verso temos um pequeno chialismo:
18:A - Ele virará o seu rosto para as ilhas,
18:B - mas um príncipe fará cessar o seu opróbrio contra ele, e ainda fará recair sobre ele o seu opróbrio.
19:A - Virará então o seu rosto para as fortalezas da sua própria terra
19:B - mas tropeçará, e cairá, e não será achado

Conflitos internos de Roma

18:A - Ele virará o seu rosto para as ilhas, e tomará muitas (se voltará para as terras do mar, ARA);
19:A - Virará então o seu rosto para as fortalezas da sua própria terra

A palavra “ilha” ou “ilhas” encontra-se cerca de trinta e oito vezes nas Escrituras e, em alguns dos lugares onde aparece pode ser traduzida por “AI”. Os anti¬gos usavam esta palavra “AI” como “terra costeira” ou, no sentido hodierno de continente. Era um termo designativo das grandes civilizações gentílicas do outro lado do mar. As Ilhas ou o Mar na literatura apocalíptica hebraica é uma referência aos gentios, em contraste com Terra que representa Israel. Um exemplo disso pode ser encontrado em Daniel 7, as 4 Bestas que sobem do mar são reinos gentílicos que dominam a Judeia. Também podemos ver como no Apocalipse a Besta que sobre do Mar é Roma, ela é gentílica, em contras à Besta que sobe da Terra é uma Besta que vem da Terra de Israel.

Em comparação com os seus sucessores, Roma ficara relativamente pacífica sob o reinado de Nero. A guerra contra a Pártia foi a única grande guerra acontecida, e ao seu término foi elogiada como vitória tanto política como militar. Contudo, e assim como muitos imperadores, Nero teve de enfrentar uma série de rebeliões internas e lutas pelo poder durante o seu reinado. as mais conhecidas foram: Rebelião britânica, Conspiração de Pisão e a rebelião de Víndice. Nero foi um dos poucos imperadores que pôde dispor o fechamento das portas do Templo de Jano. Jano era o deus do princípio e do final, e tinha um templo no Fórum Romano, ao qual era devido fechar as portas em época de paz. Mas como os exércitos romanos sempre se encontravam combatendo em alguma afastada província, as portas do templo permaneciam abertas. Apenas três imperadores romanos puderam manter as portas do templo fechadas por um tempo: Augusto, Vespasiano e Nero.

A morte de Nero

18:B - mas um príncipe fará cessar o seu opróbrio contra ele, e ainda fará recair sobre ele o seu opróbrio.
19:B - mas tropeçará, e cairá, e não será achado

Nero recuperara o controle militar do império, mas isto foi utilizado contra si pelos seus inimigos em Roma. Em junho de 68 dC, o Senado votou que Galba fosse proclamado Imperador e declarou Nero inimigo público. utilizando para isso a Guarda Pretoriana, que fora subornada, e ao seu Prefeito Ninfídio Sabino, que ambicionava tornar-se imperador, pelo qual capturou Nero e obrigou-o a suicidar-se.

A morte de Nero sem deixar herdeiros, em vez de trazer estabilidade ao Império, desencadeou um ciclo de guerras civis conhecido como Ano dos quatro imperadores. Os sucessores de Nero combateram entre si pelo poder e foram sucedendo-se até Vespasiano ser proclamado imperador, inciando o que seria a Dinastia Flávia.

Galba imperador

Daniel 11:20 E em seu lugar se levantará quem fará passar um arrecadador pela glória do reino; mas em poucos dias será quebrantado, e isto sem ira e sem batalha.

A versão encontrada em Chabad.org, um site de estudos judaicos, traduz o texto da seguinte maneira.

Daniel 11:20 "E aquele que remove o opressor vai ficar em sua base, a glória do reino, mas em poucos dias será quebrado, mas não com raiva e não com a guerra."

"E aquele que remove o opressor vai ficar em sua base" - Este é Galba.

"...em poucos dias, ele será quebrado" - Em 1 de janeiro de 69 dC, duas legiões da Germânia Superior recusaram renovar o juramento de lealdade que os vinculava com Galba, derribaram as suas estátuas e exigiram a escolha de um novo imperador. Ao dia seguinte as legiões da

Germânia Inferior nomearam imperador o seu comandante, Vitélio. Esta rebelião fez ao imperador compreender a dimensão da sua impopularidade e do descontente do povo. Por outro lado, os pretorianos eram cada vez mais nervosos ao não ver perto os seus donativa habituais.

Marco Sálvio Otão, que naquele tempo se encontrava à frente da província da Lusitânia, fora sempre um dos seus mais fiéis adeptos. Apesar disso, Otão estava indignado com Galba quando ficou a saber que não o nomeara herdeiro; esta situação impulsou-o a iniciar contato com os descontentes membros da Guarda Pretoriana, que decidiram nomeá-lo imperador.

Galba foi assassinado no Fórum Romano na manhã de 15 de janeiro de 69, quando contava com 72 anos de idade. O seu sucessor seria assassinado poucos dias depois. Plutarco afirma que o imperador ofereceu o pescoço aos seus assassinos exclamando:
“Matai-me, se disso depender o bem de Roma.”

"...mas não com raiva" - O comentarista judeu Rashi diz que o significado aqui é: "não com raiva de outra nação", isso significa que Galba seria morto pelos próprios romanos.

"...e não com a guerra" - O comentarista judeu Rashi diz que o significado aqui é: "não com guerra entre nações, mas de si mesmos e com eles mesmos", ou seja em um conflito interno; A morte de Nero sem deixar herdeiros, em vez de trazer estabilidade ao Império, desencadeou um ciclo de guerras civis conhecido como Ano dos quatro imperadores.

O desvelamento do futuro, o tempo do fim

Nesta seção temos primeiro a descrição do príncipe que, no esforço após a supremacia, processa todos os meios que a astúcia e o poder podem inventar, e em sua inimizade contra a sagrada aliança não conhece limites. Esta descrição é dividida em duas partes (1) Dn 11:21-25, e (2)

vv. 36-12:3 - que designam os dois estádios de seus procedimentos. Na primeira parte são descritos:
(1) sua ascensão gradual ao poder, Dn 11:21-24;
(2) sua guerra com o rei do sul pela supremacia, Dn 11:25-27;
(3) levantando-se contra o povo da aliança, até a profanação do santuário, tirando do sacrifício diário e estabelecendo a abominação da desolação, Dn 11:28-32
(4) o efeito e conseqüência disto para o povo de Deus, Dn 11:32-35.

Este príncipe é o inimigo do Deus santo que é profetizado em Dn 7:8, 20-25; 8:9-13, 23-25, sob a figura do chifre pequeno, e é tipicamente representado no surgimento do rei romano Tito César contra o povo da aliança, os Judeus.

Tito César o Homem Vil

Daniel 11:21 Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano.

"Depois se levantará em seu lugar um homem vil" - Esse é o tal chifre pequeno de Daniel 7 e 8 que aqui em Daniel 11 é retratado como um homem; um rei (Tito César) do reino do norte (Roma); que virá caladamente e tomará o reino com engano.

Ele aparece como, um desprezado, ou seja, não é um tal que, em razão do nascimento, tenha qualquer reivindicação justa ao trono e, portanto, vem como um intruso, e ainda supõe indignidade. Ele vem, caladamente, ou seja, inesperadamente, e toma posse do reino. Com engano, propriamente, por, intrigas e astúcia; Essa cena é descrita em Daniel 7 da seguinte forma:

Daniel 7:8 Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados...

Daniel 7:20 E também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subiu, e diante do qual caíram três...

Daniel 7:24 E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.

Três Imperadores, Galba, Otho e Vitélio foram assassinados para dar lugar a Tito, que não estava na linha de sucessão, mas foi declarado imperador juntamente com seu pai Vespasiano.

A desolação de Israel

Daniel 11:22 E com os braços de uma inundação serão varridos de diante dele; e serão quebrantados, como também o príncipe da aliança.

"E com os braços de uma inundação serão varridos de diante dele" - Com braços, isto é, força bélica, de uma inundação, isto é, exércitos transbordando a terra que varreria tudo à sua frente. Parece haver alguma confusão de metáforas na frase; Essa linguagem apocalíptica não é antinatural para os leitores do AT. Tampouco era totalmente antinatural falar de uma inundação como tendo "braços" se estendendo longe e perto; varrendo tudo para si mesmo, ou levando-o embora. Assim, falamos de um braço do mar, um braço de um rio, etc. Desta forma, a inundação - a invasão - parecia se espalhar como águas, varrendo tudo. Aqui temos a mesma linguagem gráfica de desolação que aparece em Daniel 9, Jerusalém e seus habitantes seriam desolados pelo príncipe que há de vir, Os poderosos do reino do sul, serão inundados diante dos romanos e quebrados:

Daniel 9:26 "...e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações."

Sobre este "príncipe" da aliança há várias opiniões, mas possivelmente uma se coa¬duna com o sentido principal: Se o artigo fosse indefinido,

como “um príncipe do concerto” ou “um príncipe da aliança”, poderia bem se referir a um sumo sacerdote escolhido dentre os homens nos termos da aliança de Deus (Ver Ml 2.7-8). A luz da história, o “príncipe do concer¬to” seria o sumo-sacerdote Fanias ben Samuel 67-70 dC. Foi o último sumo sacerdote judeu, o 83º desde Arão. Ele era um líder de forças revolucionárias e morreu durante a destruição do Templo de Herodes em 70 dC. Mas alguns comentaristas argumentam que esta denominação não é dada em outra parte ao sumo sacerdote judeu. A referência para outros comentaristas é, antes, ao rei do sul, com quem um tratado foi feito, portanto, deveria ser unido aos romanos por um tratado solene. veja o comentário do versículo 6.

O comentarista judeu rachi diz: também o rei de Israel, que formará um tratado com eles, será finalmente inundado de diante dele, pois [os romanos] violarão o tratado e os trairão.

O Barro e o Ferro não se misturam

Daniel 11:23 Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. (ARA)

"Apesar da aliança com ele, usará de engano" - Apesar da Aliança com Israel, um tratado de paz e concórdia, os romanos violarão o tratado e os atacarão. veja o comentário do verso 6.

"...subirá e se tornará forte com pouca gente" - O significado disto parece ser que a princípio suas próprias forças seriam pequenas; que ele subiria de tal maneira a não despertar suspeitas, mas que, seja por um aumento de suas forças ali, unindo-se aos confederados, atraindo o povo pela promessa de recompensas, ou gradualmente tomando uma cidade após outro e adicionando-os aos seus domínios, ele se tornaria forte.

A busca de Vespasiano e Tito para assumir o Império Romano

Daniel 11:24 Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província, e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais;

repartirá entre eles a presa e os despojos, e os bens, e formará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo.

Esse texto está em paralelo a Daniel 11:42-43 que descreve como o rei do Norte estaria interessado nas coisas preciosas do Egito. A busca de Vespasiano e Tito para assumir o Império Romano necessitou de muitos esforços. Os "tesouros de ouro e prata" (v. 43) do Egito foram necessários para financiar a aquisição Flaviana do império. Além de sua riqueza monetária, a oferta de alimentos do Egito também realizou um interesse especial para Vespasiano e Tito. Junto com a província da África (a área da Tunísia e W. Líbia), o Egito foi uma importante fonte de grãos para Roma. Uma das estratégias Flaviana primária em assumir o império era controlar o fornecimento de alimentos que veio dessas áreas para que os romanos pudessem morrer de fome. Jaqueles descreve a importância do Egito na busca Flaviana para assumir o Império Romano.

Antes do final do mês [Julho de 69 dC] a conferência foi realizada no Berytus, [Beirute], onde foi decidido que [o general] Mucianus deve liderar as forças contra Vitélio, que Vespasiano deve mover-se para o Egito com o objetivo de ganhar o controle dos embarques de grãos em caso fosse necessário morrer de fome a Itália em rendição, e que Tito deve assumir o controle da guerra Judaica (Tácito, As Histórias 2,82).

"...e formará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo" - "Durante os meses restantes de 69 dC, Vespasiano e Tito passou dois a três meses na Síria e na Palestina organizar assuntos a sua satisfação. Parece que a Tito foi dado o controle total de ambas, Judeia e Síria [naquela época]. . . Até o final de 69 dC, Vespasiano e Tito foram em Alexandria [Egito], planejando um bloqueio a Roma e uma invasão da África por terra e mar para ganhar controle completo da oferta de grãos (Tácito, As Histórias 3,48)".

Mais detalhes sobre a guerra judaico-romana

O leitor observará que, dos versículos 25 a 28, o homem vestido de linho diz ao profeta Daniel, em síntese, a mesma cena, porém com outros detalhes, da guerra entre os romanos e os judeus encontrada nos versos 9-17, e os judeus não puderam resistir, em virtude da traição e luta interna entre as facções. As facções em guerra dentro da nação judaica se desenvolveram em três grandes divisões opostas, uma situação triangular de guerra civil. Jerusalém tornou-se uma cidade sangrenta, essas facções em guerra derrubaram a nação. Esses três principais grupos de guerra foram liderados por João Gischala, um partidário galileu e líder zelote, Simão Gioras, o líder do partido sacerdotal e um grupo variado.

Daniel 11:25 E suscitará a sua força e a sua coragem contra o rei do sul com um grande exército; e o rei do sul se envolverá na guerra com um grande e mui poderoso exército; mas não subsistirá, porque maquinarão projetos contra ele.

Sobre esses eventos Josefo descreve:

Os judeus dão um ataque tão violento sobre um corpo de guarda dos romanos, que estes não teriam podido sustentar-lhes o ímpeto, sem o auxílio que receberam de Tito.
"No dia seguinte, os judeus retomaram coragem e novas forças, pelo descanso. À segunda hora do dia, organizaram um ataque, saindo pela porta do Templo, do lado oriente, para atacar o corpo de guarda dos inimigos, que esta¬vam mais avançados. Os romanos receberam-nos com energia e opuseram-lhes como um muro, aquela forma de tartaruga, que faziam com seus escudos, uni¬dos uns aos outros, quando se cobriam com eles. Não teriam podido, entretanto, resistir por muito tempo àquele grande número de inimigos, animados por tanta violência, se Tito, que assistia a esse combate da torre Antônia, não tivesse vindo em seu auxílio com um corpo de sua melhor cavalaria. Ele atacou os ju¬deus tão repentinamente que matou os primeiros e quase todos os outros fugi¬ram. Voltaram, porém, logo em seguida ao combate e fizeram os romanos recu¬ar, por sua vez, mas estes novamente os repeliram e de novo foram ainda rechaçados. Isso continuou, desse modo, por um certo tempo, nesse vai-e-vem, com vantagens e

desvantagens de ambos os lados, até que pelas cinco horas do dia, os judeus foram por fim obrigados a se encerrar no Templo." (Guerras, Livro 6, Cap. 25).

"Porque maquinarão projetos contra ele" - O rei do sul apesar de seu exército muito grande e poderoso, não deve permanecer em batalha, porque o seu próprio povo se levanta contra ele. O alvo de não é o inimigo, o rei do norte, com seu exército, mas, de acordo com Dn 11:26, seus companheiros de mesa.

Conflitos internos no reino do Sul

Daniel 11:26 "E os que comerem os seus alimentos o destruirão; e o exército dele será arrasado, e cairão muitos mortos".

"E os que comerem os seus alimentos o destruirão". Aqui é mais definitivamente afirmado por que ele não pode ficar de pé. Os que comem a sua comida, isto é, seus companheiros de mesa; seu próprio povo deve quebrá-lo, ou seja, lançá-lo ao chão. Seu exército, portanto, transbordará, mas não executará nada, somente muitos cairão mortos. O primeiro membro do versículo aponta para os conflitos e guerras internas, em que a batalha e a guerra foi infrutífera.

"...e o exército dele será arrasado, e cairão muitos mortos" - Como vimos no versículo 15, segue o comentário:Sendo agora a cidade completamente cercada, a fome logo se tornou ainda mais aguda e as condições na cidade degeneraram ainda mais. Um grupo de combatentes rebeldes da facção de Simão fizeram planos para se render aos romanos, mas Simão descobre e os executa por mutilação, jogando seus corpos sobre a parede para os romanos. O enorme número de mortes sofridas até este ponto pode ser ilustrado pelo número de corpos que foram trazidos através de apenas um dos portões da cidade; 115.000 cadáveres em 2 meses e meio, entre 6 de abril e 22 de junho. Alguns alegaram que cerca de 600 mil cadáveres haviam sido expulsos por este tempo. Os corpos agora estavam empilhados em montões, algumas casas estavam

sendo usadas como depositários de corpos, o cheiro dos cadáveres em decomposição era terrível.

Josefo culpou repetidamente os zelotes judeus pela destruição de Israel, Jerusalém e do templo. Ele também repetidamente culpou os zelotes pelo fogo que consumiu o templo.

No início de 68 dC, Jesus, um dos ex-sumos sacerdotes, fez essa descrição dos zelotes judeus em seu discurso aos idumeus que haviam sido convidados pelos zelotes para guerrear em Jerusalém:

"Você pode, por favor, entrar na cidade, embora não em meio a guerras, e ter uma visão das marcas que ainda restam do que eu digo agora, e ver as casas que foram despovoadas por suas mãos vorazes, com aquelas esposas e famílias que estão de preto, luto por suas relações abatidas; como também você pode ouvir seus gemidos e lamentações por toda a cidade; pois não há ninguém senão provado das incursões destes infelizes profanos, que procederam a esse grau de loucura, como não apenas para ter transferido seus roubos descarados para fora do país, e as cidades remotas, para esta cidade, o próprio rosto e cabeça de toda a nação, mas também da cidade para o templo; pois agora é feito seu receptáculo e refúgio, e a fonte de onde são feitos seus preparativos contra nós.E este lugar , que é adorado pelo mundo habitável, e honrado por aqueles que só o conhecem por relatórios, até os confins da terra, é pisado por estas feras que nascem entre nós "(Guerras 4.4.3).

Josefo descreveu Simon Bar Giora, um líder fanático, desta maneira:

"Esse sucesso de Simon excitou os zelotes de novo; e, embora tivessem medo de combatê-lo abertamente em uma batalha justa, ainda fizeram emboscadas nos passes e se apoderaram de sua esposa, com um número considerável de seus assistentes; depois voltaram para a cidade regozijando-se, como se tivessem tomado cativo o próprio Simão, e estivessem na expectativa de que ele largasse as armas e fizesse súplicas a eles por sua esposa; mas, em vez de se entregar a qualquer afeto misericordioso, ficou muito zangado com eles por tomar sua amada

esposa; então ele chegou ao muro de Jerusalém e, como animais selvagens quando eles estão feridose não pode ultrapassar aqueles que os feriram, ele desabafou o baço sobre todas as pessoas que encontrou. Assim, ele pegou todos aqueles que saíram dos portões da cidade, seja para coletar ervas ou gravetos, que estavam desarmados e em anos; ele então os atormentou e os destruiu, da imensa ira em que estava, e estava quase pronto para provar a própria carne de seus corpos mortos " (Guerras 4.9.8).

Mais tarde ele deu esta descrição das guerras civis em Jerusalém:

"Portanto, quando Tito marchou sobre aquele deserto que fica entre o Egito e a Síria, do modo anteriormente mencionado, ele chegou a Cesaréia, tendo resolvido ordenar suas forças naquele lugar, antes de iniciar a guerra. Não, de fato, enquanto ele estava ajudando seu pai em Alexandria, ao estabelecer aquele governo que havia sido conferido a eles por Deus, aconteceu que a sedição em Jerusalém foi revivida e dividida em três facções.e que uma facção lutou contra a outra; qual partição em tais casos malignos pode ser considerada uma coisa boa, e o efeito da justiça Divina. Quanto ao ataque que os fanáticos fizeram ao povo, e que eu considero o começo da destruição da cidade, já foi explicado de maneira precisa; como também de onde surgiu, e quão grande dano foi aumentado. Mas para a presente sedição, não se deve confundir se ele a chamar de sedição gerada por outra sedição, e ser como uma fera louca , que, por falta de alimento do exterior, caiu agora ao comer sua própria carne "(Guerras 5.1.1).

O conflito sobrenatural entre Roma e Israel

Daniel 11:27 Também estes dois reis terão o coração atento para fazerem o mal, e a uma mesma mesa falarão a mentira; mas isso não prosperará, porque ainda verá o fim no tempo determinado.

"...estes dois reis" - Aqui então é descrito como os dois reis apesar da aliança de paz buscam destruir um ao outro. Os dois reis são, é claro, os dois reis do norte e do sul anteriormente mencionados.

"...terão o coração atento para fazerem o mal" - Hitzig traduz: "seu coração pertence à iniquidade; Sabemos pela história como os romanos e os judeus, perseguiram os Cristãos, podemos ver na Bíblia e também por Eusébio de Cesaréia, que descreve como os Judeus sempre atentavam em fazer o mal, principalmente contra os Cristãos.

"Depois da ascensão de nosso Salvador, os judeus acrescentaram ao crime cometido contra ele a invenção de inúmeras ameaças contra seus apóstolos: Estevão foi o primeiro que eliminaram, apedrejando-o; depois dele, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, a quem decapitaram; e depois de todos, Tiago, o que depois da ascensão de nosso Salvador foi o primeiro designado para o trono episcopal de Jerusalém e morreu da forma que já descrevemos. E os demais apóstolos sofreram milhares de ameaças de morte e foram expulsos da terra da Judéia. Porém, com o poder de Cristo, que havia-lhes dito: Ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome, dirigiram seus passos para todas as nações para ensinar a mensagem." (História Eclesiástica Livro 3)

"...mas isso não prosperará, porque ainda verá o fim no tempo determinado" - Eusébio continua:

"E não apenas eles. Também o povo da igreja de Jerusalém, por seguir um oráculo enviado por revelação aos notáveis do lugar, receberam a ordem de mudar de cidade antes da guerra e habitar certa cidade da Peréia chamada Pella. Tendo os que creram em Cristo emigrado até lá desde Jerusalém, a partir deste momento, como se todos os homens santos tivessem abandonado por completo a própria metrópole real dos judeus e toda a região da Judeia, a justiça divina alcançou os judeus pelas iniqüidades que cometeram contra Cristo e seus apóstolos, e apagou dentre os homens toda aquela geração de ímpios.

Quem pois quiser saber com exatidão os males que então caíram sobre a nação em todo lugar, e como especialmente os habitantes da Judeia viram-se empurrados ao fundo das calamidades, quantos milhares de jovens, de mulheres e de crianças morreram pela espada, pela fome, e inúmeras outras formas de morte, e quantas e quais cidades da Judeia foram sitiadas, e também quantos horrores e pior do que horrores atingiram os que se refugiaram na mesma Jerusalém, por ser um metrópole muito fortificada, assim como a índole de toda a guerra, os acontecimentos que nela se sucederam e como, finalmente, a abominação da desolação anunciada pelos profetas se instalou no próprio templo de Deus, tão célebre antigamente, que sofreu todo tipo de destruição e, por último, foi aniquilado pelo fogo: tudo isso encontrará na narrativa escrita por Josefo.
Mas é necessário assinalar que este mesmo autor refere que o número dos que se concentraram nos dias da festa da Páscoa, vindos de toda a Judeia para Jerusalém, como num cárcere, para usar suas palavras, era de uns três milhões.

Era necessário pois, que nos dias em que causaram a paixão do Salvador e benfeitor de todos e Cristo de Deus, nestes mesmos, encerrados como num cárcere, recebessem a ruína que os alcançava da justiça de Deus.

Mas passando por alto o que lhes sobreveio e o que lhes foi feito pela espada e de outras maneiras, acho necessário apresentar apenas as calamidades causadas pela fome, para que os que leiam este escrito possam saber em parte como não tardou muito para que os alcançasse o castigo divino por seu crime contra o Cristo de Deus." (História Eclesiástica Livro 3)

No Apocalipse de João capítulo 13, a besta do mar (Roma) e a besta da terra (Israel) mais tarde chamado de "o falso profeta", trabalhando em estreita colaboração com e em nome do primeiro animal, e até mesmo realizando sinais e maravilhas. Apocalipse 16:13-14 descreve o dragão, a besta e o falso profeta trabalhando juntos para reunir uma massa de pessoas para uma grande batalha. Em Apocalipse 17:16 foi dito a João

que os dez chifres da besta (roma) deixariam a prostituta (Israel) desolada, comeria sua carne e a queimaria com fogo.

Todas essas imagens revelam não apenas os conflitos de guerra que puderam ser registrados pelos historiadores, mas revelam ações de governantes demoníacos que agiram através dos romanos e dos judeus no tempo do fim.

O tempo do fim é sobre o fim da era judaica, ou dispensação. É o mesmo tempo do fim que veremos em Dn 11:35, 40, que é também o tempo em que a conduta dos reis anteriormente descritos, em seu levantar e em sua hostilidade contra o povo de Deus, chega ao fim Dn 11:45; e com a derrubada desses inimigos, o período de opressão também chega ao fim. Este fim vem somente no tempo em que Deus determinou para a purificação de Seu povo (Dn. 11:35). Até que os reis do norte e do sul persigam seus objetivos; por tanto tempo eles devem lutar pela posse do reino sem ter sucesso em seus planos. A linguagem não se refere a nenhum tempo definido, mas ao tempo determinado por Deus para a consumação de Seu reino.

Tito volta do Egito para atacar Jerusalém

Daniel 11:28 Então tornará para a sua terra com muitos bens, e o seu coração será contra a santa aliança; e fará o que lhe aprouver, e tornará para a sua terra.

"Então tornará para a sua terra com muitos bens" - Como já tivemos oportunidade de comentar, Vespasiano e Tito invadiram a Judeia no início de 67 dC, por ordem de Nero. Quando Nero morreu em 68 dC, a campanha Flaviana contra os judeus foi colocada em espera e o império foi convulsionado por guerras civis internas. Em 69 dC, Vespasiano e Tito foram para o Egito para proteger suas “coisas preciosas” (Dn. 11:43) para ajudar a financiar sua aquisição do Império Romano. Vespasiano tornou-se o único imperador de Roma em Dezembro de 69 (o ano de quatro imperadores). No início da primavera de 70 dC, Tito invadiu a Terra Santa uma segunda vez (seu pai se preparou para ir a

Roma) para terminar a sua aniquilação da nação judaica (Dn. 11:43-45). É interessante notar que a invasão da Judeia do Egito Tito foi a sua segunda vinda.

"e o seu coração será contra a santa aliança" - O sucesso é obtido pelo astuto rei do norte em sua guerra contra o rei do sul (Dn 11:25). Ele aumenta seus esforços após o aumento de seus domínios. Retornando do Egito com grandes riquezas, isto é, com rico despojo, ele eleva seu coração contra o a santa aliança. Este novo empreendimento é colocado no ponto de vista de um decreto divino, para denotar que ele vai trazer sua própria destruição. Significa a instituição divina da Antiga Aliança, a Teocracia Judaica. Os judeus são apenas membros desta aliança, (cf. Dn 11:30). A santa aliança é nomeada em vez do povo da aliança para representar seu ataque contra o reino de Deus, que foi fundado em Israel. E fará, executará aquele que seu coração pensa, ou o que ele tem em mente contra o santo pacto. O cumprimento histórico é narrado em Daniel 7; (confira o comentário sobre as ações do chifre pequeno em Daniel 7)

O segundo ataque de Tito a Jerusalém

Daniel 11:29 No tempo determinado tornará a vir em direção do sul; mas não será na última vez como foi na primeira.

Como vimos acima, Tito retornaria do Egito para invadir Jerusalém, esta seria a sua segunda vinda para atacar os Judeus. Os eventos desse verso aparecem no verso 10: "...voltando levará a guerra até a sua fortaleza [do rei do sul]", e também no verso 13: "Porque o rei do norte tornará, e porá em campo uma multidão maior do que a primeira, e ao fim dos tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e com muitas riquezas."

"No tempo determinado..." - Isto é no tempo determinado do fim, ou no fim dos tempos.

"...tornará a vir em direção do sul" - Como vimos também no verso 16: "O que, pois, há de vir [Tito César] contra ele [o rei do sul] fará segundo a sua vontade, e ninguém poderá resistir diante dele; e estará na terra gloriosa, e por sua mão haverá destruição.

"...mas não será na última vez como foi na primeira" - Conforme o verso 10, Até o dia 6 de abril de 70 dC, os exércitos romanos, sob comando de Tito, haveriam de retornar em pleno vigor contra Jerusalém para sitiá-lo e terminar o que havia começado em 66 dC. Neste segundo ataque, Jerusalém, o Templo e os Judeus seriam totalmente destruídos pela mão do chifre pequeno.

Daniel 11:30 Porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; e voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; voltará e atenderá aos que tiverem abandonado a santa aliança.

"Porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza" - Esse verso está em paralelo a Daniel 11:44 que, enquanto está no Egito o homem vil, o rei do norte, ouve "notícias do leste e do norte" vindo pelos navios de quitim que o incomoda. Isso acontece pouco antes dele sair para o ataque final contra Jerusalém (v. 45). Vespasiano e Tito foram para Alexandria, no Egito, no final de 69 dC ou início de 70 dC; Em dezembro de 69 dC, as tropas Flavianas encabeçadas pelo general Mucianus chegou a Roma; neste momento Vitélio, o último dos três governantes que deveria ser removido antes do ataque final do pequeno chifre (Dn. 7:7-8), foi morto. Isso trouxe as guerras civis romanas de 68-69 dC ao fim. Assim como a luta sobre quem iria governar o Império Romano estava chegando ao fim (com Vespasiano o vencedor), uma revolta eclodiu na parte norte do império, na área da Alemanha. Com as forças Flavianas tendo prevalecido em Roma, tudo estava sob controle. As únicas áreas problemáticas foram a revolta judaica no leste e a revolta alemã no norte (Dn. 11:44).

Assim, a Notícia do norte que perturbou Tito enquanto se preparava para invadir a Terra Santa do Egito tinha a ver com a revolta Germano-

gaulês. A notícia preocupante do leste teria sido as fortificações e reforços que os judeus haviam realizado em Jerusalém.

Com uma situação preocupante no leste e outra no norte, Tito partiu do Egito para destruir a nação judaica. Este foi o "e voltará, e se indignará contra a santa aliança" também descrito como: “com grande furor, para destruir e extirpar a muitos” (v. 44) em seu caminho para atacar o Templo sobre “o glorioso monte santo” em Jerusalém (v. 45).

"...e voltará, e se indignará contra a santa aliança" - Tendo em mente a blasfêmias extraordinárias que o rei do norte (cf. Daniel 11:36, “ele vos exaltará e se engrandecerá sobre todo deus”), considere novamente a descrição das ações de Tito quando ele destruiu o templo.

Sulpício Severo registra o desejo de Tito durante a Guerra Judaica de pôr fim à Religião dos Cristãos e dos Judeus.

A guerra de Tito contra a santa aliança é mostrada por seu desejo de destruir as religiões cristãs e judaicas. Tito pretendia realizar isto destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e cristãos : Pois, embora essas religiões são conflituosas, eles ainda desenvolveram a partir das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: Com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpício Severo diz o seguinte em Crônica 2: 30.7).

"...voltará e atenderá aos que tiverem abandonado a santa aliança" - Os judeus que se entregassem seriam poupados, conforme registra Josefo:

"Josefo acrescentou que a prudência obriga a mudar de opinião, antes de se ter chegado aos últimos extremos. Que os romanos esqueceriam todo o passado, contanto que eles não continuassem em sua obstinação, porque eles eram moderados na vitória e preferiam o que lhes era útil à

vã satisfação de seguir o movimento de sua cólera. E que assim como eles julgavam que não lhes era interessante encontrar uma cidade sem habitantes, uma província deserta, aquele grande príncipe, destinado para a sucessão do império, estava pronto a lhes conceder a paz; se não a aceitassem, ele não perdoaria a um só, porque não podiam recusá-la sem se tornar indignos de todo perdão. Que depois de dois dos seus muros terem sido derrubados, eles não podiam duvidar de que o tercei¬ro seria bem depressa também reduzido às mesmas condições e que ainda que sua cidade fosse inexpugnável, eles não poderiam duvidar, como acabava de dizer, que a fome não a reduzisse à obediência dos romanos." (Guerras, Livro 5, Cap. 26)

O sacrifício contínuo e a abominação da desolação

Daniel 11:31 E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora.

Neste verso temos encontramos eventos que são descritos em outros capítulos, realizado pela pessoa de Tito César, vejamos:

Daniel 8:11,12
E [o chifre pequeno] se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.
E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou.

Daniel 9:26,27
... e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações.
... e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

O “contínuo” é geralmente entendido como a “oferta contínua (s)” do arranjo diariamente no Templo em Judá (durante todo o Livro dos Números esta palavra é usada). O santuário é destruído, e os arranjos diários de dentro são levados como despojo. Isto veio a ser cumprido a risca em 70 dC, quando o príncipe que há de vir, o chifre pequeno, o rei do norte, Tito destruiu o templo em Jerusalém fazendo com que os sacrifícios cessassem de uma vez por todas.

Um exército foi dado contra o sacrifício contínuo - Aqui temos a descrição de um exército que é dado contra o sacrifício, como mencionado acima, o sacrifício cessou quando o templo e a cidade foram destruídos. Jesus anunciou a chegada desse exército como sendo a abominação da desolação (cf Mt 24:15, Lc 21:20).

Muitos comentaristas são unanimes em interpretar Daniel 11 nos eventos históricos que levam a ascensão e queda de Antíoco Epifânio; Mas, de acordo com o que falou nosso Senhor em Mt 24.15 e Mc 13.14, o versículos 31 não se consolida na vida de Antíoco Epifânio, que, de fato, profanou o santuário, mas não chegou a destruir o templo; cremos que esta profanação, feita por esse monarca seleuco, não foi a abominação da desolação do qual deveria vir nos dias da Grande Tribulação (2 Ts 2.4).

A abominação da desolação em Daniel é encontrado em Daniel 9:27; refere-se à chegada de Tito e os romanos em 67 dC: “...E sobre a asa das abominações virá o assolador. Até à consumação, o que é determinado, é derramado sobre o assolador.”

Sob a liderança do príncipe Tito, o exército romano destruiu Jerusalém e seu Templo em 70 dC em explicação explícita de Daniel 9:26: "O povo do governante que virá destruirá a cidade e o santuário". Depois que Tito destruiu o Templo em 70 dC, nunca foi reconstruído e, como resultado, os judeus nunca mais realizaram as oferendas de sacrifício ao Senhor.

A vinda daquele que faz desolada resultaria na destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26). Esta época do quebra da nação judaica é o tempo que Daniel 12 está mostrando (v. 7). Esta abominação da desolação

envolveria a chegada do príncipe para vir (Dn. 9:26) e marcaria o início da última metade da septuagésima semana de Daniel (cf. Dn. 7:25). Este é sinônimo com a vinda do rei do Norte e seu ataque contra Jerusalém (Dn. 11: 40-45).

O remanescente de Israel e os apóstatas

Daniel 11:32 E aos violadores da aliança ele com lisonjas perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e fará proezas.

A holy bible from the ancient eastern texts: aramaic of the peshita traduz da seguinte forma:

"E aqueles que agirem perversamente contra a aliança, ele condenará; Mas as pessoas que conhecem o seu Deus devem ser fortes."

"E aqueles que agirem perversamente contra a aliança" - Esses são os judeus apóstatas. Significando aqueles que tinham o nome de judeus, mas na verdade não eram fieis.

"ele condenará" - Eles seriam julgados pela sua apostasia por meio de Tito e seus exércitos.

"Mas as pessoas que conhecem o seu Deus devem ser fortes" - Nos dias de grande tribulação, sem dúvida, este “povo” conhecedor do Deus do Céu, foi o remanescente judeu que abraçou o evangelho. O remanescente judeu aparece no apocalipse como os 144.000 pertencentes às doze tribos de Israel (Apocalipse caps. 7 e 14).

Daniel 11:33 E os entendidos entre o povo ensinarão a muitos; todavia cairão pela espada, e pelo fogo, e pelo cativeiro, e pelo roubo, por muitos dias.

"E os que entendidos entre o povo" - Os apóstolos e cristãos primitivos em geral, que entendiam pelos profetas que Jesus era o verdadeiro Messias.

"...ensinarão a muitos" - Pregariam o Evangelho em todos os lugares, e converteriam multidões para a fé.

"todavia cairão pela espada, e pelo fogo..." - A espada, fogo, cativeiro e roubo são um sumário dos sofrimentos dos homens e mulheres fiéis do 1 século. O próprio Filho de Deus, antes de sua partida para estar com o Pai, os advertiu: “Então vos hão de entregar para serdes atormenta¬dos, e matar-vos-ão, e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome” (Mt 24.9). Como podemos ver por todo livro de Atos essa profecia se cumpre fielmente.

Daniel 11:34 E, caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas.

"...serão ajudados com pequeno socorro' - Neste tempo de perseguição, a nação vai receber uma pequena ajuda, Ap 12.2-6,13-17; Naque¬les dias também haverá fiéis, que desafiarão o poder hostil da Besta, mesmo que isso lhes custe a própria vida. (Ver Ap 6.9-10). O autor sagrado, Daniel, enquanto registrava estas palavras do mensageiro celeste, observava que a per¬seguição, tem o seu próprio propósito, dentro do plano de Deus, de purificação, e refinação do seu povo, mas, no de¬vido tempo, que Ele para si designou, dará fim a toda e qualquer prova ou perseguição contra o seu povo.

"...mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas" - O resto do texto provavelmente tem em vista a muitos que iria juntar-se à rebelião dos judeus.

Daniel 11:35 E alguns dos entendidos cairão, para serem provados, purificados, e embranquecidos, até ao fim do tempo, porque será ainda para o tempo determinado.

“... alguns dos entendidos cairão, para serem provados, purificados, e embranquecidos” - O mensageiro de Deus (o homem vestido de linho) descreve um tempo de prova quando inclusive os crentes podem

tropeçar. O texto em foco é um complemento do versículo 33, e nos faz lembrar o que Paulo escreveu em Rm 8.28: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem da¬queles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo seu propósito”. E evidente, que, qualquer correção de Deus, momentaneamente, parece desagradável para aquele que está sendo corrigido, mas “depois” produzirá um “peso de glória” (Hb 12.11). (conf. Rm 5:3-5; 1 Pedro 1:6-7).

"...até ao fim do tempo" - Isto é, o tempo do fim, ou o fim da era.

O carácter do rei do norte

Daniel 11:36 E este rei fará conforme a sua vontade, e levantar-se-á, e engrandecer-se-á sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas espantosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito.

"...engrandecer-se-á sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas espantosas, e será próspero" - Observe o seguinte sobre as palavras blasfemas da besta em Apocalipse 13:5 e como esta passagem é uma referência direta ao pequeno chifre de Daniel 7. O chifre pequeno [Tito César] tinha a boca "falando grandes coisas" e falava "palavras contra o Altíssimo".

. . .e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
Daniel 7:8

. . . daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros.
Daniel 7:20

E proferirá palavras contra o Altíssimo...
Daniel 7:25

E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses.
E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.
Apocalipse 13:5,6

A igreja tem feito historicamente uma conexão entre o rei do norte de Daniel 11:36-45 e a besta do Apocalipse:

Daniel anteriormente descreve esta pessoa (caps. 7, 8 e 9) e espera que o leitor a reconheça sem uma introdução. Ele não é outro senão o "chifre pequeno" de Dn. 7 e 8 e "o governante que virá" de Dn. 9:26. Ele é conhecido no Novo Testamento como o "homem da iniquidade" (2 Ts 2:3-12), e a "besta" (Ap. 11:20). Interpretar esta passagem para predizer o "Anticristo" tem sido um ponto de vista amplamente aceito desde os tempos antigos (por exemplo, Crisóstomo, Jerome, Teodoreto), e Young, com razão, chama isso de "a interpretação tradicional na igreja cristã."

Ele falará Blasfêmias

Tendo em mente a blasfêmias extraordinárias que o rei do norte falaria, considere novamente a descrição das ações de Tito quando ele destruiu o templo. Como mencionei anteriormente, a história abaixo contém lenda; Mesmo assim, acredito que contém pelo menos um núcleo de verdade em termos de atitude pomposa e blasfemo Tito contra Deus, quando ele destruiu o Templo.

Vespasiano enviou Tito que zombaram, onde estão os seus deuses, a rocha em que se procurou refúgio? (Dt. 32:37). Este foi o Tito ímpios que blasfemou e insultado Céu. O que ele fez? Ele entrou no Santo dos Santos e com a sua espada cortou a cortina. Através de um sangue milagre jorrou adiante e ele pensou que tinha matado o próprio Deus. Ele trouxe duas prostitutas e, espalhando-se um rolo de papel abaixo deles, transgrediu com eles em cima do altar. Ele começou a falar blasfêmias e insultos contra o Céu, ostentando "Aquele que guerras contra um rei em um deserto e derrota não pode ser comparado a alguém que guerras

contra um rei em seu próprio palácio e vence-lo." (Judah Nadich, The Legends of the Rabbis, vol. 1: Jewish Legends of the Second Commonwealth (Northvale, NJ: Jason Aronson, Inc. 1994), 350.)

Estou impressionado pela forma como Tito é retratado aqui blafemando contra o Deus de Israel (falando "blasfêmias contra o Deus dos deuses," Dn. 11:36) e exaltando-se. Tito não estava simplesmente dizendo seu deus tinha derrotado o Deus de Israel; ele estava dizendo que ele, pessoalmente, tinha derrotado o Todo-Poderoso. Um mero homem alegando que ele havia derrotado Deus (exaltando-se acima de tudo que se chama Deus, v. 37) é uma blasfêmia verdadeiramente espantoso.

O comentador judeu medieval Rashi (1040-1105), conhecido pelos judeus como "o pai de comentadores," viu o rei do norte aqui como o Império Romano personificado mas observou que os antigos rabinos viu Daniel 11:36 como sendo cumprida em Vespasiano e Tito.(J. E. H.Thomson, The Pulpit Commentary, vol. 13, Daniel Hosea & Joel, eds. H.D. M. Spence and Joseph S. Exell (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), 820.) Calvino também observou como alguns comentaristas judeus viram Daniel 11:36 como sendo cumprida em Tito e Vespasiano.

"Os judeus, por exemplo, não estão de acordo entre si [em Dn. 11:36], e sua diferença de opinião só serve para produzir e perpetuar as trevas, ao invés de difundir a clareza da luz. Alguns explicam que é uma referência a Antíoco... alguns dos rabinos explicam como uma referência os romanos, mas sem julgamento, pois primeiro aplicam a passagem a Vespasiano e Tito, seu filho, e, em seguida, estendem para os tempos atuais [século XVI], que é totalmente sem razão".

Deveria-se notar que, quando Antíoco IV capturou o Templo do século II aC, ele montou um altar (e, possivelmente, uma estátua) para a adoração de Zeus. Em contraste, quando Tito capturou o Templo, foi ele que era adorado, e não um deus. No ano 70 dC as tropas romanas estabelecer seus padrões e se sacrificaram para eles como eles adoraram Tito como Senhor. Essas ações de Tito estão de acordo com a descrição do rei do norte e do homem da iniquidade como aquele que se exalta

acima de todos os deuses (Dn. 11:36-37; 2 Tessalonicenses 2:4). Pode-se apreciar como Tito realmente "falou contra o Altíssimo" com "uma boca que falou jactanciosamente" como previsto em Daniel 7 e Apocalipse 13.

"e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito" - O texto em questão diz que o rei do Norte seria "próspero, até que a ira se complete; Para o que foi determinado será feito; O comentarista judeu Judah Slotki observa o seguinte sobre isso: "a indignação ou 'a ira'; ou seja, ele vai ter sucesso até que a ira de Deus contra Israel acabe (Rashi, Metsudath David). Determinado e ordenado por Deus deve ser feito. Ele deve seguir seu curso até o fim.

Daniel 11:36 está dizendo que Deus iria permitir que o rei do norte propere, usando-o como um agente da sua ira contra o povo judeu até o fim (cf. Dan. 12:7). Daniel 9:26-27 fala deste ira de Deus, que havia sido determinada; que era para ser consumado na desolação do Templo e de Jerusalém.

. . . E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O fim dela será com uma inundação. E até o fim das desolações de guerra são determinados.
Daniel 9:26

Daniel 9:27 reafirma o mesmo assunto (a vinda do principe trazendo desolação em Israel) de uma forma ligeiramente diferente:

. . . E sobre a asa das abominações virá o assolador. Até a destruição que é determinado, é derramada sobre o desolado.
Daniel 9:27

Aquele que destruiu a cidade (de Jerusalém) e o Templo era, naturalmente, Tito; ele foi o príncipe que viria, e foi o agente de um governante demoníaco que trabalhou através dele na tomada de Israel deixando-a desolada. Tito e os romanos foram as ferramentas que Deus

usou para derramar a consumação de sua ira sobre Israel (cf. Mt 23:29-36).

Isso é mostrado em Mateus 22:1-10 em uma parábola, onde um rei enfurecido aberturas de sua ira sobre aqueles que rejeitaram o convite para o casamento de seu filho. Depois de enviar suas tropas para queimar a cidade dessas pessoas, o casamento do filho vai para a frente com um povo diferente (cf. Mt 21:33-45; Mateus 8:10-12).

A mesma sequência é mostrado no Apocalipse: a ira de Deus é consumada com a destruição da prostituta Babilônia (Ap 16:17-21), a "grande cidade" (Ap. 18:21) onde Jesus foi crucificado (Ap 11:8). A cidade prostituta é queimada (Ap. 18:8; cf. Ez 16:1-43) pela besta em Apocalipse 17-18 e depois (como na parábola do banquete de casamento acima) um casamento acontece quando Jesus se casa com sua noiva em Apocalipse 19 (vv. 1-7).

Mais uma vez, o rei do norte prosperaria até que isso ira determinado por Deus sobre os judeus foi realizado. O período de tempo que o rei do norte iria prevalecer é dado em Daniel 7:25 como "um tempo, tempos e metade de um tempo" (três anos e meio, cf. Ap 13:5); este período de tempo resultaria na quebra da nação judaica em 70 dC (Dn. 12:7). Como já foi mencionado, a campanha de destruição contra os judeus de Tito durou anos exatamente três anos e meio (c. de Março 67 dC a agosto 70 dC) e resultou na destruição da nação judaica. Daniel 11:36 está dizendo, portanto, que Deus iria permitir que este rei do Norte prospere como um agente da sua ira até que sua ira fosse totalmente derramado sobre seus apóstata povo da aliança.

Ele não terá o respeito pelas mulheres

Daniel 11:37 E não terá respeito ao Deus de seus pais, nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a deus algum, porque sobre tudo se engrandecerá.

"E não terá respeito ao Deus de seus pais" - Daniel 11:37 diz que o rei não teria em conta a “Deus de seus pais”, mas iria exaltar-se acima de tudo. A frase “Deus de seus pais” é melhor traduzida como “deuses de seus pais”, como a New American Standard Version traduz, ou “deuses de seus antepassados”, como a Nova Versão Revisada traduz. A palavra elohim hebraico pode ser devidamente traduzido como “Deus” ou “deuses”. A tradução “Deus de seus pais” implica que o rei do norte seria judeu (ou seja, que seus pais adoraram o Deus verdadeiro), enquanto que a tradução “deuses de seus pais” implica que ele seria um gentio.

Não há indicação neste capítulo que este rei era judeu. Olhando para o restante da Escritura, o chifre pequeno é mostrado como saindo do quarto império (Roma) em Daniel 7:8. Daniel 9 o descreve como o príncipe do povo que destruiria Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26), que mais uma vez se refere aos Romanos. Apocalipse 13:1 também mostra que a besta é um gentio, pois ele sai do mar (simbolo das nações dos gentios, cf. Is. 60:5). Esta besta do mar é diferenciada da besta da Terra (que sai da terra de Israel, Ap. 13:11). Assim, a ideia de que o "Anticristo" (ensinado por futuristas) seria judeu é sem apoio.

"...nem terá respeito ao amor [ou desejo] das mulheres, nem a deus algum" - O que se entende sobre “o desejo das mulheres” (Dn. 11:37) é incerto. Aqueles que se relacionam esta seção para Antíoco IV dizem que tem referência a ter nenhuma consideração para o deus Tamuz (cf. Ez. 8:14 e J. Collins, A Commentary on the Book of Daniel, 387.). Outros dizem que significa que o Anticristo não teria um desejo natural para as mulheres. Outros dizem que o Messias (o desejo de toda mãe judia) se quer dizer aqui. Alguns estudiosos conservadores reconheceram que "o desejo das mulheres" poderia refletir as expectativas messiânicas dos judeus. Por exemplo, o dispensacionalista John Walvoord afirmou que "apesar de Daniel não ser específico, uma explicação plausível desta passagem, à luz do passado judaico de Daniel, é que essa expressão, o desejo das mulheres, é o desejo natural das mulheres judaicas de tornar-se a mãe do Messias prometido ". Stephen Miller, autor de um comentário sobre Daniel, cita com aprovação a ideia comentada há

muitos anos por Philip Mauro que esta passagem" aludiu a Cristo porque as mulheres judias desejavam ser a mãe do Messias."

No entanto não faria sentido neste contexto para falar sobre um Anticristo não tendo expectativas messiânicas. Ferguson diz que o "não teria nenhuma consideração para o desejo das mulheres" poderiam ser tomado em sentido estrito como não tendo em conta as mulheres em sua vida ou em um sentido mais amplo como tendo nenhuma consideração para virtudes femininas. (Sinclair Ferguson, Daniel, 237.)

Olhando para Tito, podemos ver como ele ignorou o desejo da mulher mais importante na sua vida quando ele destruiu o Templo. Quando Tito chegou à Palestina em 67 dC, ele conheceu e se apaixonou com a rainha judia Berenice (irmã do rei Agripa II, cf. Atos 25:23), que se tornou sua amante. Bernice, sendo judia, estava muito preocupado com a preservação da religião judaica; Tito não deixou que seu amor por ela o impedisse de destruir o Templo ou nação judaica.

Enquanto todos os elementos do verso 37 não são claros, Paulo resume apropriadamente Daniel 11:36-37 em 2 Tessalonicenses 2:3-4. Paulo declara que o o homem da iniquidade seria aquele que "se opõe e se exalta acima de tudo que se chama Deus ou se adora. . ."(V. 4). Este é um bom resumo do governante descrito em Daniel 11:36-37 e se encaixa Tito César muito bem.

"...sobre tudo se engrandecerá" - Elevando-se acima de todo deus, Tito foi adorado no Templo pouco antes de ser destruído (alguns veem aqui uma referência 1Ts 2:4)

Em 70 dC, o exército romano sitiou Jerusalém sob a liderança do Tito geral romano. No final deste cerco, os romanos queimaram o Templo. O exército romano então "trouxe suas insígnias para o templo e colocou-os contra o portão leste; E eles ofereceram sacrifícios a eles, e eles declararam Tito imperador com as maiores aclamações de alegria ". As insígnias romanas eram bandeiras militares, algumas das quais eram feitas de metal como a águia romana chamada Aquila e a imagem ou o

busto do imperador chamado Imago. Essas insígnias eram ídolos freqüentemente adorados pelos militares romanos, como ilustrado na citação acima das Guerras dos Judeus. Aqui pode-se ver como os romanos historicamente agiram sua adoração ao Imperador oferecendo sacrifícios abomináveis à sua imagem nas bandeiras dentro do Templo Sagrado durante a guerra do Israel com Roma no primeiro século.

A adoração do rei do norte

Daniel 11:38 Mas em seu lugar honrará a um deus das forças; e a um deus a quem seus pais não conheceram honrará com ouro, e com prata, e com pedras preciosas, e com coisas agradáveis.

Daniel 11:38 diz que em vez de deuses ou religião, o rei do Norte iria honrar um de "deus das fortalezas".A tradução de Young e comentários são úteis aqui :

Vs. 38 Mas o deus das fortalezas em seu lugar ele vai honrar, e do deus a quem seus pais não conheceram ele vai honrar com ouro e prata e pedras preciosas e com coisas desejadas.

O rei não mostrará nenhuma relação a qualquer deus, mas ele vai honrar o deus das fortalezas. Esta designação é difícil de entender... Se a referência for a alguma divindade conhecida então tudo o que é dito no vs. 37 sobre este rei não ter nenhuma relação a qualquer deus é anulada. Qual é então o significado? . . . Ele é um deus que é caracterizada por fortalezas ou fortalezas. Em outras palavras, ele é a personificação da guerra. (Young, Daniel, 249.)

O cumprimento da homenagem feita ao rei do norte como deus da guerra pode ser visto nas ações das tropas de Tito quando capturaram o Templo. Josefo fala de como, quando o Templo estava queimando, os romanos trouxeram seus padrões militares para o pátio do templo e ofereceu-lhes sacrifícios.

Enquanto o rebeldes fugiram para a cidade, e as chamas estavam consumindo o próprio santuário e todos os seus arredores, os romanos trouxeram seus padrões para o pátio do Templo, e erigir-los em frente ao portão oriental, eles sacrificaram para eles lá, e com aclamação trovejando saudado Tito imperador. (Josephus, The Jewish War, 6, 6, 1, trans. Gaalya Cornfeld, 429.)

Acho que é bastante interessante que em Ezequiel o portão Oriental é dito ser o lugar que o Cristo (o príncipe, Ez 34:23-24.) foi a sacrificar (Ez 46:12; cf. 44:1-4.). É, portanto, mais adequado que os sacrifícios para o rei do norte foram feitas neste local.

A historiadora romano Mary Smallwood tem os seguintes comentários sobre a descrição de Josefo do culto dos padrões romanos: "padrões militares, ambas as águias legionários e os padrões de unidades auxiliares e seções de legiões, foram objetos de reverência e mesmo de culto. Esta é uma referência literária única de sacrifício real para eles." (E. Mary Smallwood, Josephus: The Jewish War, rev. ed. (New York: Penguin Books, 1981), 453.)

Cornfeld escreve o seguinte sobre a adoração de seus padrões dos romanos: "os padrões da legião eram objetos sagrados para os gentios, equivalente à imagem de culto dos deuses, e os sacrifícios poderiam ser oferecidos a eles. É significativo que no Comentário sobre Habacuque descoberto em Qumran (Col. VI, II, 4-F.) Kittim, ou seja, os romanos, são distinguidos como sacrificar aos seus "padrões" e os seus braços. Para um judeu, tal ato era a "abominação da desolação", não inferior a profanação do Templo de Antíoco". (Gaalya Cornfeld, Josephus: The Jewish War, 429.)

Os padrões romanos tinham imagens idólatras de césar reinando sobre eles, bem como o seu nome (cf. Apocalipse 13:17). Essa foi a forma como Tito possuía o título de César (conferido a ele por seu pai em 69 dC), e dada ao seu grande ego (bem como o fato de que suas tropas estavam aclamando-o como Imperador), é quase certo que houve imagens de Tito sobre os padrões. Note-se que era praticamente

desconhecido durante esta fase do Império Romano qualquer um que não seja o imperador a receber o título de imperador (é a partir deste título que a palavra imperador é derivada). A historiadora romana Catherine Edwards escreve o seguinte sobre isto:

"Era costume vitórias conspícuas a serem marcadas dessa maneira sob a república. No entanto, sob o princípio [isto é, desde o tempo de Augusto] era quase inédito para qualquer outro que não o próprio imperador receber tal aclamação". (Catherine Edwards, Suetônio: Vidas dos Césares, trad. Catherine Edwards (Nova York: Oxford University Press, 2000), nota final, 352).

Suetônio dá um exemplo de como as legiões que apoiaram Vespasiano em sua oferta pelo Império Romano trono marcaram "todos os padrões com o seu nome." (Suetônio, Os Doze Césares, Vespasiano 6, trans. Robert Graves (Nova Iorque: Viking Penguin Inc., 1979), 283.)

É certo de que alguma forma o nome de Tito estava sobre os padrões que estavam sendo adorado; isso é porque Tito tinha o mesmo nome como seu pai, Titus Flavius Vespasianus. Os romanos adorando Tito, sacrificando aos seus padrões militares no Templo cumpriu a profecia sobre o rei do Norte a ser adorado. Com a captura do Templo, Tito foi exaltado pelo seu triunfo militar acima de tudo que se chama Deus. Foi Tito, que recebeu toda a glória e honra neste momento como ele foi objeto de louvor e adoração de seus soldados.

É interessante que Josefo tenha admitido que Tito entrou no Santo Lugar do Templo; ele não parece querer admitir que Tito entrou no Santo dos Santos (algo que escritores do Talmud disseram que ele fez). Na Guerra Judaica (6, 4, 7), Josefo fala do maravilhoso mobiliário do Santo Lugar que Tito viu. Este não era o Santo dos Santos, que não tinha mobília. Josefo disse que o Santo dos Santos era "Inacessível, inviolável e invisível para todos" (The Jewish War, 5, 5, 5, trad. Gaalya Cornfeld).

Como eu discuti anteriormente, nossa compreensão da extensão total das profanações do Templo por Tito é dificultada pela quase certeza de que

Josefo não descreveu tudo sobre o que aconteceu no Templo quando Tito o capturou. Mesmo dado a minimização de Josefo das ações de Tito, no entanto, a adoração de Tito no Templo cumpre a profecia do rei do norte exaltando-se acima de todos os deuses e sendo adorado no Templo (cf. 2 Tessalonicenses 2:4).

Tito pretendeu se tornar um governante independente?

Suetônio relata rumores que quando Tito capturou o Templo, ele planejou uma revolta contra seu pai para tornar-se um rei independente.

"Tito inspirou tanta admiração profunda nas tropas que o saudaram como Imperador e, em várias ocasiões, quando ele parecia estar a ponto de renunciar seu comando, pediu-lhe com orações e até mesmo ameaças para ficar ou para deixar todos eles ir com ele. Tal devoção apaixonada despertou a suspeita de que ele planejou uma revolta contra seu pai para tornar-se rei no Oriente". (Suetonius, The Twelve Caesars, Titus, 5, trans. Robert Graves, 294.)

Porque Tito acabou navegando de volta a seu pai em submissão (em 71 dC), Suetônio rotulou os relatórios das intenções de Tito em definir-se como um governante independente como falsos rumores.

O historiador romano Michael Grant dá os seguintes exemplos de circunstâncias que deram origem aos rumores de que Tito planejou tornar-se um governante independente:

"A captura de Jerusalém por Tito causou honras sobre ele no leste. Em Memphis, no Egito, como parte de um ritual tradicional, ele se permitiu ser coroado com um diadema. Por um curto período, também, coinages orientais emitidos em seu nome deu-lhe o prefixo de imperador, a que somente o imperador tinha direito; e seus legionários, que o admiravam muito, é dito ter hesitado inicialmente oferecer o trono a seu pai ou a si mesmo. Além disso, após o sucesso de Tito na Judeia, o senado votou um Triunfo independente para ele. Mas isso foi logo depois convertido

em um Triunfo conjunto com o seu pai. A situação começou a ficar um pouco fora de controle. Tito era vaidoso sobre a posição que ele tinha ganho, em relação a si mesmo como o fator decisivo na ascensão da dinastia ao poder". (Michael Grant, The Twelve Caesars (New York: Barnes & Noble Books, 1996), 229.)

Conceder (Provavelmente seguindo o exemplo Suetônio) não acredita que Tito não tinha qualquer intenção de se comportar deslealmente contra seu pai, apenas que sua presunção ficou fora de controle (mais uma vez, observe o conceito do rei do Norte, Dn. 11: 36-37). Dado o que está escrito sobre o rei do Norte elevando-se acima de todos os deuses (e dado que o resto da Escritura diz sobre o chifre pequeno, e o homem da iniquidade), eu acredito que é bastante possível que Tito tinha a intenção de colocar-se como um governante independente. Quando o espírito demoníaco que agia através dele foi destruído (pela parousia, em 70 dC, cf. Ap 19:11-21), ele rapidamente mudou de atitude.

Pode-se minimizar o episódio de Tito permitindo que suas tropas o declare Imperador como devido ao calor do momento. Mas a cunhagem de moedas com ele como Imperador sobre eles, no entanto, fala de planos calculados que foram muito mais grandiosos. Minha hipótese de que o governante demoníaca trabalhando através de Tito foi destruída em torno de 70 dC ajudaria a explicar a reviravolta abrupta no comportamento de Tito. Ele que tinha ações suspeitas de tentar definir-se como um governante independente, de repente, volta a Roma em submissão a seu pai. O inesperado retorno de Tito a Roma resultou em sua saudação um pouco envergonhada de seu pai (como uma criança que sabia que ele tinha feito algo muito errado) com ‘Aqui estou eu, Pai, aqui estou!’ (Suetonius, The Twelve Caesars, Titus, 5, trans. Robert Graves, 294.)

Ele agirá contra poderosas fortalezas

Daniel 11:39 Com o auxílio de um deus estranho agirá contra as poderosas fortalezas; aos que o reconhecerem multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço.

Versículo 39 diz que o rei do Norte iria "agir contra as poderosas fortalezas." Uma possível significado disso é que ele atacar e conquistar muitas posições fortificadas. Isto descreve a situação que Vespasiano e Tito enfrentou quando eles vieram para a Judeia. Porque o exército judeu não era páreo para o poder do exército romano em campo aberto, a maioria das batalhas da guerra judaica envolveu os romanos a tomar medidas contra cidades e posições judaicas fortificadas. Tito levou pessoalmente a maioria dos assaltos finais sobre estas posições. Assim, a guerra dos romanos consistia principalmente em estabelecer o cerco sobre fortalezas judaicas, e a mais bem fortificada delas sendo Jerusalém.

Outra possível interpretação do versículo 39 é que o rei do norte tomaria ação "contra o mais forte da fortalezas" se refere a ele atacar o Templo de Jerusalém. O templo é referido como uma fortaleza em Daniel 11:31 ("e contaminarão o santuário e a fortaleza"); um ataque contra o templo ("o glorioso monte santo") é mostrado no verso 45. Durante a guerra judaica, o templo foi transformado em uma fortaleza e foi a posição mais forte em Jerusalém (Josephus, The Jewish War, 4, 3, 10; Tacitus, The Histories, 5, 12.); Portanto, poderia ser referida como "a mais forte das fortalezas." É dado mais suporte a esta interpretação ofato de que quando Paulo fala sobre esse seção de Daniel ele fala sobre o homem do pecado (aquele que "se opõe e se exalta acima de tudo que se chama Deus", 2 Tessalonicenses 2:3-4.; cf. Dn. 11:36-37), ele coloca a localização no Templo.

O que fez do Templo Judeu a fortaleza mais forte aos olhos dos judeus não foi apenas sua forte defesa, mas o fato de que era a casa de Deus (cf. Sl 27: 4-5). Ninguém conseguiu colocar cerco sobre o templo de Deus, a menos que Deus permitisse; isso era impensável na mente judaica (cf. Josefo, o judeu Guerra, 6, 2, 1).

Terá ajuda de um deus estranho

Daniel 11:38-39 diz que o rei do Norte iria tomar medidas contra vários redutos na Terra Santa com a ajuda de um deus estranho a quem ele iria honrar (embora não acima de si mesmo, vs. 36-37 cf. v 41). Este deus seria uma nova divindade; ele não seria um dos deuses de seus antepassados (‘um deus que seus pais não sabiam’ v. 38). Curiosamente, havia um deus estranho que ajudou Vespasiano e Tito, durante a guerra judaico romana. Este deus era a divindade greco-egípcio Sarapis (também escrito Serapis). Sarapis foi conhecido pelos Flávios durante o momento crucial quando eles estavam em Alexandria garantindo as coisas preciosas do Egito (Dn. 11:42-43) para ajudá-los a financiar a sua aquisição do Império Romano. Isso foi no final do inverno de 69-70 dC, na época em que Vespasiano foi proclamado imperador e Tito estava se preparando para voltar a invadir a Terra Santa (vv. 44-45) para terminar a sua destruição dos judeus.

A forma como Sarapis se deu a conhecer aos Flávios é interessante. O deus disse a dois homens locais em um sonho (um dos homens era cego, o outro tinha uma das mãos atrofiada) que Vespasiano iria curá-las (Tácito, The Histories, 4, 81-82.). Vespasiano, embora hesitante em sequer tentar tal coisa (ele ser um soldado, não um milagreiro), de fato curou os homens. Este foi um choque para Vespasiano e levou-o a fazer uma visita ao templo de Sarapis para perguntar sobre o seu futuro.

Quando Vespasiano chegou no templo Sarapis' mandou todos para fora para que ele pudesse consultar ao deus. Sarapis parecia Vespasiano, na forma de um proeminente egípcio Basilide; Para garantir que isso não fosse um truque, Vespasiano enviou algumas de suas tropas para verificar o homem Basilides; Encontraram-no com problemas de saúde, a oitenta quilômetros de distância do templo de Sarapis. (Tácito, as histórias, 4, 82, trans. Kenneth Wellesley, 264).

Vespasiano chegou à conclusão de que esta manifestação de Sarapis como Basilides significava que a resposta à sua pergunta de que o futuro reservava “estava no significado do nome Basilides. O nome grego

Basilides significa "filho do rei." Eu acredito que o sinal Vespasiano recebeu de Sarapis foi que a chave para o futuro estava no filho do rei, isto é, em Tito. Este deus estranho estava indicando que Tito seria crucial nos eventos monumentais que estavam prestes a acontecer em Roma e Judeia. Aparentemente, a divindade demoníaca conhecida como Sarapis estava auxiliado Tito em sua campanha de destruição contra os judeus.

Sarapis viria em auxílio dos Flávios em seu momento crucial (quando Vespasiano estava assumindo o controle sobre o Império Romano e Tito estava pronto para terminar a sua destruição da nação judaica) se encaixa no cenário de Daniel 11:38-39. Um deus estranho, aquele que o rei intencional do Norte não tinha sido previamente familiarizado, iria ajudá-lo em sua destruição das "fortalezas mais fortes" (v. 39) dos judeus (cf. v. 45). Em resposta à assistência que Sarapis forneceu, os Flávios avançou sua glória (como v. 39 prevê) e tornou-se fundamental para elevar Sarapis a uma divindade imperial romana.

Vespasiano foi o primeiro a forjar uma ligação política e religiosamente aceitável entre o domus Augusta e as antigas divindades egípcias. As políticas religiosas Flavianas transformou Isis e Sarapis em divindades imperiais e abriu o caminho para a sua plena integração entre os outros deuses do Estado romano. (Sarolta A. Takacs, Isis and Sarapis in the Roman World, Religions in the Graeco-Roman World, eds. R. Van Den Broek, H.J. W. Drijvers, H.S. Versnel (Leiden, Netherlands: E.J. Brill, 1995), 98.)

Ele dividirá a terra por lucro

Daniel 11:39 termina dizendo o rei do Norte daria honra de quem o ajudou e que ele iria "aos que o reconhecerem multiplicará a honra, os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço". O rei do norte premiaria aqueles que o ajudou a conquistar a Terra Santa para o lucro. Esta profecia foi cumprida logo após a destruição de Jerusalém Tito. Com os judeus derrotados, Tito recompensou suas tropas leais com terras na área em torno de Emaús, e logo depois disso Vespasiano

reivindicou a terra da Judeia como a sua, dividindo a Terra Santa por lucro. Josefo registra isso como acontecendo em 71 dC.

Na mesma época, César enviou ordens a Bassus e a Labério Maximus, o procurador, para arrendar todas as terras judaicas. Pois ele não fundou cidade lá, mas reservou o país como sua própria propriedade para além de um localidade chamada Emaús trinta estádios de distência de Jerusalém, onde ele instalaram-se oitocentos veteranos dispensados do exército. (Josephus, The Jewish War, 7, 6, 6, trans. Gaalya Cornfeld, 476.)

Cornfeld faz os seguintes comentários sobre isso: “Alugue toda a terra. Dois fatos emergem: A atitude totalmente negativa do novo procurador, Laberius Maximus, aos direitos judaicos, e a quase total perda de judeus propriedade sobre a terra judaica ” A terra de Israel era assim dividido para o lucro após a vitória de Tito em 70 dC, tal como profetizado em Daniel 11:39.

Daniel 11:40-45

Daniel 11:40-45 faz mais uma recapitulação em ordem cronológica, com foco na vinda inicial do rei do Norte para a Terra Santa (v 41). A seção anterior (Dn. 11:36-39) é focada em sua realização e da ira que Deus havia determinado contra o povo judeu, cuja consumação aconteceu em 70 dC. Daniel 11:40-45 faz a recapitulação dos de três anos e meio para o início do julgamento de Deus sobre os judeus com o início da guerra judaica em 66dC. Miller resume a seqüência de Daniel 11:36-45 da seguinte maneira: “primeiro mau caráter do Anticristo está relacionada (11:36-39); em seguida, suas guerras são descritos (11:40-45)". (Miller, Daniel, 306.)

Daniel 11:40 E, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele, e o rei do norte se levantará contra ele com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas suas terras e as inundará, e passará.

Daniel 11 é uma profecia sobre o "tempo do fim". Esta frase não deve ser confundida com fim do mundo. Quando se olha para o contexto do "tempo do fim" em Daniel 11:40-12:13, é o fim da era (ou dispensação) da antiga aliança, o tempo da abominação da desolação (Dn 12:11; cf. Mt. 24:15), a grande aflição (Dn. 12:1; cf. 24:21), e ressurreição (ou restauração) da nação judaica (Dn. 12:2). Estes eventos ocorreriam em 70 dC, com a quebra da nação judaica (Dn. 12:7; cf. Mt 24:21-22). Isso não está se referindo ao fim do mundo, nem qualquer fim no século II aC; ele está se referindo ao fim da antiga aliança em 70 dC. Este foi o fim Jesus disse que aconteceria sobre a geração a qual ele pronunciou seu discurso (Mateus 24:3-34). Este foi o fim da era, ou dispensação, da antiga aliança que Paulo disse que estava sobre ele e seus ouvintes (1 Co 10:11, Hebreus 8:13, 9:26). Era o tempo do fim que Pedro disse foi "à mão" no primeiro século (1 Pd. 4:7).

Daniel 11:40-45 diz que neste tempo do fim o rei do Norte iria:
1.) invadir a Terra Santa de um país distante (vv 40-41);.
2.) garantir Egito e suas coisas preciosas (vv 42-43).; e do Egito,
3.) invadir a Terra Santa novamente e sitiar Jerusalém (vv. 43-45).

Com esses detalhes em mente considere o resumo da campanha de Vespasiano e Tito contra as posições fortificadas dos judeus (cf. v. 39) nos anos de 67-70 dC.

[Neste livro eu vou contar] como eles [os judeus] fortificadas cidades vizinhas; como Nero confiada Vespasiano com o comando supremo da guerra; [1] da invasão do território judeu por Vespasiano e seu filho mais velho filho [Tito] . . . Vou seguinte dizer da morte de Nero no momento em que fortunas judeus estavam se deteriorando; como antecedência de Vespasiano em Jerusalém foi desviada pela chamada à dignidade imperial; os presságios de sua elevação, e as revoltas em Roma; seu ser proclamado imperador pelas suas tropas contra a sua vontade; a luta do partido entre os judeus seguintes [2] sua partida para o Egito para resolver os assuntos do Império; . . . Vou então proceder para descrever [3] a segunda invasão do nosso país por Tito, do Egito. (Josephus: The Jewish War, book 1, preamble, 8-10, trans. Gaalya Cornfeld, 11-12.)

Vespasiano e Tito invadiram a Judeia no início 67dC por ordem de Nero. Quando Nero morreu em 68 dC, a campanha Flaviana contra os judeus foi colocada em espera quando o império foi convulsionada por guerras civis internas. Em 69 dC, Vespasiano e Tito foi para o Egito para apodera-ser das "coisas preciosas" (Dn. 11:43) para ajudar a financiar sua aquisição do Império Romano. Vespasiano tornou-se o imperador de Roma em Dezembro de 69 dC (o ano de quatro imperadores). No início da primavera de 70 dC, Tito invadiu a Terra Santa uma segunda vez (como seu pai preparado para ir a Roma) para terminar a sua aniquilação da nação judaica (Dn. 11: 43-45). É interessante notar que a invasão da Judeia do Egito Tito foi a sua segunda vinda.

O tempo do fim de Daniel 11:40-12:13 é o mesmo tempo do fim que Daniel 2:40-45; lá vimos o que acontece quando o reino de Deus interveio; isso foi em 70 dC. Este evento estava para acontecer durante o reinado do décimo rei (Vespasiano) do quarto império mundial (Roma). Daniel 11:40-12:13 está se referindo ao mesmo fim da era e o pleno estabelecimento da nova era e do reino que Daniel 7:19-27 mostrou. Isso aconteceria logo após a campanha do pequeno chifre (Tito) do quarto império, guerreando contra o povo de Daniel por três anos e meio, 67-70 dC (v 25; cf. Dn. 12:7). Este foi o tempo da grande tribulação (Dn 12:1; cf. Ap 13:4-7). Daniel 11:40-12:13 está se referindo ao mesmo tempo do fim que Daniel 8 disse que aconteceria quando o chifre pequeno se engrandeceria contra o príncipe do exército, tiraria o sacrifício contínuo e viria destruir o santuário (Dn 8:11, cf. Dn 8:17, 26). Daniel 11:40-12:13 está se referindo ao mesmo tempo do fim que Daniel 9 disse que aconteceria quando o povo do príncipe viria destruir Jerusalém e o Templo (Dn 9:26.).

O rei do sul ataca o rei do norte

Daniel 11:40-41 diz que neste tempo do fim, o rei do Sul iria atacar o rei do Norte, que então invadir a Terra Santa de um país distante com um enorme exército. Note que algo mais do que apenas um ataque de um rei

sírio contra Israel é indicado aqui. A Síria é próxima à Terra Santa; um exército invasor da Síria não teria que passar por uma série de países para chegar a Judeia. A NVI dá um bom senso de que esta invasão vem de uma terra distante:

"No tempo do fim o rei do sul se envolverá em combate, e o rei do norte o atacará com carros e cavaleiros e uma grande frota de navios. Ele invadirá muitos países e avançará por eles como uma inundação". (NVI)

A maioria dos comentaristas veem dois personagens descritos aqui, o rei do Norte (ou seja, o "Anticristo") e o rei do sul. Miller escreve o seguinte sobre isso:

No início deste capítulo (vv. 6-28) vários governantes da linha de Seleucidas foram designados como "o rei do Norte". Antíoco IV Epifânio foi um monarca Selêucida-grego (o "rei do Norte") e, provavelmente, deve ser entendido como um tipo de futuro Anticristo descrito na última parte do capítulo. Seria necessário, portanto, para designar tanto o tipo e o protótipo pela mesma frase, "o rei do Norte". Assim, uma força sul ("o rei do Sul") irá atacar o Anticristo ("o rei do Norte"), em que o Anticristo vai retaliar e decisivamente esmagar sua oposição ('contra ele', então, refere-se ao rei do Sul). Ele "vai invadir" os "países" daqueles que o atacou e vai "varrer através delas como uma inundação." (Miller (Daniel, 309-310) sees two players in v. 40. His discussion of both positions, however, is helpful.)

Desde o rei do Norte é descrito aqui como vindo de um país muito distante, parece que o ataque original não poderia ter sido diretamente contra ele, mas deve ter sido contra suas forças.

Alguns comentaristas veem três personagens aqui: o Anticristo, o rei do Norte, e o rei do Sul. Vejo Daniel 11:40 como só mostrando dois personagens. O verso 40 está dizendo que o rei do sul atacaria "ele" (o rei do Norte); em resposta a isso, o rei do Norte viria contra "ele" (o rei do Sul) com uma invasão maciça.

Ao longo de Daniel 11 o rei do Norte tem sido uma referencia a imperadores romanos e o rei do Sul a vários líderes dos Judeus. Como eu mencionei, eu acredito que no versículo 19-21 a referência ao rei do Norte desloca do imperador Nero ao chifre pequeno Tito. A Síria, o domínio do rei do norte, estava sob o controle romano no primeiro século; esta foi a área de Vespasiano e Tito assumiu o controle sobre quando eles vieram para reprimir a revolta judaica.

Eu acredito que o ataque reino do sul, no versículo 40 ("No tempo do fim, o rei do sul lutará com ele;...") Refere-se aos judeus e seu ataque contra Roma no início da guerra judaica. A Judeia tinha sido originalmente parte do domínio do rei do sul da divisão do reino de Alexander mas veio a se tornar independente. No outono de 66 dC, o governador romano da Síria (Cestius Gallus) veio a Jerusalém para reprimir um crescente clima de agitação na cidade; ele foi atacado por rebeldes judeus e suas forças severamente derrotadas. Foi este ataque pelos judeus em um governante da Síria, que começou a Grande Revolta.

Dentro resposta a esta agressão judaica, Nero enviou Vespasiano e Tito com uma invasão maciça de uma terra distante (Dn. 11:40). Vespasiano enviou primeiro suas forças para o ataque contra os judeus em Antioquia, a capital da Síria. Ele então juntou suas forças com as de Tito em Ptolemaida, um porto na fronteira da Síria e da Judeia. Mickelsen faz as seguintes observações sobre como Daniel 11:40-44 se encaixa em Tito e os romanos muito melhores do que Antíoco IV:

Daniel 11:40-44 parece menos apropriada para Antíoco IV Epifânio do que o governante romano Tito, que invadiu a área em 66-73 dC. O rei do sul vai fazer a guerra com o rei do norte empurrando as suas forças (Dn. 11:40). De acordo com o texto do rei do norte vem com navios, em seguida, ele entra as terras, transborda, e passa. Antíoco IV não teria que passar por países para alcançar a terra "gloriosa", ou Israel (Dn. 11: 41), porque o seu reino era próximo dele. Estes versos melhor ilustram a vinda dos romanos na Palestina sob Tito. Nesse caso, o rei do sul não seria o Egito. Do ponto de vista romano, teria sido a nação judaica por causa de seu tratamento de oficiais romanos. Os judeus (especialmente o

Zelotes) atacaram tropas romanas e iniciou a guerra trágica de 66-73 dC. Quando os romanos decidiram segurar o seu controle total do Mediterrâneo oriental, eles não importavam nada sobre as áreas ocupadas em tempos passados pelos edomitas, moabitas e amonitas, no lado leste do rio Jordão (Dn. 11:41). Em vez disso, suas principais preocupações eram a terra do Egito, o Nilo superior, e na costa norte da África (Dn. 11:43). Dn. 11:45 descreve a abordagem dos romanos a Jerusalém após a sua campanha vitoriosa na Galileia". (A. Berkley Mickelson, Daniel & Revelation: Riddles or Realities?, 208-209.)

Mickelsen (que não é um preterista, por sinal) faz com que alguns pontos muito bons aqui. Antíoco IV só tinha de passar por um país quando ele invadiu o Egito no segundo século antes de Cristo. Keil observa o seguinte sobre isso:

"o plural ... (Nos países) nem todos concordam com a expedição de um rei sírio contra o Egito, já que entre a Síria e o Egito lá estava uma terra, a Palestina. . . O norte da qual o rei vem em sua fúria contra o rei do sul, ultrapassaram em muito a Síria. O rei do norte é pensado como o governante distante ". (C. F. Keil, Daniel, 808.)

Note também como o foco do rei do Norte está na Terra Santa; Egito é mencionado quase como um foco secundário:

Daniel 11:40-42
"No tempo do fim o rei do sul se envolverá em combate, e o rei do norte o atacará com carros e cavaleiros e uma grande frota de navios. Ele invadirá muitos países e avançará por eles como uma inundação.
Também invadirá a Terra Magnífica. Muitos países cairão, mas Edom, Moabe e os líderes de Amom ficarão livres da sua mão.
Ele estenderá o seu poder sobre muitos países; o Egito não escapará, (NVI)

A meta final do rei do norte não foi o Egito, mas a "Santa montanha" de Deus em Jerusalém (Dn 11:45; cf. 2 Ts. 2:1-4). Foram os romanos que passaram por muitos países, quando eles invadiram a Judeia em 67 dC.

Vespasiano e Tito foram na Grécia, quando Nero os despachou para subjugar os judeus. Porque era inverno, Vespasiano e suas forças tomaram a rota terrestre da Grécia para a Antioquia para assumir as forças romanas na Síria (Cestius Gallus, o governador anterior, pode ter cometido suicídio depois de sua derrota humilhante nas mãos dos judeus; ver Tácito O Histories 5, 10).

Vespasiano enviou Tito para o Egito por navio para trazer a legião XV. Tito marchou suas tropas do Egito através passando pela Terra Santa ao encontro de Vespasiano em Ptolemais por volta de fevereiro de 67 dC. No Mediterrâneo, Ptolemais era um local de abastecimento dos navios de Roma (v. 40).

Daniel 11:41 E entrará na terra gloriosa, e muitos países cairão, mas da sua mão escaparão estes: Edom e Moabe, e os chefes dos filhos de Amom.

"E entrará na terra gloriosa..." - Jerusalém.

"Edom e Moabe, e os chefes dos filhos de Amom" - Daniel 11:41 diz que Edom, Moabe, e as pessoas proeminentes de Amom escapariam da raiva do rei do norte. Estas foram as nações existentes no tempo de Daniel que, historicamente, tinha sido inimigos de Israel. Amom tinham ocupado a área a leste da Judeia, além do Jordão, Moab a área leste do Mar Morto e sul de Amom. Edom tinham ocupado a área sul de Moabe, e ao sul do Mar Morto. Estas áreas a leste do rio Jordão e paralela à ou ao sul do Mar Morto foram poupados grande parte da devastação que foi visitado em cima Judeia pela invasão romana de 67 dC.

Durante o tempo da Grande Tribulação haveria então uma área demarcada por Deus, diante da face do destruidor. Esta área serviria de “refúgio” para o seu povo: o remanescente.

Edom ou Iduméia: Geograficamente, este país encra¬va-se na região montanhosa do mar Morto e do golfo de Acaba; estende-se também para dentro da Arábia Pétrea.

Moabe: Encrava-se no Sueste do mar Morto; era sepa¬rada dos amonitas pelo rio Arnon.
Amom: Encrava-se na região Nordeste do mar Morto; hoje, esses três povos são tribos árabes. (Orígenes).

Essa região será demarcada por Deus naqueles dias sombrios da Grande Tribulação e servirá de "refúgio perante a face do destruidor" (Is 16.4). Todos esses lugares acima mencionados se transformarão no "deserto de Deus", preparado para a "mulher" (o Israel Fiel) durante a época da Grande Angústia. (Ver as seguintes Escrituras sobre este assunto: Sl 60.8-12; Is 16.4; 26.20; 64.10; Jr 32.2; 40.11; 48.8, 9; Ez 20.35; Dn 11.41; 12.1; Os 2.14; Ob 17, 20; Mt 24.15-16; Ap 12.6, 13-17). A "mulher" perseguida e guardada por Deus nessa época representa, sem dúvida, o "remanes¬cente de Israel".

[Veja o mapa da campanha romana em Josefo, A Guerra Judaica, trans. Gaalya Cornfeld, 292. Veja também mapa em Chris Scarre, O Atlas Histórico da Roma Antiga (Nova York: Penguin Books, 1995), The Penguin 59]

Ele apoderar-se-á dos tesouros do Egito

11:42 E estenderá a sua mão contra os países, e a terra do Egito não escapará.
11:43 E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão.

Daniel 11:42-43 descreve como o rei do Norte estaria interessado nas coisas preciosas do Egito. A busca de Vespasiano e Tito para assumir o Império Romano não foi tão fácil. Os "tesouros de ouro e prata" (v. 43) do Egito foram necessários para financiar a aquisição Flaviana ao império. Egito foi, naturalmente, parte do Império Romano, neste momento (Ti. Julius Alexander era o prefeito romano), mas tinha que ser protegido como um aliado Flaviano. Egito foi o primeiro lugar Vespasiano foi proclamado imperador (em 1 de Julho, 69 dC).

Além de sua riqueza monetária, a oferta de alimentos do Egito também realizou um interesse especial para Vespasiano e Tito. Junto com a província da África (a área da Tunísia e W. Líbia), o Egito foi uma importante fonte de grãos para Roma. Uma das estratégias Flavianas primárias em assumir o império era controlar o fornecimento de alimentos que veio dessas áreas para que os cidadãos de roma pudessem morrer de fome (Josephus, The Jewish War, 4, 10, 5, trans. Gaalya Cornfeld, 310.). Jaqueles descreve a importância do Egito na busca Flaviano para assumir o Império Romano.

Antes do final do mês [Julho de 69 dC] a conferência foi realizada no Berytus, [Beirute], onde foi decidido que [o general] Mucianus deveria liderar as forças contra Vitélio, que Vespasiano deve mover-se para o Egito com o objetivo de ganhar o controle dos embarques de grãos em caso fosse necessário morrer de fome a Itália em rendição, e que Tito deveria assumir o controle da guerra Judaica (Tácito, As Histórias 2,82) . Durante os meses restantes de 69, Vespasiano e Tito passou dois a três meses na Síria e na Palestina organizando assuntos de sua satisfação. Parece que a Tito foi dado o controle total de ambas Judeia e Síria [naquela época]. . . Até o final de 69, Vespasiano e Tito foram em Alexandria [Egito], planejando um bloqueio contra Roma e uma invasão contra África por terra e mar para ganhar controle completo da oferta de grãos (Tácito, As Histórias 3,48). (B. W. Jones, The Emperor Titus, 46-47.)

Mais uma vez, note que Tito foi dado o controle de ambos Judeia e Síria neste momento, possuindo completamente a autoridade do rei do Norte.

Daniel 11:43 diz que os líbios e os etíopes o seguirão “em submissão”. Josefo menciona como mercenários seguiram o exército romano em sua campanha contra os judeus (Josephus, The Jewish War, 5, 2, 1.). Vespasiano tinha servido como o governador romano da província da África (que incluiu W. Líbia), então ele tinha associações com pessoas de lá. Etiópia é localizada na fronteira sul do Egito; os romanos estavam no processo de subjugar-lo quando a revolta judaica eclodiu. Portanto,

bastante provável que as pessoas dessas áreas foram convocadas para o ataque romano em Jerusalém.

Cornfeld escreve o seguinte sobre isso:

“Os tumultos em Alexandria: Os fatos históricos são os seguintes: Naquele tempo [66dC] tropas romanas estavam concentradas em Alexandria (II Guerra, 387) para uma expedição contra a Etiópia. No entanto, todos os esquemas de guerra foram interrompidos devido aos eventos na Palestina ... ” (Josefo: A guerra judaica, trans. Gaalya Cornfeld, 194)

Ele ouvirá rumores do oriente

Daniel 11:44 Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.

Daniel 11:44 relata que, enquanto está no Egito o rei do norte ouve “notícias do leste e do norte” que o incomoda. Isso acontece pouco antes de ele sair para o ataque final contra Jerusalém (v. 45). Vespasiano e Tito foram em Alexandria, no Egito, na última parte de 69 dC e início de 70 dC. Em dezembro de 69, as tropas Flavianas encabeçadas pelo Mucianus chegaram a Roma; neste momento Vitélio, o último dos três governantes que deveria ser removido para a chegada do pequeno chifre (Dn. 7: 7-8), foi morto. Isso trouxe as guerras civis romanas de 68-69 dC ao fim. Assim como a luta sobre quem iria governar o Império Romano estava chegando ao fim (com Vespasiano sendo o vencedor), uma revolta eclodiu na parte norte do império, na área da Alemanha. Com as forças Flavianas tendo prevalecido em Roma, tudo estava sob controle. As únicas áreas problemáticas foi a revolta judaica no leste e a revolta alemã no norte (Dn. 11:44). O historiador romano Albino Garzetti escreve o seguinte sobre isso:

"A chegada de Muciano [em Roma] pois fim a esta fase de incerteza [Das guerras civis]. Mas os acontecimentos metropolitanas do ano 70dC, foram complicadas pelos graves acontecimentos no estrangeiro: A

revolta Germano-gaulesa no Reno, podem ser consideradas como uma sequela direta da guerra civil e da guerra judaica, que deve ter sido prolongado pela guerra civil". (Albino Garzetti, From Tiberius to the Antonines: A History of the Roman Empire AD 14-192 (New York: Methuen Inc., 1976), 229.)

Assim, o Notícias do norte que perturbou Tito enquanto se preparava para invadir a Terra Santa do Egito tinha a ver com a revolta Germano-gaulês. A notícia preocupante do leste teria sido as fortificações e reforços que os judeus haviam realizado em Jerusalém (que é quase devido a leste de Alexandria), enquanto Roma estava passando por suas crises de guerra civil. A possibilidade de que a facção da paz em Jerusalém iria ganhar o controle agora parecia ter desaparecido. Garzetti observa o seguinte sobre isso:

Quando o comando passou a Tito que os judeus foram capazes de lucrar mais um atraso, pois era apenas na primavera de 70 que Tito reabriu a campanha... [Em Jerusalém] o partido da guerra tinha ganhado a vantagem sobre o partido da paz quase completamente e uma multidão fanática de toda a Judeia haviam se reunido, decidido a resistir até o fim. (Ibid., 232-233.)

Com uma situação preocupante no leste e outra no norte, Tito partiu do Egito para destruir a nação judaica. Esta é a cena que descreve o rei do norte saindo "com grande furor, para destruir e extirpar a muitos" (v. 44) em seu caminho para atacar o Templo sobre "o glorioso monte santo" em Jerusalém (v. 45).

O rei do norte ataca a santa montanha

Daniel 11:45 E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.

Daniel 11:45 diz que o rei do Norte "deve plantar as tendas do seu palácio entre o mar e a montanha santa gloriosa; contudo virá ao seu fim,

e ninguém vai ajudá-lo." Esta profecia indica que em seu ataque sobre Jerusalém o rei do norte faria seu acampamento entre o Mar Mediterrâneo e Jerusalém. O plural mares é poético e a referência é ao Mediterrâneo (Dt 33:19.). O monte santo glorioso é Jerusalém ou Sião. Este é o Monte do Templo, em Jerusalém, o que talvez aqui deve ser ligado à batalha do Armagedom (cf. Ap 16:13-16). Assim, o rei do norte com que sua posição final seja entre o Mar Mediterrâneo e Jerusalém (Young, Daniel, 253.). O Mediterrâneo é a oeste de Jerusalém; que coloca o acampamento do rei do norte, no lado oeste de Jerusalém.

Quando Tito chegou ao Jerusalém para o cerco final, ele inicialmente configurar seu acampamento no Monte Scopus, no lado norte de Jerusalém (Josephus, The Jewish War, 5, 2, 3.). Após alguns dias, no entanto, ele decidiu que queria um local mais perto de Jerusalém, assim ele mudou seu acampamento para o noroeste da cidade em frente a uma torre chamada Psephinus (Josephus, The Jewish War, 5, 3, 5.). Tal localização o colocou exatamente onde a profecia disse que deveria ser, entre o Mar Mediterrâneo e o glorioso monte santo de Jerusalém (cf. Dn. 11:16, 41).

Do Egito, Tito invadiu a Judeia pela segunda vez na primavera de 70 dC (vv. 44-45) enquanto o pai esperava para navegar para Roma. Na Páscoa do ano 70 Tito retomou seu ataque a Jerusalém; a cidade e o templo cairiam cinco meses depois (cf. Dan 9:26-27). Assim, Deus permitiu que Tito prosperasse em sua destruição dos judeus durante os três anos e meio de 67-70 dC, até que a ira de Deus contra os judeus fosse realizada (Dn 11:36; Lucas 21: 20-24). Este foi o momento da "grande tribulação" (Dn. 12:1).

O fim do rei do norte

Enquanto Tito montou seu acampamento exatamente onde o rei do Norte deveria estar, ele não morreu em Jerusalém, como o versículo 45 parece indicar: "E ele plantará as tendas do seu palácio entre o mar e a montanha santa gloriosa; contudo virá ao seu fim, e ninguém vai ajudá-lo." Neste momento é importante lembrar que o rei do norte era um governante demoníaco que estava trabalhando através de Tito, e não

simplesmente o homem Tito. Ele era o rei demoníaco do abismo (Ap 11:7; 17:8), o governante espiritual do povo romano que trabalharia através de Tito (Dn 9:26; cf. Dn. 10: 20-21; 12:1), que foi destruído em 70 dC.

Quando Paulo falou deste governante (2 Tessalonicenses 2: 4.) ele usou a palavra grega katarge (2 Ts 2 "a quem o Senhor destruirá [katarge] com o esplendor da sua vinda...":. 8). Esta palavra não significa necessariamente a destruição física, mas sim carrega a sensação de ser impotente ou inutilizada. Katarge é a palavra usada em Hebreus para descrever como Jesus neutralizou Satanás na cruz: ". . . para que pela morte aniquilasse (katarge) aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo"(Hb. 2:14). Satanás não foi destruída em termos de deixar de existir em 30 dC; em vez disso, seu poder espiritual e autoridade foram reduzidos a nada naquela época (cf. João 12: 31-32; Mateus 28:18.). Assim foi com o governante espiritual trabalhando através de Tito; foi impotente em 70 dC (cf. 1 Co 2:6 onde katarge é usado para descrever como os governantes da época pré-70 dC estavam sendo "reduzidos a nada").

O fim do governante que é mostrado em Daniel 11:45 é a mesma que a mostrada em Daniel 7:11. Em Daniel 7:11, é todo o quarto animal (do qual o rei do norte foi o pequeno chifre,o décimo primeiro), que é destruído e dado ao fogo. Isso representou a destruição da confederação dos governantes demoníacos por atrás dos primeiros onze Césares de Roma (Julius a Tito), cf. Efésios 6:12. Esta destruição do rei do norte é mostrado no apocalipse quando a besta do abismo é lançado no lago de fogo na parousia de Jesus (Apocalipse 19:11- 20:4; cf. Dn 7:8-14, 21-22.). Assim, em última análise, um espírito, um rei demoníaco do Norte (cf. Dn. 10:13) que agia através de Tito, que encontrou o seu fim no "glorioso monte santo" em 70 dC (Dn. 11:45). Este foi o momento em que o pequeno chifre, o décimo primeiro, teve seu "domínio" tirado e os santos herdaram o reino de Deus (Dn. 7: 25-27).

Correndo o risco de ser repetitivo, o rei do Norte encontra seu fim no momento de seu ataque em Jerusalém (v. 45). Isso então não se aplicaria

ao homem Tito, pois ele não morreu em 70 dC. O governante que encontrou seu fim neste momento, no entanto, não era o homem Tito, mas o rei demoníaco trabalhando em Tito (o governante espiritual). Assim como os reis em Daniel 10:13 e Apocalipse 17:8-11, em última instância, se referem a governantes demoníacos, então o rei do Norte era demoníaco. Foi o governante demoníaco do abismo (Apocalipse 11:7) que encontrou o seu fim e foi lançado no lago de fogo na parusia em 70 dC (Apocalipse 19:20, cf. Dn 7:11, 13, 21-22). Assim, foi o domínio espiritual que Tito possuía que chegou ao fim neste momento (cf. Dn 7: 23-27; 1 Co 2:6). Tais eventos - jamais foram verificados em qualquer outro império mundial na história.

O Chifre Pequeno, o homem vil e o Templo

Olhando as escrituras relacionadas ao chifre pequeno, encontramos um fio comum: o ataque ao Templo. Por exemplo, o pequeno chifre altera os tempos e a lei (Dn. 7:25). O príncipe a vir destrói Jerusalém e o Templo (Dn 9:26) e torna a nação judaica desolada (Daniel 9:27). Tito realizou isso em 70 dC. O rei do Norte invade a Terra Santa (Dan, 11:41) e ataca o monte sagrado de Deus sobre o qual o Templo estava em pé (Dn 11:45), resultando no quebra do poder dos judeus no tempo do fim. Isso aconteceu em 70 dC com a destruição de Tito da nação judaica. O tempo que Tito lutou contra os judeus foi de três anos e meio ("um tempo, tempos e metade de tempo", ou "quarenta e dois meses"); Este foi o período da grande tribulação (Daniel 12:1,7; Dn. 7:25; Ap. 13:5).

O homem do pecado captura o Templo e é adorado ali (2 Tessalonicenses 2: 3-4, cf. Dn. 11:36-37). Tito foi adorado no Templo pouco depois que ele o capturou no final do verão de 70 dC. A besta destrói a prostituta Babilônia (Apocalipse 17:7-18). Todas essas coisas foram realizados pelo espírito demoníaco do abismo, o governante espiritual através de Tito em 70 dC.

Daniel 11: Homem vil	Daniel 8: Chifre Pequeno
Tirará o sacrifício diário , v. 31	Tirou o sacrifício diário, v.11
Profanará o santuário, v. 31	Santuário lançado por terra, v.11
Usará de engano, v.23	Lançou a verdade por terra, v.12
Será prospero, v.36	O que fez prosperou, v.12
Abominação desoladora, v.31	Transgressão assoladora, v.13
Tempo determinado do fim, v.35	Tempo determinado do fim, v.19
Forte com pouca gente, v.23	Não por sua própria força, v.24
Grande fúria para destruir, v.44	Causará estupendas destruições, v.24
Sábios caem pela espada/fogo, v.33	Destruirá os santos, v.24
Perverterá com lisonjas, v.32	Fará prosperar o engano, v.25
Engrandecer-se-á, v.36, 37	Engrandecer-se-á, v.25
Contra o Deus dos deuses, v.36	Contra o Príncipe dos príncipes, v.25
Chegará o seu fim, v.45	Será quebrado sem mãos humanas, v.25

O Reino do Messias em Daniel 12

1 E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.
2 E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.
3 Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente.

Podemos ver a partir destas declarações que no tempo do fim, Miguel vai se levantar, o maior e mais clímax de todas as tribulações iria ocorrer neste momento. Assim como Daniel havia sido despertado do sono da poeira na primeira parte desta longa profecia (em Daniel 10), todo o povo de Daniel também iria despertar neste momento. Lembrando das promessas relativas aos santos em Daniel 7, especialmente porque este reino dos santos duraria para sempre e sempre.

O versículo 2 é freqüentemente citado como prova de que havia uma crença na ressurreição do corpo nos tempos do Antigo Testamento. Porém, esse versículo não ensina isso. Do ponto de vista cristão, a ressurreição do corpo da sepultura é clara no Antigo Testamento (por exemplo, Jó 19:25-27) e, portanto, não existe tal "texto de prova", e isso não é necessário. Em outras palavras, não precisamos nos apegar a este texto de forma a ter medo de explorar outras alternativas.

Existem seis possibilidades que se apresentam aqui. O primeiro é que isso se refere à ressurreição física e ao julgamento de todas as pessoas no final da história. O problema é que este evento ocorre no final do período que está sendo descrito, quando Miguel se levanta em favor dos santos, durante um período de grande angustia. Além disso, aplica-se apenas a "muitos", não a "todos", aludindo de volta a Daniel - são as

pessoas de Daniel que são faladas. Assim, o último julgamento não se enquadra no contexto.

Em segundo lugar, NT Wright sugeriu que o versículo 2 é uma promessa de eventual ressurreição, colocada aqui porque a própria ressurreição de Jesus envolve a eventual ressurreição de toda a humanidade a bênção ou julgamento. Ou seja, a ressurreição física de toda a humanidade é parte da realidade trazida por "Miguel", e isso é mencionado aqui, embora só acontecesse ao próprio Jesus neste momento. O problema é que apenas "muitos" são ressuscitados e não "todos", e essa é uma profecia que envolve apenas o povo de Daniel e não toda humanidade.

A terceira opção é que isso se refere em geral à ressurreição espiritual dos crentes. Isso não funcionará porque as pessoas perversas também estão sendo ressuscitadas aqui.

Uma quarta possibilidade é referir este versículo à ressurreição "dos mortos" de Romanos 11 , quando um grande número de judeus se arrepende e se volta para Cristo. Eu acredito que este evento ocorreu antes da destruição de Jerusalém e também é retratado em Apocalipse 7. A ressurreição falada em Romanos 11, no entanto, aplica-se apenas aos salvos, e novamente pessoas perversas também são ressuscitadas aqui em Daniel 12:2.

Uma quinta possibilidade é que isso se refere ao esvaziamento do sheol/hades para o céu quando Cristo ascendeu ao céu. Este é um conceito menos familiar, e será explicado abaixo.

E uma sexta possibilidade é que a ressurreição aqui é uma ressurreição nacional como a retratada em Ezequiel 37. Esta é a única possibilidade credível.

Olhando primeiro para a quinta possibilidade, temos a teoria da ascensão ao céu. Existe uma ideia de que até que Jesus foi para o céu, ninguém entrou no céu. Aqueles que morreram de Adão a Cristo foram para o Sheol, que o Novo Testamento chama hades. O justo foi ao seio de

Abraão, também chamado de teologia Limbus Patrum, enquanto os ímpios foram para um lugar desconfortável. Após a morte de Jesus, ele desceu ao sheol e ordenou os mortos. Quando Jesus subiu ao céu, Ele esvaziou o seio de Abraão e levou todos os justos mortos para o céu com Ele. No entanto seria mais possível que a primeira ressurreição de Apocalipse 20:4-6 se refira à ascensão dos santos do Antigo Pacto para o céu, para se sentar com Cristo à mão direita do Pai e reinar com Ele como reis e sacerdotes por um mil anos. Enquanto isso, Cristo e a Igreja na Terra estão obrigando Satanás a enganar as nações pelos mesmos mil anos (Ap 20:1-2, Mateus 16:18-19). Com base em Apocalipse 6:9-11, e o fato de que Apocalipse 20 vir após Apocalipse 19, a ascensão dos santos da antiga aliança para reinar com Cristo deveria acontecer no ano 70 dC, e não em 30 dC.
Dentro desse raciocínio seria provável que Daniel 12:13 refere-se a este evento. Daniel é dito que ele entrará em repouso e depois seria levantado para receber sua herança no final dos dias. No contexto, o fim dos dias se refere ao termino dos 1290 ou 1335 dias.

Assim, seria possível que a ressurreição de Daniel 12:2 fosse uma referência a este mesmo evento, especialmente porque aparece logo após a declaração sobre a Grande Tribulação por vir. Temos que descartar essa possibilidade, no entanto, desde que Apocalipse 20 diz que aqueles sheol/hades não se elevam para o julgamento até o término do milênio, no último julgamento (Ap 20:13-15).

Em contexto, aqueles que dormem no pó da terra é um paralelo a Daniel, que caiu no sono profundo com o rosto na terra quando Deus apareceu a ele no início desta visão. A ressurreição de Daniel (cap 10) é um tipo e prenúncio da ressurreição falada aqui. A ressurreição do versículo 2 parece se conectar ao ministério evangelístico e de ensino mencionado no versículo 3; Assim, é uma espécie de ressurreição histórica de que se fala, um evento de ressurreição neste mundo, em nossa história.

A solução para a nossa dificuldade é encontrada em Ezequiel 37. Lá, o profeta é chamado a profetizar os ossos mortos dos idólatras espalhados por todos os montes de Israel (ver Ezequiel 6: 5). Ezequiel profetiza e os

ossos voltam à vida. Isto é explicado em Ezequiel 37:11 como a ressurreição nacional de Israel após o cativeiro. a linguagem usada por Deus é soa muito literal, a saber: "Eu vou abrir seus túmulos e fazer você sair das suas sepulturas" (v. 12-13). No entanto, essa linguagem gráfica se refere à ressurreição espiritual da nação.

Agora, claramente, a ressurreição de toda a nação não significa a salvação de cada indivíduo. Assim, Daniel 12:2 nos diz que, nos dias de Jesus, a nação sofrerá uma última ressurreição espiritual, mas alguns não perseverarão e a sua ressurreição será para destruição. A parábola dos solos se encaixa aqui (Mateus 13:3-23): três tipos diferentes de pessoas ganham vida, mas apenas um dos três tipos é despertado para a vida eterna e perseverante.

Durante o ministério, Jesus levantou a nação de volta à vida. Ele curou os doentes, limpou o impuro, trouxe pessoas mortas de volta à vida, restaurou a Lei, entrou no Templo como Rei, etc. Então, como sempre, o povo restaurado caiu em pecado e o crucificou.

Assim, uma ressurreição de Israel está em vista. Os maus são ressuscitados, mas não se beneficiem disso e são destruídos. Os santos experimentam uma grande angústia e vivem com Deus para todo o sempre. [4]

O que falar então sobre a grande angústia? Muitos estão persuadidos de que a Grande Tribulação predita por Jesus em Mateus 24 deve se referir a um evento antes da segunda vinda no final da história. Por isso, eles se sentem forçados a ver a vinda de Miguel como a segunda vinda, e a ressurreição como uma ressurreição física literal. Esta visão, no entanto, não fica sem uma inspeção rigorosa.
A Grande Tribulação foi claramente algo que aconteceu nos dias da Igreja Apostólica. Todo o contexto de Mateus 23-25 é um julgamento sobre o mundo, centrado nos judeus e em Jerusalém, pouco depois da reivindicação de Jesus. Isso é claro a partir de Mateus 23:35-36 e 24:34 , que dizem que o julgamento virá sobre "esta geração", um termo que nunca significa "esta raça de pessoas", mas sempre significa "essa

geração particular de pessoas". Esses fatos, e outros que também provaram a posição, foram apontados repetidamente. A literatura sobre isso é enorme, e é nada menos do que perverso para os comentadores continuarem a insistir em que a Grande Tribulação ainda está no futuro.

A declaração "E haverá um tempo de angústia, como nunca houve, uma vez que houve uma nação até então" combina perfeitamente com o que Jesus disse em Mateus 24:21 , "e naquele tempo haverá uma Grande Tribulação, como Nunca ocorreu desde o começo do mundo até agora, nem haverá jamais." Esta declaração de Jesus deixa claro quando ocorreu o" tempo de angústia ", e também deixa claro que nada como isso nunca mais acontecerá novamente. Não haverá "Grande Tribulação" antes de Jesus retornar, embora haja uma "última batalha" (Apocalipse 20:7-10).

Jesus repetidamente previu a próxima destruição de Jerusalém, e deixou claro que este evento foi a reivindicação de Sua missão. Jesus veio a morrer por Seu povo, e até que Seu próprio povo sofreu sua própria morte e ressurreição, Sua obra não foi reivindicada publicamente. Sua própria ressurreição o reivindicou pessoalmente, embora este não fosse um evento público porque só foi visto por alguns. A morte da Igreja durante a grande tribulação e sua ressurreição após esse evento foram a grande prova de que Jesus realizou a obra que ele veio cumprir. O fato de que a Igreja exista ainda hoje, quase 2000 anos após sua morte na Grande Tribulação, é a contínua reivindicação de Jesus, cumpriu sua missão.

Olhando agora de volta ao texto de Daniel 12:1-3, podemos ver das realizações que os eventos associados à chegada de Miguel são apresentados em ordem histórica reversa, embora em uma importante ordem temática. No versículo 1, achamos que, quando Miguel se levanta, o resultado será uma Grande Tribulação. A ascensão de Jesus para governar foi a grande provocação dos judeus apóstatas, como vemos no livro de Atos. Nós o vemos particularmente em Atos 7:55-56 , onde Estevão viu Jesus "parado" à direita de Deus, o cargo de governo, e depois disse que viu o "Filho do Homem de pé na mão direita de Deus".

"Nós lemos nos seguintes versículos que a multidão estava furiosa e correu em massa contra Estevão para matá-lo. Como Jesus havia previsto que eles fariam: “Nós não queremos que este homem [o Filho do Homem] governar-nos” (Lucas 19:14).

Encontramos no final de Daniel 12:1 que os eleitos serão todos entregues, como o próprio Jesus disse (Mateus 24:21-22). Aqueles que são entregues são "seu povo", o povo de Daniel, ou seja, aqueles que são como Daniel em sua fé.

Nós, então, lemos no versículo 2 que existem pessoas como Daniel. Antes da Grande Tribulação, o ministério de Messias vai elevar Israel; o povo de Daniel será levantado do pó pelo ministério do Messias para que eles possam ouvir Sua Palavra. Alguns aceitarão esse evangelho, e outros o rejeitarão. São aqueles que despertam para a vida eterna que serão livrados na Grande Tribulação.

Aqueles que despertarem para a vida eterna serão colocados como governantes, como estrelas. Isto é apanhado no Novo Testamento de duas maneiras. Primeiro, todos os santos são retratados como aqueles que aparecem como "estrelas" (phosteer) no mundo
(Filipenses 2:15). Em segundo lugar, os pastores das igrejas são retratados como "estrelas" (asteer) em Apocalipse 1:16 e 20 . Tanto os pastores fiéis quanto os santos fiéis são aqueles que "a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente".

Ressurreição em Daniel 12

Em Daniel 12:1-2, encontramos uma passagem que claramente fala da grande tribulação no ano 70 dC:

1 E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

Mas também parece falar da ressurreição que ocorre naquele tempo:

2 E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.

Como podemos entender essa passagem? Daniel ensina que a ressurreição Física e consumada ocorre durante a grande tribulação em 70 dC? Não ele não faz. Deixe-me explicar.

Daniel parece apresentar Israel como um túmulo sob a maldição de Deus: Israel como um corpo corporativo está no "pó" (Dn 12: 2; cp Ge 3:14, 19). Nisto, ele segue o padrão de Ezequiel em sua visão dos ossos secos, que representam a "morte" de Israel na dispersão da Babilônia (Ez 37). Na profecia de Daniel, muitos despertarão, por assim dizer, durante a grande tribulação para sofrer a fúria total da ira divina, enquanto outros apreciarão a graça de Deus ao receber a vida eterna. Lucas apresenta imagens semelhantes em Lucas 2:34 em uma profecia sobre os resultados do nascimento de Jesus para Israel:

Lucas 2:34 E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado'"

O próprio Cristo aponta que alguns dos israelitas crerão e serão salvos, enquanto outros não (p. Ex. Mt 10:34-36; 13:11-15), que, na remoção do reino de Israel, muitos serão esmagados e dispersos Como pó (Mt 21:43-45). Ele mesmo fala dos judeus salvos como provenientes da "sombra da morte" (Mt 4:16). Embora em 70 dC, os judeus fugirão de Israel e viverão (Mt 24:22), o resto da nação será um cadáver: "onde quer que esteja o cadáver, os abutres se ajuntarão" (Mt 24, 28). De fato, em 70 dC vemos na destruição da cidade de Jerusalém (Mt 22:7) que "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" (Mt 22, 14).

Em outros lugares, ele emprega a imagem da "regeneração" para o surgimento do novo Israel levantado dos mortos, da antiga aliança em 70 dC: Este paralelismo com a benção divina e a maldição divina, da vida e da morte (ver Rm 11:15) para Israel é um tema freqüente (sob imagens variadas) no Livro do Apocalipse: os anjos de Deus protegem alguns judeus da Ventos de julgamento, enquanto não protegem os outros (Apocalipse 7: 1-9). João mede alguns judeus para guardar no templo, enquanto não mede outros (11:1-2). Alguns ficam no topo do Monte Sião em segurança (Ap 14:1-5), enquanto outros não (Ap 14:17-20).

Voltando agora a Daniel, parece que Daniel está extraindo a imagem da ressurreição (que ocorrerá fisicamente no último dia) aplicando-a simbolicamente ao primeiro século que antecede a tribulação no ano 70 dC. Ou seja, ele está retratando os judeus cristãos separando Deus de Israel Através do batimento de Israel em 70 dC. Novamente, isso é muito parecido com a prática de Ezequiel em sua visão do vale dos ossos secos. Embora a profecia de Ezequiel esteja preocupada com Israel como um todo, enquanto Daniel mostra que a esperança de Israel é o remanescente de fé.

Em Daniel 12:4, o profeta escuta um comando para selar sua mensagem até o fim de Israel, atrasando suas ações profetizadas. Em Apocalipse 22:10, João recebe um comando precisamente o oposto de Daniel, resultando em Apocalipse como um todo sendo aberto e assim cumprido em breve: "Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo" (Ap 22:10; cp. 1:1,3; 22:6).

Então Daniel vê em 12:5-7 uma imagem que forma o padrão da visão de João em Apocalipse 10:5. Um homem (anjo) que está acima das águas proferindo um juramento para o Deus eterno. Ele promete que os eventos do fim de Israel serão concluídos, transpirando dentro de um período de "um tempo, tempos e metade de tempo". Isso aparentemente significa um período de um ano, dois anos e meio ano, que são os três anos e meio ou quarenta e dois meses (Ap 11:2; cp. Ap 12:14).

Em Dn 12:8 o profeta expressa confusão sobre o resultado de sua profecia. Ele não sabe quando (Dn 12: 6) nem como (Dn 12: 8) essas profecias acontecerão. Mas de acordo com Apocalipse 10: 6-7, João é informado quando e como a profecia deve cumprir - desde que ele vive no período do fim do tempo (que começa com a encarnação de Cristo,

At 2: 16-17, 24; 1Co 10: 11; 2Ti 3: 1; Hb 1: 1-2; 9:26; 1Jo 2:18; 1Pe 1:20).
Portanto, a ressurreição em Daniel 12 não associa a ressurreição física consumada com a tribulação do 70 dC. Daniel apenas utiliza a imagem da ressurreição como Ezequiel, e aplica isso ao Israel corporativo. Ele está ensinando que nos eventos que envolvem 70 dC, o verdadeiro Israel surgirá da carcaça do antigo Israel, como em uma ressurreição.

Zacarias 14 e a Ressurreição

Muitos comentaristas cristãos não vêem correlação entre Zacarias 14, Daniel 12 e a ressurreição de Israel. Se Zacarias 14 previu a ressurreição de Israel e a grande tribulação assim como Daniel 12, então, dado que este grande capítulo fala inequivocamente da vinda do Senhor no ano 70 dC, versículos 1-5, isso constitui um argumento para a ressurreição no final da era da antiga aliança de Israel.

Estabelecendo a conexão

Zacarias 14 fala do tempo da ressurreição de Israel. Isso pode ser demonstrado estabelecendo uma conexão entre os elementos encontrados em Zacarias que estão associados em outras passagens com ressurreição.
Ressurreição e o rio da vida

No versículo 8, Zacarias previu que, na vinda do Senhor com seus santos (v. 5), uma fonte de águas vivas fluirá de Jerusalém. Este rio da vida está certamente associado à ressurreição espiritual de Israel.
Em Ezequiel 47, o profeta previu o mesmo rio da vida que flui do templo / Jerusalém. Esse rio flui para o leste de Jerusalém - compare como em Zacarias 14 o rio também flui para o leste. Em todo lugar, esse rio iria fluir, isso traria a vida ao que estava morto, Ezequiel 47:1-12.
Em Apocalipse 20-22, João descreve a primeira ressurreição (capítulo 20), seguida da Nova Jerusalém, da qual flui o rio da vida, (22:1-3). O rio da vida está na Nova Jerusalém após a destruição da antiga "Babilônia", a cidade onde o Senhor foi crucificado, Apocalipse 11:8.

Zacarias coloca o rio da vida em Jerusalém depois que a Antiga Jerusalém é sitiada, Zacarias 14:1-2.
O rio da vida e a ressurreição espiritual estão inextricavelmente ligados. Como Zacarias 14 previam a abertura do rio da vida, Zacarias 14 previu a restauração de Israel através da ressurreição espiritual.
Zacarias 14 e "A maldição"
Depois da vinda do Senhor em juízo, Zacarias diz: "Não haverá más maldição, e Jerusalém habitará com segurança" Zacarias 14:11. A eliminação da "maldição" é um conceito diretamente associado à ressurreição espiritual.
A "maldição" realmente volta ao Jardim do Éden, é claro, e a promessa de Deus em relação ao fruto proibido "no dia em que você comer, certamente morrerá" Gênesis 2:15-17. Eles comeram e morreram. Deus prometeu que um dia a semente da mulher esmagaria Satanás e, assim, removeria essa maldição, Gênesis 3:15. A destruição da Maldição é objeto do Novo Céu e Terra, onde "... nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor." Isaías 65:19. Paulo disse que a vitória estava próxima, Romanos 16:20.
Em Isaías 24, o profeta falou de uma destruição de "céu e terra", porque Israel havia "quebrado a aliança eterna". Como resultado direto da violação de sua aliança, Isaías disse: "A maldição devorou a terra" Isaías 24: 6. A "cidade da confusão" (Jerusalém) seria destruída, mas Deus reinaria gloriosamente "no monte Sião e em Jerusalém" Isaías 24:23.
No capítulo 25, o Senhor prometeu que, no momento da sua vinda em juízo contra os ímpios - quando a cidade da confusão seria destruída - Ele "... dará neste monte a todos os povos uma festa com animais gordos, uma festa de vinhos velhos, com tutanos gordos, e com vinhos velhos, bem purificados. E destruirá neste monte (Sião) a face da cobertura, com que todos os povos andam cobertos, e o véu com que todas as nações se cobrem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor DEUS as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse." Isaías 25:6-8. Deus tiraria a maldição quando ele destruísse a morte [espiritual].
Tenha em mente que Isaías descreve a destruição de uma Jerusalém - a cidade da confusão -, mas ele também retrata a vida e a vitória em

Jerusalém. Uma cidade está sob a maldição; A outra é libertada dessa maldição. A liberdade dessa maldição seria quando Deus engolisse a morte. Esta é a promessa da ressurreição de Israel. Assim, a libertação da "maldição" igualou a libertação da morte, isto é, a Ressurreição Espiritual de Israel.

Como Isaías, Zacarias previu a destruição de uma Jerusalém, mas ele também previu que Jerusalém seria o centro da adoração e "não haverá más maldição" Zacarias 14:11, nesta Nova Jerusalém. Como a libertação da "maldição" representava a ressurreição Nacional/Pactual, então Zacarias 14 claramente previu a ressurreição. Isso é corroborado no Apocalipse.

No Apocalipse, João previu a destruição da Antiga Jerusalém, a cidade culpada de derramar todo o sangue na terra, Apocalipse 18:20-24, compare Mateus 23:29-36. Seguindo esta cena de julgamento, a Nova Jerusalém desce de Deus do céu, Apocalipse 21:1-3. No capítulo 22:3 João diz que nesta nova Jerusalém "não haverá más maldição", uma citação direta de Zacarias 14:11.

João descreve o momento em que a maldição seria destruída como tempo de "ressurreição". Sua profecia daquele momento maravilhoso é uma citação de Zacarias 14:11. Portanto, Zacarias 14:11 previu o tempo da ressurreição de Israel.

Festa de Tabernáculos e Ressurreição

A Festa das cabanas foi chamada de a mais alegre de todas as festas judaicas. Recordou o tempo de libertação da escravidão quando Israel habitou em tendas e cabinas enquanto viajavam para a terra prometida. Celebrava o passado da escravidão e da peregrinação, e a alegria da libertação presente.

A Festa dos Tabernáculos/Cabanas foi também a festa que celebrou a colheita. A Páscoa era o tempo das primícias da cevada; Pentecostes foi o tempo das primícias do trigo. (Sucôt ou Cabanas) celebrou a colheita completa.

Fairbairn diz que a festa dos tabernáculos tipificou o tempo em que todos os inimigos de Deus seriam finalmente derrotados e as nações celebrariam a salvação no reino. Em outras palavras, a Festa das cabanas

prefigurava o tempo da ressurreição de Israel quando o homem havia sido liberado do pecado e suas conseqüências.
Fairbairn foi um pré-milenarista e sustentou que Zacarias ainda é futuro. Isso viola a insistência de João de que sua visão, incluindo a profecia de Zacarias, estava para ser cumprida, Apocalipse 22:6, 10, 12, 20; mas a aplicação tipológica de Fairbairn era válida.
Edersheim concordou com Fairbairn sobre o significado tipológico da Festa dos Tabernáculos. Ele disse que a Festa significou o tempo em que "neste monte o Senhor dos exércitos fará a todo o povo uma festa das coisas gordas ... E Ele destruirá nesta montanha a face da cobertura espalhada por todas as nações". Inegavelmente, então, o significado tipológico da Festa dos Tabernáculos foi associado à ressurreição dos judeus e dos gentios.
Duas vezes em Zacarias 14, o escritor fala de adoradores, incluindo os gentios, chegando a Jerusalém para observar a Festa dos Tabernáculos após a vinda do Senhor em juízo no tempo da queda de Jerusalém, versículos 1-5.
Na Era messiânica a Festa dos Tabernáculos é a representação da ressurreição espiritual. Zacarias 14 fala ao longo da Festa dos Tabernáculos sendo celebrada após a vinda do Senhor em 70 dC. Portanto, devemos entender isso como uma alusão para a celebração da ressurreição espiritual de Israel, e também dos gentios.
Daniel 12, Zacarias 14 e Ressurreição
Daniel previu um tempo de tribulação sem precedentes sobre seu povo no tempo do fim, Daniel 12:1, 4. Neste "tempo do fim", no entanto, "muitos daqueles que dormem no pó da terra ressuscitarão" v. 2. Aqui está a ressurreição de Israel.
Zacarias previu o mesmo período de tribulação quando "a cidade será sitiada e tomada" Zacarias 14:1-2. A espada de Deus seria contra Israel e "dois terços nele (Israel) serão cortados e morrerão" Zacarias 13:8. "Naquele dia" de tribulação, a fonte das águas vivas seria aberta, Zacarias 14:8. Assim, Daniel e Zacarias falaram do tempo da tribulação e da ressurreição de Israel.
Daniel, ao ouvir o tempo da tribulação e da ressurreição de Israel, ouviu um anjo perguntar outro quando "todas estas coisas se cumprirem" Daniel 12:6. A resposta foi "quando o poder do povo sagrado for

completamente quebrado, todas estas coisas serão cumpridas" Daniel 12:7. Isso não pode ser outro momento do que a queda de Jerusalém em 70 dC. Zacarias 14 previu o tempo idêntico.
Daniel 12 e Zacarias 14 ambos falam do tempo do julgamento de Israel. Daniel fala daqueles que dormem no "pó da terra"; Zacarias fala do rio da vida a ser aberto. Zacarias 14 claramente fala da ressurreição de Israel.
Acreditamos que o que foi apresentado é suficiente para provar que Zacarias 14 previu o tempo da ressurreição de Israel. O que é tão importante para ver é que a Escritura apresenta esses temas de ressurreição em associação direta com a vinda do Senhor no julgamento de Israel em 70 dC. Isaías 24-25 estão inseridos no contexto da queda da "cidade da confusão" a Babilônia em Apocalipse, que é Jerusalém do primeiro século..
O Rio da Vida está inserido no contexto dos "últimos dias" consumando no Dia do Senhor contra Israel, Joel 2-3 / Mateus 24:29-34. Daniel 12 coloca a ressurreição de Israel no momento "quando o poder do povo santo foi completamente espalhado" Daniel 12:7. O contexto, portanto, para a ressurreição é o julgamento de Israel. Este é o contexto de Zacarias 14.
O profeta disse que esses elementos aconteceriam "naquele dia", o dia do Senhor que vem em julgamento contra Jerusalém no ano 70 dC, versículos 1-5. Isto significa que a ressurreição de Israel está ligada ao fim da era da antiga aliança. Este artigo confirmará essa interpretação.
No versículo 9, Zacarias disse: "E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia o Senhor será o único e o seu nome será o único". (NKJV) Esta passagem fornece uma ligação direta à ressurreição de Israel, pois conta o tempo em que a soberania de Deus seria plenamente estabelecida em seu reino. Para entender corretamente esta afirmação, devemos fazer uma rápida jornada pela Bíblia e ver como Deus tentou governar o homem e as tentativas do homem de se dominar.
O Jardim, o Homem e a Soberania de Deus

No jardim do Éden, o homem estava em perfeita harmonia com Deus. Deus governou o homem sem intermediários. O homem era submisso e

obediente, dependente de Deus para todas as suas necessidades. O Jardim era o "Santo dos Santos" onde Deus e o homem se comunicavam.

Porque Deus desejava que o serviço e o amor fossem de uma escolha livre e desejada, o Senhor apresentou ao homem a escolha "de cada fruto de toda árvore que está no jardim que você pode comer livremente, mas do fruto da árvore do conhecimento do bem e mal, não comereis, pois no dia em que comerdes certamente morrerás ". Gênesis 2: 15-17.
Quando Satanás confrontou Eva, ele disse a ela que a fruta os tornaria "como Deus", Gênesis 3:5. Ele disse em efeito que eles poderiam se tornar auto-suficientes. Eles nunca mais precisariam de Deus; eles poderiam tomar suas próprias decisões porque saberiam o bem e o mal. Eles devem rejeitar a soberania de Deus e se tornar seus próprios mestres. A tentação foi muito boa. Eles comeram, e fiel ao aviso, eles morreram (espiritualmente) naquele dia, e com isso a morte física entrou no mundo .
Deus decidiu derrotar a morte no entanto (espiritual e física). Ele prometeu que a semente da mulher seria um dia esmagar a cabeça de Satanás e, assim, destruir sua obra da morte, Gênesis 3:15. Esta derrota final de Satanás e a morte é o foco da escatologia bíblica.
É o tempo em que Deus mais uma vez governaria o homem em plena comunhão. Acontece que o homem sempre teve um problema em perceber sua necessidade de depender de Deus. O homem, ao que parece, sempre desejou ter outros reis do que Deus.
Deus e outros reis

Para considerações espaciais, avançamos para o período dos juízes. Gideão salva Israel dos midianitas. O povo de Israel vem até ele e diz "Domina sobre nós, tanto tu, como teu filho e o filho de teu filho;". Juízes 8:22. Israel desejou um rei. Gideão respondeu: "Sobre vós eu não dominarei, nem tampouco meu filho sobre vós dominará; o Senhor sobre vós dominará". Juízes 8:23.
Israel só foi temporariamente dissuadido. Em 1 Samuel 8:5, os líderes de Israel se aproximaram de Samuel com o pedido "agora, nomeie um rei para nos julgar como todas as nações". Samuel estava perturbado acreditando que tal pedido era uma rejeição de seu trabalho. Deus o

consolou, porém "eles não o rejeitaram, mas eles me rejeitaram de ser rei sobre eles", versículo 7.
O desejo de Israel por um rei nacionalista era uma rejeição de Deus. A monarquia de Israel era, aos olhos de Deus, uma manifestação visível da rejeição do homem à sua soberania.
Este ponto é uma tremenda acusação ao prémerilismo dispensacional. O estabelecimento do reino nacionalista foi uma violação da vontade de Deus. A monarquia era um sinal de que o homem desejava um rei diferente do que Deus. Sua restauração seria diferente?

É evidente que Deus prometeu restaurar Israel estabelecendo um descendente de Davi no trono para sempre, 2 Samuel 7:12-13; Salmos 89; 132. Certamente é verdade que Deus prometeu levantar a semente de Davi para sentar-se no seu trono. A questão é: onde o descendente de Davi se sentaria no trono e qual seria a natureza do seu reino?
"Meu Reino não é deste mundo"

Não há dúvida de que Jesus veio restaurar o reino a Israel e se sentar no trono de Davi, Lucas 1:32-35; 2:25-35, 38. A restauração de Israel é o tema das duas obras de Lucas. Compare Atos 1:6; 2:20-37, etc. No entanto, quando se examina de perto o ministério e o ensino de Jesus, ele logo descobrirá que não era o reino nacionalista que ele veio restaurar. Ele veio restaurar a soberania de Deus.
No início de seu ministério, os judeus proclamaram Jesus como seu rei por causa da sua alimentação milagrosa da multidão, João 6. Foi Jesus que rejeitou esta onda de nacionalismo: "quando Jesus percebeu que eles estavam prestes a vir e levá-lo pela força para torná-lo rei, ele se retirou "João 6:15. Se a missão de Jesus fosse tornar-se rei - e foi - por que ele rejeitou tão intencionalmente a oportunidade?
O Senhor responde esta pergunta para nós quando ele estava diante de Pilatos: "Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus servos lutariam, para que eu não fosse entregue aos judeus, mas agora meu reino não é Daqui, Pilatos disse-lhe: 'Você é um rei então?' Jesus respondeu: "Você diz com razão que eu sou um rei. Por essa causa eu nasci e por isso eu entrei neste mundo, para que eu dê testemunho da

verdade". João 18: 36-37. Jesus deveria ser rei, mas não sobre Israel nacional; Ele deveria ser um rei espiritual.

Isso é confirmado em Atos 2. Pedro declarou Jesus ressuscitado dos mortos, Atos 2:22, e o destinatário da promessa feita a Davi de que seu descendente se sentaria no seu trono, versículos 30-33. Deus criou Jesus dentre os mortos e deu-lhe o trono de Davi como prometido a Davi.

No entanto, onde estava aquele trono? Pedro diz: "Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz:Disse o Senhor ao meu Senhor:Assenta-te à minha direita, Até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.". Atos 2:34-35. Estritamente falando, não foi Jesus quem se assentou no trono de Davi. Foi Davi quem se assentou no trono de Jesus. O trono de Davi era o trono de Deus: "Assim Salomão se assentou no trono do SENHOR, como rei, em lugar de Davi seu pai". (1 Crônicas 29:23) "E, de todos os meus filhos (porque muitos filhos me deu o SENHOR), escolheu ele o meu filho Salomão para se assentar no trono do reino do SENHOR". (1 Crônicas 28:5). O Messias deveria se sentar no "trono de Davi" no céu, não na Terra.

Em Zacarias 6: 12-13, o profeta disse que o "Ramo" construirá o Templo do Senhor e se sentará no seu trono como rei e sacerdote. O livro de Hebreus deixa claro que, se Jesus estivesse na Terra, ele não poderia servir como sacerdote por causa da legislação levítica. Jesus era da tribo de Judá e somente os de Levi podiam servir como sacerdotes, Hebreus 8:5.

Se, portanto, o Sistema da Antiga Aliança for restabelecido, como quer o pré-milenarismo, Jesus não pode ser sacerdote no seu trono; Mas se ele não pode ser sacerdote, ele não pode ser rei. Zacarias disse que seria rei e sacerdote no trono. O único caminho para que Jesus seja rei e sacerdote é para ele ser rei e sacerdote sobre um reino que não está sob o mandato da Era da Antiga Aliança.

É difícil enfatizar demais as implicações desses fatos para a visão pré-milenar. Qualquer visão que ensine a restauração da monarquia de Israel é, implícita, exigindo uma restauração do que Deus considerou uma rejeição de sua soberania. O reino de Deus é espiritual.

Enquanto a monarquia de Israel era um símbolo visível da rejeição do homem à soberania de Deus, o Messias do Senhor viria e restauraria a soberania de Deus no tempo da ressurreição de Israel.

A Restauração da Soberania e Ressurreição de Deus

Em Ezequiel 37, o Senhor predisse o tempo em que Israel seria restaurado. Deus disse que "abriria seus túmulos e levaria você a sair de suas sepulturas" Ezequiel 37:12. A restauração de Israel seria a ressurreição de Israel.
Esta ressurreição não seria uma ressurreição de morte física e sepulturas. Era uma restauração para Deus em uma Nova Aliança de paz, versículos 21-26. A ressurreição seria realizada pelo derramamento do Espírito, vs. 14. O derramamento do Espírito está associado aos últimos dias de Israel e da Era da Antiga Aliança, Joel 2-3. Uma Nova Aliança seria estabelecida e o Novo Tabernáculo de Deus também estaria entre os homens, vs. 26-27. Seria neste momento da ressurreição que Deus prometeu: "Davi, meu servo, será rei sobre eles, e eles terão um pastor" versículo 24. É também neste momento que "um rei deve ser sobre todos eles", versículo 22.
Nos dias do derramamento do Espírito, da Nova Aliança, do Novo Tabernáculo e da ressurreição de Israel, a soberania de Deus seria plenamente estabelecida sobre o Seu Novo Povo. Deus seria "um" sobre todas as pessoas.
Zacarias e Ezequiel previam o tempo em que a soberania de Deus seria plenamente estabelecida e o Senhor governaria em Sião, Ezequiel 37:22-24 / Zacarias 14:9-11. Ambos previam a ressurreição de Israel, Ezequiel 37:12-14 / Zacarias 14:8,11. Ambas as previsões são definidas no contexto dos últimos dias de Israel, Ezequiel 37:14 com Joel 2-3 / Zacarias 14:1-5.
Em Romanos 16:20, o apóstolo disse: "O Deus da paz esmagará Satanás debaixo de seus pés em breve". O esmagamento de Satanás seria o cumprimento da promessa de Deus em Gênesis da vitória final; a derrota da morte. Paulo disse que estava no primeiro século.

Ao escrever para Timóteo Paulo, exortou-o a ser fiel até a aparição do Senhor. Em sua epifania, Cristo mostraria "quem é o Potenciado e abençoado, o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores" 1 Timóteo 6:15. A parousia de Jesus no ano 70 dC, manifestaria o único Deus verdadeiro - haveria um rei sobre a terra.

No Apocalipse, o Senhor aparece na glória com um nome na coxa "Rei dos Reis e Senhor dos Senhores" Apocalipse 19:16. Isto seria na sua vinda contra a prostituta, a Babilônia, a cidade culpada de matar os profetas da Antiga aliança 16:6. Isso só pode ser Jerusalém.
Quando esse julgamento caiu, Deus estaria no trono com o Filho, Apocalipse 22:3. O único deus verdadeiro governaria sobre a Nova Criação, e João disse que essas coisas "devem acontecer logo" 22:10, 12, 20.
Resumo e Conclusão

Eu mostrei que o Esquema da Redenção envolveu a restauração da Soberania de Deus que foi rejeitada pelo homem no Jardim. Vimos que o desejo do homem de ser dominado por reis em uma teocracia era um símbolo visível de sua rejeição da soberania de Deus, mas que Deus prometeu um dia restaurar seu governo no descendente de Davi no trono no céu.
Se a ressurreição espiritual não chegou, o rio da vida não foi aberto, ainda há uma maldição, a profecia de Zacarias não foi cumprida. Se Zacarias 14 não tiverem sido cumprida, o julgamento de Jerusalém ainda é futuro. Se esse julgamento não ocorreu, os gentios estão ainda fora do reino de Deus. Não se pode dizer que o julgamento de Israel anunciado por Zacarias foi cumprido, mas os elementos soteriológicos estão no futuro. Esses elementos deveriam vir "naquele dia" o dia da vinda do Senhor contra Jerusalém.
Se o julgamento de Jerusalém predisse por parte de Zacarias aconteceu, a ressurreição de Israel aconteceu e não há nenhum promessa futura de uma restauração nacionalista muito menos pactual!
Ressurreição de Israel, Mateus 8 e o fim da História de Israel

Queremos agora mostrar a correlação entre Isaías 24-27, Daniel 9, a ressurreição e o fim da era da antiga aliança de Israel. E nós queremos fazer isso comparando estes textos com Mateus 8:11. Daniel 9 é preditivo do reino. Esta é admitido por praticamente todos os estudiosos conservadores. Desde o reino e a ressurreição de Israel estão intimamente ligados, isso significa que Daniel 9 previu a ressurreição de Israel. Isaías 24-25 e Daniel 9 anuncia o mesmo tempo e o mesmo

evento, a consumação das esperanças soteriológicos e escatológicas de Israel.

Observe mais uma vez que em Isaías 24-25 temos quatro elementos constitutivos chave da esperança de Israel, o julgamento da nação (24:1-20), o baquete messiânico (Isaías 25:6) o reino (Isaías 24:19) a ressurreição de Israel (Is 25: 8). Curiosamente, encontramos esses elementos idênticos em Mateus 8:10 na famosa história da cura do servo do centurião: "Jesus, ouvindo isso, admirou, e disse aos que o seguiam: 'Em verdade vos digo a você, eu tenho não encontrei tanta fé, nem mesmo em Israel! E eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e sentar-se à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus. Mas os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes."

Observe as paralelos entre Is 24-25 e Mateus 8.

Isaías 24-25
- Estabelecimento do banquete messiânico (25: 6)
- Um banquete messiânico (24:5-6) "Nesta Monte do Senhor preparará um banquete", isto é Mt. Sião
- A ressurreição de Israel (25:8)
- O Julgamento de Israel por violar "a aliança eterna" (24:5-6)
- A destruição de Jerusalém (24:7-16)

Mateus 8:10-12

- Um banquete messiânico (8:11)
- O Reino (v. 11)
- Ressurreição espiritual (assentar na mesa com abraão através do novo nascimento)
- Filhos do reino expulso por rejeitar Jesus ("Eu não encontrei tanta fé em Israel")
- Os filhos do reino expulso (v 11-cf Mt 21:40-43; Mt 2:7)

O Banquete messiânico, às vezes chamado de Casamento (cf. Mateus 22:1) foi, nas palavras de França "um tema de destaque na expectativa escatológica judaica, derivadas de Isaías 25." Davies e Allison tome nota que nos escritos judaicos a visão dominante era que o banquete messiânico pertencia ao tempo da ressurreição de Israel: "Em Mateus 8:11 a ressurreição e a banquete messiânico estão à vista ". Da mesma forma, Hagner diz respeito a Banquete e o reino: "A alusão ao banquete escatológico, um grande festival de alegria e festa em comemoração da vitória de Deus, foi antecipado tanto no AT e quanto no NT (ver por exemplo, Isaías 25:6 ; Mateus 22:1-14; 25:10; Apocalipse 19:9; Lucas 14:15-16) ".

Assim, o banquete, o reino e a ressurreição [espiritual, nacional] de Israel são inegavelmente ligadas. Mas o tempo do julgamento do mundo Antiga Aliança pertence à matriz idêntica de motivos. Observe que em Isaías 65, o profeta previu a hora do Banquete: "Eis meus servos comerão, mas vós tereis fome. Os meus servos beberão, mas vós tereis sede."(Isaías 65:13) Quando isso seria? Seria quando "E deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição; e o Senhor DEUS vos matará; e a seus servos chamará por outro nome." (Isaías 65:15). Seria quando o Senhor trouxe nos novos céus e da terra, a nova Jerusalém. (Isaías 65:17)

Claramente, o banquete está definido no contexto do julgamento do Antigo Pacto Israel de Deus. A aplicação ao primeiro século desta profecia, e as implicações para a interpretação de Daniel 9 são importantes.

Em Romanos 10, Paulo lamenta o fato de que Israel havia rejeitado o evangelho embora tivesse sido proclamado a eles todo o mundo (Romanos 10:16-18). O importante é que Paulo não só lamenta o fracasso de Israel em não responder positivamente, mas ele cita Isaías 65:1-2 como a justificação profética para o seu ministério aos gentios e o implícito e iminente julgamento sobre Israel endurecido (Romanos 10:20-21). Isto significa que, para Paulo, Isaías 65, e suas bênçãos e julgamento prometido estava sendo e foi para ser cumprida em sua

geração. Israel do primeiro do século rejeitou o evangelho e traria sobre eles a previsão julgamento em Isaías 65. Mas, o julgamento de Isaías 65 resultaria em novos céus e da terra, o mundo da nova criação em que novo povo de Deus, usando o novo nome, iria comer à mesa do banquete. Isaías 24-25 pode ser expandido e explicado ainda mais.

Estas não são profecias a ser delineadas, dicotomizadas e divorciadas uma das outras. Eles anunciam ao mesmo tempo os mesmos eventos, o pleno estabelecimento do reino eterno de Messias. O mundo nova criação é o mundo da Nova Aliança, que era o objetivo das setenta semanas profecia de Daniel 9. O novo céu e a terra e a nova Jerusalém constituem e simbolizam o mundo de "justiça eterna" prometido em Daniel. A nova Jerusalém seria a cidade em que o pecado tinha sido removido para aqueles abençoados que se sentam à mesa no reino. E o banquete é para aqueles para quem a morte foi tragada pela vitória.

Observe no entanto, que em todos os três textos antes, Isaías 24-25, Isaías 65, e Daniel 9, demostram que o julgamento de Israel e da Antiga Aliança, precedem a chegada das bênçãos prometidas. Em Isaías 24-25 julgamento cai sobre a cidade da confusão, a cidade situada no meio da terra, e então o Banquete é realizado com os ressuscitados. Em Isaías 65 Jeová destrói o israel apóstata e então o Banquete é realizado com os ressuscitados. Vale a pena notar aqui que, a meu conhecimento, ninguém nunca ensinou que a criação literal um dia será destruído como resultado da desobediência de Israel. No entanto, se alguém vai interpretar essas escrituras literalmente, como os nossos amigos pré-milenistas insistem, então este é justamente o que Isaías 24-25 e Isaías 65 prevem. Agora se ninguém ensina que a criação literal jamais será destruída como resultado da desobediência de Israel da Antiga Aliança, em seguida, evidentemente, temos de compreender as profecias de Isaías a falam da criação metafórica, e pactual.

- As bênçãos de Isaías 24-25 e Isaías 65 são as mesmas bênçãos prometidas em Daniel 9:24-27.
- As bênçãos de Daniel 9:24-27 estão confinados a, e viria na consumação da, septuagésima (Daniel 9:24). Portanto, as bênçãos de

Isaías 24-25 e Isaías 65 estão confinados a e viria na consumação da septuagésima semana.

No entanto, é preciso enfatizar o seguinte também.

As bênçãos de Isaías 24-25 e Isaías 65 estão confinados a, e viria na consumação da, septuagésima semana de Daniel 9. Mas, as bênçãos de Isaías 24-25 e Isaías 65 só viria como resultado de (ou no momento) da destruição do mundo Antiga Aliança de Israel. Portanto, a destruição do mundo Antiga Aliança de Israel se limita a, e viria na consumação da, septuagésima semana Daniel 9:24-27.

Não há, portanto, perfeita harmonia entre estes três textos escatológicos chave. O banquete messiânico seria no reino. O banquete seria para aqueles para quem a morte foi tragada pela vitória. Mas, o banquete só viria quando a cidade da confusão fosse destruída. A nova criação viria quando rebelde Israel foi destruído e um novo povo criado. O reino (e, portanto, o Banquete) só viria no final das setenta semanas.

Jesus traz todos esses motivos e elementos escatológicos chave juntos em Mateus 8. Ele prometeu o reino, o banquete, a ressurreição [espiritual] e todas estas bênçãos seriam realizadas quando "os filhos do reino são expulsos." A expulsão do filhos do reino equivale diretamente a esmagadora onda de destruição da cidade e as pessoas de Daniel 9:24-27. O que não pode ser desperdiçado é que a expulsão dos filhos do reino, ocorre no exato momento da chegada do Banquete e a ressurreição de Israel. No entanto, tenha em mente que devemos equiparar o banquete e o reino com o mundo da justiça eterna e o tempo e em que o pecado foi removido e a expiação é apreciada. Isto implica nas 70 semanas. (Será que alguém nega que o privilégio à mesa do banquete é para aqueles que apreciam as bênçãos do pecado ser removido por meio da expiação concluída?)

Decorre do exposto que não só as bênçãos de Isaías 24-25 e Isaías 65 pertencem à septuagésima semana de Daniel 9, mas que a destruição da cidade e povo santo também pertencem. A destruição / julgamento é o

ápice das profecias que resulta diretamente na realização da parte de benção das profecias. Essa é uma prova que a contagem regressiva das 70 semanas não foi cumprida em 35 dC e não foi adiada para algum período ainda no futuro. As setenta semanas foram consumadas na queda de Jerusalém, quando "os filhos do reino" foram lançados fora. Aqui está um resumo do que estamos dizendo.

McKnight traça um paralelo entre a correta e Mateus 8 a Festa casamento de Mateus 22, observando que, "O homem que veio para o casamento no vestido impróprio simboliza os 'filhos do reino' de Mateus 8:11-12, isto é, aqueles entre Israel que não se arrependeram, que não viram em Jesus o reino que está sendo realizado, e que não se alinharam com a nova comunidade do restaurado Israel de que Jesus tenha criado em torno do Doze. Tragicamente, eles vão ser expulsos do reino (destruído junto com Jerusalém) e não irão sobreviver ao julgamento para entrar no reino de alegria e festa."
A consumação das setenta semanas era para ser o estabelecimento do reino, o banquete e a ressurreição de israel. O final desse período 70 semanas também era para ser "o fim" em "um dilúvio avassalador" de destruição total e desolação (Daniel 9:27). Da mesma forma, Abraão, Isaque e Jacó, foram sentar-se no banquete messiânico no reino, quando "os filhos do reino são expulsos." Isso exige que as setenta semanas não foram concluídas até que os filhos do reino foram lançados fora, as setenta semanas não foram cumpridas em 35 dC, e ela não foram adiadas. Ela foi cumprida e terminada na abolição cataclísmica do mundo (ou era) da Antiga Aliança com a chegada da era da ressurreição espiritual, a era do Messias.

DANIEL 9 e Daniel 12

Demonstrar que Daniel 9 e 12 são Daniel passagens paralelas é demonstrar o cumprimento da ressurreição de Israel em 70 dC. O quadro a seguir vai provar que as passagens são paralelas.

DANIEL 9

A respeito de Israel (V. 24 tempo do fim (V. 27)
Abominável da desolação (V. 27)
Ressurreição de Israel (através da expiação)
O fim será com uma inundação (v. 27)

DANIEL 12

A respeito de Israel (V. 1-7) Hora do fim (V. 4)
Abominação da Desolação (V. 9- cf. Mateus 24:15)
Ressurreição de Israel (V. 2, 7)

Notoriamente, Daniel 9 e 12 são Daniel passagens paralelas. Daniel 9 e 12 são profecias sobre a consumação e transações da aliança de Deus com Israel. Estas passagens não são sobre o fim da era cristã. Daniel 12 não a previsão da "ressurreição final" no final da história humana. Portanto, Daniel 9 não é a previsão da "ressurreição final" no final da história humana.

Portanto, os eventos de Daniel 12 foram todos confinado a um período de tempo o mais tardar até a queda de Jerusalém em 70 dC. Observe que Daniel 12:2 previu a ressurreição de Israel. Versículo 3 é a previsão do tempo do fim, quando os justos brilharão como o sol. Jesus disse este texto seria cumprida no momento da sua parousia no final da era (Mateus 13:43). Em Daniel 12:4, Daniel é instruído Daniel para selar seu livro "até o tempo do fim". Esses eventos estavam longe de seus dias, reservado para o "fim". Assim, em Daniel 12:2-4 temos duas grandes passagens escatológicas. A previsão da ressurreição de Israel e a previsão do tempo do fim, que Jesus aplicada ao fim da era, o tempo da colheita. Portanto, o tempo da ressurreição de Daniel 12:2 se limita a, e seria cumprida o mais tardar em 70 dC.

A Grande Tribulação e o Fim dos Tempos (Daniel 12:1-13)

Daniel12 continua a narrativa do capítulo 11.

Daniel 12:1-4
E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente. E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.

Mais uma vez, o tempo do fim referido no Daniel não é o fim do mundo, mas o fim da antiga aliança em 70 dC (cf. 1 Co 10:11, Hb. 1:1-2; 8:13, 9:26). A destruição do Templo em 70 dC era um sinal inequívoco de que a antiga aliança acabou. Neste momento o próprio fundamento da velha ordem aliança (ou seja, o sistema sacrificial) foi embora (cf. Mt. 21: 33-43). Este tempo do fim da idade estava a ser o momento da ressurreição e julgamento (Dan. 12: 2-3). Este tempo do fim da era é contemporâneo ao tempo da ressurreição de Israel e o seu julgamento (Dn. 12:2-3). Isto corresponde a Daniel 7:8-14, que mostra o julgamento (o tribunal sentado e livros abertos, v. 10) começando no ano 70 dC na derrota do quarto animal e seu pequeno chifre décimo primeiro (Tito) pela parousia (v 13-14, 18, 22 26-27).

Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Eu continuei olhando, até que foram postos uns

tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo;
Daniel 7:8-11

Daniel 7:23-27 reitera o fato de que o tribunal estava sentado para o juízo no momento em que o domínio do pequeno chifre foi tirado.

E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo. Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.
Daniel 7:25-27

Daniel 7 é perfeitamente consistente com Daniel 12; ele mostra o tribunal se assentando para o julgamento (vv. 10, 26), logo após a grande tribulação. Similarmente, Apocalipse 11:15-18 concorda com Daniel 12; ele também mostra o julgamento como começando logo após a grande tribulação (cf. Ap 11:7-8). O julgamento é mostrado como começando no tempo do estabelecimento do reino de Deus em 70 dC na destruição dos que estavam destruindo (isto é, estragando moralmente) a terra de Israel.

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre

seus rostos e adoraram a Deus, Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.
Apocalipse 11:15-18

Daniel 12 deve ser interpretado segundo o ensinamento de Jesus sobre o que aconteceria no primeiro século, na geração dos ouvintes (Mt 24:34.) A abominação da desolação (Mt 24:15;Cf. Dn 9:27, 12:11), a grande aflição (Mt 24:21; cf. Dn. 12:1.), a parousia (Mt 24:30; cf. Dn. 7:13, 21, 22.), a ressurreição de Israel e o seu julgamento (Mt. 25:31-46; cf. Dn. 12:2-3). De acordo com Jesus, os eventos do livro de Daniel, deveriam ser concluídas até a quebra da nação judaica no final da era da antiga aliança em 70 dC (Dn. 12:7).

A palavra hebraica traduzida como “muitos” no verso 2 (“e muitos dos que dormem no pó serão despertados”) tem o sentido da totalidade ou multidões. Baldwin escreve o seguinte sobre isso:

O uso da palavra 'muitos' em hebraico não é bastante paralelo com a sua utilização em Inglês. rabbim Hebrew 'muitos', tende a significar 'todos', como em Dt 7: 1; Isaías 2:2, em que 'todas as nações' se torna 'muitos povos' no verso paralelo 3; e em Is 52:14, 15; 53:11, 12, onde esta palavra-chave não ocorre a menos de cinco vezes, com um significado inclusivo. Como Jeremias [no Dicionário Teológico do Testamento VI Novo, pp. 536ff, editado por R. Kittel, 10 vols, 1964-1977.] Aponta, a kol palavra hebraica, 'all', significa tanto 'totalidade' ou " soma'; não há nenhuma palavra para 'all' como um plural. Para esta rabbim faz o dever, e por isso vem a significar 'a grande multidão', 'all'; cf. 'Muitos dos que dormem no pó da terra ...' (NVI). A ênfase não está sobre muitos em oposição a tudo, mas sim sobre os números envolvidos.

Muitos comentaristas (equivocadamente) tentam traçar um paralelo entre Dn 12:2 com o que Jesus disse sobre a ressurreição física do último dia. Jesus disse que a hora estava chegando quando "todos" que estavam na sepultura seriam ressuscitados, alguns para uma ressurreição de vida e outros para uma ressurreição de condenação (João 5:28-29). Esse paralelo é equivocado primeiro por que em Daniel 12, e em todo livro de Daniel, as profecias são direcionadas ao povo de Daniel e sobre a cidade de Jerusalém. Daniel 12 está falando de uma ressurreição que acontece no tempo da tribulação com o povo de Daniel; esta não é a ressurreição geral do último dia, mas uma ressurreição do povo de Israel no primeiro século. As palavras de Jesus sobre a ressurreição no último dia são uma referência a ressurreição de todos os homens de todas as nações no último dia.

Preteristas parciais entendem que a abominação da desolação (Mt. 24:15) e grande tribulação (Mt. 24:21) ocorreu como o julgamento e a vinda de Jesus contra Israel no ano 70 dC. Nós cremos que a ressurreição física acontecerá no Segundo Advento, sendo ainda no futuro para nós. No entanto Daniel 12 mostra claramente que contemporânea a grande tribulação e o julgamento, o povo de Daniel experimentariam alguma forma de ressurreição. O capítulo 12 mostra que todas estas coisas culminaria com a quebra da nação judaica em 70 dC (v. 7; cf. Dn 7:23-27). Entender que tipo de ressurreição é falada aqui nesse capítulo é de imensa importância, no entanto, abordaremos essa questão mais para frente (cf. ressurreição em Daniel 12).

Daniel 12:5-13
Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um deste lado, à beira do rio, e o outro do outro lado, à beira do rio. E ele disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando será o fim destas maravilhas? E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, o qual levantou ao céu a sua mão direita e a sua mão esquerda, e jurou por aquele que vive eternamente que isso seria para um tempo, tempos e metade do tempo, e quando tiverem acabado de espalhar o poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas. Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso eu disse: Senhor meu, qual será

o fim destas coisas? E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão. E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, até que seja posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, vai até ao fim; porque descansarás, e te levantarás na tua herança, no fim dos dias.

Em Daniel 12:6 um dos anjos de cada lado do rio pergunta ao Homem de linho que estava acima do rio (provavelmente uma aparência pré-encarnado de Jesus; cf. Dn. 10:4-7 com Ap. 1:10-18), "até quando durará o cumprimento dessas maravilhas?" o anjo queria saber quando todas as coisas ditas nos capítulos 11-12 seria cumprido. O homem acima do rio proclamou que todas estas coisas seriam cumpridas até o final de "um tempo, tempos e metade de um tempo; e quando o poder do povo santo foi completamente espalhado todas estas coisas serão cumpridas"(Dn. 12:7). Tudo falado nos capítulos 11-12 (que é tudo falado em Daniel) seria concluído no momento em que o poder do povo de Daniel fosse completamente destruído, no final da era da antiga aliança em 70 dC (cf Mt 24:14).

Deve-se notar que há alguma fluidez em Daniel quanto ao significado do povo de Daniel. Daniel 12:1 afirma que o povo de Daniel que estão no livro de Deus (cf. Êx 32:33; Sl 69:28; Ap 3:5) são livrados nesse momento. Em aparente contradição com isso, Daniel 12:7 diz que o o povo de Daniel seria completamente destruído neste momento (cf. Dn. 9:26-27). Esta aparente discrepância é esclarecido no NT. No Apocalipse diz que aqueles que estão no livro de Deus são aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da vida do Cordeiro (Ap 20:12; 21:27). Assim, o significado de Daniel 12 é que o povo de Daniel, espiritualmente falando (aqueles no Livro da Vida;. Ou seja, o verdadeiro Israel, v 1), seria livrados no momento em que o povo de Daniel, falando fisicamente (ou seja, Israel físico, v. 7), seriam quebrados (Rm. 9:6-8). O tempo entre 30-70 dC seria o momento da queda e ressurgimento de muitos em Israel

(Lucas 2:34; cf. Atos 3: 22-23), e no final o reino de Deus seria totalmente dado a seu novo povo da aliança (cf. Mt 8:10-12; 21:33-43).

O homem em Daniel 12:7 erguendo as mãos em um juramento ("ele ergueu a mão direita e esquerda, e jurou por aquele que vive para sempre") paralelo as ações de Deus no Cântico de Moisés (Dt 32; cf. Ap 10:1-7). O Cântico de Moisés descreve a história de Israel, do começo de Deus com eles até o seu "fim" (Dt. 32:29). Em Deuteronômio 32 é o próprio Deus que afirma uma profecia do fim de seu antigo povo da aliança em um juramento similar ao de Daniel 12:12: "Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim;. . . Porque levantarei a minha mão aos céus, e direi: Eu vivo para sempre." (Dt 32:39- 40; cf. Ap 10:5-7).

O tempo do fim que 12:7 está marcando é o mesmo fim da era ou dispensação, do povo físico da aliança de Deus que Deuteronômio 32 fala: "Porque são gente falta de conselhos, e neles não há entendimento. Quem dera eles fossem sábios! Que isto entendessem, e atentassem para o seu fim!"(Dt. 32:28-29).

O cântico de Moisés e o tempo do fim

Dado que o cântico de Moisés fala sobre o "fim" da era do antigo povo pactuado de Deus, não deve ser nenhuma surpresa que Daniel 12 alude a ela em falar sobre o tempo do fim da antiga aliança. Abaixo estão alguns trechos de Deuteronômio 32 que descrevem este fim dos tempos. Eu adicionei algumas referências bíblicas entre parênteses:

Deuteronômio 32:5, 21
Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é. [cf. At 2:14-21, 40].... "A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com as suas vaidades me provocaram à ira: portanto eu os provocarei a zelos com o que não é povo; com nação louca os despertarei à ira."[Cf. Romanos 10:19]

Deuteronômio 32:34-43

Não está isto guardado comigo? Selado nos meus tesouros? Minha é a vingança e a recompensa, ao tempo que resvalar o seu pé; porque o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes hão de suceder, se apressam a chegar. [cf. Lucas 20: 20-24] Porque o Senhor fará justiça ao seu povo [cf. Dn. 7:7-10; 12:1-3; Hb. 10:30, 37-38], e se compadecerá de seus servos; quando vir que o poder deles se foi, e não há preso nem desamparado. Então dirá: Onde estão os seus deuses? A rocha em quem confiavam, De cujos sacrifícios comiam a gordura, e de cujas libações bebiam o vinho? Levantem-se, e vos ajudem, para que haja para vós esconderijo. Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim; eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro, e ninguém há que escape da minha mão. Porque levantarei a minha mão aos céus, e direi: Eu vivo para sempre. [cf. Dn. 12: 7; Ap. 10:1-7] Se eu afiar a minha espada reluzente, e se a minha mão travar o juízo, retribuirei a vingança sobre os meus adversários, e recompensarei aos que me odeiam. Embriagarei as minhas setas de sangue, e a minha espada comerá carne; do sangue dos mortos e dos prisioneiros, desde a cabeça, haverá vinganças do inimigo. Jubilai, ó nações [cf. Rm. 15:10], o seu povo, porque ele vingará o sangue dos seus servos, e sobre os seus adversários retribuirá a vingança [cf. Ap. 6:9 a 11], e terá misericórdia da sua terra e do seu povo.

O NT aplica esses versos ao julgamento para o que estava para acontecer no primeiro século (ver abaixo); eles não estão falando de um julgamento ainda futuro de Israel. Deve-se notar que os autores do Talmud viram o cumprimento de Deuteronômio 32 em 70 dC na quebra da nação judaica. Eles realmente colocaram Deuteronômio 32:37 nos lábios de Tito: "Vespasiano enviou Tito, que disse: Onde está o seu Deus, a rocha em que se refugiavam? Este foi o Tito ímpios que blasfemou e insultado o céu"

É importante notar que o "fim" de Deuteronômio 32:29 e os "últimos dias" de Deuteronômio 31:29 não são algum futuro últimos dias do planeta Terra, mas são os últimos dias da antiga aliança. Isso explica por que os escritores do NT se refere ao seu dia como os "últimos dias" (At 2:17; 2 Tm. 3:1, Hb 1:2; Tg 5:3; 1 Pe 1:20; 1 Jo 2:18); eles estavam

vivendo nos últimos dias da dispensação da antiga aliança. Ela também ajuda a explicar o tempo do fim de que Daniel está falando. Foi em 70 dC que Deus iria julgar seu povo (Dt 32:36; cf. Tg 5:1-9; 1 Pe 4:17) e vingar o sangue dos seus servos (Dt 32:43; cf.. Is 66:4-16; Mateus 23:29-36; Ap 6:9-11; 18:24-19: 2).

Nesse tempo do fim da era da antiga aliança, Deus disse que iria "incitar [Israel] em ciúmes com aqueles que não são uma nação [e] movê-los para a raiva com um povo insensato" (Dt. 32:21). Paulo cita isso em Romanos 10:19 e diz que estava sendo cumprida no primeiro século com a entrata de crentes gentios na nova aliança (cf. Rm. 9:22-23). Em Romanos 15:10 Paulo cita Deuteronômio 32:43 e novamente faz a conexão com o que estava acontecendo no primeiro século com novos crentes gentios ("Alegrai-vos, gentios, com o seu povo!" Rm. 15:10). Assim, Paulo viu claramente seus dias como os últimos dias da antiga aliança de Israel, conforme descrito em Deuteronômio 32.

Tendo dito isto, é importante notar no entanto, que o fim da era não trouxe a eliminação do relacionamento entre Deus e seu povo. Deus disse que os filhos de Israel seriam devorados neste momento: Males amontoarei sobre eles; as minhas setas esgotarei contra eles. Consumidos serão de fome, comidos pela febre ardente e de peste amarga; e contra eles enviarei dentes de feras, com ardente veneno de serpentes do pó. Deuteronômio 32:23,24. Mas ele continua a dizer que eles não serão totalmente eliminados:

Por fora devastará a espada, e por dentro o pavor; ao jovem, juntamente com a virgem, assim à criança de peito como ao homem encanecido.
Eu disse: Por todos os cantos os espalharei; farei cessar a sua memória dentre os homens, Se eu não receasse a ira do inimigo, para que os seus adversários não se iludam, e para que não digam: A nossa mão está exaltada; o Senhor não fez tudo isto. (Dt. 32:25-27; cf. Dt 29: 22-30:4).

Paulo faz um ponto similar em Romanos 11. Ele diz que enquanto Israel físico seria quebrado, o remanescente acabaria por ser enxertado na árvore da verdadeira Israel (vv. 11-36).

Quando essas coisas devem acontecer?

A Daniel é dito que o marcador final (terminus ad quem) de todas as coisas que ele tinha visto seria a quebra de seu povo no final de "um tempo, tempos e metade de um tempo" (Dn. 12:7 cf. Dn 9:26-27). Este foi o fim da última metade da septuagésima semana de Daniel, o fim da campanha de ataque de três anos e meio por Tito (Dn. 7:25). Tito é o príncipe do povo que viria e destruiria Jerusalém e o Templo e tornaria desolada a nação judaica (Dn. 9:26-27). Daniel não entendeu o que isso significava e então ele perguntou: "Meu senhor, qual será o fim destas coisas?" (Dn. 12:8). Em resposta a isso, a Daniel foi dito que o entendimento dessas coisas foi "fechadas e seladas até o tempo do fim" (Dn. 12:9). Compare isso com o livro do Apocalipse, onde a João é dito para não selar seu livro, porque o tempo de suas profecias estava à mão: "Não seles as palavras da profecia deste livro porque o tempo está próximo" (Ap. 22:10; cf. Ap 1:1-3). O tempo do fim que viria em 70 dC, estava cerca de 600 anos ainda no futuro do tempo de Daniel, mas estava a mão quando João escreveu Apocalipse (c. 65 dC).

1290 Dias

Depois de ser dito que o sentido de sua profecia foi selado até o tempo do fim dos tempos, a Daniel foi dito dois marcadores para a contagem regressiva para este fim (Dn. 12:11). O homem vestido de linho diz a Daniel que há 1.290 dias entre o momento que o sacrifício diário foi tirado até o momento que a abominação da desolação é estabelecida, até o fim dos tempos. Com isto em mente, lemos Daniel 12:11 da seguinte forma:. "E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e posta a abominação da desolação, haverá mil duzentos e noventa dias"(Dn. 12:11). A abominação da desolação aqui faz referência a Daniel 9:27, a vinda daquele que faria Israel desolada ("... E sobre a asa das abominações virá o assolador. . . ."). Observaremos que 1290 dias deveria ser contado após a chegada de Tito a Terra Santa (67 dC), até que nação judaica fosse destruída (70 dC) fazendo cessar os sacrifícios.

Quarenta e cinco dias além dos 1.290 dias, 1.335 dias, um período abençoado era para começar: "Bendito o que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias" (Dn 12:12.). Usando a figura de 30 dias, em média, para um mês judaico, 1.290 dias é de 43 meses; É um mês a mais do que os três anos e meio "um tempo, dois tempos e metade de um tempo" de Daniel 12:7 (cf. Dn 7:25), que é 1.260 dias (cf. Ap 12: 6, 14), ou 42 meses (cf. Ap. 11:2; 13:5). Os 1.335 dias de Daniel 12:12 acrescenta um mês e meio (45 dias) aos 43 meses, fazendo 44 meses e meio. Enquanto estes esclarecimentos do tempo do fim deveriam ser útil, eles deixam Daniel perplexo, e na maioria das vezes eles têm feito o mesmo com os comentaristas. Como resultado disto, os 1.290 / 1.335 dias têm dado origem a uma série de teorias que tentam explicá-los.

Tentativas de explicar os 1290/1335 dias

Alguns daqueles que tentam aplicar os 1.290 / 1.335 dias para o tempo de Antíoco IV postulam que este pode ter sido o tempo entre quando o sacrifício diário no Templo de Jerusalém foi cessado e a morte de Antíoco IV.

Porém o apoio histórico para esta hipótese está faltando, no entanto (claro, aqueles que sustentam a hipótese não colocar muito crédito no livro de Daniel; eles vêem isso como uma profecia falha). De acordo com 1 Macabeus o tempo que abominação da desolação de Antíoco IV (a criação de um altar dedicado a Zeus) ficou no Templo 3 anos e 10 dias, quisleu 15, 167 aC (. 1 Mac 1:54) para Chislev 25, 164 aC (1 Mac. 4: 52-53). Este período de 1.090 dias não se encaixa nos 1.290 dias (que é de 3 anos e 7 meses) de Daniel 12:7.

Antíoco IV morreu no final de 164 aC (ou precoce 163 aC). Mesmo que sua morte pudesse de alguma forma ser mostrado até o final dos 1.290 dias após o sacrifício do Templo ser removido, 45 dias após este tempo não trouxe no período abençoado que os 1.335 dias é dito trazer (Dn. 12:12). Após a morte de Antíoco IV, seu filho, Eupator, continuou a guerra contra os judeus com ainda mais vigor (1 Mac. 6: 17-54). Não foi até 2 anos após a morte de Antíoco que Judas Macabeus ganhou uma

vitória decisiva sobre os selêucidas com a derrota do príncipe Nicanor (1 Macc. 7: 26-50).

Outros que veem esta seção de Daniel como falando sobre a Antíoco IV e a crise dos macabeus a adição dos 1.290 e 1.335 dias de versos 11-12 são adições ou correções que foram dadas pois o estabelecimento do reino de Deus não aconteceu como o escritor de Daniel (supostamente) esperado no segundo século antes de Cristo. Baldwin escreve o seguinte breve crítica desta "teoria da correção."

"H. Gunkel notou a menção de 1.150 dias em 8:14, e apresentou a sugestão de que as 1290 e 1335 dias são correções, feitas quando o fim não veio no momento em que foi inicialmente esperado. Ele foi seguido por Montgomery, Bentzen, Delcor e Lacocque, mas Porteous [Daniel, A Commentary, 1965, 172] confessa a dificuldade em ver como correções urgentes poderia ter sido adicionado a um livro que tinha acabado de ser emitido, mesmo que em um limitado número de cópias. Os números não se encaixavam, e é difícil fazê-los se adaptar a qualquer esquema."

Alguns comentaristas (Por exemplo, EJ Young, Baldwin), sendo incapaz de chegar a um cumprimento literal, propuseram que os 1.290 e 1.335 dias são simbólicos. Eu poderia entender isso, mas nós não encontramos nenhuma evidência, no entanto, da Bíblia utilizando 1.290 como um número simbólico, e é difícil pensar em um número menor simbólico do que 1.335! Como Indiquei, o tempo do fim, em Daniel é o tempo do fim da era, ou dispensação da antiga aliança que terminou em 70 dC. Este foi o momento em que, durante três anos e meio de Tito travou uma guerra contra os judeus, seu poder foi completamente destruída (o fim de um tempo, tempos e metade de um tempo, Daniel 7:25; 12:7). Nós, portanto, olharemos para o cumprimento dos 1.290 / 1.335 dias a ser encontrado no tempo que leva até 70 dC. Ao discutir a nossa solução para os 1.290 / 1.335 dias, eu primeiro preciso elaborar sobre a abominação da desolação de Daniel 12:11, que é é o ponto de início da contagem decrescente até ao fim.

A abominação da desolação

Daniel 12:11 diz que 1.290 dias iria passar do tempo em que é posta a abominação da desolação até o tempo que o sacrifício diário fosse tirado, como consequência da quebra da nação judaica no final da era. Embora o fim da era não é explicitamente mencionado no versículo 11, os 1.290 dias são dadas no contexto da pergunta de Daniel no versículo 8 a respeito de quando iria ocorrer o fim "Meu senhor, quando será o fim destas coisas?"(cf. v. 6-7).

Além de Daniel 12:11, há dois outros lugares em Daniel que se referem a uma abominação da desolação: Daniel 9:27 e 11:31. Daniel 11:31 Refere-se à chegada do povo de Tito, os romanos em 67 dC. Este abominável da desolação também é descrito em Daniel 8:11-14, onde é referido como uma "transgressão da desolação" (v. 13). Daniel 8 diz que o autor dessa transgressão da desolação (o povo do príncipe Dn 9:26) sairia dos quatro ventos (Dn. 8: 8-14, 21-22). Este período de acontecimentos é dito durar "2.300 dias" (Dn. 8:14).

A outra abominação da desolação em Daniel é encontrado em Daniel 9:27; ". . . E sobre a asa das abominações virá o assolador. Até à consumação, o que é determinado, é derramado sobre o assolador."A vinda daquele que faz desolada resultaria na destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26 cf Lc 21:20-21). Esta é época da quebra da nação judaica é o tempo que Daniel 12 está mostrando (v. 3, 7). Esta abominação da desolação envolveria a chegada do príncipe para vir (Dn. 9:26) e marcaria o início da última metade da septuagésima semana de Daniel (cf. Dn. 7:25). Este é sinônimo com a vinda do rei do Norte e seu ataque contra Jerusalém (Dn. 11:40-45).

Para resumir, há quatro lugares no livro de Daniel que se referem a abominação da desolação: 8:11-14, 9:27, 11:31 e 12:11 e todas elas falam da mesma abominação da desolação realizada pelos exércitos romanos, "o povo do príncipe que há de vir".

Os 1290 Dias

Daniel 12:11 nos dá o ponto de partida e o fim para os 1290 dias (o sacrifício diário tirado e a abominação da desolação) não é tão estranho quanto parece à primeira vista. Assim, o homem glorioso estava dizendo a partir do momento da chegada daquele que deixaria desolada a nação judaica (a abominação da desolação) até o momento que o sacrifício diário fosse removido e a quebra da nação judaica haveria 1.290 dias ou 43 meses. Eu acredito que a remoção do sacrifício diário que Daniel 12:11 fala da cessação do sacrifício que aconteceu perto do fim da guerra judaica (no final de julho/agosto de 70 dC).

O começo da guerra

Respondendo a ordem de Nero para esmagar a rebelião judaica, Tito marchou a legião XV do Egito até a Terra Santa para se encontrar com seu pai em Ptolemaida na fronteira oeste da Galileia. Esta vinda de Tito aconteceu por volta de fevereiro de 67 dC, enquanto marchava uma ala do exército romano atravessou a terra sagrada de Israel. Este foi um dos sinais que Jesus advertiu para os que residiam na Judeia a fugir; todo o inferno literalmente desabou neste momento (Mt. 24:15-24; cf. Ap. 6). A chegada de Tito foi o início da grande tribulação; Isso culminou com a quebra da nação judaica 1.290 dias depois, em agosto / setembro de 70 dC (Dn. 12:1-7).

Proponho, portanto, que o ponto de partida para os 1.290 dias de Daniel 12:11 é a chegada de Tito enquanto marchava uma ala do exército romano atravessando a terra sagrada de Israel por volta de fevereiro de 67 dC,

Eu acredito que Paulo está usando esse ponto de partida para a contagem regressiva do o fim da era em Daniel 12:11, quando ele dá dois indicadores sinalizando que o dia do Senhor estava à mão em 2 Tessalonicenses 2:1-4. Paulo está usando claramente Daniel 11:36-12:13 em 2 Tessalonicenses 2 (cf. Dn. 11:36-37 com 2 Ts 2:4.). Ao discutir o homem da iniquidade, Paulo elabora sobre o rei do Norte, o que levaria o ataque contra o templo de Jerusalém (cf. 2 Ts 2:.4; Dn 11:45.) No

momento da grande aflição e restauração de Israel (1 Ts 5:3; cf. Dn. 12:1-2.).

Paulo dá dois marcadores para a contagem regressiva para o dia do Senhor:
1) "A rebelião" e 2) a revelação do "iníquo" (2 Ts 2:3) Mais uma vez, foi a chegada da abominação da desolação que marcou o início da contagem regressiva de 1290 dias. Eu sugiro que Paulo está conectando a chegada da abominação da desolação Daniel 12:11 com a chegada do homem da iniquidade em 2 Tessalonicenses 2:3 (ele pode ter Dn 11:40 em mente também). Isso significaria que Paulo está conectando a abominação da desolação, a vinda daquele que faria Israel desolada, com a revelação do homem do pecado, e a vinda daquele que capturaria o Templo (uma conexão bastante simples).

Os 1290 dias e a destruição do Templo

O cerco de Jerusalém terminou no início de setembro do ano 70 dC, resultando na destruição do templo. Se você contar para trás 1.290 dias (43 meses) a partir do início de agosto/setembro de 70 dC, ele te leva a fevereiro de 67 dC. Este foi o tempo que Tito marchou com seu exército até a Terra Santa. Gostaria de explicar a diferença meses entre os 43 meses de 1.290 dias (Dn 12:11.) E os 42 meses de "um tempo, dois tempos, e metade de um tempo" que o chifre pequeno foi à guerra contra os judeus (Dn. 7:25; 12:7; cf. Ap. 11:2; 13:5). Foi cerca de um mês e meio depois (Início de Fevereiro de 67 dC) que ele realmente começou sua campanha de 42 meses contra os judeus.

Como já mencionado anteriormente, era Tito, que lutou contra o povo de Daniel por três anos e meio, e não Vespasiano. A atenção de Vespasiano se voltou paraa Roma por volta de julho de 69 dC, quando suas tropas o proclamou imperador. Assim, o comprimento dos Combatentes de Vespasiano contra os judeus era de dois anos e meio. Ambos Vespasiano e Tito fizeram a primeira invasão sobre a Terra Santa (Dn. 11:40-41); Mas foi Tito sozinho quem fez a segunda invasão (do Egito, Dn. 11:42-

45). Isto cumpriu a profecia do rei do Norte invadir a Terra Santa do Egito.

1335 Dias

Daniel não entendeu a resposta dada no versículo 7 para a questão de quanto tempo até a realização dos eventos revelado a ele, e então ele tentou uma pergunta ligeiramente diferente. Ele perguntou qual o fim o ou o resultado dessas coisas (Dn. 12:8). Esta pergunta é respondida em Daniel 12:12, onde Daniel é informado de que um período de profunda bênção era começar 45 dias após os 1.290 dias, isto é 1.335 dias.

Bendito o que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias. Os 1.335 dias, seria um período abençoado que deveria começar 45 dias após a queda do templo em 70 dC (Dn. 12:7; cf Dn 9:26-27). Se a minha interpretação está no caminho certo, você esperaria que 45 dias após a queda do Templo iria trazê-lo para uma data de particular importância em termos do fim da Antiga aliança. Os 1.335 dias contados a partir do mesmo tempo de partida quando os exércitos romanos sob comando de Tito atravessam a cidade santa em fevereiro de 67 dC, se concluem com a cidade de Jerusalém destruída por esses mesmos exércitos romanos. Todos os antigos habitantes de Jerusalém, que já tinham saído mais cedo, sobrevivem para ver esse evento "sãos e salvos", poderiam ser descritos como "felizes" os que haviam fugido e sobrevivido a essas desolações e que não foram destruídas com os milhões que morreram nesta guerra em Jerusalém. (Daniel 12:12).

A Festa dos Tabernáculos

A Festa de Tabernáculos comemora a interposição final da colheita (Dt. 16:13-15), daí o seu nome do outro, a festa da colheita (Ex. 23:14- 17). É a última das festas anuais de Israel e é um símbolo da (terminus ad quem) colheita do povo de Deus no tempo do fim. Isto pode ser visto na explicação da parábola de Jesus do trigo e do joio (Mt. 13:36-43) em que o final da colheita é usado como uma analogia para a coleta do povo de Deus no final da era: “o campo é o mundo (kosmos); a boa semente são

os filhos do reino, mas o joio são os filhos do maligno.... A colheita é o fim da era (Aion)". (Mt 13:38-39; cf. Ap. 14:14-20). Observe que Jesus faz alusão a Daniel 12 ao contar esta parábola:

Assim sendo como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será no fim da era. O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles retirarão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e lançá-los na fornalha de fogo. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol, no reino de seu Pai.
Mateus 13:40-43

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Aqueles que são sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente.
Daniel 12:2-3

Jesus aludiu a Daniel 12 aqui, e é observável aqui que ambas as passagens referem-se ao final da era da antiga aliança. O cumprimento desta colheita no fim da era aconteceu na parousia de Jesus no ano 70 dC, depois de um tempo tempos e metade de tempos. Jesus indicou que este evento iria acontecer na vida de algumas das pessoas que estavam ali ouvindo Ele:

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.
Mateus 24:30-34

Esta colheita/reunião do povo de Deus não era um arrebatamento físico para o céu, mas um encontro espiritual dos crentes para a plenitude da nova aliança. Jesus deveria "reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos." (Jo 11:49-52; cf. Mt 3:5-12). Este encontro aconteceu no cumprimento da Festa da Colheita em 70 dC (cf. Ap 14:14-20). Este foi o momento em que o povo de Deus possuía plenamente o reino (Dn 7:17-27; cf. Ap 11:15-18).

O Descanso de Daniel e o Tribunal

Daniel 12:13
"Quanto a você, siga o seu caminho até o fim. Você descansará, e então, no final dos dias, você se levantará para receber a herança que lhe cabe". (NVI)

No final de suas visões em Daniel 7 e Daniel 8, Daniel ficou alarmado e angustiado. Agora, no final de sua visão final, ele pode descansar. As visões anteriores de tribulação também mostrou a Daniel que Deus sempre é triunfante no final, mas Daniel não tinha sido inserido nesta vitória emocionalmente. Agora, ele estaria de alguma forma incluído. Podemos ter conforto nisso. Sabemos também que a vitória de Deus é certa, enquanto as atribulações do mundo atual pode nos trazer angústia . Mesmo Daniel, tão habilidoso quanto ele era, foi igualmente angustiado. Levou tempo para ele se tornar emocionalmente e psicologicamente ajustado ao fato de que a futuro vitória de Deus supera todo o sofrimento presente.

A Daniel é dito que ele vai "levantar" ao final desses dias (12:13). Este evento acontece no final do tempo profetizado nesta visão, e por isso não está falando da ressurreição do corpo no final da história humana. "Ficar de pé" nesta passagem tem a ver com levantar-se para ser julgado, não se levantar no sentido de ressurreição física. O que a Daniel está prometido é que após seu descanso (morte), ao fim dos dias, ele estará pé diante do trono para ser julgado e receberá seu galardão, um evento que acontece depois da Grande Tribulação no ano 70 dC.

Ao entrarmos nesta grande e solene porção da Palavra de Deus, desejamos fazê-lo com profunda reverência e humildade de espírito. Além disso, nos aventuramos a implorar a sinceridade do leitor.

Mateus 10:15: "Em verdade vos digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade."

Mateus 11:22-24: "Por isso eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no dia do juízo, do que para vós.
E tu, Cafarnaum, que te ergues até ao céu, serás abatida até ao inferno; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje.
Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti."

Mateus 12:36: "Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo."

Mateus 7:22,23: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade.”

Mateus 12:41,42: "Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é maior do que Jonas.

A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão."

Nas passagens acima, temos referência à consumação que se aproxima. Encontramos a expressão "naquele dia" e "dia do juízo". Não se pode duvidar que essas expressões são sinônimos e referem-se ao mesmo período. Mas já vimos que o julgamento é contemporâneo do "fim dos

tempos". A parousia também é constantemente representada como coincidente no tempo com "o fim dos tempos", de modo que todos esses grandes eventos, a parousia e o julgamento são contemporâneos do "fim da era" o término da economia judaica; e uma vez que nosso Senhor claramente e freqüentemente colocou este evento dentro dos limites da geração existente, podemos concluir que a parousia e o julgamento, todos pertencem ao período da destruição de Jerusalém, ou pelo menos, são inaugurados ali.

Devemos considerar de onde estes mortos "surgiriam"? Para onde iam as pessoas ao morrerem? O sheol / hades é considerado a "morada" dos mortos. Os mortos "residem" no sheol / hades até o dia da ressurreição (Ap 20:13-15). Note bem que nosso Senhor não disse que eles seriam "ressuscitados fisicamente", mas apenas que eles "surgiriam", essa não é a ressurreição do último dia.

Não importa o quão alarmante ou incrível como ele pode parecer esta conclusão no início, nós descobrimos que a evidência em apoio a esta conclusão se acumula na medida em que é irresistível. Enquanto isso, só podemos pedir ao leitor que reserve seu julgamento e, com calma e imparcialidade, pese a evidência derivada, não da autoridade humana, mas da mesma palavra de inspiração.

Em conexão com essas passagens, podemos concluir que o "julgamento" de 70 dC incluía não apenas judeus apóstatas vivos, mas também (de alguma forma) todas as pessoas vivas na época (até gentios vivendo a milhares de quilômetros de distância). Mas isso não é tudo, podemos observar que o "julgamento" incluía todos aqueles que morreram naquela geração do primeiro século e também aqueles das gerações anteriores.

Jesus disse aos seus apóstolos (que eram a parte fiel desta 'geração') que alguns deles viveriam para ver a Sua 'vinda' (Mt 16:28, observe o aspecto 'julgamento' do verso anterior).

"Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino" (Mateus 16:27,28)

Observe cuidadosamente o que aconteceria antes da morte de todos os discípulos de Jesus do primeiro século: Cristo retornaria, não apenas "em Seu reino", mas também atuaria como juiz, distribuindo recompensas ou punições de acordo com os feitos dos homens! Essa vinda é acompanhada por anjos, acrescentando à sua natureza gloriosa. Então, vamos ver o que temos aqui. Jesus retornando em glória, estabelecendo Seu reino e julgando as ações da humanidade.

Vamos examinar a lógica:
- Jesus disse que a rainha de Sabá, os ninivitas e os sodomitas "se levantariam" com a geração de judeus a quem ele se dirigia.
- Jesus disse que Israel seria julgado por sua rejeição a Ele antes que a geração à qual Ele se dirigia passasse completamente.

Contudo uma vez que nem toda pessoa daquela geração havia morrido em 70 dC, nem toda pessoa incluída nela poderia "surgir" naquele tempo. Devemos estar atentos e não ignorar o fato de que existem duas classes de pessoas mencionadas nesta "geração" - os redimidos e os não redimidos. Por um lado, pelo menos algumas das pessoas vivas na época viveriam tempo suficiente para testemunhar o julgamento temporal da vinda de Cristo sobre Israel infiel. Alguns dos discípulos de Jesus estão incluídos nesta promessa (Mt 16:27). Por outro lado, havia aqueles dentro daquela geração que não viveriam tempo suficiente para testemunhar o julgamento temporal desses eventos mas sofreriam a condenação que mereciam no julgamento da vida após a morte. Foi nessa época, no julgamento temporal de Jerusalém, que os mortos das gerações anteriores e os que morreram em "esta geração" se levantaram e adicionaram suas condenações às do Senhor; "ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão". Todos os homens que tinham morrido até o "dia do juízo" foram levantados do Sheol / Hades e foram julgados cada um segundo suas obras diante do tribunal de Cristo.

Em conexão com essas passagens, podemos concluir que o “julgamento” de 70 dC incluía não apenas judeus apóstatas vivos, mas também (de alguma forma) todas as pessoas vivas na época (até gentios vivendo a milhares de quilômetros de distância). Mas isso não é tudo, podemos observar que o “julgamento” incluía todos aqueles que morreram naquela geração do primeiro século e também aqueles das gerações anteriores.

Assim como os ninivitas e a rainha do sul, Daniel "levantar" no dia do juízo (12:13). Novamente este evento não está falando da ressurreição do corpo no final da história humana. “Ficar de pé” nesta passagem tem a ver com levantar-se para ser julgado, não se levantar no sentido de ressurreição física. A ideia aqui é que no dia do juízo (em 70 dC, o dia do Senhor) os mortos das gerações anteriores se "levantarão", no sentido de estarem de pé diante do trono, para serem julgados.

A princípio as referências ao "levantar" e ao juízo das gerações anteriores não fazem sentido no contexto de uma punição aos judeus apóstatas do primeiro século. Esses versos só são confusos quando são removidos do contexto do primeiro século e colocados em algum lugar no futuro distante! Jesus foi muito claro em seu ensino que o dia do juízo teria lugar em sua vinda, na destruição de Jerusalém.

É estranho que tão grande incredulidade deva existir nos dias de hoje, respeitando o sentido claro das declarações expressas do nosso Senhor sobre este assunto, não há ambiguidade ou incerteza em sua linguagem. Pode-se dizer que não temos nenhuma evidência de tais fatos tendo ocorrido como descrito aqui, Verdade; mas é certo que estes são fatos cognoscíveis pelos sentidos? O lugar deles é na região do material e do visível? Como já dissemos, sabemos e temos certeza de que uma porção muito grande dos eventos preditos por nosso Senhor, e esperados por Seus apóstolos, realmente aconteceu naquela mesma crise chamada “o fim da era”. Nenhuma diferença de opinião sobre a destruição do templo, a derrubada da cidade, a matança incomparável do povo, a extinção da nacionalidade, o fim da dispensação mosaica. Mas eventos espirituais

estão inseparavelmente ligados à destruição de Jerusalém; Assim os mortos apartir daquele momento estariam sendo levados ao tribunal de Cristo para serem julgados (Rm 14:10; 2 Co 5:10; Hb. 9:27; Ap 20:11-13), antes que eles possam ressuscitar na ressurreição no último dia. São partes diferentes de uma grande catástrofe; cenas diferentes em um grande drama. A evidência disso ocorrendo no reino espiritual seria o julgamento ocorrendo no reino físico - a destruição de Jerusalém. Se o julgamento daquela geração ocorreu, devemos supor (com base nas palavras do próprio Cristo) que o julgamento das gerações anteriores também veio a acontecer naquele tempo.

É muito interessante o texto de Atos 17:31 que nos trás uma declaração "universal" (o que inclui as gerações anteriores). É claro, que este verso está se referindo a um evento que ainda é futuro para o apóstolo, e incluirá todas as pessoas de todos os tempos. Vejamos o que está escrito: "Ele fixou o dia em que julgará o mundo em retidão por um homem a quem ele designou, e disto deu segurança a todos os homens ressuscitando-o dentre os mortos". Se olharmos para o texto no texto grego, há uma omissão notável nesta versão em português. A palavra mello é encontrada aqui, embora não tenha sido incluída na tradução. Se incluirmos mello no verso, como deveria ser, iriamos ler: "Ele fixou o dia em que Ele está prestes a [mello] julgar o mundo em justiça".

Atos 17:31 não é o único texto que remete um juízo universal. Vejamos 2 Coríntios 5:10: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o bem ou o mal, segundo o que fez no corpo" (cf. Romanos 14:10-11).

Deve ser evidentemente claro que esses textos não dizem nada sobre o julgamento temporal (terreno), que ocorreu em 70 dC, mas como veremos, é possível que retrate o que ocorre no reino celestial (ou reino espiritual). Além dos textos acima temos uma declaração de Paulo muito interessante: "Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino" (2 Timóteo 4:1).

Como esses versículos implicam um julgamento de "todos os que estão vivos no tempo"? "Como essas advertências de julgamento [universal] se encaixam com a vinda de Cristo em 70 contra Jerusalém? "Devemos todos…" (Rm. 14:10), e "Pois todos devemos…" (2 Cor 5:10) é certamente "linguagem universal", mas indica apenas que toda pessoa, após a morte, estará diante do Senhor em seu tribunal para ser julgado (cf. Hb 9:27).

Em relação a Romanos 14:8-12 note que Paulo diz: "Para este fim, Cristo morreu e ressuscitou e viveu novamente, para que Ele seja o Senhor dos mortos e dos vivos." Ele continua: "Porque todos estaremos diante do tribunal de Cristo. Então, cada um de nós deve dar conta de si mesmo a Deus. Isso é simplesmente "todos estaremos diante do tribunal de julgamento. O julgamento foi inaugurado em 70 dC, exatamente como as Escrituras dizem que aconteceria:

Daniel 7:9,10
Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.
Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

Apocalipse 11:18
E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos

Apocalipse 20:12
E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

Esse Julgamento, do tribunal de Cristo, no entanto, é um processo contínuo, iniciado em 70 dC, e que ocorre ainda hoje na morte física do indivíduo e antes da ressurreição.

Cristo é de fato Senhor e Juiz de todos os homens, e aqueles que parecem escapar do julgamento neste mundo certamente não escaparão do julgamento eterno! Como Paulo escreveu: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o bem e o mal, segundo o que fez no corpo" (2 Coríntios 5:10). Preteristas parciais não negam o grande julgamento futuro e final da humanidade! Somos totalmente contra a suposição de que o Julgamento que ocorreu em 70 dC foi o julgamento final (no sentido de ser o último). Devemos entender alguns tipos de julgamentos que a Bíblia nos apresenta.

1- O julgamento terreno – Também chamado de juízo nacional, é um julgamento temporal sobre um povo ou nação. É um julgamento dos vivos, continuo e progressivo sobre as nações. Após a destruição de Jerusalém, Cristo está em seu trono julgando as nações até o último dia. (Mt 25:31-46)

2- O julgamento particular – Também chamado de o tribunal de Cristo, é o julgamento dos mortos, o julgamento individual de cada um. (Rm 14:10; 2 Co 5:10; Hb 9:28; Ap 20:11-12)
3- O julgamento final – Também conhecido como juízo final, é o julgamento de toda humanidade após a ressurreição no final da história. O juízo final não mudará em nada a sentença estabelecida no juízo particular, mas servirá para que resplandeça a sabedoria e a justiça divina, é a execução da sentença estabelecida no tribunal de Cristo, prêmio dos bons e castigo dos maus. Portanto, o corpo será ressuscitado, no último dia, para ser punido ou premiado junto com a alma. No último dia, todos os homens morrerão, e, depois, ressuscitarão em corpo e alma, para serem publicamente julgados por Deus. (Mt 10:28; Mt 25:46; Jo 12:48; At 24:15; 1 Ts 4:16; 1 Co 15:20-28, 51-56; Ap 20:13-15).

A destruição de Jerusalém não apenas inaugurou o juízo sobre as nações, um julgamento temporal sobre os vivos, mas também inaugurou o

julgamento dos mortos no reino espiritual, um julgamento que incluiu Daniel e todos os santos e profetas, os ninivitas e a rainha do sul, bem como os incrédulos.

A evidência desse julgamento dos mortos acontecendo contemporâneo a destruição de Jerusalém pode ser visto também no livro do Apocalipse capítulo 11. O verso 18 diz que chegou "o tempo dos mortos para serem julgados e dar a recompensa aos seus servos, os profetas...".

Mas por que Deus também faria um julgamento neste momento, em vez de reservar todo o julgamento para o fim da história? É verdade que podemos traduzir a palavra grega krino como "vindicar". Embora isso seja possível, é um sentido muito incomum desse termo. O significado comum para esta palavra é envolver-se no processo judicial. E esse é o contexto, não é? Os anciãos estão sentados nos tronos; eles estão envolvidos no processo judicial. E os comentaristas admitem que as imagens de toda a passagem apontam fortemente para Daniel 7 como o pano de fundo do Antigo Testamento. E essa passagem tem um processo judicial acontecendo e Daniel 7:22 diz que em 70 dC "um julgamento foi feito em favor dos santos do Altíssimo, e chegou o tempo para os santos possuírem o reino".

Este foi o ponto de virada na guerra espiritual. Antes disso Daniel diz que a Besta estava ganhando e estava desgastando os santos. Mas depois disso a igreja explode. Mas em qualquer caso, há tronos, uma corte e julgamentos sendo feitos contra a Besta, contra as nações, em favor dos santos. Até que os Preteristas Parciais vejam o julgamento tanto no começo do reino de Cristo quanto no fim do reino de Cristo, eles não terão respostas fortes contra os melhores argumentos dos Preteristas Plenos. O Julgamento começou e continua até o último dia.

E há muitas Escrituras além de Daniel que falam de um julgamento do primeiro século. Em qualquer caso, o Antigo e o Novo Testamento indicam que o julgamento caracteriza o começo do reino. Mas o reino é progressivo e o julgamento contínuo, ele começa e termina com julgamento. O início do julgamento foi dito estar próximo (Mt

24:32,33), as portas (Mt 24:33), dentro de uma geração (Mt 24:34), e estar "prestes a" acontecer - nossa palavra favorita mello (ver o paralelo em Lucas 21:7). Por outro lado, os Preteristas Completos ignoram as referências que indicam que o julgamento é contínuo (25:31-46), e que haverá uma ressurreição física no último dia (Jo 5:25-29, 6:39-40, 44, 54, 11:24, 12:48, At 24:15, 1 Ts 4:14-17, 1 Co 15:20-26, 35-45). Após a morte todos comparecem ao tribunal de Cristo para serem julgados, e após isso são levados imediatamente ao ultimo dia para serem ressuscitados e terem suas sentenças executadas; os que fizeram o bem para a ressurreição da vida, os que fizeram o mal para ressurreição da condenação. (cf. Hb 9:28; Jo 5:29; Mt 10:28; Ap 20:13-15)

Em Hebreus o autor explica por que os santos do Antigo Testamento não foram ressuscitados no início do reino, mas serão ressuscitados no final. Hebreus 11:40 diz que eles não tiveram o privilégio de viver na era do reino, no entanto Ele os privilegia de outra maneira. Ele iguala os privilégios. Hebreus 11:40 Diz, que "Deus providenciou algo melhor para nós, para que eles não sejam aperfeiçoados à parte de nós".

O próximo capítulo define ser aperfeiçoado como sendo ressuscitado e curado, eles assim como nós esperamos melhor ressurreição. Eles não podem ser ressuscitados até que o reino seja entregue ao Pai e todos os inimigos sejam vencidos. Isso traz uma justiça e uma unidade no reino onde eles participam conosco. Os santos do Antigo Testamento não foram enganados - eles não foram deixados de fora.

Mas não são apenas os mortos que são julgados e recompensados. O julgamento também é feito em favor dos santos vivos. O texto continua dizendo: "...e para os santos e aqueles que temem o seu nome [esse é o tempo presente - aqueles que estão temendo o seu nome; então eles estão vivos - para os santos e aqueles que atualmente temem o seu nome"], pequenos e grandes, e para destruir aqueles que corromperam a terra. (Apocalipse 11:18)

Isso também é um cumprimento da profecia de Daniel 7. Esse capítulo não apenas prometeu um julgamento em favor dos mortos, mas um

julgamento em favor dos santos vivos. Daniel diz que quando a corte foi assentada e os livros foram abertos (v. 10), o julgamento foi feito em favor dos santos (v. 18,22,27) e contra as bestas demoníacas que controlavam o mundo (v. 11-12,26-27). Então, nós, os santos vivos, temos privilégios que precisamos acessar.

E quanto ao julgamento daqueles que corromperam a terra? Roma e Israel sofreram muito desde que ambos haviam corrompido a terra de Israel. Mas foram os poderes demoníacos por trás deles que foram amarrados e lançados no fogo de acordo com Daniel. Mas Daniel nos adverte para não esperar a perfeição no primeiro século. Enquanto a Besta estaria presa no poço, existem outros poderes demoníacos que não seriam ligados. O versículo 12 de Daniel 7 diz: "Quanto ao resto dos animais, tiveram o domínio deles tirado, mas as suas vidas se prolongarão por um tempo."

Em outras palavras, o reino foi arrancado deles, mas isso não significa que esses demônios não possam continuar a trabalhar. Eles vão trabalhar. Eles vão se envolver em atividades de guerrilha. Mas deixaremos esses detalhes reservados para nossa análise do livro do Apocalipse.

Sumário dos 1290/1335 Dias

A queda de Jerusalém marcou a quebra da nação judaica (Dn. 12:7); Aconteceu 1.290 dias após a vinda daquele que faria Israel desolada (a abominação da desolação de Dn. 9:27 e 12:11). Adicionando 45 dias (o que equivale a 1.335 dias de Dn. 12:12) nos leva para o dia da queda de Jerusalém. A bem-aventurança daqueles que permaneceram fieis a esta época do fim dos tempos (Mt 24:13) é a mesma bem-aventurança que aqueles que participam na ceia das bodas do Cordeiro:

Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.
Daniel 12:12

Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro!
Ap 19:9

Jesus tinha dito que grande parte do Israel físico seria expulso no momento do banquete messiânico: “E eu vos digo que muitos virão do oriente e do a oeste, e sentar-se à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus. Mas os filhos do reino serão lançados para fora...”(Mt 8:11-12; cf. Mt 3:4-12; 22:1-14; Gl 4:21-31).

A colheita do povo de Deus na parousia foi uma reunião espiritual para os cristãos que estavam vivos naquela época. Em 70 dC Jesus espiritualmente “reuniu em unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (João 11:52). Com a destruição do Templo e o fim do sistema sacrificial em 70 dC, o fim da antiga aliança tinha totalmente chegado (Hb. 8:13). Note que, com a destruição do Templo os registros genealógicos necessários para determinar a linhagem do Messias (que era para ser um descendente de Davi, cf. Mt 22: 41-46) tinham desaparecido. Esses registros não eram mais necessários; O Messias tinha chegado. O Cristo veio e foi rejeitado pelo seu povo (cf. Is 52:13-53:12; Jo 1:10-13). Isso levou Jerusalém e o Templo a serem destruídos pelo povo príncipe de vir (Dn. 9:26-27).

O tempo do fim e o primeiro século

Considere a especificidade das profecias de Daniel 11:36-12:13. Essas profecias que se cumpriram no final da antiga aliança (em 67-70 dC). Mesmo os céticos que defendem uma data final para Daniel admitem que o livro foi escrito o mais tardar no segundo século aC (note, Jesus faz referência o livro de Daniel em 30 dC, Mt. 24:15). Considere a especificidade dessas profecias:

1. O rei do Norte iria invadir a Terra Santa a partir de um país distante (Dn. 11: 40-41).
2. Ele iria ganhar o controle sobre o Egito e suas coisas preciosas (v. 43).

3. Ele seria ajudado por um deus estranho que não era um dos deuses dos seus antepassados [ou os antepassados de Daniel] (v. 39).
4. Do Egito, ele iria invadir a Terra Santa uma segunda vez (vv. 43-45).
5. Em seu ataque no Templo, ele lançaria seu acampamento entre o Mar Mediterrâneo e Jerusalém (v. 45).
6. No Templo ele iria exaltar-se acima de todos os deuses (vv 36, 37; cf. 2 Ts 2:4).
7. Depois de um cerco de três anos e meio, ele iria destruir o to templo e o povo de Daniel (Dn. 12:7; cf. Dn 7:25).
8. Quarenta e cinco dias após o fim de seu cerco iria começar um período de profunda bênção (Dn. 12:11-12).
9. Ele seria dividir a Terra de Israel por lucro (Dn. 11:39).

Estes são algumas profecias muito específicas; eles são eventos que não aconteceram no século II aC, mas no final da era. Eles foram cumpridas por Tito em sua campanha de destruição contra a nação judaica em 67-70 dC.

Sumário do estabelecimento do reino do Deus em Daniel

O livro de Daniel mostra o pleno estabelecimento do reino de Deus nos capítulos 2, 7, 9 e 11 e 12. Esse era para ser o tempo da vinda de Deus para derrotar o pequeno chifre (o décimo primeiro) e o tempo que o povo de Deus possui plenamente o reino (Dn. 7:21-22). Isso é mostrado no Novo Testamento nos termos da parusia, a vinda da Palavra de Deus para derrotar a besta e os santos recebem o reino (Ap 19:11-20:4).

Daniel 2

Daniel 2 (vv. 40-45) estabelece as bases para o estabelecimento do reino de Deus, mostrando que está sendo totalmente estabelecido durante o reinado do décimo governante do quarto animal (Roma). O décimo governante de Roma foi Vespasiano; ele governou de 69-79 dC. O reino de Deus foi totalmente estabelecida no início de seu reinado, no ano 70 dC com destruição da nação judaica (cf. Ap 11:15-18).

Daniel 7

Daniel 7 retoma o tema da chegada do reino de Deus, dando mais detalhes para o momento, bem como introduz a figura (o pequeno e décimo primeiro chifre, v.

8) que vai ser conhecido no NT como o homem da iniquidade e a oitava cabeça da besta do apocalipse. Daniel 7 diz que o povo de Deus iria possuir totalmente o reino logo após o chifre pequeno do quarto animal travar uma campanha de destruição de três anos e meio contra o povo de Daniel (Dn 7:23-27; cf. Dn. 12:7). Este pequeno chifre em última análise, representou o governante demoníaco (cf. Ap 11: 7) que trabalhou com Tito durante a destruição da nação judaica (Tito era apenas um general na época).

O Reino de Deus foi plenamente estabelecida no reino terrestre na em 70 dC com a destruição daqueles que estavam (moralmente) destruindo a terra de Israel (Ap 11:15-18; cf. Mt 8:10-13; 21:33-44). Daniel 7 mostra a destruição do quarto animal e seus onze chifres neste momento (v. 7-14). Isso representa a destruição da confederação de onze reis demoníacos (cf. Dn. 10:13) que estava por atrás dos primeiros dez Césares (Julio César a Vespasiano), e com Tito o chifre pequeno, o décimo primeiro.

Vimos que o quarto animal foi destruído no ano 70 dC na vinda de Deus (Dn 7:13, 21-22; cf. Ap 19:11-21), os três primeiros animais (representando os governantes demoníacos por trás da Babilônia, Medo-Persa e império grego) foram autorizados a existir ainda na era do reino (Dn. 7:11-12). Na época da derrota do chifre pequeno, na parousia, tronos foram colocados em prática e o tribunal do céu estava sentado (Dn. 7:8-14), os santos possuíram o reino (v. 23, 27). A autoridade do reino de Deus comprometida aos santos em Daniel 7 corresponde à autoridade comprometida aos santos no milênio em Apocalipse 20:4. Como Daniel 7, Apocalipse 20 também mostra este tempo de tronos

sendo postos em prática e autoridade a ser dada ao povo de Deus logo após a derrota da besta pela vinda de Deus (Ap 19:11-20:4); No meio de Daniel 7, uma figura humana (um como o Filho do Homem) é mostrado chegando ao ancião de dias para receber o reino de Deus (Dn. 7:13-14). Esta é uma profecia da chegada do reino teocrático sobre a terra. Foi apenas por que Jesus recebeu todo o poder e autoridade em 30 dC que Ele e os santos teriam o direito de possuírem o reino em 70 dC (cf. Ap. 2:26-27; 3:20-22). Assim, a autoridade do reino que Jesus conquistou foi totalmente partilhada com o seu povo em sua parousia no ano 70 dC (Dn 7:13-14, 21-27; cf. Lc. 19:11-27).

Daniel 9

Daniel 9 fala de setenta semanas ou setes (geralmente visto como setenta conjuntos de sete anos) que foram determinados sobre o povo judeu e Jerusalém (Dn 9:24; cf. Ap 11:2.). As setenta semanas eram para ser concluídas quando o povo do príncipe destruiu Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26). Este foi o fim da era, ou dispensação da antiga aliança e o pleno estabelecimento da era do reino (cf. Mt 21:33-45). Isso aconteceu em 70 dC, quando o povo do príncipe demoníaco trabalhando através de Tito destruiu Jerusalém e o Templo na desolação da nação judaica (Dn 9:27; cf. 12:7).

Daniel 11:6-12:13

Daniel 11:6-45 mostra os conflitos entre os romanos e os judeus e seus governantes; principalmente o chifre pequeno, o príncipe que há de vir, como o rei do norte, e sua guerra contra os judeus e os governantes do rei do sul. Ele é especificado como o rei do norte em Daniel 11:36-45. Quando Vespasiano e Tito veio à Terra Santa no ano 67 dC. Em 69 dC, como Vespasiano voltou sua atenção para Roma, a Tito foi dado o controlo exclusivo de ambos Judeia e Síria (assim possuindo totalmente a autoridade do rei do Norte). Depois de atacar (E como Dn 9:26 revela) e destruir o Templo, o governante demoníaco trabalhando através de Tito conheceu o seu fim (Dn. 11:40-45; cf. Dn 7:8-14, 21-27; 2 Ts. 2:1-8; Ap 19:11-21).

70 dC foi o tempo do fim da antiga aliança foi o tempo clímax da ressurreição de Israel (iniciado em pentecostes) e o pleno estabelecimento do Reino de Deus (Dn. 7:7-12; 12:1-3; cf. Ap 11:15-18). Daniel 7:25 e 12:7 dão o ponto final de todos esses eventos como o final de "um tempo, tempos e metade de um tempo" (cf. Ap 13:5). Esta foi a última metade da septuagésima semana de Daniel; Que se concluiu com destruição da nação judaica em 70 dC (Dn. 9: 26-27). Isso foi 1.290 dias a partir da chegada dos exércitos romanos a Terra Santa (fevereiro de 67 dC, por Vespasiano e Tito) para a quebra da nação judaica em agosto/setembro de 70 dC (Dn. 12:7, 11-12). A campanha de destruição contra os judeus que Tito travou foi cerca de um mês depois e durou um tempo, tempos e metade de um tempo (Três anos e meio, março de 67 dC a agosto/setembro 70 dC). Quarenta e cinco dias após a destruição do templo a destruição de Jerusalém está completa, é chegado o período abençoado; quarenta e cinco dias após a queda do templo nos leva para a conclusão da última das festas anuais de Israel, a Festa da Colheita. Esta foi a última festa no ciclo anual religioso de Israel e marcou a reunião do povo de Deus no final da era da antiga aliança (cf. Mt 13:36-43; 24:15-34; Ap 14:14-20). Este foi o momento da parusia (cf. Dn. 7:21-22) e encontro espiritual do povo de Deus no pleno estabelecimento do seu reino. Isso é mostrado no Apocalipse, onde o reino de Deus está totalmente estabelecido no reino terrestre no momento em que ele destrói aqueles que estavam (moralmente) destruindo a terra de Israel (Ap. 11:15-18; cf. Mt. 21:33-45).

Sumário das profecias cumpridas por Tito

A seguir estão as profecias de Daniel sobre que se cumpriram na pessoa de Tito.Tendo em mente que o governante demoníaco do abismo que trabalhou através Tito (cf. Ap 11:7; 17:8)

1. Apesar de Tito se tornar o décimo primeiro César de Roma (o quarto animal), ele era apenas um general quando ele destruiu a nação judaica, daí a sua designação como um chifre pequeno (Dn. 7:7-8; 8:9-12). Isto

concorda com o entendimento tradicional judaico do chifre pequeno de Daniel 7 (por exemplo, Rashi).

2. Vespasiano e Tito foram vitoriosos sobre mais de três governantes (Galba, Otão e Vitélio) em sua aquisição do Império Romano em 69 dC (o ano de quatro imperadores). Estes foram os três chifres removidos antes do pequeno chifre (Dn 7:8). De acordo com historiadores romanos, Tito era a grande força por trás da aquisição Flaviana ao império.

3. O pequeno chifre (e décimo primeiro) deveria falar grandes blasfêmias contra o Altíssimo Deus (Dn. 7:8, 11, 20, 25; 8:11). fontes judaicas dizem que Tito falou blasfêmias extraordinárias contra Deus, quando ele capturou o Templo (cf. Dn. 11:36-37; 2 Ts 2:4; Ap 13:5-6).

4. O chifre pequeno teria um reinado de terror de três anos e meio (Dn 7:25; Ap 13:5). Tito perseguiu o povo de Daniel por um tempo, tempos e metade de um tempo (três anos e meio, ou quarenta e dois meses), a partir de fevereiro de 67 dC a agosto / setembro de 70 dC (cf. Apocalipse 11:2). Este período terminou com a destruição do templo e a quebra da nação judaica (Dn. 9:26-17, 12:7).

5. Tito e seu pai mudou os tempos de observância religiosa e regras da lei judaica, quando eles montaram o equivalente a um novo Sinédrio em Yavneh, ou simplesmente quando destruiu o templo, mudando os tempos (dando fim a era judaica) e a Lei (dando fim a antiga aliança) (Dn. 7:25).

6. Tito, o príncipe "que há de vir" era o instrumento de um governante demoníaco para promover a destruição de Jerusalém e do Templo (Dn. 9:26).

7. A chegada de Tito foi associada com abominações (isto é, ídolos). Ele veio na asa de um exército cheio de abominações (as imagens de César sobre os padrões romanos); isso resultou na nação judaica sendo assolada (Dn 9:27; cf. 12:6-11).

8. Tito foi exaltado sobre todo deus, quando suas tropas sacrificaram para o seu nome / imagem e adoraram os padrões romanos no Templo (Dn. 11:36-37; cf. 2 Ts 2:4).

9. A destruição dos judeus por Tito foi assistido pela ajuda de um deus estranho chamado Sarapis; esse deus não era um dos deuses dos antepassados de Tito. Em reconhecimento a isso, Sarapis foi elevado à posição de um dos deuses romanos (Dn. 11:38-39).

10. Depois de Tito ter destruído a a nação judaica em 70 dC, a terra de Israel foi dividido pelos romanos e locado por lucro (Dn. 11:39).

11. No ano 67 dC, Tito invadiu a primeira vez a Terra Santa com seu pai. No final de 69 dC, Tito e Vespasiano estavam no Egito para apoderar-se das suas coisas preciosas e com isso ajudar a financiar sua aquisição ao Império Romano (Dn. 11:40-43).

12. Em meados de 69 dC, a Tito foi dada a autoridade exclusiva sobre a Síria (o domínio do rei do Norte), bem como a Judeia. Na primavera de 70 dC, com a notícia do norte (a revolta na Alemanha) e a leste (a revolta na Judeia) ele ficou incomodando, Tito invadiu a Terra Santa do Egito (Dn. 11:44). Este era a segunda vinda de Tito à Terra Santa.

13. Na final cerco de Jerusalém, Tito montou seu acampamento entre o Mar Mediterrâneo e o glorioso monte santo de Deus (Dn 11:45; cf. Dn 9:26). Foi em Jerusalém que o rei demoníaco do Norte (cf. Dn 10:13.), O espírito demoníaco que estava trabalhando através de Tito (cf. 1 João 4: 3), encontrou o seu fim, uma vez que foi lançado no lago de fogo (Dn 7:11; cf. Ap 19:20).

14. O comprimento de tempo entre o estabelecimento da abominação da desolação (a chegada ao solo judeu sagrado de quem a faria desolada, Dn 9:27) a cessação dos sacrifício foi de 1.290 dias (Dn. 12:6-11). Os romanos vieram à Terra Santa por volta de fevereiro de 67 dC; 1.290 dias depois, a nação judaica ficou despedaçada.

1290, 1335, 2300 dias e a Destruição de Jerusalém

A importância de uma interpretação preterista em Daniel

Os estudiosos do histórico crítico nos asseguram que o Livro de Daniel foi um produto do século II aC, pouco antes de rebeldes liderados por Judas Macabeus ter levado Jerusalém e reinstituído os tradicionais sacrifícios no Segundo Templo em dezembro de 164. Eles sustentam que o autor de Daniel acreditava que a restauração do Templo sinalizaria a chegada do "tempo do fim", que apresentaria a morte de Antíoco (7:26, 8:25, 9:27, 11:45), uma ressurreição geral dos fiéis "para a vida eterna" (12:3), e o estabelecimento na terra de um "reino eterno" de Deus (7:27).

A posição liberal predominante em Daniel sustenta que o que estava por trás da "publicação" de Daniel em 164 aC foi o desejo de inspirar resistência à opressão de Antíoco IV, convencendo os fiéis de que Deus estava prestes a intervir decisivamente do seu lado. Às vezes, encontra-se entre aqueles que tentam encaixar as profecias de 12:11 e 12:12 no segundo século aC, a noção de que o autor de Daniel estava aliado com as forças rebeldes lideradas por Judas Macabeus.

A posição liberal poe em duvida a inspiração bíblica, defendemos a inspiração do livro de Daniel, e este artigo apresentará uma parte da história descrevendo a destruição de Jerusalém no primeiro século da nossa era. Compararemos as palavras proféticas de Daniel em relação a este evento histórico com a história fornecida pelo então historiador contemporâneo Flavio Josefo. O documento prestará muita atenção aos períodos 1.290, 1.335 e 2.300 dias anunciados por Daniel. Alguns interpretam que estes dias são dias proféticos onde cada dia representa anos e não dias literais. Outros aplicam estes dias como dias literais, tendo se cumprido na profanação do templo por Antíoco Epifânio, ou um período futuro quando o "anticristo" entra em cena.

Sentimos que este artigo ajudará todos a ver como a interpretação preterista de Daniel é totalmente consistente, assim como no sermão profético em Mateus 24 e no Apocalipse. Somente a visão preterista permite que as escrituras interpretem as escrituras.

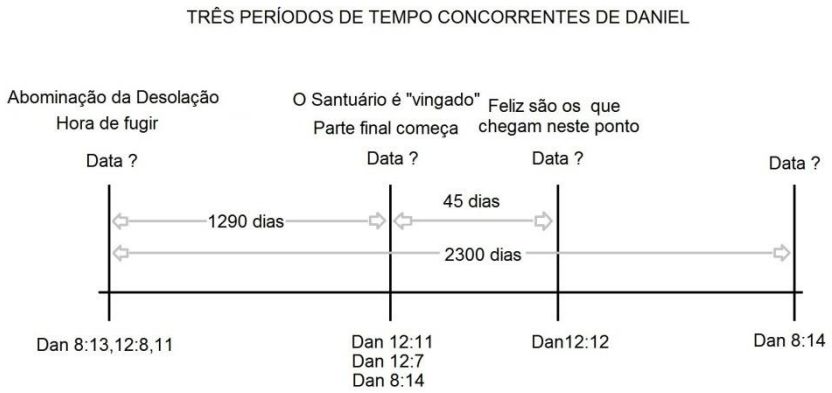
Ao examinar as palavras de Jesus em Mateus 24:15 com Lucas 21:20 podemos identificar a "coisa desoladora" como os exércitos romanos capazes de infligir essa destruição. Daniel 11 descreve os mesmos detalhes em conexão com os exércitos romanos, mas desta vez rotula os romanos como o "rei do norte" e a nação judaica o "rei do sul". Daniel registra como o "rei do norte" (os romanos) retornaria contra Jerusalém o "rei do sul", para sitiar e destruir. No versículo 17, Daniel também descreve Jerusalém como uma "mulher" que o "rei do norte" traz à ruína.

Daniel 12 detalhou esse período de tempo com mais informações, mostrando que o tempo de fuga chegaria após a chegada da abominação da desolação na terra santa. Respondendo a ordem de Nero para esmagar a rebelião judaica, Tito marchou a legião XV do Egito até a Terra Santa para se encontrar com seu pai em Ptolemaida na fronteira oeste da Galileia. Esta vinda de Tito aconteceu por volta de fevereiro de 67 dC, enquanto marchava uma ala do exército romano atravessou a terra sagrada de Israel. Este foi um dos sinais que Jesus advertiu para os que residiam na Judeia a fugir; todo o inferno literalmente desabou neste momento (Mt. 24:15-24; cf. Ap. 6).

Muitos discípulos "discernidores" identificaram esses eventos e, tendo entendido seu significado com a ajuda de Daniel, estariam prontos para seguir o aviso de Jesus para deixar a cidade condenada de Jerusalém. A partir de fevereiro de 67 dC, depois que o exército romano se aproximou de Jerusalém, as pessoas que foram avisadas sobre a destruição final prevista em Jerusalém poderiam ter saído. Ao contrário dos "discernidores" o resto dos judeus consideravam que estavam divinamente protegidos em Jerusalém.

Uma vez que esta data de início para o tempo da parte final tinha sido identificada, esses discernidores poderiam fazer um exame mais

aprofundado das profecias do tempo de Daniel diretamente a essa data de início, fevereiro de 67 dC. Essas profecias foram fornecidas para identificar e antecipar o que Ocorreria na "parte final" dos eventos em conexão com o fim do sistema judaico (Daniel 12:8).



Há três períodos de tempo planejados em Daniel que começam a partir desta data, a qual Jesus recomendou seus discípulos a examinarem cuidadosamente e levarem em consideração. De acordo com Daniel, os três períodos começam simultaneamente em 67 dC.

O primeiro é um período de 1.290 dias (Daniel 12:11).

O segundo um período de 1.335 dias (Daniel 12:12).

O terceiro, um período de 2.300 dias (Daniel 8:14).

Caio Céstio Galo - Dezembro de 66 dC

Em Jerusalém, o capitão do Templo, quando interrompeu os sacrifícios diários a favor de César, declarou abertamente uma rebelião contra Roma. Não demorou muito para que toda a Jerusalém ficasse alvoroçada, e as tropas romanas fossem expulsas ou mortas. A Judeia se

revoltou, e a seguir a Galiléia. Por um breve período de tempo, parecia que os judeus estavam virando o jogo.

Galo foi legado propretor para a Síria a partir de 63 ou 65 dC e marchou para a Judeia com mais de 30 000 homens no final de 66 dC numa tentativa de restaurar a ordem depois da irrupção da Revolta dos Judeus. Reunido em Antioquia, o exército de Galo contava com a XII Fulminata, vexillationes de três outras legiões da Síria, coortes de tropas auxiliares e quatro alas de cavalaria. Estas tropas contavam ainda com o apoio de 14 000 soldados aliados providenciados por Herodes Agripa II e outros monarcas clientes do Império Romano.

Galo conseguiu conquistar Beit She'arim, na Baixa Galileia, a sede do Sinédrio (a suprema corte religiosa judaica) na época. Com sua força reduzida por causa de alguns destacamentos enviados para ocupar a Galileia e a costa judeia, Galo marchou para o interior, na direção de Jerusalém, com o objetivo de tomar a capital. Depois de sofrer muitas perdas em sua retaguarda e na sua linha de suprimentos, Galo alcançou o Monte Scopus e invadiu os arredores da cidade, mas não conseguiu tomar o Monte do Templo.

Depois de um cerco de nove dias, Galo decidiu recuar para a costa, uma decisão que parece ter sido tomada com base na perda de suas armas de cerco numa emboscada e na ameaça de ter sua linha de suprimentos completamente interrompida por causa das chuvas. Durante a retirada, sua coluna foi emboscada perto de Beth Horon e, além de ter sofrido pesadas perdas, perdeu sua águia. Céstio só conseguiu chegar até Antipatris depois de perder cerca de 6 000 pessoas e uma grande quantidade de material bélico. Naquele momento, a Judeia estava completamente fora do controle romano.

A Vinda da Abominação Desoladora

Após a retirada dos exércitos romanos e respondendo a ordem de Nero para esmagar a rebelião judaica, Tito marchou a legião XV do Egito até a Terra Santa para se encontrar com seu pai em Ptolemaida na fronteira

oeste da Galileia. Esta vinda de Tito aconteceu por volta de fevereiro de 67 dC, enquanto marchava uma ala do exército romano atravessou a terra sagrada de Israel. Durante os três anos seguintes, aqueles que ouviram a "voz de Jesus" por meio de seus discípulos, se separaram dos habitantes de Jerusalém e fugiram da cidade. De acordo com o relato histórico de Josefo, durante esse período, a anarquia interna dentro da cidade de Jerusalém estava continuamente agitada. A guerra civil continuava dentro dos muros de Jerusalém. As facções em guerra dentro da nação judaica se desenvolveram em três grandes divisões opostas, uma situação triangular de guerra civil. Jerusalém tornou-se uma cidade sangrenta, essas facções em guerra derrubaram a nação. Esses três principais grupos de guerra foram liderados por João Gischala, um partidário galileu e líder zelote, Simão Gioras, o líder do partido sacerdotal e um grupo variado.

Viver na cidade de Jerusalém tornou-se um pesadelo, estava tão cheio de violência e miséria, os cidadãos desesperadamente queriam se livrar desses fanáticos. A escassez de alimentos trouxe grande fome e isso se tornou um problema cotidiano. Diariamente, a luta continuou e as baixas foram montadas.

A morte de Nero

No fim de 67 ou princípios de 68 dC, Caio Júlio Víndice, governador da Gália Lugdunense, rebelou-se contra a política fiscal de Nero. O imperador enviou Lúcio Vergínio Rufo, governador de Germânia Superior a sufocar a revolta. Víndice, com o objetivo de agregar aliados, solicitou apoio a Galba, governador da Hispânia Tarraconense mas Vergínio Rufo terminou derrotando Víndice e este suicidou-se. Por sua vez Galba fora declarado inimigo público.

Em junho de 68 dC, o Senado votou que Galba fosse proclamado imperador e declarou inimigo público a Nero. A Guarda Pretoriana fora subornada e o Prefeito Ninfídio Sabino, visava tornar-se imperador pelo qual capturou Nero e obrigou-o a suicidar-se.

A morte de Nero sem deixar herdeiros, em vez de trazer estabilidade ao Império, desencadeou um ciclo de guerras civis conhecido como Ano dos quatro imperadores. Nisto a campanha Flaviana contra os judeus foi colocada em espera e o império foi convulsionada por guerras civis internas. Em 69 dC, Vespasiano e Tito foi para o Egito para apodera-ser das "coisas preciosas" (Dn. 11:43) para ajudar a financiar sua aquisição do Império Romano. Os sucessores de Nero combateram entre si pelo poder e foram sucedendo-se até Vespasiano ser proclamado imperador, inciando o que seria a Dinastia Flviana. Vespasiano tornou-se o imperador de Roma em Dezembro de 69 dC.

Durante uma calmaria na guerra com os romanos, no dia da Páscoa por volta de 11 de abril de 70 dC (14 de Xanthicus / Nisan, ref 'V-3:1), Os rebeldes de Eleazar estavam segurando as áreas importantes do templo, eles estavam deixando as pessoas nos pátios para o festival da Páscoa. Muitas das facções em guerra entraram contra as áreas do templo, e lutas começaram a surgir entre eles, João, com seus homens, eventualmente ganharam o controle desta área-chave do templo, então Eleazar organizou uma trégua e uniu com sucesso suas duas forças, reduzindo as três facções opostas em duas.

14 de Nisan (11 de Abril) de 70 dC

Então no dia 11 de abril de 70 dC, os exércitos romanos, sob comando de Tito, haviam retornado em pleno vigor contra Jerusalém para sitiá-lo e terminar o que havia começado em 67 dC. Tito invadiu a Terra Santa uma segunda vez (como seu pai preparado para ir a Roma) para terminar a sua aniquilação da nação judaica (Dn. 11: 43-45). É interessante notar que a invasão da Judeia do Egito Tito foi a sua segunda vinda. Ninguém mais poderia fugir uma vez que este cerco foi definido, o período permitido para isso acabou. No dia 15 de abril, as legiões começaram a nivelar o solo entre eles e as muralhas da cidade, isto foi completado após quatro dias no dia 19 de abril (22 de Xanthicus / Nisan, ref 'Josephus V-7: 2). O ataque romano começou com uma alocação de mísseis de suas torres de cerco, então Tito traz seus carneiros que começam a bater nas paredes. Vendo o perigo comum agora literalmente

atacando a porta deles, Simão, o líder da terceira facção, junta-se com a nova aliança na defesa da cidade contra seu inimigo comum. No dia 4 de Maio (7 de Artemisius-Iyyar, ref 'V-7: 2), um dos bombardeiros quebram o primeiro muro.

9 de Maio 70 dC

Cinco dias depois, no dia 9 de maio de 70 dC (12 de Artemisius / Iyyar, ref 'V-8: 1), os romanos, novamente usando seus carneiros, quebram a segunda parede. Tito ordena que seus engenheiros criem rampas de terra para alcançar as muralhas da fortaleza de Antônia. Quando eles alcançam essa parede interior fortemente fortificada, Tito desafia a aliança fanática para deixarem os cidadãos saírem e ele lhes devolveria suas casas, que agora estavam sob seu controle. Os cidadãos estavam mais do que dispostos a fazer essa sugestão, mas os fanáticos rapidamente acabaram com a ideia ameaçando matar qualquer que se rendesse. Para suportar essa ameaça, eles executariam qualquer um que até mesmo discutisse. Os Rebeldes então montaram um ataque contra os romanos desprevenidos e surpreendentemente os empurraram de volta para fora do segundo muro novamente.

Quatro dias depois, no dia 13 de maio (16 de Artemisius / Iyyar, ref 'V-8: 2) Tito recaptura esta segunda muralha e suas tropas estão novamente dentro da cidade. Ele agora decide tirar uma pausa da guerra; Tentando impressionar os judeus com seus exércitos e destruir sua moral, ele desfila suas tropas e lhes paga seus salários em frente a eles. Durante este tempo, o sofrimento dos cidadãos cativos tornou-se ainda mais agudo, a fome estava cobrando o seu preço, os fanáticos confiscaram qualquer alimento disponível para si, qualquer cidadão capturado escondendo alimentos ou objetos de valor sofreu terríveis torturas e mortes. Por outro lado, todos os cidadãos que fugiram capturados pelos romanos foram torturados e crucificados em retaliação pelo desprezo que tinham por esses estúpidos fanáticos, causando-lhes tanto problema e perigo. Os cidadãos de Jerusalém foram realmente apanhados em uma situação difícil "se correr o bicho pega se ficar o bicho come". Eles estavam pagando o preço por ignorar o aviso de Jesus.

Até 26 de maio de 70 dC (29 de Artemisius / Iyyar, ref 'V-11: 4), as rampas de terra contra as paredes da fortaleza de Antônia são completadas e os romanos trazem suas enormes armas de guerra. Dois dias depois, os rebeldes guerrilheiros judeus atacaram os carneiros que atacaram eles e derrubaram suas rampas, pressionaram seu ataque até o campo dos romanos. Tito convoca um conselho de guerra para rever a estratégia e decide selar a cidade completamente com um muro de cinco milhas de altura em torno das paredes da cidade, provocando a fome nos judeus na tentativa de faze-los se render. Alguns sugerem que as legiões construíram essa fortificação em três dias, se isso for verdade, é uma façanha tremenda até mesmo pelos padrões romanos, toda madeira disponível para cerca de dez milhas de raio de Jerusalém vieram das arvores que foram cortadas.

Morte em Massa

Sendo agora a cidade completamente cercada, a fome logo se tornou ainda mais aguda e as condições na cidade degeneraram ainda mais. Um grupo de combatentes rebeldes da facção de Simão fizeram planos para se render aos romanos, mas Simão descobre e os executa por mutilação, jogando seus corpos sobre a parede para os romanos. O enorme número de mortes sofridas até este ponto pode ser ilustrado pelo número de corpos que foram trazidos através de apenas um dos portões da cidade; 115.000 cadáveres em 2 meses e meio, entre 11 de abril e 22 de junho (ref 'V-13: 7). Alguns alegaram que cerca de 600 mil cadáveres haviam sido expulsos por este tempo. Os corpos agora estavam empilhados em montões, algumas casas estavam sendo usadas como depositários de corpos, o cheiro dos cadáveres em decomposição era terrível.

Finalmente, os carneiros violentamente derrubaram a parte do muro interior, mas para sua consternação descobriram que os rebeldes de João estavam ocupados construindo um segundo muro interno atrás dele. Tito agora tem que dar às tropas desmoralizadas uma "incentivo". No dia 30 de junho (5 de Panemus / Tammuz, ref 'VI-1-7), os romanos levantam um ataque e atravessam a parede quebrada levando a luta para os portões

do templo, mas eventualmente são obrigados a se retirar para a torre da fortaleza Antônia . No dia 9 de julho (14 de Panemus / Tammuz, ref 'VI-2: 7) Tito ordena suas tropas a destruírem os alicerces da torre da fortaleza de Antônia criando uma via fácil de ataque para suas legiões.

No dia 22 de julho (27 de Panemus / Tammuz), os judeus estabeleceram uma armadilha de fogo para os romanos nas colunas que conectava o templo com a fortaleza de Antônia, fingindo recuar, eles atraíram os soldados romanos a escalarem as colunas, Os judeus então disparam a armadilha e muitas tropas romanas são queimadas. Para evitar uma repetição deste incidente, no dia seguinte, no dia 23 de julho (28 de Panemus), os romanos atacam a coluna norte. Até agora, a fome tornou-se tão grave que Josefo relata como uma mulher faminta matou seu próprio bebê, assou e o comeu, as coisas dificilmente poderiam ter sido pior para esses cidadãos.

Abominação da Desolação destrói o lugar santo

Até o dia 1 de agosto (8 de Lous / Ab), os trabalhos de terraplanagem estão completos. Tito coloca os carneiros até o lado oeste do pátio exterior do templo. Os romanos tentam escalar as paredes do Templo com escadas, mas os judeus repelem esse ataque. Com nada mais dando certo, Tito ordena incendiar os portões do templo. Segurando uma reunião do conselho para discutir o destino do templo, segundo o relato de Josefo,Tito declara que suas intenções é de salvá-lo de ser queimado, mas Sulpício Severo registra o desejo de Tito durante a Guerra Judaica de pôr fim à Religião dos Cristãos e dos Judeus, Tito pretendia realizar isto destruindo a morada de Deus, o templo em Jerusalém:

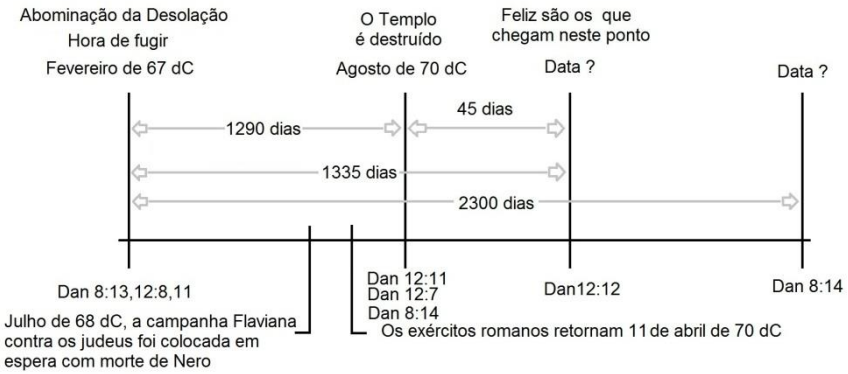
Mas outros, pelo contrário, discordaram - incluindo o próprio Tito. Eles argumentaram que a destruição do Templo era uma prioridade número um, a fim de destruir completamente a religião dos judeus e cristãos : Pois, embora essas religiões são conflituosas, eles ainda desenvolveram a partir das mesmas origens. Os cristãos surgiram dos judeus: Com a raiz removida, o ramo é facilmente morto (Sulpício Severo diz o seguinte em Crônica 2: 30.7).

Com isso no dia 3 de agosto (10 de Lous / Ab, ref 'VI-4: 5), as tropas romanas, por despeito e desprezo, incendiaram os edifícios do templo. Os rebeldes agora fogem do templo para a cidade, para continuar a luta a partir daí. Os romanos que agora capturaram as áreas do templo carregam as bandeiras de suas legiões nesses pátios e realizam sacrifícios.

O 10 de Ab (3 de agosto) 70 dC.

No dia 3 de agosto de 70 dC (10 de Lous / Ab), os exércitos romanos finalmente entram no templo, o lugar sagrado e o destrói. O sistema religioso judaico centrado em torno dos sacrifícios e os festivais realizados neste templo foram trazidos ao seu fim de uma vez por todas.
A partir de fevereiro de 67 dC até agosto de 70 dC pode ser calculado como 3 anos e 6 meses ou 43 meses de 30 dias cada; 43x30 = 1.290 dias, de acordo com o cálculo da Bíblia. Os sinais de Daniel identificaram fevereiro de 67 dC como o início da "parte final do fim" quando os exércitos romanos sob comando de Tito passam pela terra santa, 1,290 dias depois disso, o templo em Jerusalém é destruído pelos mesmos exércitos romanos retornados no dia 3 de agosto 70 dC (Daniel 12:8, 11).

TRÊS PERÍODOS DE TEMPO CONCORRENTES DE DANIEL



Deve ser lembrado que as datas podem não ser precisas, principalmente por causa da conversão de datas do calendário hebreu do século primeiro para o gregoriano. Seria também exigir demais que o historiador Flávio Josefo pudessem datar com precisão dia e hora de determinados eventos. Qualquer tentativa de determinar datas com exata precisão no primeiro século tem se mostrado frustrante.

Fim do Sistema Judaico

A guerra ainda não terminou, depois que o templo é queimado, as tropas romanas voltam a atenção para o resto da cidade de Jerusalém. Eles queimam e destroem a cidade mais baixa, 10.000 judeus são pegos e executados, tudo foi saqueado. Os rebeldes remanescentes, mesmo nesta fase terrível, não concederão os termos da rendição de Tito, refugiando-se na cidade alta, incluindo o palácio de Herodes, que ainda seu controle. Os romanos agora, mais uma vez, precisam começar a construir rampas terrestres para atacar a cidade alta. Eles começaram a construir suas rampas de assalto no dia 13 de agosto (20 de Lous / Ab), após 18 dias essas rampas foram completadas, no dia 30 de agosto (7 de Gorpiaeus / Elul).

26 de Gorpiaeus / Elul (18 de setembro) 70 dC

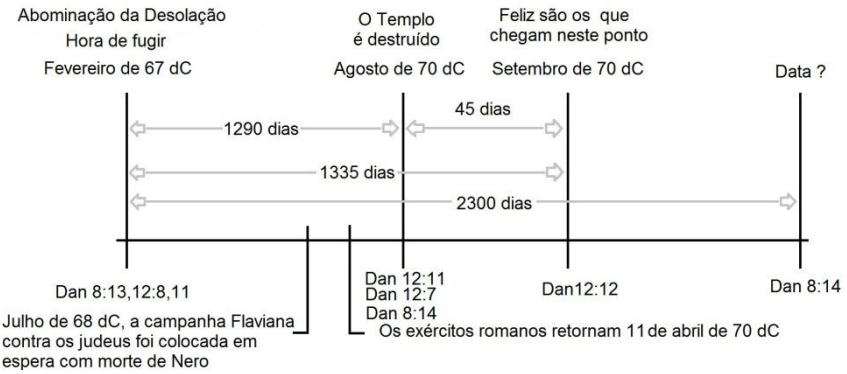
Os romanos violam as muralhas da cidade e queimam as casas. Na noite de 31 de agosto (8 de Gorpiaeus) toda a cidade está queimando. Os rebeldes remanescentes não podem aguentar por muito mais tempo, uma vez que o templo foi destruído foram finalmente forçados a perceber que Deus não os apoiava, a guerra foi provocada por esses fanáticos religiosos. Durante as próximas duas semanas, os prisioneiros são arruinados completamente, 97,000 no total, de acordo com Josefo; 110.000 mortos. Se os 115.000 cadáveres tirados através de um dos portões, mencionados anteriormente, são adicionados a isso, obtemos uma cifra total de 225.000 mortos, (tendo em mente que estas são de acordo com Josefo). As tropas romanas vasculharam os restos da cidade o que pudessem saquear, os rebeldes remanescentes escondidos nos túneis subterrâneos foram mortos ou presos. Eles derrubam as paredes da

cidade até suas bases para evitar possíveis ataques. A cidade e o templo, depois da queima, agora estavam completamente demolidos. Tito finalmente realiza uma festa de três dias para as tropas dele, Elogia o mais corajoso, e promove todos os oficiais dignos. Apenas 45 dias após o incêndio do templo, o resto de Jerusalém foi destruída e saqueada, prisioneiros levados cativos, rebeldes executados. A capital do sistema de administração judaica, Jerusalém, também havia sido completamente destruída.

Setembro, a guerra acabou

Em meados de setembro, com a guerra acabada e a paz é restaurada, Tito sai para Cesaréia. O fim deste segundo período de Daniel, marcando a "parte final do fim", já ocorreu. Os 1.335 dias contados a partir do mesmo tempo de partida quando os exércitos romanos sob comando de Tito atravessam a cidade santa em fevereiro de 67 dC, se concluem com a cidade de Jerusalém destruída por esses mesmos exércitos romanos. Todos os antigos habitantes de Jerusalém, que já tinham saído mais cedo, sobrevivem para ver esse evento "sãos e salvos", poderiam ser descritos como "felizes" os que haviam fugido e sobrevivido a essas desolações e que não foram destruídas com os milhões que morreram nesta guerra em Jerusalém. (Daniel 12:12).

TRÊS PERÍODOS DE TEMPO CONCORRENTES DE DANIEL



O Fim da Terra de ISRAEL

Todos os rebeldes que conseguiram escapar do cerco de Jerusalém, recuaram para os últimos esconderijos, estabelecendo as últimas defesas de valas em torno das áreas do Mar Morto. Eles se refugiaram na famosa fortaleza de Massada, com vista para o mar morto. Quase três anos depois que os exércitos romanos sitiaram e destruíram Jerusalém, se aproximam de Massada e começam a sitiá-la.

* Nota: É bem possível que, quando esses fanáticos religiosos refugiados estivessem fugindo de Jerusalém, eles teriam contrabandeado com eles muitos pergaminhos religiosos da biblioteca e do templo sabendo que todos eles provavelmente seriam destruídos em breve. Escondendo-os nas cavernas ou em um lugar seguro, que foram apenas descobertos muitos anos mais tarde, tornando-se conhecido como os Pergaminhos do Mar Morto. Quando parecia que não havia esperança para os defensores, os 960 restantes se suicidaram. Os exércitos romanos marcharam para Massada no dia 9 de abril de 73 dC
(16 de Xantônico / Nisan, ref 'VII-4: 1-2) e retomaram a fortaleza que perderam com os zelotes judeus em 66 dC. Depois de perseguir fugitivos e bandas de refugiados, quer capturando-os ou expulsando-os da terra.

28 de Artemisius / Iyyar (21 de maio) 73 dC

Os territórios de Israel foram vendidos e, até meados de maio do ano 73 dC, a pátria e os territórios dos judeus foram eliminados, não restava nada do sistema judeu. Deus completou o que ele havia avisado que aconteceria, ele havia apagado sua existência, nunca mais Jeová voltaria a essa nação. Já não fazia parte da nação santa, sua administração nacional e seu território foram completamente arrasados conforme Jesus disse que ficaria, "Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta", Mateus 23:38.

O terceiro período de tempo de Daniel marcando a "parte final do fim" aconteceu, 2.300 dias depois que os exércitos romanos sob o comando

de Tito marcharam pela terra santa em fevereiro de 67 dC, o sistema judeu completo, incluindo seu território, é aniquilado (Daniel 8:14).

Os 2.300 dias equivalem 75 meses (cada 30 dias) mais 20 dias, ou 6 anos e 3 meses 20 dias, calculados a partir de fevereiro de 70 dC, nos leva até 21 de maio 73 dC. A Velha Aliança judaica foi removida, uma Nova Aliança estava tomando seu lugar. Removendo todos os vestígios do antigo, o "novo" poderia ter sido considerado "Purificado" ou "Restaurado", o santuário foi literalmente vingado das transgressões, a transição completa ocorreu.

A Substituição do Templo

O templo construído de pedra em Jerusalém, centro do culto judeu, é substituído por um novo templo de pedras vivas, como Paulo apontou claramente alguns dez anos antes do templo ser destruído em 70 dC, ele disse em Efésios 2:19 falando ao Cristãos ungidos e espirituais que vivem em Éfeso

"Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo juntamente edificados, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito. Efésios 2:19-22" (NVI).

Este novo templo "vivo", construído com pessoas, é construído espiritualmente, não na Terra como alguns interpretes querem sugerir.

A Substituição da cidade de Jerusalém

Jerusalém, a sede terrena da administração judaica é substituída por uma nova administração na cidade celestial, como testemunhou Paulo cerca de nove anos antes da cidade de Jerusalém ter sido destruída. Ele disse a alguns dos "Filhos adotados" em Hebreus 12:22-23:

"Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Vocês chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados. Hebreus 12:22-23 (NVI)

Esta nova cidade de administração celestial, a Nova Jerusalém, eventualmente, é de onde Cristo administra todas as coisas existentes.

A Nação e a Terra de ISRAEL são substituídas

A nação judaica foi substituída por uma nova nação, como foi apontado por Pedro cerca de dez anos antes da terra de Israel ser removida de seus territórios em 73 dC. Pedro disse aos discípulos ungidos em 1 Pedro 2:9:

"Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."(NVI).

Novamente, esta nação sagrada não é por linhagem sanguínea, nem por circuncisão da carne, mas é a uma nação espiritual, onde a circuncisão é feita no coração, os verdadeiros descendentes de Abraão, filhos da fé. É por esta mesma razão que o Apocalipse, para João foi selado, mais detalhes sobre essas coisas novas não poderiam ser dados até que os antigos fossem removidos (compare Apocalipse 11:1 o novo Templo celestial, 21:2,10-21 a Nova Jerusalém celestial, 7: 4-8, o novo Israel celestial). Os Céus e Terra (antiga aliança) deram lugar aos novos céus nova terra (nova aliança).

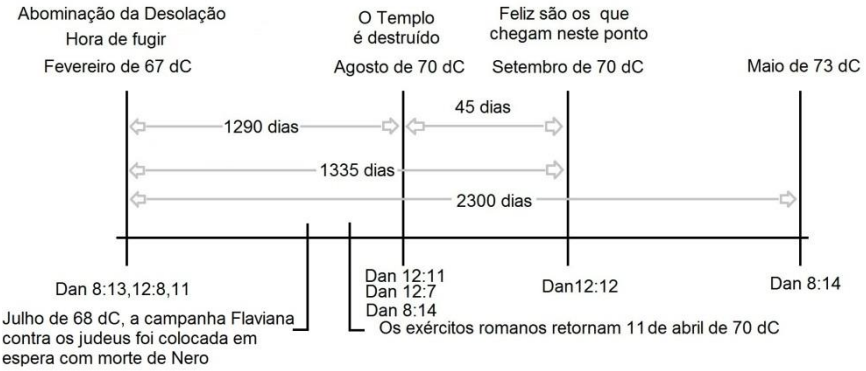
Os antigos símbolos já haviam sido eliminados. Em pouco mais de três anos temerosos, a nação judaica sofreu uma aniquilação total, provocada por Deus em três estágios.

Primeiro, seu sistema religioso, centrado no templo, é destruído no dia 3 de agosto de 70 dC.

Segundo, seu sistema de administração, completamente destruído até o dia 18 de setembro de 70 dC.
Em terceiro e último lugar, a nação judaica perdeu seus territórios em 21 de maio de 73 dC.

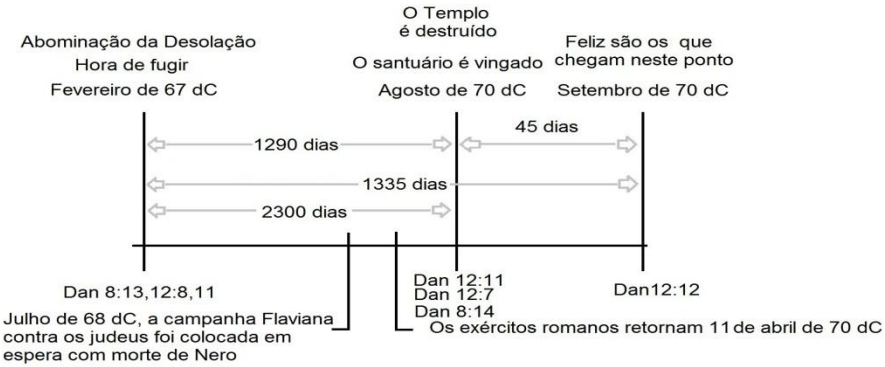
Tudo o que Deus havia dado a essa nação foi despojado. O modelo sombra do projeto do Reino de Deus já havia sido destruído. O real estava agora em construção, as bases já colocadas.

TRÊS PERÍODOS DE TEMPO CONCORRENTES DE DANIEL



Deve-se lembrar que uma interpretação simbólica dos 2300 dias é possível, então o quadro seria da seguinte forma:

TRÊS PERÍODOS DE TEMPO CONCORRENTES DE DANIEL



Revisando as dicas de tempo: -

fevereiro de 67 dC, Respondendo a ordem de Nero para esmagar a rebelião judaica, Tito marchou a legião XV do Egito até a Terra Santa para se encontrar com seu pai em Ptolemaida na fronteira oeste da Galileia. Esta vinda de Tito aconteceu por volta de fevereiro de 67 dC, enquanto marchava uma ala do exército romano atravessou a terra sagrada de Israel. Este foi um dos sinais que Jesus advertiu para os que residiam na Judeia a fugir; todo o inferno literalmente desabou neste momento (Mt. 24:15-24; cf. Ap. 6). começa a hora de fugir.

11 de abril de 70 dC, os exércitos romanos sob comando de Tito retornam contra Jerusalém e sitiam, a oportunidade para fugir acaba.

3 de agosto de 70 dC, os exércitos romanos destroem o templo, o sistema religioso judaico chega ao fim.

14 de setembro 70 dC, os romanos destruíram completamente Jerusalém, o centro da administração judaica, execuções são realizadas, prisioneiros deportados; A guerra em Jerusalém termina, a paz é restaurada.

20 de maio de 73 dC, os romanos removeram a última fortaleza nacional dos judeus, Massada, então todas as terras e territórios judeus são destruídos ou vendidos.

Este tratado descreveu a destruição de Jerusalém no primeiro século pelos romanos. Ele avalia e compara as palavras proféticas de Daniel em relação a este evento histórico com as datas fornecidas pelo historiador Josefo. Estabelece claramente que a realização típica era dias literais não semanas de anos e que estes dias ocorreram na última parte dos últimos dias do sistema judaico. Alguns hoje aplicam uma satisfação anti-tipo para estes dias, mas modificam sua magnitude aplicando liberalmente um ano para cada dia. Outros aplicam dias literais a eventos que aconteceram há muitas décadas e a eventos que não trouxeram a conclusão da era.

Não podemos encontrar nenhum suporte bíblico para esses pontos de vista. Fazemos bem em um exame como este, ter em mente a admoestação do apóstolo Paulo para não ir além do que está escrito.

O Dia do Senhor no Antigo Testamento

VISÃO GERAL DO DIA DO SENHOR

A chegada do "rei do norte" aconteceria no tempo do fim da antiga aliança (Dn. 11:40-12:7). A vinda desse governante seria, assim, intimamente associada com a vinda de Deus / Cristo no dia do Senhor (cf. Dn. 7:13, 21-22; Ap 19:11-21). Em 2 Tessalonicenses 2 somos informados de que a revelação do homem do pecado e sua captura do Templo iria ocorrer pouco antes do dia do Senhor.

Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele,
Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.
Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,
O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus...
E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;
2 Tessalonicenses 2:1-4, 8

Pela estreita associação entre o homem do pecado e o dia do Senhor, vou apresentar neste capítulo uma visão geral do conceito do dia no Antigo Testamento. No próximo capítulo, vou apresentar uma visão geral do tratamento deste conceito no Novo Testamento. O objetivo desta discussão é duplo:
1) para fornecer o contexto para a discussão de Paulo sobre o homem do pecado em 2 Tessalonicenses 2

2) Para proporcionar uma base bíblica para a linguagem simbólica de uma catástrofe cósmica (ou seja, o sol e a lua escureceram, estrelas caindo, etc.) que é muitas vezes usado para descrever o dia do Senhor e a parousia.

O USO DE CATÁSTROFES CÓSMICAS PARA DESCREVER O DIA DO SENHOR

Compreender o uso simbólico de catástrofe cósmica para descrever o dia do Senhor é um ponto especialmente importante. A simbólica leitura da linguagem de catástrofe cósmica da Escritura é um dos maiores fatores individuais que diferenciam a hermenêutica entre preteristas e futuristas. Por exemplo, quando um futurista lê Jesus dizendo que as estrelas cairiam do céu no dia do Senhor (Mt 24:29; cf. Ap 6:12-17.) Ele espera estrelas literais (ou pelo menos meteoritos) venham a cair em algum momento no futuro. O fato de que isso não aconteceu ainda é uma prova para ele que o dia do Senhor não aconteceu. Um preterista, por outro lado, reconhece que as estrelas podem simbolizar governantes e autoridades (cf. Dn 8:9-10, 24; Ap 12:1-4, 9) e não necessariamente procura o cumprimento do dia do Senhor que envolva a queda das estrelas literais.

A diferença de interpretação entre preteristas e futuristas sobre linguagem da catástrofe cósmica no dia do Senhor da Escritura é fundamental para ambas as abordagens e, portanto, merece uma consideração cuidadosa. Em grande medida, a própria hermenêutica (um do método de interpretação) em relação a esta questão irá ditar muitas conclusões. No meu discussão sobre o dia do Senhor eu vou, portanto, examinar primeiro linguagem simbólica da Bíblia sobre a catástrofe cósmica; a compreensão adequada dessa linguagem é fundamental para uma compreensão adequada do dia do Senhor.

OBJETOS CELESTIAIS COMO SÍMBOLOS DOS GOVERNANTES E DE AUTORIDADE

O uso da catástrofe celeste para simbolizar a derrubada de governantes e nações tem as suas raízes em Gênesis 1, o primeiro lugar em que o sol, a lua e as estrelas são mencionados nas Escrituras (1), diz que o sol, a lua e as estrelas foram criadas para governar. O sol foi criado "para governar o dia" e a lua e as estrelas "para governar a noite" (Gn 1:16). Dado que os objetos celestes foram criados para governar, é bastante lógico a Bíblia usar o sol, a lua e as estrelas como símbolos para representar governantes (tanto físicos como espirituais) e daqueles em posição de autoridade. Por exemplo, em Gênesis 37:9-10 o sol e a lua representam as cabeças do que viria a se tornar a nação de Israel (Jacó e Raquel); onze estrelas (doze quando você adiciona José) representam aqueles que estavam a tornar-se os chefes das doze tribos de Israel (cf. Ap 12:1).

E teve José outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: Eis que tive ainda outro sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim.
E contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o seu pai, e disse-lhe: Que sonho é este que tiveste? Porventura viremos, eu e tua mãe, e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?
Gênesis 37:9,10

Jacó imediatamente entendeu o simbolismo aqui e repreendeu o filho por pensar que aqueles que têm autoridade sobre ele vai se curvar a ele.

Em Isaías 14 a queda do rei de Babilônia é comparada a uma estrela caindo do céu.

Então proferirás este provérbio contra o rei de babilônia, e dirás: Como já cessou o opressor, como já cessou a cidade dourada...
Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!
E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte.
Isaías 14:4, 12,13

Uma governante (possivelmente Satanás) está sendo simbolizado por uma estrela aqui; ele procura estabelecer-se acima de outros governantes (simbolizados por outras estrelas). A queda desse governante é comparada a uma estrela cadente (cf. Ap. 9:1-2; 12:1-4, 9). corpos celestes foram vistos pelos antigos como sendo (ou representando) anjos / deuses. Isso pode ser visto no seguinte aviso que Moisés entregou aos filhos de Israel: "Que não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus; e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o Senhor teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus".
Deuteronômio 4:19.

Considere como estrelas são usados simbolicamente para representar aqueles que têm autoridade em Daniel 8:8-11:

E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insignes, para os quatro ventos do céu.
E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa.
E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou.
E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.
Daniel 8:8-11

O chifre pequeno aqui é Tito César. Se as autoridades retratadas aqui são, em última análise governantes espirituais ou governantes humanos ou uma mistura dos dois não é totalmente claro (cf. Jz. 5:19-20). O que está claro é que este uso de estrelas caindo do céu está falando sobre a queda daqueles que estão em posição de autoridade, não a queda de estrelas literais.

O USO SIMBÓLICO DE ESTRELAS EM APOCALIPSE

Olhando o NT, considere o uso simbólico de luminares celestes no livro de Apocalipse. Quando se olha para as várias referências a estrelas no Apocalipse, descobre-se que eles são usados para simbolizar:

1.) Anjos: Ap. 1:16, 20; 2:1; 3:1
2.) Anjos caídos: Apocalipse 8:10-11; 9:1-2; 12:4
3.) Os líderes das doze tribos de Israel: Apocalipse 12:1
4.) Jesus: Ap. 2:28; 22:16

Estes são todos os usos simbólicos de estrelas que representam os governantes e autoridades. As duas únicas referências a estrelas em Apocalipse que não são claras são Apocalipse 6:13 (as estrelas do céu cairá na terra) e Apocalipse 8:12 (um terço das estrelas escureceu). Considerando que Apocalipse 12:3-4 refere-se a Satanás levando um terço das estrelas (Os anjos que o seguiram, v 9) a cair sobre a terra, Apocalipse 8:12 provavelmente faz referência desse mesmo um terço das estrelas a ser escurecido, provavelmente, refere-se à queda desses anjos. Agora, vamos olhar para Apocalipse 6:13.

E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue;
E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.
Apocalipse 6:12,13

Enquanto a maioria dos "literalistas" admitem que a queda das estrelas em Apocalipse 12:4 não está falando de estrelas literais, eles dizem que a queda das estrelas em Apocalipse 6:13 é literal. Esta é uma hermenêutica muito inconsistente. Isto é especialmente verdadeiro quando se leva em conta o uso simbólico de estrelas em qualquer outro lugar no Apocalipse. Uma vez que cada referência a estrelas no Apocalipse é simbólica, estamos essencialmente compelidos a dizer que o Apocalipse 6:13 também é como Mateus 24:29: ".. As estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados".

A queda das estrelas em Apocalipse 6:13 é um símbolo da queda das autoridades celestiais no dia do Senhor (cf. Apocalipse 11:15-18). Observe que neste grande dia do Senhor, os homens se escondem em cavernas e imploram as montanhas para "cair sobre nós" em uma tentativa de escapar da ira de Deus (Ap 6:15-17). Jesus disse que esse dia chegaria sobre a geração que ele rejeitou:

Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.
Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!
Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos.
Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?
Lucas 23:28-31

O último refúgio dos judeus de Jerusalém em 70 dC foi mesmo as cavernas da cidade (ver Josephus, A Guerra dos Judeus, 6, 7, 3).

Com o uso simbólico dos objetos celestes em mente, considere Apocalipse 16:10: "E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor". Isso não está falando de um eclipse literal do sol que cria escuridão; ele está falando sobre o eclipse de um governante e um reino (cf. Ez. 32:7-8). Este julgamento é derramado sobre o trono da besta. Ele está se referindo à queda de um governante; ele descreve a forma como a escuridão desceu sobre o Império Romano em 68 dC com a morte de Nero. No próximo ano e meio, Roma, iria passar por um período de confusões e incertezas. Durante esse tempo, duas guerras civis internas seriam travadas e o império chegaria à beira do colapso. Vespasiano finalmente trouxe estabilidade de volta para o império, quando ele tornou-se imperador no final de 69 dC.

Observe que logo antes das luzes se apagarem no reino da besta o "sol" tinha sido escaldante sobre os homens (Ap 16:8-9); note também que o

sol é referido aqui como uma pessoa: "O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo" (v. 8). Isso não está se referindo a algum futuro afinamento da camada de ozônio causando queimaduras solares (como um literalista poderia dizer). É uma referência à perseguição de um governante, neste contexto, provavelmente Nero.(2) Com isso em mente, perceba que aqueles que vêm da grande tribulação é dito que "o sol não deve atacá-los [mais], nem qualquer calor" (Ap 7:16). Isso não está falando de uma cessação de perseguição pelo sol, mas uma cessação de perseguição por um governante.

OS GOVERNANTES MÁXIMOS

Os maiores governantes que o sol e a lua representam são Deus Pai e o Senhor Jesus. Isto é mencionado em Apocalipse 21:23 em referência à Nova Jerusalém: "A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a iluminou. O Cordeiro é a sua lâmpada"(cf. Ap 1:16; Mt 27:45). Jesus disse que ele era a luz do mundo (ou seja, utilizando o sol como um símbolo de si mesmo). Quando Jesus estava na cruz o sol estava literalmente eclipsado e as trevas cobriram a terra (Mt. 27:45). Quando Jesus deixou o mundo era noite (metaforicamente falando, João 9:4-5). Sua parousia seria o equivalente do sol nascente e um novo dia amanhecendo (Rm 13:11-12; cf. Ml. 4:1-2.). Considerando que o sol e a lua representam geralmente governantes supremos, as estrelas, sendo luzes menores, tendem a representar autoridades menores, como anjos (Is.
14:13; Ap. 1:20; 12:4, 9) ou o povo de Deus (Gn. 37:9-10; Dn. 8:10, 24; 12:3).

Para resumir, o escurecimento do sol e da lua e a queda das estrelas são usados no AT para simbolizar a diminuição e / ou derrubada de governantes e autoridades, tanto físicos quanto espirituais. Este uso simbólico de objetos celestes é usado também no Novo Testamento e fornece o significado de escurecimento do sol e da lua e queda das estrelas no dia do Senhor. Este é um ponto muito importante; é preciso entender o uso da linguagem apocalíptica do Antigo Testamento para

que se possa interpretar corretamente o uso dessa linguagem do Novo Testamento. Esta linguagem simbólica foi usado por nosso Senhor em Mateus 24:29-34 para retratar a queda da nação judaica em 70 dC (vou dar mais exemplos dessa linguagem abaixo).

Olhando o Apocalipse, e seu uso simbólico de estrelas para representar governantes e autoridades (principalmente anjos) ressalta o fato de que o uso de objetos celestes como símbolos para aqueles que têm autoridade no Novo Testamento é consistente com o uso desses objetos celestes no Antigo Testamento. Dizer que as imagens de colapso cósmico retratadas no dia do Senhor representam o colapso literal do universo físico é ser ignorante do uso simbólico consistente da Escritura desta linguagem.(3) Tendo abordado sobre o uso simbólico da Bíblia sobre o universo em colapso, vou agora examinar o dia do Senhor no Antigo Testamento e seu uso desta linguagem simbólica.

O DIA DO SENHOR NO ANTIGO TESTAMENTO

No Velho Testamento a frase do dia do Senhor (lit. "o dia do Senhor"(4)) é encontrada entre trinta e quarenta vezes nos livros proféticos de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Obadias, Joel, Amos, Sofonias, Zacarias e Malaquias.(5) Quando se examina essas escrituras torna-se aparente que o dia do Senhor foi usado tanto em um sentido genérico. O dia do Senhor é usado para a vinda de Deus em julgamento sobre diferentes nações em diferentes momentos da história (cf. Mq. 1:1-7). Estas vindas não envolveu uma aparência física de Deus; em vez disso, eles muitas vezes falou da vinda de Deus por meio de uma nação execução de seu julgamento em outra nação (cf. Mt 21:40-41; 22:1-7). A presença de Deus nesses dias do do Senhor no Antigo Testamento era espiritual, não física; o que foi fisicamente manifestado foi a vinda da nação vingadora.

EZEQUIEL 30, 32: O DIA DO SENHOR CONTRA O EGITO

Ezequiel 30 fala de um dia do Senhor, no contexto dos exércitos da Babilônia invadindo e derrotando o Egito: "Porque está perto o dia, sim,

está perto o dia do Senhor; dia nublado; será o tempo dos gentios. A espada virá ao Egito, e haverá grande dor na Etiópia, quando caírem os traspassados no Egito; e tomarão a sua multidão, e serão destruídos os seus fundamentos". (Ez 30:3,4; cf. Jr. 46). Em Ezequiel 32 Deus fala de como ele lutaria contra o Egito usando os babilônios como sua "rede" para capturá-los e como sua "espada" para destruí-los.

E sucedeu que, no ano duodécimo, no duodécimo mês, ao primeiro do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:
Filho do homem, levanta uma lamentação sobre Faraó, rei do Egito, e dize-lhe: Eras semelhante a um filho do leão entre as nações, mas tu és como uma baleia nos mares, e rompias os teus rios, e turbavas as águas com os teus pés, e pisavas os teus rios.
Assim diz o Senhor DEUS: Portanto, estenderei sobre ti a minha rede com reunião de muitos povos, e te farão subir na minha rede.
Então te deixarei em terra; sobre a face do campo te lançarei, e farei posar sobre ti todas as aves do céu, e fartarei de ti os animais de toda a terra.
E porei as tuas carnes sobre os montes, e encherei os vales da tua altura.
E regarei com o teu sangue a terra onde nadas, até aos montes; e os rios se encherão de ti.
E, apagando-te eu, cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; ao sol encobrirei com uma nuvem, e a lua não fará resplandecer a sua luz.
Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti, e trarei trevas sobre a tua terra, diz o Senhor DEUS.
E afligirei os corações de muitos povos, quando eu levar a tua destruição entre as nações, às terras que não conheceste.
E farei com que muitos povos fiquem pasmados de ti, e os seus reis tremam sobremaneira, quando eu brandir a minha espada ante os seus rostos; e estremecerão a cada momento, cada um pela sua vida, no dia da tua queda.
Porque assim diz o Senhor DEUS: A espada do rei de babilônia virá sobre ti.
Farei cair a tua multidão pelas espadas dos poderosos, que são todos os mais terríveis das nações; e destruirão a soberba do Egito, e toda a sua multidão será destruída.

E exterminarei todos os seus animais sobre as muitas águas; nem as turbará mais pé de homem, nem as turbarão unhas de animais.
Então farei assentar as suas águas, e farei correr os seus rios como o azeite, diz o Senhor DEUS.
Quando eu tornar a terra do Egito em desolação, e ela for despojada da sua plenitude, e quando ferir a todos os que habitam nela, então saberão que eu sou o Senhor.
Ezequiel 32:1-15

O dia do Senhor no Egito seria um dia de trevas (v. 8); em Ezequiel 30:3 diz-se ser "um dia de nuvens". Deus disse que escureceria o sol, a lua e as estrelas neste dia de seu julgamento sobre o Egito, c. 568 aC (Ez. 32:7), que ele traria as trevas para a sua terra (cf. Ap 16:10). Claramente isso não estava falando sobre o escurecimento físico dos objetos luminosos no céu; é linguagem simbólica usada para descrever o julgamento do Império Egípcio no século VI aC.

ISAÍAS 13: O DIA DO SENHOR SOBRE A BABILÔNIA

Isaías 13 fala de um dia do Senhor (“Clamai, pois, o dia do Senhor está perto...” v. 6) o contexto fala dos exércitos dos medos vindo para derrubar o Império Babilônico em 539 aC.

Eis que vem o dia do Senhor, horrendo, com furor e ira ardente, para pôr a terra em assolação, e dela destruir os pecadores.
Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz.
Por isso farei estremecer os céus; e a terra se moverá do seu lugar, por causa do furor do Senhor dos Exércitos, e por causa do dia da sua ardente ira.
Eis que eu despertarei contra eles os medos, que não farão caso da prata, nem tampouco desejarão ouro.
E os seus arcos despedaçarão os jovens, e não se compadecerão do fruto do ventre; os seus olhos não pouparão aos filhos.
E babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou.

Isaías 13:9-10, 13, 17-19

Observe as imagens que Isaías usa para o julgamento do Império Babilônico: é comparado como a dor de uma mulher em trabalho de parto (Is. 13:8; cf. Mt 24:8; 1 Ts 5:3). O sol, a lua e as estrelas não brilham (Is 13:10; Mt 24:29). Deus iria abalar os céus e a terra (v 13; Mt 24:29). Obviamente o sol, a lua e as estrelas não perderam literalmente o brilho neste momento em que os medos derrubaram os babilônios. O planeta não foi abalado neste momento. Semelhante a Ezequiel, Isaías está usando imagens de turbulência celeste e terrestre para descrever Deus trazendo uma nação (os medos) contra outra (os babilônios) para exercer o seu julgamento.

Deve se notar que Jesus, em seu ofício de profeta, se utiliza desta linguagem apocalíptica dos profetas do antigo testamento que descreve a queda de Babilônia em sua profecia sobre a queda de Jerusalém: "Mas naqueles dias, depois daquela tribulação, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas do céu cairão, e os poderes do céu serão abalados"(Marcos 13:24-25). Wright fez o seguinte comentário sobre isso: "Todo esse idioma [em Marcos 13:24-25] refere-se à queda de Jerusalém".(6)

Jerusalém foi de ser perseguido a ser o perseguidor. Ela tinha destruído o Templo de Deus, Jesus (João 2:18-22), e perseguiu o povo de Deus; Ela tinha se tornado como a pagã Babilônia (cf. Apocalipse 11:8; 17:18). A utilização de Jesus dessa linguagem de catástrofe cósmica para descrever a queda da nação judaica não é uma descrição literal do fim do universo, da mesma forma, como a descrição da queda da Babilônia no século VI, com a linguagem de universo em colapso, não descreve o fim do universo físico.

ISAÍAS 30-31: O DIA DO SENHOR SOBRE ASSÍRIA

Em Isaías 30-31 a vinda de Deus para derrotar o exército assírio é descrito da seguinte forma:

Eis que o nome do Senhor vem de longe, ardendo a sua ira, sendo pesada a sua carga; os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua é como um fogo consumidor...
E o Senhor fará ouvir a sua voz majestosa e fará ver o abaixamento do seu braço, com indignação de ira, e labareda de fogo consumidor, raios e dilúvio e pedras de saraiva.
Porque com a voz do Senhor será desfeita em pedaços a Assíria, que feriu com a vara...
assim o Senhor dos Exércitos descerá, para pelejar sobre o monte Sião, e sobre o seu outeiro...
E a Assíria cairá pela espada, não de poderoso homem; e a espada, não de homem desprezível, a consumirá; e fugirá perante a espada e os seus jovens serão tributários.
Isaías 30:27, 30-31; 31:4, 8

Esta profecia cumpriu-se em torno de 701 aC, quando o Senhor destruiu 185.000 exército do rei assírio Senaqueribe (cf. Is. 37:33-38). Observe que a línguagem utilizada para esta vinda de Deus em Isaías 30-31 é bastante semelhante à linguagem utilizada da parousia de Jesus. No livro do apocalipse, a Palavra de Deus vem e luta contra a besta com a espada da sua boca (Apocalipse 19:11-21). Se não fosse pelas referências à derrota da Assíria, poderia facilmente se pensar que Isaías 30-31 está falando sobre a parousia de Jesus. Mas é claro, ele está falando de uma vinda de Deus em um dia do Senhor no século 8 aC com linguagem simbólica.

ISAÍAS 34: O DIA DO SENHOR CONTRA AS NAÇÕES, ESPECIFICAMENTE EDOM

Em Isaías 34 mais um dia genérico do Senhor é mostrado; enquanto este dia é dito para vir de encontro a muitas nações, seu foco seria em Edom.

Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós povos, escutai; ouça a terra, e a sua plenitude, o mundo, e tudo quanto produz.

Porque a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o seu furor sobre todo o exército delas; ele as destruiu totalmente, entregou-as à matança.
E os seus mortos serão arremessados e dos seus cadáveres subirá o seu mau cheiro; e os montes se derreterão com o seu sangue.
E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira.
Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que sobre Edom descerá, e sobre o povo do meu anátema para exercer juízo...
Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela contenda de Sião.
Isaías 34: 1-5, 8

Isto certamente soa como o fim do mundo, mas não é. Enquanto Edom se tornaria desolada ("E nos seus palácios crescerão espinhos, urtigas e cardos nas suas fortalezas; e será uma habitação de chacais, e sítio para avestruzes." v 13), o mundo ainda existiria. O exército do céu (ou seja, as estrelas) não foram literalmente dissolvidas quando Edom foi julgado, nem os céus foram literalmente enrolados naquela época (cf. Ap. 6:14); as montanhas não derreteram literalmente. Escrevendo no século V aC, Malaquias disse que esta profecia foi cumprida: "E odiei a Esaú [isto é, Edom, Ml. 1:4]; e fiz dos seus montes uma desolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto"(v. 3). Preston escreve o seguinte sobre a linguagem cósmica simbólica usado para o julgamento de Edom:

Esta é uma profecia contra Edom e "todas as nações" (v. 2, 8). A profecia contém algumas das maiores linguagens gráficas em todo o Antigo Testamento. É chamado de "Dia." As montanhas se derretem com sangue. O exército dos céus seria dissolvido, os céus enrolado, as estrelas caem do céu, a terra fluiria com o sangue, os fluxos iria queimar com piche, mesmo a poeira iria queimar. Espinhos iriam crescer em todos os lugares. No entanto, esta é uma previsão da queda de Edom (v. 5-8). . . Então, o que temos é uma previsão do Dia da vingança do Senhor, quando "céu e terra" seria destruída. As montanhas se derretem, as estrelas caem do céu. Patentemente, nada disso aconteceu

literalmente. No entanto, Malaquias olhou para trás, para a destruição de Edom, como um fato consumado, e até mesmo usou a linguagem de Isaías.(7)

MIQUEIAS 1 E AMOS 8: O DIA DO SENHOR SOBRE O REINO DO NORTE DE ISRAEL

Outra vinda de Deus no antigo testamento para julgamento é mostrado em Miqueias 1. Este dia do Senhor viria sobre o reino do norte de Israel (cuja capital era Samaria) em torno de 721 aC. Uma alusão à decisão posterior do reino do sul de Judá (cuja capital era Jerusalém) no século VI aC parece aludido aqui também:

Palavra do SENHOR, que veio a Miquéias, morastita, nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, a qual ele viu sobre Samaria e Jerusalém.
Ouvi, todos os povos, presta atenção, ó terra, e tudo o que nela há; e seja o Senhor DEUS testemunha contra vós, o Senhor, desde o seu santo templo.
Porque eis que o Senhor está para sair do seu lugar, e descerá, e andará sobre as alturas da terra.
E os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo.
Tudo isto por causa da transgressão de Jacó, e dos pecados da casa de Israel. Qual é a transgressão de Jacó? Não é Samaria? E quais os altos de Judá? Não é Jerusalém?
Por isso farei de Samaria um montão de pedras do campo, uma terra de plantar vinhas, e farei rolar as suas pedras no vale, e descobrirei os seus fundamentos.
Miqueias 1:1-6

Aqui temos imagens de Deus vindo, montanhas derretendo e vales se dividindo, no entanto, está se referindo à queda do reino do norte de Israel século VIII aC.. Nenhuma dessas coisas aconteceram no sentido físico literal; as montanhas não derreteram, nem os vales se separaram (Ap 16:19-20). Futuristas ignoram esse fato quando eles insistem que a vinda de Deus e o colapso das montanhas em Zacarias 14:1-4 devem

falar de uma vinda física literal de Deus e da divisão do Monte das Oliveiras (Eu falarei sobre Zacarias 14 mais adiante neste capítulo).

Em Amós 8, século VIII aC, o fim do reino do norte de Israel é novamente descrito em uma linguagem que soa como o fim do mundo. Nesta profecia sobre a queda de Israel, Amós descreve o escurecimento dos luminares no céu.

O SENHOR DEUS assim me fez ver: E eis aqui um cesto de frutos do verão.
E disse: Que vês, Amós? E eu disse: Um cesto de frutos do verão. Então o Senhor me disse: Chegou o fim sobre o meu povo Israel; nunca mais passarei por ele.
Mas os cânticos do templo naquele dia serão gemidos, diz o Senhor DEUS; multiplicar-se-ão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio...
E sucederá que, naquele dia, diz o Senhor Deus, farei que o sol se ponha ao meio-dia, e a terra se entenebreça no dia claro.
E tornarei as vossas festas em luto, e todos os vossos cânticos em lamentações; e porei pano de saco sobre todos os lombos, e calva sobre toda cabeça; e farei que isso seja como luto por um filho único, e o seu fim como dia de amarguras.
Amos 8:1-3, 9-10

Mais uma vez, o escurecimento aqui não é um eclipse literal do sol, mas o eclipse do reino do norte de Israel e seus governantes.

SOFONIAS 1: O DIA DO SENHOR CONTRA JUDÁ

Sofonias profetizou que um dia do Senhor viria contra o reino do sul, Judá, no século VI aC. Este dia do Senhor aconteceu em 586 aC.

Palavra do SENHOR, que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá.
Hei de consumir por completo tudo de sobre a terra, diz o Senhor.

Consumirei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e os tropeços juntamente com os ímpios; e exterminarei os homens de sobre a terra, diz o Senhor.
E estenderei a minha mão contra Judá, e contra todos os habitantes de Jerusalém, e exterminarei deste lugar o restante de Baal, e o nome dos sacerdotes dos ídolos, juntamente com os sacerdotes...
O grande dia do Senhor está perto, sim, está perto, e se apressa muito; amarga é a voz do dia do Senhor; clamará ali o poderoso.
Aquele dia será um dia de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas...
Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia da indignação do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo toda esta terra será consumida, porque certamente fará de todos os moradores da terra uma destruição total e apressada.
Sofonias 1:1-4, 14-15, 18

A catástrofe cósmica é novamente aqui mencionada; o dia do juízo de Judá é dito ser um dia de escuridão, sua luz seria eclipsada. Como em outros lugares, esta linguagem é metafórica; não é para ser tomado em um sentido literal. Observe que a terra de Judá seria destruída pelo fogo neste momento da ira do Senhor (v.18).

REFERÊNCIAS AO DIA DO SENHOR CONTRA JERUSALÉM EM 70 DC

Acredito que muitas das linguagens do dia do Senhor no antigo testamento, dias de julgamento contra o Egito, Babilônia, Edom, o reino do norte de Israel, e o reino do sul de Judá, também são usadas para o dia do Senhor no novo testamento, o dia da julgamento que viria contra a geração que rejeitou Jesus (cf. Mt 21:33-45; 23:29-36). Não é difícil ver como as Escrituras descrevem, com linguagem semelhante, o julgamento do reino do sul, Judá, e o reino do norte, Israel, com as profecias relacionadas com queda da nação judaica em 70 dC. Não é difícil ver como a queda de Babilônia, Egito e Edom também contêm as mesmas

linguagens apocalípticas relacionadas com a queda de Jerusalém em 70 dC.

Apocalipse usa a queda da Babilônia como pano de fundo para retratar o dia do Senhor. Apocalipse 17-19 mostra o "mistério, Babilônia" (Apocalipse 17:5) a ser abatida nesse dia (Ap. 18:21). Babilônia é a prostituta; ela é chamada de "a grande cidade" em Apocalipse (Ap 17.18). A primeira vez que nos deparamos com "a grande cidade" em Apocalipse somos informados de que ele era o lugar onde Jesus foi crucificado (Ap 11:8). O Apocalipse está igualando a prostituta que é Jerusalém e sua crucificação de Jesus, com a Babilônia, o destruidor do Templo de Deus (João 2:18- 22) (cf. Ez.b16). Jesus, sendo Deus encarnardo, era o Templo (cf. Mt 12:6).

Além de ser equiparado a Babilônia, Jerusalém também é equiparado com o Egito em Apocalipse: "E seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado". Deus disse que iria trazer as pragas do Egito sobre seu infiel povo da aliança e os espalharia entre as nações quando quebrasse o pacto (Dt. 28:58-64). Isso é mostrado em Apocalipse 16, onde uma série de pragas desencadeada sobre os habitantes infiéis da Terra (de Israel) são padronizados às pragas do Egito. Assim, no Apocalipse uma conexão é estabelecida entre a culpa de Jerusalém e a culpa de ambos Babilônia e Egito. Portanto, não deve ser surpreendente encontrar conexões entre os dias de julgamento das nações e o dia do Senhor contra os judeus.

A descrição simbólica da queda de Edom no dia do Senhor é usada também para o dia do Senhor contra a nação de Israel. As imagens da queda de Edom é mencionado em Mateus 24:29 (cf. Is. 34:4);(8) Apocalipse 6:14 (cf. Is. 34:4); e Apocalipse 19:15 (cf. Is. 63:3-6). O povo de Edom eram os filhos de Esaú. Esaú era o filho de Isaque, o primogênito que desprezou seu direito de primogenitura (Gn 25:29-34). Ele é usado no Novo Testamento para representar uma parte infiel do povo da aliança de Deus (Rm. 9:6-33; Gn 25:20- 26). Ao rejeitar Jesus, os judeus haviam desprezado sua primogenitura (cf. Mt 21:33-45; João

1:11-13); em essência, os filhos de Israel tinham se tornado os filhos de Esaú. Em Romanos 9 Paulo refere-se aos judeus como "vasos de ira preparado para destruição" (v 22); eles seriam destruídos no dia do Senhor. Esta seria a destruição dos que estavam destruindo a Terra; que marcaria o pleno estabelecimento do Reino de Deus (cf. Apocalipse 11:15-18).

IMEDIATAMENTE APÓS A TRIBULAÇÃO DESSES DIAS O SOL ESCURECERÁ

Novamente, o genéricos do Senhor sobre Babilônia, Egito, Edom, Israel e Judá todas contêm a mesma linguagem simbólica de colapso de céus e terra do dia do Senhor que estava chegando sobre nação judaica da geração do primeiro século. Este seria o dia do juízo, chegando a geração que rejeitou Jesus e mandou matá-lo (Lucas 23:27-31; cf. Ap 6:12-17). Os ouvintes de Jesus estavam bem cientes destes vários dias do Senhor nas escrituras dos profetas do antigo testamento e seu uso simbólico da catástrofe cósmica quando eles ouviram Jesus discutir sua parousia e o dia do Senhor.

E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.
Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória...
Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.
Mateus 24:29-30, 34

Consciente do uso simbólico dos profetas da uma catástrofe cósmica para retratar a queda de uma nação ajuda a compreender como Jesus poderia dizer que o abalo cósmico iria acontecer durante sua parousia, que ocorreria antes que a geração que então vivia, viesse a falecer. Ele não estava falando sobre o fim do mundo. A grande tribulação que estava vindo sobre Israel iria escurecer sua luz; (cf. Dn 11:40-12:7). Sua

autoridade seria eclipsada naquele momento. Isso ajuda a explicar Pedro citando a descrição de Joel do dia do Senhor em Jerusalém (Joel 2) e como ele (Pedro) aplicou a sua geração:

Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: Homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras.
Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia.
Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:
E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos;
E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão;
E farei aparecer prodígios em cima, no céu; E sinais em baixo na terra, Sangue, fogo e vapor de fumo.
O sol se converterá em trevas, E a lua em sangue, Antes de chegar o grande e glorioso dia do Senhor;
E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo...
E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.
Atos 2:14-21, 40

Pedro não estava falando sobre o dia do Senhor em termos de um evento extremamente distante além de sua geração; ele estava falando sobre os "últimos dias" da antiga aliança de Israel (cf. Dt. 31:16-18, 24-29), que estavam vindo sobre sua geração. O derramamento do Espírito Santo era um sinal de que o dia do Senhor estava se aproximando rapidamente. Pedro estava se dirigindo a geração que matou Jesus (Atos 2:23); ele estava alertando seus companheiros judeus a se arrependerem como aqueles que haviam rejeitado seu Messias (At 2:36; cf. Mt 3:7-12). Assim, faz todo o sentido que ele está citando a descrição de Joel de um dia do Senhor sobre Jerusalém (que discutirei abaixo). Este dia estaria vindo sobre Jerusalém, e sobre sua geração em 70 dC (Dn. 9:26-27; cf. Mt 3:4-12).

Deve-se notar que quando Jesus disse que sua vinda seria sobre as nuvens do céu (Mt 24:29-30.), ele não estava falando sobre nuvens físicas... Como mostrei, as nuvens são frequentemente associados com a vinda do juízo de Deus, o escurecimento da luz de uma nação ("o dia do Senhor está perto... será um dia de nuvens.... e a espada virá sobre Egito" Ez 30:3-4). As nuvens que Jesus estava se referindo aludem a sua entronização como o divino Messias (cf. Dn 7:13-14; Marcos 14:62) bem como as nuvens de julgamento sobre Israel que ele traria no dia do Senhor (cf. Joel 2:1-2; Atos 2:14- 21, 40; Ap. 14:14-16). Este julgamento de nuvens iria escurecer a luz da nação judaica em 70 dC; este seria o tempo que as tribos de Israel lamentariam (Apocalipse 1:7; cf. Zc 12:10-14).

O DIA DO SENHOR NO ANO 70 DC NO ANTIGO TESTAMENTO

Enquanto alusões genéricas podem ser encontradas na maioria dos dias do Senhor, algumas referências tem uma conexão mais exclusivo para o dia do senhor sobre Jerusalém do primeiro século. Por exemplo, Daniel 11:40-12:7 não tinha cumprimento histórico anterior; refere-se apenas para o dia do Senhor em 70 dC (mesmo que ele não usa essa frase). Que ele está falando sobre o dia do Senhor fica claro pelo fato de que a grande tribulação e ressurreição de israel é dita a acontecer neste momento (Dn. 12:1-3).
Joel 2 também parece estar se referindo mais diretamente para o dia do Senhor, o ataque contra o santo monte de Deus, em 70 dC (cf. Dn. 11:45).

Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está perto;
Dia de trevas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os montes; povo grande e poderoso, qual nunca houve desde o tempo antigo, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração.

Diante dele um fogo consome, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele um desolado deserto; sim, nada lhe escapará...
Diante dele tremerá a terra, abalar-se-ão os céus; o sol e a lua se enegrecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor.
E o Senhor levantará a sua voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque poderoso é, executando a sua palavra; porque o dia do Senhor é grande e mui terrível, e quem o poderá suportar?
Joel 2:1-3, 10-11

O dia do Senhor em Joel 2 teria seu cumprimento na geração do primeiro século, como explicado por Pedro (cf. Atos 2:17-21). O exército ordenado (Joel 2:7-8) que Deus traria neste momento era o exército romano (cf. Ap. 9:1-11). O exército romano era conhecido por seu avanço ordenada.(9) Suas armaduras segmentadas tinham a semelhança com a fisiologia de um gafanhoto, e como uma invasão de gafanhotos, a invasão romana desnudou a terra da Judeia.(10) Dirigido pelo espírito que trabalhou em Tito, os romanos atacaria (Dn 11:45.), capturaria (2 Ts 2:1-4.), e destruiria Jerusalém e o Templo (Dn 9:26) no dia do Senhor. O resultado seria a quebra da nação judaica (Dn. 12:1-7).

Pedro disse sol da nação judaica “seria transformado em escuridão” e sua lua “em sangue, antes que viesse o grande e terrível dia do Senhor” (Atos 2:20; cf. Joel 2:31). O dia do Senhor seria um dia de escuridão para uma parte infiel do povo pactuado de Deus (cf. Amos 5:19-20). Compare este escurecimento dos luminares celestes com o que Deus disse em Isaías 30. No capítulo 30 Deus disse a seu povo que, quando ele foi gentil para com eles (v. 18) à luz da sua lua seria "como a luz do sol, e a luz do sol será sete vezes maior, como a luz de sete dias"(v. 26). Em 70 dC o oposto aconteceu; o sol e a lua de Israel foram eclipsados. É evidente que a descrição do escurecimento ou brilho dos objetos celestes nestes casos refere-se ao escurecimento ou brilho das autoridades de Israel, não o sol e lua literal.

ZACARIAS 14

Como no segundo capítulo de Joel, Zacarias 14 também aponta mais exclusivamente para um futuro o dia do Senhor, além de seus dias. Zacarias também fala sobre o dia do Senhor envolvendo exércitos que vêm contra Jerusalém. As imagens de Zacarias 14 é complexa (combinação de ambas realizações físicas e espirituais), mas o esquema básico é que o dia do Senhor envolveria a captura de Jerusalém pelos exércitos (v. 1-2) e, em seguida, Deus viria contra as nações que participou na invasão contra Jerusalém (v. 3-4). Nessa altura águas vivas sairiam de Jerusalém (v. 8; o Novo Testamento irá revelar que esta é a nova Jerusalém, Ap. 22:1-2); ela seria, então, habitada em segurança (v. 11) e nada impuro entraria ela (v 20-21; cf. Ap 21:27). Discutirei Zacarias 14 com mais detalhes mais adiante neste capítulo.

Isaías 1-4 também mostra esta sequência da queda de Jerusalém (Is 3:1-8) no dia do Senhor (Is 2:10-12). Isaías disse que Deus iria julgar Sião neste momento (Is. 3:13-4: 1) e, em seguida, todos que foram deixados em Jerusalém seriam chamados de santo. Se olharmos para esta seção de Isaías, os únicos que restam na Jerusalém física neste momento são as viúvas desesperadas por um marido para tirar a sua vergonha (a vergonha de estar grávida como resultado de estupro após a captura de Jerusalém, cf. Zacarias 14:2).

Teus homens cairão à espada e teus poderosos na peleja.
E as suas portas gemerão e prantearão; e ela, desolada, se assentará no chão.
E sete mulheres naquele dia lançarão mão de um homem, dizendo: Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos do que é nosso; tão-somente queremos ser chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio.
Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel.
E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém;

Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor.
Isaías 3:25-4:4

Se for tomado em de forma literal, esta é uma imagem muito estranha. Jerusalém foi apenas desolada, seus homens mortos (v. 25) e suas mulheres violadas. É neste momento que o Poder do Senhor (isto é, o Messias, cf. Is. 11:1-5) era para ser glorioso. Neste momento, como registrado, os vivos em Jerusalém seriam chamados santo (Is. 4:3). Esse problema é resolvido simplesmente porque não está falando da Jerusalém física e um grupo lamentável de mulheres devastadas (a maioria dos homens foram mortos durante o cerco da cidade). Ele está falando sobre aqueles que são parte da noiva Nova Jerusalém (Ap 21:9-10); eles iriam compartilhar as glórias do seu Senhor neste momento. Aqueles "escrito no livro" seriam livrados da quebra de Israel físico em 70 dC (Dn. 12:1-7). Em Apocalipse descobrimos que este livro é livro da vida do Cordeiro (cf. Ap 3:5). E que aqueles que são deixados em Sião (Is 4:3) são os que fazem parte da Nova Jerusalém, a noiva do Cordeiro (Apocalipse 21:2, 27; cf. Lucas 2:34).

A NOVA JERUSALÉM É LIVRADA NO DIA DO SENHOR

Foram os santos, a Nova Jerusalém, não a Jerusalém física, que foi livrada no dia do Senhor. A nova Jerusalém é a noiva de Cristo; não é uma cidade física, mas um símbolo do povo de Deus (cf. Hb. 12:18-24).(11) Isto é apoiado pelo fato de que a Nova, ou celeste, Jerusalém (cf. Ap 21:2) também é retratada como a "mãe" dos crentes da nova aliança ("mas a Jerusalém do alto é livre, que é a mãe de todos nós". Gl 4:26; cf. Is 66:5-17; Ap. 12:1-6, 17).(12) Esta é a Nova (aliança) Jerusalém que nada de profano entraria após 70 dC. Neste tempo seria bom para os justos de Israel, mas catastrófico para os ímpios.

Porque Jerusalém está arruinada, e Judá caída; porque a sua língua e as suas obras são contra o Senhor, para provocarem os olhos da sua glória.

O aspecto do seu rosto testifica contra eles; e publicam os seus pecados, como Sodoma; não os dissimulam. Ai da sua alma! Porque fazem mal a si mesmos.
Dizei ao justo que bem lhe irá; porque comerão do fruto das suas obras.
Ai do ímpio! Mal lhe irá; porque se lhe fará o que as suas mãos fizeram.
Isaías 3: 8-11; cf. Ap 11: 8; 22:10-12

Um grupo de fiéis entre o povo de Deus sendo abençoado no momento em que um grupo infiel desse mesmo povo está sendo destruído; e isso mostra-se repetidamente nas Escrituras (por exemplo, Is. 65:1-19;(13) Dn. 12:1-7; Rm. 9; Gl. 4:21-31; Ap. 19:1-9).

Isaías 1-4 tem seu cumprimento na destruição de Jerusalém em 70 dC, que acontece nos últimos dias. Isto pode ser visto no fato de que o cumprimento final desses capítulos é dito para acontecer durante os dias gloriosos de "Poder do Senhor:" Isaías 4:2 (ou seja, o Cristo, cf. Is 11:1-10); O clímax de tudo isso vem em Isaías 5, onde Deus fala sobre destruir a sua vinha, neste momento (sua vinha sendo composto de Israel e Judá, a totalidade das dez tribos do seu antigo povo da aliança, Is. 5:5-7). Significativamente, Jesus aludiu Isaías 5 em sua parábola dos vinhateiros ímpios (Mt. 21:33-45). Jesus disse na vinda de Deus (Mateus 21:40; que é mostrado como a vinda de um exército em Is. 5:24-30), ele iria destruir os lavradores maus e arrendará a vinha para um novo povo (v 41; cf. 1 Pd. 2:9).

Isto refere-se ao dia do Senhor e ao fato de que o reino de Deus seria tirado os judeus e dado a um novo povo pactuado de Deus naquela época (v 43; cf. Dn. 7:13-14, 21-22.). Isto pode ser visto em Apocalipse, na imagem da prostituta (antiga aliança Jerusalém) sendo destruída no momento em que a noiva (a Nova Jerusalém)se casa com o noivo (Ap 19:1-9; cf. Mt 22:1-10).

A PURGA DOS INIMIGOS DE DEUS NO DIA DO SENHOR

Isaías 1 fala da purga dos inimigos de Deus da prostituta Jerusalém no dia do Senhor e, em seguida, um povo restaurado na Jerusalém renovada.

Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela que estava cheia de retidão! A justiça habitava nela, mas agora homicidas.
A tua prata tornou-se em escórias, o teu vinho se misturou com água.
Os teus príncipes são rebeldes, e companheiros de ladrões; cada um deles ama as peitas, e anda atrás das recompensas; não fazem justiça ao órfão, e não chega perante eles a causa da viúva.
Portanto diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos, o Forte de Israel: Ah! tomarei satisfações dos meus adversários, e vingar-me-ei dos meus inimigos.
E voltarei contra ti a minha mão, e purificarei inteiramente as tuas escórias; e tirar-te-ei toda a impureza.
E te restituirei os teus juízes, como foram dantes; e os teus conselheiros, como antigamente; e então te chamarão cidade de justiça, cidade fiel.
Sião será remida com juízo, e os que voltam para ela com justiça.
Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos; e os que deixarem o Senhor serão consumidos.
Isaías 1:21-28 cf. Lucas 21:20-24; Apocalipse 21:27

A grande tribulação era para ser o momento da angústia de Jacó (ou seja, de Israel); no entanto Israel seria salvo dela (Jr. 30: 5-17). Dispensacionalistas apontam para isso e dizem que a tribulação de 67-70 dC não poderia ter sido a grande tribulação, porque Israel não foi salvo dela, mas foi destruída. Note, no entanto, que Isaías 1:21-28 diz que os transgressores de Israel seriam destruídos neste momento. Este é o mesmo evento que Daniel diz que todos os que estão escritos no livro (cf. Ap 21: 22-27) seriam livrados da tribulação, mas Israel físico seria despedaçado naquele tempo (Dn. 12:1-7).

Haveria "a queda e ressurgimento de muitos em Israel" neste momento (Lucas 2:34); assim, seria o verdadeiro Israel, o Israel de Deus (Gl 6:16; Rm. 9:6 -8), que seriam salvos, neste momento, não o israel físico (cf. Mt: 3:5 12). Foi na destruição do antigo povo pactuado de Deus que o

novo povo pactuado de Deus possuiria o seu reino (Mt 21:33-45; cf. Dn. 7:13-14, 21-22).

Devemos lembrar que os crentes da nova aliança foram enxertados na árvore de Israel (Rm. 1:15-24; cf. Ap 2:8-9). Na verdade, a nova aliança era para ser feita com o povo de Israel: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei um pacto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá... Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo"(Jr. 31:31, 33). Que esse crentes da nova aliança são parte de Israel é confirmado em 1 Pedro 2:4-10, onde Pedro aplica declarações do antigo testamento e profecias sobre a nação de Israel para a igreja.

Isaías 3:26 diz que neste momento as portas de Jerusalém "gemerão e chorarão, e ela, desolada, se assentará no chão." Isto é é também o tempo que aqueles que ficaram em Jerusalém (ou seja, na Nova Jerusalém, aqueles que fazem parte da noiva de Cristo, Apocalipse 21:9-10)(14) são chamados de santos (Is 4:2-4). Eu acho isso muito interessante, Vespasiano e Tito realmente cunharam moedas que retratam a imagem de Isaías 3:26. para comemorar a desolação da nação judaica em 70 dC.(15) As moedas (parte da série Judea capta) mostram uma mulher (representando os judeus) sentada
abatida no chão.

A EXALTAÇÃO DO VERDADEIRO ISRAEL NA DESTRUIÇÃO DE ISRAEL FÍSICO

O mesmo tema do dia do Senhor envolvendo a exaltação do verdadeiro Israel e a destruição do Israel físico é encontrado em Isaías 24. Isaías descreve a terra sendo devastada (Is. 24:1 YLT), aqueles deixados nela estão assoladas (ou "realizada culpado"), poucos são deixados (v 6), e alegria se foi (v 7-13; cf. Apocalipse 18:21-23). É neste momento que "o Senhor dos exércitos reinará no monte Sião e em Jerusalém, e perante os seus anciãos gloriosamente" (v. 23). Novamente, se isso está falando sobre Jerusalém física, não faz qualquer sentido. A terra foi devastada e está vazia e ainda Deus e seu povo estão reinando gloriosamente em

Jerusalém? Mas foi quando Israel foi devastada em 70 dC que Deus reinou gloriosamente do meio de sua noiva, a Nova Jerusalém (cf. Ap 21: 9-10). Sofonias também tem essa sequência da cidade de Jerusalém sendo julgado no dia do Senhor: "Hei de consumir por completo tudo de sobre a terra, diz o Senhor...
E estenderei a minha mão contra Judá, e contra todos os habitantes de Jerusalém, e exterminarei deste lugar o restante de Baal, e o nome dos sacerdotes dos ídolos, juntamente com os sacerdotes"
Sofonias 1:2, 4 (16)

Depois isso um remanescente justo seria reunido a ela: "...porque então tirarei do meio de ti os que exultam na tua soberba, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu monte santo.
Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do Senhor.
Sofonias 3:11-12 cf Mt 24:31

O livro de Joel dá outra seqüência semelhante para o dia do Senhor: um grande exército, representando as nações do mundo, viria e destruir a terra de Israel (2:1-11). Deus, então, viria e julgaria as nações (3:1-16; cf. Mt 16:27-28; 25:31-46). Depois Jerusalém seria santa e e nação haveria mais cananeu nela (3:17-20; cf. Zacarias 14:20-21). Canaã é o Território que se aproxima dos limites de Israel. Neste verso, os cananeus são os judeus étnicos.

A COMBINAÇÃO DE ELEMENTOS FÍSICOS E ESPIRITUAIS NAS DESCRIÇÕES DO DIA DO SENHOR NO ANTIGO TESTAMENTO

O que torna o interpretação de muitas destas passagens do antigo testamento relativas ao dia do Senhor complicadas é a mistura de realizações físicas e espirituais. A destruição da terra de Israel e de Jerusalém que estas passagens falam, em última análise se refere à destruição e desolação da nação judaica, que teve lugar no ano 70 dC. Este foi o tempo da grande tribulação no final da era antiga aliança (Dn. 11:40-12:7). Que nada profano (Is 4:3; Zc 14:21), Nem qualquer estrangeiro (Joel 3:17) entraria em Jerusalém após este tempo não está

falando sobre a proibição de pecadores e estrangeiros na cidade física de Jerusalém no futuro; ele está falando sobre a Nova Jerusalém. É na noiva Nova Jerusalém (aqueles que fazem parte da nova aliança, cf. Ap 21:9-10)(17) que nada nada profano seria capaz de entrar neste momento. Somente aqueles no Livro da Vida do Cordeiro fazem parte dela: "E eles trarão a glória e a honra das nações. Mas não deve de maneira nenhuma entrará nele qualquer coisa que contamine ou que pratica abominação e mentira, mas somente os que estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro"(Ap 21:27).

O DIA DO SENHOR EM ZACARIAS 14

Zacarias 14 é uma dessas seções das Escrituras que apontam exclusivamente para o dia do Senhor. O capítulo 14 diz que no dia do Senhor a cidade de Jerusalém seria capturada, suas mulheres violadas (cf. Is. 3:16-4:6), e os invasores (os romanos) iriam dividir o despojo no meio de Jerusalém. A derrota de Jerusalém física seria tão completa neste momento que os invasores se sentiriam perfeitamente seguros em dividir os despojos na própria cidade:

Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti.
Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o restante do povo não será extirpado da cidade.
Zacarias 14:1,2; cf. Mateus 24:36-44(18)

Foi nessa época que Deus viria e libertaria seu verdadeiro povo, o remanescente (Zacarias 14:3-11). Se Deus está falando sobre libertar a Jerusalém física em Zacarias 14, ele estava tragicamente atrasado, porque a cidade havia sido saqueada e seus habitantes (bem como toda a terra de Israel, cf. Zc 13:8-9) estavam desolados. Tudo o que foi deixado na Jerusalém física era um remanescente de mulheres estupradas (v. 2). Não era a Jerusalém física, que seria salva neste momento (em 70 dC), mas a noiva, a Nova Jerusalém. A noiva era mansa e as pessoas

humildes que seriam deixados no meio de Jerusalém (cf. Sf 3.12; Mt 5:5). Era a noiva, a Nova Jerusalém, que não teria mais pessoas impuras a partir deste momento (Zacarias 14:20-21; cf. Apocalipse 21:27). Coerente com isso, Paulo disse que a Nova Jerusalém e seus filhos iriam receber sua herança no momento que a velha Jerusalém e seus filhos fossem expulsos (Gl. 4:24-31). Somos informados de que estas "coisas são simbólicas. Pois estas são as duas alianças."V. 24.

Zacarias continua no capítulo 14 a dizer que, depois que Jerusalém física fosse completamente derrotada Deus viria e lutaria por seu povo:

E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pele- jou, sim, no dia da batalha.
E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul.
E fugireis pelo vale dos meus montes, pois o vale dos montes chegará até Azel; e fugireis assim como fugistes de diante do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. Então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos contigo.
E acontecerá naquele dia, que não haverá preciosa luz, nem espessa escuridão.
Mas será um dia conhecido do Senhor; nem dia nem noite será; mas acontecerá que ao cair da tarde haverá luz.
Zacarias 14:3-7

Esta sequência é mostrada no Apocalipse 17-18 onde a besta recebe autoridade para destruir a meretriz, a Babilônia (isto é, Jerusalém; cf. 11:8). É após a destruição da cidade é que Deus vem com os exércitos do céu e luta como em um dia de batalha (Zacarias 14:3) Contra a besta e seus exércitos. Neste momento Deus se casa com sua noiva Nova Jerusalém.

E, depois destas coisas [a destruição da prostituta em Apocalipse 17-18] ouvi no céu uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! A salvação, e a glória, e a honra, e o poder pertencem ao Senhor nosso Deus;
Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua fornicação, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos...
E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina.
Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou...
E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça...
E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.
Apocalipse 19:1-2, 6-7, 11, 14; cf. 21:9-10

Esta sequência de Deus destruindo a cidade de Jerusalém e depois se casar com sua noiva pode ser vista em Mateus 22: 1-10. No ano 70 dC Deus enviaria seus exércitos para queimar a cidade daqueles que rejeitaram o convite para o casamento de seu Filho (v. 7) e, em seguida, o casamento iria avançar com um novo povo (8- 10). A maioria de Israel físico seria expulso no momento do banquete messiânico no pleno estabelecimento do Reino de Deus (Mateus 8: 10-12.).

JERUSALÉM FÍSICA VS. NOVA JERUSALÉM

Alguns, sem dúvida, argumentam que para mim dizer que Zacarias 14:1 e parte do versículo 2 (até e incluindo a parte sobre as mulheres sendo estupradas) está falando sobre a destruição da Jerusalém física em 70 dC e o resto das referências do capítulo falam da libertação da Nova Jerusalém é uma hermenêutica inconsistente. Esta é uma preocupação legítima; minha interpretação envolve a comutação de um cumprimento físico e um cumprimento espiritual no versículo 2, da Jerusalém física para a Nova Jerusalém (as mulheres estupradas estão na Jerusalém

física; o remanescente salvo na Nova Jerusalém; Mt 24:32-51). Eu nem sequer me atreveria a oferecer tal interpretação se não fosse pelo fato de que o novo testamento o apoia.

A Jerusalém em Zacarias 14:2 em que as mulheres violadas são encontrados é claramente a Jerusalém física. De acordo com o livro do Apocalipse, no entanto, a Jerusalém, em Zacarias 14:8, que as "águas vivas" fluem para fora é a Nova Jerusalém, a noiva (Ap 21:9-10).

Naquele dia também acontecerá que sairão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas para o mar ocidental; no verão e no inverno sucederá isto.
E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o seu nome.
Toda a terra em redor se tornará em planície, desde Geba até Rimom, ao sul de Jerusalém, e ela será exaltada, e habitada no seu lugar, desde a porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta, até à porta da esquina, e desde a torre de Hananeel até aos lagares do rei.
E habitarão nela, e não haverá mais destruição, porque Jerusalém habitará segura.
Zacarias 14:8-11

Novamente, é o Nova Jerusalém, a noiva, não a Jerusalém física, que tem estas águas da vida (v 8; cf. Ap 21:27-22:2). É a Nova Jerusalém que seria levantado (em uma montanha) neste momento (v 10; cf. Ap 21:9-10). É a Nova Jerusalém em que haveria "não haveria maldição" (v 11; cf. Ap 22:3).

E veio a mim um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.
E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu...
E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.

No meio da sua praça, e de um e de outro lado do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações.
E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão.
E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome.
E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os ilumina; e reinarão para todo o sempre.
Apocalipse 21:9-10; 22:1-5

É a Nova Jerusalém, a noiva que tem a água da vida que flui para fora dela, não a Jerusalém física(cf. Jo 4:10-14); É a nova Jerusalém que é a morada do remanescente (Zc. 14:2).

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.
E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.
E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça.
O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.
E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.
Joel 2:28-32 cf. Atos 2:17-21

Portanto, quando o novo testamento é figurado em sua interpretação de Zacarias 14 (algo que “literalistas” consistentemente deixar de fazer)(19) claramente há uma mudança entre as mulheres estupradas da Jerusalém física no versículo 2 para as águas vivas da Nova Jerusalém no versículo 8.

ÁGUAS VIVAS EM JERUSALÉM

As águas vivas que Zacarias profetizou em Jerusalém neste tempo (Zc 14:8) têm um significado espiritual muito mais profundo do que um suposto futuro rio literal em Jerusalém física. As águas vivas que fluiriam da Nova Jerusalém no dia do Senhor simbolizam as propriedades vivificantes do Espírito Santo de Deus. Considere a referência de Jesus ao significado da água usada na Festa dos Tabernáculos (a festa que Zacarias 14:16-21 está se referindo).

E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba.
Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.
E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.
João 7:37-39 cf. João 4: 10-14

As águas vivas que fluem de Jerusalém, da qual fala Zacarias 14:8, não são compostas de H2O literal na Jerusalém física que fluirá em algum momento no futuro; elas são um simbolo das propriedades vivificantes do Espírito Santo de Deus que estão fluindo hoje!

E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra...
E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida.
Apocalipse 22:12, 17; cf. Mateus 16:27-28

Similarmente, as propriedades vivificantes da água da chuva que seriam retidas daqueles que não reconhecem o Senhor a partir daquele momento (Zacarias 14:16-17) falam da água da vida que é retida daqueles que não são parte da noiva, a Nova Jerusalém hoje. Tomar a declaração dos versículos 16-19 sobre as nações do mundo subindo a Jerusalém para celebrar a Festa dos Tabernáculos em um sentido físico literal é grosseiramente equivocado. Deve-se notar que Jesus ensinou exatamente

o oposto. Ele disse que o tempo estava chegando (e já estava começando) quando as pessoas não mais adorariam Jerusalém:

Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.
Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus.
Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.
Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.
João 4:21-24

Observe como Jesus fala sobre a água viva como um símbolo das propriedades vivificantes do Espírito de Deus neste contexto: "Quem beber desta água [física] tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede. Mas a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna"(João 4:14).

Apesar do que muitos dispensacionalistas dizem, não voltaremos à adoração no Templo em algum futuro milênio; de fato, seria uma blasfêmia fazê-lo. Por falar nisso, como, logisticamente, centenas de milhões, quanto mais bilhões, de pessoas podem subir ao Templo para celebrar a Festa dos Tabernáculos / colheita? Não há companhias aéreas suficientes no mundo para levar fisicamente todos a Jerusalém, muito menos lugares para os recepcionar quando chegam. Tal pensamento é tolice! O último sacrifício foi dado por Jesus (cf. Hb 10:11-18). Deus quer que nós o adoremos em Espírito e em verdade, não voltemos às coisas elementares da antiga aliança. A Jerusalém de que as pessoas precisam para vir hoje para a água viva é a Nova Jerusalém; eles precisam se tornar parte da noiva (agora esposa)!

Há um princípio crucial da hermenêutica aqui: o novo testamento precisa ser a chave de interpretação do antigo testamento; muitas vezes a

interpretação que o novo testamento dá é espiritual e não literal. Os chamados literalistas muitas vezes negligenciam este princípio.

O MONTE DAS OLIVEIRAS DIVIDIDO EM DOIS?

Quanto a imagem do monte das Oliveiras de Zacarias sendo dividido em dois fazendo um grande vale (v. 4-5) e Jerusalém sendo levantada (v. 10), são ainda mais exemplos de simbolismo encontrado em linguagem profética hebraica. DeMar escreve o seguinte ao longo destas linhas:

Em Miqueias 1:3 nos é dito que Deus "está saindo do seu lugar" para "descer e pisar nos altos da terra". Como essa linguagem descritiva é diferente do Senhor no Monte das Oliveiras com o resultado de que ela se dividirá? Miqueias diz que "as montanhas se fundirão debaixo dEle, e os vales se dividirão, como a cera diante do fogo, como a água jorrando sobre um lugar íngreme" (1:4)... [Semelhantemente] Isaías 40:4 descreve eventos que movem a terra que não ocorreram literalmente. Limpe o caminho do Senhor no deserto; Torne suave no deserto uma estrada para o nosso Deus. Que todo vale seja levantado, e todo monte e colina sejam abatidos; e deixe o terreno áspero se tornar uma planície, e o terreno acidentado um amplo vale.(20)

Dentro Apocalipse, a João é mostrado a noiva, a Nova Jerusalém que desce do céu para um lugar elevado, a uma alta montanha (Ap 21:9-10; cf. Zc 14:10.). Jerusalém estar em um lugar alto fala tanto sua proeminência quanto de sua proximidade de Deus (ele realmente habita no meio de sua noiva hoje, Ap. 21:1-3; cf. 2 Co 6:16). Sua elevação não é mais literal do que o mundo inteiro se tornando uma montanha no pleno estabelecimento do reino de Deus em Daniel 2 (v. 34-35, 44-45).

Daniel e Apocalipse ambos usam mudanças simbólicas de geografia para retratar esta época do pleno estabelecimento do reino de Deus na terra. Quando a Nova Jerusalém desce do céu, o mar deixa de existir (Ap 21:1-2). Se tomado de forma literal, seria catastrófico, à medida que a maioria da nossa chuva vem dos oceanos. Sem o mar, nosso planeta se tornaria rapidamente um terreno baldio deserto. O que o Apocalipse está

retratando é que em 70 dC o mundo inteiro tornou-se a Terra (ou seja, a Terra Santa) com o mar (o domínio da serpente, cf. Is 27:1; 51:9-10. e a morada do gentios, Is 60:5) deixando de existir naquela época.(21) Essa é a linguagem simbólica das escrituras apocalípticas. Assim como as montanhas não derreteram literalmente nem os vales foram literalmente dividido na vinda de Deus contra o reino do norte de Israel no século VIII aC (Mq 1:1-6), Nem o Monte das Oliveiras, seria literalmente dividido em dois pela vinda de Deus no dia do Senhor em 70 dC (Zacarias 14:4-5.). Quanto ao que a divisão do Monte das Oliveiras simboliza, acredito que o Puritano do século XVII Matthew Henry estava no caminho certo:

Estes versos são escuros e difíceis de entender; mas muitos bons expositores levam isto a ser o significado deles: Deus inspecionará cuidadosamente a Jerusalém, mesmo quando os inimigos dela o estiverem a destruindo: Seus pés permanecerão naquele dia sobre o monte das Oliveiras, de onde ele poderá tirar uma completa vista da cidade e templo, Mc. 13:3 . . O muro divisório entre judeus e gentios será tirado. As montanhas ao redor de Jerusalém, e particularmente este [Monte das Oliveiras], significavam que era um cercado, e que ficava no caminho daqueles que se aproximariam dele. Entre os gentios e Jerusalém estava esta montanha de Bether, de divisão, Cant. 2:17 Mas pela destruição de Jerusalém será fendido este monte no meio, e assim a penha judaica será desfeita, e a igreja colocada em comum com os gentios, que foram feitos um com os judeus pelo desmoronamento dessa parede intermediária de partição, Ef. 2:14 Quem és tu, ó grande montanha? . . . Um novo e vivo caminho será aberto à nova Jerusalém, tanto para vê-la como para entrar nela. A montanha sendo dividida, metade para o norte e a outra metade para o sul, haverá um vale muito grande, isto é, um amplo caminho de comunicação aberto entre Jerusalém e o mundo gentio, pelo qual os gentios terão livre admissão no evangelho-Jerusalém, e a palavra do Senhor, que sai de Jerusalém, terá um curso livre para o mundo gentio. Assim o caminho do Senhor está preparado, pois todo monte e colina será abatido, e os vales planos e agradáveis entrarão no quarto deles, Isaías 40:4.(22)

A sugestão de Henry de que a divisão do Monte das Oliveiras fala da parede de separação entre judeus e gentios sendo derrubada se encaixa bem com o símbolo do mar (a morada dos gentios) deixando de existir e o mundo inteiro se tornando a Terra (Apocalipse 21:1-2. Finalmente, como observei em minha discussão sobre Daniel 12, a festa de Tabernáculos / colheita a que Zacarias 14 se referia era a última festa no ciclo anual de Israel. Simbolizava o ajuntamento do povo de Deus no final da era da antiga aliança (cf. Mt 13.36-43). Creio que esta festa foi cumprida em 70 dC, 1.335 dias após a vinda de Tito à Terra Santa (a abominação da desolação, cf. Dn. 9:27), Daniel 12:6-12. Os crentes foram reunidos na Nova Jerusalém (ou seja, na plenitude da nova aliança) neste momento (cf. Mt 3:7-12; 24:15-34). Este foi o tempo do pleno estabelecimento do reino de Deus, o tempo em que o Senhor exerceu seu reinado sobre "toda a terra" (Zc 14:9; cf. Dn 2:44-45, 7:13-14; Mt 16:27-28, Apocalipse 11:15-18). É crucial notar que esse domínio do reino deve ser administrado pelo povo de Deus hoje (Dn. 7:21-27; Lucas 19:11-27).

Notas:

1. Às vezes, olhando para o primeiro lugar uma certa imagem ou conceito é introduzido na Bíblia pode revelar informações importantes sobre a forma como a imagem é posteriormente usada na Bíblia.
2. Eu vejo os correlatos históricos da quarta à sétima taças como sendo o seguinte: Com a quarta taça, o sol (ou seja, uma régua) é permitido queimar os homens; isso provavelmente está se referindo a perseguição de Nero. Com a quinta taça, o reino da besta é eclipsado como a escuridão vem nele. Isto fala da confusão que veio no Império Romano em meados AD-68 com a morte de Nero. Com a sexta taça, os Eufrates secou-se. O Eufrates era um limite ideal de Israel (Gn 15:18). Isto permitiu a invasão de Israel, levando à sua destruição. Com a sétima taça, Babylon (isto é, Jerusalém) é julgado. Babilônia era a grande cidade onde Jesus foi crucificado (Ap 11: 8; 17:18). Isso está se referindo ao AD 70 destruição da nação judaica no dia final do Senhor (cf. Dan 11: 40-12:. 7; Matt. 22: 1-10; Rev. 19: 1-9).

3. Eu imagino que a principal razão líderes dispensacionais raramente discutir o uso simbólico da Bíblia sobre a catástrofe cósmica é porque prejudica gravemente a sua hermenêutica literal.
4. Na Bíblia hebraica a palavra hebraica para Senhor foi lido sempre que o texto teve Senhor. Na LXX a palavra grega para Senhor foi (provavelmente) substituído nos lugares que tinham Senhor. O que tinha sido o dia do Senhor (Yahweh) no AT torna-se o dia do Senhor (Jesus) no NT. Veja Charles A. Wanamaker, as Epístolas aos Tessalonicenses, um comentário sobre o texto grego, o comentário New International Testamento grego, eds. I. Howard Marshall e W. Ward Gasque (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 179. A identificação do dia do Senhor (Jesus) no NT com o dia do Senhor (Yahweh) no AT é uma declaração forte que os primeiros cristãos (que eram, naturalmente judaica) Jesus intimamente associado com o Senhor.
5. W.E. Vine com CF Hogg, Comentário Expository de videira em 1 & 2 Ts (Nashville: Thomas Nelson, 1997), 112.
6. NT Wright, Jesus ea vitória de Deus, 321. Wright cita-se aqui a partir de seu livro O Novo Testamento e do Povo de Deus (Londres: SPCK; Minneapolis: Fortress, 1992), 359. Wright observa que essa "conclusão [da Jerusalém sendo igualado com Babylon] pode ser realizada por alguns carregam implicações para a leitura do Rev. 17-19 "Ibid, nota, 358. Em Apocalipse, infiéis antigos povo da aliança de Deus são retratados como prostituta Babilônia..; a meretriz é destruída. Isto é o que Deus havia dito que aconteceria com os filhos de Israel nos "últimos dias"; eles iriam "subir e se prostituem" (ou seja, eles seria infiel à aliança) e ser destruído (Deut. 31: 16-17, 29).
7. dom Preston, os elementos se derreterão com uma fervorosa Calor: Um Estudo de 2 Pedro 3 (Ardmore, OK: Jadon Productions, 2006), 92.
8. França observa que as alusões em Mateus 24:29 está mais intimamente relacionado com o julgamento de Babilônia em Isaías 13:10 e Edom em Isaías 34: 4. RT France, O Evangelho de Mt, 921-922.
9. Josephus, A Guerra Judaica, 5, 2, 1.
10. Os romanos cortar todas as árvores para 100 milhas quadradas ao redor de Jerusalém para equipamentos de cerco e cruzes (para crucificar prisioneiros). Os romanos consumidos todos os produtos alimentares na Judéia e tivemos de obter alimentos de províncias vizinhas (Josephus, A

Guerra dos Judeus, 5, 12, 4). Josephus comenta sobre todos os belos jardins que rodeiam Jerusalém que foram estabelecidas resíduos pelo avanço exército romano, cf. Joel 2: 3. Ele disse que a destruição de Jerusalém era então um profundo não poderia mesmo dizer que uma cidade tinha estado lá (A Guerra Judaica, 6, 1, 1). De uma maneira similar Josephus likens os efeitos sobre a terra dos 40.000 homem do exército do líder rebelde Simon ao de gafanhotos (A Guerra Judaica, 4, 9, 7).

11. Em Apocalipse 21: 9-10 um anjo diz a João que ele está indo para mostrar-lhe a noiva; o que o anjo lhe mostra é a Nova Jerusalém. Este não é um "bait and switch" por parte do anjo. A Nova Jerusalém é outro símbolo da noiva (assim como Babylon é outro símbolo da prostituta, Rev. 17:18).

12. O fato que a Nova Jerusalém é comparada a mãe dos crentes e também para os próprios crentes como a noiva de Cristo não é mais inconsistente do que o fato de que Jesus é comparado a ambos um pastor (Bom Pastor) e uma ovelha (o Cordeiro de Deus) . Símbolos que são inconsistentes (se for tomado literalmente) são muitas vezes utilizados para realçar diferentes aspectos de verdades bíblicas. Por exemplo, Isaías 62: 1-5 diz que a mãe Sião se casaria com ela filhos; (v. 5) se tomado literalmente que é incesto.

13. segundo Paulo, Isaías 65 está contrastando antiga aliança de Israel com novos crentes aliança (Rom. 10: 19-21; cf. 9: 22-33).

14. Ladd foi bastante correta quando ele observou o seguinte sobre a Nova Jerusalém:

"a igreja remida já foi comparada a uma noiva ([in Rev.] 19: 7) que se une com o seu Senhor na ceia das bodas do Cordeiro. A Jerusalém celeste, a sede da morada dos remidos na nova ordem também é comparada a uma noiva. Se quer saber se John significa identificar a Jerusalém celeste com o povo redimido de Deus, assim como a igreja é comparado ao templo de Deus no Novo Testamento (1 Co 3:16;.. Ef 2:21). Se assim for, os detalhes da descrição da cidade santa são totalmente termos simbólicos em que descreve a igreja redimida."George Eldon Ladd, um comentário sobre o Apocalipse de João, 276- 277.

15. Um pode veja algumas dessas moedas em http://www.amuseum.org/book/page15. html, ou apenas google "Judéia moedas Capta ".

16. o NASB e NRSV têm a palavra "terra" em vez de "terra" em Sofonias 1. Se você olhar para o contexto do capítulo 1, no entanto, ele está falando sobre o julgamento de Judá e de Jerusalém no dia do Senhor (v. 4). Eu, portanto, acho que a tradução da NVI de "terra" (de Israel) que está sendo queimado é a correta. O NKJV, NASB, e NRSV todos concordam que em Joel 2 (v. 3) é a terra de Israel que seria queimado no dia do Senhor.

17. Nova Jerusalém não é uma cidade física. Não é um cubo gigante no céu que o povo de Deus viver em (seu comprimento, largura e altura são disse a ser igual, Rev. 21:16); ao contrário, é um símbolo da totalidade dos fiéis antigos e novos povo pactuado de Deus (Ap 21: 12-14). Que a Nova Jerusalém é em forma de cubo é um símbolo; a "cidade" é na forma de um cubo, assim como o Santo dos Santos no Templo foi cubo em forma de (1 Reis 6:20). A Nova Jerusalém é moldada como o santo dos santos para simbolizar que a presença de Deus habita lá (Apocalipse 21:1-3). A Nova Jerusalém é a Jerusalém que nada impuro entraria depois parusia de Jesus (Apocalipse 21:27; 22: 14-15). Esta é a Jerusalém, cujas paredes seria chamado de "Salvação" e as suas portas "Praise" (Is. 60:18). Esta é a Jerusalém, que é a "mãe" dos que fazem parte da nova aliança (. Gal 4:26; cf. Is 66: 7-13.). Esta é a Jerusalém que seus filhos e filhas (que incluiria gentios) seriam reunidos para no dia final do Senhor (Is 60;. 66). Esta é a Jerusalém que Deus seria um muro de fogo ao redor (Zc 2: 4-5.). Esta foi a Jerusalém que nenhum estrangeiro ou qualquer pessoa que não era santo jamais pôs os pés em novamente (Joel 3: 17; Zc 14: 20-21; Ap 21: 9-10., 23-27). Para uma discussão sobre o conceito da Nova Jerusalém como um símbolo do povo de Deus ver Robert H. Gundry, "A Nova Jerusalém: Pessoas como Place, não lugar para as pessoas," Novum Testamentum XXIX, 3 (1987), 257. Esta é a Jerusalém que seus filhos e filhas (que incluiria gentios) seriam reunidos para no dia final do Senhor (Is 60;. 66). Esta é a Jerusalém que Deus seria um muro de fogo ao redor (Zc 2: 4-5.). Esta foi a Jerusalém que nenhum estrangeiro ou qualquer pessoa que não era santo jamais pôs os pés em novamente (Joel 3: 17; Zc 14: 20-21; Ap 21:

9-10., 23-27). Para uma discussão sobre o conceito da Nova Jerusalém como um símbolo do povo de Deus ver Robert H. Gundry, "A Nova Jerusalém: Pessoas como Place, não lugar para as pessoas," Novum Testamentum XXIX, 3 (1987), 257. Esta é a Jerusalém que seus filhos e filhas (que incluiria gentios) seriam reunidos para no dia final do Senhor (Is 60;. 66). Esta é a Jerusalém que Deus seria um muro de fogo ao redor (Zc 2: 4-5.). Esta foi a Jerusalém que nenhum estrangeiro ou qualquer pessoa que não era santo jamais pôs os pés em novamente (Joel 3: 17; Zc 14: 20-21; Ap 21: 9-10., 23-27). Para uma discussão sobre o conceito da Nova Jerusalém como um símbolo do povo de Deus ver Robert H. Gundry, "A Nova Jerusalém: Pessoas como Place, não lugar para as pessoas," Novum Testamentum XXIX, 3 (1987), 257. Ap 21: 9-10, 23-27). Para uma discussão sobre o conceito da Nova Jerusalém como um símbolo do povo de Deus ver Robert H. Gundry, "A Nova Jerusalém: Pessoas como Place, não lugar para as pessoas," Novum Testamentum XXIX, 3 (1987), 257. Ap 21: 9-10, 23-27). Para uma discussão sobre o conceito da Nova Jerusalém como um símbolo do povo de Deus ver Robert H. Gundry, "A Nova Jerusalém: Pessoas como Place, não lugar para as pessoas," Novum Testamentum XXIX, 3 (1987), 257.

18. Eu acredito que a referência de Jesus ao que está sendo trazido de Jerusalém e um deixado em Mateus 24: 36-44 faz alusão à referência à tomada metade e metade esquerda em Zacarias 14: 2. A metade esquerda refere-se ao remanescente que são deixados na Nova Jerusalém.

19. Esta discussão traz à tona um importante princípio da hermenêutica: o NT é o intérprete final e autoridade sobre o significado de uma determinada passagem OT. Um deles tem de integrar o NT em sua interpretação da OT. Dispensationalists são notórios por ignorar este princípio. Demasiadas vezes entra em conflito com as suas interpretações físicas literal das Escrituras. Dispensationalists costumam dizer que Zacarias 14 está falando sobre mudanças físicas em geografia que vai acontecer em Jerusalém terrena, em algum momento no futuro (por exemplo, no Monte das Oliveiras dividido em dois em v 4;.. Um rio que dá vida em v 8) . Eles vêem isso como o tempo do milênio, um tempo em que Jesus vai literalmente sentar-se no trono de Davi e fisicamente governar o mundo a partir de Israel.

20. Gary DeMar, Últimos Dias Madness: Obsessão da Igreja moderna, 4ª ed, 441..
21. Isto não está ensinando qualquer tipo de universalismo. Enquanto o mundo inteiro tornou-se o reino de Deus em 70 AD (Dan 7: 21-27; Apocalipse 11: 15-18.) Toda a gente não é parte do reino. No primeiro século, Roma dominava a maior parte do mundo então conhecido. Só porque uma pessoa viveu no Império Romano, no entanto, não significava que ele era necessariamente um cidadão do reino Roman; na verdade, a maioria não. Os cidadãos do reino de Deus são aqueles que fazem parte da noiva Nova Jerusalém. Estes são os únicos com acesso à árvore e da água da vida (Ap 22: 1-3, 14-15). Para ser um cidadão do reino de Deus deve vir ao Senhor (Apocalipse 22:17).
22. Matthew Henry, "Comentário sobre Zacarias 14," Matthew Henry comentário completo sobre a Bíblia Crosswalk.com inteiro, http://bíblia.com.cgicrosswalk.com/Commentaries/MatthewHenryComplete/mhc-? livro = Zec & capítulo = 0141706.

O Dia do Senhor no Novo Testamento

No Novo Testamento, o dia do Senhor Deus do Antigo Testamento (cf. Amos 8: 9-10) torna-se o dia do Senhor Jesus (1 Co. 1:8; 2 Co 1:14; Fp 1:6, etc.)(1). Esta é uma declaração muito forte do reconhecimento dos escritores do novo testamento da divindade de Jesus.(2) O novo testamento conecta o dia do Senhor, com a parousia de Jesus para derrotar o homem do pecado (2 Tessalonicenses 2:1-8). Assim, a parousia para derrotar o pequeno chifre e estabelecer o reino no dia do Senhor em Daniel 7:13-14, 21-27 é mostrado como a parousia para derrotar a besta e estabelecer o reino em Apocalipse em 19:11-20:4. O Apocalipse fala sobre este dia do Senhor como o grande dia da ira de Deus e do Cordeiro: "E eles diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da presença daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; pois o grande dia da sua ira chegou, e que é capaz de suportar?"(Ap 6:16-17). Embora este dia seria um dia de redenção para o povo de Deus (Ef 4:30), seria um dia de julgamento para os ímpios (2 Pedro 2:9).

O DIA DO SENHOR NO NOVO TESTAMENTO É SEMELHANTE AO DIA DO SENHOR NO ANTIGO TESTAMENTO

As imagens simbólicas de catástrofe cósmica usados no antigo testamento são utilizados no novo testamento para descrever a parousia, a hora final do dia do Senhor (Mt. 24:29-30; Ap. 6:12-17). É importante lembrar que as imagens de convulsão cósmica sobre os diferentes dias do Senhor no antigo testamento não envolveu a destruição literal do universo. O uso simbólico de catástrofe cósmica no antigo testamento não teve seu significado mudado repentinamente para representar o fim do mundo literalmente no novo testamento (cf. Ap. 12:1-4, 9). Os ouvintes de Jesus estavam bem cientes e familiarizados como o uso não-literal desta linguagem apocalíptica dos profetas hebreus. Diferentemente da maioria dos cristãos de hoje, eles conheciam o antigo

testamento; era a sua Bíblia. Wright observa o seguinte ao longo destas linhas:

Dentro dos principais escritos judaicos deste período [século 1], abrangendo uma ampla gama de estilos, gêneros, persuasões políticas e perspectivas teológicas, não há virtualmente nenhuma evidência de que os judeus estavam esperando o fim do universo espaço-temporal. Há evidências abundantes de que eles. . . Conheciam uma boa metáfora quando viam uma, e usavam imagens cósmicas para expor o pleno significado teológico de eventos sociopolíticos cataclísmicos. Não há quase nada que sugira que eles seguiram os estoicos na crença de que o próprio mundo chegaria ao fim; e há quase tudo. . . para sugerir que eles não fizeram.(3)

Olhando para os dias do Senhor no Antigo Testamento, claramente o universo físico não entrou em colapso quando os impérios egípcio ou babilônicos foram derrubados (Ez 32; Is 13). Os céus não foram literalmente enrolados como um pergaminho no julgamento de Edom (Is 34:1-8; cf. Ap 6:12-17). Além disso, a presença de Deus nos dias do Senhor era uma realidade espiritual não uma manifestação física. O que foi fisicamente manifestada nestes dias do Senhor no antigo testamento foi a vinda de uma nação para executar o julgamento de Deus (Ez 32:1-11; cf. Mt 22:1-10, Lc21:20-24). Mais uma vez, a compreensão deste uso simbólico da catástrofe cósmica no antigo testamento é essencial para compreender o uso de catástrofe cósmica em relação ao dia do Senhor no novo testamento.

Consciente de que as vindas de Deus sobre os vários dias do Senhor no antigo testamento eram uma realidade espiritual, estabelece a base para o entendimento de que o dia do Senhor no novo testamento envolveria a presença espiritual de Deus (a vinda da Palavra de Deus, Ap 19:11-21; cf. Mt 24:27-34) não uma manifestação física. O dia do Senhor em 70 dC não seria nenhum julgamento comum, no entanto iria abalar o céu e a terra (cf. Hb. 12:25-29). Neste momento a nação judaica e ordem ou dispensação da antiga aliança iria ficar em chamas, enquanto o novo reino ou dispensação da nova aliança seria totalmente estabelecida (cf.

Mt 3:7-12). Em 70 dC o reino de Deus seria tirado do infiel antigo povo pactuado de Deus e dado a seu novo povo da aliança (Mt 21:33-45; cf. Mt 8:11-12), seus verdadeiros santos herdariam o reino (Dn. 7:21-27).

O DISCURSO DAS OLIVEIRAS

Tendo considerado o livro de Daniel, bem como os vários dias do Senhor no antigo testamento e seu uso simbólico da catástrofe cósmica, teremos um outro olhar sobre descrição de Jesus do dia do Senhor em Mateus. Esperamos que comece a fazer mais sentido. Quando a abominação da desolação viesse (a vinda à Terra Santa de quem faria Israel desolada, Dn 9:27;12:11), seria o momento em que os que estivessem na Judeia deveriam fugir. Este tempo da grande tribulação culminaria com a parousia de Jesus, não no fim do mundo, mas do fim da era com o "eclipse" da nação judaica. Alguns dos ouvintes do primeiro século de Jesus ainda estariam vivos quando esses eventos acontecessem:

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda;
Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes;
E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa;
E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes.
Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!
E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado;
Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.
E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.
Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito;
Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.
Eis que eu vo-lo tenho predito.

Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.
Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.
Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.
E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.
Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.
E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.
Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão.
Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas.
Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.
Mateus 24:15-34

Não haveria como fugir para os montes se o cosmos está prestes a ser destruído. O dia do Senhor não envolveria a destruição do mundo, mas marcaria o fim de uma era ou dispensação; era a nação judaica que seria eclipsado, neste momento, não o sol literal e lua. Era especificamente aqueles que estavam na Judeia que precisavam fugir da tribulação a que Jesus se referia (Mt 24:15-21; cf. Dn 11:40-12:7).

No ano 70 dC, as águias (sobre os padrões romanos) seriam reunidas em torno do cadáver que Jerusalém havia se tornado após o Espírito de Deus tê-lo deixado (v. 28; cf. Mt 23.37-38).(4) Como Lucas explicou claramente para sua audiência gentia, a grande tribulação seria um tempo de "grande aflição na terra e ira sobre este povo [isto é, os judeus]". Era o tempo em que os judeus foram levados cativos para as nações em 70 dC (Lucas 21:20-24). Os próprios poderes do céu seriam abalados com a

parousia de Jesus (Mt 24:29), pois somente o Senhor seria exaltado naquele Dia (Is 2:17; Zc 14: 9; cf. Ap 11:15-18). A tentativa do futurista de fazer "esta geração" (v. 34) significar algo diferente da geração à qual Jesus estava se referindo é claramente ilegítima.

HÁ DOIS DIAS DO SENHOR DIFERENTES EM MATEUS 24-25?

Alguns preteristas parciais dizem que Mateus 24-25 apresenta dois dias do Senhor diferentes. Gentry escreve o seguinte sobre isso:

Evidências contextuais sugerem que Cristo está distinguindo duas vindas diferentes [em Mateus 24-25]. Uma vinda é sua vinda a Jerusalém no julgamento temporal para acabar com a era da antiga aliança; a outra é sua vinda final, o Segundo Advento no julgamento final para terminar a história (24:36). Essas duas "vindas" estão relacionadas teologicamente enquanto são historicamente distintas.(5)

Esta posição, parcialmente correta, sustenta que a primeira vinda (Mt. 24:1-35) é metafórica, que é um dia genérico do Senhor, um dia de julgamento sobre Israel (em 70 dC) como os dias históricos do Senhor no antigo testamento (cf Is. 19:1-2). No entanto ele diz que em Mateus 24:36-25:46 há uma mudança de assunto, da vinda de cristo em 70 dC para o dia final do Senhor, o Segundo Advento. Estes preteristas parciais dizem, portanto, que enquanto a grande tribulação tenha acontecido em 70 dC (Mt 24:15-21), O tempo do julgamento das nações (quando Jesus senta-se no trono de sua glória, Mt 25:31) ainda está para acontecer. Há vários problemas com esta posição.

Primeiro, Mateus 16:27-28 conecta o tempo da vinda de Jesus em glória com seus anjos para o julgamento em Mateus 25:31 com a geração que estava ouvindo a Ele:

Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.
Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.

Mateus 16:27,28; cf. Apocalipse 22:12

E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;
E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;
E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.
Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;
Mateus 25:31-34

Segundo, ao contrário da noção de duas vindas separadas em Mateus 24 e 25, Daniel 7 mostra a corte de Deus sentando e o julgamento começando (v. 7-1) com a derrota do pequeno chifre (v. 19-27) pela parousia em 70 dC (v. 13) Como é mostrado em Mateus 25, este foi o tempo em que os santos herdaram o reino (Mt. 25:34; cf. Dn. 7:23-27). Além disso, Daniel 12:1-3 também mostra a ressurreição/restauração e julgamento de Israel neste momento, logo após a grande tribulação.

E naquele tempo [o tempo do rei do ataque do Norte em Jerusalém, Dn. 11:40-45] se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.
Daniel 12:1,2

Como pode-se ver claramente o tempo da ressurreição de Israel é contemporânea ao tempo da grande tribulação. É evidente que a ressurreição de israel foi um processo iniciado pela cruz e teria o seu "terminus ad quem" em 70 dC com a quebra da nação judaica (Dn. 12:1-7), não milhares de anos mais tarde. Apocalipse 11:15-18 mostra o julgamento começando no ano 70 dC com destruição daqueles que

estavam destruindo a terra de Israel (mais uma vez, logo depois da grande tribulação, cf. Apocalipse 11:7-14).

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.
E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,
Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste.
E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.
Apocalipse 11:15-18

Preteristas parciais entendem que esta cena está falando sobre 70 dC. No entanto, alguns afirmam que o julgamento dos mortos aqui não é realmente um julgamento, mas sim a vindicação histórica e a vingança dos santos martirizados.(6) Mas este verso está falando sobre os mortos sendo julgados na destruição de Israel em 70 dC, um julgamento que continua após este tempo (após a queda de Babilônia / Jerusalém) cf. Apocalipse 14:6-13.

Por último, os discípulos não pediram a Jesus quais seriam os sinais de suas vindas, eles pediram para o sinal da sua vinda (Gr parusia, Mt 24:3), algo que aconteceria no fim da era. Eles entendiam que haveria uma vinda para julgamento no fim daquela era, não duas. Jesus não mudou o seu entendimento no Sermão do Monte, nem os corrigiu por estarem pensando em apenas uma parousia que deveria ocorrer no fim daquela Era (a judaica). O ensino do Segundo Advento só lhes foi apresentado diretamente apenas após a ressurreição de Jesus (cf At 1:3, 9-11); Antes disso Jesus apenas reafirmou a crença dos hebreus na ressurreição física (sem falar diretamente sobre um Segunda Advento), e como ele a redefiniu para o "último dia" (Jo. 6:39, 40, 44, 54; 11:24) e não para o fim da era nem para aquela geração, esse assunto não foi o

foco das expectativa dos discípulos naquele momento, no monte das oliveiras; Foi somente após a ressurreição de Jesus e por meio de Paulo, que temos a conexão entre o dia da ressurreição física, o último dia, com o Segundo Advento (1 Ts. 4:13-18 e 1 Co. 15). Como prova disso, olhe para o livro do Apocalipse. João não fala de duas vindas diferentes de Jesus. A vinda de Jesus em um cavalo branco em Apocalipse 19:1-21 fala de 70 dC. Se esse é o caso, então o Segundo Advento não é mostrado no Apocalipse, no entanto a ressurreição do último dia é mostrada. Em Apocalipse 20:7-9, 13 nós testemunhamos a ressurreição física dos mortos, que acontece por ocasião do Segundo Advento (1 Ts. 4:13-18 e 1 Co. 15), e o julgamento final. Mas como isso é tão distante do dia de João, ele apenas os menciona rapidamente.(7)

O ensino de alguns preteristas parciais de dois dias do Senhor e duas parousias diferentes em Mateus 24-25 (a parousia de Mt 24:27 acontecendo em 70 dC, e a parousia de Mt 24:37-39 acontecendo no último dia) não se sustenta ao escrutínio. Observe como Jesus em Mateus 25:1-13 o tempo de sua vinda com o tempo do casamento. Observe como esse cenário é encontrado depois de Mateus 24:35 (a suposta linha divisória entre a parousia de 70 dC e segundo advento); esses preteristas parciais sustentam que esse casamento acontecerá no último dia. Em outros lugares, no entanto, esses preteristas parciais (corretamente) dizem que a imagem de Deus se casando com seu povo fala de um evento que ocorreria em 70 dC (ou seja, Mt 22:1-10 e Ap 19:1-9). Dado este fato, não faz sentido que Mateus 25 esteja falando de um casamento diferente em uma parousia diferente daquela falada em Mateus 24. Quantas vezes o Senhor vai se casar com seu povo? Mencionei que alguns preteristas parciais veem dois dias diferentes do Senhor em Mateus 24-25. Nem todos fazem essa divisão; o preterista parcial Gary DeMar reconhece que a hipótese de duas vindas diferentes em Mateus 24-25 não se sustenta.

Há sim pouca evidência de que a "vinda do Filho do Homem" em Mateus 24:27, 30, 39 e 42 é diferente da "vinda do Filho do Homem" em 25:31. Compare Mateus 25:31 com 16:27, onde temos uma certa referência à destruição de Jerusalém em 70 dC:

“Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então recompensará a cada um segundo as suas obras”(Mt. 16:27).
"Mas quando o Filho do Homem vier na sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará no Seu trono glorioso”(Mt. 25:31).

Estes versos são quase idênticos. A delimitação temporal do evento de Mateus 16:27 está declarado no versículo 28: “Em verdade vos digo que, há alguns dos que estão aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem no seu reino”. “Recompensar cada um segundo as suas obras” corresponde a 'Ele vai sentar-se no seu trono glorioso' para executar o juízo entre as nações (25:32).(8)

DeMar vê o julgamento das nações, no versículo 32 iniciado em 70 dC e estendendo ao longo do tempo com Jesus exercendo o seu domínio sobre este mundo. Assim, enquanto DeMar sustenta o segundo advento e um julgamento final, ele reconhece que divisão Mateus 24-25 em dois dias do Senhor diferentes é insustentável. Se Mateus 24-25 está falando de uma vinda de Jesus em 70 dC, isso significa que Jesus nunca falou sobre seu suposto Segundo Advento no Discurso das Oliveiras. Isso faz tanto sentido quanto dizer que o Segundo Advento mal é mencionado no Apocalipse.

2 PEDRO 3

Passando para o livro de 2 Pedro, o dia do Senhor, conforme descrito, parece indicar que a terra seria queimada literalmente. Se isso for verdade, então este dia do Senhor não poderia estar se referindo à destruição de Israel e Jerusalém do primeiro século, pois o mundo, obviamente, não foi queimado em 70 dC.

Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão.

Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade,
Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão?
2 Pedro 3:10-12

Desde de que a Terra não foi queimada em 70 dC, isso poderia ser uma referência para o dia do Senhor final? Futuristas apontam para estes versos como prova evidente do erro (grave) do preterismo. Quando se considera o pano de fundo da linguagem apocalíptica dos profetas do antigo testamento, podemos perceber que Pedro não estava falando sobre o mundo sendo queimado no dia do Senhor, mas a terra (de Israel) que está sendo queimado no fim da era. A palavra traduzida como "terra" (Gr. ge) em 2 Pedro 3:10, também pode ser traduzido como "terra" em um sentido local. Vendo como os profetas do Antigo Testamento disseram que a terra de Israel seria queimada no dia do Senhor (veja abaixo), "terra" de israel é uma tradução melhor do que "terra" num sentido mundial em 2 Pedro 3:10-12. Era a terra de Israel, e não a Terra (mundo), que seria queimado no dia do Senhor.

Por isso, como a língua de fogo consome a palha, e o restolho se desfaz pela chama, assim será a sua raiz como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó; porquanto rejeitaram a lei do Senhor dos Exércitos, e desprezaram a palavra do Santo de Israel.
Por isso se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo, e estendeu a sua mão contra ele, e o feriu, de modo que as montanhas tremeram, e os seus cadáveres se fizeram como lixo no meio das ruas; com tudo isto não tornou atrás a sua ira, mas a sua mão ainda está estendida.
Isaías 5:24,25

Nota: Isaías 5 fala do julgamento de Deus sobre sua vinha (isto é, Judá e Israel) nos versículos 1-7. Ele forma o pano de fundo para a parábola do julgamento dos lavradores maus em Mateus 21:33-45, uma referência óbvia à destruição em 70 dC do infiel povo da aliança de Deus.

Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está perto;
Dia de trevas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os montes; povo grande e poderoso, qual nunca houve desde o tempo antigo, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração.
Diante dele um fogo consome, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele um desolado deserto; sim, nada lhe escapará.
Joel 2:1-3

E há de ser que, naquele tempo, esquadrinharei a Jerusalém com lanternas, e castigarei os homens que se espessam como a borra do vinho, que dizem no seu coração: O Senhor não faz o bem nem faz o mal.
Por isso serão saqueados os seus bens, e assoladas as suas casas; e edificarão casas, mas não habitarão nelas, e plantarão vinhas, mas não lhes beberão o seu vinho.
O grande dia do Senhor está perto, sim, está perto, e se apressa muito; amarga é a voz do dia do Senhor; clamará ali o poderoso.
Aquele dia será um dia de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas,
Sofonias 1:12-15

Porque eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.
Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas; e saireis e saltareis como bezerros da estrebaria...
Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor;
E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.

Malaquias 4:1-2, 5-6; cf. Lucas 1:13-17; Mateus 11:7-14

OS ELEMENTOS DERRETERÃO

Pedro disse que, quando a terra fosse queimada no dia do Senhor os "elementos" iriam derreter (2 Pe. 3:10-12). Mais uma vez, como isso aconteceu em 70 dC? O mundo certamente não derreteu naquele momento. Enquanto que palavra grega usada aqui para "elementos" (stoicheion) é usado na literatura grega fora do novo testamento ao referir-se aos elementos físicos da natureza, nunca é usado dessa forma no novo testamento. Diferente de 2 Pedro 3, stoicheion é encontrada em outros três seções no novo testamento (Gl. 4:3, 9; Cl 2:8, 20; Hb 5:12; 6:1). Em nenhuma dessas seções falam dos elementos físicos da terra. Na primeira destas duas passagens essa palavra se se refere aos elementos do antigo pacto ((que é o que está se referindo em 2 Pe. 3); na terceira passagem refere-se as coisas elementares ou princípios de Cristo (Hb 6:1). Novamente, em nenhuma dessas do novo testamento que usam essa palavra, stoicheion é usado como elementos físicos da terra. David Chilton escreve o seguinte sobre o uso desta palavra no novo testamento:

Em todo o Novo Testamento, a palavra "elementos" (Stoicheia) é sempre usado em conexão com o fim da Antiga Aliança. Paulo usou o termo em sua dura repreensão aos cristãos em gálatas que estavam tentados a abandonar a liberdade da Nova Aliança para um legalismo no estilo do antigo pacto. Descrevendo os rituais e cerimônias da Antiga Aliança, ele diz "nós estávamos reduzidos à servidão sob o elementos (Stoicheia) deste mundo. . . Como é que você liga novamente para os rudimentos fracos e pobres (stoicheia), para o qual você deseja novamente para a escravidão? Você observa dias e meses, e tempos, e anos. . ."(Gl 4: 3, 9-10). Ele adverte os Colossenses: "Cuidado que ninguém vos venha por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo os princípios básicos (stoicheia) do mundo, e não segundo Cristo. . . Portanto, se você morreu com Cristo para os princípios básicos (stoicheia) do mundo, por que, como se viver no mundo, fazer vós mesmos sujeitos a regulamentos-'Do não tocar, não provar, não manusear"(Cl . 2:8, 20-21).(9)

ERA A TERRA DE ISRAEL QUE FOI QUEIMADA NO DIA DO SENHOR, NÃO O MUNDO

Com na descrição do dia do Senhor no antigo testamento envolvendo a queima da terra (de Israel) e a utilização do novo testamento de stoicheion em mente, Pedro não estava falando sobre os elementos físicos da terra que estariam sendo queimados no dia do Senhor. Ele estava se referindo às coisas elementares da Terra de Israel, as coisas fundamentais da ordem da velha aliança, que estariam sendo queimados no dia do Senhor. Era a terra de Israel e suas obras (as obras da Lei, cf. Gl. 3:10), que iria ser queimado no dia do Senhor (2 Pe. 3:10). Isso foi causado pela campanha dos romanos contra a nação judaica.(10) Essa campanha culminou na queima de Jerusalém e do Templo no dia do Senhor (cf. Apocalipse 17-19). Os elementos básicos da ordem da antiga aliança foram queimados neste momento.

Como confirmação do que estou dizendo, considere o fato de que tanto em Daniel quanto no Apocalipse, em nenhum lugar é mostrado o mundo sendo queimado no dia do Senhor (ou a qualquer momento). Mesmo que no livro de Daniel não apareça o termo exato "dia do Senhor", Ele mostra os eventos relacionados do dia do Senhor com o pleno estabelecimento do reino de Deus nos capítulos 2, 7, 9 e 11:36-12:13. No capítulo 2 a terra não se queima; em vez disso, uma grande montanha é mostrado enchendo toda a terra, o reino de Deus é totalmente estabelecido (Dn. 2:34-45, 44-45). Em Daniel 7 o Anciao de Dias, através do Filho do Homem vem e derrota o o pequeno chifre no grande dia do Senhor e dá o reino a seu povo (Dn 7:13-14, 17-27; cf. Ap 19:11-20:4). Jesus disse que este tempo da vinda de Deus, quando os santos herdaram o reino, seria o tempo quando Deus destruísse seu infiel antigo povo da aliança, não o mundo (Mt 21:33-45).

Em Daniel 9:24-27, Jerusalém e o Templo são destruídos pelo príncipe vindouro no tempo quando a "justiça eterna" é inaugurada (v. 24; cf. 2 Pe. 3:13). Novamente, não há indicação de que o mundo ou o universo físico está sendo queimado. Similarmente, em Daniel 11:40-45 a Terra

Santa é invadida pelo o rei do Norte; essa invasão culmina com seu ataque contra Jerusalém. Este foi o tempo da grande tribulação (Dn. 12:1); a nação judaica foi destruída neste tempo (Dn. 12:7), não o mundo.

O Apocalipse é perfeitamente consistente com Daniel; ele não mostra o mundo sendo queimado no dia do Senhor. O que o Apocalipse mostra que acontece naquele dia é a terra que foge aterrorizada da presença de Deus e então é inaugurado um novo céu e nova terra.

Então Eu vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença a terra e o céu fugiram. . . E vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram. . . .
Apocalipse 20:11; 21:1; cf. Is 51:15-16

É preciso lembrar constantemente que o Apocalipse ´um livro que comunica sua mensagem por meio de símbolos; o "significado" (isto é, tornado conhecido por meio de sinais, Apocalipse 1:1).(11) O Apocalipse não está dizendo que a Terra literalmente fugiria no dia do Senhor! E o que o Apocalipse mostra ser queimado no dia do Senhor é a prostituta, a cidade de Babilônia (Ap. 18:8; 19:1-3; cf. Mt 22:1-7). Esta é a destruição da infiel Jerusalém e seu Templo (cf. Ezequiel 16:35-43)(12), a queima das coisas elementares da Terra no dia do Senhor. Alguns, é claro, podem discordar da minha posição de que 2 Pedro 3: 10-12 está se referindo à queima da terra de Israel e aos elementos da antiga ordem da aliança no ano 70 dC. Devemos estar cientes, no entanto, de que, ao fazer isso, eles, não apenas não têm apoio das Escrituras, mas na verdade, estão dizendo que as Escrituras estão erradas. Pedro confiantemente afirmou (cerca de 60 dC) que o fim ao qual ele estava se referindo estava próximo:

“Mas o fim de todas as coisas está próximo; portanto, seja sério e vigilante em suas orações ”(1Pe 4:7).(13) Se Pedro estivesse proclamando que os elementos físicos da Terra estavam prestes a ser queimados, então ele estava muito errado. Se, por outro lado, ele estava dizendo que os elementos fundamentais da antiga aliança estavam

prestes a ser queimados no final da era, então ele estava absolutamente correto (cf. Mt 3:5-12).

UM NOVO CÉU E TERRA NO DIA DO SENHOR

Pedro disse que quando a terra de Israel foi queimada no dia do Senhor que havia para ser um novo céu e nova terra (ou nova "terra"): "Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça"(2 Pe. 3:13). Nas páginas seguintes eu vou entrar em algum detalhe sobre passagens relacionadas com o novo céu e nova terra. Ao fazê-lo, eu vou estar olhando para Apocalipse 21-22 e depois para trás para Isaías 64-66. Ambas estas seções das Escrituras falam do novo céu e nova terra, que seria estabelecido no dia do Senhor.

Considerando o novo céu e nova terra, a primeira referência que Pedro faz é que a justiça habita nela (v. 13). A princípio parece que uma vez que ainda há pecado no mundo de hoje, não poderíamos estar nesta "Era" do novo céu e nova terra. Este raciocínio parece lógico, mas olhando para a descrição do novo céu e nova terra, em Apocalipse 21-22: ainda existem pecadores, cf. Apocalipse 22: 14-15. (Eu discuto isto abaixo.) O novo céu e a nova terra de Isaías 65-66 também têm pecadores (cf. 65.17-20). Nenhum deles está descrevendo o estado eterno.

O TEMPO DO APOCALIPSE 21-22

Ao examinar o novo céu e nova Terra em Apocalipse, a primeira consideração é a de tempo. Apocalipse 21 mostra a nova Jerusalém, que descia do céu preparada como uma noiva para seu marido para o novo céu e nova terra (v. 1-2). Isso está se referindo a época do casamento de Deus para o seu povo à destruição de prostituta Jerusalém (Ap 19:1-9; cf. Mt 22:1-10; Mt 8:10-12), que como já vimos se cumpriu em 70 dC. Assim, o novo céu e a nova terra não acontecem depois do milênio, eles são concorrentes com ele.(14) Ou seja, o novo céu e da terra e o milênio são duas imagens sobrepostas, descrevendo o período do pleno estabelecimento do Reino de Deus (cf. Is. 65:17-25, onde o novo céu e a

terra é descrito usando uma linguagem associada ao milênio). Consistente com isso, observe como a "regeneração" (que é o tempo associado ao novo céu e da terra, cf. Ap 21:1-5) e ocorreria no julgamento de Israel (Mt 19:28); é sinônimo do estabelecimento pleno do "reino" (Lucas 22:29-30).

E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.
Mateus 19:28

E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.
E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou,
Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.
Lucas 22:28-30

As duas seções estão claramente falando sobre o mesmo período de tempo. Mais cedo em Mateus nos foi dito que esta época do Filho do Homem vindo "na glória de seu Pai" aconteceria durante o tempo em vida de alguns dos ouvintes Jesus, ali no primeiro século (Mt 16:27-28). O reino de Deus seria plenamente estabelecido na parousia (Lc 19:11-27), estabelecendo plenamente o tempo (do processo) da "restauração de todas as coisas" (Atos 3:19-21). Novamente, o estabelecimento pleno do Reino de Deus na parousia (cf. Dn. 7:13-14, 21-27) seria o tempo de renovação espiritual que constitui o novo céu e a nova terra.

É A NOVA JERUSALÉM UMA CIDADE GIGANTE EM FORMA DE CUBO QUE VIVERÁ?

A novo Jerusalém desce para o novo céu e da terra ("adereçada como uma esposa") após destruição da prostituta Israel no dia do Senhor. Este foi o momento do casamento da noiva (Ap 19:1-9; Ap 21:1-2). Observe que dentro da "cidade" estão os redimidos (Ap 21:24-27), enquanto fora dela estão os não resgatados:

Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.
Mas, ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira.
Apocalipse 22:14,15

O apocalipse não está falando sobre uma cidade literal de 1.500 milhas de altura em forma de cubo (Ap. 21:16) que cai do céu; Pelo contrário, ela está revelando a noiva de Cristo e quem faz parte dela e que não faz (Ap. 21:9-10; cf. Hb 12:18- 29). As imagens do Apocalipse não se tornam de repente literais no capítulo 21. Apocalipse 21-22 estão nos dando um retrato simbólico do pós-70 dC da era do reino. A nova Jerusalém vinda à terra (Ap 21:1-2) é um símbolo do pleno estabelecimento do reino de Deus no reino terrestre (cf. Apocalipse 11:15-18).

Aqueles que são parte da noiva, a Nova Jerusalém, têm acesso à árvore e da água da vida; aqueles que não são parte dela não tem (Ap 22:1-2). Assim, a afirmação de que não há mais morte neste momento (Ap 21:4; cf. Is 65:22.) está falando da morte espiritual (cf. Mt 8:21-22; João 5:24; 11:23-27) e se aplica para aqueles que são parte da noiva (agora esposa) a Nova Jerusalém; ela não se aplica para aqueles que não fazem parte dela:

E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.
Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.
Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos que se prostituem, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.
Apocalipse 21:6-8

Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro.
Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.
Mas, ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira.
Apocalipse 22:13-15

Novamente, isto não é uma imagem literal do futuro da terra com algumas pessoas em uma cidade gigante em forma de cubo e alguns fora dela; ao contrário, é um retrato simbólico da era do reino pós-70 dC. A Nova Jerusalém é em forma de cubo assim como o Santo dos Santos do templo foi em forma cubo (1 Reis 6:20). Deus habita no meio de sua esposa, a Nova Jerusalém, hoje (Ap 21:9-10); nós somos seu Templo (cf. Ap 21:22-27).
O povo de Deus sendo representado por uma estrutura física (isto é, a Nova Jerusalém) não é exclusivo do livro do Apocalipse. Em outras partes das escrituras o povo de Deus são comparados a uma casa ou templo (Mt 16:18; 1 Co. 3:10-17; 1 Pe. 2:4-8.). Observe como a Nova Jerusalém é construída sobre doze fundamentos que têm os nomes dos doze apóstolos (Ap 21:14). Compare isso com o que Paulo escreveu dos crentes em Efésios:

Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus;
Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina;
No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor.
No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.
Efésios 2:19-22; cf. Ap 21: 1-3

O significado é o mesmo em ambos os contextos. A estrutura física está sendo usada como um símbolo para retratar a totalidade do povo de Deus. A Nova Jerusalém não é uma cidade gigante em forma de cubo que os crentes viverão um dia; nós somos as “pedras vivas” que

compõem esta cidade (cf. 1 Pe. 2:5). Os crentes são a Nova Jerusalém (cf. Is 62:12; Ap. 3:12); nós somos a esposa do Cordeiro! Robert Gundry resume este conceito bem em um artigo intitulado "A Nova Jerusalém: Pessoas como lugar, não lugar para as pessoas" (Novum Testamentum XXIX, 3, 1987). Aqueles que fazem parte da esposa, a Nova Jerusalém hoje tem a vida eterna; aqueles que não são parte dela não tem a vida eterna. É importante notar, porém, que as portas da Nova Jerusalém estão abertas (Ap 21:25-27). Aqueles que estão fora podem entrar e se tornar parte da noiva; na verdade, eles são chamados fazê-lo (Apocalipse 22:17).

O Apocalipse mostra que o mar desapareceu para a descida da Nova Jerusalém, Apocalipse 21:1-2 (novamente, isto é simbólico, o mar é um símbolo da morada da serpente e os gentios, cf. Is. 27:1; 60:5). O desaparecimento do mar transformou o mundo inteiro em Terra naquele tempo (isto é, espiritualmente falando, o mundo inteiro se tornou a Terra Santa no ano 70 dC; cf. Dn. 2:34-35, 44-45, onde o mundo todo se torna uma montanha sagrada neste momento). Foi nessa época que o reino de Deus foi plenamente estabelecida no reino terrestre. A autoridade reino deste planeta que Adão perdeu para Satanás (cf. Lucas 4:4-8) foi dada de volta para Jesus na cruz (Mateus 28:18). Deus só implementou completamente o seu reinado no momento destruição daqueles que estavam destruindo a terra de Israel (Ap 11:15-18; cf. Dn 7:13-14, 21-27).

LINGUAGEM DE CRIAÇÃO / DESCRIAÇÃO E O DIA DO SENHOR

Para obter uma ideia melhor do que o novo céu e a nova terra, que era para ser estabelecida no dia do Senhor refere-se, é preciso voltar e examinar o antigo testamento (como se deve sempre fazer quando se considera o significado das imagens no novo testamento e, especialmente, Apocalipse). Ao olhar para o antigo testamento, descobre-se que as imagens da criação / de-criação do céu e da terra foram usadas para retratar simbolicamente a criação / descriação da aliança. Primeiro, observe que povo da aliança de Deus foi comparado

ao céu e da terra: o seu povo seria incontável como as estrelas do céu; que seria tão numeroso como o pó da terra;

E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada.
Gênesis 13:16

Então o levou fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua descendência.
Gênesis 15:5

Além disso, o céu e a terra foram "testemunhas" para a antiga aliança (Dt. 30:19-20) e ao fato de que os filhos de Israel acabaria por quebrar esse pacto:

Hoje tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente logo perecereis da terra, a qual passais o Jordão para a possuir; não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos.
E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as nações às quais o Senhor vos conduzirá.
Deuteronômio 4:26,27; cf. Dt. 31:28-32:5

Esta dispersão final do povo de Deus, povo do antigo pacto, aconteceu em 70 dC (cf. Dn. 12:7 LXX; Lucas 21:20-24). Considere a linguagem da criação do céu e da terra que Deus usou para simbolizar a criação da antiga aliança:

Porque eu sou o Senhor teu Deus, que agito o mar, de modo que bramem as suas ondas. O Senhor dos Exércitos é o seu nome.
E ponho as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os céus, e para fundar a terra, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo.
Isaías 51:15,16

Deus estabeleceu as bases da terra (ou seja, a Terra Prometida, cf. Êx 15:12-21), quando ele entrou em aliança com seu povo. Deus tinha

dividido o mar pouco antes disso quando ele livrou seu povo do Egito (Ex. 14:21-22; cf. Sl 78:12-13). Deve-se notar que essas imagens fazem alusão à criação original do céu e da terra em Gênesis 1:6-10.

Agora considere a linguagem de des-criação que Jeremias usou para descrever quando Jerusalém e do Templo foram destruídos por Nabucodonosor no século VI aC:

Deveras o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios, e não entendidos; são sábios para fazer mal, mas não sabem fazer o bem.
Observei a terra, e eis que era sem forma e vazia; também os céus, e não tinham a sua luz.
Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam.
Observei, e eis que não havia homem algum; e todas as aves do céu tinham fugido.
Vi também que a terra fértil era um deserto; e todas as suas cidades estavam derrubadas diante do Senhor, diante do furor da sua ira.
Porque assim diz o Senhor: Toda esta terra será assolada; de todo, porém, não a consumirei.
Por isto lamentará a terra, e os céus em cima se enegrecerão; porquanto assim o disse, assim o propus, e não me arrependi nem me desviarei disso.
Jeremias 4:22-28

O idioma de catástrofe cósmica usada aqui é muito poderosa; certamente soa como o fim do mundo; Na realidade, porém, ele está falando sobre o fim do reino do sul de Judá, e a destruição do Templo pelos babilônios no século VI aC. Roy Hayden tem os seguintes comentários sobre a linguagem simbólica usada aqui:

4:23 Sem forma e vazia: Esta frase é usada apenas aqui e em Gênesis 1:2. Jeremias vê sua terra em ruínas. Sua visão expressa a incrível extensão da destruição provocada pelos babilônios em juízo a Judá, um cataclismo cósmico e um retorno ao caos primordial. Sem luz: condições antes do primeiro dia da criação (cf. Gn. 1:2, 3).

4:25 Nenhum homem: Veja Gn 2:5. A obra da criação é desfeita.(15)

Se o idioma do colapso da criação era apropriado para a destruição do Templo, no século VI aC, é certamente apropriada para a destruição do Templo em 70 dC. Há uma diferença significativa, no entanto. Em 70 dC, o fim da antiga aliança não era apenas uma desordem (como era no século VI aC); foi o desaparecimento total dela. Assim, não há lugar para ele (Ap. 20:1); foi substituída por uma nova ordem de aliança, um novo céu e terra. Este desaparecimento do antigo e pleno estabelecimento do novo é falado em Hebreus 8:13: "Em que Ele diz: 'A nova aliança,' Ele fez o primeiro obsoleto. Agora, o que está se tornando obsoleto e envelhecendo está pronto para desaparecer". O Apocalipse está mostrando esse desaparecimento da velha ordem, como o fugir do velho céu e da terra no juízo (Ap. 20:11-12; cf. Dn. 7:7-11; Is. 66:14-16). Este foi o momento em que o reino de Deus foi tirado da parte infiel do antigo povo pactuado de Deus e totalmente dado a seus novos servos da nova aliança (Mt 21:33-45; cf. Gl. 4:21-31).

NOVA JERUSALÉM COMO A MATRIZ DA NOVA ALIANÇA

Ao examinar a Nova Jerusalém que seria estabelecida no último dia do Senhor, considere Gálatas 4: 21-31. Nesta seção, Paulo compara a Jerusalém celestial (isto é, a Nova Jerusalém que desce do céu, Apocalipse 21:1-2) a uma mãe: "mas a Jerusalém acima é livre, que é a mãe de todos nós." Ele obtém esta imagem da discussão de Isaías sobre uma renovada Jerusalém (Is 65:17-19) que se encontra no novo céu e nova terra:

Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, deu à luz um menino.
Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos.
Abriria eu a madre, e não geraria? diz o Senhor; geraria eu, e fecharia a madre? diz o teu Deus.

Regozijai-vos com Jerusalém, e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; enchei-vos por ela de alegria, todos os que por ela pranteastes;
Para que mameis, e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis, e vos deleiteis com a abundância da sua glória.
Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória dos gentios como um ribeiro que transborda; então mamareis, ao colo vos trarão, e sobre os joelhos vos afagarão.
Como alguém a quem consola sua mãe, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados.
Isaías 66:7-13

Em Gálatas 4, Paulo disse que esta mãe, a Nova Jerusalém, era o simbolo da nova aliança ("O que se entende por alegoria; porque estas são as duas alianças", v. 24). Esta nova mãe Jerusalém é mostrada em Apocalipse 12.

Isto apoia a nossa afirmação de que a Novo Jerusalém, que estava a ser estabelecida no dia do Senhor não está falando de uma cidade renovada física (ou planeta), ele está falando sobre a renovação que compõe a nova ordem aliança. Como Paulo disse, estas coisas devem ser entendidas simbolicamente (Gl. 4:24). A Nova Jerusalém está falando sobre a nova aliança e aqueles que são parte dela (Is 66:6-17; cf. Is. 26:16-18). Isso explica por que as paredes desta "cidade" são chamados de "Salvação" e as suas portas "Louvor" (Is. 60:18).

O NOVO CÉU E A NOVA TERRA DE ISAÍAS 64-66

Ao olhar para o novo céu e a nova terra que seriam estabelecidos no dia do Senhor, é preciso considerar também Isaías 64-66. Isaías 64-66 é a única seção no Antigo Testamento que explicitamente fala sobre um novo céu e uma nova terra (embora outras seções de Isaías mencionem a renovada Jerusalém deste tempo, por exemplo, Is 60; cf. Apocalipse 21:23-27, 22:5). Isaías 64 fornece uma introdução adequada a essa seção de Isaías. Embora originalmente com uma descrição da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 aC, seu cumprimento (quando se

considera o que se segue em Isaías 65-66, veja abaixo) tem a ver com a condição em que Israel se encontraria em 70 dC.

Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai; nós o barro e tu o nosso oleiro; e todos nós a obra das tuas mãos.
Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da iniquidade; olha, pois, nós te pedimos, todos nós somos o teu povo.
As tuas santas cidades tornaram-se um deserto; Sião está feita um deserto, Jerusalém está assolada.
A nossa santa e gloriosa casa, em que te louvavam nossos pais, foi queimada a fogo; e todas as nossas coisas preciosas se tornaram em assolação.
Conter-te-ias tu ainda sobre estas coisas, ó Senhor? Ficarias calado, e nos afligirias tanto?
Isaías 64:8-12; cf. Romanos 9:21-33

Primeiro, observe que o contexto desta seção de Isaías é a destruição e queima da terra, não o mundo. Em Isaías 65-66 Deus contrasta dois grupos de pessoas. De acordo com o novo testamento (Rm. 10:20-21, veja abaixo), estes dois grupos consistem de seu infiel antigo povo da aliança (um "povo rebelde") e o fiel novo povo da aliança de Deus (aqueles que "não perguntaram" por Deus). É esse contraste entre pessoas do antigo e novo pacto que formam o contexto da discussão do novo céu e da terra de Isaías.

Fui buscado dos que não perguntavam por mim, fui achado daqueles que não me buscavam; a uma nação que não se chamava do meu nome eu disse: Eis-me aqui. Eis-me aqui.
Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por caminho, que não é bom, após os seus pensamentos...
Também vos destinareis à espada, e todos vos encurvareis à matança; porquanto chamei, e não respondestes; falei, e não ouvistes; mas fizestes o que era mau aos meus olhos, e escolhestes aquilo em que não tinha prazer.
Isaías 65:1-2, 12

Em Romanos, Paulo diz que Isaías em última análise, está profetizando sobre o novo povo pactuado de Deus e contrastando-os com o Israel físico (cf. Rm. 9:21-33), o povo desobediente e rebelde.

E Isaías ousadamente diz:Fui achado pelos que não me buscavam,Fui manifestado aos que por mim não perguntavam.
Mas para Israel diz:Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.
Romanos 10:20,21

Portanto, de acordo com o novo testamento, Isaías 65 está contrastando o novo povo da aliança de Deus com os rebeldes povo da antiga aliança. O capítulo 65 diz que as pessoas fiéis de Deus se alegraria em suas bênçãos no momento em que os de Israel físico fossem mortos; note que este foi o momento em que haveria "novos céus e uma nova terra":

Mas a vós [ó nação rebelde de Israel, v. 1-2] , os que vos apartais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte, os que preparais uma mesa para a Fortuna, e que misturais a bebida para o Destino.
Também vos destinareis à espada, e todos vos encurvareis à matança; porquanto chamei, e não respondestes; falei, e não ouvistes; mas fizestes o que era mau aos meus olhos, e escolhestes aquilo em que não tinha prazer.
Portanto assim diz o Senhor DEUS: Eis que os meus servos comerão, mas vós padecereis fome; eis que os meus servos beberão, porém vós tereis sede; eis que os meus servos se alegrarão, mas vós vos envergonhareis;
Eis que os meus servos exultarão pela alegria de coração, mas vós gritareis pela tristeza de coração; e uivareis pelo quebrantamento de espírito.
E deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição; e o Senhor DEUS vos matará; e a seus servos chamará por outro nome.
Assim que aquele que se bendisser na terra, se bendirá no Deus da verdade; e aquele que jurar na terra, jurará pelo Deus da verdade; porque já estão esquecidas as angústias passadas, e estão escondidas dos meus olhos.

Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão.
Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo.
E exultarei em Jerusalém, e me alegrarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor.
Isaías 65:11-19 cf. Ap 21:1-4

Isso não está falando da criação de um planeta novo ou renovado; ele está falando da criação de um novo povo (cf. 1 Pe. 2:7-10). Como Paulo disse à igreja de Corinto: "Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co. 5:17). Isaías 65-66 é a linguagem poética que aponta para o pleno estabelecimento do novo povo pactuado de Deus em 70 dC, com a destruição de seu infiel povo da antiga aliança (cf. Gl. 4:21-31).

Não houve regozijo em Jerusalém física (Is 65:18-19) em sua destruição, em 586 aC; Também não havia júbilo em Jerusalém física na sua destruição no ano 70 dC. No entanto, houve regozijo e júbilo para aqueles que faziam parte da noiva, a Nova Jerusalém (cf. Ap 21:1-2, 9-10) em 70 dC quando ela tornou-se casada. Os verdadeiros servos de Deus (que incluiria os gentios no momento desta realização, Is 66:18-21) cantaram e alegraram-se, neste momento, enquanto o fiel povo da antigo pacto lamentou (Is. 65:13-15). Isto é mostrado em Apocalipse 18-19. Há choro na queda da prostituta Babilônia (Apocalipse 18:9-20) há regozijo e alegria no casamento da noiva (Apocalipse 19:1-9).

Em 70 dC, Deus destruiu seu infiel antigo povo da aliança e casou-se com sua nova aliança (cf. Mt 22:1-10). Jesus disse que muitos (não todos) do Israel físico seriam excluídos neste tempo do banquete messiânico (cf. Mt 8.10-12; cf. Lc 2.34). Naquela época, a antiga ordem, a antiga aliança, céu e terra, desapareceria (cf. Hb 8:13) e Deus criaria um novo céu (aliança) e terra, à medida que o reino de Deus fosse plenamente estabelecido.
O reino de Deus foi tirado dos judeus e entregue novo povo de Deus na destruição da nação judaica em 70 dC (Mt 21:33-45).

Olhando para o novo testamento, a Jerusalém que não chora no novo céu e da nova terra (Is 65:19) é a Nova Jerusalém, a noiva de Cristo (Ap 21:1-4, 9-10). Quanto ao novo nome que Deus disse que seus servos seriam conhecidos neste momento (na destruição do povo infiel da antiga aliança), esse nome era "cristão": "E deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição; e o Senhor DEUS vos matará; e a seus servos chamará por outro nome... Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão".(Isaías 65:15, 17).(17)

RESUMO DO NOVO CÉU E NOVA TERRA, ESTABELECIDO NO DIA DO SENHOR

Pedro procurou um novo céu e nova terra a ser estabelecida no dia do Senhor (2 Pedro 3 10-13); ele afirmou que isso aconteceria no primeiro século (cf. 1 Pe. 4:7). Isto não se referiu à queima do mundo e, em seguida, um planeta fisicamente renovado, mas para o pleno estabelecimento do reino e o novo povo da aliança de Deus no dia do Senhor. Seria a terra de Israel e a ordem (era, dispensação) da antiga aliança que foram queimados neste momento (cf. Sf 1:12-15, 18). Isaías 65-66 (usando imagens poéticas) diz que uma nova ordem, um novo céu e da terra seria estabelecido na destruição dos rebeldes entre o povo pactuado de Deus (Is 65:1-17; cf. Rm. 10:20-21). Isso aconteceria em 70 dC com a destruição da nação judaica, o momento em que os princípios elementares da Terra (o Templo e o sistema sacrificial) seriam queimados.

Deus chamaria seus servos por outro nome depois disso; ele os chamaria de cristãos (Isaías 65:13-15). Paulo, baseando-se em Isaías 66 e em sua imagem da renovada Jerusalém do novo céu e nova terra como mãe (v. 7-13), disse que essa Jerusalém celestial era um símbolo da nova aliança (Gálatas 4:24) e que ela era a "mãe" de todos os crentes (Gálatas 4:26).

No antigo testamento, a criação / descriação do céu e terra foram usadas para representar a criação e descriação do pacto (por exemplo, Is 51:15-

16; Jr 4:22- 26). O imaginário apocalíptico semelhante é usado no livro do Apocalipse de João; ele diz que não havia nenhum lugar para o céu e a terra no julgamento em 70 dC (Ap 20:11-12; cf. Dn. 7:7-11; Is 66:14-16). Com a fuga do velho céu (aliança) e a terra, eles são substituídos por um novo céu (aliança) e a terra. A noiva, a Nova Jerusalém, desce do céu para esta nova ordem pacto neste momento (Ap 21:1-2, 9-10). Este é um retrato simbólico do pleno estabelecimento do reino de Deus e a era do reino pós-70 dC (cf. Marcos 8:38-9:1). A regeneração de todas as coisas estava para ser plenamente estabelecida no julgamento de Israel (Mt 19:28; cf. Ap 21:5). O mundo inteiro se tornou a Terra neste momento (ou seja, o mundo inteiro se tornou a Terra Santa), como o reino deste mundo se tornou o reino de Deus (Ap 11:15-18). Aqueles que fazem parte da esposa, a Nova Jerusalém, têm acesso à árvore e da água da vida; aqueles que não são não tem acesso (Ap 22:14-15). Aqueles que não fazem parte da noiva de Deus, no entanto, são convidados a fazer parte dela ao vir ao Senhor (Apocalipse 22:17). Esta é a mensagem do Reino que a igreja realiza para o mundo hoje (Ap 21:24-27).

O GRANDE DIA DA IRA DE DEUS

No livro de Apocalipse 18, o dia do Senhor é anunciado no capítulo 6. É dito que neste momento os homens se esconderão nas cavernas e pedirão às rochas que caiam neles para escondê-los da ira de Deus:

E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas;
E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro;
Porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?
Apocalipse 6:15-17

Aqui novamente está a linguagem simbólica da catástrofe cósmica; nos é explicitamente dito no versículo 17 que este é o dia do Senhor, no entanto, "o grande dia da sua ira". As imagens da catástrofe cósmica

aqui não são literais assim como nos dias do Senhor do Antigo Testamento de onde são tiradas essas linguagem apocalíptica (Babilônia em Is 13:9-13; Edom em Is 34:4; Jerusalém em Joel 2:10-11, 31). A queda de estrelas aqui não é literal, assim como não é em Apocalipse 12:3-4, 9 (ou Dn. 8:8-10).

Em primeiro lugar, devemos notar que o dia do Senhor, conforme descrito aqui é muito semelhante à descrição do dia do Senhor no Sermão do Monte. Ambos estão referindo-se ao tempo da grande tribulação, o tempo de angústia e ira que viria sobre a geração que rejeitou Jesus (Mt 24:29-34; cf. Lc. 21:20-32). Coerente com isso, há uma alusão aqui para o dia do Senhor em Joel 2, que em última análise, fala deste dia do juízo sobre Jerusalém:

Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está perto. . . Diante dele [do exército invasor, Joel 1: 6; 2: 2] tremerá a terra, abalar-se-ão os céus; o sol e a lua se enegrecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor.
E o Senhor levantará a sua voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque poderoso é, executando a sua palavra; porque o dia do Senhor é grande e mui terrível, e quem o poderá suportar?

A terra treme antes deles , os céus tremer; o sol ea lua escurecem, e as estrelas diminuir o seu brilho. O Senhor dá voz diante do seu exército, para o Seu campo é muito grande; porque é forte Aquele que executa a Sua palavra. Para o dia do Senhor é grande e mui terrível; quem o poderá suportar? . . .
E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça.
O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.
Joel 2:1, 10-11, 30-31; cf. Jeremias 4:27-28

Apocalipse 6:15-17 contém também uma alusão ao julgamento de Edom

("E todos os poderes dos céus serão derretidos, e o céu se enrolará como um pergaminho; e todas as estrelas cairão como as folhas de uma videira, e como as folhas caem de uma figueira" Is. 34:4 LXX). Como mencionei anteriormente, Edom (ou seja, Esaú) era o primogênito que desprezou seu direito de primogenitura, que foi então herdado pelo irmão mais novo, por Israel. Ao rejeitar Jesus, Israel havia rejeitado seu direito de nascença (João 1:10-13; cf. Mt 22:1-10) e tornou-se como Esaú; a primogenitura seria herdada pelo verdadeiro Israel (Rm: 9:6-13; cf. Gl 4:21-31).

Há sim uma alusão à queda de Babilônia aqui também (cf. Is. 13:9-13). O Apocalipse equivale a prostituta Jerusalém com a cidade da Babilônia (Apocalipse 17:5-6; cf. 11:8 cf. Ez 16). Apocalipse 6:15-16 também contém uma alusão a Isaías 2, que por sua vez fala do julgamento de Jerusalém em um dia do Senhor (Is 2:1-12). Naquela época, os homens se escondem em cavernas do Senhor: "Eles irão para as fendas das rochas, e nas cavernas da terra, do terror do Senhor e da glória da sua majestade, quando ele se levantar para abalar a terra poderosamente"(Is 2:19; cf. 2 Ts 1:4-10). Apocalipse 6:16 contém semelhante uma alusão a Oseias 10:8, que falava de Deus julgar o reino do norte de Israel.

E os altos de Áven, pecado de Israel, serão destruídos; espinhos e cardos crescerão sobre os seus altares; e dirão aos montes: Cobri-nos! E aos outeiros: Caí sobre nós!
Desde os dias de Gibeá pecaste, ó Israel; ali permaneceram; a peleja em Gibeá, contra os filhos da perversidade, não os alcançará.
Eu os castigarei na medida do meu desejo; e congregar-se-ão contra eles os povos, quando eu os atar pela sua dupla transgressão...
Assim vos fará Betel por causa da vossa grande malícia; de madrugada o rei de Israel será totalmente destruído.
Oséias 10:8-10, 15

As alusões ao antigo testamento que o Apocalipse usa para se referir ao dia do Senhor são aquelas associadas tanto com o julgamento do reino

do sul de Judá, bem como o reino do norte de Israel. toda a nação de Israel seria eclipsada no dia do Senhor.

Finalmente, há uma alusão a Malaquias em Apocalipse 6:17. Malaquias disse que o dia do Senhor purificaria Jerusalém como fogo purifica a prata; ele se perguntou se alguém seria capaz de suportar uma coisa dessas (Ml. 3:1-5). Que todas essas alusões apontam para o julgamento de Israel no dia do Senhor é confirmada pelas próprias palavras de Jesus:

Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.
Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!
Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos.
Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?
Lucas 23:28-31 (19)

Jesus estava dizendo que Oseias 10:8 (que Apocalipse 6:16 aplica ao iminente dia do Senhor) seria cumprido na destruição de Jerusalém em 70 dC. O dia do Senhor viria na geração que rejeitou o Senhor Jesus ("chorai por vós mesmos e vossos filhos", Lucas 23:28; cf. Mt 16:27-28). Jesus disse que a culpa de "todo o sangue justo derramado sobre a terra" viria sobre a geração que o rejeitou (Mt 23:29-36; cf. Apocalipse 18:24); aquela geração veria o ver o julgamento do dia do Senhor (Mt 24:29-34). Esse julgamento e a destruição resultante são mostrados na parábola daqueles que rejeitaram um convite para o casamento do filho de um rei (Mt 22:1-10), bem como a parábola dos iníquos agricultores (Mt 21:33-45). Como muitos dos dias do Senhor no antigo testamento, essas parábolas mostram a vinda de Deus (Mt 21:40) por meio de um exército invasor (Mt 22:7).

Em relação aos homens escondidos em cavernas no grande dia do Senhor (Apocalipse 6:15), Josefo escreve que a última retirada dos

judeus em 70 dC foi de fato das cavernas e passagens subterrâneas abaixo de Jerusalém.

A última esperança que reforçava os tiranos e seus companheiros bandidos estava nas passagens subterrâneas. Eles não esperavam que fossem revistados caso se refugiassem neles, e pretendiam, depois da captura completa da cidade e da partida dos romanos, sair e fazer a fuga. Mas isso provou ser um sonho ocioso, pois eles não estavam destinados a escapar de Deus ou dos romanos.(20)

ARMAGEDOM: O LOCAL DE ENCONTRO PARA A BATALHA DO GRANDE DIA DO SENHOR

Vou terminar a minha visão geral do dia do Senhor no novo testamento com o Armagedom. Armagedom é descrito em Apocalipse como o local da reunião dos exércitos para a batalha no dia do Senhor.

E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs.
Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.
Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.
E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.
Apocalipse 16:13-16

Armagedom (har-Megiddon) é a palavra hebraica para “a montanha de Megido”.(21) Como Megido é uma planície, alguns interpretaram a montanha de Megido como referindo-se à cadeia montanhosa do Carmo próxima (assim como o rio Kishon próximo é às vezes referido como "as águas de Megido", Juízes 5:19-21). Megido foi palco de várias batalhas na história de Israel. A batalha que Apocalipse 16:16 provavelmente alude à derrota do rei Josias, de Judá, nas mãos do faraó egípcio Neco:

E disse o Senhor: Também a Judá hei de tirar de diante da minha face, como tirei a Israel, e rejeitarei esta cidade de Jerusalém que escolhi, como também a casa de que disse: Estará ali o meu nome. . .
Nos seus dias subiu Faraó Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria, ao rio Eufrates; e o rei Josias lhe foi ao encontro; e, vendo-o ele, o matou em Megido.
E seus servos, num carro, o levaram morto, de Megido, e o trouxeram a Jerusalém, e o sepultaram na sua sepultura; e o povo da terra tomou a Jeoacaz, filho de Josias, e ungiram-no, e fizeram-no rei em lugar de seu pai.
2 Reis 23:27, 29-30

Observe a referência a Deus removendo Jerusalém e o Templo de sua vista neste contexto. A derrota do rei de Judá em Megido foi uma amarga derrota para Israel e uma fonte de luto para sucessivas gerações (2 Cr 35:20-25).

No dia do Senhor um luto semelhante aconteceria em Jerusalém: "Nesse dia haverá um grande pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido. E a terra pranteará, cada família por si só. . ."(Zc. 12:11-12). Zacarias 12:11 está ligado ao Apocalipse 16:16 pelo fato de que Zacarias 12:11 é o único lugar na Bíblia hebraica, onde "Megido" está escrito como Megidom (a mesma grafia como em Ap. 16:16).(22) Isso é significativo; João está conectando o Armagedom com a ideia de luto em Jerusalém. David Chilton observa que para os judeus Megido era "um símbolo da derrota e desolação, significa a derrota daqueles que se colocaram contra Deus."(23) Essa alusão a Megido é mais um dos muitos exemplos do dia do Senhor sendo retratado em Apocalipse no contexto das passagens do antigo testamento que se relacionam com a destruição do infiel povo pactuado de Deus.

Apocalipse 16:16 não diz a batalha do grande dia do Senhor foi travada em Armagedom, só que é aí que os reis da terra reuniram suas tropas para a batalha. O O Monte Carmel (a montanha mais próxima a Megido) foi perto de onde Tito reuniu os exércitos romanos para o assalto final sobre Jerusalém no dia do Senhor. Ogden escreve o seguinte sobre isso:

Josefo [A Guerra Judaica, 5, 1, 1] nos diz que quando Tito saiu do Egito com ordens de seu pai para subjugar os judeus, ele retornou "para Cesaréia, tendo tomado uma resolução para reunir todas as suas outras forças naquele lugar. Tenha em mente que Cesaréia estava à vista do Monte Carmelo, a montanha de Megido, e que aquelas forças armadas vindas das regiões do norte devem passar por Megido antes de chegar ao local de reunião designado. Tito permaneceu nas regiões ao redor de Cesaréia até que a maioria das forças do norte chegou, e depois seguiu para Jerusalém para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso.(24)

Aune observa como a área ao redor de Megido era um caminho natural para a invasão de Israel:

Megido era uma cidade antiga localizada em uma planície na porção sudoeste do Vale de Jezreel ou Esdrelon. . . Durante a época romana, o local de Megido se tornou um acampamento romano permanente chamado "Legio na grande planície" (Eusébio Onomasticon, 14.31; 28.26; 58,1; 70.10; 90.12; 100.10; 108.6,13; 110.21; 116.21; 140.1). O vale de Jezreel, através do qual o rio Kishon se estende em direção ao nordeste até a baía de Acco, era (e ainda é) o celeiro da Galiléia inferior (Is 28:1), fornecendo uma rota natural para a invasão da Palestina.(25)

Deve-se notar que o contexto imediato antes da menção do Armagedom realmente aponta para a invasão da terra de Israel. Apocalipse 16:12 mostra que o rio Eufrates secou para facilitar a invasão dos "reis do oriente". O Eufrates foi dado por Deus como a fronteira de Israel a leste; sua secagem deixaria a terra aberta a uma invasão. Ladd tem os seguintes comentários sobre isso: "O Eufrates era o limite ideal da Terra Prometida para o Oriente (Gn 15:18); e no Antigo Testamento, foi chamado o grande rio (Gn. 15:18; Dt. 1:7; Js. 1:4). Além do Eufrates estavam as hordas dos reinos pagãos. . . e assim o rio tornou-se simbólico dos inimigos de Israel e de Deus (Is 7:20; 8:7; Jeremias 46:10)".(26) Deve ser notado que um número de forças de Tito para o

assalto final em Jerusalém realmente veio do Eufrates. Stuart escreve o seguinte sobre isso:

Mas por que este exército [de Apocalipse 16:12-14] é trazido da região do Eufrates? Foi o poder romano, que foi devastar a terra da Judeia. . . Quando a Judeia foi atacada pelos romanos, os últimos retiravam seus suprimentos de tropas dos países orientais vizinhos sob sua influência. Assim, Tito, quando deixado por Vespasiano para completar a conquista da Judeia, atraiu tropas da Síria e do Eufrates (Josefo, A Guerra Judaica, 5, 1, 6). Deve ser lembrado que, nessa época, o domínio dos romanos se estendia ao Eufrates.(27)

Depois que os exércitos estão reunidos para o grande dia do Senhor em Apocalipse 16 (v. 12-16), a próxima coisa mostrada é o julgamento de Deus sobre a bárbara prostituta (v. 17-21). O Apocalipse revela que Babilônia é "a grande cidade" (Apocalipse 17:18); ela representa a prostituta Jerusalém (cf. Isaías 1:21-31; Ezequiel 16), "a grande cidade" onde Jesus foi crucificado (Apocalipse 11:8). A cidade prostituta tem a culpa da geração que rejeitou Jesus (Mt 23:29-39; Apocalipse 18:24). Ela seria destruída no grande dia do Senhor (Apocalipse 17-19). Quando a batalha do grande dia do Senhor é mostrada (Apocalipse 19:11-21), a besta destrói a Babilônia prostituída (Apocalipse 19:1-3, 11-21). Esta foi a destruição de Jerusalém e seu Templo pelo governante demoníaco que trabalhou através de Tito (cf. Dn. 9: 26-27).

O DIA DO SENHOR DEVE ACONTECER EM JERUSALÉM

Os profetas do Antigo Testamento consistentemente colocam a localização do dia do Senhor sobre Israel em Jerusalém (Is 1-5; Dn. 11: 40-12:7; Joel 2:1-11, 3:12-17; Sf 1; Zc 14:1-9). Beale diz o seguinte sobre isso: "As profecias do AT sobre a batalha final da história colocam-na, sem exceção, na vizinhança imediata da cidade de Jerusalém e do Monte Sião ou suas montanhas circundantes."(28)

Isso conecta ainda mais a Babilônia com Jerusalém, uma vez que o Apocalipse mostra a cidade prostituta como a localização da batalha do

iminente dia do Senhor. É logo após a besta destruir a cidade infiel (Ap. 19:1-7; cf. Mt 22:1-7) que Deus vem (Ap. 19:11-21; cf. Zc 14:3). O Apocalipse é perfeitamente consistente com o restante das Escrituras sobre isso; a parousia aconteceu logo após a destruição da Babilônia, no final da era da antiga aliança (cf. Zc 14:1-2).

Embora eu concorde com Beale que a batalha do dia do Senhor deveria acontecer em Jerusalém, eu discordo de sua alegação de que seria o fim da história. Como afirmei anteriormente, a catástrofe cósmica mostrada no dia do Senhor certamente parece o fim da história, mas não é. Não está descrevendo a destruição literal do universo físico como igualmente no Antigo Testamento o dia do Senhor dos quais ele é tirado não descreve. Pelo contrário, é uma descrição simbólica do eclipse da nação judaica e da antiga ordem na parousia de Jesus. O dia do Senhor não foi o fim da história, foi o fim da era, ou dispensação, da antiga aliança que aconteceu em 70 dC (cf. Dn. 11:40-12:7; Mt. 24:1-3; 1 Co 10:11; Hb 8:13; 9:26).

A maioria das seções escatológicas da Escritura não estão lidando com as últimas coisas do planeta Terra, e subseqüente criação de um planeta renovado (embora haja poucos textos que lidam sobre isso), mas as últimas coisas da era da antiga aliança e o subsequente estabelecimento completo da nova aliança (Is 65:1-17).(29) Esse foi o tempo da vinda de Deus / Cristo e do pleno estabelecimento do reino de Deus na destruição da nação judaica (Is 66:5-17; Dn. 7:21-27; Ap. 19:1-20: 4; cf. Ap 11:15-18).

SUMÁRIO DO DIA DO SENHOR

O dia do Senhor é um termo usado genericamente no antigo testamento para descrever um momento em que Deus traria uma nação poderosa contra outra nação como um meio de exercer seu julgamento sobre as pessoas. Deus não estava fisicamente manifestado nestes momentos, mas estava espiritualmente presente no julgamento. O sol e a lua se escurecendo e as estrelas cadentes eram frequentemente usados para retratar estes dias genéricos do Senhor (por exemplo, Ez. 32:2-8; Is.

13:1, 9-10; Sf 1 etc.). As descrições de catástrofe cósmica sobre estes dias não foram claramente o fim do mundo físico, mas sim um simbolo da derrubada dos poderes e autoridades das nações que Deus estava julgando. O sol, a lua e as estrelas, são utilizados nestes contextos para simbolizar governantes e autoridades, tanto espirituais quanto físicas (cf. Is. 24:19-23). O escurecimento do sol, a lua e as estrelas nestas passagens simbolizam a diminuição / eclipse do poder desses governantes e autoridades, a queda desses luminares no seu dia de julgamento.

Haveria um dia do Senhor final sobre Israel, o grande dia da ira de Deus (Ap 6:12-17). Esta seria uma época em que Deus traria as nações do mundo contra Jerusalém (Dnl 11:40-12:7; Jl 2:1-11, 3:12-17; Sf 1; Lucas 21:20-36; 2 Ts. 2:1-4, Ap. 17-19). Neste grande dia do Senhor (que estava próximo, 1 Pedro 4:7 escrito cerca de 60 dC) a terra de Israel seria queimada e os elementos da antiga ordem da aliança (ou seja, o sistema sacrificial do Templo) seriam destruídos (2 Pe 3: 10-12; cf. Sf. 1:12-18; Ap 17:16; 18:8). Nessa época, os exércitos romanos e seus auxiliares (representando as nações do mundo então conhecido) sitiariam com sucesso Jerusalém (Zc 14:1-9), e então Deus viria e julgaria o mundo em termos de quem fazia parte do seu reino e que não era (Is 66:5-16; Dn. 7:7-11, 21-27; cf. Mt 16:27-28; 25:31-46; Ap. 22:10-12).

Aqueles que não que não veem ao Senhor não recebem as propriedades vivificantes da água (Zc 14:16-21); isto é, eles não recebem as propriedades vivificadoras do Espírito Santo (a água é um símbolo do Espírito de Deus, cf. Jo 7:38-39; Ap 22:1-2, 17). Em 70 dC, Deus reuniu seu povo em uma renovada Jerusalém (a Nova Jerusalém, a noiva, Apocalipse 21:1-2, 9-10). A partir de então, esta Nova Jerusalém (cf. Is. 1: 21-28) seria santa, e nenhum estrangeiro (qualquer um que não estivesse no Livro da Vida do Cordeiro, Apocalipse 21:22-27, cf. Dn. 12:1) jamais entraria nela novamente (Is 52:1; Jl 3:17; Zc. 14:20-21). O dia do Senhor, quando a parousia estava para acontecer, ocorreu em 70 dC, na destruição de Jerusalém e do Templo; esta foi a época da destruição da nação judaica no final da era da antiga aliança (Dn. 11:40-

12:7). Foi quando o povo de Deus possuiu o reino (Dn 7:21-27; cf. Mt 21:33-45).

PARA QUE EU NÃO VENHA PARA FERIR A TERRA COM MALDIÇÃO

O antigo testamento termina com Deus avisando ao povo da antiga aliança que um dia do Senhor sobre Israel estava chegando. Se eles não mudassem seus modos, ele atacaria a terra de Israel com uma maldição e queimaria os iníquos (Ml 4:1-6). O Novo Testamento abre com João Batista, perguntando aos fariseus que os advertiram para fugirem desta ira que se aproxima (Mt 3:1-12; cf. 1 Ts 1:10). Jesus disse que, embora ninguém soubesse o dia ou a hora exata, o dia do Senhor aconteceria antes que a geração que o rejeitou tivesse morrido (Mt 16:27-28; cf. 23:29-36).

Em Pentecostes Pedro disse que o derramamento do Espírito Santo era um sinal de que eles estavam vivendo o período dos últimos dias da antiga aliança e que o grande dia do Senhor estava se aproximando (Atos 2:14-21; cf. Dt 31:24-32:43). Ele cita Joel 2, que fala de um grande dia do Senhor que viria sobre Jerusalém (Joel 2:1-11, 28-32). Paulo em Romanos (Rm. 13:11-14) alude ao fato de que este dia do Senhor estava chegando muito perto quando ele proclama: “A noite é passada, e o dia está próximo” (cf. Fp 4:5).

Em Tessalônica Paulo ensinou que o dia do Senhor estava próximo, essa foi uma mensagem tão ensinada na igreja que alguns erroneamente acreditavam que já até havia chegado (2 Ts. 2:2). Ao corrigir essa noção equivocada, Paulo disse que apenas dois eventos precisavam ocorrer antes desse dia do Senhor. O primeiro evento foi a rebelião (Gr. Apostasia, a palavra que Josefo usa para a Grande Revolta dos Judeus); o segundo evento foi a vinda do iníquo (2 Ts. 2:1-4). Isto seria a vinda de Tito, aquele que atacaria Jerusalém no dia do Senhor (Dn. 11:36-12: 13) e destruiria o Templo (Dn. 9:26-27).

Pedro ensinou que o tempo do fim da era da antiga aliança estava "próximo" (1 Pe. 4:7). Ele disse que o iminente dia do Senhor envolveria a queima das coisas elementares da Terra; ou seja, a queima dos elementos do sistema da antiga aliança (2 Pe. 3:10-13). João (c. 60-65 dC)(30) ensinou que eles estavam vivendo a "última hora" (1 João 2:18). Era o iminente momento que precederia a chegada do dia do Senhor e a destruição dos inimigos de Deus, (cf. Dn 7:21-22; 2 Ts 2:1-8; Ap 19:11-21). João disse que o dia do Senhor estava tão perto que a escuridão da noite já estava passando, e a luz do dia começava a amanhecer (1 João 2:8; cf. Ap 22:6-12).

No livro de Apocalipse o dia do Senhor está associada com a derrota de Israel (cf, Armagedom, Ap. 16:12-16; cf. 2 Cr 35:20-25; Zc 12:11-12). Jesus disse que os homens se esconderiam em cavernas por medo da ira de Deus (Apocalipse 6: 12-17) seriam os homens da geração que o rejeitou (Lc 23:27-31).

O dia do Senhor que o novo testamento se refere é sobre Jerusalém e a destruição do Israel infiel (a prostituta Babilônia) e a ordem da antiga aliança em 70 dC (Apocalipse 17-19). Como Apocalipse indica repetidamente, o tempo para o cumprimento de seus juízos (que culminam com o dia do Senhor) estava próximo quando o livro foi escrito (Ap 1:1, 3; 2:16, 25; 16:5; 22:6-12).

No meu próximo capítulo Examinarei 2 Tessalonicenses 2 e o homem do pecado. O homem do pecado seria aquele que iria capturar Jerusalém e o Templo, no dia do Senhor (2 Ts 2:1-4). Ele seria a pessoa que traria juízo de Deus sobre a nação judaica no fim dos tempos (cf. Dn 11:36-12:7; Dn. 9:26-27). Coerente com o resto das escrituras que falam do "Anticristo", este irá apontar para Tito e sua destruição da nação judaica e, 70 dC.

Notas:

1. Veja RC Sproul, Os Últimos Dias Segundo Jesus, pp. 103-104 para as muitas variações sobre o

Frase do dia do Senhor (por exemplo, o dia de Cristo, o dia do Senhor Jesus, do dia de Deus, etc.).

2. A maioria de Paulo cartas começam com alguma forma do seguinte: "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Rm 1: 7; cf. 1 Cor. 1: 9; 2 Cor. 2:.. 2; Gl 1: . 3; Ef 1: 2-3, etc.). Este transmite uma sensação de equivalência ainda distinção entre Deus Pai e do Senhor Jesus (cf. Heb. 1: 1-12).

3. NT Wright, Jesus ea vitória de Deus, Origens Cristãs ea Questão de Deus, vol. 2,

321. Wright cita-se aqui a partir de seu livro O Novo Testamento e do Povo de Deus, 333.

4. Quando Jesus falou essas coisas e sua vinda no final da velhice aliança, os discípulos ficaram chocados. Perguntaram-lhe onde esses eventos horríveis que aqueles na Judéia estavam a fugir (Mat. 24:28) viesse a acontecer. Eles certamente não poderia acontecer na cidade santa de Jerusalém-poderiam? Em resposta a isso, Jesus disse aos discípulos que, quando o cadáver foi seria onde as águias reunidas (Lucas 17: 20- 37 NVI). Jerusalém e seu Templo tornou-se como um corpo morto (ou seja, sem o Espírito), depois de rejeitar Jesus (Mt 23: 37-38.). Com a guerra judaica de 67-70 dC as águias romanas (em seus padrões) foram de fato se reuniram ao redor da cidade sem vida (cf. Mt 21: 33-43; 22:. 1-14; Rev. 11: 1-2).

5. Kenneth L. Gentry, Perilous Times: A Study in escatológica Mal, 88-91. Em outros lugares Gentry enfatiza que ele vê a AD 70 vinda de Jesus como metafórica não literal:

Para limpar o registro, preteristas ortodoxos não acreditam que Jesus literalmente veio em AD 70. As referências a seu julgamento vindo sobre os judeus são declarações metafóricas, imagens apocalípticas da ira divina derramada na história, não mais literal do que de Deus vem contra o Egito em Isaías 19 : 1. Ken Gentry, "o problema histórico com hiperpreterismo:" Quando serão essas coisas? A resposta reformada para hiperpreterismo, ed. Keith A. Mathison (Phillipsburg, NJ: Presbiteriana e Reformada Publishing Co., 2004), 53.

Eu não acredito que Jesus Segundo Advento em 70 dC foi literal quer (se por 'literal' Gentry significa física); era uma vinda espiritual. A distinção de Gentry entre um metafórico vindo em Mateus 24: 3-35 versus uma literal vinda em Mateus 24: 36-25: 46 cria tantos problemas quanto os que resolve. Isso significaria que os parusia / próximos que Jesus falou em Mateus 24:27 era metafórico, enquanto a parusia / vinda que Jesus falou em Mateus 24:37 e 39 era literal. Não vejo Jesus fazendo uma distinção entre dois tipos diferentes de parousiai em Mateus 24-25. Os discípulos perguntaram sobre parusia de Jesus (Mateus 24: 3.), E não sobre a sua parousiai.

6. David Chilton (Antes de ele se tornou um preterista completo) tentou racionalizar isto da seguinte maneira: [Rev. 11:18. é] "não é o julgamento final no último dia, mas sim a reivindicação histórica e vingador dos santos mártires, aqueles que tinham sofrido nas mãos de Israel ímpios. . . ."(Ênfase no original). David Chilton, o Days of Vengeance (Ft Worth:. Dominion Press, 1987), 291. Revelação 11:18 diz o seguinte: "As nações se enfureceram e sua ira chegou, eo tempo dos mortos, que eles devem ser julgado, e que você deve recompensar seus servos, os profetas e os santos, e aqueles que temem seu nome, pequenos e grandes, e deve destruir aqueles que destroem a terra"[Gr. g: terra] cf. Lev. 18: 24-30. O verso é claro; ele está falando sobre o ser morto julgados no AD 70 destruição de Israel. Chilton mudou de posição e reconheceu AD 70 como o tempo do advento final e ressurreição pouco antes de sua morte prematura em 1997. O julgamento e ressurreição, é claro continuar após esse tempo (passado a queda de Babilônia / Jerusalém) cf. Apocalipse 14: 6-13.

7. Kenneth Gentry diz que a vinda de Jesus em Apocalipse 19: 11-21 não é o Segundo Advento, mas é o julgamento de Jesus AD 70 que vem contra Jerusalém. Este é um ensinamento preterista parcial "ortodoxo" comum. Ao discutir Apocalipse 19 Gentry escreve:

Em conjunto com as preparações união de festas, aparece o noivo. Na verdade, seu divórcio e a pena de morte de sua esposa adúltera-prostitute [prostituta Babilônia em Apocalipse 17-18; cf. Ez 16] oferecer o justificação para esta celebração e novo casamento (19: 11-18). A lição Apocalipse agora torna-se clara: Cristo gloriosamente aparece como um guerreiro-noivo, punir Jerusalém infiel e tendo uma nova noiva. . . Embora as imagens desta passagem [Rev. 19: 11-21] sugerem que muitos do segundo advento (e certamente não são muitas correspondências), é mais provável refere-se a 70 DC, que é um prenúncio distante do segundo advento. Na verdade, Apocalipse 19 explicita mais plenamente o tema John anuncia em 1: 7, que se origina no ensino Cristo em Matt. 24: 29-30. E lembre-se: Este julgamento vinda de Cristo, mencionada em ambos Revelação e Mateus 24, estão perto no tempo para o público original (Mt 24:34; Ap 1:. 1, 3; 22: 6, 10). . . Em Apocalipse 20: 7-15 testemunhamos a Segunda julgamento vindouro e final. Mas como esse é tão distante do dia de John, ele só rapidamente menciona-los. Ken Gentry, "A visão preterista do Apocalipse" no Four Views no livro do Apocalipse, ed. C. Marvin Pate (Grand Rapids: Zondervan, 1998), 81, 86.

Eu vejo o julgamento de Gog e Magog em Apocalipse 20: (. Cf. Ez 38-39) 7-10, mas não vejo o Segundo Advento que Gentry afirma está lá.

8. Gary DeMar, Últimos Dias Madness: Obsessão da Igreja moderna, 4ª edição, 199-200.

9. David Chilton, "Procurando novos céus e uma nova terra,"O Preterist Archive, http://www.preteristarchive.com/Preterism/chilton-david_p_02.html.

10. Josephus, A Guerra Judaica, 3, 7, 1.

11. Boxal escreve o seguinte sobre o Apocalipse 1: 1: “A maneira pela qual Jesus transmite a revelação também é significativo para os intérpretes. Jesus tornou conhecido por sinais: embora principal o verbo s pode ser simplesmente traduzido 'indicam' ou 'dar a conhecer', ela está relacionada com a palavra 'sinal' (s meion). A escolha deste verbo deve alertar o leitor a estar atento à natureza simbólica das visões que se vão desenrolando (Beale [O livro do Apocalipse, O Comentário New International Testamento grego] 1999; 52).”Ian Boxall, o Apocalipse de São John, Comentários de preto Novo Testamento, gen. ed. Morna D. Hooker (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2006), 25, ênfase no original.

12. Em Deuteronômio 31 Deus disse a Moisés o seguinte sobre a futura destruição dos filhos de Israel: Eis que você vai descansar com os seus pais; eeste povo se levantará e se prostituem com os deuses dos estrangeiros da terra, onde vão estar entre eles, e eles vão me desampares e quebrar a minha aliança que fiz com eles. Então a minha ira será despertada contra eles naquele dia, e eu vou abandoná-los e eu will hide deles o meu rosto, e ele será devorado. E muitos males e problemas de suceder-los, para que eles dirão naquele dia: “Não tenham esses males vêm sobre nós porque o nosso Deus não está entre nós?”

Deuteronômio 31: 16-17 Esta é o Apocalipse mostra. Harlot Israel (Babylon) é devorado pela fera Roman, o anticristo (Ap 17:16). A prostituta está vestida com as roupas do sumo sacerdote (Apocalipse 17: 3-6). Sua mercadoria é a mercadoria do Templo e seus sacrifícios (Ap 18: 11-13). Esta é traçada a partir Ez 16 onde Jerusalém é representado como uma prostituta vestido no vestuário, e comer alimentos associados com a tenda (Ez. 16: 9-14). No século VI amantes do BC Jerusalém que ela estava jogando a prostituta com giraria sobre ela e destruí-la (Ez. 16: 37-43). Este é exatamente o Apocalipse 17-19 está mostrando. No primeiro século infiel Israel estava jogando a prostituta com Roma. A besta Roman giraria sobre ela e destruí-la. As pragas de Babylon (peste, luto, fome e queima, Rev. 18:

13. Isto, curso assume Peter foi o autor de ambos 1 e 2 Pedro.

14. Eu ver a seguinte sequência na revelação. Revelação 17-18 mostra a destruição da meretriz Jerusalém em 70 dC (cf. Ez. 16: 31-43) pela besta (a régua demoníaca das profundezas que trabalhou através Tito). Apocalipse 19:1-9 mostra a alegria do povo de Deus neste momento como o casamento do Cordeiro chegou (Cf. 22: 1-10.). Apocalipse 19: 11-21 mostra a parousia, que é quando Jesus vence a besta e, em seguida, os santos herdam o reino de Deus em Apocalipse 20 (cf. Dn. 7:13-14, 21-27). Como discutido no meu exame de Daniel 7, Apocalipse 20: 1-6 e 11-15 formam um julgamento (não dois), que tem lugar no 70 dC início do milénio (cf. Dn. 7:7-11; Mt . 25: 31-46). Apocalipse 20:7-10 é uma profecia do que vai acontecer no final do milênio; é o único lugar em Apocalipse que fala sobre o futuro distante. O novo céu e nova terra com a sua noiva Nova Jerusalém vinda à terra (Ap 21: 1-2, 9-10) retorna ao tema do casamento de Deus ao seu povo em 70 dC (Apocalipse 19:1-9) . É assim fala do estabelecimento cheio de nova ordem aliança com a destruição de rebeldes povo da antiga aliança de Deus (cf. Is 65.: 1-17). O céu velha aliança ea terra fl ee no momento em que o novo céu aliança ea terra são estabelecidas (cf. Heb. 8:13). Esta foi a regeneração espiritual deste mundo que estava a acontecer no julgamento de Israel (Mat. 19:28). Foi o tempo que o reino deste mundo se tornou o reino de Deus na destruição daqueles que estavam destruindo a Terra (Lucas 22: 28-30; Apocalipse 11: 15-18).

15. Roy Edmund Hayden, notas de rodapé sobre Jeremias 4:23 e 25 no Espírito Filled Life Bible: New King James Version, eds. Jack Hayford, Sam Middlebrook, e Jerry Horner (Nashville: Thomas Nelson, 1991), 1062.

16. o criação de um novo céu e da terra em Isaías 65-66 fala da criação de uma nova aliança e um novo povo (cf. 1 Ped. 2: 4-10); é o mesmo em duas Peter 3 e Revelação 21-22.

17. Eu preciso dizer algo sobre a data do Apocalipse aqui. Eu prendo a data inicial de escrita para o Apocalipse, que foi escrito por volta de 65 dC durante o reinado de Nero. A visão mais comum que o Apocalipse foi escrito por volta de 95 dC até o final do reinado de Domiciano (81-96 dC) não se encaixa o que o livro diz sobre si mesma em termos de quando foi escrito. Em Apocalipse 17:10 nos é dito que as sete cabeças da besta são sete reis, e que "cinco caíram, um é. . . ."Assim, o Apocalipse foi escrito no âmbito do sexto rei de Roma. oprimeira doze Césares são: (1) Julius, (2) Augusto, (3) Tibério, (4) Calígula, (5) Claudio, (6) Ne ro, (7) Galba, (8) Oto, (9) Vitélio, (10) Vespasiano, (11) Titus, e (12) Domiciano. A afirmação de que cinco já caíram um é se encaixa a data do reinado de Nero (54-68 AD) muito bem. O mais recente pode legitimamente fazer cinco já caíram um está apto seria começar a contagem com Augusto (usando o argumento de que Julius era um ditador não um imperador) e deixar de fora os governantes de curta duração (Galba, Otão e Vitélio). Mesmo fazendo isso coloca a escrita do Apocalipse, durante o reinado de Vespasiano (AD 69-79) bem antes do final do reinado de Domiciano.

18. O comentário de Jesus 'Para se fazer essas coisas na madeira verde, o que será feito no seco?' (Lucas 23:31) é uma referência à árvore de Israel. A referência à madeira verde vs. a madeira seca contém uma alusão à água como um símbolo do Espírito de Deus (cf. João 7: 37-39). Se Israel mataram seu Messias quando ela tinha acesso ao Espírito de Deus (simbolizada pela água, assim a madeira verde) imaginar como mal ela se tornaria quando a influência do Espírito foi removido, quando a madeira foi seca (cf. Mt 23:37. -38).

19. Josephus, A Guerra Judaica, 6, 7, 3, trans. Gaalya Cornfeld, 435. Veja também a Guerra dos Judeus, 6, 9, 3; 7, 2, 2. Veja também Joachim Jeremias, Jerusalém no tempo de Jesus, trans. FH e CH Cave (Philadelphia: Forte Press, 1975, copyright SCM Press 1969), 15.

20. GK Beale, O livro do Apocalipse, 839.

21. Ibid. 840-841.

22. David Chilton, Os dias de vingança, 412.

23. Arthur M. Ogden, O Vingador dos apóstolos e dos profetas: Comentário sobre o Apocalipse, 2ª ed. (Somerset, KY: Ogden Publications, 1991), 320. Suetônio disse que Vespasiano consultou o oráculo do deus do Carmelo, quando ele e Tito veio a Judéia (Os Doze Césares, Vespasiano 5).

24. David E. Aune, Apocalipse 6-16, Bíblia Palavra Comentário vol. 52b, eds. Bruce Metzger, David Hubbard e Glen Barker, NT ed. Ralph Martin (Nashville: Thomas Nelson, 1998), 898. Se o Legio na grande planície existia em 70 dC eu não sei. Mesmo se não fosse, o ponto é que Megiddo era um local de encontro natural e rota para o cerco final de Jerusalém em 70 AD.

25. Ladd, Revelação, 136

26. Moses Stuart, um comentário sobre o Apocalipse, vol. II (Eugene, OR: Wipf e de Stock Publishers, 2001; publicado anteriormente pela Andover: Allen, Morrill e Wardwell, 1845), 195.

27. Beale, O livro do Apocalipse, 838.

28. Revelação 20: 7-10 é uma excepção para isso. Eu vejo o desaparecimento final de Satanás, como ainda no futuro para nós.

29. Concordo com a data de Robinson pré-AD 70 para as epístolas de João, bem como o resto do NT. Robinson dá uma data aproximada para as epístolas de João como 6065 AD. John AT Robinson, redating do Novo Testamento, 352. Para uma discussão alargada ver 254-311 desse trabalho.

O Homem do Pecado

Em 2 Tessalonicenses 2, Paulo discute sobre o Homem do Pecado e o dia do Senhor. O homem do pecado seria aquele que captura o Templo e é adorado lá; ele seria revelado pouco antes da vinda do senhor (Gr. parusia, vv. 1, 8) no dia do Senhor.

2 Tessalonicenses 2:1-4, 8
Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele,
Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.
Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,
O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus... E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;

Eu vou estar usando o título de "o homem do pecado" aqui. Alguns manuscritos gregos conter o título "o homem do pecado"; Eu prefiro o título de o homem do pecado, porque Daniel 11:36 (a passagem que referências Paulo em 2 Tessalonicenses 2:3-4.) diz que o rei do Norte iria 'fazer de acordo com sua própria vontade'. Uma pessoa que faz acordo com sua própria vontade é aquele que não reconhece nenhum direito ou autoridade superior; assim, o título do homem do pecado é bastante apropriado para tal pessoa. Em última análise, o pecado é rebeldia (1 João 3:4).

Neste capítulo Eu vou primeiro examinar o contexto de 1 e 2 Tessalonicenses o dia do Senhor. Então eu vou lidar mais especificamente com 2 Tessalonicenses 2 e o homem do pecado.

1 e 2 Tessalonicenses

Por aqueles que aceitar a sua autenticidade, é geralmente aceito que Paulo e seus associados Silvano e Timóteo (1 Tessalonicenses 1:1) escreveu 1 Tessalonicenses em torno de 50-51 dC, logo após a sua primeira visita a Tessalônica. Ela pode ter sido escrita logo após 1 Tessalonicenses, assim 2 Tessalonicenses foi uma resposta a um mal-entendido que surgiu a partir de ensino de Paulo em sua primeira carta. Em 1 Tessalonicenses, Paulo disse à sua audiência que o breve retorno do dia do Senhor virá como um ladrão na noite (5:1-6). Como resultado, uma ideia errônea de que o dia do Senhor já tinha chegado (cf. 2 Ts 2:2). Foi por esta razão, para combater este equívoco sobre o dia do Senhor, não sobre o Segundo Advento (1 Ts 4:16) que a segunda carta aos Tessalonicenses foi escrito.

Para corrigir o falso ensino de que o dia do Senhor já tinha chegado, Paulo simplesmente dá dois eventos que seriam marcadores daquele dia (2 Tessalonicenses 2:3). A primeira foi a "apostasia" (Gr. Apostasia), o que pode significar tanto uma revolta política ou apostasia religiosa. O segundo evento seria a revelação do homem do pecado. Estes eventos não estavam a ter lugar milhares de anos no futuro em um templo reconstruído como muitos futuristas ensinam; eles estavam para acontecer no tempo de vida do público-alvo de Paulo (cf. 2 Tessalonicenses 1:7) no Templo, em sua geração.

2 Tessalonicenses contradiz 1 Tessalonicenses?

Ao comparar os ensinamentos do dia do Senhor em 1 e 2 Tessalonicenses, alguns vêem uma contradição entre a teologia dos dois livros. Por exemplo, 1 Tessalonicenses (5:1-6) diz que o dia do Senhor viria secretamente como um ladrão de noite. Em aparente contradição, 2 Tessalonicenses dá indicadores específicos que deveriam ter lugar antes do dia do Senhor. Esta alegada contradição (bem como a diferença no estilo de escrita) levou alguns a se perguntar se 2 Tessalonicenses foi realmente escrito por Paulo. A aparente contradição na teologia entre 1 e

2 Tessalonicenses é mais aparente do que real. A diferença entre 1 e 2 Tessalonicenses está na ênfase, não teologia.

Que a apostasia / revolta tinha de acontecer, depois do qual o homem do pecado seria revelado, não contradiz o fato de que o dia do Senhor viria como um ladrão na noite. Quando Paulo dá a esses precursores sobre o dia do senhor em 2 Tessalonicenses, ele lembra a seus leitores que ele já lhes tinha dito que estas coisas aconteceriam: "Você não se lembra de que, quando eu ainda estava com você eu vos dizia estas coisas" (2 Ts. 2:5). Assim, o ensinamento de 2 Tessalonicenses não era algo novo ou diferente do que de 1 Tessalonicenses; era simplesmente uma ênfase diferente, um esclarecimento sobre o que Paulo já havia ensinado. Infelizmente, não temos a totalidade do ensinamento original de Paulo e, como resultado, esta ênfase diferente pode parecer ser um ensino diferente.

Examinando 1 Tessalonicenses 5, Paulo escreveu que o dia do Senhor virá inesperadamente: "Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como um ladrão na noite. Pois, quando eles dizem, 'Paz e segurança!' então repentina destruição sobre eles, como as dores de parto àquela que está grávida. E eles não escaparão"(5: 2-3). Como o antigo testamento ensina de forma consistente, o dia do Senhor envolveriam as nações do mundo que vem contra Jerusalém e destruindo a terra de Israel (Is 1-5; Dn. 11:40-12: 7; Joel 2:1-11, 3:12-17; Sf 1; Zc 14:1-9; Mal 4; Lucas 21:20-36).

Os pecadores na terra seriam destruídos neste momento mas o remanescente, o verdadeiro povo de Deus seria salvo (Sf. 3). Assim, os que dizem "paz e segurança" a quem Paulo refere-se em 1 Ts 5:3 são os Judeus (cf. 8:10-12.). Os judeus de Tessalônica fizeram violenta oposição ao evangelho e perseguido Paulo fora da cidade (Atos 17:1-15). O fato de que o "eles" que seriam destruídos em 1 e 2 Tessalonicenses refere-se principalmente aos judeus é suportado por 2 Tessalonicenses 1: 9: "Estes serão punidos com a destruição eterna da presença do Senhor e da glória do seu poder". Isto é tomado a partir da versão Septuaginta de Isaías 2:10, 19, 21, e fala do julgamento de Jerusalém:

Agora, portanto, entre nas rochas e esconde-te na terra, pelo temor do Senhor, e por causa da glória do seu poder, quando ele se levantar para atacar terrivelmente a terra. . . E a arrogância do homem será humilhada, e a sua altivez se abaterá, e só o Senhor será exaltado naquele dia.
E todos os ídolos desaparecerão totalmente.
Então os homens entrarão nas cavernas das rochas, e nas covas da terra, do terror do Senhor, e da glória da sua majestade, quando ele se levantar para assombrar a terra.
Naquele dia o homem lançará às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata, e os seus ídolos de ouro, que fizeram para diante deles se prostrarem.
E entrarão nas fendas das rochas, e nas cavernas das penhas, por causa do terror do Senhor, e da glória da sua majestade, quando ele se levantar para abalar terrivelmente a terra.
Isaías 2:10, 17-21 LXX

Relativamente a esta passagem, Beale observa:

A frase da presença do Senhor e da majestade do seu poder [em 2 Tessalonicenses. 1:9] vem de Isaías 2:10, 19, 21, onde a mesma frase é repetida três vezes (Isaías acrescenta: "o medo do" antes "o Senhor"), embora ele aparece em nenhum outro lugar em todo o Antigo Testamento.

Que Paulo está aludindo ao segundo capítulo de Is em 2 Ts 1:9 é bastante significativo. O contexto de Is 2 (assim como o resto do Is 1-5) é o julgamento de Jerusalém: "A palavra que Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e Jerusalém. . . Pois Jerusalém tropeçou, e Judá caiu, porque a sua língua e as suas obras são contra o Senhor" (Is. 2:1; 3:8; cf. Is 5 com Mt 21:33-45). Não deve ser nenhuma surpresa que Paulo está tomando a linguagem dos profetas de julgamento para a breve vinda do dia do Senhor, o julgamento de Jerusalém; ele está ensinando que o dia do Senhor envolveria o homem do pecado executando o julgamento de Deus através da captura de Jerusalém e do Templo (".. se assentará, como Deus no Templo de Deus..." 2 Tessalonicenses 2: 4).

Paz e Segurança

Também consistente com a minha afirmação de que Paulo está fazendo referência aos judeus em sua discussão sobre o dia do Senhor em 1 e 2 Tessalonicenses é a sua menção das falsas proclamações de paz e segurança por aqueles que são hostis ao evangelho fariam: “Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão”(1 Tessalonicenses 5:3). A proclamação da paz e segurança antes do dia do Senhor faz alusão as referências do antigo testamento que descrevem os falsos profetas de Israel proclamando que a paz estava chegando, quando, na verdade, o que estava vindo era o julgamento de Deus (Jer. 6:1, 12-15; 23:14-40; Ez 13:1-16). Esses falsos profetas eram aqueles “que profetizam acerca de Jerusalém, e que visões de paz para ela quando não há paz” (Ez. 13:16).

O que parecia ser o iminente colapso do Império Romano no 68- 69 dC serviu de "evidência" a falsos profetas judeus proclamarem “paz e segurança” para Jerusalém. O assalto romano sobre os judeus tinham começado no início de 67 dC com Vespasiano e Tito invadindo a Terra Santa. De 67 dC a primeira metade de 68 dC, Vespasiano e Tito foram sistematicamente destruindo Judeia, fazendo o seu caminho até Jerusalém. Em meados de 68 dC Nero se suicidou, mergulhando o Império Romano no caos (cf. Ap. 16:10) e colocando o assalto Flaviano a Jerusalém em espera; O império experimentou duas guerras civis internas. Três imperadores são mortos em um breve período de tempo (Galba, Otão e Vitélio, 68-69 dC; cf. Dn 7:8). Era incerto se o Império Romano iria sobreviver a esta turbulência intacta; O quase colapso do Império Romano, juntamente com a cronologia das profecias de Daniel, mostraram que o reino de Deus estava intervindo na história durante o reinado do décimo governante do Império Romano (ie, Vespasiano, Dn 2:44; cf. 7:19-22), e isso se apresentou como uma ampla evidência para os falsos profetas de Israel que declaravam que Deus estava intercedendo em nome dos judeus. A falsa mensagem dos profetas judeus de paz e da segurança foi que Roma estava prestes a cair e Israel

triunfaria; esses profetas estavam prevendo “paz e segurança” até o fim. Josefo indica que durante este tempo um número desses falsos profetas proclamou que livramento de Deus estava à mão:

Um falso profeta foi a causa da morte desses miseráveis, que haviam vindo da cidade para o Templo, porque havia dito que eles teriam naquele dia um sinal manifesto do auxílio de Deus. Os revoltosos serviam-se dessa espécie de pessoas para enganar o povo, a fim de conter com semelhantes promessas os que queriam fugir para junto dos romanos, não obstante as dificuldades e o perigo que corriam, tentando passar pelos guardas. Não devemos nos admirar da credulidade do povo, pois não há impressão que a esperança de ser livrar de um grande mal bastante premente não seja capaz de exercer sobre o espírito dos que o sofrem. (Guerras livro 6. cap 30)

Essas pessoas foram enganados para que eles acreditavam a mentira (2 Ts. 2:11) que Deus estava do lado dos judeus e iria livra-los das garras de ferro de Roma.

Dores de Parto

A imagem de dores de parto que Paulo usa em 1 Tessalonicenses 5:3: "Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão", é frequentemente usado no AT como um símbolo do terror angustiante produzido por uma poderosa nação que executa o juízo de Deus contra outra nação. Esta imagem é usada no contexto da Babilônia que vem contra Jerusalém (Jr 6:22-26; 22:18-23.) E dos Medos contra Babilônia (Is. 13:1, 6-9, 17-19, Jr. 50:41-43). A poderosa nação que executaria o julgamento de Deus no tempo do fim era Roma; o Império Romano estaria vindo contra a nação judaica.
Jeremias 6 é especialmente pertinente a 1 Tessalonicenses 5:3 em que é o único lugar no AT que trás ambas referências tanto as falsas proclamações de paz e segurança (Jr06:14.) quanto as dores de parto (Jr. 6:22-26). Não é por acaso que esta seção da Escritura está falando sobre a breve destruição de Jerusalém (no século VI aC):

Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Cortai árvores, e levantai trincheiras contra Jerusalém; esta é a cidade que há de ser castigada, só opressão há no meio dela... E as suas casas passarão a outros, como também as suas herdades e as suas mulheres juntamente; porque estenderei a minha mão contra os habitantes desta terra, diz o Senhor.
Porque desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à avareza; e desde o profeta até ao sacerdote, cada um usa de falsidade.
E curam superficialmente a ferida da filha do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz... Assim diz o Senhor: Eis que um povo vem da terra do norte, e uma grande nação se levantará das extremidades da terra.
Arco e lança trarão; são cruéis, e não usarão de misericórdia; a sua voz rugirá como o mar, e em cavalos virão montados, dispostos como homens de guerra contra ti, ó filha de Sião.
Ouvimos a sua fama, afrouxaram-se as nossas mãos; angústia nos tomou, e dores como as de parturiente.
Não saiais ao campo, nem andeis pelo caminho; porque espada do inimigo e espanto há ao redor.
Ó filha do meu povo, cinge-te de saco, e revolve-te na cinza; pranteia como por um filho único, pranto de amargura; porque de repente virá o destruidor sobre nós.
Por torre de guarda te pus entre o meu povo, por fortaleza, para que soubesses e examinasses o seu caminho.
Todos eles são os mais rebeldes, andam murmurando; são duros como bronze e ferro; todos eles são corruptores.
Já o fole se queimou, o chumbo se consumiu com o fogo; em vão fundiu o fundidor tão diligentemente, pois os maus não são arrancados.
Prata rejeitada lhes chamarão, porque o Senhor os rejeitou. (Jr 6:6, 12-14; 22-30)

Nos dias de Jeremias, Jerusalém rejeitou o Senhor (Yahweh); como resultado, ele estava indo para afastar-se dela e fazê-la desolada (Jr. 6:8). Isto é paralelo a rejeição dos judeus do Senhor (Jesus) e a desolação de Jerusalém, que viria em 70 dC (Mt 23:31-39, 24:1; cf. Dn 9:26-27.).

Observe paralelos adicionais entre 1 Ts 5:3 e Jr 6:

Comentaristas costumam citar Jeremias 6:14 (“Paz, segurança ', os falsos profetas dizem haver paz, quando não há paz”) como um paralelo a 5:3, mas eles raramente comentam que Jr 6 também inclui a referência aos seguintes elementos em comum com 1 Ts 5:3:

(1) o som de uma trombeta sinaliza a visita de Deus (6:1, 17; cf Mt 24:31);
(2) a repentina de calamidade sobre Jerusalém é descrita como “angústia nos tomou, dor como a de uma mulher em trabalho de parto” (Jr. 6:24);
(3) a súbita vinda da destruição (6:26) “terrível destruição” (6:1), o que não ocorre durante a luz do “dia”, mas de “noite” (6:4-5; cf. 1 Ts 5:4-8).

Por ter matado Jesus, os judeus tinham rejeitaram o Senhor (1 Ts. 2:14-16), e como resultado eles ficaram devastados. O que os esperava era a vinda repentina do destruidor (cf. Dn. 11: 44-45), a vinda daquele que viria para aniquilar Jerusalém e seu Templo (Dn. 9:26-27).

Nação contra Nação

Além das referências do AT, o uso de Paulo de dores de parto em 1 Tessalonicenses 5:3 também toma emprestado as palavras de Jesus sobre as dores de parto no Sermão do Monte. Jesus indicou que a ação da nação se levantando contra nação seria o início das “dores do parto” que antecederiam o fim da era.

Mateus 24:6-13
E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.
Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.
Mas todas estas coisas são o princípio de dores.
Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vosão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome.

Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão.
E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.
E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos esfriará.
Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.

O "fim" para que Jesus se refere não é o fim do mundo, mas sim o fim da era da antiga aliança quando a nação judaica seria quebrado (cf. Dn 11:40-12:7; 1 Co 10:11, Hb. 1:2). A agitação das nações marcaria o princípio das dores, que era um sinal do fim dos tempos. Isso começou bem cedo, mas explodiu em 68 dC com os vários principados que compunham o Império Romano disputaram a supremacia após a morte de Nero. Wellesley, falando da turbulência mundial de 69 dC, escreve o seguinte:

O ano 69, 'tanto tempo, mas único ano', como Tácito já havia chamado, oferece uma riqueza de incidente dramático. Após a segurança sólida e próspera da dinastia Julio-Claudiana, o chão se abre. O vasto edifício do império mundial está abalado. Pretendente se levanta contra pretendente. As próprias fronteiras são violadas pelos bárbaros. Há conspirações do palácio, assassinatos repentinos, batalhas desesperadas, atos de heroísmo e traição. A cena muda continuamente de uma extremidade do império para o outro, da Grã-Bretanha para a Palestina, do Marrocos ao Cáucaso. Três imperadores-Galba, Otão, Vitélio-conhecer seu fim. A quarta, Vespasiano, sobrevive pelo destino ou acaso ou mérito, e funda sua dinastia para o bem ou para o mal.

Súbita Destruição

O fim da era da aliança em 70 dC viria depois destas dores de parto de nação se levantando contra nação. Aqueles em Israel que havia rejeitado a Jesus enfrentariam repentina destruição; eles seriam cortados (física e espiritualmente cf. 1 Ts 5:3;Mt 8:10-13; 21:33-45; Lucas 2:34). Estes eram os "dias de vingança" sobre os judeus (Lucas 21:20-36). Como o Antigo Testamento muitas vezes tinha avisado que aconteceria no dia do Senhor, o tempo do julgamento que cairia sobre Israel. Isso culminou em

70 dC, quando os romanos águias reunidos em torno do cadáver (já sem o Espírito) que Jerusalém tornou-se (Mt 24:26-28.).

A "Repentina destruição" chegando aos judeus que 1 Tessalonicenses 5:3 fala de é confirmada pelos acontecimentos de 70 dC. Quando Vespasiano foi estabelecido como único imperador em dezembro de 69 dC, o Império Romano foi de repente ressuscitado de sua agonia (cf. Ap 13:1-3) e o ataque à nação judaica foi retomado inesperadamente (que tinha sido colocado em espera por cerca de um ano). Tito veio de repente, quando peregrinos judeus subiram a Jerusalém para a Páscoa de 70 dC. A cidade estava cheia de judeus em todo seu território (uma indicação de um sentimento de segurança por parte deles) que se encontraram presos pela chegada inesperada de Tito. Josefo escreve o seguinte sobre isso:

Todos os prisioneiros capturados durante a guerra inteira totalizaram 97.000; aqueles que morreram durante o longo cerco [de Jerusalém], a partir de sua fase inicial para a final foram 1,1 milhões. Destes, o maior número consistia de judeus pela raça, mas não nativos de Jerusalém; eles tinham chegado de todas as nações a festa dos pães ázimos; e de repente tinham sido apanhados na guerra.

Quando parecia que Roma ia cair e os judeus teria paz e segurança, o Império Romano, de repente voltou à vida. Isso resultou na segunda vinda de Tito (desta vez do Egito, cf. Dn. 11:40-45) e na destruição repentina da nação judaica. Não é por acaso que quarenta anos depois que os judeus rejeitaram a Cristo (ele foi morto durante Páscoa em 30 dC; Mt. 26:17-19; 27:15-25), o que faria israel desolada veio. Isto cumpriu Daniel 9:26: "E depois das sessenta e duas semanas o Messias será cortado, mas não para si mesmo; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário...".

Conexões entre o rei do norte e o homem do pecado

Na discussão sobre o homem do pecado, "aquele que se opõe e se exalta acima de tudo que se chama Deus" (2 Ts 2:4.), Paulo expõe o rei do

norte de Daniel 11:36-45, o que é dito "exaltar e se engrandecerá sobre todo deus [e] falar blasfêmias contra o Deus dos deuses" (Dn. 11:36). Assim, tanto o rei do Norte e o homem do pecado se opõem a Deus e tentam exaltar-se acima de Deus. Ambos são vencidos pela parousia (2 Ts 2:8; Dn 11:45). Embora Daniel 11:36-12:13 na verdade não retrate a parousia, mostra os eventos que o acompanha, ou seja, a grande tribulação (Dn. 12:1; cf. Mt 24:21), o abominável da desolação (Dn 12:11; cf. 24:15), e o julgamento (Dn 12:2-3; cf. 25:31-32).

Tanto o homem do pecado quanto o rei do Norte são derrotados após cerco ao Templo em Jerusalém (2 Ts 2:4; Dn 11:45). Como mencionei anteriormente, a derrota do homem do pecado neste momento não está falando sobre a morte de um homem, mas a destruição de um governante demoníaco que trabalharia através de um homem (cf. Apocalipse 11:7; 17:8). Este foi o fim do governante espiritual que trabalhou em Tito em sua destruição da nação judaica. Isso resultou destruição desse governante demoníaca do povo romano (Dn 9:26;cf. Dn 10:13) no lago de fogo (cf. Dn 7:11-13; Ap. 19:20).

O rei do Norte / homem do pecado seria um homem que faria o que quisesse; ele iria "fazer de acordo com sua própria vontade" (Dn. 11:36). Nas palavras de Paulo, ele seria um "homem do pecado" (2 Ts 2:3). O rei do Norte / homem do pecado iria "destruir e aniquilar muitos" (Dn 11:44.); nas palavras de Paulo, ele seria "o filho da perdição" (2 Ts 2:3). Tanto Daniel quanto Paulo estão falando sobre o dia do Senhor em sua discussão sobre o rei do Norte / homem do pecado. Isso fica claro pelo fato de que a grande tribulação e o julgamento de Israel são mostrados como ocorrendo na época do rei do ataque do rei do norte ao templo (Dn. 11:45-12:2). Esta grande aflição duraria três anos e meio e terminaria no momento da destruição da nação judaica (Dn. 12:7; cf. 1 Ts 5:3). De acordo com Daniel (12:10-11 LXX) este seria um momento em que os sem lei iria cometer ilegalidade (cf. Mt 24:11-12.). Paulo escreve sobre o fim do "iníquo" (2 Ts 2:8.).

O Homem do Pecado e a Ira sobre Israel

Daniel 11:36 fala do rei do norte trazendo a ira de Deus sobre Israel. O rei do Norte seria "próspero, até que a ira se complete..."(Cf. Dn. 9:26-27). Paulo, referindo-se a esta ira, diz aos Tessalonicenses que ela seria dirigida a incrédulos (os judeus em particular, cf. Lucas 21:20-23): "Quando eles dizem 'Paz e segurança!' então repentina destruição virá sobre eles. . . [Mas] Deus não nos destinou para a ira, mas para a salvação..."(1 Tes. 5:3, 9; cf. Jr 6:10-30.). Em 1 Tessalonicenses 1:10 Paulo diz a sua audiência do primeiro século "para esperar por seu Filho [de Deus] do céu, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura." Cerca de duas décadas antes, John Batista avisou os líderes judeus dessa ira vindoura:

Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão;
E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.
E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?
Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento;
E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão.
E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo. (Mateus 3:5-10; cf. 22:1-14; 2 Ts 2:1)

De fato, os judeus que estavam incomodando os tessalonicenses (quer diretamente ou por procuração; cf. 1 Ts 2:14-16; Atos 17:1-15) seriam retribuídos com "com aflição" no dia do Senhor (2 Ts 1:6.). Esta grande tribulação mencionado em Daniel 12:1 era a vinda do julgamento de Deus sobre os judeus (cf. Mt 21:33-45; Apocalipse 15:1; 16:19):

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos,
E dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas.

Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.
Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.
Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?
Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade;
Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.
Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.
(Mateus 23:29-36)

Esta ira vindoura é claramente descrito por Lucas no contexto do julgamento e dispersão da nação judaica que veio acontecer em 70 dC.

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação.
Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.
Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.
Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.
E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.
(Lucas 21:20-24)

Quando Saulo estava perseguindo crentes ele fez isso sob a autoridade do sumo sacerdote (Atos 9:1-2, cf. 22:4-5). Com a queda de Jerusalém, as instituições do sacerdócio e do Templo foram destruídos. Na verdade, quando Tito capturou o Templo condenou todos os sacerdotes sobreviventes à morte. Depois de 70 dC, os judeus, por todo o império,

não criaram problemas com os crentes como antes; eles (os judeus) teriam que se preocupar com sua própria segurança. O resultado final foi que a parousia de Jesus deu a seus seguidores descanso da perseguição judaica (embora não da perseguição romana cf Dn 7:12-14) "é uma coisa justa diante de Deus retribuir com tribulação aos que vos perturbam e dar-lhe descanso conosco, quando o Senhor Jesus se revelar do céu com seus anjos poderosos"(2 Ts 1:6-7.). Pode ser difícil de entender que esta vinda de Jesus com os seus anjos aconteceu em 70 dC, mas é o que Jesus ensinou:

Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que, há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem no seu reino.
Mateus 16:27-28

Se, como os futuristas afirmam, essa parousia ainda é futura, então os crentes do primeiro século a quem Paulo direciona sua carta em Tessalônica não viveu para ver o descanso que Paulo lhes havia prometido pela breve parousia de Jesus.

O Homem do Pecado

Tendo examinado alguns dos comentários de Paulo sobre o dia do Senhor em 1 Tessalonicenses e as conexões entre o homem do pecado e o rei do Norte, vou agora examinar 2 Tessalonicenses 2 em mais detalhes. De acordo com Paulo, a chegada do homem do pecado indicaria que o dia do Senhor era iminente (2 Ts 2:3). Dado o pano de fundo do Antigo Testamento para o Dia Senhor envolvendo o julgamento de judeus infiéis, e dado alusões de Paulo à destruição de Jerusalém (por exemplo, Jeremias 6), bem como a futura captura do templo (2 Ts 2:4), seria de esperar encontrar o cumprimento do que Paulo está escrevendo sobre em 2 Tessalonicenses 2 em 70 dC com destruição de Jerusalém e a nação judaica. Deveria ser natural aos comentaristas que o homem do pecado teria um papel fundamental neste breve vinda do julgamento sobre os judeus.

2 Tessalonicenses 2:1-4

Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele,
Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.
Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,
O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.

Em 2 Tessalonicenses 2:4, Paulo faz referência ao rei do norte como descrito em Daniel 11:36:

E este rei fará conforme a sua vontade, e levantar-se-á, e engrandecer-se-á sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas espantosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito.

O rei do Norte / homem do pecado se opõem a Deus e exalta-se; ele iria prosperar até que a ira contra Israel fosse concluída (cf. Dn. 12:7). Este era o chifre pequeno, o príncipe que há de vir, que destruiria Jerusalém e o Templo (Dn. 9:26-27).

Como poderia os Tessalonicenses terem pensado que o Dia do Senhor já tivesse chegado?

Olhando em 2 Tessalonicenses 2:2, há algum desacordo sobre se os tessalonicenses pensavam que o dia do Senhor estava próximo ou se simplesmente acreditava que já havia chegado. A concepção futurista comum do dia do Senhor e da parousia como sendo o segundo advento, acontecendo em uma chama visível de glória, ressuscitando os mortos e

transformando os corpos dos que estariam vivos, após um período de tribulação mundial , se torna um obstáculo aqui. Seria difícil entender como os tessalonicenses poderiam ter acreditado que o segundo advento já tinha chegado.

O erro dos tessalonicenses não foi em pensar o dia do Senhor estava prestes a vir; ao contrário, ela estava em pensar que já tinha vindo. Como poderia ser isso? Paulo está ensinado claramente que o dia do Senhor e a parousia (a vinda em juízo, não o segundo advento) eram essencialmente simultânea (2 Ts 1:7-10; 2:1-8). O fato de que os tessalonicenses acreditavam que o dia do Senhor tinha chegado indica que o ensino de Paulo sobre a segunda vinda diferiu significativamente da maioria dos cenários escatológicos de hoje em dia.

Por exemplo, se Paulo fosse um pré milenista dispensacionalista, ele teria corrigido os tessalonicenses de uma maneira muito diferente do que ele fez. Ele poderia ter argumentado que, se o dia do Senhor já tivesse chegado, todos eles deveriam ter sido fisicamente arrebatados ao céu, e que os mortos deveriam ter ressuscitado (cf. 1 Ts 4:16-17.). Uma vez que este não tivesse acontecido, então, obviamente, o dia do Senhor ainda não tinha chegado.

Em vez de de responder da maneira acima, Paulo simplesmente fornece dois eventos que precisavam acontecer antes da parousia ocorrer. Primeiro, uma apostasia tinha que acontecer. Em resposta a isto, o homem do pecado seria revelado (2 Ts. 2:3). Logo depois, a parousia iria acontecer (2 Ts 2:8.). Mais uma vez, Paulo em nenhum lugar faz o argumento de que os santos teriam que ter sido arrebatados para o céu, se o dia do Senhor tinha chegado. Note que Paulo estava discutindo um evento que estava prestes a ocorrer na vida de seus ouvintes, não milhares de anos no futuro (em um templo completamente diferente). Na verdade, Paulo indicou que o mistério da iniquidade (que daria origem ao homem do pecado) já estava em trabalho (2 Ts 2:7; cf. 1 João 4:3; Ap. 13:18). Este ponto não pode ser suficiente sublinhado: Paulo estava se referindo a eventos que iriam ter lugar dentro do tempo de vida de seus leitores e de eventos que iriam acontecer no Templo que ainda

então estava pé e não um suposto terceiro Templo que, dois mil anos depois, ainda nem teria sido construído.

Devemos também notar que a declaração de Paulo de que a revelação do homem do pecado era um indicador de quando o dia do Senhor estava prestes a acontecer está em desacordo completo com aqueles que ensinam que os cristãos serão "arrebatados" antes do Anticristo ser revelado. Uma vez que Paulo estava dando aos tessalonicenses indicadores históricos de audiência para que eles pudessem saber quando o dia do Senhor estava prestes a vir, seria sem sentido apontar a manifestação do Anticristo como um dos (dois) sinais essenciais se os crentes de Tessalônica não estariam por perto para testemunhar sua chegada.

Apostasia

Em 2 Tessalonicenses 2:4, Paulo alude ao fato de que o dia do Senhor envolveria um ataque sobre Jerusalém do primeiro século. Isto é consistente com as profecias do dia do Senhor no restante das escrituras (por exemplo, Joel 2; Zc 14; Dn 11: 45-12:13, etc). Embora Paulo não menciona explicitamente o ataque a Jerusalém, o ataque é explicitamente mostrado em Daniel 11:45 e a destruição do Templo é explicitamente mostrado na Daniel 9:26. A única maneira que o homem do pecado poderia assumir o controle do Templo ("ele se assenta como Deus, no templo de Deus, mostrando-se que ele é Deus") é se ele houvesse capturado com sucesso Jerusalém. Os judeus, é claro, teriam (e fizeram) lutado até a morte para evitar tal blasfêmia. Eles nunca estariam dispostas a permitir que um homem usurpasse a adoração de Deus no Templo.

Em 2 Tessalonicenses 2:3, Paulo diz que antes do dia do Senhor e seus eventos associados, a "apostasia" iria ocorrer primeiro. A palavra grega para "apostasia" é apostasia, o que pode significar tanto um afastamento ("apostasia") religiosa ou uma política apostasia ("rebelião"). Ao traduzir apostasia como "rebelião", os tradutores cometem a evasiva quanto a saber se ele se refere a uma rebelião religiosa ou secular. Deve-

se notar que a apostasia em nada se refere ao chamado arrebatamento de 1 Ts. 4:14-17. (Discutirei o arrebatamento no final deste capítulo.)

Na Septuaginta, apostasia é utilizado para ambos, apostasia religiosa e revolta política. Podemos nos referir aqui ao fato de que a "apostasia" não era uma ideia nova para os discípulos de Cristo. O Salvador havia previsto isso expressamente em seu discurso profético, Mt. 24:10,12, e em outros lugares, Paulo dá uma descrição da apostasia tão completa quanto é dada aqui pelo homem do pecado. (Veja 1 Tim 4:1-3, 2 Tim 3:1-9). Só pode se referir àquela deserção de fé tão claramente predita por nosso Senhor e descrita pelos apóstolos como uma indicação dos "últimos dias". Entretanto essa não é a unica interpretação possível.

A palavra “abandono” é a tradução do grego apostasia, que ocorre somente aqui e em Atos 21:21 no Novo Testamento. Historicamente, a palavra pode se aplicar a uma revolta política ou religiosa. Mas a que ela se refere aqui? Refere-se a uma apostasia da fé cristã? Ou a apostasia refere-se a uma rebelião política de algum tipo? Como já vimos, o primeiro é uma interpretação plausível, mas não é a unica possível.

Enquanto o único outro uso NT de apostasia (Atos 21:21) é uma apostasia religiosa, o sentido da apostasia em 2 Tessalonicenses 2:3 refere-se a ambas, uma rebelião religiosa e política, a Grande Revolta dos judeus. Como um exemplo disso, apostasia é a palavra que utiliza Josefo na discussão da revolta judaica de 66 dC. Em relação a este significado, Gentry escreve:

Nós podemos fazer um bom caso para a sua referindo-se à apostasia / rebelião judaica contra Roma. Curiosamente, Josefo chama a Guerra Judaica de apostasia contra os romanos: “E agora eu percebi inovações já foram iniciadas, e que havia um grande número muito elevado, na esperança de uma revolta [apostasia] dos romanos” (Life 4) . “Quando João, filho de Levi, viu alguns dos cidadãos mais elevado em cima de sua revolta [Apostasia] dos romanos, ele trabalhou para contê-los; e pediu-lhes para manterem a sua lealdade a eles”(ibid., 10). Provavelmente Paulo emerge os conceitos religiosos e políticos, embora

enfatizando a eclosão da Guerra judaica resultante da sua apostasia contra Deus.

Provavelmente Paulo une os dois conceitos de apostasia religiosa e política aqui, embora enfatizando a erupção da Guerra Judaica, que era o resultado da sua apostasia contra Deus.

Isso pode ser inferido de 1 Tessalonicenses 2:16, onde Paulo declara sobre os judeus que eles estavam "enchendo sempre a medida de seus pecados [isto é, apostasia religiosa contra Deus]. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente [isto é, o resultado da apostasia política contra Roma]." A apostasia (revolta) que Paulo menciona levaria à devastação militar de Israel (Lucas 21:21-22; 23:28-31; Atos 2:16-20). O encher a medida dos pecados dos pais (Mt. 23:32) leva ao julgamento de Israel, vindicando assim os justos assassinados em Israel (Mt. 23:35; cf. Mt. 24:2-34). A apostasia dos judeus contra Deus por rejeitar seu Messias (Mt. 21:37-39; 22:2-6), levou à mudança providencial de Deus do julgamento via a apostasia deles contra Roma (Mt. 21:40-42; 22:7).

A ênfase deve ser sobre a revolta contra Roma que era futura e datável, enquanto a revolta contra Deus era contínua e cumulativa. Isso é necessário para dissipar o engano como qual Paulo estava preocupado. Em conjunção com essa apostasia final e a destruição

consequente de Jerusalém, o Cristianismo e o Judaísmo foram separados para sempre e ambos expostos à ira de Roma.

Foi a apostasia judaica contra Roma, a Grande Revolta em 66 dC, que levou à revelação do homem do pecado. Tito, em resposta a esta revolta, liderou o ataque ao monte santo de Deus no dia do Senhor em 70 dC (cf. Dn 11:40-45).

A apostasia e a revelação do homem do pecado seria contemporâneo ou sequentes?

Há algum debate se a revolta e a revelação do homem do pecado são concomitante ou se eles formar uma sequência. É minha opinião que 2 Ts 2:3 estabelece uma sequência cronológica. Digo isso pela simples razão de que essa é a forma como os eventos aconteceram conforme a história. Primeiro, os judeus se rebelaram contra Roma, em seguida, Roma respondeu enviando Vespasiano e Tito para invadir a Terra Santa (isto é mostrado em Daniel 11:40-41). Isto levou à revelação de Tito como o homem do pecado, quando liderou o ataque ao monte santo de Deus, no início da primavera de 70 dC (Dn. 11:45). Tito capturou o Templo e foi adorado lá quando suas tropas sacrificaram em homenagem a sua imagem/nome em seus padrões (cf. Dn. 11:36-37). Esse eventos seguiram precisamente a seqüência cronológica dada em 2 Tessalonicenses 2:3-4. Deve ser lembrado que a razão pela qual Paulo escreveu 2 Tessalonicenses foi o de fornecer uma seqüência de eventos para que os tessalonicenses pudessem saber quando a parousia estava prestes a ocorrer.

Por que Paulo não revelou a identidade do Homem do Pecado?

Alguns perguntam por que Paulo é tão enigmático em sua discussão sobre o homem do pecado. A resposta para isso é simples: Paulo não sabia a sua identidade. O homem do pecado ainda não tinham sido revelado (2 Ts 2:3, 8). Como já discutido, o ensinamento de Paulo sobre o dia do Senhor foi largamente extraído de Daniel 11:36-12:13. Embora esta seção de Daniel revele o fundo profético para discussão de Paulo sobre o homem do pecado, uma identificação exata não poderia ser dada até que o iníquo realmente entrasse em cena. Como se viu, a revolta judaica e a vinda posterior do homem do pecado ocorreu há mais de quinze anos depois de Paulo escrever suas cartas aos Tessalonicenses. Tito tinha apenas onze anos de idade, quando Paulo escreveu aos Tessalonicenses; sua captura ao Templo não aconteceu por mais dezenove anos! De fato, Se Paulo morreu durante o reinado de Nero, é improvável que ele tenha conhecido a identidade exata do homem do pecado. Até o ano 69 dC parecia que Vespasiano seria o governante voluntarioso que iria liderar o ataque contra o santo monte de Deus em Jerusalém. No entanto, com a adesão de Vespasiano ao trono romano,

foi finalmente revelado que seu filho Tito (o chifre pequeno de Dn. 7:23-27) seria aquele por quem o governante demoníaco agiria com propósito de destruir Jerusalém e o Templo (Dn 9:26-27; Dn. 11:44-45; 12:7).

Por que Nero não poderia ser o Homem do Pecado?

Alguns argumentam que Nero foi o homem do pecado. Isso é impossível. O homem do pecado devia ser adorado no Templo (2 Ts 2:4.), Algo não realizado por Nero. Apesar deste fato, Gentry afirma que a intenção de Nero de ser adorado no Templo seria suficiente para cumprir essa profecia. Gentry sustenta que a construção gramatical de 2 Ts 2:4 "indica uma finalidade pretendida, não necessariamente um propósito realizado". A afirmação improvável que a mera intenção de ser adorado no Templo era suficiente para cumprir Tessalonicenses 2:4 é uma tentativa bastante tensa de Gentry para reforçar a sua posição de que Nero foi o homem do pecado. Infelizmente, ele não pode sequer mostrar tal intenção; não há registro de que Nero já teve a intenção de ser adorado no Templo de Jerusalém.

A identificação do homem do pecado com a besta individual do Apocalipse (ambos são retratados como o governante do mal que se opõe a Jesus e é derrotado por sua parousia; 2 Tessalonicenses 2:8.; Ap 19:11-21) também apresenta um problema considerável para aqueles que dizem que Nero foi o homem do pecado. Primeiro, Nero morreu em 68 dC; Como então ele poderia ser derrotado por Jesus vindo em 70 dC? Em segundo lugar, Nero nunca pôs os pés na Judeia; Como então ele poderia ser o único com intenção de capturar o templo e ser adorado lá?

Nero não somente não se ajusta aos critérios para o homem do pecado, ele não se encaixa nos critérios para a besta. A besta individual era para ser a pessoa que iria destruir a prostituta Babilônia (Ap 17-18). Gentry corretamente diz que Jerusalém do primeiro século era a cidade prostituta retratada no Apocalipse. No entanto Nero não destruiu Jerusalém, Tito o fez. Nero, certamente não se encaixa descrição de Daniel do rei do Norte (o governante que Paulo faz referência em sua descrição do homem do pecado). Nero não invadiu a Terra Santa; como

ele poderia ser a pessoa que liderou o ataque contra o santo monte de Deus em Jerusalém (Dn. 11:40-45)?

Mesmo Gentry tem reconhecido que o único líder romano que realmente cumpre a profecia de 2 Tessalonicenses 2:4 de ser adorado no Templo foi Tito. Gentry escreve o seguinte sobre isso: "o futuro imperador Tito realmente faz isso [de ser adorado no Templo] quando ele completa a devastação de Jerusalém movimentada por Nero. Tito invade o templo no ano 70 dC e seus soldados adoram Roma lá dentro". (Gentry, Perilous Times, 110.)

Gentry está tentando associar Nero com Tito aqui, em um esforço para reforçar sua afirmação de que Nero foi o homem do pecado. O simples fato, porém, é que era Tito, não Nero, que cumpriu a profecia do homem do pecado sendo adorado no Templo.

Qual Templo o Homem do pecado deveria tomar controle?

Alguns comentaristas, claro contra a identificação do homem do pecado no primeiro século, argumentam que o templo que Paulo estava falando refere-se à igreja. Beale escreve o seguinte ao longo destas linhas:

O que significa que o anticristo vai sentar-se no templo de Deus? Ele não se refere a um futuro templo reconstruído em Israel, nem é provável que se referem a alguma profanação passado do templo em Jerusalém. . . É mais provável que o templo é uma referência metafórica mais específico para a igreja como a continuação do verdadeiro culto. . . Consequentemente, [2 Tessalonicenses.] 2:3-4 ensina que nos últimos dias o assaltante virá para o meio da igreja e farão com que ele se torne predominantemente apóstata e incrédula. Ele, então, tentará assumir o controle da igreja realizando mais apostasia. (Beale, 1-2 Thessalonians, 209-210.)

Beale argumenta que em outros lugares nos escritos de Paulo onde ele usa o templo como expressão da habitação de Deus, e é sempre um uso simbólico. Isso é verdade, e inicialmente soa convincente, mas não é tão

atraente quando se realmente olha para os versos citados. Embora Paulo faz uso em outros lugares do templo como uma metáfora tanto para a igreja e o corpo do crente (veja abaixo), ele deixa bem claro que o templo literal não é feito nesses contextos:

Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?
Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.
1 Coríntios 3:16,17

Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?
1 Coríntios 6:19

E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.
2 Coríntios 6:16

Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina;
No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor.
No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.
Efésios 2:20-22

Agora olhe para 2 Tessalonicenses 2:3-4; o simbolismo óbvio nos versos acima simplesmente não existe:

“Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,

O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus".

Se nós seguirmos o exemplo de Beale e permitir que os outros lugares onde Paulo usa templo como expressão de habitação de Deus para ditar o significado do templo em 2 Tessalonicenses 2:4, pode-se quase tão facilmente concluir que Paulo estava ensinando que o homem do pecado tomaria seu lugar nos corpos físicos dos crentes em algum momento no futuro breve! Martin faz o seguinte ponto convincente sobre esta questão de saber se Paulo estava se referindo ao templo literal.

Paulo comumente usou naos [templo] do crente metaforicamente como o morada do Espírito Santo (1 Co 3:16-17; 6:19; 2 Co 6:16). Mas aqui deve ser usado literalmente se a passagem é para descrever um evento observável que a igreja poderia reconhecer como uma indicação da proximidade do dia do Senhor. (D. Michael Martin, 1, 2 Thessalonians, 236.)

Seria muito estranho se, em 2 Tessalonicenses 2:4, Paulo não estava falando do Templo de Jerusalém. Primeiro, Paulo estava escrevendo c. 50 dC, quando o templo ainda estava em existência e permaneceria em pé por mais vinte anos. Dado que não há qualquer indicação de uma referência simbólica para o Templo no versículo 4, os tessalonicenses teriam logicamente concluído que Paulo estava falando do Templo físico em Jerusalém.

Uma segunda (mais decisiva) indicação de que Paulo está se referindo ao Templo de Jerusalém é o fato de que ele se utiliza da escatologia de Daniel 11:36-45 no seu ensino em 2 Tessalonicenses 2. Daniel 11:36-45 descreve do ataque do rei do Norte contra o santo monte (v. 45) de Deus, seu ataque contra o templo literal em Jerusalém no tempo do fim. Assim, Paulo está expondo uma seção da Escritura que descreve uma agressão física no Templo de Jerusalém. Dizer que Paulo, neste contexto, esta usando o templo como um símbolo para a igreja não faz absolutamente nenhum sentido. Por último, o objeto da discussão de Paulo é a parousia

de Jesus (2 Ts 2:1, 8). Quando Jesus discutiu este tema, foi claramente no contexto da agressão e destruição do Templo de Jerusalém no fim dos tempos (Mateus 24:1-3.).

Tito Captura o Templo

Tito foi adorado no templo após sua captura no final do verão de 70 dC. Josefo relata que, como o Templo estava queimando, as tropas de Tito trouxe os padrões romanos e ofereceu-lhes sacrifícios:

Enquanto o rebeldes fugiram para a cidade, e as chamas estavam consumindo o próprio santuário e todos os seus arredores, os romanos trouxeram seus padrões para o pátio do Templo, e, erguendo-os em frente ao portão oriental, eles sacrificaram para eles lá, e com aclamação trovejante saudavam Titus imperator. (Josephus, The Jewish War, 6, 6, 6 (!), trans. Gaalya Cornfeld, 429.)

Os padrões romanos teriam as imagens do César reinante, bem como o seu nome (cf. Apocalipse 13:17):

Debaixo de águia ou outro emblema foi muitas vezes colocado a cabeça de imperador reinante, que foi para o exército o objeto de adoração idolatra (Josefo, A Guerra 2,9,2 judaica; Suetônio, A Doze Césares Tibério 48, Calígula 14; Tácito, Annals 1.39,40; 4,62). O nome do imperador, ou aquele que foi reconhecido como imperador, foi, por vezes, inscrito na mesma situação (Suetônio, The Twelve Caesars Vespasiano 6). . . . [Mais tarde, quando] Constantino abraçou o cristianismo [no século IV dC], uma figura ou emblema de Cristo, tecida em ouro sobre pano roxo, substituíu a cabeça do imperador.

Tito era o filho do imperador reinante a quem tinha sido dado o título de César por seu pai em 69 dC, e desde que suas tropas estavam proclamando-o como imperador (um título que, durante este tempo no império, era quase exclusivo ao imperador) havia certamente imagens de Tito sobre os padrões. Desde de que Tito tinha o mesmo nome de seu pai

(Titus Flavius Vespasianus), é certo que alguma forma de seu nome estava sobre os padrões que foram adorados.

Dado o ego inflado que Tito teve de seu triunfo, e dada a alusão a Daniel 11:36- 37 e 2 Tessalonicenses 2:4 descreverem o grande ego do rei do Norte / homem do pecado, é provável que as únicas imagens dos padrões foram as de Tito. Tendo capturado o Templo, Tito não estava inclinado a compartilhar sua glória com ninguém, nem mesmo seu pai. O historiador romano Michael Grant descreve presunção de Tito sobre sua conquista dos judeus:

A captura de Jerusalém por Tito lhe trouxe honras que seriam derramadas sobre ele no leste. Em Memphis, no Egito, como parte de um ritual tradicional, ele se permitiu ser coroado com um diadema. Por um tempo curto demais, moedas orientais emitidos em seu nome tinham o prefixo de imperador, a que somente o imperador tinha direito; e seus legionários, que o admiravam muito, inicialmente hesitaram oferecer o trono para seu pai ou para si mesmo.
Além disso, após o sucesso de Tito na Judeia, o senado votou a ele uma Triunfo independente. Mas isso foi logo depois convertido em um Triunfo conjunto com o seu pai. A situação começou a ficar um pouco fora de controle. Tito era vaidoso sobre a posição que ele tinha ganho, em relação a si mesmo como o fator decisivo na ascensão da dinastia ao poder, e mostrando pouco atraso em desfilar essa convicção. (Michael Grant, The Twelve Caesars, 229.)

Enquanto eu acredito que a versão de Josefo do que aconteceu quando Tito capturou o Templo é o suficiente para cumprir a profecia do homem do pecado sendo adorado no Templo, tenho a suspeita de que Josefo não está relatando todos os fatos. Como mencionado anteriormente, Josefo provavelmente minimizou ou omitiu atos mais condenáveis de Tito contra os judeus. Isso teria sido justificável uma vez que se trata de ações de Tito contra o Templo de Deus. Esta provável minimização não foi para preservar a reputação de Tito com os romanos mas para preservar a reputação de Josefo entre seus companheiros judeus (ele tinha sido o braço direito de Tito nestes eventos).

O historiador romano Dio Cassius apresenta um quadro muito diferente do que Josefo das intenções de Tito sobre o Templo. Dio escreve que foram os soldados romanos que tinham medo de violar a santidade do Templo e que Tito obrigou a profanarem: ". . . o templo foi agora aberto colocado aos Romanos. No entanto, os soldados por causa de sua superstição não se apressou imediatamente; mas, por fim, sob compulsão de Tito, eles fizeram o seu caminho para dentro." (Dio Cassius, Roman History, 15, 6, 2, Dio's Roman History, vol. VIII, trans. Earnest Cary, 269)

Eu acredito que a tradição judaica dá um sentido ainda mais correta (embora exagerada) de ações de Tito quando ele capturou o Templo. Os registros Talmude Babilônico relatam que Tito entrou no Santo dos Santos, espalhou um rolo da Lei, e fornicou em cima dele com uma prostituta;

Vespasiano enviou Tito, que disse: Onde está o seu Deus, a rocha em que se refugiavam? Este foi o Tito ímpios que blasfemou e insultado Céu. O que ele fez? Ele pegou uma prostituta pela mão e entrou no Santo dos Santos e espalhar-se um rolo da Lei e cometeu um pecado nele. Ele então pegou uma espada e cortou a cortina. Milagrosamente sangue jorrou e ele pensou que ele havia matado [Deus] a si mesmo, como ele diz, os teus inimigos bramam no meio da tua assembléia, eles criaram suas insígnias por sinais.

No original, diz que Tito "pensou que ele havia se matado", mas o tradutor observa que isto é um eufemismo pelos escritores por afirmar que ele havia matado Deus. A blasfêmia atribuída a Tito era tão Repugnante que os escritores do Talmud não ousaram repeti-lo diretamente. Da mesma forma, o pecado que Tito cometeu com a prostituta não é nomeada (embora esteja claro o que era) porque era muito blasfema. (Edição Hebraico-Inglesa do Talmud Babilônico, Gittin 56a, trad. Maurice Simon). Algumas peças desta seção são claramente míticas. Por exemplo, a narrativa continua dizendo que Tito foi morto por um

mosquito que entediado em seu cérebro, que não é como ele morreu. Mesmo que esta seção do Talmud contenha elementos míticos, a parte sobre a atitude blasfema de Tito contra Deus quando ele capturou o Templo é consistente com a natureza egoísta de Tito.

Embora reconhecidamente um pouco acima do topo, a conta de Tito fornicar na Lei de Deus no lugar mais sagrado do Templo certamente soa como um comportamento consistente com o homem do pecado! Curiosamente, o véu do templo, dividido em dois quando Jesus completou a sua missão (Mateus 27:. 50-51), é novamente rasgada como Tito completa sua própria missão: Cristo e Anticristo.

A Restrição do Homem do Pecado

Em 2 Tessalonicenses 2:6-7 Paulo discute como o homem do pecado estava sendo contido naquela época:

E agora vocês sabem o que o está detendo, para que ele seja revelado no seu devido tempo.
A verdade é que o mistério da iniqüidade já está em ação, restando apenas que seja afastado aquele que agora o detém. (NVI)

Paulo disse que o homem do pecado estava sendo contido até a hora de sua revelação. Tem havido muita discussão pelos comentadores sobre quem e o que estava restringindo o homem do pecado. O "quê" do versículo 6 é o particípio neutro; a "Ele" (ou "aquele") do versículo 7 é o particípio masculino. Russell Spittler observa que "em termos gramaticais, o que o detém o Homem do Pecado é neutro, referindo-se a uma força impessoal, enquanto que aquele que agora o detém é masculino, sugerindo uma figura pessoal". (Russell P. Spittler, footnote on 2 Thessalonians 2:6-7 in the Spirit Filled Life Bible: New King James Version, 1836)

Infelizmente, não temos ensinamento de Paulo sobre quem e o que estava restringindo o homem do pecado; Como resultado, a maior parte da discussão sobre este tema é de natureza especulativa.

O livro de Apocalipse, escrito aproximadamente quinze anos após as epístolas aos Tessalonicenses, pode trazer alguma ajuda na compreensão de quem e do que estavam restringindo o Homem do Pecado. Como mencionado anteriormente, a besta do Apocalipse é o mesmo que o homem do pecado, pois ambos são mostrados para ser o governante mal que seria derrotado por Jesus em sua parousia (2 Ts 2:8; Ap 19:11-21). Em Apocalipse, o "quê" que estava contendo a besta era o abismo (Ap 17:8). Isso significaria que o "ele" que restringia a besta / homem do pecado foi Deus ou, mais provavelmente, um de seus anjos (cf. Ap. 9:1-11; 20:1-3). O fato de que o limitador seria afastado (2 Tessalonicenses 2:7) soa muito mais apropriado a um anjo ao invés do próprio Deus. O ele, é claro, não faz nenhum sentido em ser Satanás ou suas forças.

Por volta de 40 dC, o imperador Caio (Calígula) ordenou que uma estátua de si mesmo fosse colocada no Templo judeu. No entanto, em 41 dC, antes de sua ordem ser realizada, Caio foi assassinado. Esta quase-ocorrência de um César sendo adorado no templo parece ter sido um possível caso o mistério da iniquidade "já estivesse agindo", mas, ao mesmo tempo contido (2 Tessalonicenses 2:7). O seguinte comentário de Beale se alinha com minha proposta que provavelmente era um anjo restringindo as forças demoníacas que trabalhariam através do homem do pecado:

Possivelmente comparável às atividades do "limitador" de Paulo [em 2 Ts. 2:7] é a observação do seguinte padrão de ação em Daniel 10:13, 20-21: (1) um ser celestial junto com Miguel suportam (= restringem?) Uma cabeça angélica malévola de um reino mundial maligno; (2) os dois (juntos aparentemente) então se afastam de resistir ao anjo perverso; (3) depois, os dois retornam para continuar resistindo ao mesmo anjo infernal, que rapidamente passa da cena apenas para ser seguido por outro ser celestial demoníaco com quem eles recomeçam sua atividade de resistência. A palavra usada por sua resistência é antech, (possivelmente também traduzida como "segurar", "segurar", "resistir", "agarrar"), que poderia em alguns contextos se sobrepor ao significado de katech, a palavra que Paulo usa em [2 Tessalonicenses 2:7. O que

favorece ainda mais a identificação angélica do “limitador” é o fato de que Paulo já aludiu a Daniel 11:31, 36 em [2Tess.] 2:4 e a referência a “mistério” em [2Tess.] 2:7 também em última análise, deriva de Daniel 2, que é o único lugar em todo o Antigo Testamento, onde "mistério" ocorre com um significado escatológico. Isso aumenta ainda mais a possibilidade de que Paulo tivesse em mente um anjo como aquele em Daniel 10 que estava resistindo às forças do mal sobrenatural. (Beale, 1-2 Thessalonians, 216-217.)

Como já foi comentado, não temos ensinamento de Paulo sobre quem e o que estava restringindo o homem do pecado; Como resultado, a maior parte da discussão sobre este tema é de natureza especulativa. Entretanto há três coisas faladas sobre o homem da iniquidade que desmente a ideia futurista:

1. “E, AGORA, SABEIS O QUE O DETÉM” – enquanto muitos em nossos dias procuram saber o que o detinha, o apóstolo Paulo deixa claro que os tessalonicenses sabiam o que o detinha, e naquele momento ("agora" para os tessalonicenses), ele estava sendo detido.

2. “...o mistério da iniquidade JÁ OPERA” – Esse mistério não vai operar em nosso futuro, já estava ativo nos dias de Paulo.

3. “...seja afastado aquele que AGORA O DETÉM” – pela terceira vez Paulo deixa claro que o homem do pecado era contemporâneo da igreja primitiva.

A Destruição do Homem do Pecado

Dentro 2 Tessalonicenses 2: 8-9 Paulo discute a revelação e, em seguida, a destruição do Anticristo.

E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;

A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira,

O iníquo seria revelado apenas quando o que estava restringindo as forças do mal que iria agir por ele fosse tirado. Assim como Jesus seria revelado em sua parousia, versículo 8 (Gr parusia; cf. 2 Ts 1:7), Assim também o homem do pecado seria revelado, versículo 9 (Gr parusia). A chegada de Tito foi a revelação do homem do pecado; mas a parousia de Jesus levaria à destruição dele (2 Ts 2:8). A princípio parece ser um problema em dizer Tito era o homem do pecado, já que Tito não foi morto em 70 dC. 2 Tessalonicenses 2:8 diz que parousia de Jesus iria 'destruir' o iníquo. Se Tito era o homem do pecado, como é que ele não foi morto na parousia de Jesus? Discutindo a palavra "destruir" (Gr katarge.) Em 2 Tessalonicenses 2:8 ("a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda"), Vine escreve:

(kata, para baixo, Argos, inativo) reduzir à inatividade. . . [Assim,] o Homem do Pecado é reduzido à inatividade pela manifestação da Parousia do Senhor com Seu povo.(W. E. Vine, An Expository Dictionary of New Testament Words, with Their Precise Meanings for English Readers (pp. 5-6, under the word "abolish") in An Expository Dictionary of Biblical Words.)

A palavra grega para "destruir" aqui não implica necessariamente a destruição física. A parousia de Jesus, "a manifestação da sua presença" (2 Ts 2:8. YLT), não matou Tito; em vez disso, tornou inativa as forças demoníacas que trabalharam através dele. Este conceito é semelhante à forma como a morte de Jesus na cruz não pois fim à existência de Satanás, ele destruiu seu poder: "visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou no mesmo que pela morte destruir [Gr. katarge] aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo"(Hb. 2:14).

Satanás não foi destruído em termos de deixar de existir em cruz; em vez disso, ele foi neutralizado, sua autoridade espiritual foi destruída (cf.

João 12:31-32; 1 João 3:8). Vine escreve o seguinte sobre isso: “Katarge = para tornar inativo, ou inútil. De forma semelhante à forma como posição de autoridade de Satanás foi destruído na cruz, o homem do pecado teve seu domínio tirado na parousia, e o povo de Deus herdou o reino (cf. Dn. 7:13, 21- 27).

Como Eu já disse anteriormente, em última análise, o homem do pecado não era Tito mas o espírito demoníaco trabalhando através de Tito, a besta que sobe do abismo (Ap. 1:7; 17:8). Foi este espírito demoníaco, não Tito, que foi lançado no lago de fogo na parousia de Jesus (Dn 7:11-13; Ap 19:11-21). Com isto em mente, não é correto referir-se a Tito como o homem do pecado após 70 dC, uma vez que o espírito demoníaco (um governante espiritual) que trabalhava através de Tito foi destruído pela parousia de Jesus em 70 dC. De acordo com Paulo, os governantes demoníacos da era pre-70 dC, estavam sendo “reduzidos a nada” (katarge, 1 Cor 2:6 NVI) (cf. Rm 16:20, Ap. 11:15-18).

Sinais e Maravilhas

2 Tessalonicenses 2:9 diz que a vinda do homem do pecado seria "de acordo com a operação de Satanás, com todo o poder, sinais e mentiras". O historiador romano Tácito nos diz que a segunda vinda de Tito, em 70 dC à Terra Santa, foi de fato assistida por sinais e maravilhas demoníacas, bem como oráculos e profecias. Ele disse que quando os flavianos conquistaram o trono romano, os romanos creram na realidade desses sinais: “profecias misteriosas já estavam circulando, e... presságios e oráculos prometiam a Vespasiano e a seus filhos a púrpura [isto é, o trono]; mas foi somente após a ascensão dos flavianos que nós romanos acreditamos em tais histórias ”.(Tacitus, The Histories, 1,10, trans. Kenneth Wellesley, 27)

FF Bruce faz uma observação muito interessante em termos de que tipos de sinais e prodígios de mentira pode ser esperado para acompanhar a vinda do homem do pecado:

Que forma são estas exibições sedutoras não são ditas. Em Apocalipse 13:13, o falso profeta persuade as pessoas a adorar a besta fazendo fogo descer do céu, mas se os eleitos devem ser desviados, algo mais na natureza dos milagres de cura pode ser esperado. No entanto, não são os eleitos que são desviados no presente contexto, mas aqueles que estão a caminho da perdição, cuja incredulidade os tornou ingênuos. (F. F. Bruce, 1 & 2 Thessalonians, 173)

Sob a luz dos comentários de Bruce, considere os milagres de cura que Suetônio registra Vespasiano ter realizado no final de 69 dC e início de 70 dC (o tempo exato que Tito estava se preparando para sua segunda vinda à Judeia):

Vespasiano, ainda bastante desnorteado em seu novo papel de imperador, sentiu uma certa falta de autoridade e imponência; no entanto, ambos os atributos foram concedidos a ele. Ao sentar-se no tribunal [em Alexandria, Egito], dois trabalhadores, um cego e outro manco, se aproximaram juntos, implorando para serem curados. Aparentemente, o deus Serapis prometera a eles em um sonho que se Vespasiano consentisse em cuspir nos olhos do cego, e tocasse a perna do homem coxo com o calcanhar, ambos seriam curados. Vespasiano tinha tão pouca fé em seus poderes curativos que demonstrou grande relutância em fazer o que lhe pediam; mas seus amigos o persuadiram a experimentr, na presença de um grande público - e o feitiço funcionou.(Suetonius, The Twelve Caesars, rev. ed. Vespasian, 7, trans. Robert Graves (New York: Penguin Books, 1986), 284.)

O que eu acho fascinante sobre estes milagres que Vespasiano realizou é que eles exatamente imitam os sinais que Jesus disse que atestavam o fato de que ele era o Cristo:

E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos,
A dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?
E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes:

Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho.
Mateus 11:2-5

Curiosamente, o cuspe de Vespasiano sobre os olhos para curar o cego imita o método que Jesus usou para curar o cego (Marcos 8:23). Assim como sinais miraculosos atestavam a autoridade do Cristo, assim também eles atestam a autoridade (demoníaca) da besta (cf. Ap 13:4-7).

Tácito também documenta os milagres de Vespasiano durante este período. Sua versão dos acontecimentos é essencialmente o mesmo que Suetônio, mas em vez de um homem coxo Tácito registra que era um homem com uma mão atrofiada que foi curado (mais um dos sinais que Jesus realizou, cf. Mt 12:10 12):

No decorrer dos meses [do início de 70 dC], que Vespasiano passou em Alexandria [Egito], esperando pela estação regular dos ventos de verão, quando o mar podia ser confiado [para poder navegar em Roma para assumir sua posição de imperador], muitos milagres ocorreram. Estes pareciam ser indícios de que Vespasiano desfrutava das bênçãos do céu e que os deuses mostrou uma certa inclinação para ele. Entre as classes mais baixas de Alexandria, havia um homem cego que todos conheciam como tal. Um dia, esse sujeito atirou-se aos pés de Vespasiano, implorando-lhe com gemidos para curar sua cegueira. Foi dito a ele para fazer esse pedido por Serapis, o deus favorito de uma nação muito viciada em crenças estranhas. Ele pediu que ao imperador para ungir seus globos oculares com a água de sua boca. Um segundo peticionário, que sofria de uma mão ressequida, também defendeu seu caso, também a conselho de Serápis: César o atacaria com o pé imperial? A princípio, Vespasiano riu deles e recusou. Quando os dois insistiram, ele hesitou. . . Vespasiano sentiu que seu o destino deu-lhe a chave para todas as portas e nada agora desafiava a crença. Com expressão sorridente e cercado por uma multidão expectante, ele fez o que foi pedido. Instantaneamente o aleijado recuperou o uso de sua mão e a luz do dia amanheceu novamente em seu companheiro cego. Ambos os incidentes ainda são

comprovados por testemunhas oculares, embora não haja agora nada a ganhar com a mentira.

Para todo mundo surpresa (especialmente de Vespasiano!) ele estava de repente realizando Milagres. Tácito continua sua descrição destes eventos:

Isso aprofundou o desejo de Vespasiano de visitar a casa sagrada de Serápis, pois ele desejava consultar o deus em questões de estado. Ele mandou todo mundo sair do templo e entrou sozinho, fixando sua mente na divindade. Olhando em volta, ele avistou um líder egípcio chamado Basilides de pé atrás dele. Agora ele sabia que esse homem estava detido por doença longe de Alexandria, em um lugar de vários dias de viagem de distancia. Ele perguntou a quem ele conheceu se ele havia sido visto na cidade. Por fim, constatou que, naquela hora certa, ele estava a oitenta quilômetros de distância. Então, ele supôs que era o deus que ele tinha visto e que a resposta à sua pergunta estava no significado do nome Basilides. (Tacitus, The Histories, 1, 10, trans. Kenneth Wellesley, 263-264)

Vespasiano procurou validar se o que aconteceu no templo de Sarapis era realmente um sinal do deus. Um militar de cabeça dura, não um místico milagreiro, Vespasiano queria ter certeza de que não estava sendo enganado por algum truque. O sinal de Vespasiano foi dado relacionado ao nome "Basilides", que significa "filho do rei". Esta foi provavelmente uma referência a o filho de Vespasiano, Tito; ele seria a chave para os eventos monumentais que estavam prestes a acontecer (cf. Daniel 7:23-25). Como mencionei anteriormente, Sarapis era o "deus estrangeiro" que ajudaria o rei do norte em seu ataque à Terra Santa (Daniel 11:39).

Era Vespasiano o Homem do pecado?

Se não fosse pelo fato de Suetônio e Tácito serem historiadores não-cristãos, os estudiosos poderiam facilmente tê-los acusado de dar um toque messiânico aos sinais e maravilhas que acompanharam a ascensão

de Vespasiano ao trono romano. Dados os impressionantes milagres que Vespasiano estava trabalhando, seria fácil confundi-lo com o homem do pecado. 2 Tessalonicenses 2:9, no entanto, diz que, embora a vinda do homem do pecado seria atendido por satânicos "sinais e prodígios de mentira", ele não diz que ele necessariamente realizaria os sinais. Como o caso em questão, Apocalipse 13 afirma que não é a besta do mar (v. 1), que realiza os milagres, mas sim seu cúmplice, a besta da terra (v. 11). No entanto isso não quer dizer que Vespasiano fosse a besta da terra. Tácito escreve que Vespasiano realizou "muitos milagres" durante o inverno de 69/70 dC; assim, vários outros sinais e maravilhas satânicos devem ter acompanhado a ascensão dos Flavianos ao poder.

Enquanto Vespasiano, o décimo governante do quarto reino de Daniel (Dn 2:42- 45; 7:7), era o que estava no trono no momento da vinda do Reino de Deus, foi através do pequeno chifre, o décimo primeiro governante (Tito), sobre quem o governante espiritual iria agir (Dn. 7: 7-12, 21-22). Seria Tito, que iria travar uma guerra contra o povo de Daniel por três anos e meio (Daniel 7:23-27; 12:7; Cf. Ap 13:5-7), não Vespasiano, que travou uma guerra contra o povo de Daniel para apenas dois anos e meio. Em 69 dC, a Tito foi dada a autoridade exclusiva sobre a Síria (domínio do rei do Norte); ele era o governante que iria invadir a Terra Santa do Egito (cf. Dn. 11:43-45). Vespasiano ficou no Egito à espera de ventos favoráveis para que ele pudesse navegar de volta para Roma. Assim foi revelado na primavera de 70 dC que Tito era o governante do mal que iria atacar santo monte de Deus (Dn. 11:36-37; 2 Ts. 2:4)

A Parousia de Tito

Mais uma vez, o tempo quando Vespasiano estava realizando seus milagres exatamente se encaixa na exigência de tempo de 2 Tessalonicenses 2:9: "A vinda [Gr. parousia] do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios de mentira." Vespasiano estava realizando seus milagres no momento da parusia de Tito, o tempo que Tito estava se preparando para invadir a Terra Santa um segundo tempo para terminar sua destruição da nação judaica. A

segunda vinda de Tito teve lugar na Páscoa, no início da primavera de 70 dC. Josefo registra que um sinal que envolveu a fonte de Siloé acompanhou a parusia de Tito, um milagre associado a um dos milagres de Jesus (João 9:7). Em um discurso aos judeus de Jerusalém, Josefo diz o seguinte sobre isso:

a guerra que Vespasiano nos fez o elevou ao império; e parece que a mesma natureza quis fazer um esforço, em favor de Tito, pois a fonte de Siloé e as outras que estão fora da cidade, que eram tão minguadas antes de sua vinda, a ponto de para se ter água, ser preciso gastar dinheiro, agora a fornecem em tal abundância que basta não somente para o exército romano, mas até mesmo para se regarem os jardins. E a mesma coisa aconteceu quando esse rei de Babilônia, de que falei, sitiou a cidade, tomou-a e a incendiou, bem como o Templo, embora eu não me possa persuadir de que a impiedade de nossos antepassados, que lhes trouxeram seme-lhante mal, fossem comparáveis às vossas. Não tenho motivo de crer que Deus, vendo esses santos lugares, consagrados ao seu serviço, conspurcados por tanta abominação, vos abandonou, para se colocar do lado dos que vós combateis? (Guerras, Livro 5, capítulo 26)

Josefo, em uma tentativa de convencer o povo de Jerusalém a se render a Roma, argumentou que Deus estava realmente no lado dos romanos. Ele estava parcialmente certo; Deus iria permitir que o homem do pecado prosperasse (Dn 11:36.) Até que a ira de Deus foi totalmente derramado sobre o Israel e a deixasse desolada (Dn. 9:26-27; cf. Mt 22:1-7). Os sinais que acompanharam parusia Tito são notavelmente semelhantes aos que Isaías profetizou iria acompanhar a vinda do Senhor:

Dizei aos turbados de coração: Sede fortes, não temais; eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará.
Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão.
Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo.

E a terra seca se tornará em lagos, e a terra sedenta em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos.
Isaías 35:4-7

Milagres de estilo messiânico acompanharam a chegada de Tito, cegos passaram a ver, coxos a andar e águas irrompendo em lugares secos. A segunda vinda de Tito a terra santa também trouxe consigo a vingança e a recompensa de Deus. Em uma inversão irônica, no entanto, isso não resultou em salvação para Israel, mas na destruição (Is. 35:4; cf. Lucas 21:20-32).

Sumário do Homem do Pecado

O homem do pecado seria o contra Deus (2 Ts 2:4.). Como tal, ele se oporia a Jesus, contra o Cristo. O homem do pecado um governante espiritual do mal que agiria através de um governante romano, que estava por vir no final da era, pouco antes da parousia (2 Ts 2:8; cf. Dn 7:13, 21-22; Ap 19:11-21). Ao fornecer um cronograma para o dia do Senhor e a parusia, Paulo disse que apenas dois eventos deveriam ocorrer: a apostasia (a Grande Revolta dos judeus) e a revelação posterior do homem do pecado (2 Ts 2:3. ; cf. Dn 11:40, 12:11).

O iníquo iria capturar o templo e procurar exaltar-se acima de tudo que se chama Deus (2 Ts 2:4). Isso aconteceria no dia do Senhor, o momento em que Jerusalém e seu Templo seria capturado e destruído (cf. Dn. 9: 26-27; Sf 1). Em sua discussão sobre o homem do pecado, Paulo está usando como referência a profecia do rei do norte de Daniel 11:36-45. O rei do Norte é semelhante descrito como aquele que iria exaltar-se acima de todos os deuses (vv. 36-37) e liderar o ataque ao monte santo de Deus (o templo) no dia do Senhor (vv. 40-45).

Este foi o tempo da grande aflição e ressurreição de Israel (Dn. 12:1-13; cf. 1 Ts 1:10; 2 Ts 1:3-10). Estes eventos foram cumpridas no momento do ataque de Tito e captura do templo no ano 70 dC. Neste momento Tito se exaltou acima de tudo que se chama Deus, ele recebeu a

adoração e sacrifícios de suas tropas. Curiosamente, estes eventos ocorreram durante a segunda invasão da Terra Santa, sua segunda vinda.

A parusia do homem do pecado (2 Ts 2:9) terá lugar pouco antes da parusia de Cristo (2 Ts 2:1, 8). O espírito demoníaco que tinha trabalhado através de Tito, o homem do pecado, seria destruído por Jesus em sua parousia em 70 dC (2 Ts 2:8). O homem do pecado foi neutralizado neste momento e o espírito demoníaco lançado no lago de fogo (cf. Dn. 7:7-14; Ap 19:11-21). Assim, não é tecnicamente correto para se referir a Tito como o homem do pecado além de 70 dC. O homem Tito viria a tornar-se o décimo primeiro César (o pequeno chifre se tornou um grande chifre, por assim dizer). O homem que era conhecido como "o ímpio Tito" pelos judeus ficou conhecido como o "mais gentil e querido da raça humana" pelos romanos. Eu acredito que esta diferença extrema na percepção foi devido a destruição do espírito demoníaco que tinha trabalhado através de Tito. Isso não quer dizer que Tito se tornou um santo depois de 70 dC, mas apenas que as poderosas forças do mal que tinha vindo para trabalhar através dele foram destruídos pela vinda da presença do Senhor em 70 dC: "E então será revelado o iníquo , a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua presença"(2 Ts 2: 8. YLT).

Por último, Suetônio dá o seguinte resumo de alguns dos muitos talentos de Tito:

Ele tinha uma aparência distinta, que era tal que não havia menos autoridade nela do que encanto; ele tinha uma força excepcional, embora não fosse alto e tivesse um estômago excessivamente proeminente; e ele tinha uma memória única e uma capacidade de aprender virtualmente todas as artes da guerra e da paz. Ele era muito hábil no uso de armas e na equitação; em suplicar ou em compor poesia em latim e em grego ele era afiado e fluente, até ao ponto de compor no local; nem ele estava sem conhecimento de música, já que ele cantava e tocava a lira de uma maneira agradável e habilidosa. (Suetonius, The Flavian Emperors: A Historical Commentary, The Deified Titus 3, trans. Robert Milns, Brian Jones, and Robert Milns (London: Bristol Classical Press, 2002), 23.)

No exterior, o homem do pecado era um homem sofisticado e culto. Satanás raramente vem como um dragão; mais frequentemente, ele vem como um anjo de luz (2 Co 2:11:14;cf. Ap. 13:11).

A Morte de Tito

Os romanos tinham se preocupado que Tito, por causa de sua reputação cruel, seria um imperador do mal; como se viu, não era esse o caso. De Tito, Suetônio escreve: "Foi mesmo pensamento e profetizou abertamente que ele seria um segundo Nero. . . Então, assim que todos perceberam que se tratava de nenhum monstro viciado, mas de um caráter excepcionalmente nobre, a opinião pública não tinha culpa para encontrar nele." (Suetonius, The Twelve Caesars, rev. ed. Titus, 7, trans. Robert Graves, 295.)

Isso parece indicar uma mudança bastante significativa no comportamento de Tito.
Mesmo assim, Tito reinou como imperador (79-81 dC) em um curto período (dois anos e dois meses) e cheio de catástrofe, como registros Suetônio revelam: "O reinado de Tito foi marcado por uma série de catástrofes uma terrível erupção do Monte Vesúvio na Campânia, um incêndio em Roma, que durou três dias e noites, e um dos piores surtos de peste que já tinham sido conhecidos ". (Suetonius, The Twelve Caesars, rev. ed. Titus, 8, trans. Robert Graves, 296)

Como se poderia esperar, o descontentamento de Deus parecia acompanhar o reinado de Tito. A Bíblia declara que "se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá" (1 Co 3:17). Embora Paulo tenha escrito isso no contexto dos crentes sendo o templo de Deus, também pode ser aplicado àquele que destruiu o Templo de Jerusalém. Tendo isso em mente (assim como o fato de que a voz de Deus pode ser confundida com o trovão; cf. João 12:28-29) considere os eventos que cercam a morte de Tito:

No final dos Jogos, ele [Tito] chorou publicamente; e então partiu para o território de Sabine com um humor sombrio porque a vítima havia escapado quando ele estava prestes a sacrificá-lo, e porque o trovão soou no céu claro. Ele desmaiou de febre na primeira estação de postagem, a caminho do local em uma liteira, diz ter puxado as cortinas para trás, olhou para o céu e reclamou amargamente que a vida lhe estava sendo imerecidamente roubada - Um único pecado estava em sua consciência. O que foi que ele não revelou, e era difícil adivinhar o que ele queria dizer, e ele não revelou isso na época. . .

Eu acredito que o trovão "no céu claro" era a voz de Deus dizendo a Tito que seu tempo acabou. O protesto de Titus ao céu e sua subsequente morte inesperada dá credibilidade a essa proposição. A coisa sobre o qual Tito se sentiu culpado levou a uma boa dose de especulação por historiadores. Apesar de Suetônio citar alguns que acreditavam que Tito estava se referindo ao seu caso com a esposa de seu irmão, ele duvidava que fosse a resposta. (Suetônio acreditava que a esposa de Domiciano teria se gabado disso se fosse verdade!)

Alguns acreditavam que Domiciano havia envenenado Tito (cf. 2 Esd 12:22-28) e que o único arrependimento de Tito foi não ter eliminado Domiciano. Alguns que são mais românticos em seu pensamento propuseram que o único arrependimento de Tito foi nunca se casar com o amor de sua vida, a rainha judia Berenice.

Qual foi o único pecado que pesou na consciência de Tito, não podemos ter certeza. De todas as suas transgressões, a que deveria ter pesado mais em Tito, quando ele ficou cara a cara com o Todo-Poderoso, foi a sua desolação ao Templo e a destruição do antigo povo da aliança de Deus. Apesar do fato de que esses eventos foram profetizados nas Escrituras (Dn 9:26-27; 11:36; 12:7), ai daquele que voluntariamente participou deles (cf. Mt 26:24).

2 Tessalonicenses 2 e a Reunião dos Eleitos

Eu seria negligente se eu comentasse sobre o que é comumente conhecido como o encontro do povo de Deus que estava para acontecer na parousia:

Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.
2 Tessalonicenses 2:1-4

No Sermão do Monte, Jesus disse que essa reunião do qual Paulo refere-se a era para acontecer dentro daquela geração:

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.
Mateus 24:31-34

Em relação a este ajuntamento do povo de Deus que estava para acontecer em 70 dC, Gentry escreve:

A “reunião com ele” de 2 Tessalonicenses 2:1 capta a referência do Senhor em Mateus 24:31. A palavra traduzida por “reunir” aqui é episunagoge. Nós encontramos esta palavra em outro lugar apenas em Hebreus 10:25, onde se fala de um conjunto de adoração. Mas sua forma verbal cognato aparece em Mateus 24:31, onde o encontro se refere a “esta geração” (Mt. 24:34). Aqui significa chamar os eleitos para a igreja pelo trombetear do arquétipo Grande Jubileu (cf. 2 Ts 1:. 1; 2:14). Aqui [em 2 Ts 2] ele funciona da mesma maneira: com a vinda destruição de Jerusalém e do Templo, a partir desse ponto os cristãos serão “reunidos” em uma “assembléia” separada e distinto (episunagoge) -A Igreja é chamada a sunagoge em Tiago 2:2.

RT França assume uma posição similar; ele diz que as palavras de Jesus em Mateus 24:31 ‘devem ser interpretadas’ como uma referência para o final da velha ordem aliança em 70 dC:

A coleta do povo de Deus em [Mt.] 24:31, que é modelado nas promessas do AT sobre o reagrupamento de Israel dentro da história, decorre naturalmente da entronização do Filho do Homem como o novo foco da autoridade depois que o templo, a base de poder tradicional do povo de Deus, foi removido. Em outras palavras, as palavras preditivas de Jesus em 24:29-31 não só permitem, mas, quando entendida no seu contexto do AT, precisam ser interpretados como parte da questão [no v 3] sobre a vinda destruição do templo. Ele vai marcar o fim da velha ordem, a ser substituída pela soberania vindicada do Filho do Homem.
A Reunião e a Colheita

O encontro do povo de Deus na destruição da nação judaica no ano 70 dC é mostrado em Apocalipse 14, na forma da colheita:

E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a

sua foice à terra, e a terra foi segada. E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras. E o anjo lançou a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e atirou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.
Apocalipse 14:14-20

Apocalipse 14 nos mostra (por meio de símbolos) Jesus reunindo seu povo (a colheita da Terra; vv 14-16; cf. Mt 24:29-34.). Imediatamente após isso, a vinha da Terra (As Vinhas da Ira) é recolhido e destruído no lagar da ira de Deus (. Vv 18-19; cf. Is 63:1-6; Mateus 3:7-12). Esse encontro acontece no momento em que a besta destrói a infiel Israel (prostituta Babilônia; Ap 14:8-11). Este foi o tempo da destruição dos mordomos infiéis da vinha de Deus (Mt 21:33-43; cf. Is 5:1-7.). A colheita da vinha da terra é um símbolo mais apropriado para a destruição Israel (Sl. 80:8-9; Jr 6:9; Os 10:1). A imagem de Israel como a videira pode ser visto nas vinhas de ouro (com uvas tão grandes quanto um homem!) Que pairavam acima do portão do Templo (Josephus, A Guerra Judaica 5, 5, 4).

Minha interpretação de que a colheita de Apocalipse 14:14-20 aconteceu no julgamento de Israel no ano 70 dC é confirmado pela área que o banho de sangue resultante cobre. Em Apocalipse 14:19, o anjo reúne a vinha da terra e lança-as no grande lagar da ira de Deus. O resultado (em v. 20) não é suco de uva, mas o sangue, a inundação de que se espalha por uma área de "mil e seiscentos estádios", que era o comprimento norte-sul da Terra Santa. Ladd observa, este "é uma distância de cerca de cento e oitenta e quatro milhas-a todo o comprimento da Palestina. Toda a terra é retratado como sendo inundados de sangue a uma profundidade de cerca de quatro pés."

A menção de sangue alcançando os "freios cavalos" aqui (v. 20) é mais do que uma hipérbole apenas apocalíptica. O único lugar no AT que fala dos freios de cavalos é encontrado em Zc 14.20. Não é coincidência, esta referência ocorre no contexto da realização final da Festa de Tabernáculos / Colheita. A Septuaginta versão de Zacarias 14:20 diz que no cumprimento final da festa da colheita, mesmo algo tão banal como freios dos cavalos seria santo em Israel: "Naquele dia será sobre o freio de cada cavalo será Santidade ao Senhor Todo-Poderoso; e os caldeirões na casa do Senhor serão como bacias diante do altar. E todas as panelas em Jerusalém e na Judéia será santo ao Senhor Todo-Poderoso. . ."(Zacarias 14: 20-21. LXX). Em uma inversão irônica disso, Apocalipse 14 mostra a contaminação de Israel atingindo até mesmo os freios dos cavalos em 70 dC.

A Colheita e o Fim da Era

A interpretação do encontro espiritual do povo de Deus no fim da era no ano 70 dC é ainda reforçada pela parábola do joio e do trigo, em que Jesus comparou o fim da era da antiga aliança para a ceifa;

E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno; O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniqüidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.
Mateus 13:37-43

Como Apocalipse 14, há duas reuniões aqui: uma para destruição, sendo expulsos do reino de Deus, o outro para a glória no reino de Deus (cf. Lc 2,34). Novamente, isto refere-se ao fim da antiga aliança. Este foi o momento em que os apóstatas da aliança de Deus foram destruídos e seu

novo povo da nova aliança herdou o reino de Deus (cf. Mt 21:33-45; cf. Lucas 19:11-27). Como mencionei anteriormente, há uma alusão encontrada em Mateus 13 ao fim da Era, conforme discutiremos em Daniel 11:36-12:13. Os justos brilham "como o sol, no reino de seu pai" em Mateus 13:43 corresponde ao sábio brilhando como "o fulgor do firmamento" em Daniel 12:3. João Batista usou de forma semelhante a imagem da colheita ao advertir Israel da ira vindoura no fim da Era:

E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo. E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará.
Mateus 3:7-12

Mais uma vez, pessoas seriam espiritualmente reunidos na plenitude da nova aliança/reino no momento em que Israel sofreu a ira de Deus:

Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.
Mateus 8:11,12

A Colheita a Reunião e a Ressurreição de Israel

Daniel 12:1-2 também mostra a estreita ligação entre a grande aflição (e, assim, a chegada do homem do pecado) e a reunião dos eleitos no tempo do fim. Primeiro, o Homem do Pecado (o rei do Norte) viria à Terra

Santa, (Dn 11 40-45.) isto resultaria na grande tribulação (Dn. 12:1), tempo no qual a ressurreição/colheita/reunião é cumprida (Dn. 12:2):

Naquela época [o tempo do ataque do rei do Norte ao Templo; Dn. 11:45] se levantará Miguel, o grande príncipe que está vigilância sobre os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo. E naquele tempo o teu povo será entregue, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. . . Será por um tempo, tempos e metade de um tempo; e quando o poder do povo santo foi completamente destruída, todas estas coisas serão cumpridas.
Daniel 12:1-2, 7

Daniel 12:1-2 destrói qualquer tentativa de separar a grande tribulação da ressurreição de Israel. Como foi comentado, preteristas parciais concordam que a grande tribulação ocorreu em 70 dC, mas poucos conseguem perceber a conexão entre a reunião e a colheita de Mateus 24:31, 37-51 e Mateus 13:37-43 com ressurreição de Daniel 12. Como já foi comentado, a ressurreição de Daniel 12 não é a ressurreição física do ultimo dia, que é um evento completamente alheio que vai acontecer no Segundo Advento de Jesus. Daniel 12:1-7, no entanto, claramente conecta os dois eventos, a tribulação e a ressurreição de Israel e amarra-los para 70 dC, na quebra da nação judaica.

Que Jesus deu a mesma seqüência como Daniel não deve ser uma surpresa; ele estava ensinando Daniel no Monte das Oliveiras! Jesus falou pela primeira vez sobre a vinda do príncipe que há de vir, o chifre pequeno, e da grande tribulação que resultaria na destruição do santuário: “Portanto, quando você vê a 'abominação da desolação de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo. . . então haverá grande tribulação. . .”(Mt 24:15, 21;. Cf. Dn 9:27;. 12:11). Jesus passou a falar a reunião dos santos que aconteceria logo após esse período tribulação: “Logo depois da tribulação daqueles dias. . . Ele enviará os seus anjos com grande som de uma trombeta, os quais reunirão os seus eleitos. . . Em verdade vos digo que esta geração de modo algum passará até que

todas estas coisas sejam cumpridas" (Mt. 24:29, 31, 34). Isso equivale com a ressurreição/colheita (terminus ad quem) após a grande tribulação em Daniel 12:1-3.

Novamente como Apocalipse 14, há duas reuniões aqui: uma para destruição, sendo expulsos do reino de Deus, o outro para a glória no reino de Deus (cf. Lc 2,34). Novamente, isto refere-se ao fim da antiga aliança. Este foi o momento em que os apóstatas da aliança de Deus foram destruídos e seu novo povo da nova aliança herdou o reino de Deus (cf. Mt 21:33-45; cf. Lucas 19:11-27). Uns estão ressuscitando para vida eterna enquanto outros para desprezo eterno (confira comentário sobre a ressurreição em Daniel 12)

Apocalipse 11 mostra a mesma sequência. A besta da abismo supera as duas testemunhas (um símbolo de Santos; At 1:8; 2:32; 5:32, etc)., Por um período três anos e meio (v 7-10; cf. Dn 7:25; 12:7; Ap. 13:5-7). Os santos são então reunidos em uma nuvem divina (v. 11-14). O reino de Deus está totalmente estabelecido no reino terrestre nesse ponto, a destruição daqueles que estavam destruindo (isto é, moralmente arruinar) a Terra de Israel (v 15, 19; Observar, a palavra grega "Ge" muitas vezes é melhor traduzida como "terra" em Apocalipse, em vez de 'mundo'). Novamente, 70 dC é tempo do pleno estabelecimento do Reino de Deus (cf. Dn. 2:34-35, 44-45; Dn. 7:13-14, 21-27) o tempo da ressurreição / reunião / colheita e julgamento de Israel (cf. Dn 7:7-11).

E o sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: "Os reinos do mundo vieram a ser os reinos de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para sempre e sempre!". . . "As nações se enfureceram, e sua ira chegou e o tempo dos mortos, que eles devem ser julgados, e que você deve recompensar seus servos, os profetas e os santos, e aqueles que temem Seu nome, pequenos e grandes, e deve destruir aqueles que destroem a terra."
Apocalipse 11:15, 18

A Festa da Colheita

A reunião / colheita do povo de Deus teve lugar em 70 dC, na destruição da nação judaica no final da antiga aliança. Vendo como a realidade espiritual que a Páscoa e Pentecostes apontaram foi cumprida no momento dessas festas (cf. Atos 2:1-4), é lógico que Deus iria reunir o seu povo no tempo da Festa dos Tabernáculos (novamente, também conhecida como a festa da colheita, Ex. 23:14-17). Esta festa teve lugar no Outono (Set./Out.); Ela conclui o ciclo anual das festas religiosas de Israel e celebra a reunião final da colheita (que, como demonstrei, a Bíblia usa como símbolo do fim dos tempos, cf. Mt 13:36-43; Ap. 14:14-20).

Daniel disse que haveria 1.290 dias a partir da abominação da desolação (Dn. 12:6-11) ou seja, a vinda daquele povo que faria Israel desolada (Dn 9:27; cf. Lc 21 20-21) até a queda do templo em 70 dC. Quarenta e cinco dias depois, um período abençoado deveria começar (v. 12). Quarenta e cinco dias passados a destruição de Jerusalém traz à conclusão da festa da colheita no ano 70 dC; este era o tempo do fim, a colheita no fim da era da antiga aliança.

Alguns comentaristas tentam traçar uma conexão entre a reunião/colheita e o arrebatamento dos santos que envolve uma reunião física literal. Porém estes são assuntos completamente diferentes, a reunião/colheira/ressurreição de Israel foi um encontro espiritual, que aconteceu em 70 dC, não um encontro físico. Isto cumpriu a profecia a respeito de Jesus, que ele "iria reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos" (Jo 11:52). O ponto importante é que Jesus disse esta reunião do seu povo, na plenitude do reino de Deus, estava para acontecer naquela geração, dentro do tempo de vida de alguns ouvintes de Cristo (Mt 16:27-28, 24:31-34). Como Paulo disse, este encontro deveria acontecer em 70 dC na parousia de Jesus e com a derrota do homem do pecado (2 Ts 2:1-8).

E sobre 1 Tessalonicenses 4?

Preteristas Parciais, como eu, concordam que todos os "encontros" que mencionei falam de 70 dC. (Por exemplo, Mt 3:7-12; 13:37-43; 24:29-

34; 2 Ts. 2:1-4; Ap. 14:14-20). Há uma exceção, seria o arrebatamento de 1 Tessalonicenses 4:13-18. A razão para isto é simples: 1 Tessalonicenses 4 fala do Segundo Advento de Jesus (cf At 1:9-11) e claramente da ressurreição física no último dia. (Preteristas Completos tendem a atacar o preterismo parcial como a argumentação de que se Dn. 12:1-7 e Ap. 11:15-18 falam de uma ressurreição durante um período de tribulação no ano 70 dC, a ressurreição de 1 Tessalonicenses 4 e 1 Coríntios 15 devem ser a mesma de Daniel 12 e Apocalipse 11, o que não é verdade e argumentaremos). Como preteristas parciais entendemos que o arrebatamento acontece no Segundo Advento (At 1.9-11, 1 Ts 4:16-17, 1 Co 15:52). Dizer o contrário deve ser considerado como heresia, pois vai contra a história da igreja. Não devemos confundir os credos com a ortodoxia. Os credos não são infalíveis; eles não são o último teste de ortodoxia. O padrão final é escritura. RC Sproul oferece o seguinte conselho equilibrado ao longo destas linhas:

"[Edward] Stevens defende o preterismo completo da acusação de heresia, não argumentando que os credos, de fato, apoiar esta posição, mas argumentando que os credos não são o teste final da ortodoxia. O teste final é a escritura conformidade, não para os credos. Ele ressalta que a tradição reformada é inflexível sobre isso. O princípio da Reforma, sola Scriptura foi forjada nesse caminho. . . Pessoalmente eu me assusto com a idéia de ir contra um testemunho tão unificada e forte para a fé histórica, mesmo que eu compreenda a possibilidade de que eles [os credos] estejam errados em pontos. Todos os que estão inclinados a divergir com os credos devem observar uma luz de advertência e mostrar muita cautela. É claro que esta luz de advertência empalidece em comparação com a autoridade da própria Escritura... Concordo com todos os preteristas que o que está em jogo aqui é a autoridade de Jesus, e nós devemos ser consumidos com a manutenção de sua autoridade. Para ser totalmente sincero, devo confessar que eu ainda estou incerto sobre algumas questões cruciais. Estou convencido de que a substância do Sermão do Monte foi cumprida em 70 dC e que a maior parte do Apocalipse também foi cumprida em curto espaço de tempo. Partilho as preocupações de [Kenneth] Gentry sobre o preterismo completo, particularmente em questões como a consumação do reino e da

ressurreição dos mortos. Na análise final Estou confiante de que tanto Stevens e Gentry concordam que estas questões devem ser resolvidas com base em exegese bíblica."

Partilho as preocupações de Sproul sobre preterismo completo; Quanto ao tema do pleno estabelecimento do reino e da ressurreição, Daniel 7 e 12 mostram claramente eles acontecendo no ano 70 dC, mas essa ressurreição não deve ser confundida com a ressurreição geral do último dia, a ressurreição em foco é a ressurreição / restauração espiritual de Israel, e não a ressurreição física.

A derrota do pequeno chifre, o décimo primeiro (a derrota do príncipe demoníaco trabalhando através de Tito, cf. Dn 9:26.), aconteceu logo após a grande tribulação (Dn 7:13, 15-27; cf. Dn. 11:40-12:7). Se a Escritura vai ser o nosso guia, é difícil escapar do fato de que este era o início da ressurreição e do juízo de Isarel (Dn. 7:7-11). Esses problemas estão longe de ser simples, tornam-se muito mais fácil quando você começar o seu estudo com o livro de Daniel, em vez do livro de Mateus, isto é, se você não tem Jesus como chave hermenêutica, a chance de você se equivocar em matéria de escatologia (e qualquer tema da Bíblia) é de 100%.

Neste ponto, a questão é saber se a reunião do povo de Deus para a plenitude da nova aliança (cf. Mt 3: 7-12; Jo 11:52) encontrados em 2 Tessalonicenses 2:1 e Mateus 24:31 (o que estava para acontecer na vida útil dos ouvintes de Jesus) é o mesmo que os santos serem apanhados de que Paulo escreveu em 1 Tessalonicenses 4. o último evento é comumente referido como (Gr Harpaz ‘arrebatamento’)

Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e

com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras. 1 Tessalonicenses 4:13-18

Paulo não imaginou como suas metáforas coloridas para a segunda vinda de Jesus seriam mal entendidas dois milênios depois. Ao analisar esta seção da Escritura devemos antes de mais nada referir que a imagem da reunião (Gr. sis apant, v. 17), do Senhor no ares é retirado da antiga prática dos cidadãos de uma cidade indo ao encontro de um dignitário (aquele que ocupa cargo elevado) na sua chegada ao seu território. Os cidadãos saem para recebe-lo e escoltá-lo de volta para sua cidade (ou seja, ele vem para a localização daquelas pessoas; e não eles que vão a sua localização). É digno de nota que não há menção alguma de sermos levados para o Céu.

A palavra sis apant é encontrado em apenas dois outros lugares no NT, e em ambos os lugares ele tem o significado acima. Em Atos 28:15, os crentes de Roma saíram para "conhecer" Paulo e escoltá-lo de volta para sua cidade. Da mesma forma, em Mateus 25:1-10, as virgens saem para "encontrar" o noivo e escoltá-lo de volta para o salão do casamento. Assim, a imagem evocada em 1 Tessalonicenses 4:15-17 é o de crentes sendo fisicamente apanhados para ir ao encontro de Jesus e escolta-lo de volta à terra. A ideia de crentes sendo transportados fisicamente para o reino celestial em um arrebatamento é estranha ao texto. Podemos entender da seguinte forma:

Os versos 15-17 parecem ser expressos em linguagem e imagens que descrevem a chegada de um grande dignitário. Os arautos anunciar sua vinda. As multidões saem para fora de sua cidade para encontrá-lo e comemorar sua chegada. Neste ponto, tal dignitário não levaria a multidão com ele e sai da cidade. Em vez disso, a multidão deveria escoltá-lo para a cidade. Em outras palavras, a forma mais provável para completar o cenário pintado por Paulo é assumindo que após a recepção de seu povo Cristo não irá sair, mas irá continuar com sua parusia. O que

a nossa passagem retrata não é a remoção da igreja, mas os estágios iniciais do retorno de Cristo no último dia.

A descrição de Paulo do Segundo Advento de Jesus em 1 Tessalonicenses 4 é uma versão de cores vivas do que ele diz em duas outras passagens, 1 Coríntios 15:51-54 e Filipenses 3:21 na segunda "vinda" ou "aparição" física de Jesus todos serão “mudados” ou “transformados” para que seus corpos mortais se tornem incorruptíveis, imortais. Isso é tudo o que Paulo pretende dizer em Tessalonicenses, mas aqui ele empresta imagens - de fontes bíblicas e políticas - para melhorar sua mensagem. Mal sabia ele que suas metáforas ricas seriam mal interpretadas dois milênios depois.

As metáforas misturadas de trombetas sopradas por Paulo e dos santos sendo arrebatados ao céu para encontrar o Senhor não devem ser entendidas como verdade literal, como sugere a série Deixados para Trás, mas como uma descrição vívida e biblicamente alusiva à grande transformação do corpo dos santos e do mundo atual de que ele fala em outro lugar.

Os intérpretes modernos supõem que as palavras “arrebatados”, “nuvens” e “ares” equivalem a deixarmos a Terra para sermos para o Céu. Provarei nas próximas linhas que as palavras “arrebatados”, “nuvens” e “ares” não podem significar que os santos deixarão a Terra para serem levados para o Céu. Não há declarações claras que nos levem a essa conclusão ou que justifiquem o ensinamento de um arrebatamento secreto ou a ideia de que Jesus vem para buscar a Sua Igreja. Para essas três palavras (arrebatados, nuvens e ares) que nos dão descrições de algo, usaremos o contexto para determinar a interpretação.

Da mesma forma que em 1 Coríntios 15, aqui em 1 Tessalonicenses 4 o apóstolo Paulo também está tratando do tema sobre a ressurreição dos mortos. Devemos tomar ciência de que aqui ele usa a mesma linguagem que usou em 1 Coríntios 15. Temos a sequência da trombeta que soa, os mortos sendo ressuscitados (não indo para o Céu) e "nós", sendo transformados. A linguagem usada nos leva a entender que Paulo está

falando sobre a ressurreição dos mortos, no último dia. Além disso, no começo do versículo 13, encontramos mais provas para estabelecer o contexto do que Paulo realmente está querendo dizer.

No versículo 13, Paulo declara:

"Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança".
(1 Tessalonicenses 4:13)

Duas lições podem ser aprendidas aqui. A primeira é que o apóstolo estabelece o contexto desse capítulo como sendo sobre a ressurreição dos mortos (não sobre o arrebatamento especificamente como muitos sugerem). A evidência disso é que ele começa e termina seu discurso falando sobre os crentes em Cristo que morreram, tendo como esperança a subsequente ressurreição deles. Paulo em seu discurso também usa a mesma linguagem simbólica, do sono, para descrever a morte e a ressurreição de Lázaro. No texto de João 11:11-14 Jesus disse: "Assim falou; e depois disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, DORME, mas vou DESPERTÁ-LO DO SONO. Disseram, pois, os seus discípulos: Senhor, se DORME, estará salvo. Mas Jesus dizia isto da sua morte; eles, porém, cuidavam que falava do repouso do sono. Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro ESTÁ MORTO...".

Jesus usa para Seus discípulos uma linguagem figurada, chamando a morte de Lázaro de sono. Foi justamente quando os discípulos não entenderam o que o Mestre estava tentando transmitir a eles, que Jesus teve que dizer as claras que Lázaro havia de fato morrido. Da mesma forma que Jesus usou essa figura de linguagem, Paulo também a usa em relação aqueles que "dormem" ou "estão mortos" em Cristo. Eles serão despertados de seu "sono" ou ressuscitados dentre os mortos, assim como aconteceu com Lázaro. Usando a ideia de sono e despertamento Paulo estava claramente falando sobre a ressurreição dos mortos. Portanto, para entender o que está sendo dito aqui em 1 Tessalonicenses

4, é preciso levar em consideração que o assunto não é sobre o arrebatamento, mas é sobre a ressurreição dos mortos.

O segundo ponto que aprendemos no versículo 13 é que Paulo usou linguagem simbólica desde o início desse assunto sobre a ressurreição. Ele usa a palavra "dormir" visando que os seus leitores tessalonicenses tenham uma maior compreensão do estado de um cristão após a morte. A analogia da morte como sono é bem simples de se entender, pois é comparada a ideia de que quando dormimos, deitamos nossas cabeças no travesseiro, mas, tão certo quanto nasce um novo dia, acordaremos de nosso "sono". Assim é a experiência daquele que morre em Cristo.

Seu espírito vai para estar com Jesus (2 Coríntios 5:8) e seu corpo é colocado para descansar na sepultura. Quando chegar o dia da ressurreição, o crente salvo também irá subir, ser arrebatado, da morte com o Filho no poder da ressurreição, com seu novo corpo físico glorificado. É por isto que não somos como os pagãos que não têm esperança, porque nosso Salvador venceu a morte e, como consequência disso, aqueles que morrem em Cristo também ressuscitarão da morte. Ao considerarmos o que significa as palavras "nuvens" e "ares", devemos entender que o apóstolo Paulo, assim como Jesus, estava usando linguagem simbólica para falar sobre a ressurreição dos mortos.

Essas três palavras, "arrebatados", "nuvens" e "ares" serão analisadas aqui para determinar seu verdadeiro significado simbólico. Vamos começar pela palavra "arrebatados". Esta palavra em grego é "harpazo". De acordo com o Léxico Grego do Novo Testamento de Edward Robinson, essa palavra significa: "pegar e remover, apanhar, levar, arrebatar...".

De acordo com o Dicionário Grego-Português do Novo Testamento, "harpazo" significa:

"Arrebatar, tirar a força (Jo 10.28); roubar (Mt 12.29); retirar, levar embora (At 23.10); atacar (sentido possível em João 10.12)".

A Concordância de Strong e as Definições Gregas de Thayer referenciam a palavra da seguinte forma: “pegar (longe, para cima), arrancar, puxar, pegar (à força).

A Definição grega de Thayer:

1) para aproveitar, levar pela força
2) para se apossar, reivindicar para um auto ansiosamente
3) para pegar ou fora

Veja o leitor que não há mistério em torno da definição clara dessa palavra. Nos livros do Novo Testamento essa palavra é usada cerca de 13 vezes diferentes e é traduzida de 6 maneiras diferentes. Em todos os casos em que é usada, temos a implicação de que essa palavra não sugere que o sujeito deixa a Terra para morar no Céu. Existem somente dois episódios na Bíblia em que sugere que os indivíduos deixaram a Terra e foram para o Céu, mas, uma análise mais detalhada mostrará que isso simplesmente não é verdade. O relato é encontrado em Apocalipse 12:5, onde fala da mulher vestida de sol que deu à luz a um filho varão que foi “arrebatado” ao trono de Deus. Nessa cena o filho varão da mulher vestida de sol não está sendo arrebatado da terra para o Céu, mesmo porque a mulher já estava no céu quando ela deu à luz (Apocalipse 12:1). A mulher vestida de sol deu à luz no céu e a criança foi “arrebatada” ou “levada” ao trono de Deus.

O segundo relato de suposto arrebatamento para o Céu encontramos em 1 Coríntios 12:2, 4, onde Paulo foi “arrebatado” e teve uma revelação do terceiro Céu. O problema é que na experiência dessa visão Paulo não sabia se estava no corpo ou fora do corpo, mas muito provavelmente essa visão foi semelhante à de João, o qual ao receber uma visão do Céu, estava em espírito (Apocalipse 4:2) e, portanto, assim como João, Paulo provavelmente nunca saiu da Terra.

No discurso de 1 Tessalonicenses 4, o leitor poderá notar que alcançar as nuvens,ou os ares, não envolve deixar a Terra. A ideia de “arrebatados” está sendo usada no mesmo sentido que “levantar” ou “ressuscitar” que

Paulo usa em 1 Coríntios 15:52 e Jesus em João 11:23. Ser ressuscitado ou transformado não é ser retirado desta Terra, mas é ser transformado pelo poder de ressurreição. Um exame minucioso de 1 Tessalonicenses 4:16-17 nos mostra que a frase "ressuscitarão primeiro" no versículo 16 comanda a interpretação da palavra "arrebatados" no verso 17, fazendo assim uma correlação direta entre as duas ideias.

1 Tessalonicenses 4:16-17 diz: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor".

Quando o versículo 16 afirma que os mortos em Cristo "ressuscitarão", e o versículo 17 declara que nós, os que ficarmos vivos, seremos "arrebatados" com eles, o apóstolo Paulo não está transmitindo a ideia de "ascensão" ao céu. A ideia que Paulo estava querendo dizer é que ao sermos "arrebatados", estaremos sendo levantados da morte, ressuscitados com eles. A questão que fica na mente de todos é: para onde vamos nos aproximar ou subir?

O versículo 17 deixa claro que "seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens". O verso em questão não está dizendo que seremos arrebatados para sermos levados para o Céu de glória. Justamente por isto precisamos descobrir o significado das "nuvens". Seriam essas nuvens naturais? Se a resposta for não, então que tipo de nuvens são estas? Para descobrir o significa as "nuvens" nesse contexto de 1 Tessalonicenses 4, devemos olhar para outros versículos referentes as nuvens na vinda de Cristo para que possamos entender o padrão bíblico.

A perspectiva bíblica nos mostrará que essas nuvens não são naturais. A palavra grega usada para nuvem é "nephele" e é usada 26 vezes no Novo Testamento. O curioso é que dessas 26 vezes em que aparece, essa palavra é usada para descrever nuvens naturais apenas uma vez. É fato bíblico que a nuvem ou as nuvens geralmente estão associadas à presença e/ou à glória de Deus.

As nuvens como presença e glória de Deus

Algumas passagens bíblicas indicam que as nuvens costumam ser usadas para se referir à presença de Deus e/ou Sua glória. Vamos começar com o famoso texto da transfiguração de Cristo em Mateus 17:5: "E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; ouça-o".

Essa de fato não foi uma nuvem natural, mas uma nuvem da presença e glória de Deus da qual Ele falou com os discípulos. Em 1 Coríntios 10:1-2 diz: "Também não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar; E todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar...".

Essa é a conhecida nuvem de glória associada a Moisés e aos filhos de Israel no deserto. Poderíamos dizer que os próprios filhos de Israel quando viram aquela nuvem, não disseram: "Bem, é melhor nos escondermos porque parece que vai chover". Pelo contrário, eles já sabiam que essa nuvem era a presença manifesta de Deus e era uma visão gloriosa. O livro de Números fala a respeito dessa nuvem do Senhor: "E dirão aos moradores desta terra, os quais ouviram que tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que face a face, ó Senhor, lhes apareces, que tua nuvem está sobre ele e que vais adiante dele numa coluna de nuvem de dia, e numa coluna de fogo de noite".
(Números 14:14)

Outros textos associam as nuvens do céu com a vinda de Cristo. Embora alguns desses textos estejam em linguagem simbólica retirada do Antigo Testamento, encontramos várias referências nos evangelhos, veja:

"Então, verão o Filho do homem, que vem em uma nuvem, com poder e grande glória".
(Lucas 21:27)

“E então verão o Filho do homem vindo nas nuvens, com grande poder e glória”.
(Marcos 13:26)

“E disse Jesus: Eu sou; e vereis o Filho do homem sentado à direita do poder, e vindo nas nuvens do céu”.
(Marcos 14:62)

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram”.
(Apocalipse 1:7)

Embora em linguagem simbólica, todos esses textos afirmam que Jesus está vindo “nas” ou “com as nuvens” de glória. No Antigo Testamento o vir nas nuvens é uma metáfora do julgamento de Deus - e no caso em questão que vimos acima – foi um julgamento de Deus que caiu sobre Jerusalém no ano 70 d.C. por terem rejeitado o Messias. Diversas passagens do Antigo Testamento usam esse conceito de “vir sobre as nuvens” como uma metáfora para Deus vindo julgar cidades ou nações. Veja a seguir algumas passagens:

Julgamento de Deus sobre o Egito:

“Peso do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito...”. (Isaías 19:1)

“Porque está perto o dia, sim, está perto o dia do Senhor; dia nublado; será o tempo dos gentios”. (Ezequiel 30:3)

Julgamento de Deus sobre Nínive:

“...o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés”. (Naum 1:3)

Julgamento de Deus sobre Israel:

“Dia de trevas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os montes...”. (Joel 2:2)

O Messias como Deus e Rei que julga:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.
E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”.
(Daniel 7:13-14)

Em nenhuma dessas passagens acima Deus literal ou fisicamente veio cavalgando numa nuvem. É como disse Brian Godawa:

“A noção de vir sobre as nuvens com tempestades e trovões é um modo usado no Antigo Oriente Médio para falar sobre deidades vindo julgar nações e cidades. O Egito foi saqueado pelos assírios (Isaías 9:23-25). Nínive foi destruída pela mão de Nabucodonosor, da Babilônia (Ezequiel 30:10). Mas Deus é descrito como quem estava usando essas forças pagãs para seus propósitos de julgar tais cidades. É assim que Deus “veio sobre as nuvens”.

Apesar de serem passagens simbólicas de julgamento por parte de Deus, essas passagens sempre associam as nuvens com a manifestação da glória divina. Por outro lado, é obvio que na Segunda Vinda de Cristo o mundo será inundado pela glória de Deus, pois o sobrenatural estará unido ao natural, o tempo estará unido a eternidade, e assim, é óbvio que a ressurreição de toda a criação trará não simplesmente nuvens naturais sob o efeito da entropia como temos hoje, mas nuvens com a manifestação do poder da ressurreição. Fica claro, então, que a ideia em questão em 1 Tessalonicenses 4:17 é que em meio a ressurreição seremos apanhados “nas” nuvens, na glória de Seu poder de ressurreição

As nuvens como sendo “os mortos em Cristo”

Embora ignorada pela maioria dos crentes, uma outra maneira de entender o significado das nuvens é enxergá-las como "a grande nuvem de testemunhas". Em Hebreus 12:1 diz:

"Por isso, vendo nós também somos cercados por tão grande nuvem de testemunhas, ponhamos de lado todo o peso, e o pecado que tão facilmente nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos é proposta".

Essa grande nuvem de testemunhas, que estão nos cercando, é descrita em Hebreus 11:39-40: "E todos estes, tendo obtido um bom testemunho através da fé, não receberam a promessa: Deus providenciou algo melhor para nós, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados".

Não há dúvidas de que a grande nuvem de testemunhas é aquela que obteve um bom testemunho. Os santos do Antigo Testamento que obtiveram um bom testemunho são os heróis da fé do capítulo 11 de Hebreus. Eles foram os fiéis que guardaram a fé, perseverando e vencendo até o fim de suas vidas. Eles agora estão todos mortos na carne e junto a Deus no Céu. Sendo eles a grande nuvem de testemunhas, e também aqueles que irão ressuscitar conforme 1 Tessalonicenses 4, estaremos no momento da ressurreição entres eles (nuvens), pois quando Cristo voltar, Ele não virá sozinho, mas trará juntamente de si aqueles que morreram anteriormente. Na ressurreição, Cristo trará de volta à vida "a grande nuvem de testemunhas". E os santos serão arrebatados, ou melhor, ressuscitados entre as nuvens.

O significado da palavra "ar" ou "ares"

"...a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor".
(1 Tessalonicenses 4:17)

A palavra "ares" não significa que estamos deixando a Terra no momento da ressurreição. Basta uma análise dentro do contexto que teremos essa conclusão. Temos duas palavras gregas que muitas vezes

são traduzidas como “ar” no Novo Testamento. Essas palavras trazem consigo dois significados diferentes. As palavra gregas são “Ouranos” e “Aer”. Um exame dessas palavras permitirá que se entenda a verdadeira interpretação de seu uso em 1 Tessalonicenses 4:17.

A palavra grega “Ouranos”

O Dicionário Grego-Português do Novo Testamento define essa palavra como: “Céu (o espaço acima da terra) (Atos 2.5); céu (morada de Deus, dos anjos e dos remidos) (2 Co. 5.1); Deus (Lc 15.18)”.

Veja a seguir como a palavra grega “Ouranos” é usada nas Escrituras:

Ouranos como Céu espiritual:

Lucas 10:20: “Não obstante, não nos regozijemos, porque os espíritos estão sujeitos a vós; antes alegrai-vos, porque os vossos nomes estão escritos no céu”.

Lucas 11:16: “E outros, tentando-o, dele procuraram um sinal do céu”.

Ouranos como céu físico:

Mateus 16:2: “Ele respondeu, e disse-lhes: Quando é tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu é vermelho”.

Lucas 12:56: Hipócritas, podeis discernir a face do céu e da terra; mas como é que não discernis desta vez?

Ouranos no sentido de ar (atmosfera):

Mateus 6:26: “Eis as aves do céu; porque não semeiam nem colhem, nem recolhem nos celeiros; todavia seu Pai celestial os alimenta. Não sois muito melhores do que eles?

Marcos 4:4: E aconteceu que, quando semeava, alguns caíram à beira do caminho, e as aves do céu vieram e devoraram-no.

A palavra grega "Ouranos" não foi a que o apóstolo Paulo usou para falar de nosso encontro com o Senhor nos "ares", pois isto significaria que esse encontro seria onde os pássaros voam e há nuvens naturais, ou significaria o Céu, no sentido da habitação de Deus. Ficaria, talvez, difícil de discernir o local certo desse encontro. No entanto, a palavra grega usada 1 Tessalonicenses 4:17 é a palavra grega aer e ajuda a lançar mais luz sobre o local desse encontro. Seu significado de acordo com o Léxico Grego do Novo Testamento de Edward Robinson é: "...a atmosfera vaporosa inferior... No Novo Testamento, geralmente o ar, atmosfera, At 22.23; 1 Ts 4.17...".

A Concordância de Strong define esta palavra como "respirar inconscientemente, isto é, respirar; por analogia, para soprar", o ar "circumambiente ou circundante", o ar que respiramos ao nosso redor, ou seja, a atmosfera mais baixa". As Definições Gregas de Thayer definem essa palavra como "o ar, particularmente o ar mais baixo e mais denso, distinto do ar mais alto e mais raro". Tanto a Concordância de Strong bem como as Definições Gregas de Thayer concordam que a palavra grega "Aer" significa "respirar" e "a atmosfera mais baixa onde respiramos o ar que nos rodeia". É o ar "inferior" que respiramos, distinto do ar "mais alto" e mais raro (como em onde as nuvens naturais são ou o céu).

Por favor, guarde em sua mente essas definições acima. Preste atenção de como essa palavra grega é usada nas Escrituras. No Novo Testamento, em especial em 1 Tessalonicenses 4, essa palavra é traduzida como "ar". Observe algumas passagens onde a palavra "Aer" é usada:

Atos 22:23: "E, gritando eles, e desnudando as suas vestes, e lançando poeira ao ar...".

1 Coríntios 14:9: “Assim também vós, se não falares com palavras de língua fácil de entender, como se dirá o que é dito? porque falarás no ar”.

O fato de em Atos 22:23 eles jogarem poeira no ar, isso significa que o ar está bem acima da cabeça deles. Em 1 Coríntios 14:9 eles falaram no ar como estando bem na frente ou perto de seus rostos. Por isto, essa palavra grega está associada à atmosfera inferior que nos rodeia. Quando usada refere-se aqui na terra no lugar em que estamos. Não há nada nessa palavra grega que possa indicar que os santos vão estar deixando a Terra para irem para o Céu, mas, ao contrário disso, é Jesus quem está vindo do Céu para a Terra para apanhar os santos vivos transformados no poder da ressurreição, numa grande nuvem de glória, junto também a grande nuvem de testemunhas ao encontro do Senhor nessa atmosfera inferior que nos rodeia aqui na terra.

É exatamente isso o que 1 Tessalonicenses 4:13-17 está dizendo para todos nós leitores. Ambas as palavras gregas, “Ouranos” e “Aer”, são usadas por Paulo para a descrição da ressurreição. Agora que estamos cientes da diferença entre essas duas palavras gregas, observe como são usadas nos seguintes versículos. Antes disso, vamos refrescar a memória sobre o significado de “Ouranos” e “Aer”:

Ouranos - onde os pássaros voam, onde estão as nuvens, céu - atmosfera mais baixa onde respiramos.

Para um melhor entendimento do que é dito pelos escritores bíblicos, vou colocar essas palavras gregas onde elas são usadas.

1 Tessalonicenses 4:16-17:
“Porque o mesmo Senhor descerá do céu (Ourano) com grande brado, à voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus; e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados [ressuscitados] juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares (Aer)”.

Temos então que Jesus está descendo do céu (Ouranos) para a terra, esta atmosfera inferior (Aer). E no momento dessa descida, todos serão "arrebatados" ou transformados pelo poder da ressurreição (a grande nuvem de testemunhas). É evidente que tudo isso acontecerá na Terra ou em nossa atmosfera inferior. Este assunto não esgota por aqui. Há muito mais que poderia ser dito a respeito de 1 Tessalonicenses 4:13-17, mas por enquanto acredito que seja o suficiente para o leitor entender de uma vez por todas.

Para finalizar este tópico, deixo aqui as brilhantes e riquíssimas palavras do teólogo N. T. Wright sobre essa questão do arrebatamento de 1 Tessalonicenses 4:

"A Ascensão de Jesus e a Segunda Vinda são, no entanto, doutrinas cristãs vitais, e eu não nego que acredito que algum evento futuro resultará na presença pessoal de Jesus dentro da nova criação de Deus. Isso é ensinado em todo o Novo Testamento fora dos Evangelhos. Mas este evento não se assemelhará à história relatada na Série Deixados para Trás. Entender o que vai acontecer requer uma cosmologia muito mais sofisticada do que aquela em que "o céu" está em algum lugar lá em cima em nosso universo, em vez de em uma dimensão diferente, em um espaço-tempo diferente".

Sobre 1 Tessalonicenses 4:13-18, Gentry, um preterista parcial [tal como eu] concorda que, uma vez que fala da ressurreição física, ele deve ser, por conseguinte, descrever um futuro retorno final (v. 16). Gentry demostra que devemos distinguir a reunião dos santos de 2 Tessalonicenses 2:1 e Mateus 23:31, do arrebatamento de 1 Tessalonicenses 4:13-18.

Como Gentry vejo a reunião de 2 Tessalonicenses 2:1 como acontecendo em 70 dC, mas o arrebatamento de 1 Tessalonicenses 4:17 como cumprida durante um futuro advento final de Jesus. Essa ideia de que Paulo estava falando de duas coisas diferentes em duas vindas diferentes do Senhor é de deixar preteristas completos irritados. Preston [que é um preterista completo] tenta argumentar que a reunião dos santos na

parousia de Jesus falada em Mateus 24:31 e 2 Tessalonicenses 2:1 não é diferente do arrebatamento dos santos na parousia de Jesus em 1 Tessalonicenses 4:17:

Eu quero que você se concentre na linha dos comentários de Paulo [abertura em 1 Ts 4:15-18]: "De acordo com a própria palavra do Senhor." Paulo está deixando-nos saber que o que ele diz nestes versos é direto do próprio ensino de Jesus. Então, aqui está a questão: onde nos discursos de Jesus encontramos a previsão de sua vinda que se adapta a linguagem de 1 Tessalonicenses 4? Onde nos ensinamentos de Jesus poderia Paulo ter encontrado as próprias palavras e descrições que ele repete aqui em Tessalonicenses? Onde nos ensinamentos de Jesus é que vamos encontrar cada elemento constituinte listados por Paulo? A resposta a essa pergunta é muito simples, no Sermão do Monte [no] Mateus 24.

Aqui está o equivoco de Preston, é verdade que "De acordo com a própria palavra do Senhor." Paulo está deixando-nos saber que o que ele diz nestes versos é direto do próprio ensino de Jesus, o que Preston não percebe aqui, é que o ensinamento de Jesus do qual Paulo está se referindo, é o ensino da ressurreição no último dia. "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança", o foco de Paulo era motivar aqueles cristãos sobre a vida pós morte. Vamos conferir o ensino de Jesus sobre a ressurreição:

"Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo". (João 5:28, 29)

Essa ressurreição acontece quando chega o dia perfeito, o último dia da história humana, sem data marcada, sem ser possível saber exatamente quando acontece:

"E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia”.

“De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”.

“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia”.

“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

“Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia”.

“Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia".
(João 6.39, 40, 44, 54; 11.24; 12.48)

Nem Jesus nem os Apóstolos definiram a data que Cristo retomará, nem quando os mortos ressuscitam, Jesus apenas diz que será no último dia. Os preteristas completos interpretam mal afirmando que a expressão “pela palavra de o Senhor”, é uma referência do apostolo às palavras de Jesus em Mateus 24. Assim, existe uma suposição de que todas as referências à vinda de Cristo no Novo Testamento se referem a Sua vinda em juízo sobre Israel no ano 70 d.C. Para dar base a tais afirmações, eles dizem que existem semelhanças entre as passagens de Mateus 24 e 1 Tessalonicenses 4-5.

Para provar essa tese, os preteristas completos usam colunas paralelas para comparar os dois versículos. Segundo Brian Schwertley “embora haja algumas semelhanças, as diferenças entre as duas passagens superam as semelhanças”. Isso porque, segundo o preterismo parcial, Mateus 24 não tem absolutamente nada a ver com a segunda vinda de Cristo corporal.

Pois bem, vamos agora ver os argumentos defendidos pelos preteristas completos, usados para dar suporte à afirmação de que Mateus 24 e 1 Tessalonicenses 4 e 5, seriam semelhantes. Eles afirmam que "não são apenas as características principais do "Monte das Oliveiras" no relato de Paulo, mas até mesmo a ordem é substancialmente a mesma".

Vamos agora analisar esses argumentos do preterismo completo sempre seguido de uma refutação:

1. O próprio Cristo retorna - 1 Tessalonicenses 4:16 / Mateus 24:30

Refutação: Sim, há uma vinda de Cristo em ambos os textos, mas não um retorno físico em ambos. Em 1 Tessalonicenses trata-se do retorno corporal, a Vinda em que o Senhor "descerá dos céus". No texto de Mateus 24.30, temos a parousia em juízo contra a nação de Israel. Sobre Mateus 24.30 o Dr. Gary DeMar escreveu:

"Em primeiro lugar, o texto não fala de Jesus aparecendo no céu (físico). A tradução direta do grego, palavra por palavra, ficaria assim: "e então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu. Jesus disse aos discípulos para olharem o sinal de sua entronização no céu".

2. No céu - 1 Tessalonicenses 4:16 / Mateus 24:30

Refutação: conforme já vimos, em 1 Tessalonicenses 4 o Senhor "descerá dos céus" ao passo que em Mateus 24.30 apenas o sinal do Filho do Homem aparece no céu.

3. Com um soar de trombeta - 1 Tessalonicenses 4:16 / Mateus 24:30

Refutação: Embora haja semelhanças no tocante a trombeta em ambos os textos, as diferenças são também enormes. Em 1 Tessalonicenses 4.16 a trombeta em questão é a última trombeta, pois o retorno pessoal de Cristo está sempre associada com a ressurreição física dos mortos. Veja isto 1 Coríntios 15.52: "...num momento, num abrir e fechar de olhos, ao

ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados".

A trombeta descrita em Mateus 24.30 é totalmente diferente, veja isto no comentário de Gary DeMar:

"A"grande trombeta" é o chamado do Evangelho. Remete a Números 10.1- 10 onde trombetas de prata foram feitas para chamar o povo à adoração e para cadenciar sua marcha. Também se refere ao Jubileu, o ano em que a terra voltava para os donos originais, o ano em que Satanás é desapossado e Cristo reclama para si o mundo (At 3.19-21). O ano do Jubileu significou a vinda do Reino de Cristo, e foi anunciado por trombetas (Lv 25.8-17; Lc 4.16- 21; Is 61.1-3). A voz dos mensageiros do Evangelho atua de forma similar ao som da trombeta chamando o povo ao arrependimento: "Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados" (Is 58.1; v. Tb. Jr 6.1; Ez 33.3-6; Rm 10.18). A trombeta também é usada para reunir a nação como povo unificado: "E será, naquele dia, que o Senhor padejará o seu fruto desde as correntes do rio até o rio do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E será, naquele dia, que se tocará um grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo, em Jerusalém" (Is 27.12,13).

O ajuntamento se dá desde a Assíria até o Egito, lugares aonde os judeus foram levados em cativeiro. Edward J. Young escreveu: "Esse linguajar figurado simboliza o chamado para o retorno. Não devemos conceber uma trombeta literal soprada".

Mateus 24.31 se baseia no imaginário do Antigo Testamento para simbolizar a grande obra que estava prestes a ter início: o grande ajuntamento do povo de Deus em uma nova nação".

4. Acompanhado por anjos - 1 Tessalonicenses 4:16 / Mateus 24:31

Refutação: Aqui o autor escorrega, o texto de 1 Tessalonicenses 4.16 não fala de anjos, mas de arcanjo e também apenas diz que o senhor descerá do céu com "voz de arcanjo" (cf. Jo 5:28) ao passo que em Mateus 24.31 diz que "ele enviará os seus anjos" (no plural) para reunir os seus escolhidos. Já em 1 Tessalonicenses 4:16, o arrebatamento acontece pelo poder de Deus e não pelo trabalho dos anjos.

5. Com a trombeta de Deus - 1 Tessalonicenses 4:16 / Mateus 24:31

Refutação: mais uma vez encontramos diferenças e não somente semelhanças! Em 1 Tessalonicenses 4:16 é "ressoada a trombeta de Deus" para em seguida o Senhor descer dos céus. Em Mateus o grande "clangor de trombeta" é para enviar seus anjos para reunir os seus escolhidos.

6. Crentes reunidos - 1 Tessalonicenses 4:17 / Mateus 24:31, 40-41

"...depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor".

Observe que em 1 Tessalonicenses, os vivos são arrebatamentos (ressuscitados) juntamente com os mortos, assim de certa forma são todos "reunidos". O problema é que em Mateus 24.31 o significado é outro, veja a passagem: "E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus".

O escritor Gary DeMar comenta esta passagem assim:

"O termo grego traduzido por "anjos" (angelos) é utilizado ao longo da Bíblia como designação de "mensageiros" humanos (2Cr 26.15; Ag 1.13; Ml 2.7; 3.1; Mt 11.10; Mc 1.2; Lc 7.24,27; 9.52; Tg 2.25). Com isso em vista, alguns comentaristas interpretam que Jesus disse da seguinte forma: depois do juízo sobre Jerusalém, seus mensageiros pregariam o Evangelho do Novo Pacto muito além das fronteiras do

Império Romano. Ainda que essa seja uma interpretação possível, R. T. France, que argumentava dessa maneira, agora crê "ser mais provável que os anjos desempenhem o papel de 'missionários' para juntar o povo de Deus" (cf. a descrição dos anjos em Hb 1.14: "Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?").

É muito interessante que esses escolhidos são reunidos apenas do ponto de vista terreno. Do ponto de vista da importância que Jesus deu a ressurreição dos mortos em seu ministério terreno É MUITO INTERESSANTE QUE EM MATEUS 24 NADA É FALADO QUER DIRETA OU INDIRETAMENTE a respeito das almas que estavam no Hades, ou de corpos sendo ressuscitados. Também absolutamente nada é falado sobre a reunião dessas almas com os vivos.

7. Nas nuvens - 1 Tessalonicenses 4:17 / Mateus 24:30

Em 1 Tessalonicenses 4:17, o arrebatamento acontece "entre nuvens" que como já vimos é uma referência aos santos ressuscitados. No caso de Mateus 24.30 a ênfase recai no fato de que Jesus está vindo em julgamento: "e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu". Vir nas nuvens é indicação de juízo (Ezequiel 30.3; Joel 2.1,2; Naum 1.3; Isaías 19.1; v. Tb. Salmos 104.3,4). Baseado em textos bíblicos, Gary DeMar comenta que "as nuvens são o símbolo da presença de Deus – de sua salvação ou de seu juízo". No caso de Mateus 24.30, é uma citação direta de Daniel 7.13 que diz:

"Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele". A vinda do Filho do Homem aqui é a vinda em juízo, e que em seguida se dirige a Deus Pai a fim de receber o Reino. Com isso em vista, fica claro que em Mateus 24.30 Jesus descrevia para os discípulos a chegada do reino de forma poderosa e triunfal, pois haveria de infligir a vitória justa contra seus inimigos".

Em 1 Tessalonicenses 4:17 não temos referência sobre o Reino, mas sobre o encontro para estarmos com o Senhor para sempre.

8. Tempo Desconhecido - 1 Tessalonicenses 5:1-2 / Mateus 24:36

Antes de prosseguir preciso pontuar que eu defendo que 1 Tessalonicenses 5 não é o mesmo assunto de 1 Tessalonicenses 4; eu acredito que 1 Tessalonicenses 5 é o mesmo assunto de Mateus 24, ali fala sobre o dia do senhor, sobre a vinda de Cristo como ladrão contra Israel, e aqui veremos realmente as semelhanças.

"Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite".

"Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai". Seja qual for a vinda de Cristo, seja em julgamento contra uma igreja, seja em julgamento contra Israel no ano 70 d.C., ou mesmo o arrebatamento e a ressurreição no final dos dias, jamais Deus nos forneceu ou fornecerá alguma data. Leia todos os textos que fala das vindas de Cristo, da ressurreição e mesmo os juízos divino no antigo Testamento e me fale se existe algum indicativo de datas. Os juízos de Deus são iminentes, ninguém sabem quando se darão!

9. Virá como um ladrão - 1 Tessalonicenses 5:2,4 / Mateus 24:43

Novamente devo lembrar aqui que Mateus 24 e 1 Tessalonicenses 5 estão tratando do mesmo evento. Veja o que Jesus falou especificamente para a igreja de Sardes:

"Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como

ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti". (Apocalipse 3:1-3)

Podemos ver essa linguagem de vinda como ladrão também em 2 Pedro 3, que também se refere ao ano 70 dC:

O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão.
2 Pedro 3:9,10

10. Incrédulos desconhecem juízo iminente - 1 Tessalonicenses 5:3 / Mateus 24:37-39

Aqui estamos diante do óbvio mais uma vez, 1 Tessalonicenses 5 falado Dia do Senhor no ano 70 dC! Os incrédulos sempre desconhecerão os juízos de Deus! O dia do Senhor nunca pega um filho de Deus de surpresa: "Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa" (v. 4).

Segundo os preteristas completos "nada pode disfarçar a um olho honesto aos paralelos entre Mateus 24:30-31 e 1 Tessalonicenses 4:15-18". Nada também pode disfarçar a um olho honesto também para as grandes diferenças.

Considere a seguinte comparação entre os textos que falam do ano 70 dC, de 1 Ts 4:13-18 e 1 Co 15:21-54:

Mateus 13:39-43
Jesus disse que viria com seus anjos no final de "esta era" (39-40). A "era de Jesus" de Jesus não pode ser outra senão a Era da Velha Aliança.

- Vinda de Cristo
- No final da era
- Com anjos/santos
- Colheita/reunião, os impios são lançados fora, julgamento segundo as obras
- Os santos herdam/brilham no reino (Dn 7:21-22, 12:1-3, a grande tribulação, julgamento e ressurreição/restauração de Israel acontecem nesse momento)

* Antes de continuar, é necessário pontuar algumas coisas. O preterismo completo insiste que a Colheita é a ressurreição dos mortos do último dia, que acreditamos ser a ressurreição física, embora a colheira seja uma referência a ressurreição de Israel, ela é uma ressurreição nacional, é a restauração de Israel, ou a ressurreição espiritual de Israel. Isso não pode ser confundido; note que alguns preteristas completos ensinam que a ressurreição foi a libertação dos crentes que estavam presos no reino hadeano, ou seja, segundo eles quem morria antes da parousia de Cristo, ia para um lugar chamado Hades ou Seio de Abraão. Como a parousia de Cristo ainda não havia sido completada, os crentes iam para esse lugar após a morte. Segundo a crença desse preterismo completo, a ressurreição seria a libertação das almas que estavam no Hades. Alguns preteristas completos defendem que houve ressurreição literal (invisível) e um arrebatamento literal em 70 dC; Uma outra linha diz que a ressurreição é uma ressurreição pactual, foi a transformação (restauração) da antiga para a nova aliança; esta visão está parcialmente correta, esta foi a restauração de Israel, mas confunde a restauração de Israel com a ressurreição do último dia. Com esse raciocínio em mente vamos prosseguir.

Mateus 16:27-28
Jesus enfaticamente colocou sua vinda com os anjos dentro da vida daqueles que estavam com ele quando falou estas palavras. As tentativas de dividir o versículo 27 de 28 falham miseravelmente. Que evento dentro da geração do primeiro século se qualifica como a vinda do Senhor com seus santos em julgamento? Fairbairn diz que nenhuma

"exposição justa e natural" desses versículos pode render qualquer outra aplicação do que a queda de Jerusalém. (Fairbairn, Prophecy, 445).

- Vinda de Cristo
- Com anjos/santos
- Na gloria de seu pai
- Julgamento segundo as obras
- Alguns não provariam a morte antes que vissem o evento
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Mateus 24:30-31
Em sua previsão da queda de Jerusalém e do fim associado da era (24:2), Jesus previu sua chegada nas nuvens com os anjos e a reunião os eleitos. Ele enfaticamente colocou esse evento dentro de sua geração.

- Vinda de Cristo sobre as nuvens
- No final da era
- Com anjos/santos
- Colapso cósmico
- Anjos reúnem os eleitos (Restauração de Israel)
- Som de trombeta
- Grande tribulação
- Julgamento
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Mateus 25:31-46
Esse textos descreve o julgamento das nações, que iniciou em 70 dC com o julgamento de Israel.

- Vinda de Cristo
- Cristo assenta em seu trono
- Com anjos/santos
- Colheita/reunião, os impios são lançados fora, julgamento segundo as obras
- Julgamento das Nações
- Os santos herdam/brilham no reino (Dn 7:21-22, 12:1-3)

- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

1 Tessalonicenses 3:13
Bruce diz que este texto é "baseado em teofanias do AT: quando Deus se revela, para libertação ou para julgamento, ele é acompanhado regularmente por anjos". Ele faz referência a Zacarias 14:5 como a fonte dessa passagem. Wanamaker cita várias passagens do AT que falaram da vinda do Senhor com seus santos e diz que Zacarias 14:5 "especialmente", "pode ser a fonte do pensamento de Paulo".

- Vinda de Cristo
- Com anjos/santos
- Tribulações e aflições
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

2 Tessalonicenses 1:6-12
Robinson diz que este texto é uma "mistura de citações do Antigo Testamento", além de ser diretamente paralelo com o Discurso das Oliveiras. Paulo cita de Isaías 2:19, Isaías 66:15; Sua alusão ao Senhor vindo com seus anjos poderia ser de Zacarias 14 ou de Joel. Mas é claro que tão fortemente como este texto é extraído do Antigo Testamento, a ideia de vir com os santos não pode ser separada dessa base. Tal como acontece com as outras passagens preditivas da vinda do Senhor com seus santos, uma vez que as previsões do Velho Testamento do Senhor que vem com seus santos são invariavelmente metafóricas, deve haver uma razão contextual extremamente forte para mudar esse entendimento em Tessalonicenses.

- Vinda de Cristo
- Com anjos/santos
- Alívio da tribulação
- Colheita/reunião, julgamento das obras
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Judas 1:14-17

Judas lembra aos seus leitores as previsões feitas pelos profetas da Antiga Aliança e os apóstolos. Mas, mais do que reiterando as profecias, ele está dizendo que o que havia sido previsto estava se desdobrando diante de seus olhos! Os próprios homens preditos pelos profetas dos velhos estavam no meio deles! Os apóstolos e os profetas haviam afirmado que, nos "últimos dias", antes da parousia do Senhor "com milhares dos seus santos", verso 14, viriam os escarnecedores imorais. Judas diz que esses homens estavam presentes em seus dias.

A urgência e a iminência de Judas simplesmente não podem ser ignoradas por um estudante honesto das escrituras. Toda a sua mensagem é que o que havia sido anunciado agora estava ocorrendo. A vinda do Senhor com seus santos estava, portanto, em mãos. E não há outra vinda do Senhor com os seus santos que melhor se adapte à conta do que a vinda de Jesus Cristo no ano 70 dC em julgamento contra Jerusalém e o Templo.

- Vinda de Cristo
- com anjos/santos
- Colheita/reunião, Julgamento das obras
- Últimos dias
- Apostasia
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Apocalipse 14:14-20
O Apocalipse certamente concorda com o resto do Novo Testamento na predição da vinda do Senhor com os seus santos. A sua vinda seria julgadora contra a cidade culpada de perseguir os profetas, santos e apóstolos, Apocalipse 18:4, 20-24. Esta cidade era a Jerusalém do primeiro século.

- Vinda de Cristo sobre as nuvens
- No final da era
- Com anjos/santos

- Colheita/reunião, os impios são lançados fora, julgamento segundo as obras
- Os santos herdam/brilham no reino (Dn 7:21-22, 12:1-3)
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Apocalipse 19:11-21

- Vinda de Cristo
- Montado no cavalo
- Com anjos/santos
- Colheita/reunião, os impios são lançados fora, julgamento segundo as obras
- Cena de guerra
- Não há menção sobre ressurreição dos mortos

Abaixo, embora contenham algumas semelhanças veremos as principais diferenças (grandes diferenças) entre os textos que falam do Segundo Advento no Último Dia; observe que não contém os elementos dos eventos que deveriam ocorreram em 70 dC:

1 Tessalonicenses 4:13-18

- Vinda de Cristo, literalmente descendo do céu
- Não há menção de fim da era
- Sem anjos/santos
- Ressurreição Física dos Mortos
- Não há nenhuma grande tribulação ou cena de guerra
- Não há nenhum julgamento sobre Israel
- Não há restauração de aliança

1 Coríntios 15:21-54

- Vinda de Cristo
- Então o fim, entrega do reino ao Pai (Não o fim da Era, mas o fim do reinado messiânico reinado messiânico no último dia, não o fim da era judaica)

- Sem anjos/santos
- Ressurreição física dos mortos para receberem corpos espirituais
- Todos são transformados e recebem corpos espirituais
- Não há menção de nenhuma grande tribulação ou aflição
- O último inimigo é destruído
- Não há julgamento sobre Israel
- Não há restauração ou transição de alianças

As conexões mostrada acima devastam qualquer tentativa de unir o arrebatamento que é ressurreição física do povo de Deus em 1 Tessalonicenses 4:16-17 e 1 Coríntios 15:21-54 com a reunião/colheita do povo de Deus em Mateus 24:31.

Os preteristas completos erram ao argumentar que Daniel 12:1-2 destrói a tentativa do preterismo parcial em separar os eventos do ano 70 dC da ressurreição no último dia. Preteristas parciais concordam que a grande tribulação, o julgamento das obras, a colheita/reunião, a parousia em juízo com anjos/santos e a restauração/ressurreição de Israel ocorreu no ano 70 dC, mas que a ressurreição física é um evento completamente alheio que vai acontecer no futuro retorno de Jesus no último dia. Eles concluem que Daniel 12:1-3, claramente conecta os dois eventos [tribulação e ressurreição] e amarra-os para a quebra da nação judaica no ano 70 dC. Acontece que a ressurreição nacional de Israel e a colheita está em vista aqui,e não a ressurreição no ultimo dia. Eles não podem refutar o preterismo parcial.

Porque eu não concordo com o preterismo completo?

Enquanto minha posição sobre a escatologia possa ser chamada de muito semelhante ao preterismo completo, há diferenças muito importantes. Minha orientação teórica é preterista parcial. mais aprecio muito a visão teólogo do século XIX James Stuart Russell. Russell viu o ano 70 dC como a época do Segundo Advento, bem como o início do milênio. Preteristas completos também veem o ano 70 dC como o tempo da Segunda Vinda, mas eles afirmam que 70 dC marcou o fim do milênio. O paradigma preterista completo requer isso, pois sustenta que todas as profecias da Bíblia foi cumprida em 70 dC. Como preterista parcial, acredito que no ano 70 dC, Cristo veio em julgamento contra Jerusalém e o templo, mas essa não foi sua segunda vinda, foi apenas uma vinda em juízo na mesma forma como Deus vinha em juízo no AT. A presença de Deus (tabernáculo) tem estado conosco desde a sua parousia no ano 70 dC (Dn. 7:21-22; Ap 19:11-20:4; cf. Lc 19:11-27).

O paradigma preterista completo de todas as profecias sendo cumpridas no ano 70 dC foi introduzido nos tempos modernos por Max King na década de 1970; foi uma mudança fundamental do preterismo de JS Russell. A autoridade final, é claro, não é nem Russell nem King, mas a Escritura. Apesar de minhas divergências com o preterismo completo, eu concordo com muitas das suas conclusões. Deixe-me começar com alguns desses pontos de concordância: Concordo que a parousia aconteceu em 70 dC e que isso foi quando a ressurreição espiritual e nacional de Israel e o julgamento começou (que está em curso a partir desse momento, cf. Mt 25:31-46). De acordo com o livro de Daniel a ressurreição espiritual de Israel era para começar no final da grande tribulação; esses eventos eram para acontecer no ano 70 dC com quebra dos apóstatas da nação judaica.

Daniel 7 mostra igualmente o julgamento (e o terminus ad quem da ressurreição nacional) como começando após a grande aflição.

Consistente com Apocalipse 11:15-18, o capítulo 7 de Daniel mostra o julgamento e pleno estabelecimento do Reino de Deus começando no ano 70 dC, no momento em que o domínio do pequeno primeiro chifre (Tito) é tirado (cf. Mt 16:27-28; 25:31-46). Contrário a o que os futuristas ensinam, o julgamento começou no ano 70 dC contemporânea a derrota do pequeno chifre (cf. Mt 16:27-28; 25:31-46). Daniel 7 é faca de dois gumes. Não só mostra a ressurreição nacional terminando e o julgamento começando no ano 70 dC, ele também faz conexão ao reinado milenar naquela época (ou seja, tronos sendo postas em prática, vv 9-10, 25-27; Cf. Ap . 20:4).

O Milênio

Em Daniel 7 que vemos que o início do julgamento foi no ano 70 dC (".. Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou... assentou-se o juízo, e abriram-se os livros." Dn. 7:9-10) corresponde ao início do julgamento durante o reinado milenar ("e vi tronos, e os que estavam sentados sobre eles foi dado o poder de julgar..." Ap 20: 4; cf. 1 Co. 6:2). Daniel 7:7-11 mostra tronos sendo postos em prática no ano 70 dC durante a derrota do chifre pequeno (vv 23-27.); este foi o início do julgamento milenar. A maioria dos preteristas completos dizer o milênio começou por volta de 30 dC e terminou pouco antes de 70 dC. Isso tornaria cerca de quarenta anos de duração e que (estranhamente) significa que o milênio estava quase no fim quando os membros das sete igrejas receberam a profecia de Jãoo (c. 65 dC). Com isso preteristas completos têm que dizer que o milênio e o curto período de tempo de satanás no final do milênio, teve sua conclusão no ano 70 dC; Dizer o contrário seria violaria o paradigma preterista completo de tudo deveria ser cumprido em 70 dC.

Enquanto pós milenista, vejo que o ensino da escritura é que o milênio começou em 70 dC, o seu fim ainda está no futuro para nós. (Eu não vejo o milênio como um período literal de mil anos.) É no final do milênio que Satanás e suas forças são lançados no lago de fogo. Portanto, enquanto a Escritura ensina que Satanás está totalmente

derrotado hoje, ele não foi lançado no lago de fogo ainda. Preteristas completos dizem que Satanás foi lançado dentro do lago de fogo em 70 dC. Eles dizem que o único mal que existe no mundo de hoje é o mal no coração dos homens. Porque eles acreditam que o mundo nunca termina, eles precisam adotar a posição anti-bíblica de que o mal continuará por toda a eternidade. Isso seria verdadeiro mesmo se o mundo se tornasse totalmente cristão no futuro (o que a Bíblia nos ensina). Deve ser lembrado que o mal é nada menos que a separação de Deus (Rm. 3:23). Assim, desde que este mundo contenha pessoas em organismos não ressuscitados, haverá imperfeição humana nele e, assim, o mal. A falta de um fim definitivo do mal no cosmos é um grande problema para a posição do preterismo completo.

O período de 30-70 dC (quarenta anos) era análoga à jornada no deserto dos filhos de Israel (que não é um símbolo apropriado para o reino vitorioso do milênio). Enquanto os crentes foram libertos do Egito (livre da escravidão do pecado e de Satanás) pelo sacrifício de Jesus em 30 dC, haveria um período de quarenta anos de transição (cf. Hb. 3:7-4:1). Os santos ainda precisam de proteção contra Satanás durante três anos e meio, porque ele seria lançado do céu para terra (ele ainda não tinha sido lançado no abismo, Apocalipse 12:5-14). Satanás estava muito solto solto na terra, mesmo durante o período de "um tempo, tempos e metade de um tempo" (Ap 12:13-17). A escritura marca o fim deste período de tempo como sendo em 70 dC pela quebra da nação judaica (Dn. 12:7).

Depois de um êxodo espiritual de quarenta anos, os santos possuíram o reino de Deus, isto é em 70 dC, ou seja o início do milênio, quando satanás é amarrado no abismo (cf. Dn. 7:21-22; Ap 19:11- 20:4); este era o equivalente espiritual do povo de Deus entrar na terra prometida. Os crentes foram exortados a manter-se fiel ao Senhor até este tempo e não cair no deserto como muitos dos filhos de Israel fizeram (1 Co 10: 1-13; cf. Ap 17:3).

Toda profecia deveria se cumprir no ano 70 dC?

Lucas 21:22 é um dos fundamentos do paradigma preterista completo de todas as profecias sendo cumpridas em 70 dC; como tal, merece uma consideração cuidadosa:

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.
Lucas 21:20-22

Isto é uma clara referência para a destruição de Jerusalém no ano 70 dC. Preteristas completos afirmam que "todas as coisas" a que se refere, aqui, significa que toda a profecia na Bíblia seria cumprida neste momento. Isto é simplesmente incorreto. O que Lucas 21:22 está dizendo é que todas as coisas escritas sobre os dias de vingança sobre os judeus apostatas seria cumprida em 70 dC, não que todas as profecias da Bíblia seria cumprida naquele momento. O significado de Lucas 21:22 é importante; ele tem um grande impacto sobre a estrutura interpretativa do preterismo completo. Qualquer profecia que um preterista completo vem é assumido como cumprido em ou antes de 70 dC; Preteristas completos tem que chegar a esta conclusão ou abandonar seu paradigma. Neste sentido, a crença em toda a profecia cumprida no ano 70 dC, funciona como um credo para preteristas completos.

Em termos do assunto de Lucas 21:22 (ou seja, os dias de vingança), há uma série de passagens que falam de vingança de Deus sobre seus antigos povo da aliança quando quebrou o pacto. As duas seções principais são encontrados em Levítico 26 e Deuteronômio 28-32. Os dias de vingança deveriam envolver Deus trazendo uma espada (ou seja, uma nação) contra os seus infiéis da antiga aliança em retribuição por sua quebrando da aliança. Isso resultaria ser espalhados entre as nações.

Porque trarei sobre vós a espada, que executará a vingança da aliança... E assolarei a terra e se espantarão disso os vossos inimigos que nela morarem. E espalhar-vos-ei entre as nações, e desembainharei a espada

atrás de vós; e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas.
Levítico 26:25, 32-33 (cf. Dt 32: 28-43; Mateus 23:32-36)

Em Lucas 21:22 Jesus está dizendo que todos os castigos aliança mencionados em Levítico e Deuteronômio seria cumprida no ano 70dC na desolação de Jerusalém (Lucas 21:20; cf. Mt 23:32-36) e que os judeus seriam espalhados entre as nações. Ele não estava dizendo que todas as profecias da Bíblia seria cumprida neste momento. Enquanto velhos povo pactuado de Deus havia sido julgado antes por quebrar o pacto (cf. Dn. 9:10-13), o último julgamento da nação de Israel viria em 70 dC; seria focada na geração que rejeitou Jesus e mandou matá-lo. Isso ocorre porque o assassinato de Jesus foi o maior ato contra a aliança (cf. Mt 21:33-45). Com a morte de seu rei,o Israel infiel deixou de ser uma rainha e virou uma viúva (cf. Ap 18:7-8).

Todas essas coisas?

Ao avaliar o que "todas as coisas em Lucas 21:22 refere-se, é útil olhar para outras seções do Lucas que têm referências semelhantes a "todas as coisas" Considere Lucas 18:31:

E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito;
Lucas 18:31

Em Lucas 18:31 Jesus diz aos seus discípulos que "todas as coisas" escritos sobre ele pelos profetas seria realizado em Jerusalém. Se alguém usa a lógica que os preteristas completos usar em Lucas 21:22, pode-se dizer que todos os profetas disseram sobre Jesus foi cumprida na crucificação de Jesus em 30 dC. E claro, não é correto; usar essa lógica seria cometer um erro sério. Sendo assim deveriamos tentar encaixar a vinda de Deus para derrotar o chifre pequeno: - o que o NT revela como a parusia de Jesus (Ap 19:11-21) (Dn 7:21-22.) -na crucificação. O que Lucas 18:31 está dizendo é que tudo o que foi escrito sobre o sofrimento de Jesus, morrendo, e subindo em glória no terceiro dia seria cumprida

em sua morte e ressurreição em Jerusalém. Todos os detalhes escritos sobre esses eventos seriam cumpridas na época. Lucas registra outra afirmação de "Todas as coisas" feita por Jesus depois de sua ressurreição.

E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos.
Lucas 24:44

Mais uma vez, isso não significa que todas as profecias contidas na Lei, Profetas e Salmos (ou seja, todas as profecias da Bíblia) sobre Jesus foram cumpridas pela hora da sua ressurreição. Ninguém negaria que a parousia, a restauração e o julgamento de Israel aconteceria pós 30 dC (cf. Mt 16:27 e 28; Lucas 19:11-27). O que Jesus queria dizer com "todas as coisas" era que tudo o que aconteceu em Jerusalém tinha que acontecer para cumprir todas as profecias sobre ele morrer e ressuscitar. Isso fica claro como Jesus continua no capítulo 24:

Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E destas coisas sois vós testemunhas.
Lucas 24:45-48

Para resumir: tendo em consideração os usos semelhantes em Lucas de "todas as coisas" (por exemplo, Lucas 18:31; 24:44), Lucas 21:22 está dizendo que todas as coisas que foram escritas no Antigo Testamento sobre os dias de vingança contra Israel infiel seria cumprida no ano 70 dC com a destruição de Jerusalém. Afirmar que "todas as coisas" de Lucas 21:22 significa que todas as profecias da Bíblia estavam a ser cumprida no ano 70 dC é injustificado. Quando se olha para uso de "todas as coisas" devemos entender que falam de todos os detalhes de um determinado evento profético sendo cumprido, não todas as profecias da Bíblia sendo cumprida.

Os indicadores de tempo

Outro argumento usado por preteristas completos em sua tentativa de provar que toda a profecia se cumpriu em 70 dC envolve a proximidade das coisas preditas no Apocalipse. JS Russell, um dos pais da preterismo moderno, foi um porta-voz firme para a iminência das demonstrações de tempo em Apocalipse:

"Se há uma coisa que é afirmada mais do que qualquer outra explicitamente e repetidamente no Apocalipse é a proximidade dos eventos que se prevê. Isto é afirmado e reiterado repetidas vezes, no início, o meio e o fim... Como este é um ponto de maior importância, e indispensável para a interpretação correta do Apocalipse, é adequada a apresentar a prova de que os eventos descritos no livro são compreendidos dentro de um período muito curto de tempo. A frase de abertura, contendo o que pode ser chamado o título do livro, é decisivo sobre proximidade dos eventos a que se refere: Ap 1:1 A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que devem acontecer em breve."

Veemente como Russell era sobre as declarações de tempo no apocalipse que necessitam de um cumprimento em 70 dC, ele reconheceu uma exceção no caso do milênio e o castigo posterior de Satanás para dentro do lago de fogo em sua extremidade. Ele disse o seguinte sobre quem iria tentar encaixar o milênio antes de 70 dC:

Alguns intérpretes de fato tentar superar a dificuldade [de dizer que o milênio ir além dos limites das coisas em Apocalipse que estavam para acontecer logo] supondo que os mil anos, sendo um número simbólico, pode representar um período muito curto de duração, e assim trazer tudo dentro dos limites prescritos no apocalipse [isto é, antes de 70 dC]; mas este método de interpretação parece-nos tão violento e não natural que não podemos hesitar em rejeitá-lo. O ato de amarrar e desamarrar o dragão, de fato, vêm dentro do 'logo' da declaração apocalíptica, pois é coincidente ou quase isso, com o julgamento da meretriz e a besta; mas a

pena de prisão do dragão é claramente afirmado ser após mil anos, e, portanto, deve necessariamente passar inteiramente para além do campo de visão tão estritamente e constantemente limitado pelo próprio livro. Acreditamos, no entanto, que este é o exemplo solitário que todo o livro contém desta excursão além dos limites do "em breve."

O que Russell está dizendo é que, enquanto o início do milênio foi à mão [ele acreditava que o milênio começou em 70 dC] quando o Apocalipse foi escrito (c. 65 dC), seu fim não era. A lógica dita que o início e o fim de um espaço de tempo, como o milênio, não poderia estar à mão. Russell viu aqueles que tentam se ajustar ao final do milênio antes de 70 dC como forçar uma interpretação que claramente não se encaixa. Atualmente o preterismo completo está ensinando essa mesma coisa que Russell chamou de "violenta e não natural." Mais uma vez, a solução preterista completo usual para o reino milenar é tentar torná-lo apto a período de quarenta anos 26-30 dC a pouco antes de 70 dC; isso Russell considerou uma interpretação violenta à Escritura e deve ser uma bandeira vermelha para preteristas completos.

Meta Hermenêutica

Enquanto Russell chegou a muitas das mesmas conclusões que preteristas completos fazem (como eu), ele o fez, deixando o contexto de cada seção das Escrituras determinar quando seu cumprimento era. Ele não subscrever a restrição hermenêutica que preteristas completos fazem; isto é, ele não aceitou a premissa de que toda a profecia tinha que ser cumprida em 70 dC. Assim, quando Russell chegou à conclusão de que o milênio começou em 70 dC, ele foi capaz de chegar a essa conclusão com uma leitura natural da Escritura e não foi obrigado a tentar torná-lo apto antes de 70 dC. Este é um ponto muito importante.
A restrição hermenêutico de todas cumpridas pelo AD 70 funciona como uma "meta-hermenêutico" para preteristas completos. Por "meta-hermenêutico" Quero dizer um princípio interpretativo ordem superior que determina os limites da interpretação aceitável para uma determinada passagem. Para preteristas completos isso significa que não pode haver nenhum cumprimento da profecia além de 70 dC. Eles são,

portanto, restritos para caber todos os cumprimentos proféticos antes de 70 dC.

A meta-hermenêutica do preterismo completo (que toda profecia tem que ser cumprida em
70 dC) falha em ambos os casos. Os textos usados para derivar essa concepção (por exemplo, Lucas 21:22) estão longe de serem conclusivos. Além disso, as ramificações da meta hermenêutica do preterismo completo (por exemplo, a necessidade do milênio terminando em 70 dC) não se harmonizam com o resto de escritura (cf. 19:28; Lc. 19:11-27).

O paradigma do preterismo completo e o pós 70 dC

Há sim uma tendência entre preteristas completos em questionar o que no NT se aplica a nós hoje. Esse questionamento é uma conseqüência do ensino do preterismo radical que toda profecia foi cumprida em 70 dC. Se toda a profecia no Bíblia foi cumprida, em seguida, torna-se incerto quanto ao que se aplica a nós hoje. Isso criou uma selvagem disputa dentro preterismo completo, onde quase todos os ensinamentos no NT torna-se uma questão em aberto. Por exemplo, alguns preteristas completos dizem que o batismo foi um ritual judaico e não é necessário para o crente hoje. Eu não vejo nenhuma base bíblica credível para esta posição. Para defender algo tão radical como a interrupção do batismo com base em pouco ou nenhum apoio bíblico, isso é especulação perigosa. Tal conjectura colapsa o cristianismo bíblico e precisa ser fortemente combatido.

Embora seja correto examinar nossa teologia à luz das Escrituras, o questionamento contínuo dos preteristas completos do que se aplica a nós hoje pode ser uma ladeira escorregadia que é bastante perigosa. Na pior das hipóteses ele leva a alterar os princípios do Cristianismo sobre a base de especulação (como há pouco ou nenhuma escritura que suportam estas mudanças propostas). Historicamente, quando Deus mudou suas relações com o seu povo, ele tem revelado nas Escrituras. Olhando para o NT, Deus revelou que ainda se aplica a partir da antiga aliança e que

não se aplica. Por exemplo, as leis dietéticas não são vinculativas (Mc 7:14-23). Desde o tempo da cruz, observar o sábado não envolve um dia específico, mas é uma posição de descanso das obras que entram em Cristo (Rm. 14:1-6; Hb 4:1-11.). Por outro lado, o pecado sexual e assassinato ainda são condenados (1 Co. 6: 9; Ap 21:8). Isto estabelece um princípio importante: Deus revela em sua Palavra quando há uma alteração ou modificação de práticas aliança.

Como não temos novo mandato de Deus (pós-70 dC), só se pode concluir que essencialmente todos os princípios do NT se aplicam a nós hoje. Dizer de forma diferente é dizer que há coisas que Deus aboliu ou alterou que ele nunca nos informou sobre; isso faz pouco sentido. Se fosse verdade, isso significaria precisamos de mais revelação de Deus (isto é, uma nova Escritura). Não conheço nenhum preterista que está esperando por isso. Mais uma vez, a ser defendendo mudanças fundamentais no Cristianismo sobre a base do que é essencialmente especulação merece severa condenação. Qualquer forma de preterismo que visa alterar a mensagem essencial do Novo Testamento ou defende mudanças nas práticas estabelecidas no Novo Testamento está em um caminho perigoso. Deixe-me dar alguns exemplos disso.

É a ceia para hoje?

Paulo, ao falar sobre a comunhão, disse: "Porque todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha" (1 Co. 11,26). Desde que o Senhor voltou em 70 dC (cf. Lucas 19:11-27), alguns preteristas completos (embora que uma minoria) ainda questionam se ainda devemos tomar a ceia. Em resposta a isso, alguém com bastante humor desenhou o paralelo entre os pais da criança deixando a em casa com instruções para se comportar até que eles voltem. Isso significa que, quando os pais voltarem a criança devem deixar de ser boa? Claro que não. Acho que os pensamentos de Don Preston (que é um preterista completo) sobre este assunto pode ser útil:

A palavra “até” que freqüentemente significa algo como “até o ponto de”, e indicam termino ou alteração. No entanto, nem sempre significa isso. Paul disse que “a morte reinou desde Adão até Moisés” (Romanos 5:14). Certamente reconhece-se que a introdução da Lei Mosaica não terminou ou venceu a morte! Da mesma forma, Paulo disse a Timóteo, “até que eu venha, aplica-te à leitura, à exortação, e ao ensino” (1 Timóteo 4:14). Eu não sei de ninguém que diria que Timóteo deveria parar de ler as Escrituras quando Paulo chegasse! Há muitos exemplos desse uso da palavra “até”.

Não levando em consideração sobre frase de Paulo "até que ele venha" se referir a parousia do ano 70 dC ou o Retorno de Jesus, a comunhão é a comemoração do evento mais importante que nunca vai acontecer novamente, Deus tornando-se um homem e dando a sua vida como resgate para a humanidade. Eu não tenho nenhuma dúvida de que estaremos celebrando o sacrifício de Jesus por toda a eternidade (cf. Mt 26:29; Ap. 5). Enquanto a nossa celebração da comunhão desde 70 dC é em um sentido mais realizado ou concluído do que era antes desse tempo, nós ainda comemoramos, celebrando e lembrando (pois é um memorial) do último sacrifício de Jesus por nós.

Outro exemplo do comportamento NT que alguns preteristas completos questão em termos de sua aplicabilidade hoje é encontrada em Hebreus. O escritor de Hebreus disse que os crentes não deve abandonar “a congregar-nos, como é costume de alguns, mas exortando uns aos outros, e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb. 10:25). O escritor de Hebreus estava dizendo que os crentes devem ser reunidos, especialmente à luz do fato de que o dia do Senhor estava se aproximando (cf. Hb 10:37; 2 Ts 2:1-8). Uma vez que a parousia aconteceu, ainda é importante para os crentes congregar juntos? É a igreja (Corpo de Cristo, não denominação) ainda necessária? Alguns preteristas completos (embora que uma minoria) dizem não. Eu acredito que esta linha de pensamento é tragicamente enganadora. Crentes ainda são o corpo de Cristo; nós ainda precisamos uns dos outros. A mão não vai muito longe sem o pé e vice-versa (1 Co. 12:12-31). Isolando os crentes é uma das principais estratégias de Satanás. Em seu engano da

humanidade, Satanás não veio contra Adão e Eva; ele isolou Eva (Gn 3:1-13). Claro, se alguém acredita que Satanás foi descartado no lago de fogo em 70 dC (como preteristas completos fazem) então as estratégias de Satanás não são de interesse histórico hoje.

A grande comissão

Outra questão que é levantada por alguns preteristas completos é se a Grande Comissão ainda está em vigor (Mt. 28:18-20). Alguns vão tão longe a ponto de dizer que toda a humanidade está agora reconciliado com Deus (ou seja, o universalismo). Olhando para a Grande Comissão, Jesus disse o seguinte: "Toda a autoridade foi-me dada no céu e na terra. Portanto, Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos"(Mt. 28:18-20). Preteristas completos creem corretamente que o fim dos tempos (cf. 1 Co 10:11, Hb 9:26) aconteceu no pleno estabelecimento do reino de Deus em 70 dC (cf. Mc 8:38- 9:1). Devido a isso alguns se perguntam se a Grande Comissão ainda está em vigor. Este deve ser um "acéfalo", mas alguns ainda levantam a questão. A resposta é que Jesus não disse que eles deveriam pregar a todas as nações até que visse o fim dos tempos e depois disso deveriam parar, Jesus apenas diz que ele estaria com seus discípulos nessa longa jornada, ele estaria com eles até o fim da era, e com certeza depois também na nova era, estamos absolutamente convencidos que boa notícia do Reino de Deus é para todas as nações de todos os tempos e épocas.

A existência de satanás hoje

Um dos maiores erros abraçados pelo preterismo completo é que Satanás e suas forças foram totalmente aniquiladas de cena na terra desde 70 dC. Preteristas completos ensinam que Satanás foi destruido (no lago de fogo, Apocalipse 20:10) em 70 dC. O único mal que vêem existente hoje é o que está nos corações dos homens (e eles vêem que deve continuar nesta terra por toda a eternidade). Eu vejo este ensinamento

como sendo tragicamente enganador. Se a nossa proposta de que Satanás está solto no final do milênio está correto, então a mensagem de preterismo completo sobre esta questão vai 180 graus na direção errada. Alguns preteristas completos nem sequer reconhecem que já houve um ser espiritual conhecido como Satanás. Embora eu concorde com muito do que preterismo completo ensina, estar errado em um ponto tão crucial como a da existência de Satanás e a atividade de espíritos malignos hoje é um erro grave. E diabo está perfeitamente feliz em deixar alguém ser 90% correto, sendo que os 10% que está incorreto impede a correta aplicação dos 90%.

Para resumir: a menos que haja um comando explícito nas Escrituras em mudar uma determinada prática, devemos continuar a seguir os ensinamentos das escrituras. O preterismo não deve defender mudanças fundamentais sobre o cristianismo com base em especulação. Os ensinamentos básicos do novo testamento são tão relevantes para nós hoje como eram para aqueles para quem elas foram escritas. Nós ainda devemos ter os mesmo princípios que os cristãos dos tempos do novo testamento. Devemos estar orando, louvando, perdoar, amar a Deus e nosso próximo, reunindo em ceia, buscando a santidade, alimentando os pobres, batizando, tendo ceia etc. Sobre a única coisa que mudou desde 70 dC é o ensino do novo testamento que a parousia está próxima. A parousia estava próxima no primeiro século; isso aconteceu em 70 dC, assim como a Escritura disse que iria acontecer (Dn 7:13, 21-22; Mt 16:27-28; Hb 10:37; Tg 5:7- 9; 1 Pe. 4:7; Ap. 19:11-21, etc.). Atualmente estamos na era do reino; Satanás não é o deus deste século. É verdade que muitos futuristas ainda estão à espera para Satanás ser expulso do céu. No entanto, o Apocalipse 12 mostra Satanás sendo expulso do céu momentos antes da grande tribulação de 67-70 dC (v. 1-12). Estou tirando a esperança de ninguém quando eu proclamo que Satanás não está mais nos acusando "dia e noite" (Ap. 12:10) diante do trono de Deus? Eu acho que não. O reino de Deus veio com o poder sobre a terra (Mc 8:38-9:1; cf. Dn. 7:13-14, 21-27; Ap 11:15-18)! Devemos estar reinando com nosso Senhor hoje e dizer ao mundo sobre a cura espiritual e a vida eterna disponíveis para aqueles que se tornam parte Esposa do Cordeiro, a nova aliança!

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!
Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo
– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –
César Francisco Raymundo, 35 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?
Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação
David Chilton, 148 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial
César Francisco Raymundo, 77 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista
- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -
Brian Schwertley, 76 páginas.
Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse
– Volume Único –
César Francisco Raymundo, 533 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?
Heber Carlos de Campos, 46 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo
Philip G. Kaiser, 27 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis
http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/

Heresias do Preterismo Completo
César Francisco Raymundo, 56 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista
Hank Hanegraaff, 49 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo
Arthur W. Pink, 42 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)
Nathan Pitchford, 29 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras
Eric Brito Cunha, 46 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento
Edward Robinson, 1014 páginas.
Tradução: Paulo Sérgio Gomes.
Edição em língua portuguesa © 2012
por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.
Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento
César Francisco Raymundo, 30 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden
Jair de Almeida, 31 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia
– eventos literais ou metáfora poderosa?
Brian Godawa, 29 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS
Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo
Hermes C. Fernandes
Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo
César Francisco Raymundo, 112 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto
– Um guia otimista para o fim do mundo –
Jonathan Welton, 223 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel
Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book´s com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para serví-lo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org